

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Setor de Ciências Exatas e Naturais  
Departamento de Geociências  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Rodrigo Rossi

**Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens  
jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná**

Ponta Grossa  
2017

Rodrigo Rossi

**Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, linha de pesquisa em Dinâmicas Regionais e Urbanas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joseli Maria Silva.

Ponta Grossa  
Fevereiro de 2017

**Ficha Catalográfica**  
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

Rossi, Rodrigo  
R381       Espacialidade carcerária e a  
            instituição de masculinidades entre homens  
            jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná/  
            Rodrigo Rossi. Ponta Grossa, 2017.  
            381f.

            Tese (Doutorado em Geografia - Área de  
            Concentração: Gestão do Território:  
            Sociedade e Natureza), Universidade  
            Estadual de Ponta Grossa.

            Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joseli Maria  
            Silva.

            1.Espacialidade. 2.Cárcere.  
            3.Masculinidade. I.Silva, Joseli Maria.  
            II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
            Doutorado em Geografia. III. T.

CDD: 307.76

## TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO ROSSI

### “ESPACIALIDADE CARCERÁRIA E A INSTITUIÇÃO DE MASCULINIDADES ENTRE HOMENS JOVENS EGRESSOS EM PONTA GROSSA/PR”

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

  
Orientadora / Profª Drª Joseli Maria Silva  
UEPG

  
Prof. Dr. Márcio José Ornat  
UEPG

  
Profª Drª Dizeia Moreira  
UEPG

  
Prof. Dr. Nécio Turra Neto  
UNESP

  
Profª Drª Maria das Graças Silva Nascimento Silva  
UFR

Ponta Grossa, 30 de março de 2017

## **Agradecimentos**

Depois de quatro anos, encerro um ciclo importante de minha trajetória de pesquisa, a qual vivi quase que inteiramente no Grupo de Estudos Territoriais e na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Vi e estive junto ao GETE desde seu nascimento e ele me marca de modo indelével como pesquisador e humano que tenta apreender a cada dia a ter sensibilidade para lidar com os temas mais difíceis e desconfortantes do nosso estar juntos na superfície do planeta. Sequer encontro palavras de agradecimento, pois são tantas boas memórias e pensamentos bons ligados ao Grupo de Estudos Territoriais, que o que mais tenho é saudade antecipada e o desejo de me manter conectado com projetos, discussões temáticas e no que mais puder contribuir ao grupo.

Na esteira desse desejo, agradeço todas as pessoas que integram o grupo e compõem uma parcela importante de contribuição à este trabalho. Como são os casos da(o)s geógrafa(o)s e amiga(o)s Juliana Przybysz e Alides Baptista Chimin Junior, com os quais dividi muitos momentos de pesquisa e compomos a mesma turma do curso de doutorado. Também ficam aqui registrados meus agradecimentos à todas as pessoas que compõem o GETE e que me ajudaram na trilha percorrida até aqui, com discussões, das vezes que me sanaram dúvidas, que organizaram encontros e atividades diversas, na própria rotina de organização material do laboratório, do compartilhamento de textos e artigos e das constantes trocas de ideias sobre aspectos teóricos e metodológicos de trabalhos científicos que estão direta ou indiretamente ligados uns com os outros e, até, com lugares pra me estabelecer ou dormir quando necessitei. Assim agradeço à toda irmandade envolvida no Grupo de Estudos Territoriais: à João Paulo Leandro de Almeida, Mayã Polo de Campos, Fernando Bertani Gomes, Willian Hanke, Dimas Diego Gontarek, Heder Leandro Rocha, Lucélia de Fátima Rodrigues, André de Moraes, Adriana Gelinski, Raony Tullio Carneiro, Vagner Andre Moraes Pinto, Adelaine Ellis Carbonar dos Santos, Jessica Emanuelli Moreschi Bedin e Susana Aparecida Fagundes de Oliveira.

Não consigo imaginar como teria sido minha trajetória e os resultados de minhas pesquisas sem a convivência e contribuição que o GETE me oportunizou. Grupo que não teria existido, não fosse a iniciativa e o sério, consistente e esforçado

trabalho de Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat. À esta dupla agradeço pelos anos de convivência e aprendizado que tive e que decorrem desde 2003, quando nos encontramos e passamos a compartilhar interesses e caminhos de pesquisa. A iniciativa e trabalho da Joseli e do Marcio, bem como da atuação de inúmeros integrantes do GETE, culmina atualmente num conjunto de contribuições significativas na produção científica geográfica brasileira e internacional acerca da relação entre espaço, gênero e sexualidades. Por isso, além de agradecer à estas pessoas amigas e muito importantes em toda a minha formação, me orgulho de ter partilhado deste caminho difícil, mas também repleto de êxitos.

Ao longo do tempo de estudo, transitei entre a pesquisa e a atividade docente, trabalhos técnicos ou no planejamento e gestão da educação básica. No entanto, sempre permaneci ancorado à academia e um dos pontos fundamentais dessa ancoragem, sem dúvida, foi o diálogo e amizade com a minha orientadora Joseli Maria Silva, a Jô. Não tenho condições emocionais de expressar por completo o quanto sou grato à ela por sempre acreditar no meu trabalho, mais até do que eu próprio e, ainda, por sempre me apontar possibilidades de ir mais longe na magnífica viagem de descobertas sobre a complexidade desse mundo. Sou muito grato a você Jô! E acho que se minha trajetória como cientista sob sua influência e em parceria contigo fosse um 'ser', hoje ele estaria seguro e bem preparado para sair do armário e enfrentar os problemas do mundo.

Sou muito grato pela contribuição que Edson Armando Silva proporcionou no decorrer do curso de doutorado e diante dos desafios metodológicos que minha pesquisa manifestou. Tive a oportunidade de estagiar numa disciplina do professor sobre análise qualitativa e tecnologias livres, como também, de ser muito ajudado por ele na condução de muitos procedimentos da análise qualitativa e ele sempre disponível e atencioso. Obrigado companheiro, por toda ajuda, pelo meu aprendizado e sua amizade.

Também dedico agradecimentos ao professor Luiz Alexandre Gonçalves Cunha pelo incondicional apoio, interesse em minha pesquisa e amizade demonstradas ao longo de minha trajetória.

Aos funcionários, coordenadores e professores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial às minhas professoras Silvia Meri Carvalho, Lígia Cassol Pinto e ao professor Nicolas Floriani pelo esforço e dedicação na condução dos trabalhos e resolução dos problemas vinculados aos cursos de

Mestrado e Doutorado em Geografia. Estendo agradecimentos também ao Departamento de Geociências, Setor de Ciências Exatas e Naturais e à seus profissionais.

À UEPG agradeço pelo tempo todo abrigar minha perspectiva de estudo e minha atividade científica, mas sendo fundamental agradecer todas as pessoas que compõem o quadro de funcionários da Instituição, especialmente profissionais que atuam no Bloco L, Central de Salas de Aula, Bibliotecas, Bloco CIPP de Pesquisa e Pós-Graduação e Restaurante Universitário.

À CAPES e ao seu Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) por me proporcionar bolsa de estudos durante o curso de Doutorado e nos meses de estudo realizado na Universidade Autònoma de Barcelona. Instituição a qual também sou grato pela recepção e por ter me abrigado junto ao Departamento de Geografia. O contato com uma vasta bibliografia internacional possibilitada pela minha passagem por Barcelona no decorrer do doutorado foi fundamental para ampliar os horizontes de reflexão teórica e também para definição dos rumos de minha pesquisa.

Sou muito grato à Maria Dolors Garcia Ramón pela interlocução e orientação dirigida à pesquisa e aprofundamento teórico acerca da produção científica geográfica anglófona e ibérica. E também pela honra de ter lhe conhecido e contigo conversado sobre geografia, teoria e política. Também merece agradecimentos Maria Prats Ferret pelas traduções e auxílio relacionado à desafiadora leitura da língua catalã.

Além disso, devo agradecimentos ao geógrafo Pedro Fraile da Universidade de Lleida na Catalunha por me apresentar algumas das possibilidades de análise geográfica da prisão. E ao antropólogo Carles Feixa, pelas conversas e perspectivas apontadas nas reuniões com seu grupo de pesquisadores no Centro de Estudos sobre Juventude e Sociedade (JOVIS) da Universidade de Lleida e à construção do meu objeto de estudo envolvendo as práticas e movimentos da juventude.

No mesmo sentido, agradeço à Iñaki Rivera Beiras pela acolhida no Observatório do Sistema Penal e dos Direitos Humanos de Barcelona e como ouvinte numa das disciplinas do mestrado em Sociologia Criminal na Universidade de Barcelona.

Agradeço também as amigas catalãs Maria Rodô-de-Zarate, Marta Jorba e ao amigo Ricardo Palomar Cortes pelo acolhimento na cidade de Barcelona, assim

como agradeço à todo(a)s *cataláns* que convivi em reuniões, debates e ‘*trobadas*’ da *Candidatura d’Unitat Popular*, Federação de Entidades Latinas da Catalunha (Fedelatina), *Latin Kings* da Catalunha, Grupo de Trabalho Juventude e Interculturalidade, dentre outras pessoas, coletivos e movimentos da cidade de Barcelona que contribuíram com minha reflexão acerca de juventude e política.

Agradeço ao amigo (*in memoriam*) Alnary Rocha, que era de minha turma de Doutorado e que nos deixou antes mesmo de concluir sua tese. É com muita saudade e dor por sua ida precoce, que lhe agradeço pelos momentos em que estivemos juntos desde que o conheci na realização de um projeto na Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL) em assentamentos do MST. Sempre disposto e descontraído, nos tornamos amigos e nos momentos mais difíceis compartilhamos nossas insônias, angústias e expectativas por mensagens instantâneas ou no modo presencial. É triste terminar esse trabalho e não ver você terminar o seu, nem celebrarmos juntos o fim dessa etapa.

Ao amigo Lucas Patschiki (*in memoriam*) também agradeço por ter tido a oportunidade de conviver por muitos anos, pela paciência e curiosidade com que tomava meus interesses de pesquisa. Por ler meus textos e confiar os seus à minha leitura e, por tudo mais que representou nossa amizade e de nossas famílias. Pelos momentos em que nos encontrávamos nas mesmas cidades e, não nos deixávamos de nos ver, discordar acerca da análise de conjuntura, dos desafios da esquerda e dos marxistas e, mesmo assim, cultivarmos nossa amizade.

À estes amigos agradeço pela convivência e amizade e ao alerta que me deram ao falecerem: de quem nem tudo na vida é doutorado, de que nem tudo na vida envolve o cumprimento de metas ou expectativas de produtividade e; que a vida na pós-graduação deve ser repensada e reorientada de modo a garantir a saúde de estudantes de mestrado e doutorado que são fundamentais à produção científica no país.

Devo agradecimentos aos amigos das escolas nas quais lecionei no decorrer dos últimos dois anos em conciliação com a atividade científica e aos companheiros do movimento sindical de professores, especialmente à Ney Jansen, Marina de Godoy e Lígia Maria Bueno Bacarin. Depois de alguns anos longe das escolas estaduais, o retorno ao ‘chão da escola’ se tornou menos complicado por ter companheiros de luta tão fiéis e dedicados na defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Também sou grato ao amigo Navarro, o Dua, por dividir

momentos de dificuldade no trabalho docente e na vida e, nos quais, nos apoiamos mutuamente e desenvolvemos aquele tipo de amizade em que nos ligamos ou nos procuramos sem motivo predeterminado, mas pra saber das coisas da vida e planejar uma nova aventura.

Aos amigos importantes que me ajudaram no decorrer do tempo desta empreitada, sou especialmente grato à Diego P. Machado e Juliana Guimarães Bessa, Saimon de Rezende e Júlia Cruz, Paulo Eduardo Gonçalves, Ramon Martins, Jason Sales Rosa, Lucinei José Myszynski Junior, Flávia Chelski e Roberto Pocai.

Sou imensamente grato aos meus pais Ademir Rossi e Vera Lúcia Rossi pela imensurável contribuição para que este trabalho chegasse ao fim. Sem a ajuda de vocês na rotina de trabalho e estudo, seria impossível concretizar o objetivo de verme como filho da classe trabalhadora obtendo o título de doutor. Também agradeço à meu irmão Adriano Rossi e irmã Bruna Rossi por todo o apoio à mim e à minha família dispendidos. Assim como, agradeço à minha Vó Ana Edit Levandoski, tio Vladimir Levandoski e tia Fabiane de Castro Levandoski por todo o apoio e atenção à mim dedicadas durante toda a minha trajetória como cientista. Da mesma forma, contribuíram neste processo meus sogros Alcimar de Ross, Suzana de Ross e meu cunhado Augusto de Ross que dedicaram fundamental assistência durante o tempo em que eu e minha companheira passamos estudando na pós-graduação.

À Silvia de Ross, também sou enormemente grato por todo o apoio, carinho, paciência e pelo companheirismo durante todos esses anos em que concluímos o mestrado e o doutorado concomitantemente. Sou grato à você pelo fato de sermos sobreviventes dessa jornada científica e por não nos deixarmos abater diante das dificuldades que ela apresenta. Também expresso toda minha gratidão ao nosso filho Olavo, que pacientemente conviveu com um pai demasiadamente ocupado, viajando, pesquisando, lendo ou escrevendo. Em cada final das poucas trilhas e aventuras que fizemos no período referente ao doutorado, ele sempre projetava os próximos planos depois de perguntar se eles não afetariam meu trabalho ou tese. Agora não precisa perguntar tão preocupado assim, o próximo 'pico' nos espera.

Ainda reservo minha gratidão aos homens que compuseram o grupo focal deste estudo, que se dispuseram a dar entrevistas ou deixaram-me acompanhar suas rotinas e, assim, eu pudesse dedicar à eles este trabalho.

## Resumo

A presente tese tem como objetivo compreender o modo pelo qual se instituem as masculinidades no cotidiano da espacialidade carcerária. Para isso tomo como recorte espacial a Cadeia Pública Hidelbrando de Souza localizada na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, como espacialidade carcerária vivenciada por homens jovens habitantes de suas periferias pobres. O recorte temporal da pesquisa decorre das experiências do grupo investigado no cárcere durante a juventude e que correspondem ao período de 2005 a 2013. A operacionalização da pesquisa envolveu duas etapas. A primeira diz respeito ao trabalho de campo, a realização de observação participante e entrevistas em profundidade com dez homens egressos do sistema carcerário. A segunda, reside no desafio de construir o objeto de estudo através de uma metodologia de análise qualitativa seguindo suas próprias palavras e tendências de sentido que elas apontam. As trajetórias do grupo estudado são marcadas pela vivência territorial ligada à vulnerabilidade e diferentes atos ilícitos, diferentes espacialidades e redes de relações de sociabilidade que corroboram com a ideia de uma trajetória de vulnerabilidade ao crime e à prisão. A normatividade constituída no cotidiano do espaço carcerário institui processos simultâneos de adaptação, de disciplinarização e reconfiguração das performances masculinas, incidindo sobre o corpo, alimentação, mercado de trocas, dentre outras formas de interação. O espaço carcerário é compreendido como paradoxal porque apresenta tensões e reposicionamentos de acordo a convivência entre uma diversidade de sujeitos, trajetórias e eixos de desigualdade e opressão que implicam num tipo de interseccionalidade situada. Capaz de estabelecer diferenciações internas e espacialidades próprias ao convívio e espacialidades de exílio, aonde são banidos os detentos que não seguem à normatividade ou que demonstram desvio à ela no decorrer de suas trajetórias. As práticas dos detentos, instituintes do espaço carcerário paradoxal, se desenvolvem em meio à tensões com o sistema carcerário e agentes penitenciários, assim como, podem se voltar a sua própria organização coletiva e intervenção de lideranças penitenciárias e detentos filiados ao PCC. Portanto, as masculinidades construídas no cotidiano carcerário configuram-se como importantes referenciais à constituição e condução da vida cotidiana na prisão.

**Palavras-chave:** espacialidade, cárcere, masculinidade.

## **Abstract**

The purpose of the present thesis is to understand the way in which masculinities are instituted in the daily life of prison space. For this, I take as a space cutout the Hildenbrando de Souza prison located in the city of Ponta Grossa, in Paraná, as a prison spatiality experienced by young men living in its poors peripheries. The temporal cut of the research results from experiences of the investigated group in prison during the youth and that correspond to the period of 2005 to 2013. The research operationalization involved two stages. The first is related to fieldwork, participant observation, and in-deth interviews with ten male prisoners in the prison system. The second lies in the challenge of constructing the object of study through a methodology of qualitative analysis following its own words and tendencies of meaning that they point out. The studied group trajectories are marked by the territorial experience linked to vulnerability and different illicit acts, diferent spatialities and networks of social relations that corroborate the idea of a trajectory of vulnerability to crime and imprisonment. The normativity constituted in the daily life of prison establishes simultaneous processes of adaptation, disciplinarization and reconfiguration of masculine performances, focusing on the body, food, market exchanges, among other forms of interaction. The prison space is understood as paradoxical because it presents tensions and repositions according to the coexistence between a diversity of subjects, trajectories and axes of inequality and oppression that imply in a type of situated intersectionality. Capable of establish internal differentiations and spatialities proper to the conviviality and spatiality of exile, where inmates who do not follow normativity or who demonstrate deviation to it in the course of their trajectories are banned. The practices of detainees, constituents of the paradoxical prison space, develop through tensions amid the prison system and penitentiary agents, as well as, they can turn to their own collective organization and intervention of penitentiary leaderships and inmates affiliated to the PCC. Therefore, the masculinities built in the daily imprisonment are important references to the constitution and conduct of daily life in prison.

**Key-words:** Spatiality, imprisonment, masculinity.

## Resumen

Esta tesis tiene como objetivo comprender cómo las masculinidades se construyen diariamente en la espacialidad carcelaria. Para eso tomo como área espacial la Cárcel Hidelbrando de Souza en la ciudad de Ponta Grossa, Paraná, como espacialidad carcelaria experimentada por los hombres jóvenes habitantes de sus barrios pobres. El marco temporal de los resultados de la investigación del grupo decorre de las experiencias de prisión durante la juventud y correspondientes al periodo 2005-2013. La operacionalización de la investigación consistió en dos etapas. La primera se refiere al trabajo de campo, la realización de observação participante y entrevistas en profundidad con diez hombres salidos del sistema penitenciario. La segunda radica en el desafío de construir el objeto de estudio a través de una metodología de análisis cualitativo según sus propias palabras y las tendencias de sentido que se apuntan. Las trayectorias de los grupos estudiados están marcadas por la experiencia territorial que caracteriza la vulnerabilidad y varios actos ilegales, diferentes espacialidades y las redes de relaciones del sociabilidad que apoyan la idea de trayectorias de la vulnerabilidad a la delincuencia y a la prisión. La normatividad en el espacio cotidiano carcelario establece procesos simultáneos de adaptación, de disciplinización y reconfiguración de actuaciones masculinas, centrándose en el cuerpo, los alimentos, el mercado de cambio, entre otras formas de interacción. El espacio carcelario se entiende como paradójico, ya que presenta tensiones y relocalizaciones, según la coexistencia de una variedad de temas, caminos y ejes de desigualdad y opresión que implican una especie de interseccionalidad situada. de establecer diferenciaciones internas y espacialidad propia a la 'convivencia' y la espacialidad del exilio, donde están exiliados los internos que no siguen la normatividad o muestran la desviación a la misma a lo largo de sus trayectorias. Las prácticas de los presos, instituyendo el espacio paradójico carcelario, se desarrollan en medio de tensiones con el sistema penitenciario y los guardias de prisiones, así como, pueden volver a su propia organización colectiva y de los líderes de la prisión intervención y detenidos afiliados al PCC. Así, que masculinidades se construyen en la rutina de la prisión y se configura como referencias importantes para el establecimiento y la realización de la vida cotidiana en la cárcel.

**Palabras-clave:** espacialidad, masculinidad, cárcel.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Interface gráfica do <i>LibreOffice Calc</i> na preparação de arquivo.....	61
Figura 2	- Interface gráfica do <i>OpenRefine</i> na execução de um comando.....	62
Figura 3	- Exemplo de tabela de frases e palavras.....	63
Figura 4	- Exemplo de arquivo <i>Script</i> .....	64
Figura 5	- Exemplo de tabela de 'arestas'.....	66
Figura 6	- Exemplo de tabela de 'nós'.....	67
Figura 7	- Rede de Palavras - Frequência e Relação.....	68
Figura 8	- Mapa mental de caracterização das comunidades semânticas.....	72
Figura 9	- Mapa mental das questões central, específicas e as categorias de análise.....	73
Figura 10	- Interface do <i>RQDA</i> .....	74
Figura 11	- Rede de Categorias de Análise.....	75
Figura 12	- Interface gráfica do <i>SQLite</i> na execução de um comando.....	76
Figura 13	- Comunidade Semântica - 'Trajetória do ser detento'.....	179
Figura 14	- Interface gráfica do laboratório de dados do Gephi, tabela de 'nós' da rede geral de palavras.....	180
Figura 15	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Locais'.....	181
Figura 16	- Seleção de 'rua' na rede referente a categoria de análise 'Locais'.....	184
Figura 17	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Sociabilidades'.....	187
Figura 18	- Seleção de 'rua' na rede referente a categoria de análise 'sociabilidades'.....	188
Figura 19	- Seleção de 'droga' na rede referente a categoria de análise 'sociabilidades'.....	189
Figura 20	- Rede de Palavras – Categoria de Análise 'Queda'.....	192
Figura 21	- Comunidade Semântica – 'Corpo e normas para cama, mesa, banho e visitas'.....	205
Figura 22	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Corpo'.....	212
Figura 23	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Alimento'.....	222
Figura 24	- Rede de Palavras – Categorias de análise 'Trocas' e 'Mercadorias de barganha'.....	228
Figura 25	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Negatividade'.....	240
Figura 26	- Rede de palavras – Categoria de análise 'Positividade'.....	250
Figura 27	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Masculinidade'.....	255
Figura 28	- Comunidade Semântica – Estrutura das relações no espaço carcerário.....	278
Figura 29	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Funcionários'.....	280
Figura 30	- Seleção de 'Rebelião' na Comunidade Semântica 'Estrutura das relações no espaço carcerário'.....	292
Figura 31	- Comunidade Semântica – 'Estrutura das relações no espaço carcerário'.....	302
Figura 32	- Rede de Palavras – Categoria de Análise 'Exílio'.....	306
Figura 33	- Comunidade Semântica - 'Cela, galeria e lideranças'.....	313
Figura 34	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Lideranças'.....	319
Figura 35	- Rede de Palavras – Categoria de análise 'Hierarquia'.....	321
Figura 36	- Comunidade Semântica – 'Conflitos e suas resoluções'.....	326

Figura 37	- Comunidade Semântica – ‘Família, trabalho e perspectivas de futuro’.....	334
Figura 38	- Rede de Palavras – Categoria de análise ‘Trabalho’.....	338
Figura 39	- Rede de Palavras – Categoria de análise ‘Família’.....	346

## LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
GETE	Grupo de Estudos Territoriais
JSON	<i>JavaScript Object Notation</i>
.csv	<i>Comma-separated Values</i>
LABIC	Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura
RQDA	<i>R package for Qualitative Data Analysis</i>
SQL	<i>Structured Query Language</i>
IASP	Instituto de Ação Social do Paraná
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
PEMSE	Programa Municipal de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto
RBG	Revista Brasileira de Geografia
DEPEN	Departamento Penitenciário
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros
REGGSILA	Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero Latino-americana
NRT	Teorias Não Representacionais
ANT	Teoria Ator-Rede
ICPS	<i>International Centre of Prison Studies</i>

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E O PROCESSO INVESTIGATIVO.....</b>	<b>22</b>
1. O campo exploratório da pesquisa e as transformações do modelo de análise.....	23
2. O espaço-tempo do pesquisador na relação com os pesquisados: reflexibilidade e observação participante de grupos marginalizados.....	34
3. Fabricando sentido: as palavras dos investigados na análise qualitativa dos dados.....	56
<b>CAPÍTULO II - CRIME, PRISÃO, JUVENTUDE, MASCULINIDADE E INTERSECCIONALIDADE NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA.....</b>	<b>78</b>
1. As geografias da violência e da criminalidade urbanas.....	80
2. A relação entre juventude masculina e criminalidade como objeto de estudo da geografia.....	96
3. O cárcere sob múltiplas perspectivas escalares: entre o institucional e o cotidiano.....	107
4. A instituição das masculinidades no espaço carcerário: gênero, corpo e espaço.....	125
5. Interseccionalidade como possibilidade à análise espacial da prisão.....	150
<b>CAPÍTULO III - TRAJETÓRIAS DE VIDA, MASCULINIDADES E A ‘QUEDA’ NA PRISÃO.....</b>	<b>163</b>
1. Os homens jovens e a vida na quebrada.....	164
2. As trajetórias de vida na constituição do ser homem detento.....	177
3. A ‘queda’ como marco da trajetória do homem detento.....	192
<b>CAPÍTULO IV - NOVAS INTERSECCIONALIDADES, CORPO E A NORMATIVIDADE MASCULINA DO ESPAÇO CARCERÁRIO PARADOXAL.....</b>	<b>202</b>
1. ‘Entrando no Prédio’: o comer, o dormir e o corpo na instituição da espacialidade carcerária.....	203
2. Espaço carcerário instituído pelas trocas: entre objetos concretos e simbolismos.....	220
3. Novas interseccionalidades: a diversidade de eixos de opressão e desigualdade na espacialidade carcerária.....	234
4. ‘Sujeito homem’: a construção de masculinidades no espaço carcerário...	254
<b>CAPÍTULO V - ESPACIALIDADE CARCERÁRIA PARADOXAL: PODER INSTITUCIONAL, PODER COLETIVO CARCERÁRIO E AS PERSPECTIVAS DO GRUPO ESTUDADO.....</b>	<b>269</b>
1. A escala da instituição prisional: entre funcionários, fugas e rebeliões.....	273
2. O convívio e o exílio na instituição do espaço carcerário paradoxal.....	299
3. As fronteiras entre a organização coletiva e a atuação de detentos filiados ao PCC.....	311
4. Os sentidos da ‘voz’ no espaço carcerário paradoxal.....	324
5. Trabalho, família e outras perspectivas de futuro aos homens egressos	

do sistema carcerário.....	333
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>352</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>359</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>379</b>
<b>ANEXO – Roteiros de Entrevista.....</b>	<b>381</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa apresentada nesta tese tem por objetivo compreender o modo pelo qual se instituem as masculinidades no cotidiano da espacialidade carcerária. Para isso tomo como recorte espacial Cadeia Pública Hidelbrando de Souza localizado na cidade de Ponta Grossa no Paraná como espacialidade carcerária vivenciada por homens jovens habitantes de suas periferias pobres. O grupo de entrevistados nessa pesquisa foi composto por doze homens egressos. O recorte temporal da pesquisa decorre das experiências no cárcere durante a juventude e que correspondem ao período de 2005 a 2013<sup>1</sup>.

A construção do objeto de estudo e o processo investigativo resultam de minha trajetória como pesquisador durante os últimos setes anos e que esteve voltada à análise da relação entre escalas espaciais e territoriais urbanas e as construções sociais das masculinidades e juventude no contexto das periferias pobres e marginalizadas.

Em minha dissertação sobre a existência espacial cotidiana de adolescentes em conflito com a lei pude conviver com o grupo estudado em diferentes territórios instituídos em diferentes vilas e pelo centro da cidade de Ponta Grossa. Com o tempo de convivência observei como os jovens do sexo masculino e habitantes das periferias eram facilmente cooptados pela rede territorializada do tráfico de drogas, em busca de um lucro fácil e rápido. Outro aspecto que chamava demasiada atenção era a naturalidade com que comentavam sobre o cometimento de furtos simples e qualificados e até mesmo roubos a mão armada e justificavam a realização de seus feitos pela necessidade de obter dinheiro para o consumo de *crack*. A coesão que estabeleciam a partir de conflitos com grupos rivais, notadamente habitantes de vilas vizinhas ou distantes também se evidenciava como semelhante e inspirada pela atuação de facções do crime organizado. Muitos de meus entrevistados durante o trabalho de campo do mestrado demonstraram suas

---

1 Como optei por dar continuidade ao estudo dos grupos de jovens entrevistados na investigação do mestrado, o recorte temporal do estudo deriva da cronologia dos mesmos após a assunção da maioridade e, considerando a reincidência em práticas ilícitas, o período de imersão dos mesmos na Cadeia Pública Hidelbrando de Souza. Além disso, há dois entrevistados que apesar de idade beirar quarenta anos, permaneceram presos no presídio estudado durante sua juventude adulta, isto é, dos dezoito anos até os vinte e cinco anos de idade, que correspondem o período de juventude definido pelo IBGE.

expectativas em participar do Primeiro Comando da Capital (PCC) e se 'erguer' com a acumulação de capital social e financeiro representando o crime como uma espécie de profissão a qual entendiam ter vocação. Suas narrativas apontavam como perspectivas de futuro a vida no crime, a prisão ou à morte por homicídio. Tal qual muitos deles exprimiram, numa frase que se tornou máxima e fundamental ao interesse inicial por trilhar o caminho desta investigação: “*Nossa vida é dois C: Cadeia ou Cemitério!*”<sup>2</sup>

Ao compreender suas experiências em diferentes territórios urbanos e a partir do modo como elaboravam representações sobre o ser homem criminoso fui tecendo reflexões que resultaram na elaboração de um projeto de doutorado que buscasse compreender suas vivências logo que fossem considerados adultos e as maneiras pelas quais o espaço carcerário está implicado na condução de suas vidas e na configuração de suas masculinidades.

Deste modo, considerando minha trajetória de pesquisa e, ao mesmo tempo, a trajetória dos homens jovens que resolvi investigar, a questão de partida de minha tese foi elaborada da seguinte forma:

- Como se instituem as masculinidades dos detentos no cotidiano da espacialidade carcerária?

Por reconhecer a importância da trajetória jovem do grupo aqui estudado como potencializadora à reiteração de atos criminosos na vida adulta e que são passíveis de punição com a privação da liberdade, foi também elaborada a seguinte questão específica:

- I. Como as trajetórias dos homens jovens compõem as masculinidades instituídas no cotidiano carcerário?

No trabalho de campo exploratório referente a tese aqui defendida, a trajetória dos homens jovens na rua se evidenciou como componente fundamental na configuração de relações de poder pelo espaço carcerário, pois o comportamento e

---

2 Gorpo, então adolescente usuário e atravessador de *crack*, em entrevista realizada em 2009.

valores constituídos no territórios urbanos vividos durante a adolescência influem nos modos como projetam seus valores e códigos de conduta e intimamente relacionadas a construção social do ser homem.

Não obstante, a partir dos discursos dos entrevistados, o espaço carcerário se evidencia como lócus de uma normatividade e de uma diversidade de eixos de opressão e desigualdade a ela vinculadas, através de leis próprias do coletivo encarcerado e que foram constituídas ao longo da história dos presídios e seguem repassadas às novas gerações de homens que se encontrarem apenados. Este aspecto fundamentou a segunda questão específica deste estudo:

II. Como a normatividade masculina se constitui no cotidiano do espaço carcerário?

Entendendo que as práticas dos homens encarcerados são limitadas diante de uma série de normas estabelecidas no espaço carcerário pela população que nele habita, tal questão se evidencia como pertinente para complementar a questão de partida. Ao mesmo tempo, resulta da observação de que o modo como o ser homem é representado pelos entrevistados no processo investigativo deriva do respeito ou da contestação de um conjunto variado de comportamentos e performances preestabelecidas e desejadas pelo coletivo encarcerado.

A trajetória do grupo investigado, desde suas experiências na instituição de territórios caracterizados pelo uso e tráfico de drogas, outros atos ilícitos e a permanência no interior do cárcere, evidenciam o choque entre diferentes escalas de apreensão das masculinidades e das estratégias de controle e poder. Se para os jovens na rua, a indisciplina e o estilo de vida desleixado é valorizada na composição de um imaginário sobre o ser homem marginal, no espaço carcerário os próprios detentos lhes exigem outra postura que está relacionada a disciplina para a organização das celas e galerias, à performances corporais que incidam sobre uma higiene de prevenção da proliferação de doenças. Estas performances não destoam do modelo social baseado na heterossexualidade, masculinidade e uma série de outros comportamentos esperados pelo coletivo encarcerado e que tomam o sentido de tornar a vida na prisão, em certa medida, suportável.

Como instituição punitiva e pretensamente corretiva, o espaço carcerário pode ser concebido como um complexo encontro de trajetórias distintas, abrigando tanto presos jovens e que cumprem pena pela primeira vez, quanto detentos mais experientes, participantes de quadrilhas, entre outros. A Cadeia Pública Hidelbrando de Souza também abriga detentos que viviam e cometeram crimes em cidades que compõem a região dos Campos Gerais, assim como pode acolher presos transferidos de diversas outras cidades conforme seja assim estabelecido pelo sistema de gestão de penitenciárias estaduais. Dessa forma, o espaço carcerário estudado é marcado pelas tensões e agenciamentos envolvendo diferentes trajetórias e formas de constituição identitárias. Este aspecto do espaço carcerário mobilizou outra questão específica:

III. Como as práticas cotidianas dos homens instituem a espacialidade carcerária?

Essas questões contribuem para sistematizar a reflexão empreendida a partir da questão de partida e que fundamenta a elaboração desta tese. Simultaneamente, orienta a reflexão acerca de inúmeras possibilidades de diálogo e tensionamento com as teorias estabelecidas na produção científica geográfica. Essa produção tem como tradição epistemológica a invisibilidade de grupos marginalizados. O grupo focal deste estudo, suas práticas e relações sociais estabelecidas cotidianamente são, via de regra, obscurecidas nas diferentes abordagens sobre o fenômeno da violência e criminalidade urbanas. Entretanto, o diálogo com as perspectivas apontadas pelas Geografias Feministas, pela Geografia da Juventude e Geografia Carcerária, cuja emergência é recente na Geografia brasileira, contribuem à reflexão acerca da construção das masculinidades no espaço carcerário.

Como forma de operacionalização, a construção metodológica do objeto de estudo envolveu o uso de um conjunto misto de técnicas e procedimentos voltados à análise qualitativa. Uma importante etapa dessa construção se refere a observação participante e entrevistas em profundidade junto de um grupo de dez homens jovens egressos<sup>3</sup> do sistema carcerário. Essa etapa representou a constituição de uma

---

3 Denomino os entrevistados na presente tese como homens jovens egressos devido ao fato de entrevistá-los fora do presídio, quando os mesmos estão sob cumprimento de pena em liberdade,

fonte discursiva que desafiou a posição do pesquisador e os caminhos de operacionalização da pesquisa. Tal operacionalização contou com a elaboração de redes de palavras, a identificação de comunidades semânticas e tendências de sentido que subsidiaram a elaboração de categorias de análise de conteúdo.

O estudo sobre as experiências dos homens no cárcere se constitui como de fundamental relevância no mundo contemporâneo, haja vista a execução de políticas de encarceramento em massa também difundidas em países periféricos como o Brasil. O encarceramento em massa tem se demonstrado a partir de uma seletividade que envolve as populações pobres dos espaços urbanos brasileiros e se apresenta como sistema aviltante às populações que neles habitam. Nos últimos anos tem-se presenciado a escalada da população carcerária brasileira para mais de 622.202 mil pessoas e, paralelo à isso, o chamado 'caos carcerário' inunda os noticiários de eventos como ousadas fugas individuais ou coletivas, rebeliões e conflitos entre facções rivais.

No sentido de dar inteligibilidade ao fenômeno da prisão através da análise espacial, um conjunto crescente de estudos sobre prisão tem se difundido ao longo das últimas décadas na Geografia brasileira. Contudo, mesmo na emergência de uma Geografia Carcerária nacional, se apresenta como lacuna interpretar a prisão considerando a relação entre a população jovem masculina e o cárcere, bem como seus componentes ligados a condução da vida cotidiana na prisão. O que reforça a demanda pela construção do presente objeto de estudo.

O texto aqui apresentado está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo incide sobre os principais desafios à construção do objeto de estudo e que emergiram durante o processo investigativo. Assim, são apresentadas e são objetos de reflexão as transformações do modelo de análise constituído no início do processo investigativo e que levaram a (re)configuração das questões investigativas de partida e específicas. Além disso, apresenta como possibilidade de metodologia de campo qualitativa, a observação participante realizada em triangulação com entrevistas em profundidade e os desafios de tal abordagem no universo de grupos marginalizados. Outro elemento que estrutura o capítulo, se refere a construção de uma metodologia contextualizada à relação com o grupo estudado e que parte da

---

ou que estão com liberdade provisória e até mesmo que já finalizaram a pena.

frequência de suas evocações e das relações que elas estabelecem entre si. Tal metodologia concilia a observação de tendências de sentido na narrativa do grupo e a análise categorial dela extraída.

O segundo capítulo, tem como objetivo realizar um debate teórico acerca das geografias da violência e criminalidade urbanas e os possíveis diálogos em torno do objeto de estudo que relaciona juventude, masculinidades e prisão. O capítulo apresenta como possibilidade à geografia a análise espacial não-monolítica e assentada na vivência entre diferentes eixos de opressão e desigualdade na prisão. Deste modo, propõe analisar a prisão como espaço carcerário paradoxal, instituído através da vivência da interseccionalidade, envolvendo facetas identitárias como a juventude, masculinidades, o corpo e uma diversidade de eixos de opressão e desigualdade específicos do espaço carcerário.

O terceiro capítulo se atém à uma das questões específicas desta tese e incide sobre a trajetória jovem do grupo investigado relacionada a instituição de territórios urbanos, suas vivências caracterizadas pela interseccionalidade e reincidência em atos violentos e criminosos como afirmadoras da vulnerabilidade à prisão.

O quarto capítulo visa refletir sobre as maneiras pelas quais os homens jovens egressos reconfiguram suas masculinidades através das experiências cotidianas pela espacialidade carcerária e que articulam o corpo, performances, interações e a constituição de uma normatividade masculina.

No quinto e último capítulo, o espaço carcerário paradoxal é interpretado como multi-escalar e relacional, a partir da análise acerca das relações entre os detentos, agentes institucionais e sistema carcerário. Além disso, propõe que as práticas que instituem a espacialidade carcerária envolvem tensões, agenciamentos, espaços de enunciação e as perspectivas de futuro à população carcerária.

## **CAPÍTULO I**

### **A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E O PROCESSO INVESTIGATIVO**

O objetivo desse capítulo é evidenciar a trajetória de construção do objeto de pesquisa que norteia esta tese. Nenhum objeto de pesquisa é dado numa realidade qualquer, mas resulta de um trabalho intelectual do pesquisador que maneja a relação entre a tradição teórica do campo científico, as escolhas políticas e a negociação com os grupos investigados. Esse emaranhado de relações não são tarefas fáceis de serem simplesmente apresentadas, pois são tecidas no processo reflexivo da pesquisa.

Assim, o presente capítulo se dedica a evidenciar os principais caminhos trilhados, transformações e desafios que emergiram no processo de construção do objeto de estudo.

Explorar o cotidiano de homens jovens, que após encarcerados, seguiram suas trajetórias até este pesquisador, (re)encontrá-los para observação participante e entrevistas, gerou uma série de tensionamentos teórico-metodológicos. Tais tensionamentos, como também a própria estruturação da narrativa do grupo estudado, mobilizaram a reflexão acerca de suas vozes e das formas possíveis de dar inteligibilidade científica e geográfica às experiências da juventude masculina da periferia, que na vida adulta 'cai' no espaço carcerário.

Para contemplar o exercício de reflexão sobre o processo investigativo, envolvendo o cotidiano deste grupo desde um ângulo analítico e não meramente descritivo, o objeto de estudo foi sendo construído ao longo de minha trajetória de pesquisa nos últimos oito anos e, assim, inicialmente orientou a construção do modelo de análise sobre o cotidiano dos homens jovens no espaço carcerário com base na reflexão que fui realizando desde o contexto de minha investigação de mestrado. Deste modo, uma série de tensionamentos entre o campo exploratório da pesquisa e as questões de pesquisa e roteiro de entrevistas emergiram e implicaram em transformações do modelo de análise inicial.

Optei neste estudo, dessarte, por retomar os principais eixos de reflexão que a dissertação de mestrado suscitou, considerando a transição entre tempos e espaços, pois com o período desde sua publicação e face a emergência da vida adulta pelo grupo de entrevistados, inevitavelmente, ocorreram inúmeras

transformações no tocante as práticas cotidianas e aos seus respectivos espaços de vivência. Não posso negar que o envolvimento com o recorte espacial e social que resultou do processo de investigação do mestrado me deixava curioso quanto ao que poderia ter ocorrido com entrevistados e participantes do trabalho de campo e das entrevistas realizadas no período entre 2008 a 2010. Todavia, as dificuldades relativas à observação participante e realização de entrevistas em profundidade influenciaram a reflexão acerca de uma metodologia mista voltada a análise qualitativa dos dados de pesquisa e da análise de conteúdo que superasse os desafios oriundos do trabalho de campo e possibilitasse complexificar a categorização e análise da narrativa do grupo investigado.

O presente capítulo está dividido em três seções. Na primeira são apresentadas as principais transformações do modelo de análise demandadas pela fase exploratória da pesquisa. A segunda apresenta notas presentes em meu diário de campo e a mobilização da reflexão sobre a observação participante na produção científica da Geografia Humana. Por último, na terceira seção são apresentados os desafios e procedimentos voltados à fabricar sentido às ações e interações dos sujeitos dessa pesquisa, em particular as experiências no universo da criminalidade e no espaço carcerário. Tais desafios compuseram a construção metodológica do objeto de estudo que implicou na adoção de uma série de procedimentos próprios da análise qualitativa a partir das redes de palavras, comunidades semânticas e análise categorial.

## **1. O campo exploratório da pesquisa e as transformações do modelo de análise**

A construção do objeto de estudo que mobilizou a escrita desta tese se iniciou durante minha trajetória de pesquisa sobre adolescentes em conflito com a lei e seus territórios urbanos. Entendendo que as masculinidades deste grupo eram construídas na vivência periférica no espaço urbano e ligadas ao envolvimento em atos infracionais e dependência química, parti do modelo de análise derivado de minha dissertação para compreender as experiências vividas no espaço carcerário pelo mesmo grupo investigado, após a constituição da maioridade.

Os territórios instituídos pelo grupo estudado no mestrado, apesar de distintos, fazem parte de suas vidas em diferentes escalas de experiências

cotidianas. Devido a importância da instituição territorial no cotidiano pelo espaço urbano, partiu-se da mesma para a construção do modelo de análise voltado a compreensão do cotidiano dos homens jovens no espaço carcerário.

Cabe aqui enfatizar que os territórios investigados não deixaram de existir com a transição da idade penal de seus agentes instituintes. Contudo, há transformações preponderantes em suas trajetórias de vida e dos espaços de convívio que vão além da complexa dinâmica desses territórios e que demandaram novas reflexões teóricas e experimentações metodológicas que dialogassem com as experiências que os sujeitos investigados tiveram no espaço carcerário.

Inicialmente, deve também ser destacado que a vivência e instituição territorial de homens jovens cuja cotidianidade se demonstra vinculada a atividades criminosas passíveis de punição via sistema penal é conjugada à convivência com diferentes sistemas estruturais de opressão que resultam das construções sociais de classe, raça, gênero e idade. Assim, as relações de poder estabelecidas na instituição territorial se evidenciaram como interdependentes ao modo como os sujeitos investigados vivenciam espacialidades e pelo qual constroem suas masculinidades e trajetórias jovens.

A trajetória de pesquisa que venho trilhando junto ao Grupo de Estudos Territoriais, como se exemplificam nos textos de Silva (2013), Gomes (2014) e Rossi (2010; 2011) tem se debruçado na tentativa de compreender as espacialidades de vivência e constituição dos sujeitos investigados em sua complexidade. Desta forma, o grupo focal da presente pesquisa não é identificado como portador e instituinte de uma identidade monolítica que se relaciona com aspectos gerais de um espaço de vida, mas a partir da problematização do conceito de interseccionalidade e do questionamento de seu potencial à análise espacial de grupos de homens marginalizados.

Minha trajetória de pesquisa impulsionou a construção de um modelo de análise na espacialidade carcerária pautada pela vivência entre diferentes territórios e pela interseccionalidade que demonstrava como principais facetas identitárias a masculinidade, a idade, poder de consumo e trajetória na ilegalidade. Sendo assim, minha questão de partida inicial de pesquisa estava ligada a reprodução dos eixos de desigualdade que foram evidenciados a partir das territorialidades que se

instituíam através das experiências dos homens jovens na 'rua'. Contudo, a fase exploratória do trabalho de campo demonstrou a impossibilidade de seguir com o modelo, pois os primeiros relatos que recebia dos homens jovens estudados acabaram por evidenciar outra dinâmica complexa, doravante, da espacialidade carcerária que demonstrara unificar grande parte dos homens jovens que, a priori, pertenciam a diferentes grupos e territórios urbanos, que anteriormente se apresentavam como rivais.

A presente seção tem por objetivo seguir o rumo das modificações que sofrera o modelo de análise e os procedimentos metodológicos mobilizados no processo investigativo diante dos desafios que o trabalho de campo exploratório implicou.

A primeira transformação significativa derivou da dificuldade para o reencontro com os homens jovens investigados em trabalho de campo realizado nos anos anteriores durante processo investigativo do mestrado. O desejo inicial da presente pesquisa foi o de percorrer quatro diferentes áreas da cidade de Ponta Grossa cuja maior incidência de jovens em conflito com a lei se apresentava<sup>4</sup>. Entretanto, nem todos os entrevistados foram encontrados novamente. Apesar disso se estabelecer como problema significativo na realização do trabalho de campo exploratório, denota a vulnerabilidade em que se encontram os grupos estudados ao risco de morte e à prisão.

O trabalho de campo exploratório envolvia, portanto, percorrer novamente os territórios já investigados e visitar os entrevistados no processo investigativo apresentado em dissertação de mestrado. No entanto a iniciativa de seguir entrevistando o mesmo grupo focal de anos anteriores foi parcialmente adotada pelos seguintes motivos: a) dois entrevistados estavam 'guardados', isto é, encontravam-se sob pena de privação de liberdade e esse fato esbarrou em limitações impostas à análise qualitativa no interior do espaço carcerário que derivam, assim se infere, de falta de interesse da instituição prisional em ter revelada as condições de infraestrutura e procedimentos que adota para vigiar e controlar as

---

4 Optei por não denominar ou localizar as áreas e vilas da cidade que foram investigadas no processo investigativo que subsidia o presente estudo. Isso ocorre devido a permanência de alguns entrevistados na realização de atividades ilícitas como o narcotráfico, furtos e roubos e que também se relacionam a atuações em grupo (quadrilha). Desse modo, para a tornar seguro o trabalho de campo, optei por não revelar a identidade de criminosos a partir da indicação de uma ou outra atividade recorrente em dadas vilas da cidade.

ações dos detentos, como também, interferiria no processo comunicativo dos presos; b) três faleceram, dois assassinados e um cometeu suicídio; c) dois outros afirmaram que doravante 'correm junto com PCC', ou seja, tornaram-se filiados a facção criminosa denominada de Primeiro Comando da Capital e cotidianamente realizam atividades em articulação ou sob o comando da mesma e, por isso, preferiram não realizar entrevistas, tampouco disponibilizaram-se em compartilhar de seu cotidiano com o pesquisador; d) segundo dois jovens contatados durante o trabalho de campo exploratório, outros dois dos antigos entrevistados estariam ameaçados de morte e isso, além de dificultar o encontro deles, pressupunha risco de morte a qualquer pessoa que com eles estivessem numa mesma caminhada e; e) um não foi localizado, e conforme relatos, teria mudado de cidade.

Sendo assim, dos jovens entrevistados durante a investigação do mestrado, apenas três foram reencontrados e relataram sobre suas passagens pela Cadeia Pública Hidelbrando de Souza em Ponta Grossa. Os fatores acima enumerados complicaram a iniciativa do campo exploratório que estava pautada em continuar 'seguindo os atores' com os quais convivi na trajetória de pesquisa até então construída.

Os três homens jovens reencontrados, entretanto, foram fundamentais para me conectar com outros homens cujas narrativas sobre a vivência carcerária compuseram o exercício de reconstrução do modelo de análise dessa investigação. Os desafios metodológicos próprios da organização do trabalho de campo, então, me distanciaram dos antigos entrevistados, mas me aproximaram de outros, alguns que já conhecera e outros que passei a conhecer melhor e a acompanhar e obter relatos de experiências com o crime e com o espaço carcerário. Deste modo, dez homens egressos foram entrevistados.

No que tange a reflexão teórica da presente investigação, inicialmente eu pensava o espaço carcerário como constituído por diferentes territórios nos quais se reproduziria uma configuração de relações de poder semelhante ao que encontrara nos territórios urbanos. Se a dissertação de mestrado evidenciara o potencial conflito entre grupos rivais pelo espaço urbano, a espacialidade carcerária apresentaria separações constituídas desde a vivência pelo espaço urbano e que se articulariam com as experiências derivadas dos sistemas de opressão e desigualdade

socialmente construídos a partir de categorias como classe, gênero, raça, sexualidade e assim por diante.

Todavia, os homens jovens entrevistados na fase exploratória do trabalho de campo evidenciaram que mesmo grupos diferentes que acabam convivendo no presídio, podem fazê-lo até certo ponto, pacificamente e até mesmo se organizando coletiva e politicamente ao passo que dividem as mesmas celas e compartilham estratégias de sobrevivência e resistência. Ou seja, os entrevistados demonstravam redefinir de suas interações e redes de relações no espaço carcerário.

Neste sentido, a visão inicial que se estabelecia sobre o espaço carcerário dividido em grupos distintos e potencializadores de conflito interno caiu por terra, do mesmo modo em que foi repensada a utilização do conceito de território, que mobilizaria minha reflexão sobre como distintos grupos se apropriariam de celas, galerias e instituiriam uma rede de relações territorializadas e hierarquizadas seguindo ao molde daquelas vivenciadas na 'rua'. De acordo com os entrevistados, a formação de grupos coesos que instituem territórios urbanos não se transfere ao presídio, pois se evidenciou uma reorganização das relações entre homens jovens a partir do encontro de ideias e da convivência na Cadeia Pública Hidelbrando de Souza. Ou seja, as relações no interior do espaço carcerário demonstravam como significativo o atributo do 'encontro'. Deste modo, o conceito mobilizado na reflexão sobre a reconstrução do modelo de análise passou a ser a espacialidade, tendo como influência a perspectiva de espaço relacional caracterizado pelo encontro de trajetórias múltiplas e da instituição de um horizonte político, conforme difundido por Massey (2008) e pela concepção de espaço paradoxal proposta por Rose (1993).

Outro aspecto fundamental à reconstrução do modelo de análise voltado à compreensão do espaço carcerário envolve a adoção de uma perspectiva multi-escalar, haja visto que o contato com instituições do Estado na rua não se apresentava como significativamente cotidiana, tampouco relevantes na instituição de territórios, salvo ocasiões em que a abordagem policial se fazia presente. No espaço carcerário, no entanto, a relação cotidiana de proximidade entre homens jovens apenados com o aparato institucional do sistema de pena criminal demonstrou que tal grau de envolvimento implica refletir sobre diferentes escalas de apreensão da interação entre a instituição total, conforme exprime Goffman (1980), e

o cotidiano dos sujeitos investigados. Assim, apreender sobre a vida cotidiana dos detentos não implica somente a reflexão sobre a relação deles com agentes penitenciários, mas sobre suas interações com uma instituição que normatiza e regula suas vidas a partir de uma governamentalidade e de uma doutrina punitiva neoliberal, contraditoriamente autoritária e opressora, tal como explicita Wacquant (1999).

Para um melhor entendimento sobre a dimensão da vida cotidiana dos presos na relação com a instituição prisional coube refletir, portanto, sobre sua multi-escalaridade para não correr o risco de culpabilizar trabalhadores e trabalhadoras ligados à execução penal, demonstrando que as condições de vida dos presos, bem como seus métodos de sobrevivência e mecanismos coletivos de resistência são desencadeados enquanto reação diante de uma biopolítica articulada entre diversas escalas, tais como as vinculadas as políticas de 'secutirização' e de execução penal. Entendida a escala como uma forma de observar o mundo de forma fragmentada e articulada e enquanto enquadramento da realidade espacial realizado pelo pesquisador, conforme sugerem Delaney e Laitner (1997), uma prisão pode ser observada considerando diversas escalas, tanto a que evidencia o exercício do poder de vigia e controle por agentes penitenciários, quanto das formações de poder da própria população carcerária na sintonia estabelecida no interior de uma cela, galeria, do presídio como um todo e na relação entre presos de diferentes presídios.

A recondução do modelo de análise para contemplar uma perspectiva multi-escalar, todavia, não deriva somente de um posicionamento teórico em torno da relação dos investigados com o sistema penal, mas provém das próprias narrativas dos entrevistados acerca da visão que têm desse sistema e, dos mecanismos de organização coletiva que produzem para estabelecer segurança alimentar e sanitária, assim como resistências e encaminhamento de suas reivindicações.

Então, com o cuidado de não olhar o fenômeno a partir de um único ângulo, quer estritamente da execução penal e dos métodos punitivos adotados num sistema capitalista desigual, quer na perspectiva relativista da micro-escala, ligada a vivência cotidiana no cárcere, optei pela concepção da multi-escalaridade como forma de dar visibilidade a complexidade implicada na vida cotidiana no espaço

carcerário e que pressupõe a instituição de normas e espaços também controlados e regulados pelos próprios presos.

Outro ponto nodal para a reconfiguração do modelo de análise se refere ao modelo 'adicional' e pautado na relação entre categorias sociais classe, gênero, raça e idade presente nas concepções sobre o conceito de interseccionalidade. Inicialmente, o roteiro de entrevistas elaborado se baseava na enumeração de perguntas que envolviam cada uma das categorias sociais, que preestabelecidas, indicavam possíveis eixos de desigualdade nas relações de poder e a configuração de diferentes posicionalidades entre os presos. Entretanto, as narrativas que resultaram das primeiras entrevistas desalojavam a lógica de construção do roteiro quando os entrevistados afirmavam que as diferenças ligadas à raça, sexualidade, classe ou idade, pouco importavam na configuração das relações de poder intracarcerárias, pois havia um conjunto de normas instituídas pelos próprios presos e que visavam a organização coletiva, além da tentativa de evitar conflitos e opressão entre pares. Do mesmo modo, os próprios detentos constituem seus próprios eixos de opressão e desigualdade conforme a representação elaborada coletivamente sobre suas trajetórias de vida, práticas e performances exercidas pelos seus outros.

Desse modo, conforme as entrevistas exploratórias indicavam, o roteiro de entrevistas, bem como o modelo de análise inicialmente construídos, necessitavam contemplar as performances e práticas dos presos diante de um conjunto próprio de normas, considerando que estas importam não meramente à reprodução simples de eixos de desigualdade, tal como se evidenciavam na análise sobre os territórios urbanos de homens jovens em conflito com a lei.

Estas constatações me levaram a rearranjar a base conceitual que inicialmente estava fundamentada na ideia do espaço carcerário funcionar como um espaço de reprodução de eixos de opressão vividos no espaço urbano.

O espaço carcerário possui regras e funcionamento próprios, logo, impossível de ser um espaço pensado a partir de conceitos e categorias já trabalhadas no momento da dissertação. Tais categorias, estabelecidas *à priori*, não se encaixavam às concepções dos presos sobre convivência nas celas e galerias, assim como em

momentos eventuais, como é o exemplo das visitas e do sistema comunicativo e logístico envolvendo as mensagens e suprimentos que recebem semanalmente.

Por exemplo, para os presos se mostrou mais significativo que quando entrassem nas galerias e celas e enquanto ali permanecessem, contemplassem um modelo para performances e práticas cotidianas que fugiam ao conteúdo normativo ligado às categorias masculinidade e classe, mas que enfatizavam o cuidado com o corpo e a manutenção de um conjunto de normas que garantam boa convivência e melhores condições à uma vida saudável e suportável. Neste sentido, o conceito de interseccionalidade passou a ser pensado nesta pesquisa envolvendo um conjunto de normas próprias e a relação entre as práticas respeitadas e as práticas contestadas pelo coletivo encarcerado, bem como, se demonstrou pertinente a reflexão sobre o corpo.

Os aspectos destacados pelos egressos entrevistados na fase exploratória certamente desafiaram o modelo de análise construído a partir de diferentes categorias sociais e que evidenciariam diferentes posicionalidades em dadas correlações de forças nas interações entre os sujeitos. Indicaram a necessidade de refletir sobre o conceito de interseccionalidade a partir das experiências concretas e do exercício de diferentes performances situadas na espacialidade instituída pelos presos.

Em suma, o modelo de análise construído inicialmente indicava que o fenômeno se comportava integrando eixos de desigualdade comuns à vivência em territórios urbanos. Entretanto, as narrativas dos egressos demonstravam que não havia uma simples reprodução de eixos de opressão até então verificados. Pelo contrário, indicavam a necessidade de articular as proposições ligadas a interseccionalidade com as práticas cotidianas do espaço carcerário enquanto interdependentes na constituição de outros eixos de desigualdade que não se evidenciavam explicitamente vinculados aos sistemas estruturais de opressão, tal como o patriarcado e o racismo, mas que sugeriam a presença de eixos que envolviam o respeito ou contestação às suas próprias normas de convivência e organização coletiva.

O processo investigativo deparou-se, nesse sentido, com dois componentes fundamentais para a redefinição da questão de partida da presente pesquisa e que também justificam a reconfiguração do modelo de análise.

A reconfiguração de um modelo espacial de análise que decorria da reflexão sobre minha investigação realizada no mestrado e da trajetória de estudos sobre o grupo focal esteve vinculada a dois aspectos fundamentais que incidiam sobre a problemática de pesquisa. O primeiro estava associado a escassez de dados e acesso deficitário a informações sobre homens jovens encarcerados. O que demandara a construção metodológica com ênfase na análise qualitativa dos dados. O segundo, vinculado a operacionalização de conceitos como espaço paradoxal e interseccionalidade.

Quanto ao primeiro aspecto optou-se pela realização de entrevistas com dez homens jovens egressos do sistema penal devido a maior flexibilidade no acesso aos seus espaços de vivência 'na rua', bem como à um contexto de maior liberdade para explorar suas narrativas no trabalho de campo. Tal opção também visou não gerar desconforto com a instituição prisional, bem como, evitar inconvenientes ou relações de troca diante da organização coletiva dos presos. Alguns entrevistados também apontaram o exercício de controle das informações por parte de suas lideranças.

O desafio de operar com conceitos numa perspectiva crítica e contemporânea incidiram sobre os eixos estruturais de desigualdade que se demonstraram fundamentais na instituição da violência no espaço urbano o que demandou refletir sobre a produção geográfica a ela associada. Contudo, a tentativa de operacionalizá-los considerando a complexidade do espaço carcerário evidenciada nas entrevistas exploratórias indicaram a necessidade de estabelecer um fio condutor ao processo investigativo através de análise qualitativa e da flexibilidade acerca da relação entre pesquisador e pessoas investigadas. A flexibilidade também se apresenta como importante eixo de argumentação da tese e que visa preencher uma lacuna no conjunto de estudos sobre violência no espaço urbano caracterizado pela escassez de trabalhos que mobilizem metodologias qualitativas voltadas à compreensão da vida cotidiana de sujeitos reconhecidos socialmente como violentos ou criminosos.

A questão de partida inicial resultou de um dado relevante evidenciado no decorrer da investigação de mestrado em que os entrevistados apontavam como expectativa de futuro a reincidência em atividades criminosas e as experiências de privação de liberdade no espaço carcerário enquanto inevitáveis. Deste modo, a questão de partida visava compreender a trajetória de homens jovens após o período reconhecido como de adolescência, no qual não estão mais sujeitos as políticas socioeducativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e impulsionadas pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Ela decaía sobre outro espaço, notadamente vinculado ao cotidiano carcerário e ao sistema penal destinados aos adultos.

As experiências no cárcere, desta maneira, se evidenciaram como extremamente complexas e passaram a exigir grande atenção e tempo de reflexão, como também a reconfiguração do modelo de análise preestabelecido. As experiências de homens jovens egressos indicaram que escala de análise deveria envolver a dimensão cotidiana do cárcere. Por conseguinte, o envolvimento com a dimensão cotidiana da prisão desafiaram minha concepção sobre interseccionalidade como instituída a partir de categorias sociais e identitárias comuns a trajetória de estudos geográficos que problematizam o conceito e que serviram à compreensão da instituição de territórios de homens jovens pelo espaço urbano.

Deste modo, a questão que se estabelecera para a compreensão da trajetória de homens jovens e habitantes de periferias pobres na criminalidade urbana a partir de uma perspectiva interseccional se converteu para a seguinte forma:

- Como se instituem as masculinidades no cotidiano da espacialidade carcerária?

A reconfiguração da questão de partida pressupõe como hipótese que as masculinidades se produzem reiteradamente num devir cotidiano permeado de práticas que, ao mesmo tempo, constroem e reconstroem a espaço carcerário no encontro de diferentes trajetórias na criminalidade e vivência territorial pelo espaço urbano.

Conseqüentemente, a alteração da questão de partida incidiu sobre a revisão das subquestões buscando contemplar o recorte espacial estabelecido a partir das experiências de homens jovens pelo espaço carcerário, em específico as experiências na Cadeia Pública Hidelbrando de Souza. Portanto a primeira questão específica que se estabeleceu com o intuito de compreender os elementos estruturais do espaço urbano que influenciam as experiências dos homens jovens estudados foi reorientada no sentido de demonstrar a trajetória de homens jovens investigados e a relação com a teoria que fornece subsídios a compreensão do fenômeno da violência e criminalidade urbanas envolvendo homens jovens adultos. Nesse sentido uma das subquestões de partida desse estudo se estabeleceu da seguinte maneira:

- I. Como as trajetórias dos homens jovens compõem as masculinidades instituídas no cotidiano carcerário?

Tal subquestão demandava refletir sobre os territórios urbanos estudados em minha trajetória de pesquisa e que envolvia um reencontro com o debate teórico acerca da violência urbana e sua relação com estudos geográficos sobre masculinidade e juventude das periferias pobres.

Ao mesmo tempo, o olhar sobre a trajetória jovem do grupo e sua conexão com a reprodução do fenômeno da violência e criminalidade urbanas também indicou uma tensão envolvendo o processo de construção de masculinidades a partir da vivência em diferentes territórios urbanos com a da vivência no espaço carcerário. Esta espacialidade evidenciou elementos próprios capazes de instituir um outro tipo de normatividade masculina que não estava nitidamente ligada aos eixos de desigualdade observados anteriormente. Destarte, outra subquestão cara ao presente estudo foi elaborada:

- II. Como a normatividade masculina se constitui no cotidiano do espaço carcerário?

Essa questão incide, notadamente, sobre o conjunto de normas próprias do espaço carcerário e que envolvem desde o cuidado com o corpo, com a sintonia na interação entre presos e, até mesmo, com seus mecanismos de organização coletiva e resistência fundamentais à reconfiguração de suas masculinidades. Ao mesmo tempo, a questão referente a instituição de uma normatividade masculina, a partir do diálogo com egressos em fase exploratória, apontou que tal normatividade entre os presos cria tensões que relativamente envolvem diferentes categorias identitárias, comportamentos e performances respeitadas pelo grupo e as inúmeras formas pelas quais as mesmas podem ser contestadas. Assim, outra subquestão relevante na reconstrução do modelo de análise foi a seguinte:

III. Como as práticas cotidianas dos homens instituem a espacialidade carcerária?

As transformações teórico-metodológicas da pesquisa esboçadas nesta seção, nos termos de sua transformação durante o processo investigativo, também resultaram das intensas dificuldades enfrentadas na realização de trabalho de campo com o grupo de homens marginalizados. Em constante risco, tanto o risco de apreensão policial, quanto os riscos ligados ao próprio contato com o grupo, me deparei com a demanda de discussão sobre questões éticas e morais da aplicação não convencional de metodologias de análise qualitativa. A vivência de campo que provocou a reflexão sobre tais questões é, justamente, objeto de escrutínio da próxima seção.

## **2. O espaço-tempo do pesquisador na relação com os pesquisados: reflexibilidade e observação participante com grupos marginalizados**

Outra demanda surgida no processo investigativo envolveu a reflexão sobre a observação participante como metodologia qualitativa aplicada junto à um grupo marginalizado, tanto pelo discurso científico, quanto pelas significações sociais hegemônicas que estigmatizam a figura do criminoso. A presente reflexão parte da crença de que o trabalho de campo constitui o espaço-tempo da relação entre pesquisador e pessoas pesquisadas e da produção dos dados de pesquisa.

A presente seção tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a observação participante enquanto ferramenta útil à operacionalização da análise de grupos marginais no espaço urbano e ao processo de flexibilidade nela envolvido. Para isso, o texto aborda a reflexão sobre um tipo não convencional de trabalho de campo como preocupação geográfica e que mobiliza metodologias qualitativas de análise. Assim, são observados os registros realizados em diário de campo durante o trabalho empírico e que podem ser tomados como notas etnográficas.

O registro no trabalho de campo se evidenciou como importante subsídio a investigação do universo cotidiano dos homens jovens estudados e para a realização de entrevistas em profundidade. Observar e compartilhar dada posição junto ao grupo estudado que compõe a diversidade funcional do espaço urbano se apresentou como possibilidade de incidir na discussão do campo da geografia social e cultural brasileira numa perspectiva quase que 'etnometodológica' e voltada a dimensão espacial das experiências de grupos simultaneamente marginais e marginalizados.

A compreensão das relações cotidianas estabelecidas entre os homens jovens no contexto da marginalidade e da violência e criminalidade urbanas implicam a consideração de um complexo amálgama de trajetórias, identidades e possibilidades de subversão de espaços concebidos e planejados ao estabelecimento da segurança pública. Este aspecto revela uma problemática espacial e geograficamente situada na relação entre o direito à cidade e as práticas exercidas no contexto das periferias urbanas. E além disso, da relação entre pesquisador e grupos reconhecidos socialmente pela categoria de 'marginais'<sup>5</sup>.

Assim, a análise de um conjunto de práticas adotadas por homens jovens envolvidos com a criminalidade, na vida diária ou eventualmente, e que vivem em espaços periféricos do urbano, demandou refletir sobre a escala de análise no âmbito da operacionalização da pesquisa pautada pela flexibilidade e posicionalidade do pesquisador.

5 O uso do termo marginal, quando relacionado ao grupo investigado, é empregado com duplo sentido. A justificativa é que os homens jovens em conflito não são anjos nem demônios, pois sua ação cotidiana ilícita está vinculada aos processos estruturais que limitam o direito e a cidade e instituintes da fragmentação do tecido social urbano, tal como apresentam os textos de Chimin Junior (2009), Rossi (2010), Gomes (2013) e Rocha (2013). Esta concepção também é influenciada pela noção de anomia desenvolvida por Adorno (1996; 2002) em estudo sobre delinquência juvenil como resultante de uma não-política endereçada à população jovem e pobre brasileira.

Inicialmente são apresentadas algumas das possibilidades de estudo oriundas do diálogo com as metodologias de observação participante. Posteriormente, a seção descreve os principais desafios que emergiram de minha posicionalidade no universo cotidiano do grupo estudado, bem como as reflexões que eles invocam acerca dos dilemas apontados pelo debate sobre questões éticas e morais implicadas nessa modalidade de estudo marginal.

A demanda de estabelecer uma conexão entre os princípios e problemas da observação participante e com sua discussão conceitual compõem a tradição geográfica de trabalho de campo na imersão de pesquisadore(a)s na rotina das pessoas investigadas.

Cabe destacar de antemão que há um número relevante de dificuldades ao desenvolvimento de estudos geográficos sobre grupos específicos da sociedade brasileira devido a ausência de textos que exploram a relação entre os(as) pesquisadores(as) e as pessoas investigadas e, tampouco, textos cuja referência metodológica é a observação participante.

Todavia, a utilização de metodologias qualitativas ou pautadas pela observação participante constituem uma tradição que não é meramente exclusiva à antropologia ou à etnografia. Em realidade, já fazem parte do conjunto de estudos oriundos das geografias cultural, social e fenomenológica. Na Geografia brasileira, a observação participante pode ser entendida como emergente, destacando-se os textos de Turra (2004a; 2004b; 2008 e 2011) e Thomaz (2009).

Thomaz (2009) utilizou a observação participante para entender a dinâmica da organização espacial de um cooperativa de trabalhadores rurais assentados, no campo da geografia agrária. A geógrafa enfatiza que os pesquisadores que escrevem sobre determinados sujeitos e grupos nem sempre constituem interação face a face com os mesmos. Sua análise resulta na reflexão do dilema entre pesquisadores que envolvem-se com os problemas do grupo estudado, ou buscam entender seus significados. Seu objeto de estudo que é delimitado pela convivência com camponeses expõe que a resolução deste dilema decorre da experiência pessoal, da trajetória e das escolhas das/dos cientistas.

Turra (2004a; 2004b) argumenta sobre o potencial reflexivo da observação participante na análise geográfica da relação entre pesquisador e informantes a

partir de sua convivência com grupos de jovens identificados com os movimentos *Punk* e *Hip-Hop*. O geógrafo evidencia o teor dialógico da relação face a face como fundamental na observação participante, entendendo que esta se realiza na concretização do diálogo. Isto é, não implica que a pessoa que pesquisa deve fazer parte do grupo, mas deve a mesma construir a possibilidade de conversar com ele num contexto situado e no qual a intersubjetividade, os gestos e os atos demonstram ter mais sentido e apresenta nuances significativas para a análise espacial da sociabilidade juvenil. A contribuição de Turra (2004a; 2004b; 2008 e 2011) se constitui como importante eixo de interlocução, tanto no quadro das pesquisas qualitativas sobre grupos marginalizados e que adotam a observação participante, quanto na composição de um subcampo da geografia das juventudes.

A relação entre a pessoa que pesquisa e as pessoas pesquisadas é tema de difícil reflexão e argumentação, pois é pouco usual entre os trabalhos da Geografia Humana brasileira. De acordo com a análise realizada sobre periódicos *Qualis A* da geografia, publicados entre os anos de 1978 a 2005, é comum observar textos que tratam de grupos sociais a partir da interpretação de um sujeito genérico<sup>6</sup>. Na história da produção científica da Geografia Humana, a figura do 'homem universal' foi se constituindo como sujeito e tópico mais interessante e privilegiado. Outro aspecto importante é que predomina em nossa produção científica a perspectiva de estudos sobre grupos humanos calcada na interpretação unívoca das pessoas que praticam a ciência, restando pouco espaço à voz das pessoas pesquisadas. O baixo grau de permeabilidade da Geografia brasileira aos estudos sobre grupos específicos e que releve as vozes e (con)vivência do/com o grupo estudado, portanto, se reflete como preocupação pertinente ao presente estudo.

No entanto, esta mesma preocupação foi recorrente em estudos antropológicos realizados desde o alvorecer do século XX. Neste contexto, de acordo com Malinowski (1997) e Boaz (2005) os estudos que se interessavam em interpretar a constituição do 'outro' se dividiam em dois conjuntos. O primeiro, composto pelos 'eruditos' que buscavam explicar a realidade dos grupos considerados primitivos a partir de relatos de viajantes. O segundo, formado pelos naturalistas, que difundiam suas descrições de paisagens e regiões naturais em que

---

6 Quanto a este argumento, ver Silva, Chimin Junior, Peracetta e Rossi (2009).

a ação antrópica era considerada como aspecto secundário e, portanto, desprivilegiado. As concepções desses dois cânones da etnografia e da antropologia social e cultural de base conceitual historicista, apontavam que os relatos de viajantes eram constituídos pelos julgamentos e percepções dos seus redatores e limitavam o potencial reflexivo e analítico do trabalho antropológico. Por outro lado, a perspectiva naturalista direcionava-se para a descrição monográfica e ao desvanecimento da riqueza das experiências dos mais diversos grupos humanos.

A contribuição de Malinowski (1997, 19p.), presente no clássico texto *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* é fundamental para o entendimento da inserção da etnometodologia na Geografia Humana, social e cultural. Nos termos do referido antropólogo:

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, seu próprio cronista e historiador; e embora suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. Na Etnografia, a distância entre o material informativo bruto – tal como se apresenta ao investigador nas suas observações, nas declarações dos nativos, no caleidoscópio da vida tribal – e a apresentação final confirmada dos resultados é, frequentemente enorme. O Etnógrafo tem que salvaguardar essa distância de anos laboriosos, entre o momento em que desembarca numa ilha nativa e faz suas primeiras tentativas para entrar em contato com os nativos e o período em que escreve a sua versão final dos resultados. Uma ideia geral e breve das atribuições de um Etnógrafo, tal como eu as vivi, pode lançar mais luz sobre esta questão do que qualquer longa discussão em abstracto. (MALINOWSKI, 1997, 19p.)

Embora não reconheça o grupo aqui estudado como nativo, considero emblemático para a Geografia Humana a aproximação com os grupos humanos a qual estuda. Ainda que o estudo de tribos ou grupos tradicionais se estabeleça como sendo de estirpe mais charmosa do que a vivência com grupo das periferias pobres do espaço urbano. Claro está, com exceção dos estudos de Turra (2004a; 2004b; 2008 e 2011) acerca da sociabilidade juvenil, que a “etnometodologia” mais difundida na Geografia Humana brasileira se dirige ao cotidiano de grupos nativos, populações tradicionais ou rurais. Também é recorrente a consideração da temporalidade e espacialidade que envolvem a perspectiva etnometodológica e, que se diferem em objeto, da observação participante realizada a partir das culturas urbanas da periferia.

As derivações de estudos da etnografia conduziram a difusão de um conjunto de procedimentos metodológicos que compõem as chamadas etnometodologias aplicadas na produção do conhecimento geográfico. No *The Dictionary of Human Geography* publicado por Dereck Gregory (2009) a etnometodologia é brevemente apresentada como abordagem voltada ao estudo da razão prática da ordem social, capaz de revelar como as pessoas produzem as mais diversas situações cotidianas, assim como conceitos estipulados ou encontrados num sistema relacional e grupal específico. Sendo uma das preocupações centrais desta metodologia o conjunto de práticas de rotina e o modo como ocorre a auto-renderização ou auto-descrição de situações tais como elas emergem no fluxo imediato da conduta dos grupos estudados.

Outra preocupação que se revela no diálogo com os grupos estudados é com a reflexibilidade do(a) pesquisador(a), enquanto contínua reflexão de sua posicionalidade na relação com as pessoas investigadas. A reflexibilidade, conforme sugere Rose (1997), têm dois aspectos fundamentais, constitui-se tanto como exercício de desconstrução da falsa neutralidade científica, quanto é a demonstração de que a pesquisa é, nada mais nada menos, do que uma atividade humana.

A difusão das etnometodologias na geografia ilustra não apenas a existência de uma pluralidade de formas que compõem a tradição da geografia no trabalho de campo, mas que há um deslocamento da etnometodologia à observação participante, devido ao fato de que nem sempre os grupos do espaço urbano preservam características étnicas mais reconhecidas nas culturais nativas ou tradicionais.

A observação participante pode ser entendida como uma das metodologias mais utilizadas na relação com grupos focais e compõe uma tradição de estudos antropológicos que se desdobra na tradição geográfica de preocupação com o trabalho de campo e articulação com a etnografia, tal como se observa em estudos da Escola de Berkeley e, especificamente, na contribuição de Sauer (2004), no âmbito da Geografia Cultural norte-americana também desenvolvida no primeiro quarto do século XX. Corrêa (2001) lembra que Carl Sauer, assim como Gilberto Freire (autor dos celebres livros *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*),

foram fortemente influenciados pela matriz filosófica do historicismo e antropologia cultural de Franz Boaz, como também, mantinham apreço pelo trabalho de campo (CORRÊA, 2001).

O estudo clássico de White (1955) intitulado *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada* é uma importante contribuição acerca da observação participante, sobretudo pela descrição da trajetória do cientista em sua relação com o grupo estudado, notadamente *gangsters* de Boston da década de 1940. Para o autor, o processo investigativo da observação participante constitui-se de um conjunto combinado de métodos de pesquisa das relações sociais que se caracteriza por um tempo prolongado de participação do investigador nas atividades sociais dos grupos e pessoas investigados.

Compartilhando da mesma preocupação com o trabalho de campo em interação com o grupo estudado, Zeiditch (1962) identifica três métodos complementares na observação participante: a) a observação participante que implica num conjunto de descrições sobre incidentes no processo de imersão e convivência; b) a entrevista informante que visa apreender as normas, códigos e valores expressos pelos entrevistados e; c) a enumeração ou amostragem, que objetiva a enumeração da frequência de evocações e enunciações. Tais métodos são descritos por Zeiditch (1962) como complementares e não seguem uma ordem pré-definida.

Deste modo, a observação participante pode ser entendida como metodologia incapaz de ser aplicada isoladamente, pois não se constitui como uma técnica isolada, mas compõe um processo de investigação em que várias outras técnicas com natureza diversa estão em jogo, tais como enfatizam White (1955), Zeiditch (1962) e Jackson (1983).

No quadro das Geografias Feministas, Meth e McClymont (2009) propõem a adoção de métodos mistos de análise qualitativa como maneira de preencher uma lacuna presente nos estudos sobre masculinidade, que geralmente não expõem ou sistematizam os procedimentos operacionais e seus complicadores teórico-metodológicos advindos do exercício da reflexibilidade e do pensamento científico sobre posicionalidade de cientistas interessados pela relação entre espaço e masculinidades.

Peter Jackson (1983) elaborou uma importante síntese dos princípios e problemas da observação participante considerando que a Geografia Social e a antropologia compartilham a tradição de compromisso com o trabalho de campo. Seu texto explora os principais eixos teórico-metodológicos da metodologia elaborados através de pesquisas etnográficas. O autor enfatiza a relevância das etnometodologias aos estudos em Geografia social e Cultural, assim como enumera alguns problemas éticos e morais que percorrem a discussão acerca da observação participante.

Jackson (1983) compartilha da rejeição de White (2005) ao rótulo não-diretivo das entrevistas realizadas através do processo de observação participante, defendendo uma concepção baseada na 'flexibilidade estruturada'. Isto é, a entrevista está, antes de mais nada, estruturada na mente da pessoa que investiga e que segue um plano elaborado pelos tipos de informações que busca. Desta maneira, não há privilegio à ordem dos questionamentos, mas o respeito a vinculação do trabalho de campo com as questões norteadoras do projeto de pesquisa. Isto possibilita um tipo de investigação mais flexível, assim como uma relação mais aberta à novas descobertas e emergência de ideias que, no princípio, estavam fora das categorias que compõem o roteiros de entrevista.

O texto de Jackson (1983) também enumera os principais problemas da observação participante e que se referem a validade das informações, bem como as questões éticas e morais que a metodologia implica. Entre os problemas de validação, sugere que a observação participante se mostra ineficaz quando não articulada a realização de entrevistas na perspectiva da flexibilidade estruturada.

Em relação às questões éticas, Jackson (1983) enfatiza a necessidade que cientistas sociais têm de explicitar aos sujeitos da pesquisa os objetivos desta, assim como dos principais avanços teóricos que a mesma possa apresentar. Essa estratégia permite a tomada de consciência pelo grupo estudado sobre o objeto de pesquisa, ao mesmo tempo, em que consolida um sistema de confiança em relação a ética estabelecida na relação entre cientista e pessoas investigadas.

Outros problemas derivados dessa relação estão conectados a convivência com os grupos investigados que pressupõe diferenciação entre a posição do(a) cientista que deve permanecer como *outsider* no acompanhamento da rotina das

peças pesquisadas. E que o mesmo deve ter a consciência de que, em efetivo, não faz parte da comunidade que estuda, apenas é observador que pode vir a participar ou não de dados rituais e práticas coletivas exercidas no grupo. Além disso, é importante ao observador participante desenvolver a consciência de que também não faz, ou não necessita fazer parte da comunidade moral do grupo observado. Jackson (1984) sugere que, apesar de não se constituir como amigo de longa data ou estabelecer laços afetivos tão intensos, deve ser exercício do pesquisador refletir sobre o equilíbrio entre distanciamento e proximidade, isto é, um tipo de amizade ou parceria que implica, tanto o envolvimento, quanto um certo desapego. Este exercício varia de acordo com a reflexão de cada cientista observador(a). Contudo, se constitui como importante para que este não gere inconvenientes diante das pessoas que estuda, nem interfira drasticamente em seu próprio sistema de relações.

Entendo que os problemas enumerados por Jackson (1983) dialogam com a discussão realizada por Rose (1997) sobre a flexibilidade e posicionalidade, a primeira se constitui em dispositivo de situar os conhecimentos e de evitar uma suposta neutralidade e universalidade dos pressupostos científicos. A autora debate este ponto a partir do campo das Geografias Feministas. Todavia, a adoção do que ela chama de metodologias reflexivas é válida à quaisquer estudos que assumem uma postura crítica.

A posicionalidade, tal qual evidenciada por Rose (1997), explorando o debate no campo das Geografias Feministas, influencia no modo como pesquisadores interpretam seus dados. Assim, a posição de elocução geográfica influencia a forma como o objeto é constituído, sendo fundamental na produção do conhecimento. Entretanto, este conhecimento científico não é o único. E quando a questão científica implica explorar as inter-relações de determinado grupo, faz-se necessário considerar o conhecimento elaborado por ele e a escala de análise do senso comum: o cotidiano. O que está em jogo na relação estabelecida através da pesquisa não é somente a posição de pesquisador, há também a posição do pesquisado. Esta distinção é importante, haja visto que a posição do locutor demonstra que o conhecimento é situado e dependente de sua posição.

Nesse sentido, a presente seção, após identificados alguns caminhos teórico-metodológicos da observação participante, abre espaço à alguns elementos da reflexibilidade e posicionalidade vinculadas ao processo investigativo cujo curso de trabalho de campo se estendeu entre os anos de 2013 e 2014 na observação e acompanhamento em 'primeira mão' do cotidiano dos entrevistados.

Cabe considerar que, via de regra, os bastidores de um processo investigativo nem sempre têm visibilidade na apresentação dos aspectos teórico-metodológicos dos estudos difundidos na Geografia Social brasileira. É mais comum e respeitado o trabalho científico que não apresenta as angústias, as dificuldades, as negociações e as tomadas de decisão desenroladas durante o trabalho de campo. Na minha concepção apresentar os dados, menosprezando ou ocultando aspectos do contexto de sua produção, tal como insta Rose (1997), acaba por fazer da ciência algo pedestalizado e que se distancia do contexto real em que a produção do conhecimento científico como atividade humana também é efetuada, especialmente o contexto de produção dos dados da pesquisa. Portanto, conhecer algo relacionado aos homens jovens desta pesquisa envolve a reflexão sobre a experiência do pesquisador em sua relação com o grupo estudado.

Adiante, apresento um dos elementos da reflexibilidade com base em experiências descritas em meu diário de campo. Este diário contempla um conjunto de relatos sobre algumas das experiências que tive com o objeto de estudo e grupo pesquisado. Importante revelar que diante de dificuldades operacionais para realizar entrevistas, pois nem sempre os entrevistados encontravam-se dispostos, foram mobilizadas técnicas de grupo focal que consiste na gravação de diálogo coletivo consentido pelos membros do grupo estudado (SPINK, 2010). Também foi adotada a prática de gravação de conversas sem a utilização de um roteiro, pois na convivência com o grupo, na medida em que as conversas debandavam para um assunto relevante à construção do objeto de estudo, o gravador era ligado. Tal estratégia originou um grande desafio em compor relatos extraídos de contextos diferentes e que ora se relacionavam, ora distanciavam-se. Estas dificuldades reforçam o exercício da reflexibilidade e representam, na minha opinião, problemas menores diante daqueles próprios da imersão em espaços de risco à abordagem policial, à agressão, entre

outros. Na maior parte do tempo em trabalho de campo recebi um tratamento que me garantiu a mesma dignidade conferida aos sujeitos da pesquisa.

A observação participante no trabalho de campo se deu em cinco contextos distintos. O primeiro diz respeito à observação de rua, em que eu procurava acompanhar a rotina dos entrevistados quando estes saíam de suas casas e se encontravam com grupos de amigos cotidianamente. Os outros contextos se referem às visitas às residências dos entrevistados, seus locais de trabalho e à uma instituição de assistência social.

A observação participante no contexto da rua se iniciou com jovens que entrevistara durante o mestrado. Dos principais problemas que emergiram de minha observação se destacam: extrair informações relevantes ao objeto de estudo em espaços em que as conversas, os carros e todo o resto pode representar poluição sonora na gravação dos relatos; a dificuldade em permanecer em espaços em que os homens jovens compartilham quase que incessantemente de bebidas alcoólicas e drogas e; que por isso se tornavam alvo de olhares de estigmatização por parte das pessoas da vizinhança, assim como alvo da abordagem policial. Abaixo segue uma de minhas notas de campo que refletem alguns desses problemas:

Numa noite de trabalho de campo, a mesma cena, a malucada reunida na esquina, tomando um tubo (bebida alcoólica). Um dos jovens bolava uma bomba (enorme cigarro artesanal de maconha), dois faziam o *beat box*, enquanto outro fabricava a rima. Oito homens jovens e um pesquisador. Conversas, *rap*, drogas tudo recheado por um sentimento de crítica social. De repente, com luz apagada e silenciosamente, a caminhonete da Rocan pára e os 'samango' (policiais) descem. Em fração de segundos, do bolso de um jovem, um envólucro voa para longe, a 'bomba' nem tanto. Enquadraram todo mundo, as mãos na cabeça e os olhos no muro. Disse minha idade, profissão ('estudante de doutorado em geografia, Senhor') e que não tinha passagem pela polícia. Certamente pensaram que eu não fazia parte daquele 'contexto' e perguntaram a si mesmos o porque de eu estar ali. Enquanto alguns homens faziam a revista, outros examinaram o chão e todo o entorno. Enfim, acharam a 'bomba' e o 'naco verde' (envólucro contendo maconha): '*Ah, achamo o pacote de salgadinho das criança!*', disse um policial. Logo, estávamos enredados num jogo no qual os policiais exerciam o poder de acusar e agredir um ou outro, de testar o psicológico. Nada fora do normal em se tratando de 'geral' (revista e averiguação) e de quando os 'homens' (policiais) flagram algum 'bagulho mocado' (droga escondida). Mas naquela noite, o azar e a diferença em relação ao grupo me fez a bola da vez. Os policiais falavam em me levar, alguns, que eu era o mais velho e teria que 'assumir a bronca' (tomar responsabilidade sobre tráfico de drogas), acusavam-me estupidamente dizendo incisivamente que o 'naco' era meu. Minutos em que o pensamento gira em torno de tudo: sobre a possibilidade de não chegar em casa aquela noite; de ter que dar inúmeras explicações à família e academia; de como conseguiria sair de uma situação inusitada,

particular e bem distante de minhas 'quedas' com a polícia na adolescência. Minha chave, telefone e demais pertences que estavam no bolso jogados longe e não sabia onde. Uma vida passou em minutos... Quando os policiais se dirigiam a mim, podia e conseguia dizer: *'Não vou não, senhor! Tava aqui fazendo um som e conversando com os amigos, senhor!'* Quando me perguntavam se o naco me pertencia: *'Não é meu não senhor!'* Mais exaltado, um deles gritou: *"Ah! Não é teu? Não é de ninguém? Você vai rapaz! Esse bagulho é teu, você vai com nós! Seu maconheiro! Sem Vergonha! @#\$%\*&\*()+"*. Tempo depois, a conversa baixa dos policiais próximos a viatura, ali no muro, tornou-se para mim um demorado silêncio. Eu pensava repetidamente, que eles não levariam ninguém por causa de porte de maconha. Concentrei-me naquele pensamento e não saí dele... Até que os policiais voltaram: *'Abra a boca piazão!'* Depois que eu e todos os outros mastigaram uma quantidade da droga (bem maior da que fora apreendida naquela esquina minutos antes) e depois vieram os golpes de cassetete nas pernas e costas. Logo os policiais se certificaram de que tínhamos engolido tudo e ordenaram a dispersão dos 'malucos'. Duas horas depois, em casa, o coração acelerado, a boca seca, ainda que com muita água e suco natural, depois veio o vômito. Acordo no outro dia fatigado, o raciocínio lento e corpo doendo. Mais um dia de trabalho. **Página 12 do diário de campo, julho de 2013.**

A experiência descrita acima me fez refletir sobre a dificuldade de estabelecer relação com os entrevistados na rua que, ao mesmo tempo em que me colocava numa posição de marginalizado diante da abordagem policial, tornava-me na convivência do grupo um sujeito vulnerável à delação daqueles que portavam alguma substância ilícita. Naquele contexto nenhum dos jovens foi encaminhado à polícia, mesmo os que se encontravam na situação de foragidos e que eu buscava entrevistar naquela noite. Em realidade, uma série de reflexões me abateram no mês seguinte ao episódio e que me instigaram a me posicionar politicamente no sentido da desmilitarização da polícia, haja vista a truculência da abordagem que não findou em nenhuma apreensão. Parecia-me que aquilo tudo derivava de um desejo insano dos policiais em agredir pessoas cujas performances indicavam aos agressores a possibilidade de envolvimento com a criminalidade.

Em nova tentativa de me aproximar de alguns potenciais entrevistados, encontro-os em estado alterado devido à bebida alcoólica. Um de deles, que já conhecia de outros trabalhos de campo, me abraçou forte e prolongadamente. No momento, não sei porque, pensei que o mesmo estava procurando briga. Não neguei o abraço, mas sentia que havia algo errado nele. Depois de alguns minutos, insistindo em me abraçar novamente, foi interrompido por outro jovem que compartilhava da bebida. Acabaram trocando socos e ajudei a separar os dois, quando um deles tentava agredir o outro com um paralelepípedo. Percebia que diante do alcoolismo e adicção de alguns membros desse grupo, colocam o mesmo em situação de exposição à abordagem policial ou à mercê de um conflito, e que deveria buscar outra alternativa para o trabalho de campo. No fim da noite converso com Cazu e marcamos um encontro em sua casa na

próxima semana. Segundo ele, 'lá é de boas piazão, daí fazemo a entrevista que você quer sossegado'. **Agosto de 2013.**

Só não esperava que no final de semana que se seguiu, Cazu seria apreendido pela polícia numa nova abordagem. Nela os policiais teriam solicitado averiguação de sua situação judicial e constataram que o mesmo se encontrava foragido. Se tratava de uma pena cujo cumprimento carecia de assinaturas no distrito policial, bem como de completa execução de pena alternativa. Dali em diante foram quase dois meses sem vê-lo, logo o entrevistado que me colocaria em contato com outros jovens egressos os quais ele conhecia ou era amigo.

No terminal central, encontro pela manhã um jovem da área que estava realizando trabalho de campo e tenho a notícia de que Cazu já estaria na 'rua'. No por do sol sigo até a casa do Cazu e não o encontro. Encontrei-o numa praça em conversa regada à maconha com seus amigos. Só se ouvia histórias de sua passagem pela triagem e convívio carcerário. Cumprimentei todos enquanto Cazu se desculpava por não ter cumprido nosso trato antes de ser apreendido pela polícia. Conversei com eles, mas logo entendi que Cazu não estava disposto a realizar a entrevista: '*Levantei uma grana hoje já e vou tomar uns gole com a malucada, tô precisando depois dessa cena, foi cabuloso lá dentro piazão!*'. Combinamos na casa dele no outro dia pela manhã. Me despedi, notando que depois dessa passagem de Cazu pelo presídio, ele trouxe nova marca, a tatuagem de um único ponto em seu rosto, que pode indicar que sofreu violência sexual, um caso conhecido no presídio como 'amor de mãe'. (22/10/2013).

Por volta das dez da manhã, encontro Cazu em casa, sofrendo da ressaca. Nossa conversa fiada alongou-se até as onze, momento em que ele disse: "*Nessa hora, a cumbuca ia tá chegando lá dentro, já ia ouvir: chegô as blindada (marmitta de papel alumínio).*" Liguei o gravador e nossa conversa se estendeu a partir dali como entrevista em profundidade. (23/10/2013)

Hoje (29/10/2013) estive na espera de Cazu em sua casa. Ele chegou pelas sete horas da noite depois de um dia de serviço, cansado e corado do sol do dia inteiro. Levantou um dinheiro no bico, logo, estava disposto a caminhar até o mercado buscando um 'tinguá' (cachaça barata) com refrigerante. Conversamos pouco sobre a cadeia e o crime, porque o principal assunto levantado por ele era o dia intenso de trabalho, principalmente o sol da tarde. Fiquei um tempo na esquina, com um grupo de aproximadamente dez homens jovens, eles sorviam misturas e alguns manufaturavam uma bomba de 'ganja' (maconha). Cazu me contou rapidamente que um conhecido do Cadeião já estaria na rua. Pegou quatro meses, bateu na mulher algumas vezes. Fiquei curioso quanto ao que pode ter acontecido no interior do presídio com um homem que agredira a esposa. Cazu apenas relatou que o referido agressor jurava nunca mais querer ver a mulher e que o mesmo fora ameaçado de morte pelo cunhado, assim, vi a possibilidade de também entrevistá-lo inviabilizada.

O trabalho de campo no contexto da rua me fez refletir sobre muitos aspectos da vida cotidiana dos entrevistados. Entretanto, todas as coisas que na rua aconteciam pareciam-me repetitivas demais. Nas vezes em que as condições de

conversa com o sujeito pesquisado são menos tranquilas, como é o caso de emergir no contexto de relação com o seu grupo, procurava 'desencanar' (não me preocupar com o que poderia acontecer) e captar com o gravador (com o consentimento do grupo) quando o assunto da conversa dialogava com meu objeto de pesquisa. Neste ponto em específico, a maneira como eles interpretaram minha posição era como a de 'cientista da quebrada'<sup>7</sup>. Eu sempre tentava especificar, dizendo que era 'geógrafo da quebrada'.

Voltando a observação participante no contexto da rua, sempre me lembrava do episódio com a polícia, do gosto que tinha a ingestão de maconha, da boca seca e das pancadas que levei. Aquela 'cena', nos mesmos lugares de sempre como num ciclo vicioso, me fazia refletir acerca dos riscos durante um trabalho de campo. A possibilidade de ser 'enquadrado' e de que se instalasse a qualquer momento a terceira surra que eu levaria da polícia. Deixar os entrevistados durante uma ou outra noite sem conseguir extrair bons relatos, porém me instigavam a refletir sobre outras formas de estabelecer relação com o grupo de investigados sem correr o risco dos policiais nos enquadrarem novamente ou que me incriminassem indevidamente. Se eles retiraram da viatura certa quantidade de erva e obrigaram os 'enquadrados' a comer, poderiam eles simular um flagrante de porte de substância ilícita ou qualquer outra coisa que eu não desejaria à ninguém. Quais seriam as consequências de um registro policial ou visita à delegacia na vida pessoal e acadêmica? Depois de criticar a tendência interpretativa dos estudos sobre medo e insegurança na Geografia brasileira, me sentia com medo e inseguro.

As possibilidades de realizar o trabalho de campo que resultassem em informações concretas eram poucas, portanto. Os entrevistados se ocupavam durante o dia em trabalhos informais e durante as noites dedicavam-se ao encontro com seus pares, ao *beat box*, ao 'gole' (álcool) e, eventualmente, à outras cenas mais 'cabulosas', tais como o uso de *crack* e até mesmo à conclusão de algum furto ou roubo. A utilização da técnica do grupo focal ocorreu inúmeras vezes enquanto observava a rotação dos copos e garrafas plásticas na elipse do grupo. Honestamente, sorvi muito pouco da bebida alcoólica dos sujeitos investigados. Nos trabalhos de campo na rua, ajudava com a 'intérra'<sup>8</sup>, mas raramente tomava algo.

---

7 Os entrevistados usam o termo 'quebrada' como sinônimo de 'periferia'.

8 Associação financeira com o objetivo de comprar bebida alcoólica ou outras drogas.

Numa vez me senti pressionado a fumar com eles um cigarro de maconha e foi difícil negar, sob o risco de perder a confiança do grupo.

O contexto em que o grupo focal se estabelece em espacialidade do uso de uma técnica de pesquisa qualitativa de maneira flexível pode ser considerada pela comunidade acadêmica como 'alternativa'. Por outro lado, a transcrição de conversas feitas em meio a 'vida louca' dos entrevistados se tornou árduo trabalho, com muito barulho, algumas narrativas que podem ser categorizadas sistematicamente apareciam num ou dois momentos de toda a gravação. A parte boa desse trabalho fora o respeito que adquiri 'só no sapatinho pela quebrada' que quando um assunto surgia, poucos deixavam de se posicionar e falar, o papo se estendia e argumentos variados emergiam ao mesmo tempo. Identificar o sujeito do ato de fala se constituía como tarefa de clique constante.

Um grande desafio no processo investigativo aqui apresentado, sem dúvida, foi adentrar o universo cotidiano de alguns homens jovens egressos. A aproximação realizada revelou a importância da flexibilidade e da posicionalidade para analisar o contexto de produção de um discurso e um vocabulário muito complexos que concilia elementos próprios da rua com a linguagem proferida no espaço carcerário e que exigem diálogo acerca das possibilidades de tradução. Por conseguinte, a reflexão sobre os desafios do trabalho de campo contribuiu para situar meu conhecimento durante o processo investigativo e para a adoção de elementos da observação participante e de conceitos e categorias investigativas ligadas a meu objeto de estudo.

A flexibilidade instituída a partir do diálogo com os grupos que investigo trazem duas vantagens fundamentais na estruturação do trabalho investigativo que subsidia o presente texto, tal como fora apresentado em Rossi (2010, p. 85):

A primeira é a de conceber minha produção científica como uma versão de realidade que se construiu conjuntamente com o grupo estudado. A outra vantagem é a de poder confrontar meus pressupostos teóricos com a realidade empírica investigada e construir de forma sustentada os caminhos estruturantes da pesquisa.

Apesar das dificuldades para a realização de observação participante no contexto da rua, entendo a importância desse trabalho para constituir uma outra versão sobre o cotidiano de homens jovens egressos do sistema carcerário. Mesmo assim, busquei outras alternativas para realização do trabalho de campo. Uma delas

envolvia minha relação com Cazu e que me colocou em contato com outros homens jovens egressos entrevistados a partir de sua casa. Um deles foi Bull, o qual passei a encontrar na rua, num bar da 'quebrada' e também em sua casa. Abaixo segue um trecho de meu diário, que apesar de não representar datas, percorreu algumas páginas que foram dedicadas à este entrevistado:

Bull disse-me que há quatro meses está na rua, e nela, há quem diga: 'A cada dia que passa no gueto é uma surpresa pra ele e pra quebrada'. Ficou guardado por tráfico. Na rua, já vinha 'direitinho' no serviço de entrega numa empresa distribuidora de bebidas. 'É visto que não se trata de qualquer ralé', talvez diga isso a vizinhança do bairro ao olhar suas roupas e carro. No movimento (tráfico de drogas), assim conta a galera na rua, Bull era acostumado a tecer e a usar estratégias de fuga da polícia guiando carros furtados ou estava sob o constante risco de flagrante de posse de uma grande quantidade das substâncias ilícitas que traficava. Mas segundo ele: *"O negócio, agora piá, já que tá na rua, é não ficar 'passando' os 'bagulho', se 'puxar' carro não fica nem um mês 'guardado', tá ligado! Na mesma hora, só esperar o advogado, não tem 'cana' de 'puxar' uns carro, ganho setecentos e cinquenta cada um, três na noite, se marcar... Tem que atravessar a cidade no 'cagaço' pra entregar no desmanche. Correria memo piá, mas não fico aí, 'fudido' por causa de grana."* Mesmo com seu trabalho, Bull aproveitava seus momentos de folga para reincidir na criminalidade. Uma forma de fazer alguns 'adiantos' e melhorar a vida. Sua trajetória sempre fora marcada pela ostentação de roupas de marcas prestigiadas no gueto, além de sua fama de ágil para o arrombamento de veículos. Quando 'guardado' no presídio, a esposa junto de sua filha bem pequena, recebiam ligações quase que diárias, além da saudade, havia pedidos por carteiras de cigarro e provisões as quais não se podia comprar, mas sempre se dava um jeito diante dos murmúrios de Bull e de seu argumento de que largaria a vida de 'correria' e 'movimento'. Só que na rua, as estratégias para exercer o poder de consumo sempre podem mudar. Bull dizia que sempre busca contentar e retribuir a cônjuge com um bolo de notas de reais suficientes para o salão de beleza, roupas e perfumes caros e tudo mais que possa pagar. Os carros que 'passa' e que passam pelas mãos dele através do furto qualificado, tornam-se notas úteis a manutenção de uma vida 'arregada' à sua família, mas que considera insuficientes. Por isso também investe em 'bagulho' para venda. Fala a partir de termos técnicos ao telefone, confirma encontros usando códigos de linguagem só entendidas por usuários, traficantes ou investigadores astutos. Quando vende, a troca da droga pelo dinheiro é sempre rápida: Bull confere as notas e, em troca, dá o envólucro proferindo um apressado 'falô'. Às vezes, quando um cliente quer manter mais tempo de conversa, repete a palavra 'falô' e gesticula para que o outro siga, um modo peculiar e alternativo às frases: 'vaza daqui, vai que vai' que sugerem ao outro partir dali imediatamente. O sistema de entrega se baseia em encontrar o usuário; este entra em seu carro; depois dão uma volta na quadra enquanto a troca se estabelece; logo, o cliente sai e; Bull segue para casa ou para mais uma entrega. Sua regra também implica negociar quantias que variam de um 'galo' para cima (cinquenta reais para mais).

As primeiras conversas e tentativas de entrevistar Bull foram na rua em que morava, quando estava em casa, logo após sair do presídio e quando estava sem trabalho. Por um tempo o encontrava e parecia sempre dizer o mesmo "levantei uma

grana hoje, vou tomar um gole com os camarada e fumar um béqui (maconha)". Das vezes que estive com ele fui alimentando aos poucos a ideia de realizar um grupo focal, gravando a fala dele e de seus amigos. Mas isso se conquista com o tempo e convencer o grupo a falar sobre crime, violência, quebrada e cadeia nunca foi tarefa livre de constrangimentos ou foi de fácil aceitação para quem está envolvido cotidianamente com a criminalidade, como era o caso de Bull e seus amigos.

Acessar o Bull passou por momentos de encontro com ele e seu grupo em três diferentes lugares. No início, ele conversava pouco e somente participava do ritual alcoólico e entorpecente. Numa noite, Bull manufaturava um cigarro de maconha, quando observei luzes vermelhas se aproximando pela esquina, na transversal à rua em que estávamos. Cansado de 'levar geral' em trabalho de campo, de imediato, disse que a polícia estava ali e saí andando seguindo a calçada onde nos encontrávamos, mas ao encontro da rua em que passava o carro da polícia. Nada aconteceu, a polícia não parou. Entretanto, Bull disse-me que fiz tudo errado, que quase chamei a atenção dos policiais. Me justifiquei e disse-lhe que se tratava de um problema de perspectiva. Quando vi o carro, os policiais pareciam não ter visão suficiente para nos ver e desconfiar de algo. Da minha posição, observando o movimento da rua, identifiquei o carro antes mesmo de aparecer aos olhos dos outros, dei alerta aos outros e saí rapidamente: uma perspectiva. Da parte de Bull, que no momento fitava seu próprio trabalho manual, eu deveria ter permanecido parado e esperado a passagem do carro e, assim, não dar conteúdo à atenção dos policiais.

Noutra perspectiva, a jurídica, todos nós estávamos errados. Neste jogo infundável de perspectivas e à imaginar diferentes posicionalidades e conhecimentos situados, portanto, se constroem e reconstroem toda forma de interação através de um dado espaço a partir do diálogo e da observação. Bull situara-se na pesquisa a partir de seu conhecimento sobre o crime. Não devo julgá-lo por isso por que minha posição é de pesquisador e não de agente de aplicação da lei. Me posicionar quanto ao meu conhecimento e identificar os principais limites éticos e morais vinculados à um processo de pesquisa com homens reconhecidos como marginais, contudo, se tornou uma demanda do processo investigativo.

Bull passou a vender maconha logo um mês depois que esteve 'na rua', quando muita gente já tinha anotado seu novo número telefônico. Assim, via que o rolo de notas de dinheiro presas ao elástico e oriundas do tráfico sempre superam o tanto de notas do último carro furtado na última semana, assim como, do trabalho que exercia sem carteira assinada. A nova ascensão de Bull no tráfico varejista decorria de apenas três meses.

Consciente de que não fiz e não faria parte de seu sistema e comunidade moral, que legitimava o furto qualificado e o tráfico de drogas, realizei entrevistas com ele, sempre com o receio de que poderia ser indiciado como cúmplice. Honestamente, neguei guiar carros até o desmanche, propostas que Bull me fez inúmeras vezes. E sinceramente, pensava que era melhor ver meu saldo bancário diminuir o valor da bolsa de estudos rapidamente depois de pagos o aluguel de minha casa e demais contas. Minha posição e conhecimento situavam-me como cientista que não tinha a coragem e volúpia necessárias para a alguma atividade criminosa. Mesmo sabendo pelo próprio Bull que seu rendimento diário ultrapassava dois mil reais depois que passou a traficar *crack* e converteu sua casa em mais uma 'biqueira'<sup>9</sup> de sua 'quebrada'.

O tempo que passei pesquisando nas ruas em locais próximos da casa de alguns de meus entrevistados, provocou transformações nas performances que eu estabelecia enquanto pesquisador. Ao longo do tempo, nas observações e entrevistas que fazia à noite, automaticamente ficava sob o capuz do *moleton*, tal como os homens jovens que acompanha. Passei a fazer movimentos parecidos com os dos grupos que acompanhava diante da passagem de carros suspeitos. Tais transformações no modo como me portava diante do grupo e diante daqueles que observavam este grupo me fizeram refletir sobre o corpo na condução do trabalho de campo.

Longhurst, Ho e Johnston (2008) propõem a utilização do corpo como instrumento de pesquisa, entendendo que a realização do trabalho de campo implica na reflexão sobre o corpo como lugar do ato de fala, das performances, do estranhamento e das emoções. A pesquisa destas geógrafas se deu a partir de trabalhos de campo com um grupo de imigrantes na Nova Zelândia, geralmente

---

9 Bull, assim como muitas pessoas entrevistadas referem-se ao locais em que se vende o crack como 'biqueira'.

realizados em almoços em que eram servidos pratos típicos dos países de origem do grupo por elas estudado. As pesquisadoras relatam suas reações diante de refeições estranhas aos seus cardápios ou perante as performances e corpos dos sujeitos estudados. E enfatizam que a reflexão sobre os corpos de pesquisadores e pesquisados provoca um tipo de deslocamento da posição de pesquisador autônomo e racional para a posição de sujeito que no trabalho de campo também experimenta emoções irracionais. Para as geógrafas o uso do corpo como instrumento de pesquisa revela os mais variados tipos de reações corporais manifestas em gestos, no sentir o cheiro dos corpos dos outros, ou no tom de voz utilizado, como significativas à compreensão da posicionalidade das pessoas que pesquisam diante das que são pesquisadas. Isso devido ao modo como, enquanto pesquisadores, nossas próprias reações corporais, percepções sensoriais e emoções provocam diferentes tipos de sentimentos aos sujeitos investigados, tal como a aversão, desejo, medo, opressão, aceitação e assim por diante.

Ao longo do trabalho de campo, inúmeras vezes me senti desenvolvendo uma experiência corporificada, isto é, onde meu próprio corpo se constituía como significativo na busca pela observação participante e entrevistas em profundidade. Sem dúvida o modo como performativamente constitui relação com o grupo estudado na rua fizeram de meu corpo instrumento de pesquisa, pois ao mesmo tempo em que mudava a performance corporal quando estava no campo me via mais próximo do grupo. Desde a utilização de roupas *streetwear*, a disposição de meu corpo nos locais de parada e a própria movimentação incidiam não simplesmente em me parecer como integrante do grupo, mas como possibilidade de evitar roubos ou algum conflito com pessoas que não me conheciam quando o trabalho de campo acabava. Além disso, ao longo do trabalho de campo e a partir de três abordagens policiais violentas, vestir-me e andar de modo parecido aos sujeitos que investigava prevenia a pressão exercida por policiais pela delação de pessoas com as quais convivi no processo investigativo. Sem essas adaptações não teria conseguido importantes entrevistas com egressos que permanecem ativos na execução de atos ilícitos. O que se constitui demasiado interessante no diálogo acerca do corpo como instrumento de pesquisa envolve a interlocução com o texto de Longhurst, Ho e Johnston (2008), no qual se relata que uma das geógrafas

sentira reações adversas ao experimentar alimentos os quais não estava habituada. Lembro-me de três episódios na adolescência em que ingeri voluntariamente bolo, bolacha e brigadeiro preparados com ‘maconha’ e a diferença de comer a mesma substância, seca, ‘prensada’ e compulsóriamente diante da polícia, é gritante. Além disso, revela como os corpos de pesquisadores podem estar implicados no trabalho de campo com grupos marginais, seja na modificação temporária da digestão depois de ingerir algo estranho, seja nas marcas temporárias que o corpo apresenta após truculenta abordagem policial. Contudo as reações que meu corpo sofrera nestas situações, possibilitaram adquirir a confiança de sujeitos que não se mostravam dispostos a colaborar com minha pesquisa no início do trabalho de campo. Desta forma, meu corpo incidiu de forma significativa sobre a relação com o grupo estudado e as estratégias que passei a adotar para não prejudicá-lo, tampouco me prejudicar através do contato com terceiros e com a polícia.

As experiências que tive na relação com Bull enquanto pesquisador também me revelaram que no processo investigativo acabei por colocar-me várias vezes em risco de apreensão policial como cúmplice, se assim fosse interpretada a minha convivência com dados membros do grupo investigado durante a trajetória de pesquisa. Ainda que fosse até a casa de Bull para a realização de entrevistas, o mesmo sempre estava ocupado com algo vinculado ao tráfico de drogas ou transporte de veículos furtados. Ou seja, me sentia como sujeito a algo arriscado e passei a enxergar Bull como aquele que poderia me levar, até mesmo sem querer, à um mal caminho.

Na medida em que as reflexões sobre minha atuação como pesquisador em relação com pessoas que infringem a lei me causavam angústia e mobilizavam novas estratégias que se relacionavam a especular o quanto fosse os contatos para saber se tinham deixado de exercer atividades criminosas ou se não estavam sob ameaça de morte. Acabei me dirigindo, juntamente com um pesquisador iniciante, o Dimas, até a Casa da Acolhida em Ponta Grossa, onde sabíamos da presença constante de pessoas recém egressas da prisão. Lá foi possível realizar um entrevista sob a aceitação e supervisão da assistente social responsável pela organização daquela instituição. Também recorri a trabalhadores de uma cooperativa chamada Astrama localizada em frente à casa da Acolhida e que costuma empregar

trabalhadores também egressos. Outra alternativa à realização de entrevistas foi conectar-me a uma pessoa, que conhecia outra e, assim por diante, e que me possibilitaram entrevistar dois homens jovens egressos e pertencentes a comunidade universitária.

A adoção combinada de modelos de investigação de grupos e a experimentação de práticas de campo no âmbito da pesquisa em Geografia Social e Cultural pareceu-me sempre mais instigante e rica do que a busca por consolidar teoricamente a afiliação a um único método de prática de campo. Assim, quando era indagado sobre estar ou não realizando observação participante, etnometodologia ou aplicando a técnica da 'bola de neve', concentrava na resposta a afirmação de que a exibição do processo de coleta de dados, do contato com o grupo focal e do contexto da realização de entrevistas em profundidade era mais importante do que qualquer definição programática. Contudo, todos os questionamentos sobre a observação participante, prática de campo, assim como aqueles relacionados as escalas de análise mobilizaram minha reflexão sobre a pertinência deste debate.

A exploração do conteúdo presente no diário de campo contribui ao entendimento da posicionalidade do pesquisador participante. Ainda que na presente seção nem todas as notas do diário tenham sido contempladas, elas servem de subsídio à defesa de uma metodologia voltada ao estudo de grupos marginalizados que dialoguem com a realidade espacial em que vivem.

O exercício da flexibilidade mobilizado pela observação participante no trabalho de campo contribuiu para perceber que os homens jovens investigados, e o homem que investiga, são providos de fraquezas, medos, inseguranças e estão submetidos pelo devir cotidiano a erupção de ações e reações ligadas a emoção, aspectos geralmente vinculados a uma representação hegemônica atribuída às mulheres. Ao mesmo tempo produzem estratégias de solidariedade, atribuem significados à lealdade, a agressividade e a honra vinculados a representação hegemônica estabelecida sobre o ser homem.

Construir o presente objeto de estudo geográfico implicou pensar em questões atinentes a posicionalidade dos sujeitos envolvidos no processo investigativo e a flexibilidade que acompanha a atividade cotidiana de pesquisa. Cosgrove (2004) ensina que a geografia está em toda parte. Logo, o fazer

geográfico pode estar em toda parte ligado a atividade reflexiva em torno da relação do sujeito com seu objeto, da pessoa que investiga com o grupo investigado.

A partir da realização do trabalho de campo que subsidia a presente pesquisa, me posicionei em relação a ele como parte de um processo isostático<sup>10</sup>. Isto é, realizar um trabalho de campo em relação de observação ou de participação em dado grupo se assemelha com o pisar numa plataforma de sustentação, que nesse caso é pautada pelo trabalho empírico. Na medida em que piso na plataforma ela se move, como se sentisse o peso de minha caminhada, como também a sentem as pessoas que a ocupam. Como é praxe nas periferias estudadas, o trabalho de campo também envolve a arte de saber entrar, de permanecer ali no 'sapatinho'<sup>11</sup> e saber sair. O contato com a plataforma de sustentação empírica da pesquisa e a flexibilidade que a permeia e a sucede, certamente, transforma o modo como o sujeito que pesquisa compreende seu objeto de estudo. Ao mesmo tempo, as performances corporais que passaram a ser por mim adotadas, como também, a reflexão sobre o corpo como instrumento de pesquisa, demonstraram as transformações no âmbito das performances exercidas e das emoções sentidas no processo investigativo, em especial, ligadas ao espaço tempo da relação entre pesquisador e pesquisados.

A pesquisa exploratória de campo mostrou que o cotidiano dos homens jovens investigados com adição de suas experiências na prisão envolve uma complexidade incapaz de ser compreendida de modo coerente a partir do modelo de análise construído com base na reflexão acerca dos territórios instituídos na vida cotidiana pelo espaço. Além disso, mobilizou a reconfiguração de minhas questões investigativas e das possibilidades de operacionalização de conceitos e, principalmente, na construção de uma metodologia de análise de conteúdo da narrativa do grupo que superasse os obstáculos trazidos pelo trabalho de campo e a transcrição das falas aleatórias e de entrevistas.

A triangulação da observação participante e realização de entrevistas em profundidade, apesar de configurar a alternativa encontrada para me relacionar com o grupo estudado, como também, os próprios desafios desta relação, implicaram

---

10 Isostasia é o equilíbrio relativo dos diversos compartimentos de uma superfície e que têm diferentes densidades. O conceito é utilizado para o estudo da composição entre diferentes densidades das placas tectônicas e o manto.

11 'Sapatinho' é um termo utilizado nas periferias para fazer referência a humildade e cuidado.

uma série de dificuldades ligadas à gravação e ao registro de suas falas. O que resultou num conjunto discursivo muito fragmentado e cujos eixos de discussão, geralmente, não mantinham continuidade na condução da narrativa. Diante do resultado obtido no trabalho de campo, a metodologia equanto parte do processo de construção do objeto de estudo possibilitou reorganizar a trajetória de pesquisa e trouxe maior complexidade para a análise. A próxima seção terá a tarefa de apresentar os desafios metodológicos e as alternativas e procedimentos executados na análise qualitativa dos dados.

### **3. Fabricando sentido: as palavras dos investigados na análise qualitativa dos dados**

As dificuldades surgidas na reimersão no antigo recorte espacial e aquelas derivadas da relação com os grupos de observação participante resultaram em conteúdo discursivo complexo e aparentemente desorganizado. As estratégias mobilizadas na observação participante e na realização de entrevistas em profundidade influenciaram na recondução do trabalho de campo. Por conseguinte, os resultados desse trabalho de campo também implicaram em desafios metodológicos que são apresentadas na terceira seção deste capítulo.

Um grande desafio deste trabalho, além dos já mencionados sobre observação participante e a relação enquanto pesquisador com os investigados, foi dar sentido científico e analítico à todo um conjunto variado de informações e discursos que, ora foram obtidos a partir de entrevistas, ora, foram captados sem que a condução do diálogo fosse mediada pelo roteiro de entrevista ou pelo fio condutor que ele enseja.

Esta seção cumprirá o objetivo de apresentar os meandros desse desafio e se volta à apresentação e discussão da metodologia qualitativa de análise de conteúdo, notadamente, envolvendo a frequência e a relação de e entre palavras significativas presentes na transcrição de entrevistas e falas. A frequência e a relação das palavras balizaram a definição de categorias de análise através da reflexão sobre complexas redes que formam e dão visibilidade às principais tendências de sentido e ao próprio modo como se estrutura o discurso dos entrevistados.

Considerando os conhecimentos e espaços vivenciados e produzidos pelos entrevistados, a linguagem é fundamental componente, não somente enquanto

significado, mas como significante, pois além de expressar sentido sobre o mundo, ajuda a produzi-lo. De acordo com a análise de Butler (2004) sobre a relação entre linguagem, poder e identidade, a linguagem se institui num processo em que há não somente nomeações ou feridas causadas aos sujeitos, mas contraditoriamente, a possibilidade de existência social dos mesmos. Para a autora, a linguagem, enquanto dispositivo pelo qual o poder é exercido é fundamental à posicionalidade dos sujeitos e instituição de identidades, e além disso, pode ser mobilizada também com o intuito de fazer frente ao discurso que oprime e estigmatiza. É nesse sentido que a análise da linguagem dos sujeitos investigados compõe um tipo de contraversão sobre as experiências dos homens jovens pelo espaço carcerário e, ao mesmo tempo, como fonte ou matéria para construção interpretativa do objeto de estudo. Todavia, percorrer um caminho como este demandou a utilização de técnicas para a sistematização e análise do conteúdo que a linguagem do grupo comporta.

Aconteceram por diversas vezes de um conteúdo discursivo emergir como relevante para desenvolver respostas para minhas questões investigativas em contextos de conversa fora do âmbito formal de uma entrevista, mas com uso deliberado e permitido de gravador e orientando-me pela abordagem da flexibilidade estruturada para a produção dos dados da pesquisa. Entretanto, o resultado final da combinação entre conjuntos discursivos referentes a dois contextos distintos de ato de fala, para o documento de transcrição, foi que o seu conteúdo aparentava um certo grau de desorganização textual e imprimia dificuldade para se encontrar eixos demarcados de assuntos, algo comumente facilitado em entrevistas semiestruturadas. Isso demandaria um exercício árduo de leitura e marcações de agrupamentos e formatação de unidades do texto para cada assunto pertinente à reflexão sobre as questões formuladas no início do processo investigativo.

Os avanços e retrocessos próprios do trabalho de campo possibilitaram resultados de entrevistas e registros desorganizados do ponto de vista de um roteiro tradicional de pesquisa, em realidade, a perspectiva de realizar questões de modo ordenado e linear foram colocadas em xeque.

Além da dificuldade de realizar um trabalho analógico, de leitura e marcações de assuntos, temas, evocações e enunciações no texto da transcrição de entrevistas

e falas, os relatos desestruturados e que apresentavam um movimento semântico que, à vista do pesquisador que carrega vícios de 'organização', 'racionalidade' e 'previsibilidade', geraram um grande desafio à metodologia qualitativa enquanto etapa importante da concepção do objeto de estudo.

A metodologia como processo significativo à construção do objeto de estudo e da sistematização e apresentação de resultados de pesquisa contou com uso de ferramentas informacionais voltadas a pesquisa qualitativa que facilitaram a busca de palavras-chave para minha análise e, ainda, demonstraram sua intensidade e relacionalidade.

Iniciei o trabalho de sistematização dos dados obtidos em entrevistas em profundidade e gravações aleatórias da observação participante a partir de um arquivo de texto contendo a totalidade do conteúdo discursivo da pesquisa, que compreende um total de 113 páginas (mais de 50 mil palavras) de transcrição de falas de 10 pessoas entrevistadas. Este documento constituiu a fonte da análise empreendida sobre as complexas redes de palavras como metodologia de análise qualitativa com a utilização de softwares livres a esta relacionados.

As ferramentas computacionais utilizadas operam procedimentos que contemplam a análise de conteúdo, que conforme propõe Bardin (1995), tem como intenção: "inferência de conteúdos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)." (p. 38). Ou seja, na análise de conteúdo o que se busca é tomar partido através do tratamento de informações que, manipuladas pelo pesquisador, objetivam inferir conhecimentos acerca das pessoas pesquisadas e de seus espaços de experiências.

Ao invés de me utilizar de procedimentos convencionais para refletir sobre a complexa linguagem instituída pelo grupo através da contagem e identificação de palavras, evocações e enunciações mais observadas no texto, e realizar inferências a partir disso, minha fonte exigiu o uso de ferramentas computacionais livres que pudessem representar graficamente a nitidez e os contrastes da complexa relação entre palavras e os sentidos que tomam no conjunto discursivo. Tais ferramentas seguem em plena utilização por pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) sob a entusiasta e propositiva coordenação do

historiador Edson Armando Silva. O estudo de Campos (2016) sobre as mulheres vítimas de violência sexual e o de Pinto (2014) sobre gênero e a produtividade acadêmica, são importantes referenciais dessa metodologia de análise qualitativa difundida na Geografia brasileira e produzida pelo Grupo de Estudos Territoriais. A busca do GETE em utilizar diferentes softwares livres capazes de fazer com que as tendências de sentido encontradas na relação entre palavras ditas em entrevistas sejam melhor visualizadas, tem se demonstrado como fundamental à novas reflexões e sobre os rumos que as pesquisas podem tomar e, também por isso, tornou-se instigante, preciosa e propositiva ao presente estudo.

Silva e Silva (2016) afirmam que o uso de ferramentas informacionais livres proporcionam certas vantagens à análise qualitativa, pois além de permitirem a percepção de tendências de sentido num grande corpo documental, minimizam a demanda pela intervenção manual do pesquisador, aumentando assim sua produtividade e capacidade para refletir e melhor trilhar no processo de sistematização dos dados da pesquisa. Em artigo, apresentam como possibilidade o uso de softwares livres que articulam procedimentos quantitativos e qualitativos e que ampliam a capacidade de analisar os aspectos de uma documentação ou transcrição de entrevistas, considerando como necessária à análise de conteúdo, confrontar o resultado do uso das ferramentas com o contexto de produção dos dados.

Dentre os principais eixos desta metodologia qualitativa que também é aqui empregada, está a construção de redes ou grafos. Grafos são formados por 'nós', que no caso em estudo, são as palavras mais significativas dentro do corpo discursivo e, pelas 'arestas', representadas pelas frases que ligam as palavras umas às outras. A rede resulta, portanto, de uma relação binária compreendida enquanto 'aresta' e definida pela conexão entre dois 'nós'. Na presente tese, a relação binária fundamental à construção de uma rede envolve a relação entre palavras que compõem diferentes frases. Como já apontaram Silva e Silva (2016, p. 136): "Tomar a frase como unidade onde as conexões serão criadas nos parece mais coerente com a estrutura natural de produção do sentido em um discurso".

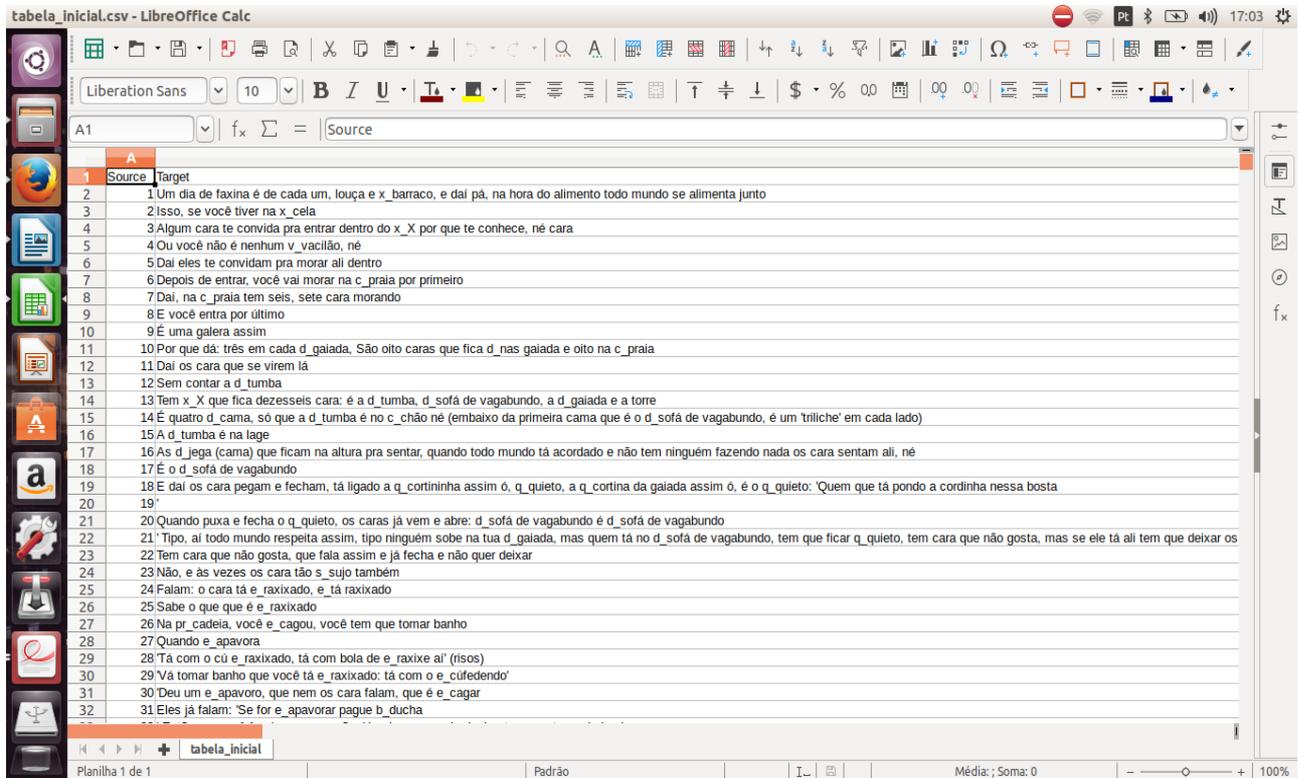
Inicialmente, realizei um trabalho de preparação dos dados com o uso de um processador de textos e de planilha eletrônica pertencentes ao pacote 'LibreOffice'<sup>12</sup> (*Writer* e *Calc*), no qual pude identificar a necessidade de diferenciar palavras iguais em morfologia, mas distintas em significação. Devido minha fonte apresentar uma grande variedade de palavras identificadas como gírias, sendo que algumas criam falsos cognatos sob o ponto de vista da língua portuguesa brasileira, antes de executar os procedimentos próprios das ferramentas informacionais, recorri a leitura e ao exercício de 'desambiguação' das palavras, isto é, àquelas palavras que apresentavam a mesma morfologia, porém ambiguidade de significados, foram adicionados códigos que as identificam de acordo com o significado atribuído pelo grupo emissor do discurso. Por exemplo, a palavra 'rua' para muitos dos entrevistados não remete apenas ao espaço público ou à um logradouro, mas de acordo com o contexto em que é empregada, também se refere ao período de liberdade, quando o entrevistado não vive no espaço carcerário. Para que esse significado não se perdesse no processo de tratamento das informações, quando a palavra 'rua' expressava 'liberdade', foi esta demarcada como 'lb\_ rua'. O mesmo procedimento foi utilizado com outras palavras que serão observadas na continuidade do texto.

Posteriormente a 'desambiguação', a preparação dos dados seguiu com a utilização do comando de 'localizar e substituir' para identificar 'pontos' e substituí-los por 'ponto e parágrafo' com o mero intuito de situar cada frase da transcrição num parágrafo distinto. Em seguida, o texto foi transformado numa tabela contendo uma coluna voltada à identificação da frase e, outra, com a frase propriamente dita. A tabela, em seguida, foi copiada e colada numa planilha (*LibreOffice Calc*), sobre a qual, uma nova coluna foi criada e demarcada com o recurso de autonumeração. Este recurso possibilita que cada frase tenha um número de identificação que corresponda a linha em que está situada no documento da fonte. A figura a seguir exemplifica a configuração da planilha.

---

12 THE DOCUMENT FOUNDATION. LibreOffice, [s.l.: 4.3.], 2014..

Figura 1: Interface gráfica do LibreOffice Calc na preparação de arquivo



Screenshot realizada por Rodrigo Rossi.

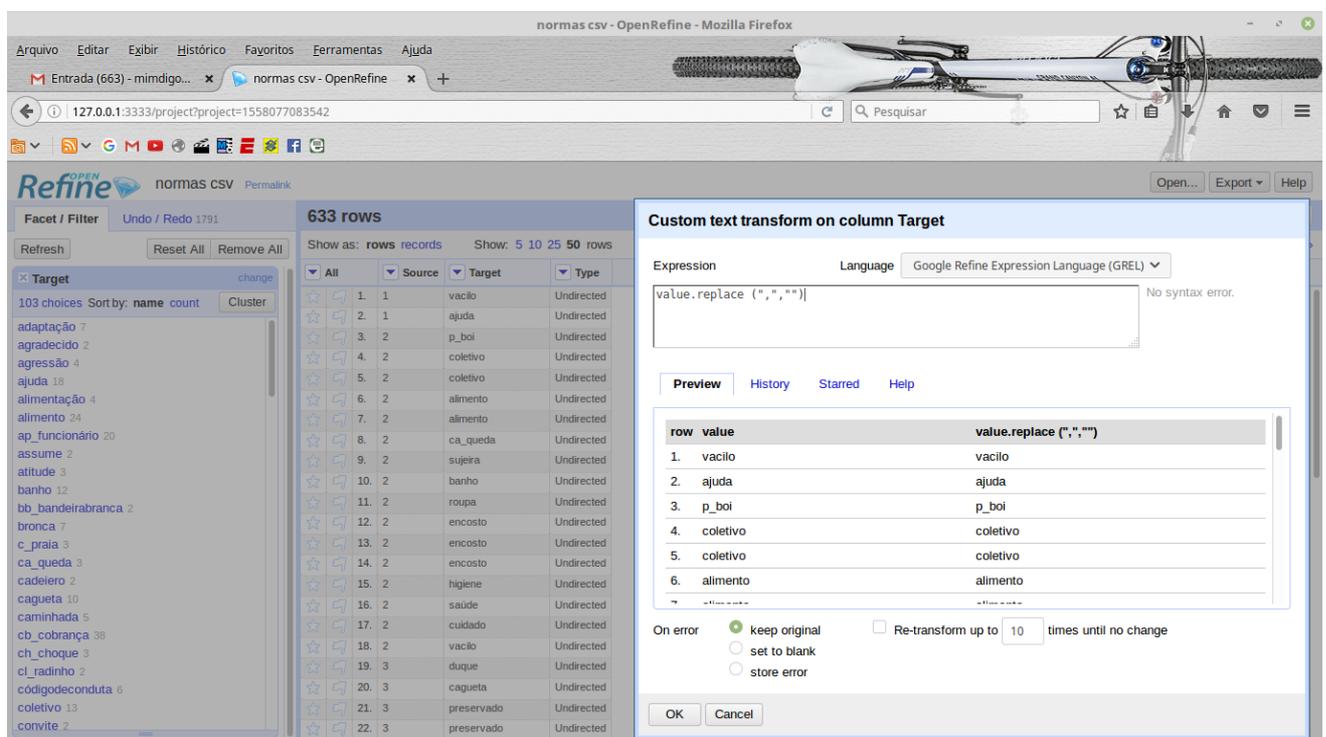
Depois disso, a planilha foi exportada para utilização no software *OpenRefine*<sup>13</sup> na continuidade dos procedimentos de preparação dos dados visando a elaboração de uma rede e articulação entre redes semânticas e análise categorial. O *OpenRefine* tem como objetivo organizar e padronizar dados em uma tabela ou banco de dados e serviu para selecionar os campos de uma planilha, padronizar termos e eliminar palavras que perdem sentido quando observadas fora do contexto de uma frase.

As *strings* (sequências de caracteres), ou palavras, 'Cadeia' e 'cadeia' tem o mesmo significado, embora uma se apresente na forma minúscula e a outra na forma maiúscula. Assim como elas, 'detento' e 'detento.' (note o ponto no final da *string*) são termos compreendidos enquanto diferentes pelo software e essa identificação ocorrerá sempre que se apresente ínfima desigualdade de caracteres. Por isso, uma das tarefas executadas com o '*OpenRefine*' foi a de extrair símbolos de pontuação, aspas, etc., e substituir as letras maiúsculas por minúsculas para que não houvessem eventuais erros de interpretação na coluna referente as frases. Para

13 HUYNH, David. *OpenRefine*. [s.l.]: Open Source Community, 2014. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/OpenRefine>>

eliminação dos símbolos de pontuação e aspas, foi utilizado o comando *'value.replace'* seguido de *'(",", " ")'*. Isto é, foi demandado ao software substituir as 'vírgulas' por 'nada', do mesmo modo, fosse escrito "." (ponto), "?", "!", etc., seria suprimido o símbolo correspondente. O comando utilizado para transformar todas as palavras para a forma minúscula foi *'Target > Edit Cells > Common Transforms > To lowercase'*.

Figura 2: Interface gráfica do OpenRefine na execução de um comando



Screenshot realizada por Rodrigo Rossi

Em seguida, o comando *'Target > Edit Cells > Split Multivalued Cells'* foi usado para dividir as frases em palavras. Em outras palavras, com este comando o software situou cada *string* com espaço de separação numa linha específica da planilha (ver a coluna *target* no centro da figura disposta acima).

Para estabelecer a relação binária que ligasse as palavras às frases das quais são componentes, passo fundamental para a elaboração de uma rede, recorreu-se ao comando *'Source > Edit Cells > Fill Down'*. Desse modo, conferiu-se a cada palavra um número para identificação da frase em que está situada, como pode ser exemplificado a partir da tabela abaixo.

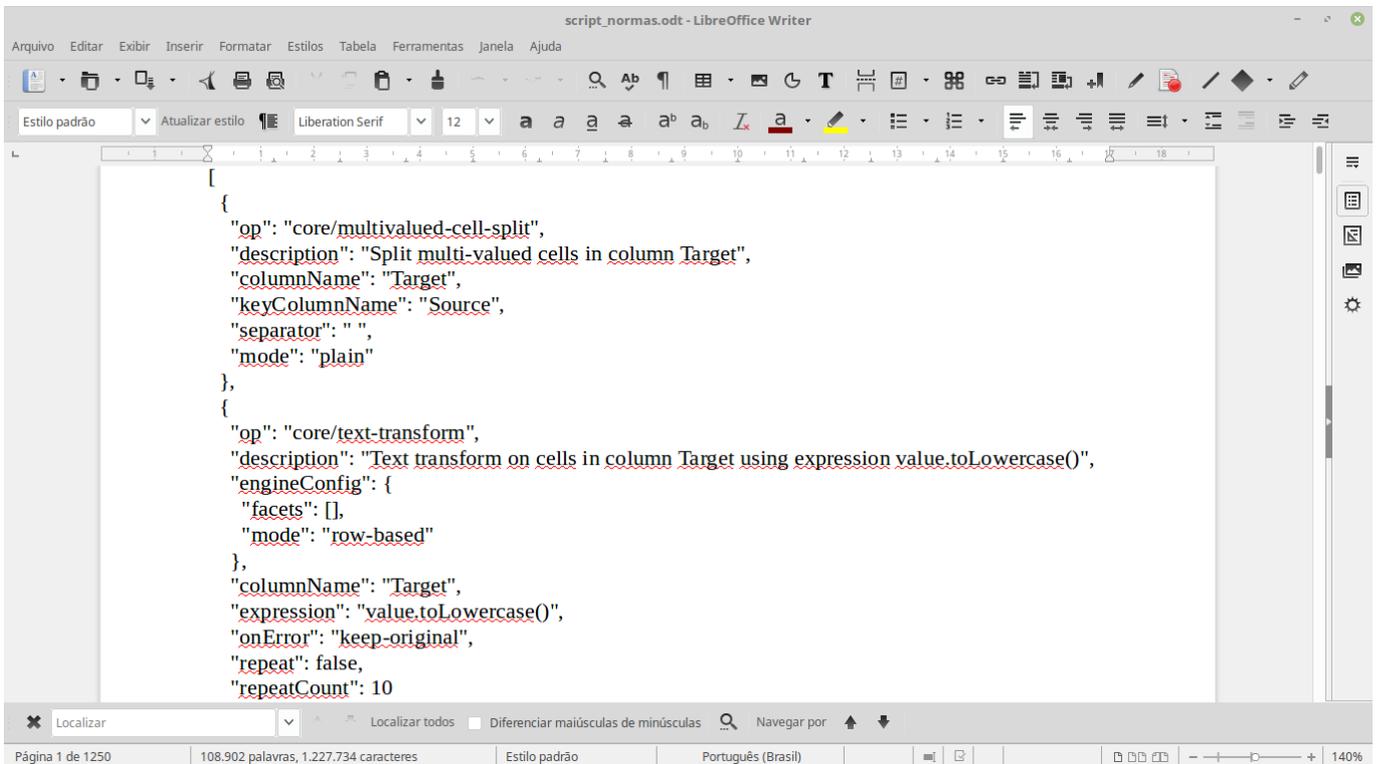
Figura 3: Exemplo de tabela de frases e palavras

Identificação da Frase	Palavra
1	faxina
1	cela
1	galeria
2	detento
2	funcionário
2	homicídio
2	rebelião
3	cobrança
3	convívio
3	banho
3	corpo

Organização: Rodrigo Rossi

Com a relação binária estabelecida a partir de frases e palavras, à elaboração de redes de sentido presentes no texto só necessitava de uma padronização dos termos sinônimos ou que compartilhavam de um mesmo radical (exemplo: trabalho, trabalhar) e da exclusão de palavras que não demonstravam relevância à análise, como “eu”, “o”, “a”, “também”, “né” e assim por diante. Geralmente, as conjunções, preposições, os advérbios, pronomes, e artigos não revelam significado quando observadas isoladamente e fora do contexto da frase. Sendo assim, tornam-se irrelevantes para a elaboração da rede. Tais palavras são denominadas como ‘*stopwords*’ e foram excluídas da tabela a partir de uma lista modelo obtida na *web*<sup>14</sup> e, de maneira complementar, com a exclusão manual através do comando ‘*Facet > Text Facet*’. Embora a eliminação das *stopwords* seja trabalho cansativo e manual de constantes cliques, ele é realizado uma única vez, pois o *OpenRefine* possibilita a extração e aplicação de *Scripts* na aba “*Undo/Redo*”. *Script* é um arquivo de registro de cada operação realizada na tabela ou banco de dados e que tem o formato JSON (*JavaScript Object Notation*). Eliminar *stopwords* e padronizar sinônimos ou palavras com mesmo radical, entre outros comandos, podem ser gravados num arquivo *script*, podendo este ser aplicado em quaisquer planilhas de palavras e arquivos importados e manipulados com o software *OpenRefine*.

14 Vários modelos de listas de *stopwords* podem ser obtidos na web, nesse estudo foi utilizada a seguinte: <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stop.txt> . Consulta realizada em 12/11/2016.

Figura 4: Exemplo de arquivo *Script*

Screenshot realizada por Rodrigo Rossi

Para padronizar os termos que compartilham de um mesmo sentido ou radical, foi experimentado o processo de ‘radicalização’ (*stemming*), que promove o agrupamento de palavras que diferem em sufixos, como são os casos de ‘o’ e ‘a’ para indicar gênero, ‘s’ para o plural, ‘inho’ para diminutivo, entre outros. Também ocorre que expressões que representam a mesma realidade, tal como ‘criminoso’ e ‘bandido’, podem ser padronizadas, optando-se pela utilização de uma ou outra e, com isso, evitando que palavras com o mesmo significado sejam reconhecidas como diferentes pelo *OpenRefine*, ou ainda, como ‘nós’ distintos pelo *software* utilizado para a elaboração da rede. Esses procedimentos de padronização puderam ser efetivados através de dois comandos, o ‘*Facet>Text Facet*’ e algoritmos disponíveis na opção ‘*cluster*’.

Realizada a padronização e total preparação dos dados no *LibreOffice* (texto planilha) e *OpenRefine*, o arquivo resultante foi exportado sob o formato *.csv* (*Comma-separated Values*) e seguiu sendo utilizado e lido pelo *software Gephi*, na continuidade dos demais procedimentos.

Para Marquez *et al.*, o *Gephi*:

É uma plataforma *open source* para a visualização e manipulação de grafos dinâmicos e hierárquicos, incluindo todos os tipos de redes e sistemas complexos. (...) Sua principal função é servir como método de análise de dados, elaboração de hipóteses, descoberta de padrões sociais e de comportamento e isolamento de estruturas importantes dentro de redes hierarquizadas. Também é largamente utilizado na visualização de redes de relações entre indivíduos e dos conteúdos que (re)produzem, tornando-se uma ferramenta poderosa para pesquisas de opinião e no campo da cibercultura.

Como software voltado à análise de redes, o *Gephi* tem sido aplicado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento científico. Na Sociologia política, Horochovski *et al.* (2016), utilizaram da análise de redes com o *Gephi* para compreender a interessante e reveladora relação entre financiadores de campanhas eleitorais e a contratação de bens e serviços em Curitiba, dentre outros estudos sobre redes que conectam financiadores eleitorais e partidos políticos. Na comunicação social para compreender a difusão de opiniões, conceitos e ideias, o *Gephi* também tem sido utilizado e contribuído para importantes análises das redes de palavras difundidas através das redes sociais e que tratam de episódios e/ou embates políticos e ideológicos de nossa contemporaneidade brasileira. Um dos principais polos de publicação dessas análises de redes sociais e cibercultura é o site do Grupo LABIC<sup>15</sup>. Até mesmo na biologia para a compreensão da dispersão de epidemias e endemias e, na física, para a entendimento sobre padrões estatísticos e estruturas sociais, a análise de redes com a utilização do *Gephi* tem se estabelecido.

A análise de rede, de acordo com Silva e Silva (2016),

toma a realidade a partir de suas relações, e a partir delas podemos calcular centralidades, densidade, estruturação em comunidades, etc. Ao tomar o discurso considerando a relação entre as palavras, a análise de redes poderá revelar as tendências de sentido produzidas em um conjunto discursivo. (p. 140).

Foi com esse objetivo que o *software Gephi* foi utilizado no desenvolvimento da presente pesquisa, de demonstrar as redes de relações estabelecidas entre as palavras e para identificação de tendências de sentido, considerando o complexo conteúdo expresso pela fonte construída a partir de entrevistas e falas do grupo investigado.

---

15 Para busca e conhecimento sobre análise de redes na área da comunicação social o site [www.labic.net](http://www.labic.net) do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura, do Departamento de comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) configura como um meio de publicação regular de análises de rede a partir do conteúdo discursivo presente na *web*.

A primeira operação realizada para criação de uma rede no *Gephi* foi a de importação da planilha resultante de preparação dos dados no *OpenRefine*. Cabe alertar que é imprescindível que as colunas da planilha estejam nomeadas conforme o padrão do *Gephi*. Desta forma, a primeira coluna que corresponde a identificação de frases foi renomeada para ‘*Source*’, a que contém as palavras, recebeu o nome de ‘*Target*’ e, por último, foi acrescentada uma nova coluna chamada ‘*Type*’, cujas células foram preenchidas com o valor ‘*Undirected*’ que estabelece o tipo de relação entre os nós da rede. Como o grafo é um par ordenado que relaciona um nó ou vértice a um conjunto de arestas, as arestas podem ser direcionadas ou não, isto é, podem ou não ter direção preestabelecida. No caso deste estudo, a rede foi definida pelo valor ‘*Undirected*’ por não apresentar direção *a priori*. A figura abaixo exemplifica a configuração da tabela de arestas:

Figura 5: Exemplo de tabela de ‘arestas’

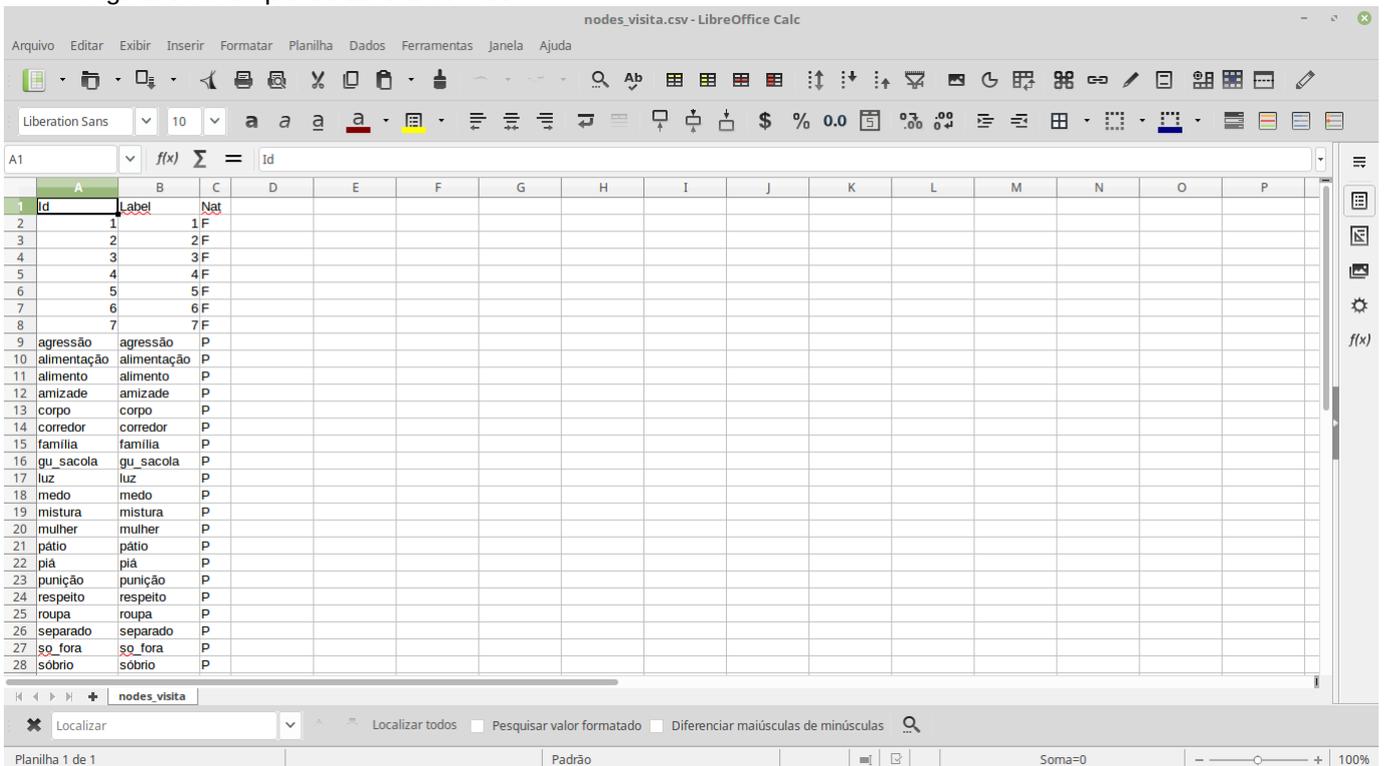
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
1	Source	Target	Type													
2	1 relaxado		Undirected													
3	1 fundamental		Undirected													
4	1 cuidado		Undirected													
5	1 costume		Undirected													
6	1 higiene		Undirected													
7	1 saúde		Undirected													
8	1 encosto		Undirected													
9	1 roupa		Undirected													
10	1 encosto		Undirected													
11	1 d_jega		Undirected													
12	1 d_jega		Undirected													
13	1 pa_irmão		Undirected													
14	1 cumbuca		Undirected													
15	1 alimento		Undirected													
16	1 x		Undirected													
17	1 licença		Undirected													
18	1 sujeira		Undirected													
19	1 sujeira		Undirected													
20	1 x		Undirected													
21	1 limpeza		Undirected													
22	1 p_boi		Undirected													
23	1 limpeza		Undirected													
24	1 cb_cobrança		Undirected													
25	1 detento		Undirected													
26	1 manutenção		Undirected													
27	1 organização		Undirected													
28	1 saúde		Undirected													

Screenhot realizada por Rodrigo Rossi.

Ao importar uma tabela de arestas para utilização no *Gephi* também é importante ativar a opção “criar nós automaticamente”, possibilitando que o software extraia os nós a partir da relação entre arestas. Tal procedimento cria automaticamente uma tabela de nós. Entretanto, para obter êxito na construção de

uma rede através da conexão entre palavras e frases, é necessário acrescentar a informação sobre o tipo de nó correspondente e sua função na rede. Assim, a tabela de 'nós' criada automaticamente foi exportada e manipulada com a adição de uma nova coluna que representa a natureza (Nat) do nó. A coluna 'Nat' foi preenchida com a letra 'F' para identificar as frases e 'P' para identificar palavras. A configuração típica dessa tabela de 'nós' pode ser melhor observada a partir da figura abaixo.

Figura 6: Exemplo de tabela de 'nós'



The screenshot shows a spreadsheet with the following data:

Id	Label	Nat
1	1	1F
2	2	2F
3	3	3F
4	4	4F
5	5	5F
6	6	6F
7	7	7F
8		
9	agressão	agressão P
10	alimentação	alimentação P
11	alimento	alimento P
12	amizade	amizade P
13	corpo	corpo P
14	corredor	corredor P
15	familia	familia P
16	gu_sacola	gu_sacola P
17	luz	luz P
18	medo	medo P
19	mistura	mistura P
20	mulher	mulher P
21	pátio	pátio P
22	plá	plá P
23	punição	punição P
24	respeito	respeito P
25	roupa	roupa P
26	separado	separado P
27	so_fora	so_fora P
28	sóbrio	sóbrio P

Screenchot realizada por Rodrigo Rossi.

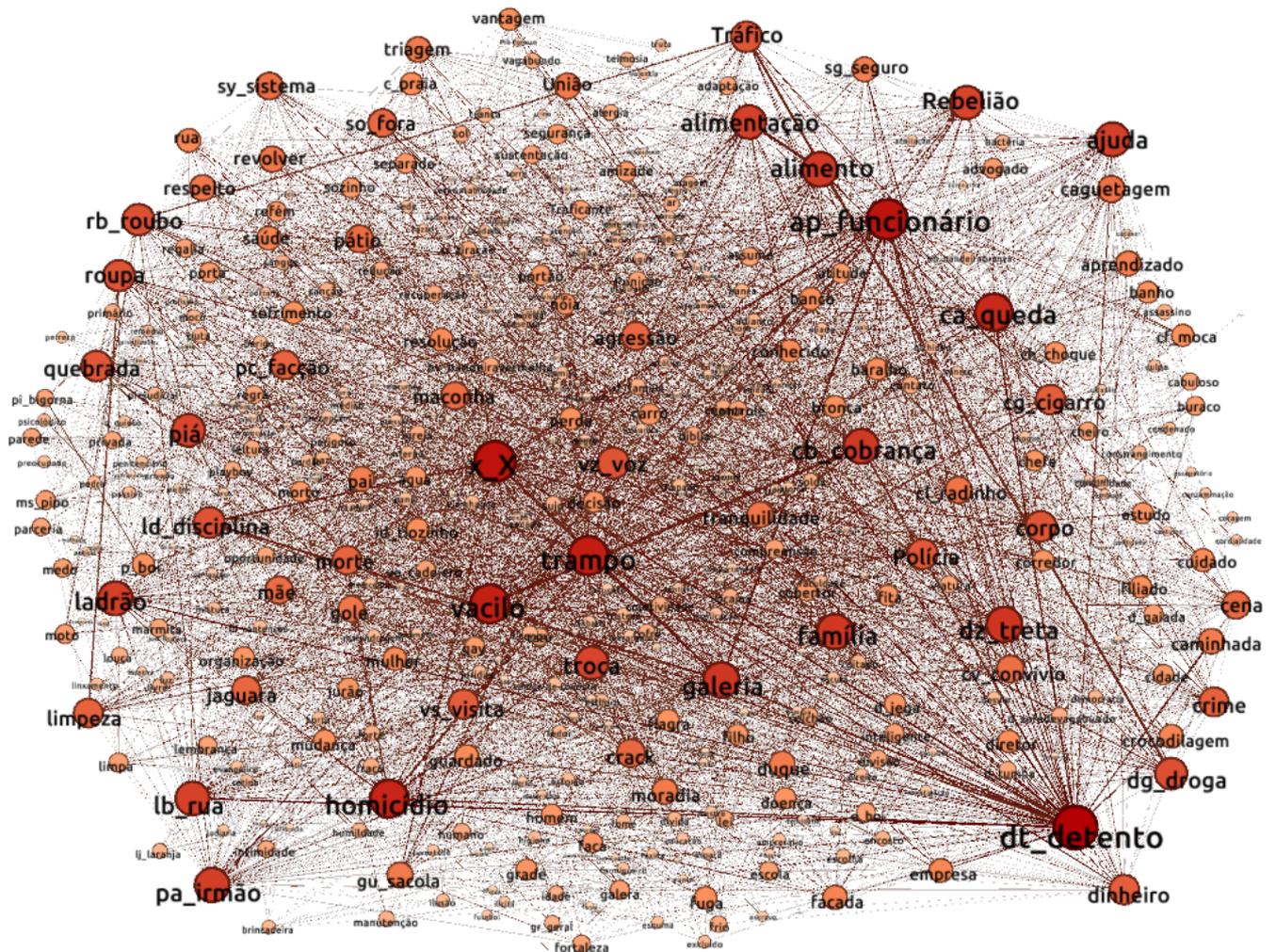
Ao importar a tabela de 'nós' ao laboratório de dados do *Gephi* é importante manter desativada a opção 'forçar os nós a serem criados como novos', pois isso possibilita que o *software* preencha os campos faltantes sem criar novos 'nós', o que mantém a consistência entre as tabelas de 'nós' e 'arestas' importadas.

Como sugerido por Silva e Silva (2016), na utilização dos procedimentos de análise qualitativa a partir das redes com o uso do *Gephi*, optei por construir uma rede monopartida (*one mode*) com base na relação Palavra-Palavra. Para isso, utilizei o *plugin* 'Multimode Networks Transformation' elaborado por Jaroslav Kuchar<sup>16</sup>, que possibilita a criação de redes que apresentam topologia de um grafo e,

16 KUCHAR, Jaroslav. Multimode Networks plugin for Gephi. [s.l.]: Open Source Community, 2014.

ao mesmo tempo, representam graficamente as tendências de sentido presentes num texto. Na prática, a utilização do *plugin* para essa finalidade consiste em ‘carregar os atributos’ das tabelas de ‘nós’ e ‘arestas’, demarcando o tipo de atributo como ‘Nat’, suas matrizes na respectiva ordem ‘P-F, F-P’ e, por fim, ativando as opções de remoção de ‘nós’ e ‘arestas’. O primeiro resultado desse procedimento foi a criação de uma rede de palavras que corresponde a totalidade de *strings* presentes no arquivo preparado na plataforma do *OpenRefine*.

Figura 7: Rede de Palavras - Frequência e Relação



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

A figura acima exemplifica o cenário caótico de relação entre palavras obtido na criação da primeira rede. A rede geral de palavras contém 490 ‘nós’ e 4705 ‘arestas’. De fato, uma vasta rede e, justamente, devido ao grande volume de

palavras o grafo dá visibilidade somente àquelas que constituem polos de maior frequência e maior intensidade de relação com as demais.

Os grafos obtidos na formatação da rede geral de palavras possibilitaram identificar a frequência de determinadas palavras e as relações que estabelecem entre si no conjunto discursivo. Todavia, como primeiro resultado do trabalho com o *software Gephi*, os grafos apresentados demonstraram um cenário caótico e que ainda demandava lapidação no sentido de evidenciar os principais polos ou palavras de centralidade, as relações mais importantes entre palavras e, assim, melhor subsidiar o exercício de categorização.

Cabe aqui informar que a dimensão dos círculos que representam os nós da rede é dependente do tipo de cálculo matemático dentre os vários algoritmos estatísticos que o Gephi oferece. No caso das redes elaboradas no presente estudo, o algoritmo estatístico escolhido foi o 'grau ponderado' (*Weighted Degree*), por entender que esse cálculo é realizado sobre a quantidade de arestas ligadas a cada palavra. Ou seja, o grau ponderado considera a repetição de ligações entre palavras lhes conferindo um critério mais consistente sobre a importância de determinadas palavras na rede e no conjunto discursivo. Outro recurso utilizado através do Gephi foi ativar a opção pela representação das palavras com dimensão proporcional ao seu grau ponderado. Isso explica o fato de haver palavras de maior e menor dimensão na composição do grafo, como também, se justifica pela melhor interface de visualização das palavras correspondentes aos 'nós' do grafo, quando este é visualizado através de formato de figura no presente documento de texto. Sendo assim, quando a frequência e relação entre palavras é evocada no presente texto, principalmente do capítulo três adiante, as palavras com maior frequência e intensidade de relações são àquelas cujo algoritmo do grau ponderado serviu de parâmetro para destacar as palavras e relações mais significativas no conjunto discursivo.

No sentido de levar a presente análise mais adiante, recorreu-se à observação de outras escalas de ligações das palavras do texto, considerando as questões que formam a base da construção de meu objeto de estudo e as transformações que a análise de conteúdo pôde instigar.

Bardin (1995) pontua sobre duas funções da análise de conteúdo. A heurística, que promove o enriquecimento da jornada exploratória e aumenta a propensão para a descoberta. E a função de administração da prova, em que as hipóteses, questões de partida e afirmações de fases exploratórias da pesquisa constituem diretrizes à análise sistemática que será confrontada quanto ao seu potencial em dar inteligibilidade aos fenômenos do real. Tais funções são compreendidas como interatuantes, complementares e que, portanto, coexistem na aplicação de procedimentos de análise de conteúdo.

Explorando a complementaridade das funções da análise de conteúdo, buscou-se a aplicação de técnicas que fossem adequadas ao tipo de objeto de estudo em questão, entendendo que este objeto construído é o que, conforme alude Bardin (1995), pode orientar aos tipos de procedimentos de tratamento e manipulação dos dados e informações, como também, à própria condução do processo de categorização e investigativo como um todo.

A etapa de categorização pode ser entendida como momento crucial em que o pesquisador assume sua posição enquanto interventor, na medida em que imprime uma nova camada sobre sua fonte textual-discursiva, atribuindo unidades de sentido à diferentes fragmentos do texto, realizando verificações, comparações e tensões com a teoria e questões científicas preestabelecidas.

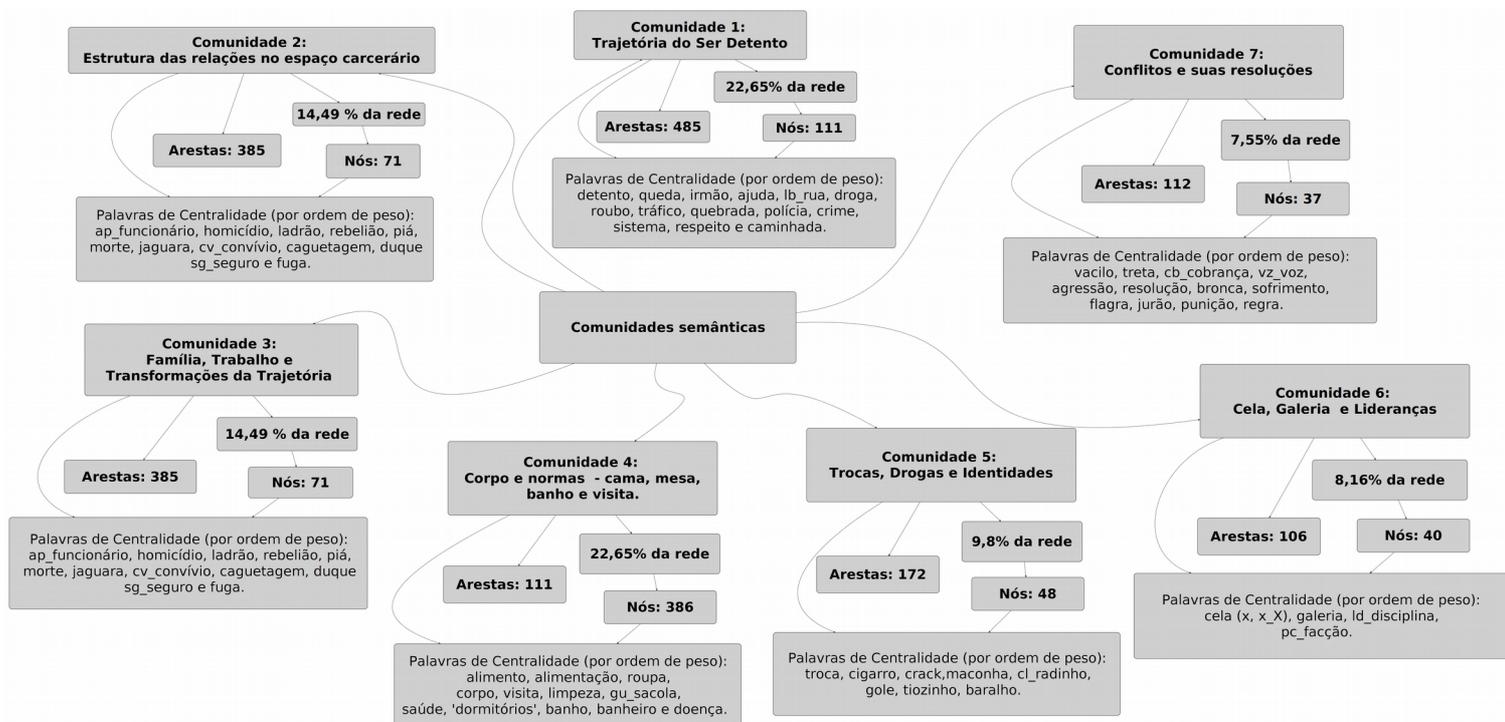
A etapa de categorização também instiga a reflexão sobre a posicionalidade do pesquisador diante do grupo e linguagem pesquisados. A posicionalidade pode ser compreendida enquanto posição adotada pelo pesquisador que emite ou que omite algo presente no discurso. Há tipos padrões de posicionalidade, tal como a posição a partir de si, quando o pesquisador considera apenas suas próprias interpretações a respeito de fenômenos e das ações dos sujeitos considerados. Mas pode ser também a partir da interpretação dos próprios sujeitos envolvidos com o fenômeno que estuda. Refletir e tomar partido da posicionalidade é fundamental para resistir e à desalojar a pretensa neutralidade e universalidade do conhecimento científico. Nesse sentido, uma posição cara à este trabalho investigativo foi a de dar relevância as palavras centrais expressas na fonte, e além disso, entender como pertinentes as relações semânticas produzidas através do discurso dos entrevistados para a formulação de categorias de análise.

Todavia, penso que a posicionalidade, tal como apresenta Rose (1997), é indissociável da reflexibilidade que pode ser compreendida enquanto ato exercido pelo pesquisador com o objetivo de tensionar ou não a teoria utilizada na interpretação do fenômeno diante das interpretações emitidas a respeito do mesmo pelos sujeitos investigados. Deste modo, se o trabalho analítico reverbera a interpretação das pessoas investigadas, o processo de categorização deve levar em conta o contexto de produção dos dados, ou seja, a contextualidade. Esta pode ser apreciada como o encontro de suas próprias expectativas em relação à fonte do discurso que analisa e ao próprio grupo estudado e as nuances das relações sociais e dos conhecimentos que produzem. Essas considerações são importantes, pois delimitam a categorização como etapa que não se desloca do ciclo virtuoso que a análise de conteúdo pode gerar quando se institui como demanda essencial retornar ao ato de fala e ao próprio contexto em que ele emerge na produção dos dados de uma pesquisa.

A fase de categorização corresponde à “operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.” (Bardin, 1995, 153 p.). Dentre as possibilidades de categorização, há a investigação dos temas ou análise temática que, no caso desse estudo, contou com a identificação de comunidades semânticas através da utilização de algoritmos e cálculos matemáticos possibilitados pelo *software Gephi*. Através da aplicação desses algoritmos, foi possível identificar os grupos de ligações mais importantes entre palavras. Esses grupos, módulos ou, como convencionou-se chamar, comunidades semânticas, permitem identificar quais tendências de sentido estruturam o discurso do grupo estudado. Para dar visibilidade à essas comunidades, contudo, foi necessário utilizar o cálculo estatístico de modularidade oferecido pelo *Gephi*, selecionando na opção ‘filtros’ o tipo de atributo a ser usado, que neste caso foi atributo de partição ‘*Modularity Class*’. O referido procedimento gerou sete redes que representam sete comunidades semânticas. Ao longo deste e dos próximos capítulos, as comunidades semânticas serão melhor exploradas na medida em que se mostrem pertinentes para análise de conteúdo e aos questionamentos científicos que baseiam a condução do processo investigativo. No entanto, foi elaborado um mapa mental (Figura 8) com o objetivo de melhor apresentar as características dessas

comunidades, como a relevância destas no conjunto da rede e quais palavras as estruturam enquanto partições importantes à reflexão sobre a narrativa elaborada pelo grupo investigado. Tal mapa mental apresenta graficamente as sete comunidades encontradas e suas informações básicas relacionadas a frequência, relação, proporção diante da rede total de palavras e palavras de centralidade. Os primeiros grafos obtidos com a utilização *Gephi*, tanto a rede geral de palavras, quanto os grafos das comunidades semânticas, contribuíram para a definição de categorias de análise que servem de eixos de compreensão das questões de partida e específicas da tese. As redes semânticas incorporam a análise de frequência. Entretanto, considerando a relação entre as palavras como elemento importante da análise de conteúdo. A partir do olhar sobre as comunidades semânticas, a análise categorial envolveu a reflexão do pesquisador sobre eixos principais da narrativa que, por sua vez, envolvem temporalidade, espacialidade e experiências de vida que são significativas à reflexão teórica acerca de minhas questões investigativas.

Figura 8: Mapa mental de caracterização das comunidades semânticas



Organização: Rodrigo Rossi, usando o *software* VUE.

Para melhor visualização da relação entre minhas questões científicas e as categorias de análise, elaborei o seguinte mapa mental:

Figura 9: Mapa mental das questões central, específicas e as categorias de análise



Organização: Rodrigo Rossi, usando o VUE.

Com isso em mente, a ferramenta escolhida para subsidiar o processo de agrupar palavras em unidades compreendidas a partir dessas categorias de análise, foi o ‘*R package for Qualitative Data Analysis*’ ou *RQDA*<sup>17</sup>. Um pacote do *software* estatístico ‘*R*’ que possui arquitetura aberta e que possibilita armazenar informações num banco de dados chamado *SQLite*<sup>18</sup>, que, por sua vez, opera na linguagem de programação *SQL*<sup>19</sup> e que também permite executar os mais variados comandos de cruzamentos de informações e de refinamento de buscas.

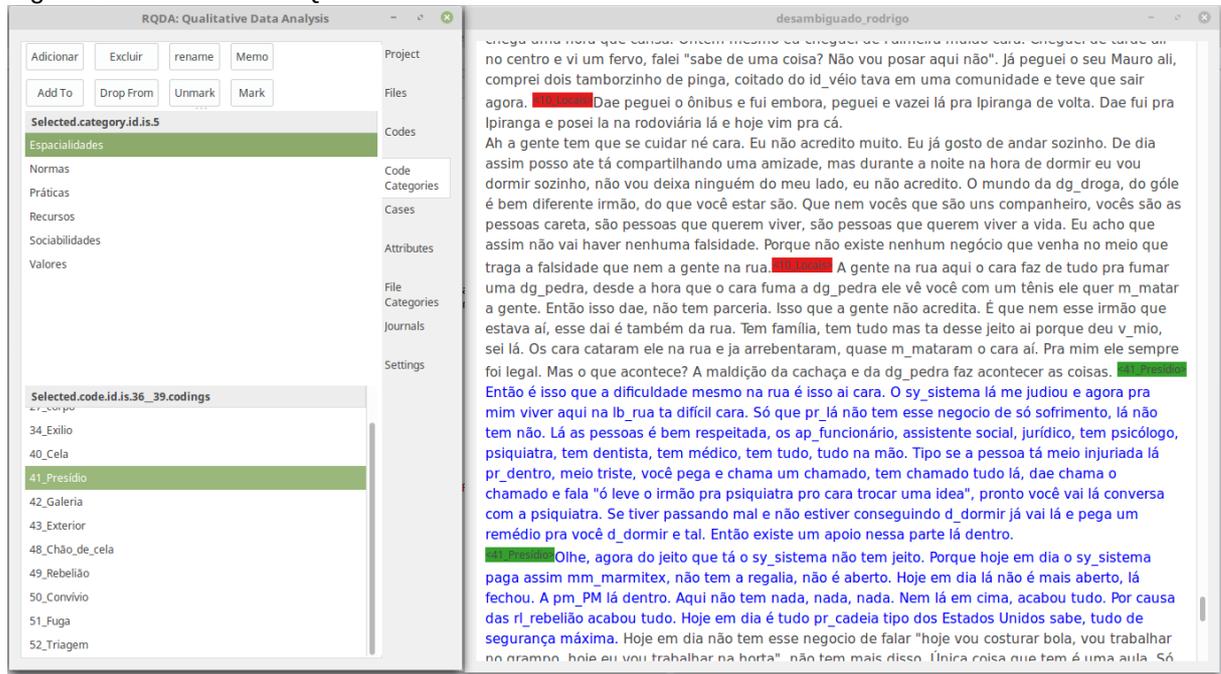
A figura 10, abaixo, da interface gráfica do *RQDA*, apresenta duas janelas. A primeira contendo as principais abas e comandos do pacote. E a segunda com a transcrição das entrevistas e falas. O trabalho de categorização com o *RQDA* consistiu em criar os códigos, ou categorias na plataforma de comandos, e marcar agrupamentos do texto que lhes fossem correspondentes. Na prática, o trabalho se resumiu em ler atentamente o texto a quantidade de vezes que considere necessário, selecionar cuidadosamente o trecho desejado e clicar na opção ‘*Mark*’, relacionando tal marcação a categoria pretendida.

17 HUANG, Ronggui. *RQDA: R-based Qualitative Data Analysis*, [s.l.: s.n.], 2012.

18 SQLITE CONSORTIUM. *SQLite* [s.l.]: Open Source Community, 2014.

19 *SQL* é a sigla oriunda da versão inglesa “*Structured Query Language*” e pode significar Linguagem de Consulta Estruturada, “*uma linguagem padrão de gerenciamento de dados que interage com os principais bancos de dados baseados no modelo relacional.*” Disponível em: <https://www.significados.com.br/sql/>

Figura 10: Interface do RQDA

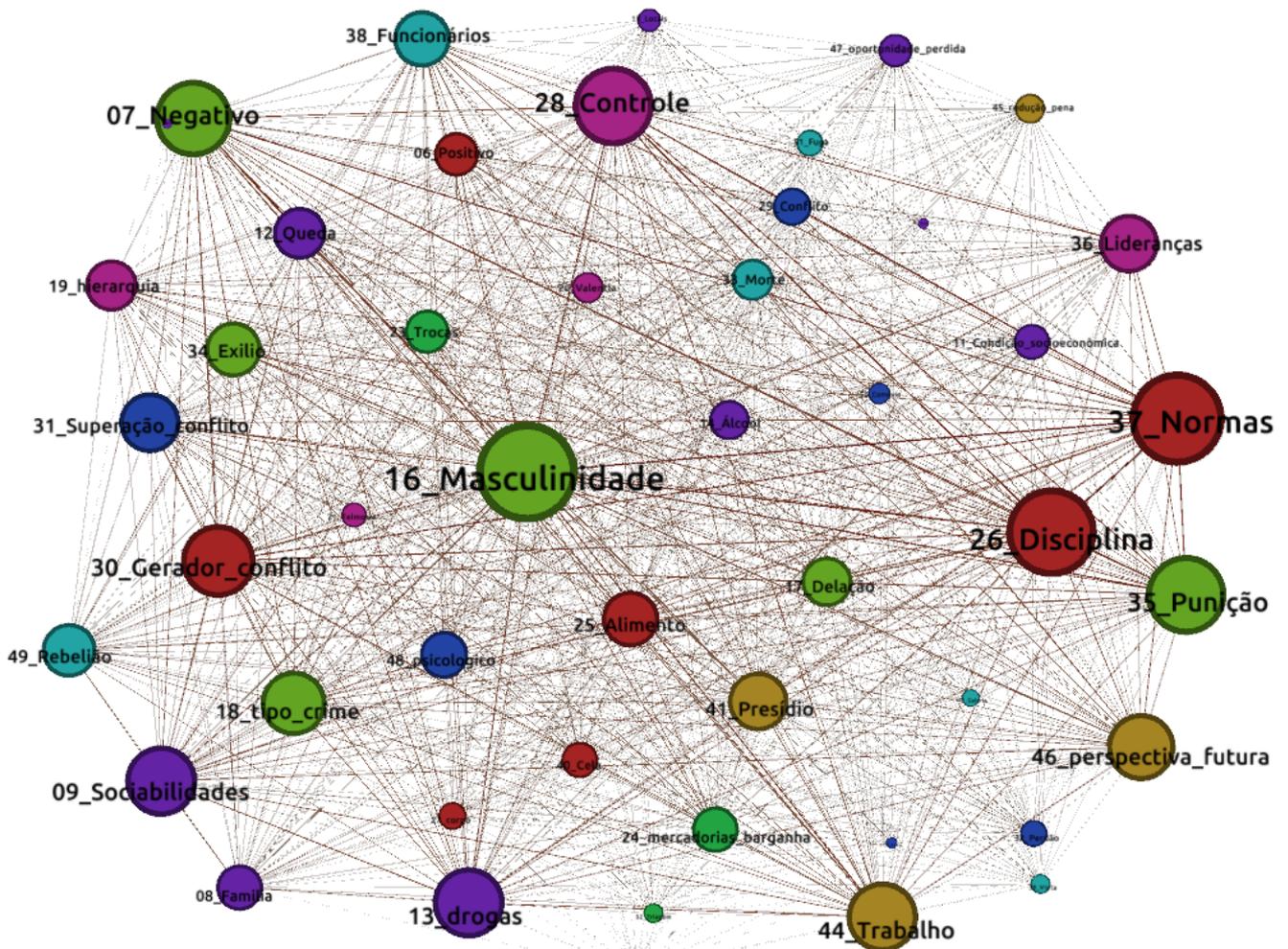


Screenshot realizado por Rodrigo Rossi.

Após a marcação dos agrupamentos do texto como procedimento da análise categorial, foi utilizado o *SQLite* para selecionar e extrair do banco de dados uma tabela no formato *.csv* referente às categorias de análise. Para isso foi executado o seguinte comando: `'SELECT name, selttext FROM freecode, coding WHERE freecode.id=coding.cid'`. Ou seja, solicitou-se ao software selecionar os códigos marcados (as categorias), seus respectivos campos de texto (unidades de texto à elas atribuídas) e o tipo de relação estabelecida entre eles.

Com a tabela de categorias obtida por intermédio do *SQLite*, foi possível gerar uma rede com o *Gephi* e que representa graficamente as categorias mais significativas no texto e conforme demarcação no processo de categorização realizado através do *RQDA*. A elaboração de uma rede de categorias serviu de arcabouço para a compreensão do modo pelo qual se estrutura o discurso dos entrevistados, dando visibilidade aos temas mais recorrentes na composição narrativa.

Figura 11: Rede de Categorias de Análise



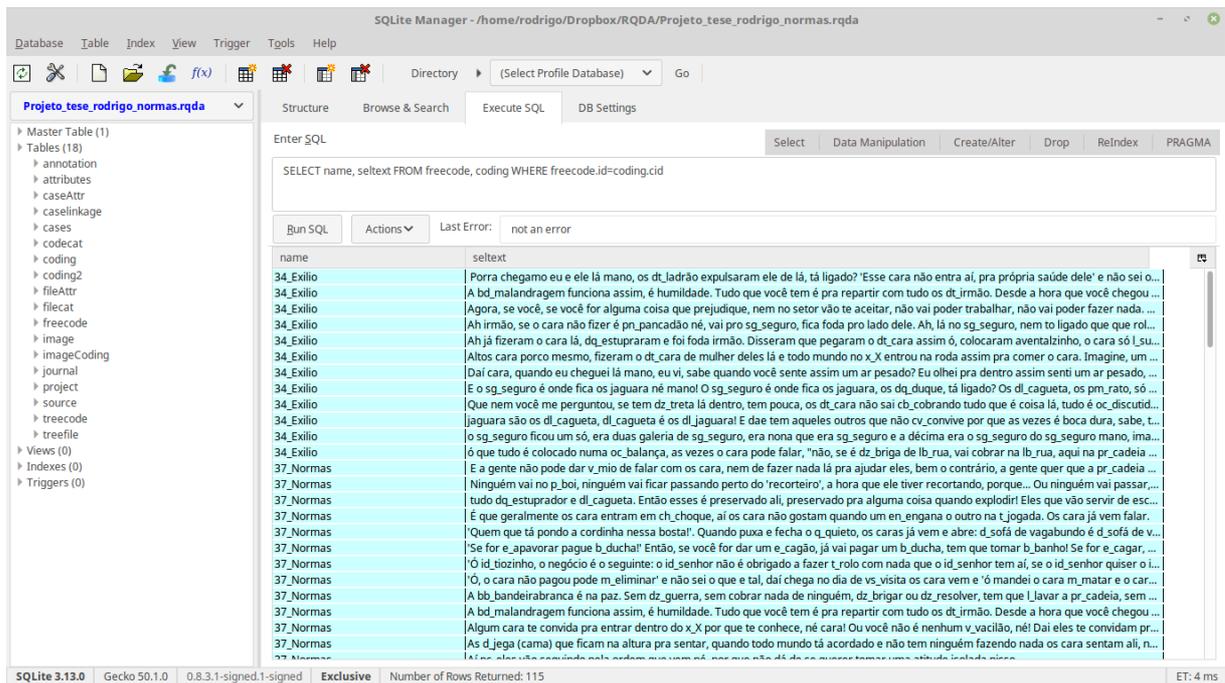
Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

A partir da rede de categorias, é possível responder questões do tipo: 'quais assuntos mobilizam mais palavras no conjunto discursivo?'; 'Quais palavras são mais recorrentes quando selecionada uma ou outra categoria?' Para responder essas e muitas outras questões que podem advir da análise das relações entre palavras e as relações intra-comunidades semânticas, se apresentou como possibilidade refinar a busca no banco de dados, via *SQLite*, adicionando ao 'SELECT name, seltext...', os seguintes comandos: 'AND freecode.id=?' e 'OR freecode.id=?'. Traduzindo, solicitou-se ao software destacar um ou mais códigos do banco de dados e seus campos de texto. O 'OR', na linguagem *SQL* significa 'e ainda' ou 'mais' e, portanto, configura um pedido para seleção de mais de uma categoria na composição de tabelas (em arquivo no formato *.csv*) específicas para uma ou mais categorias de análise. O símbolo de interrogação no 'comando' é

meramente didático, pois o que seria inserido em seu lugar é o número de identificação do 'freecode', isto é, da categoria que se quer selecionar.

Para melhor entender esse processo, a figura abaixo ajuda a visualizar a seleção dos códigos e o conteúdo que eles representam, sendo 'name' a referência às categorias e, 'seltext', à unidade de texto correspondente:

Figura 12: Interface gráfica do SQLite na execução de um comando



Screenshot realizado por Rodrigo Rossi.

Esse procedimento foi recorrente para a seleção das unidades do texto que representavam as categorias de análise já observadas no mapa mental (Figura 9). E a partir dele, foi possível elaborar redes de palavras referentes as categorias mais significativas à análise em curso. Isso possibilitou refinar a compreensão das comunidades semânticas particionando a análise de redes de acordo com o grau de importância de uma outra categoria à compreensão do fenômeno estudado.

Na posse das redes de palavras relacionadas a cada categoria de análise e às comunidades semânticas que estruturam o discurso do grupo investigado encontrei uma base analítica consistente para realização de inferências acerca das trajetórias dos entrevistados, de suas práticas e interações cotidianas, da construção de masculinidades e sobre a própria instituição do espaço carcerário enquanto paradoxal.

A potencialidade que os softwares livres têm demonstrado através de diferentes procedimentos, cada qual com seu objetivo e, como parte de um todo na construção metodológica, demonstrou-se sólida e, ainda, como fundamental para a visualização de tendências de sentido num corpo discursivo e para a definição de categorias de análise que objetivam a reflexão sobre as questões fundamentais de minha tese. Os resultados dessa construção metodológica revelarão, do terceiro capítulo em diante, mais elementos para compreensão do fenômeno investigado.

Contudo, antes da análise profunda da fonte pesquisada, faz-se necessário debater acerca da tradição epistemológica e o modo como os fenômenos ligados a violência, prisão e juventude masculina estão implicados na produção científica geográfica e como se apresentam enquanto possibilidades à análise espacial da relação dos homens com a prisão.

## **CAPÍTULO II**

### **CRIME, PRISÃO, JUVENTUDE, MASCULINIDADE E INTERSECCIONALIDADE NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA**

No que diz respeito a reflexão teórica estabelecida na construção do objeto de estudo, inúmeros desafios se impuseram, pois vários componentes do modelo de análise (re)construído se chocam com a invisibilidade de temas e conceitos voltados à elaborar uma forma de inteligibilidade sobre a relação entre homens jovens, criminalidade e o cárcere.

Inicialmente, deve ser considerado que temas de pesquisa envolvendo o cotidiano de grupos de pessoas jovens do sexo masculino e que reincidem na realização de práticas criminosas são pouco usuais na Geografia brasileira. E isso conduz à um difícil esforço de articulação entre perspectivas provenientes de campos diferentes da investigação geográfica. O grupo investigado tende a ser reconhecido socialmente enquanto marginal pelo exercício cotidiano ou eventual de práticas delituosas e pela vivência carcerária e isso se reflete mediante a eleição de temas de estudo, em que via de regra, são considerados no universo da análise da violência enquanto variáveis quantificáveis e passíveis de uma análise espacial muito distanciada de seu cotidiano. Por outro lado, o estudo aqui apresentado se posiciona conscientemente pelo reconhecimento da complexidade que envolve o cotidiano dos homens jovens e de que suas experiências se dão num contexto de vulnerabilidade e desigualdade social que contribui à permanência do fenômeno da criminalidade pelo espaço urbano. Esse posicionamento em relação a escala de análise espacial é resultante da convivência com o grupo focal, em observação participante e na realização de entrevistas, que gradualmente me orientaram no sentido de perceber o fenômeno da violência e/ou criminalidade a partir de seus componentes mais cotidianos e situados no contexto habitual da vida de alguns dos sujeitos investigados. Não se trata de tornar aceitável o ato violento e criminoso, mas de entendê-lo a partir da interação com seus autores e inúmeros componentes sociais que inflam a vulnerabilidade dos espaços em que habitam.

O universo cotidiano caracterizado pela violência e imersão na reiteração de práticas criminosas envolve sujeitos complexos e em ação constante, mas isso constitui fenômeno que não é tradicionalmente explorado na produção científica geográfica brasileira. Também não tem sido convencional a discussão em torno das

possibilidades deste universo ser interpretado através da reflexão sobre juventude, masculinidade, e interseccionalidade. Esta lacuna se constitui em objetivo que o presente capítulo e a própria tese buscam abordar e superar.

Nesse sentido, para dar conta da questão central formulada na presente investigação, fez-se necessário refletir sobre o cotidiano como componente do fenômeno da violência e criminalidade, bem como da instituição do espaço carcerário. Além disso, emergiu como demanda no processo investigativo refletir sobre as diferentes escalas de apreensão do fenômeno, haja visto que, além da relação estabelecida entre o grupo e a instituição prisional, há elementos vinculados ao modo como a convivência cotidiana se estabelece nas celas, galerias e outros lugares do espaço carcerário no contato com normas próprias estabelecidas pelos detentos. Tais normas se chocam com o modelo representacional do ser homem instituído pelos jovens antes de adentrar ao espaço carcerário, quando da vivência territorial pelo espaço urbano. O espaço carcerário também evidencia eixos de opressão diferentes dos estabelecidos anteriormente pelo grupo investigado e que se referem, por exemplo, à performances corporais, ao controle das pulsões violentas e da adicção. Deste modo, a investigação realizada orienta à reflexão sobre conceitos como o corpo e escala geográfica para contemplar o tensionamento com a teoria voltada a compreensão da construção das masculinidades e da interseccionalidade.

O segundo capítulo desta tese evidencia os principais caminhos teóricos para a compreensão do espaço carcerário a partir de uma perspectiva multiescalar e sua relação com a construção de masculinidades e a interseccionalidade. Busca-se no decorrer das linhas desse capítulo evidenciar as diferentes formas em que a teoria mobilizada na presente investigação podem dizer algo sobre a vida cotidiana dos homens jovens que experienciam o cárcere.

O espaço carcerário pressupõe um encontro de múltiplas trajetórias que num tenso jogo entre aceitação das regras de convivência exigidas pela maior parte dos apenados, bem como sua contestação, possibilitam tanto a resistência, quanto a subversão dos diferentes eixos de desigualdade. Esse processo é mediado pela tensão que articula as escalas institucional e a cotidiana do espaço carcerário.

Seguindo essa linha de raciocínio, o capítulo foi estruturado em cinco seções. Na primeira, a discussão teórica incide sobre a relação entre a tradição epistemológica do tema da violência e criminalidade urbanas e os elementos que compõem as minhas questões investigativas, tal como cotidiano e juventude masculina. A segunda seção tem como objetivo apresentar a relação entre juventude masculina e a criminalidade como objeto de estudo da Geografia. A terceira seção reflete sobre a perspectiva multiescalar do espaço carcerário através do diálogo com a Geografia Carcerária. A quarta seção explora a relação entre a construção de masculinidades e o corpo como importantes componentes da instituição do espaço carcerário. Por fim, na quinta e última seção do capítulo realizo uma reflexão acerca do conceito de interseccionalidade e seu tensionamento com universo empírico de análise e o conjunto de normas estabelecidas pelos detentos na prisão.

## **1. As geografias da violência e da criminalidade urbanas**

A produção geográfica brasileira, especificamente ligada a Geografia Urbana, tem-se dedicado à interpretar o fenômeno da violência e/ou criminalidade. O diálogo com a temática que compõe a produção do conhecimento geográfico brasileiro passa ser aqui realizado, no entanto, como tentativa de vislumbrar possibilidades de análise da trajetória do grupo investigado, seus espaços de vulnerabilidade, atos criminosos e violentos. Creio que esse diálogo também contribui para compreender os componentes estruturais ligados a construção de masculinidades e juventudes periféricas.

Na produção geográfica brasileira não é fato tão novo a violência e criminalidade urbanas terem se destacado como temas de interesse investigativo. Um importante e pioneiro estudo é o da geógrafa Rosa Maria Massena acerca da criminalidade violenta na região metropolitana do Rio de Janeiro, publicado em 1986 na Revista Brasileira de Geografia (RBG). Utilizando-se de um conjunto de dados sobre crimes violentos<sup>20</sup> ocorridos na região metropolitana carioca, a autora sugere que o interesse da Geografia em explorar o tema se deve não apenas pela consideração de suas causas ou pela visibilidade de índices de crescimento que o

---

<sup>20</sup> A definição da autora para crime violento envolve as práticas de homicídio doloso, tentativa de homicídio, estupro, lesão corporal e roubo, “definido como aquele que envolve uma violência predatória e que se realiza através de um contato direto entre o criminoso e a vítima” (MASSENA, p. 292).

espaço urbano constantemente apresenta. Para Massena (1986), faz-se necessário refletir sobre a geografia do fenômeno, isto é, sobre sua organização espacial. Assim, a geógrafa utilizou de um aparato informacional com o intuito de identificar padrões espaciais de crimes violentos, perfis de localização das moradias de seus autores e a caracterização geral dos locais de infração. O texto publicado na RBG, sem dúvida, é uma das contribuições fundamentais ao que futuramente iria se esboçar como a Geografia do Crime e/ou da Violência, e que na perspectiva de Massena (1986), comporia um campo de estudos para tratar da 'expressão espacial do crime' no contexto brasileiro.

Deste modo, a revisão do texto de Massena (1986) encontra contribuições válidas a análise espacial e geográfica da criminalidade violenta. A primeira delas é o reconhecimento de que, apesar da utilização de métodos distintos, sociólogo(a)s e geógrafo(a)s compartilham raízes na teoria ecológica da Escola de Chicago e, portanto, sugere que a natureza de toda tentativa de melhor apreender as manifestações espaciais do crime é, em si mesma, interdisciplinar, implicando diálogo com a sociologia, demografia, criminologia, campo jurídico penal e assim por diante. Porém, como traço geográfico na maneira de dar inteligibilidade aos fenômenos em questão, conforme cita a autora, estaria a ênfase na 'expressão espacial' do ato criminoso ou violento, bem como sua difusão e conexões com a organização social de dado lugar.

No que corresponde a escala de análise da Geografia do Crime e/ou Violência, Massena (1986) apresenta dois níveis. O primeiro denominado como 'microanálise', voltado ao local de ocorrência do crime e sua relação com a dinâmica sociocultural pela qual esse dado local está enredado. O segundo nível, da 'macroanálise', teria como objetivo agregar dados das diferentes áreas de ocorrência de modo a interpretar o fenômeno a partir de uma integração espacial urbana e/ou interurbana.

Em minha trajetória investigativa é notória a eleição do nível da microanálise na perspectiva da operacionalização da pesquisa através de metodologia qualitativa, todavia a macroanálise é entendida como importante para pensar a 'multiescalaridade' do fenômeno da violência e criminalidade urbana, como também dos processos de execução penal em suas dimensões objetiva e intersubjetiva.

O modelo de análise construído por Massena (1986) parte da premissa de que “a criminalidade não se distribui de maneira uniforme no espaço” (p. 304) e está fundamentado pelas noções de núcleo e periferia. O núcleo urbano da violência apresentaria forte tendência à concentração de atos criminosos e violentos. Enquanto que as periferias evidenciariam um perfil difuso, em que atos violentos e criminosos tendem à se distribuírem desigualmente no conjunto (de periferias).

O modelo de Massena (1986) evidencia que contraditoriamente ao que se imagina quando se dá atenção ao ponto de vista social hegemônico, no exercício da espacialização das ocorrências de atos criminosos, as periferias demonstraram-se locais de menor risco devido a uma menor concentração de atos registrados. Inúmeros textos hodiernos envolvendo uma variedade de escalas e lugares demonstram que os autores da violência cometida no centro das cidades são em sua maioria habitantes de periferias pobres, como também fora observado em estudos de Chimin (2009) e Rossi (2010). No contexto dos anos finais da década de setenta e de quase toda a década de oitenta, que se apresenta como recorte temporal do estudo de Massena (1986), a autora apresenta como perfil majoritário dos autores, os homens brancos, migrantes e empregados no setor terciário da economia.

Pode-se observar na análise de Massena (1986) que o crime violento que se dá mais no centro das cidades é provocado em sua maioria por homens habitantes das periferias pobres do espaço urbano. Cabe refletir, então, que a baixa concentração da criminalidade violenta nas periferias e a alta concentração da violência cometida pela ação de habitantes delas nos centros das cidades se dá não devido ao que as periferias manifestam de periculosidade, senão pelos espaços de vulnerabilidade que nelas se reproduzem. A tradicional observação de padrões espaciais da violência urbana, desse modo, evidencia que fenômeno pode se manifestar como reação de pessoas das periferias diante de determinados tipos de interdição do direito à cidade e de processos de desigualdade social e opressão.

Os padrões espaciais do crime violento, segundo Massena (1986) podem ser interpretados como a geografia da organização social do crime violento e, de modo muito original, isso estabeleceu bases significativas à sua análise espacial do crime e da violência no contexto urbano brasileiro. No entanto, mesmo reconhecendo a

validade do modelo teórico da criminalidade urbana cuja perspectiva fundamental foi a reflexão sobre a distribuição espacial, o presente objeto de estudo demanda refletir a interdependência entre os fragmentos urbanos da periferia na composição do fenômeno da criminalidade urbana e do cárcere explorando sua dimensão cotidiana.

Do momento oitocentista da publicação de Massena (1986) ao contexto atual, houve uma gradual e crescente difusão de trabalhos sobre a temática da violência urbana durante a década de noventa e que se intensificou no decorrer das primeiras décadas do século XXI. Um *overview* de textos relacionados com a temática da criminalidade urbana ou violência na Geografia brasileira evidenciam no período a ebulição de uma variedade de eixos de abordagem e escalas de análise.

Antes de enumerar tais abordagens, é necessário reconhecer alguns dos mais destacados trabalhos desenvolvidos no decorrer da década de noventa na Geografia brasileira em torno da referida temática. O primeiro deles, desenvolvido por Marcelo Lopes de Souza (1995; 1997; 1999) sobre o fenômeno do tráfico de drogas e sua vinculação com a criminalidade violenta e fragmentação sociopolítica espacial da cidade. A discussão apresentada em diversos artigos pelo geógrafo identifica elementos das redes e rotas do narcotráfico na escala supralocal, tema que também é explorado em estudos de Lia Osório Machado (1995; 1996) acerca das conexões entre narcotráfico e sistema financeiro e que vinculam a escala local com os processos ligados às meso e macro escala.

Os artigos de Souza (1995; 1997; 2005 [1999]) também ajudam a descortinar o funcionamento do subsistema varejista do tráfico de drogas de quatro metrópoles brasileiras. O autor analisa a escala local relacionada a esse subsistema, demonstrando que as redes de distribuição de drogas ilícitas são complexas, pois conjugam-se com as especificidades do local e a intersubjetividade dos membros envolvidos com a distribuição, o consumo e com as estratégias de manutenção da atividade por dado grupo. Nesta escala, portanto, se definem modos distintos de organização e gestão das áreas de atuação, assim como há a instituição de territórios e de identidades vinculadas às atividades atreladas a criminalidade violenta.

Souza (2005 [1999]) também analisa os subsistemas varejistas do tráfico de drogas nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Curitiba. Nas duas primeiras capitais se apresenta a centralidade das quadrilhas na articulação do apoio

logístico em espaços segregados e na constituição de relações hierárquicas entre os envolvidos com o narcotráfico. Já em Recife o autor considera que o tráfico estaria mais relacionado com a constituição das chamadas 'galeras' e, portanto, assumiria uma relativa fragmentação pelo espaço urbano. Em Curitiba, por outro lado, o tráfico se caracterizaria por assumir elementos do tráfico carioca ou paulistano, como na atividade de 'olheiros' e 'aviõezinhos' e a centralidade do consumo principalmente em favelas, em alguns locais de referência no centro da cidade, tais como grandes *shoppings* e casas noturnas. Como observa o autor, as pessoas envolvidas com o comércio de drogas ilícitas na escala local assumem nomes próprios de cada lugar quanto a posição na hierarquia instituída: 'dono' ou 'patrão' àqueles que respondem pelo negócio e ocupam uma posição de gerenciamento local; 'olheiros' ou 'fogueteiros' sendo os que observam a aproximação da polícia e anunciam quando chegam mais substâncias no local de venda e, ainda; os "vapores" e os "aviõezinhos" que, como atravessadores, promovem o deslocamento da droga até quem a consome. Apesar das distintas as formas de nominar os agentes do subsistema varejista e o fato de que algumas funções podem não ser evidentes em outros contextos espaciais e temporais de organização do tráfico de drogas, a contribuição de Souza (2005 [1999]) instiga a observar a posicionalidade e atuação dos sujeitos como diferenciadas de acordo com as configurações espaciais instituídas pelos grupos, assim como são a dinâmica da atividade ligada ao tráfico de drogas e sua relação com a criminalidade violenta.

Outro estudo bastante significativo para o desenvolvimento da temática da criminalidade e violência na Geografia brasileira foi desenvolvido por Andreilino Campos (2009) na célebre aproximação e articulação entre as noções espaciais de quilombo e de favela na instituição de espaços criminalizados no Rio de Janeiro. O horizonte observado em seu estudo é o da reflexão acerca de espaços destinados às pessoas pobres e negras. Nas palavras de Campos:

Não custa ressaltar que, durante esse século, as favelas e seus moradores continuaram a representar para a sociedade em geral um "espaço perigoso", produzindo os "inimigos públicos número 1", caçados pela polícia, servindo como objeto de trabalho para a chamada imprensa popular. (p.162).

O objeto de estudo desse autor estava ligado pela aproximação de duas estruturas espaciais e contextos temporais diferentes para ampliar a compreensão

do fenômeno da criminalidade urbana, considerando a existência de processos de estigmatização e discriminação étnica e, para além da análise da já consagrada categoria de classe, revelou a possibilidade da análise das vivências de 'favelados' na composição do fenômeno, entre outros componentes do que venha a ser reconhecido como marginalidade quando o assunto são as favelas e as periferias pobres das cidades brasileiras. Ao mesmo tempo, a leitura do texto de Campos (2009) incentiva a reflexão sobre o ato criminoso como vinculado ao sistema social e a política urbana que influenciam na majoritária criminalização de pessoas negras e pobres. Nesse sentido, o texto do geógrafo influencia o pensamento em torno da intersecção entre pobreza e raça na constituição dos grupos periféricos.

Os estudos de Souza (1995; 1997; 2005 [1999]) e Campos (2009) mantêm uma forte ligação entre a política urbana e a reprodução do fenômeno da criminalidade como reação controversa das pessoas que vivem cotidianamente os efeitos negativos da fragmentação sociopolítica e espacial da cidade. Seus textos podem ser identificados como componentes centrais da etapa inicial de difusão da temática da criminalidade e violência no espaço urbano, mas que se concentraram na observação do Rio de Janeiro e/ou sobre o cenário metropolitano brasileiro, engajando-se em apreender sobre o modo pelo qual a violência e criminalidade se manifestam numa estrutura socioespacial opressora para as pessoas e aos seus espaços de vivência cotidiana nas periferias pobres.

No conjunto de estudos da Geografia brasileira envolvendo a temática da violência e/ou criminalidade, é possível vislumbrar uma série de abordagens e caminhos de interpretação que ora se distanciam, ora se aproximam de uma perspectiva crítica e que incida sobre o universo cotidiano ligado ao fenômeno.

A partir de Banco de Dados de Artigos Científicos da Geografia brasileira<sup>21</sup>, estruturado e preservado pelo Grupo de Estudos Territoriais, foram encontrados 55

---

21 O Banco de Dados, cuja manutenção é realizada pela geógrafa Tamires Oliveira Cesar e pelo geógrafo Vagner André Morais Pinto, contribui para realização de uma observação aproximada do modo em que se organiza a produção do conhecimento geográfico brasileiro a partir de artigos publicados em revistas nacionais. Entretanto, o banco de dados pode não contemplar a totalidade de estudos realizados sobre o tema, haja visto, que há muitas revistas que não possibilitam o acesso irrestrito aos arquivos, ou que ainda não foram classificadas pelo Sistema Qualis-CAPES. Além disso, o banco é formado a partir da busca por palavras-chave, permitindo que os artigos que não tenham em seu título as palavras de busca, possam ser omitidas no levantamento. Ainda que existam limitações, o repositório contribui para a formatação de uma amostra significativa dos temas difundidos na produção geográfica brasileira.

artigos ligados a temática da violência e criminalidade. Como palavras-chave da pesquisa foram utilizadas 'violência', 'crime' e 'criminalidade'. O levantamento percorreu um conjunto de aproximadamente 13990 artigos que compõem o banco de artigos e que foram publicados por revistas classificadas pela CAPES nas categorias A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, considerando o triênio de 2013-2015 e a observação do período de publicação entre 1974 e 2013.

Dentre as abordagens mais significativas devido ao volume de publicações que apresenta é da 'especialização de dados criminais' que corresponde a treze artigos identificados. Esse conjunto de textos caracteriza-se pela construção de modelos de análise a partir de dados quantitativos e da cartografia da distribuição espacial de variados atos violentos e criminosos (SOUZA, SANTOS e ROSA, 2005; KERBAUY, 2006 e; FONSECA, 2009). Outra característica desta abordagem é a apresentação de padrões espaciais em que, além de articular as variáveis local do crime, moradia dos autores e/ou vítimas e a potencial conexão entre núcleo e periferia enquanto modelo de análise, explora também as condicionantes e implicações do fenômeno da violência (DINIZ e RIBEIRO, 2005; BATELLA e DINIZ, 2010; BRITTO e FERREIRA, 2013). Esses estudos demonstram forte aproximação com a análise estatística e georreferenciada de ocorrências num dado município, região metropolitana ou unidade de federação, bem como articulam padrões espaciais a explicações conceituais clássicas do espaço urbano, como são as teorias sobre fragmentação e/ou segregação urbanas.

Pode ser rapidamente verificado na observação dessa abordagem que embora aponte a potencialidade do modelo de análise da violência urbana baseado nas noções de centro e periferia e na identificação de padrões de organização espacial fragmentada e articulada, ela não exprime como principal vetor da reflexão teórica e conceitual da Geografia o cotidiano, notadamente uma peça fundamental em minha trajetória de investigação geográfica e na construção do presente objeto de estudo.

Conforme o trabalho de campo realizado na presente investigação, há evidência de componentes ligados aos espaços de vivência de homens jovens que cria situações de vulnerabilidade à adicção e reincidência em atos criminosos que não compõem os modelos de análise fundamentados pela identificação de padrões.

Contraditoriamente, são as experiências que a trajetória jovem dos grupos de homens por mim investigados que resultam nas estatísticas frequentemente selecionadas pela abordagem da espacialização dos dados criminais.

A segunda abordagem mais difundida da temática da violência e criminalidade desenvolvida na Geografia brasileira é pautada pela 'reflexão teórica e conceitual da violência na Geografia', que corresponde a um conjunto de 12 artigos encontrados no levantamento. Eles se dedicam ao debate teórico em torno das possibilidades de relação do fenômeno da violência com os conceitos-chave do conhecimento geográfico, buscando assim, um sentido próprio à violência no interior da disciplina. Privilegiam o debate epistemológico a partir do envolvimento entre conceitos como o de espaço urbano (observado no texto de SANTOS e RAMIRES, 2009 e; também no de VIEIRA NETO, 2011), território (FERREIRA e PENNA, 2005), globalização e seus processos de (des)territorialização (GOMES e De MAURO, 2009 e RIBEIRO, 2000), até as manifestações espaciais da identidade e marginalidade (ANDRÉ e GOES, 2006) e a relação com a dialética espacial (MELGAÇO, 2005).

Inúmeros *insights* interessantes podem ser extraídos desse conjunto de artigos e contribuem para pluralizar a temática da violência e criminalidade urbanas e para identificar variadas possibilidades de estudo geográfico. Mas o que chama atenção nessa abordagem é a tendência à articulação conceitual distanciada da dimensão cotidiana que compõe o fenômeno da violência. Ao utilizarem-se da figura de um sujeito da análise notadamente genérico, optam de maneira quase estrita pela reflexão conceitual e pela apresentação textual de possíveis escalas de análise. A generalidade presente na abordagem sobre as ações que provocam o fenômeno da violência acabam proporcionando, dessa maneira, a invisibilidade de certos componentes espaciais que são diluídos pela reflexão sem expressão grupal e evidenciando um espaço carente de uma definição que se refira as práticas de quem o produz. Isto é, a diversidade de práticas e sujeitos que instituem o fenômeno da violência e criminalidade e seus espaços de dispersão se constituem nessa abordagem como itens pinçados para uma reflexão teórica *sui generis*.

Esbarrando na dimensão do cotidiano conflitivo do espaço urbano que é conectada aos atos criminosos, há um outro conjunto variado de onze artigos que

evidenciam a violência e criminalidade enquanto resultantes do palco de lutas sociais e das contradições que produzem e são produzidas pelo urbano.

A violência pode ser entendida a partir dessa abordagem como uma das reações à estruturas sociais e espaciais que instituem a segregação espacial, e conseqüentemente a toda uma rede varejista do tráfico de drogas ilícitas e as formas de relação com a criminalidade violenta e/ou com a política urbana que dela resultam. Carneiro e Carneiro (2013) exploraram as fronteiras urbanas que instituem a violência em Rio Claro, no interior paulista. Zanotelli *et al* (2006) trataram da relação entre fragmentação socioespacial da cidade capixaba de Vitória e a configuração espacial da criminalidade violenta. Esses e outros trabalhos dessa linha seguem a tradição da Geografia Urbana brasileira e as discussões em torno do processo espacial de segregação, bem como dos desafios ao desenvolvimento urbano e demonstram-se influenciados, respectivamente, pela produção científica de geógrafos como Roberto Lobato Corrêa (1993; 1997) e Marcelo Lopes de Souza (1995; 1997; 1999). A abordagem da fragmentação/articulação urbana contribui para observar a multiescalaridade do fenômeno, pois na escala intra-urbana, as periferias mantêm dinâmicas próprias que refletem o encontro desigual dos agentes da produção do espaço. Contudo, tal abordagem adota uma postura quanto aos sujeitos que praticam violência que se configura como muito distante dos mesmos para ouvir suas vozes e para se aproximar do contexto em que desenrolam suas experiências concretas. Frequentemente, os autores da violência são identificados a partir de perfis que generalizam a população estudada.

Uma das abordagens que emerge com significativa difusão nos últimos anos diz respeito ao estudos das percepções e representações elaboradas sobre a violência urbana e os subseqüentes efeitos socioespaciais vinculados à instituição dos sentimentos de medo e insegurança. O conjunto de estudos que compartilham dessa abordagem somam cinco artigos identificados através do levantamento e são marcadamente influenciados pela perspectiva representacional difundida pela Geografia Cultural brasileira a partir da década de 1990.

Com exceção do artigo de Martins (2007) que elabora uma reflexão acerca da violência urbana representada no célebre filme *Cidade de Deus*, os demais artigos científicos encontrados nas revistas de Geografia, e que compartilham da referida

abordagem, exploram diferentes escalas e cidades para evidenciar o efeito da violência e criminalidade galopantes caracterizado pela instituição coletiva de representações sobre medo e insegurança. Isso pode ser bem observado no artigo de Cruz e Sá (2006) que insta a conversão das moradias em espaços análogos às prisões, devido a visão de uma suposta predominância da vida privada face a periculosidade latente dos espaços públicos do urbano atual. Os trabalhos de Silva (2000; 2001) também tentam localizar as mudanças negativas pelas quais a cidade se submete face a proliferação do medo e da insegurança sentidos em Fortaleza no Ceará. Alguns estudos dessa perspectiva se aproximam de uma visão catastrofista da violência que peca por não apontar uma saída positiva ao problema quando o mesmo é problematizado cientificamente.

Uma das principais referências contemporâneas que trata da relação entre violência e instituição do medo e insegurança como elementos da composição de políticas de segurança pública e até mesmo da militarização da questão urbana, é Souza (2008). No livro intitulado *Fobópole*, o autor analisou o urbano contemporâneo a partir da ideia de que há uma generalização dos sentimentos de medo e insegurança capaz de rearticular as políticas de segurança pública, instituindo a militarização da questão urbana, assim como alude sobre tais sentimentos enquanto objetos de significação social/cultural.

Apresentando uma perspectiva crítica e contemporânea à política urbana que elege a segurança pública como um item entre aqueles primordiais ao planejamento metropolitano, Souza (2008) instiga a Geografia a pensar sobre o aspecto criminógeno da cidade capitalista e as maneiras pelas quais há legitimação de uma intervenção autoritária sobre o espaço público realizada pelas forças de segurança, notadamente, mobilizada pelo domínio do medo e da insegurança sobre a cidade.

Entretanto, os trabalhos que realizam uma abordagem pautada pelas representações sociais do medo e insegurança tendem a focar a análise sobre as percepções de vítimas da criminalidade e do processo de instituição de seus sentimentos diante dela, distanciando-se relativamente de um debate acerca da política de estado e da governamentalidade, ou seja, passam ao largo de toda a cruzada contra a criminalidade violenta que também criminaliza e oprime espaços de vulnerabilidade à realização de atos criminosos. Se observado o fenômeno da

violência e criminalidade de outra perspectiva, especificamente a dos grupos que são instados pela fragmentação do tecido socioespacial urbano à realização de atos criminosos, os homens jovens deste estudo podem ser reconhecidos como simultaneamente autores e vítimas na instituição de espaços de vulnerabilidade à violência e criminalidade. Essa crítica se apresenta como fundamental à construção de meu objeto de estudo, devido a carência demonstrada pela literatura científica geográfica ligada ao tema da violência e criminalidade em considerar como recorte social da análise os sujeitos que tem na criminalidade um importante componente no conjunto de suas experiências concretas pelo espaço urbano.

Souza Junior (2013), Santos (2013) e Santos e Souza Junior (2013) seguem essa tendência analítica das representações e discursos sobre a relação entre urbano e violência quando identificam crescente abalo nas relações de pertencimento, afetividade e convívio nos espaços públicos como um desdobramento da construção social do medo e da insegurança a partir de experiências das vítimas de atos criminosos.

Souza Junior (2013) utiliza a análise do discurso sobre a violência, medo e insegurança para entender o processo de descentralização da violência no Brasil e seus desdobramentos pelo espaço urbano. O autor nota que os índices de criminalidade em cidades metropolitanas do sudeste registram uma queda devido a intervenção de políticas de segurança pública e combate à violência, enquanto que nas cidades de médio porte e cidades médias<sup>22</sup> ocorre uma intensificação da criminalidade urbana. Esta transformação da geografia da violência urbana, para o autor, difunde representações do medo e da segurança que reconfiguram a relação das pessoas com o espaço urbano e que cria novas demandas ao campo das políticas públicas de segurança.

Santos (2003) estuda o discurso sobre violência urbana dos moradores da cidade de Uberlândia no estado de Minas Gerais e explora a relação entre as condições socioespaciais precárias em áreas violentas e as intervenções do Estado. Os elementos centrais no discurso das pessoas entrevistadas são também marcadas pelas representações sobre o medo e insegurança. Sendo outros

---

<sup>22</sup> Para efeito de localização do fenômeno, segundo notícia divulgada pelo *Jornal da Manhã* de dia 21 de dezembro de 2008 a “*Região de Ponta Grossa lidera ranking do crack*”. Isto é indicativo de que Ponta Grossa, enquanto cidade média, compõe um cenário de intensificação da violência urbana em cidades que não se configuram como metrópoles.

elementos discursivos importantes aqueles que remetem as alternativas para o combate e prevenção da violência urbana, pautadas pelo interesse de melhoria da qualidade de vida, da política de segurança e da adoção de uma perspectiva preventiva nas políticas públicas.

Santos e Souza Junior (2013) também identificam as representações sociais do medo e insegurança nos espaços públicos de Campina Grande na Paraíba que revelam apropriação espacial de praças por grupos de jovens que subvertem a ordem dos costumes na execução de práticas ilícitas. A ideia de que os espaços públicos são privatizados quando apropriados por pessoas reconhecidas como perpetradoras da violência aparece no texto como um importante elemento da análise da violência pelo espaço urbano e sobre a construção social do medo e insegurança.

Na esteira dos textos geográficos sobre violência urbana em seu universo representacional, há a manutenção de uma tendência de pensamento sobre o tema em questão. Na relação entre violência e espaço urbano identificados, parece inculcida a ideia de linearidade entre violência - medo/insegurança.

É importante considerar que no contexto de estudos sobre a percepção e representações que o conjunto social dos habitantes urbanos elaboram sobre áreas e espaços públicos apropriados por grupos sociais identificados como violentos ou vinculados a criminalidade urbana, esta tendência constitui-se como importante referencial analítico. Intensificam a proposta de uma intervenção mais inteligente e, sobretudo, respeitosa do direito universal da dignidade humana, identificando incansavelmente a necessidade de um planejamento preventivo da violência.

Entretanto, no estudo aqui apresentado, optou-se pela observação do cotidiano na perspectiva dos grupos que são reconhecidos socialmente como aqueles mais vinculados a execução de atos violentos e/ou criminosos que, logo, geram os sentimentos de medo e insegurança. Neste caso, a linearidade violência - medo/insegurança do pensamento geográfico brasileiro é entendida como um modo de olhar a partir das representações sociais hegemônicas sobre a violência no espaço urbano. Justamente em contextos nos quais o medo e insegurança são identificados como elementos centrais do discurso. Por outro lado, a linearidade perde um pouco do sentido quando se observa a outra face da moeda: a perspectiva

do 'outro' da geografia da violência urbana. Isto é, ao selecionar o grupo focal deste estudo, acabei optando por dar voz à uma outra narrativa que é forjada pelas experiências concretas dos sujeitos enquanto perpetradores da violência e da criminalidade pelo espaço urbano.

A análise realizada sobre a produção científica brasileira acerca da violência e criminalidade no espaço urbano permite estabelecer um diálogo entre a tradição epistemológica sobre o tema e a minha busca para compreensão do fenômeno da violência e criminalidade a partir da vivência cotidiana de homens jovens. Os pontos de convergência que identifiquei advêm da compreensão de que o fenômeno se reproduz sobre um espaço fragmentado, articulado e permeado por diferentes sistemas de opressão que incidem negativamente sobre a existência espacial cotidiana do grupo social aqui investigado. Como pontos de divergência identificados na análise dessa tradição epistemológica que permeia a produção de estudos sobre violência e criminalidade e que pretendo superar através de meu trabalho investigativo, envolve a generalização dos sujeitos que se apegam a criminalidade enquanto prática cotidiana, bem como a invisibilidade de suas experiências concretas e narrativas para dar inteligibilidade ao fenômeno. Mirou-se na primeira abordagem analisada o atributo da valorização da espacialização de dados criminais que contribuem para refletir sobre padrões espaciais da violência envolvendo o centro e a periferia, bem como o potencial dos mesmos para dar visibilidade às condicionantes e aos efeitos da criminalidade na escala do espaço urbano. A referida abordagem, no entanto, demonstrou-se limitada quanto a apresentar alguns dos caminhos necessários para exploração da violência urbana em sua dimensão cotidiana.

Num segundo momento, foi identificada como relevante a difusão da abordagem teórica que relaciona o fenômeno da violência aos clássicos conceitos da Geografia, bem como dos temas contemporâneos, pela ênfase que dão às possibilidades de reflexão e interpretação que as Geografias Humana e Urbana apresentam ao estudo do tema. Todavia, essa abordagem remete à um campo de discussão epistemológica que privilegia o processo reflexivo à revelia da imaginação científica onde há constante estabelecimento de tensão entre a teoria e a empiria derivada das experiências concretas das pessoas as quais a violência está

diretamente ligada. O processo investigativo que estabeleci no diálogo com o grupo estudado revelou como fundamental que, para além de uma variável quantitativa ou categoria analítica distante de vida real, os homens jovens que desenvolvem atos criminosos têm o cotidiano marcado pela carência de infraestrutura, políticas educacionais e de lazer, bem como propensão ao fortalecimento de sentimentos de exclusão e instituição de territórios em que as práticas violentas e criminosas aparecem como atributos de coesão grupal e apropriação espacial. Se observado o fenômeno da violência e criminalidade urbanas a partir da escala que dá visibilidade às experiências cotidianas do grupo estudado, portanto, é possível identificar sua vulnerabilidade à inserção em espaços de privação de liberdade e, conseqüentemente, isso implica na persistência do fenômeno pelo espaço urbano.

Depois, foi possível perceber que a tradição teórica reflexiva sobre o espaço e desenvolvimento urbanos pela Geografia brasileira, imensamente significativa durante as décadas de oitenta e noventa, se espraiou na elaboração de problemáticas e temas que articulam a violência e criminalidade com a política e fragmentação socioespacial urbana. Também foi observado, no entanto, que essa abordagem explora as contradições do espaço urbano sem objetivar dar voz aos sujeitos e sem perspectivar o objeto de estudo a partir dos aspectos próprios do contexto espacial de vivência cotidiana das pessoas materialmente ligadas ao fenômeno.

Foi igualmente destacado que a difusão de estudos sobre a relação entre espaço e representação na instituição dos sentimentos de medo e insegurança que derivam dos índices relativos da crescente criminalidade urbana e os discursos de vitimização. Estes estudos evidenciam a existência de um desafio à construção do objeto de pesquisa aqui explorado, pois o raciocínio baseado na linearidade violência - medo/insegurança cria uma tensão quando me aproximo das vivências espaciais e narrativas de homens jovens identificados pelo ponto de vista social dominante como violentos e criminosos.

A partir do diálogo com a produção geográfica brasileira, pode-se afirmar que entre as abordagens convencionais do estudo da violência urbana, têm-se dado o privilégio à perspectiva de quem sente os efeitos da violência, ou de quem sistematiza e analisa espacialmente as percepções, os discursos e os dados

registrados sobre ela. Deste modo, o outro polo do fenômeno da violência urbana tem sido pouco explorado, sobretudo, a perspectiva e voz do grupo ativo na construção material e imaterial do fenômeno da violência finda em ser quase esquecida. A discussão empreendida na construção de meu objeto de estudo, então, incide também sobre o preenchimento desta lacuna na Geografia brasileira.

Outro aspecto que mobiliza minha crítica é o predomínio de uma visão sobre os sujeitos enquanto monolíticos, pois são analisados como variáveis mórbidas da apresentação de um modelo de espacialização da violência para compreender as contradições do urbano. Têm-se pouco investigado sobre quem e em qual espaço-tempo cotidiano se revelam os sentimentos e as atitudes que instigam a realização de um ato criminoso ou violento, assim como os efeitos que ele enseja na constituição e condução da vida do potencial criminoso pelo espaço urbano. Assim como a cor, o sexo e sexualidades, a idade e, em que espacialidades se dão as experiências concretas das pessoas com o crime e sua execução penal, têm sido pouco contempladas enquanto recortes temáticos.

Compondo uma linha de estudos sobre a violência que emerge nos últimos anos e que toca nesses aspectos destacados pela crítica acima, há um conjunto ainda pequeno, porém vigoroso de estudos que articulam o fenômeno espacialmente variado da violência urbana às relações de gênero, à racialidade e à construção social da juventude.

No que se refere a violência urbana analisada através da reflexão acerca do gênero e das sexualidades, têm se destacado como efervescentes e enriquecedoras as publicações da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. Nela foram publicados nos últimos anos uma série de artigos que tratam: da violência de gênero e os circuitos espaciais a ela vinculados (LAN, 2010); dos atributos do feminicídio crescente na América Latina (PONS, 2010); da violência contra adolescentes do sexo feminino (LOW e MELO, 2011); do atendimento dado pelo estado às mulheres vítimas de violência (LIRA, 2013); da violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de gênero (CANÇADO, 2012); da violência motivada pela homofobia contra jovens gays em espaços públicos (SOLIVA, 2011) e; dos crimes passionais cometidos contra mulheres (LOPES e SILVA, 2013).

Essa abordagem de gênero difundida pelas Geografias Feministas no Brasil e que se articula a uma produção latino-americana e ibérica representa um conjunto de oito artigos identificados a partir do levantamento. O aspecto mais interessante desses textos é que fogem daquilo que seria considerado o escopo da análise empreendida pelas abordagens mais difundidas na tradição epistemológica ligada ao tema da violência e criminalidade no conhecimento geográfico, caracterizado pela análise de padrões espaciais e perfis generalizantes. Ao conduzirem reflexões a partir de uma perspectiva não-monolítica, os estudos de gênero na Geografia, ou melhor, das Geografias Feministas, também tocam em componentes próprios do contexto de execução de atos violentos e criminosos e sua vinculação ao sistema estrutural que institui desigualdades a partir da construção da feminilidade e masculinidade, bem como da difusão de discursos e da violência 'lgbtfóbicos'.

Cabral, Silva e Ornat (2013) ao tratar da relação entre morte e espaço a partir das narrativas das travestis, apresentam uma das maneiras em que o fenômeno da violência é apreendido pelo campo das Geografias das Sexualidades. Evidenciam os modos pelos quais a violência se processa diferenciadamente em cada espacialidade vivenciada pelo grupo estudado, entre elas, a casa, a escola, a rua e as instituições do aparelho de Estado.

Os estudos que difundem uma abordagem pautada pelas discussões das Geografias Feministas e *Queer*, nesse sentido, contribuem na reflexão sobre a construção de masculinidades pelo grupo aqui investigado e também importam ao estudo de quaisquer grupos marginais sujeitos à interdição espacial e à opressão cotidianas, contribuindo, desse modo, na tentativa de quebrar as barreiras as quais se depara minha investigação sobre homens jovens e pobres em situação de vulnerabilidade à vida criminosa e carcerária e cujo cotidiano é pouco considerado na constituição de escalas de análise e de problemáticas de pesquisa sobre violência e criminalidade.

O olhar sobre a produção geográfica envolvendo a temática da violência e criminalidade urbanas possibilita constatar que as principais perspectivas teóricas que contribuem para relacionar o fenômeno com diferentes categorias sociais e de análise, tais como masculinidade e juventude, como também, para trilhar um caminho de articulação conceitual entre território, espacialidade e

interseccionalidade que não foi contemplada no conjunto de estudos que difundem abordagens já consolidadas sobre o tema.

Minha pesquisa envolve, afinal, dar voz ao autores de crimes para que em contato com a memória sobre dado período de vivência carcerária e de realização de atos ilícitos, possa a Geografia saber um pouco mais sobre a vida cotidiana deles.

A análise acerca da tradição epistemológica do tema da violência e criminalidade urbanas demonstrou que há convergência de ideias acerca do universo empírico observado como reflexo e condição de um espaço urbano marcado pela fragmentação do tecido socioespacial e que evidencia a persistência do fenômeno da violência e criminalidade na instituição de espaços e territórios de vulnerabilidade à inserção de homens jovens adultos no espaço carcerário. Como pontos de divergência, a tradição vinculada ao tema demonstra invisibilidade e generalidade em relação a existência espacial do grupo investigado que, por sua vez, gera invisibilidade à identidades masculinas e trajetória jovem, assim como aparenta desconsideração de suas experiências cotidianas e de suas narrativas na compreensão do fenômeno.

A tradição epistemológica brasileira, nesse sentido, não expressa dar conta dessa busca. Entretanto, como posicionamento político e científico encontro possibilidades para contemplar minha questão científica de partida na aproximação com perspectivas elaboradas a partir de outros campos da Geografia e que influenciaram minhas escolhas na investigação do fenômeno.

## **2. A relação entre juventude masculina e criminalidade como objeto de estudo da Geografia**

Esta seção incide sobre uma das facetas da constituição dos sujeitos e grupo investigado e que reside na juventude. As juventudes enquanto construções sociais fazem parte de um quadro variado de estudos de diversos campos de conhecimento, mas que estão em interlocução com a produção científica geográfica através do desenvolvimento da Geografia da Juventude.

Na Geografia brasileira as pesquisas de Turra (2004a; 2004b; 2008 e 2011) sobre sociabilidade juvenil a partir da reflexão dos aspectos geracionais e da ocupação de espaços públicos pelos movimentos juvenis *Punk* e *Hip Hop* são um

importante marco para a possibilidade de se estudar as juventudes e para própria emergência de uma Geografia da Juventude no Brasil.

Dentre os estudos que relacionam violência urbana à juventude, há um conjunto de seis textos identificados em levantamento realizado a partir de artigos de revistas nacionais da Geografia. Sendo importantes, por exemplo, os textos de Carvalho (2011; 2011) que tratam da relação entre espaços de pobreza, tráfico de drogas e homicídios envolvendo população jovem na cidade de Londrina, no Paraná. A sobreposição de espaços onde há atuação da rede varejista de tráfico de drogas e os espaços de morte dos jovens é identificada a partir do exercício da espacialização dos dados criminais e dos atendimentos emergenciais e ambulatoriais.

Os textos de Carvalho (2011a; 2011b), ainda que denotem a relevância do modelo de análise baseado na espacialização de dados criminais, é marcado pelo cruzamento de informações que subsidia o planejamento preventivo da violência entre as camadas jovens, além de demonstrar a vulnerabilidade das periferias urbanas, marcadas pelas ocupações irregulares e conjuntos habitacionais, para a morte violenta e precoce.

Peluso e Tormim (2005), apresentam outra possibilidade de estudar a relação entre espaços de pobreza e instituição de violência social a partir das experiências de jovens das periferias com uma entidade religiosa. Demonstram em seu estudo que o comportamento e identidades dos jovens tem como componentes as representações sobre a violência entre outros aspectos do cotidiano periférico. Porém, esse estudo não avalia as maneiras pelas quais a violência e a criminalidade são produzidas e absorvidas pelo espaço urbano.

É possível verificar que os estudos que relacionam violência urbana com a juventude difundidos na Geografia brasileira utilizam abordagens já estabelecidas e convencionais do estudo da violência realizado pela disciplina. Além disso, não lançam mão de metodologias específicas para o estudo de jovens, tampouco dialogam com o subcampo da Geografia da Juventude estabelecido em escala internacional.

Destarte, diante do diálogo deficitário que o contexto investigativo brasileiro realiza com os estudos sobre juventude em nossa disciplina, há dois desafios

ligados à construção do objeto de estudo aqui evidenciado, como também ao desenvolvimento de um subcampo das geografias da juventude no país. O primeiro corresponde a necessidade de diálogo com a produção anglófona, na qual esse subcampo é derivado da trajetória de estudos das Geografias Feministas e da Geografia das Crianças e, que demonstra crescente avanço nas últimas décadas, tanto em relação às metodologias de análise desenvolvidas, quanto pelas propostas teórico-conceituais para estudos de espaços vividos pelas pessoas jovens. O segundo desafio diz respeito a reflexão das propostas apresentadas nesse campo, evitando quaisquer transposições conceituais que não dialogam com o contexto brasileiro de vivência da juventude habitante de periferias pobres do espaço urbano.

Assim, uma outra demanda não menos importante para a reflexão teórica e fundamental para a construção do objeto de estudo que percorre o conjunto dessas linhas, é o diálogo com estudos voltados a compreensão da vivência espacial de pessoas jovens.

Buscando estratégias à compreensão das linguagens de jovens das periferias pobres, os estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) que incidem sobre a relação entre juventude, gênero e espaços de vulnerabilidade aos atos ilícitos, figuram como discurso científico de resistência no campo da geografia social. Os elementos que justificam a necessidade desse discurso tem lastro nas vivências espaciais de homens jovens pobres, usuários de drogas e em conflito com a lei.

A observação do cotidiano do grupo investigado até o momento pôde evidenciar a elaboração de estratégias que são socialmente reconhecidas como transgressoras, pois voltam-se, entre outras coisas, ao consumo e tráfico de drogas, furtos e roubos. Com a reiteração dessas práticas ilícitas, o discurso hegemônico que considera-os enquanto jovens malvados e cruéis é legitimado, o que fortalece o significado de marginalização atribuído. Entretanto, as experiências na ilegalidade tornam-se fundamentais na instituição de diferentes territórios urbanos.

Cabe aqui então apresentar também uma reflexão teórica sobre o peculiar universo empírico que é o espaço urbano da juventude pobre que incide e reincide em atos violentos e criminosos. Este universo também mostra possibilidades de

diálogo com estudos das geografias das crianças e da juventude e as possíveis conexões com investigações geográficas realizadas a partir do contexto brasileiro.

Valentine (2003), Hopkins (2007) e Weller (2006) notam que o fluído e ambíguo período de transição da infância à vida adulta tem sido relativamente negligenciado pela geografia. A emergência destes estudos na disciplina tem se consolidado como um substantivo e instigante percurso. Segundo Weller (2006), as experiências de pesquisas com jovens envolvem experimentação de vários métodos que desafiam as desiguais relações de poder estabelecidas entre cientistas e jovens pesquisadore(a)s. Além disso, a autora apresenta como potencialidade do subcampo contribuir à desconstrução de estereótipos atribuídos à crianças e jovens, influenciando novas formas de relações intergeracionais.

Valentine (2003) argumenta sobre a dificuldade de definir o período de transição entre a infância e a condição de pessoa adulta e afirma a impossibilidade de definir um período estável que marca a juventude, sendo esta um processo vivenciado de maneira distinta e de acordo com cada tempo e espaço. Ela chama a atenção para os espaços implícitos que compõem essa transição, assim como às suas respectivas conexões. A geógrafa afirma que modelos normativos da juventude negligenciam o cruzamento com as diferenças de gênero, classe e sexualidade. O texto de Valentine (2003) figura como um importante referente à interpretação das juventudes pela geografia e, ainda, enumera um conjunto relevante de temas e estudos vinculados à este subcampo.

Também observando que a idade é uma construção espacialmente variável, Hopkins (2007) identifica que esse aspecto é pouco considerado pelo conhecimento hegemônico da geografia, que constantemente invisibiliza ou silencia crianças, adolescentes e jovens em seu campo de análise. Compartilhando a ideias de Wyn e Branco (1997), Hopkins (2007), demonstra que a idade constitui-se em conceito ligado a uma realidade biológica, mas, cujos significados são atribuídos através de processos histórico-culturais. Em tais processos, existem referências espaciais importantíssimas, além de inúmeras possibilidades em que as pessoas ativamente criam ou resistem de modo particular as representações da idade através da utilização do espaço e lugar. Este geógrafo também compartilha a abordagem

interseccional no estudo de homens jovens explorando as diferenças vinculadas a masculinidade, religiosidade e raça.

Evans (2006) explora a diversidade de formas de negociação de identidades entre jovens na Tanzânia a partir da intersecção entre etnicidade, gênero e idade. Seu trabalho utiliza etnometodologias no contexto das crianças moradoras de rua. Ela propõe o conceito de 'carreira de rua' para compreender o cruzamento entre os marcadores de etnia, gênero e idade, o tempo e espaço vividos nas ruas pelas crianças e adolescentes. Um cruzamento que evidencia estratégias de ocupação de espaços públicos, subsistência e preservação da religiosidade e rituais. A autora sugere pensar que a 'carreira de rua' institui identidades complexas, em que as performances influenciam na reorientação das normas de gênero e de ocupação de espaços públicos.

De acordo com Anderson e Jones (2009), o lugar é de fundamental importância para a eclética utilização de metodologias de análise com potencial de superar a incapacidade da Geografia Cultural e social em representar práticas sociais cotidianas. Se é o contexto espacial que constrói socialmente a juventude, as metodologias também podem ser contextualizadas, afirmam. Esta posição teórico-metodológica não apenas mostra a diferença que faz o método na pesquisa. Sobretudo, tenta superar abordagens configuradas na transposição de metodologias aplicadas ao contexto de investigação de pessoas adultas na compreensão de espacialidades jovens. Nessa perspectiva, há grande difusão de pesquisas pela revista *Children's Geographies*, compondo uma nova agenda política e acadêmica que visa desedificar a perspectiva 'adultocêntrica' da Geografia Humana.

Assumindo essa posição, Cahil (2007) apresenta a pesquisa-ação participante como uma das maneiras de se realizar pesquisas com jovens. Ela enfatiza que a adoção de uma abordagem baseada na práxis coletiva, além de incidir sobre a partilha de poder no processo de pesquisa, contribui ao projeto de desafiar a exclusão social e desenvolver capacidades dos jovens à análise e, conseqüentemente, para a transformação de suas vidas. Cahil (2007) reflete sobre sua experiência de pesquisa como catalisadora em processos de análise coletiva de dados que possibilitam uma riqueza de informações, que frequentemente são obtidas com relativa dificuldade a partir de metodologias convencionais. No mesmo

sentido, Drummond (2007) apresenta como alternativa a utilização de uma metodologia pautada na capacidade artística de jovens e na imaginação do futuro no espaço urbano.

Mais próximo do universo empírico aqui explorado, o texto de Herrera *et al* (2009) articula as noções de estigma (GOFFMAN,1980), com a ideia de performatividade (BUTLER, 2003), para compreender a identificação dos corpos e o controle dos mesmos pelos jovens. O texto explora suas performances corporais num contexto de infâncias e adolescências dolorosas em que se fazem presentes as atividades de lazer perigosas e viciantes, além de uma série de restrições ao afeto e subsistência de jovens que ocasionalmente trabalham nas ruas do centro da cidade de Puebla, no México. A violência é enfatizada pelo grupo entrevistado quando toca em experiências passadas no contexto intra-familiar e nos momentos em que comunicam a resolução de crimes e brigas cotidianas. No entanto, os jovens mexicanos apontam que a violência é geralmente contida devido ao cuidado dos jovens em não alertar o aparato policial. As estratégias de invisibilidade que são entrelaçadas às performances dos jovens de rua mexicanos também são acionadas pelos espaços em que eventualmente há reuniões ligadas ao uso e tráfico de drogas. O estudo também inclui a reflexão sobre o confinamento de jovens do sexo masculino, como geradora de efeitos ao corpo jovem, desde a exposição ao tempo seco e ao sol, até tatuagens ou marcas de eventuais agressões. As performances, neste sentido, são fundamentais na compreensão das experiências dos jovens nas ruas e suas distintas posicionalidades num espaço entendido como regulado.

Outro trabalho que explora a conexão entre juventude, masculinidades e práticas ilícitas é o de Winton (2005) sobre a mobilidade da juventude e a atuação de gangues nas áreas pobres da cidade de Guatemala. A geógrafa analisa um conjunto de limites impostos à mobilidade de jovens pobres na cidade como eixos da vulnerabilidade à conflitos entre gangues e demais práticas violentas. Enumera as principais maneiras pelas quais homens e mulheres jovens se relacionam com a violência no espaço urbano através da realização de um mapeamento participativo de espaços seguros e perigosos. Seu estudo demonstra que a violência cometida por homens jovens e membros de gangues reforça a identificação que eles têm com

tais gangues e com espaços instituídos a partir da exclusão das redes de acesso a outras atividades na cidade, como o lazer e o acesso a diversão e à arte.

Como fora observado, há um conjunto de estudos das geografias da infância e juventude que se relacionam como o tema aqui abordado. No entanto, a ponderação sobre a impossibilidade de definição da juventude como período estável vivido a partir de modelos normativos, como bem nota Valentine (2003), mobiliza a seguinte questão: Como estudar grupos de homens jovens que passam a assumir a posição de adultos na sociedade, mas que ao mesmo tempo, preservam comportamentos socialmente reconhecidos como próprios da juventude e que incidem sobre a cidade enquanto transgressores?

Se a juventude como fase de transição fluída não contempla um modelo normativo de masculinidade adulta, este pode ser desconstruído. McDowell (2002) apresenta como possibilidade pensar o contexto de homens que se tornaram adultos a partir dos pressupostos ligados a construção de uma juventude que vive à margem do acesso ao emprego e a efetivação das aspirações educacionais e profissionais. Se for considerado como jovem o ser humano adulto que ainda habita a residência de seus pais, bem como deles depende financeiramente devido a posição de nem estudante, nem trabalhador ('nem-nem'), pode ser também considerado que tal ser humano compõe a parcela jovem da sociedade. Ademais, o próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística classifica como jovem a população cuja idade percorre a etapa dos doze aos vinte e cinco anos. Desse modo, os homens jovens dessa pesquisa podem ser identificados como jovens adultos.

As experiências de pesquisa do Grupo de Estudos Territoriais também têm evidenciado que não se deve simplesmente culpabilizar jovens em conflito com a lei, tampouco tratá-los como vítimas, pois tal como apresenta Adorno *et al* (1999), a juventude em conflito com a lei não deve ser considerada nem como um grupo de anjos, nem de demônios devido ao contexto desigual em que vivem influenciar significativamente na permanência do fenômeno da violência e da criminalidade.

Um aspecto importante do diálogo com a Geografia da Juventude e que precisa ser destacado na presente seção é que a pluralidade de vivências espaciais extrapola qualquer tentativa de tipificação ou hierarquização sistemática (VALENTINE, 2007). As experiências de pesquisa no contexto das periferias pobres

brasileiras podem indicar outros elementos que compõem a construção de masculinidades pelos jovens pobres que atuam na criminalidade explorando várias facetas identitárias e o modo como influenciam a vivência simultânea de diferentes eixos de opressão, ligados a raça, sexualidade, renda, idade, masculinidade, entre outros. Contudo, a discussão aqui apresentada se restringe ao diálogo entre as geografias da juventude e as práticas ilícitas.

Os dados da última década sobre a violência cometida por adolescentes no Brasil tem demonstrado algumas características gerais que relacionam juventude masculina às periferias. A incidência dessas práticas ilícitas manifesta uma proporção de 96% de autoria masculina e 4% feminina, conforme relatório do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) divulgado em 2006. No Paraná, a proporção é de 93,5% para 6,5%, tal como apresentado em Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo, (2008). Na cidade de Ponta Grossa, o cenário se mantém, com 85% dos atendidos pelo sistema socioeducativo representados pelo sexo masculino e, 15% do sexo feminino, como evidencia levantamento realizado pelo GETE sobre os atos infracionais registrados na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da cidade, referente ao período entre 2005 e 2007.

O Levantamento Estatístico da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente<sup>23</sup> apresentado no Caderno do SINASE de 2006<sup>24</sup> mostra que entre os adolescentes do sexo masculino que cumpriam medida socioeducativa no Brasil, 78,7% deles eram oriundos de famílias sem renda ou possuindo até dois salários mínimos. O mesmo documento categoriza 85,6% como usuários de drogas.

O documento da Secretaria Especial de Direitos Humanos<sup>25</sup>, destaca o relato da subsecretária Carmen Oliveira: “a maioria dos internos é proveniente de famílias com baixa renda, o que evidencia a tendência à criminalização da miséria, ao invés de maiores investimentos nas políticas públicas voltadas à adolescência.” (2008, p.2).

---

23 A Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente pertence a Secretaria Especial de Direitos Humanos que apresentou informações do levantamento Murad, 2004.

24 O SINASE é Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, apresentado num Caderno publicado pela CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes) com o apoio da UNICEF. No caderno são apresentados dados importantes sobre a população de os adolescentes em conflito com a lei no Brasil que se referem ao período inicial do século XXI.

25 Documento acessado através do buscador *google*, e nomeado com os seguintes caracteres: [PDF] [090122 levantamento 2008](#).

Sobre a escala estadual, alguns dados podem ser obtidos a partir nos Cadernos do Instituto de Ação Social do Paraná (IASP). Tal como o publicado em 2006, que registra que no conjunto de adolescentes que cumpriam medidas de internação, o sexo masculino representava aproximadamente 90% dos envolvidos no estado. O texto do IASP também ressalta que o envolvimento mais comum está entre jovens de famílias de baixa renda e moradores de periferias urbanas.

Ponta Grossa está localizada no segundo planalto paranaense, na região conhecida como Campos Gerais, e cujo processo de urbanização gerou a formação de periferias pobres em torno dos espigões de seu relevo. A fragmentação do tecido social e o nível de qualidade de vida de áreas distantes do centro ou nos fundos de vale que estão próximos dele formam alguns dos elementos espaciais que instituem a vulnerabilidade para os atos infracionais entre os adolescentes do sexo masculino, tal como defendido por Chimin (2011).

Os Censos de 2000 e 2010 registram grande concentração de crianças e adolescentes nas áreas periféricas da cidade, assim como, estas áreas apresentam inúmeras carências em infraestrutura e serviços. As periferias de Ponta Grossa registram a maior concentração da população com renda até dois salários mínimos, o que indica a existência de níveis de pobreza mais elevados do que nas áreas centrais ou de alta valorização fundiária. Coincidindo com as periferias pobres de Ponta Grossa, estão as moradias de grande parte dos jovens que cometem atos ilícitos, como fora observado em Rossi e Chimin (2009).

Em levantamento realizado pelo Programa Municipal de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PEMSE) de Ponta Grossa, há o registro de que 82% dos adolescentes atendidos são moradores das periferias pobres da cidade, sendo que 30% deles reincidem ao ato infracional, o que indica maior vulnerabilidade presente nestas áreas. Outro aspecto destacado pelo PEMSE, é que 90% destes adolescentes pertencem ao sexo masculino.

Os registros da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos de Ponta Grossa demonstram o mesmo aspecto dos contextos nacional e estadual, em que 97,13% dos envolvidos são moradores de áreas precárias em serviço e infraestrutura e, ainda, que apresentam baixos índices de renda. A análise dos registros da referida delegacia também constatou que atos infracionais como furto simples, furto

qualificado<sup>26</sup>, roubo<sup>27</sup>, assalto, ato libidinoso, estupro e perturbação da tranquilidade ocorreram com maior frequência nas áreas de moradia e de vizinhança dos adolescentes. Por outro lado, atos infracionais do tipo agressão, vias de fato, lesão corporal e tráfico de substâncias entorpecentes ou tóxicas, ocorreram em sua maioria nas áreas centrais da cidade.

De acordo com as principais informações obtidas em levantamento de dados, há três elementos fundantes do grupo social investigado e que também se constituem como elementos de construção de meu objeto de estudo: a maioria das pessoas em conflito com a lei habitam periferias pobres da cidade; são do sexo masculino e; a maior parte das práticas ilícitas variam entre tráfico de drogas, furtos e roubo.

Estes aspectos se assemelham a caracterização dos perfis de homens encarcerados no estado do Paraná identificados no Mapa Carcerário<sup>28</sup> e, que no ano de 2015, registrou uma população masculina que representa 94,1% do total da população carcerária, sendo a maioria com faixa etária entre dezoito e vinte e nove anos de idade. Outro aspecto verificado é a parcela de 54% dos jovens apenados que não estuda, nem trabalha. Em relação aos espaços de moradia da população carcerária a Central de Transparência Carcerária no Estado do Paraná não disponibiliza informações.

Sendo assim, tanto as parcas estatísticas disponíveis pelos órgãos responsáveis ligados ao sistema socioeducativo, bem como aquelas vinculadas à gestão e 'transparência' do sistema penal, demonstram forte relação entre os aspectos de vulnerabilidade ao ato criminoso e as construções sociais da juventude,

---

26 De acordo com o art. 155, § 4º e incisos do Código Penal Brasileiro, o furto qualificado é aquele em que ocorre uma, ou mais, das seguintes situações: 1) destruição ou rompimento de obstáculo para a subtração do objeto; 2) emprego de chave falsa; 3) mediante concurso de duas ou mais pessoas. O furto qualificado envolve contextos em que o agente utiliza métodos astuciosos à execução do delito. Portanto é o método que qualifica o furto. Por conseguinte, o furto simples não ocorre nenhuma das situações ([http://www.dji.com.br/codigos/1940\\_dl\\_002848\\_cp/cp157a160.htm](http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp157a160.htm); Acessado em 12 de fevereiro de 2009).

27 Conforme disposto no Art. 157 do Código Penal Brasileiro, roubo significa: Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de qualquer resistência. ([http://www.dji.com.br/codigos/1940\\_dl\\_002848\\_cp/cp157a160.htm](http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp157a160.htm)); Acessado em 12 de fevereiro de 2009).

28 Sistema vinculado ao Departamento de Execução Penal Brasileiro, mas que é organizado pela Central de Transparência Carcerária no Estado do Paraná, sendo esta última, uma unidade de planejamento da Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

masculinidades e espaços de pobreza. Isso reforça a demanda de estudos sobre o cotidiano de homens jovens que vivem dado tempo como encarcerados.

Chimin (2011) apresentou a tese de que o espaço compõe a vulnerabilidade de adolescentes do sexo masculino para a execução de práticas ilícitas. Seu estudo realiza um importante mapeamento da rede de apoio e proteção às crianças e adolescentes e identifica baixa articulação entre seus 'nós' para o planejamento e implantação de políticas públicas que contemplem direitos à educação, diversão, arte e ao cumprimento humano e contextualizado de medidas socioeducativas. O trabalho deste geógrafo inspira pensar que na cidade os mecanismos de controle social e segurança pública operam dispositivos disciplinares que possibilitam a reiteração de práticas violentas e criminosas e que podem ser reproduzidas e reiteradas no decorrer da vida adulta.

Uma dessas práticas é enfatizada por Rocha (2014) em seu estudo sobre as espacialidades do uso de *crack* em Ponta Grossa e no qual destaca as principais escalas de experiências de jovens com a substância química e que articulam-se como 'espaços espiados'. Rocha (2014) também nota na relação entre vício e espaço que o corpo é importante elo de mediação e posicionalidade em diferentes espacialidades e relações de poder.

Outra conexão estabelecida pelo geógrafo é a do *crack*, violência e morte. Este aspecto levantado por Rocha (2014) e também por Gomes (2013) e Gomes e Silva (2014) instiga a reflexão sobre as drogas num contexto urbano recheado pela vulnerabilidade nas periferias e seu uso como potencializador de crimes violentos.

Em Gomes (2013) e Gomes e Silva (2014) as *assemblages* violentas são analisadas em seus atributos de envolvimento de adolescentes homens com o uso de drogas, com os fluxos econômicos do tráfico e com a morte. A coesão identitária e a imersão nas espacialidades da adicção são interpretadas enquanto intersecção de elementos que (re)posicionam os sujeitos em espaços de violência. Ao tratar da morte por homicídio, Gomes (2013) apresenta-a como interconectada as espacialidades da adicção e violência. Portanto, demonstra alguns efeitos de uma política que dispõe sobre os modos de vida e morte de homens jovens usuários de drogas que habitam as periferias pobres do espaço urbano.

Essa escala de análise convida a reflexão das possibilidades de articulação do universo empírico estudado pelo Grupo de Estudos Territoriais com a proposição pós-colonial da necropolítica. Achille Mbembe (2003), teórico pós-colonial sul-africano desenvolveu este conceito para exemplificar que a “máxima expressão da soberania reside no poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (p.11). Logo, sobre o modo de viver e morrer de alguns grupos.

A ideia de soberania presente no texto de Mbembe (2003) se distânciada das reflexões em torno do poder do Estado-Nação, conexões supranacionais ou somente ligadas às instituições estatais. Ela conecta questões de biopoder e guerra para compreender o 'governo da morte'. Para o autor, a necropolítica supera o conceito de biopolítica desenvolvido por Foucault (1988) e incide sobre a soberania estabelecida em campos de concentração, estados de exceção, de sítio e de emergência, capazes de gerar efeitos materiais e intersubjetivos às populações envolvidas. Ele explora a experiência de populações coloniais com sistemas de poder como a *plantation* e o *apartheid*. E sugere pensar a biopolítica e necropolítica como interatuantes.

Mbembe (2003) enfatiza que para a soberania dos sistemas de poder em ocupações coloniais moderno-tardias e espaços pós-coloniais há o governo da vida e da morte dos subalternos ou (pós)colonizados. Nesse sentido, os espaços de vulnerabilidade, adicção e morte de homens jovens pobres podem ser representados como uma pequena fração do terror da morte como formação de poder que permeia a condução de uma vida precária. Mas ainda, uma vida, que é radicalmente modificada quando confinada ao cárcere.

### **3. O cárcere sob múltiplas perspectivas escalares: entre o institucional e o cotidiano**

A presente seção tem por objetivo refletir sobre o espaço carcerário a partir de duas escalas de análise. A primeira vinculada ao debate acerca da prisão enquanto instituição punitiva e correccional. A segunda como espaço pelo qual se processa a vida cotidiana dos presos. Para isso, recorro à apresentação de diferentes perspectivas que emergem na produção geográfica brasileira e ao diálogo com estudos que compõem o subcampo da Geografia Carcerária, bem como as principais perspectivas teóricas que influenciam diferentes concepções sobre prisão.

Inicialmente, deve ser entendido que o olhar sobre o espaço carcerário mobiliza o exercício de compor um cenário que possa ser compreendido a partir de diferentes perspectivas espaciais. No decorrer das últimas décadas, duas escalas de análise têm se destacado como importantes à discussão sobre a prisão. A primeira voltada ao estudo do espaço carcerário como instituição voltada a punição e aplicação de métodos corretivos. A segunda envolve as diferentes maneiras em que esse espaço é vivido pelos presos.

Para contemplar a definição de uma perspectiva multiescalar de compreensão do espaço carcerário, se torna fundamental dialogar sobre a natureza do conceito de escala como construção social.

Na ciência geográfica a ideia de escala foi desenvolvida apresentando diferentes significados, sendo objeto de intenso debate a partir da década de oitenta. Herod (2011) enfatiza que o mundo contemporâneo caracterizado pela globalização e seus processos econômicos, políticos e sociais/culturais reconfigurou de maneira complexa e contraditória o modo como o espaço está implicado na constituição da vida e de múltiplas identidades pela superfície terrestre. Até esse momento de efervescência da discussão sobre escala, a mesma era pensada como um conceito apriorístico e ontológico, isto é, como algo dado e preestabelecido por si só na realidade e que serviria ao ordenamento espacial do mundo a partir, via de regra, das dimensões locais, regionais ou nacionais. Tais dimensões serviriam para traçar espacialmente um sistema mundial cujas demarcações se estabeleciam a partir da atividade de traçar fronteiras desde o local até o global. Delaney e Laitner (1997) já apresentavam essa consideração afirmando que a escala se constitui em caminho de apreensão ou de enquadramento da realidade espacial.

Partindo da ideia de que toda atividade com intuito de estabelecer divisão do espaço a partir da escala (desde a casa, passando pelo local, urbano, regional e global), Smith (1992) sugere que a escala não pode se apresentar como algo preestabelecido ou ontologicamente dado. Como socialmente produzida, a escala é para este geógrafo tanto uma maneira de representar e ordenar a realidade espacial, quanto representação que contribui para interpretações da mesma como base material e sobre a qual se desenvolvem as ações humanas. Moore (2008) também entende a escala tanto como conceito geográfico constituindo uma

realidade epistemológica quanto como base para o desenvolvimento de práticas cotidianas.

O exercício reflexivo acerca da escala, no caso desse estudo, possibilita entender as experiências cotidianas no cárcere na perspectiva de uma multiplicidade de escalas na composição do fenômeno investigado. Numa perspectiva, tais experiências podem ser pensadas a partir das estruturas sociais que implicam políticas punitivas numa escala mais ampla, seja regional ou nacional. Se apresenta como outra perspectiva a escala aproximada ao cotidiano carcerário e que se evidencia a partir de um presídio, bem como de uma galeria ou cela as quais este dispõe. Também é possível apreender sobre as práticas cotidianas do cárcere a partir da escala do corpo de um apenado. No presente estudo a ênfase é dada à escala da vida cotidiana dos presos, entretanto, esta também dá visibilidade a escala institucional da prisão.

Alguns dos elementos fundamentais para a compreensão da escala institucional do espaço carcerário são apresentados por Foucault (1996) sobre um espaço de privação da liberdade cuja função alia tecnologias de punição, controle e correção. A prisão, como aparelho que visa transformar os indivíduos, ao mesmo tempo, constitui-se enquanto espaço transformado por eles, vide a lógica das transgressões das normas hegemônicas através de práticas compartilhadas por variados grupos de detentos.

O ponto de vista sobre a prisão defendido por Foucault (1996), nesse sentido, insiste que a mesma tem dois elementos fundantes: a privação da liberdade e o suplemento corretivo com o objetivo de transformar os detentos. Assim, a discussão sobre o sentido da prisão, para este filósofo, invoca uma questão jurídico-política ligada ao direito de punir aliado ao de empreender tecnologias corretivas. O sistema penitenciário, deste modo, surge como 'suplemento disciplinar em relação com o jurídico', cuja função da penitenciária é complementar o que o sistema jurídico não contempla: a punição em sua execução material e imaterial.

Foucault (1996) também explica que há co-instituição das técnicas penitenciárias e do homem delinquente. Sendo assim, é possível interpretar que as técnicas de controle, punição e correção produzem os detentos, ao mesmo tempo em que estes podem incidir sobre o espaço em que as técnicas são estabelecidas,

transformando-o cotidianamente. Num regime controlado pelo exercício de um poder biopolítico e, por outro lado, pela possibilidade de contrapoder e resistências empreendidas pelos presos, a vida na prisão se institui de maneira complexa e, sobretudo, aberta ao fluxo das negociações entre os coordenadores das técnicas penitenciárias e apenados e, destes últimos, entre si.

Há diferentes maneiras de conceber o modo em que as pessoas conduzem a vida cotidiana pelo espaço carcerário. A abordagem de Foucault (1975) enfatiza que a prisão se constitui como mecanismo programado para conciliar coerção, punição e correção e que gera uma tensão total sobre as pessoas que a experienciam. Estas, ao mesmo tempo em que são designadas à um processo de transformação que visa reinserção social, são capazes de transformar o espaço em que habitam na tentativa de preservar hábitos e estratégias coletivas.

Goffman (1968), por sua vez, ao indagar que a prisão se configura como instituição total, tal como a escola, o hospital e o hospício, argumenta que as pessoas podem adaptarem-se à configuração dos espaços restritivos. Deste modo, a prisão também apresenta um certo grau de permeabilidade à constituição de outras normas que fogem ao controle e à vigia institucionais. Sua abordagem sugere que a interação das pessoas é capaz de estabelecer práticas e normas que transgridem à ordem e inscrevem outras possibilidades de vivência que derivam da adaptação ao espaço restritivo.

As duas abordagens destacadas acima dialogam com a perspectiva de Friedberg (1993) sobre as instituições de um modo geral. Conforme sua abordagem, a escala de análise institucional envolve a premissa de que toda ação é organizada. Além disso, apresenta três aspectos fundantes de sua perspectiva sobre instituições que buscam regular a vida das pessoas: em toda instituição há onipresença de um eixo organizacional; há distintos modos em que os comportamentos são condicionados ou modificados e; um certo grau de liberdade. Tal ponto de vista dialoga com meu objeto de estudo, pois há na prisão estudada a constituição de uma normatividade masculina que pode ser identificada como eixo organizacional da condução da vida cotidiana, as práticas e interações organizadas expressam o modo como os comportamentos são contextualizados e situados conforme código de

conduta próprio da população carcerária e, ainda, a liberdade de auto-organização do coletivo encarcerado.

Outra referência importante para a compreensão da escala institucional do espaço carcerário é encontrada em Agamben (2004) que destaca o paradigma da governamentalidade baseada na instituição de um espaço de exceção onde o poder soberano é capaz de suspender a lei e produzir zonas de abandono. No caso aqui estudado o espaço carcerário pode ser entendido como espaço de abandono instituído pela governamentalidade penal que direciona os presos à um sistema na regulação do espaço, ao mesmo tempo em que são abandonados à própria sorte, quando se observa a ineficiência do estado em garantir-lhes direitos fundamentais.

As premissas de Goffman (1968), Foucault (1996), Friedberg (1993), bem como de Agamben (2004), contribuem para a apreensão da realidade espacial de uma prisão enquanto instituição regulada pelo estado. Contudo, o entendimento sobre a prisão a partir da eleição da escala de análise institucional deve dialogar com a escala vinculada as ações cotidianas dos sujeitos que nela habitam. Estes últimos, certamente, objetivam suas estratégias tendo em vista os mecanismos institucionais que regulam a vida carcerária. Sendo assim, o espaço carcerário pode ser compreendido no cruzamento entre duas esferas ou dimensões que podem ser interpretadas como a escala institucional, de um lado e, a escala do cotidiano, do outro. Tais escalas, no entanto, não estão separadas uma da outra, mas se apresentam como interatuantes. Para deixar clara essa explicação, quando a adoção de uma política de segurança pressupõe o sucateamento das penitenciárias na expectativa de apresentação da privatização das mesmas como solução, os presos mobilizam estratégias para suprir suas necessidades diante das condições precárias as quais seu cotidiano está submetido. Deste modo, a organização do coletivo encarcerado pode, par e passo com a aplicação de uma política neoliberal privatista, gerar péssimas condições de trabalho aos agentes penitenciários. Ou seja, há uma relação de interdependência entre as políticas de securitização e punição, a política de gestão empreendida pela direção penitenciária e pelos agentes penitenciários e a reação organizada do coletivo encarcerado.

Ainda no que diz respeito a escala institucional da prisão, Wacquant (2001) sugere que a prisão tem se estabelecido como instituição voltada ao controle social

dos pobres pela conjugação de objetivos distintos, tais como o de recuperar, punir e neutralizar determinados grupos de acordo com a estruturas sociais instituintes de desigualdade. Os argumentos destacados pelo autor sugerem que as diferenças de classe e renda demarcam o espaço carcerário como área controlada e habitada pelas vítimas da miséria, que encontraram nos atos criminosos uma forma de reação à desigualdade.

Os países importadores dos instrumentos americanos de uma penalidade resolutamente agressiva, adaptada às missões ampliadas que competem às instituições policiais e penitenciárias na sociedade neoliberal avançada - reafirmar a autoridade moral do Estado no momento em que ele próprio é atingido pela impotência econômica, impor ao novo proletariado um salário precário, engaiolar os inúteis e os indesejáveis da ordem social nascente -, não se contentam todavia em receber passivamente essas ferramentas. Eles as tomam emprestadas, frequentemente por iniciativa própria, e as adaptam às suas necessidades e às suas tradições nacionais, tanto políticas como intelectuais, sobretudo por meio dessas "missões de estudos" que se multiplicam já há uma década através do Atlântico. (WACQUANT: 2001, p. 35).

Em relação a instituição prisional como escala de análise, Angela Y. Davis (2013) também enseja uma importante e complexa questão ao mundo contemporâneo: Porque não pensar sobre o mundo para além do aprisionamento em massa? Para isso descortina a realidade estadunidense baseada em políticas de segurança repressivas e no encarceramento massivo de populações de comunidades afro-americanas, de etnia latina e asiática. Instigando a reflexão em torno da obsolescência da prisão, Davis (2013) encarna o pensamento pós-colonial ao afirmar que as prisões são instituições racistas que evoluem, tal como o sistema escravocrata, na perspectiva de construção de um complexo industrial. Seus argumentos enfatizam que as instituições prisionais são depósitos de pessoas negras, ou marcadas pela etnicidade, entre outros caracteres que sugerem que na prisão se encontra a massa de uma população norte-americana marginalizada.

Davis (2013) também introduz algumas possibilidades de complexificação do debate em torno das reformas do sistema prisional norte-americano ao analisar a expansão das prisões nas décadas de oitenta e noventa, principalmente no estado da Califórnia durante as eras Reagan e Bush. Ela enfatiza que a grande expansão do número de prisões, bem como da população carcerária (que se transformou na maior população presidiária do mundo) é casada com a difusão da prisão como elemento visual ideológico através da mídia hegemônica. Também exemplifica o

modo pelo qual houve a transformação de paisagens rurais em decadência em paisagens carcerárias que contemplam o capitalismo global corporativo com a elevação da rede articulada de prédios das prisões ao posto de complexo industrial prisional.

Com nítido marcador reflexivo o pensamento pós-colonial, a autora discute a necessidade de perspectivar a prisão a partir da inspiração abolicionista e que releve o processo histórico de escravidão, linchamento e segregação de comunidades afro-americanas. Ela descreve o constrangimento e percepção negativa ligados ao pensamento antiescravista do início do século nos Estados Unidos para justificar que a internalização da instituição da escravidão têm semelhanças com a baixa permeabilidade do discurso e posições políticas na perspectiva abolicionista da prisão. Haja visto que assim como o racismo se estabeleceu como elemento intersubjetivo, a prisão como algo concebido e inevitável também se apresenta no seio do imaginário social e, portanto, como instituição difícil de se desconstruir. O ponto nodal do raciocínio empreendido por Davis (2013) no estabelecimento de conexões entre as expressões históricas do racismo e o estado atual das instituições prisionais se destaca pela contundência e objetividade. Se o racismo é desautorizado a servir-nos como perspectiva de relação entre as pessoas no mundo e, se as prisões enquanto instituições racistas se estabelecem como depósitos desumanos de pessoas malfeitoras e indesejáveis - fato que pressupõe a construção social da raça, etnia e classe como elementos de segregação - logo, o sistema prisional atual se institui como obsoleto.

Davis (2013), desse modo, realiza uma análise da conjugabilidade entre a história da prisão e a história de sua reforma, reforçando a proposta foucaultiana de que a prisão nasce na Europa no século XVIII e nos Estados Unidos em XIX com o intuito de reformar a política punitiva baseada em banimentos, trabalhos forçados (como a prostituição forçada à mulheres foras da lei), na apropriação de bens e em espetáculos de tortura e morte. Um questionamento importante realizado pela autora é o de que a prisão surge como alternativa ligada a um contexto de ascensão da burguesia no século XVII e, então, não pode reivindicar um reinado absoluto no século XXI. O texto de Davis (2013) também contempla uma análise plena da verve

negra e feminista na exploração do modo pelo qual o gênero e a raça estruturam o sistema prisional.

Partes de um todo complexo industrial, as prisões norte-americanas analisadas por Davis (2013) demonstram indissociabilidade com os interesses de mercado e, assim, tornam-se pouco eficazes à redução da criminalidade, mas muito lucrativas e eficientes em seguir a lógica das grandes corporações do capitalismo global. No Brasil, a privatização da penitenciária de Ribeirão das Neves, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, que ao tentar seguir o modelo norte-americano tem demonstrado que o aumento do lucro empresarial do setor está em proporção direta ao crescimento da população carcerária. Ganhou relevo no debate sociológico o documentário *Quanto mais presos, maior o lucro*<sup>29</sup>, que apresenta alguns atributos das experiências dos presos numa penitenciária privatizada. Crê-se no presente estudo que as condições precárias de infraestrutura e a ineficiência em garantir o direito à dignidade humana aos presos em muitas penitenciárias brasileiras é o arcabouço fundamental à legitimação da privatização dos presídios no país que se apresenta como suposta melhor solução ao problema carcerário nacional. O Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) localizado em Manaus, capital do Amazonas, e que foi palco do maior massacre realizado por detentos em presídios brasileiros é também gerido por um empresa privada denominada *Umanizzare*. O episódio de Manaus demonstra o potencial do capital empresarial em gerir os espaços prisionais preservando possibilidades de articulação para a execução coletiva de detentos organizados em diferentes facções.

Tal como Davis (2013) aborda as principais perspectivas abolicionistas que tocam nas principais feridas deixadas pelas políticas repressivas de segurança interna e de prevenção à violência nos espaços de vida de populações marginalizadas, minha investigação busca enfatizar que não há política punitiva capaz de solucionar o problema da vulnerabilidade à criminalidade e à prisão que se evidencia na reprodução de territórios urbanos instituídos por homens jovens das periferias pobres e que estão ligados às práticas ilícitas como o uso de drogas,

---

29 <http://apublica.org/2014/05/quanto-mais-presos-maior-o-lucro/>

furtos e roubos derivados da dependência química, tráfico de drogas e conflitos entre grupos rivais.

Davis (2013) explora a internalização das prisões como um aparato concebido com o intuito de estancar problemas reais, mas obscurecendo-os e, além disso, exacerbando-os, pois se evidenciam como ineficazes e desumanos. Também indaga sobre a maneira pela qual a percepção do senso comum reflete a inevitabilidade da vida sem as prisões, quando as alternativas de qualidade de vida e direito à cidade permanecem solapadas às comunidades negras e de etnias latina, asiática, indígena nativa e demais grupos sociais que habitam as periferias pobres em seu país. A perspectiva de Davis (2013) é importante à investigadores crítico/as da geografia social, feministas e demais ciências sociais que se debruçam no estudo sobre espaço e instituições como o cárcere, pois estende a perspectiva sobre a expansão das prisões para longe da necessidade de tratar duramente o crime e seus agentes, mas pelas demandas de complexificação da análise espacial e social de populações que respondem na contemporaneidade pelo passado colonial e presente pós-colonial, pela escravidão, pelo linchamento público, pelo racismo e pelo distanciamento dos direitos civis e do próprio direito à cidade a que são submetidos.

Tanto Wacquant (2001), quanto Davis (2013) enfatizaram eixos estruturais de desigualdade que estão ligados às trajetórias em comum das pessoas recolhidas no espaço carcerário. Não é necessário dispor de um aparato técnico e estatístico para tornar visível à obviedade do recorte social e racial operacionalizado pelo sistema societário e que se reflete sobre o sistema penal.

O mais importante à presente seção é a compreensão de que ao problematizar a escala institucional da prisão faz-se necessária a tomada de uma posição política que, neste caso reflete a ineficácia da adoção de uma perspectiva de encarceramento em massa que se desenvolveu no contexto brasileiro e que produziu a quarta maior população carcerária do mundo, como é apresentado em estatísticas do Departamento de Execução Penal Nacional referente ao ano de 2014 e que registra um índice que ultrapassa seiscentas mil pessoas.

A elevação da questão carcerária, bem como da questão urbana da securitização tem se espalhado entre muitos campos das ciências sociais e, na geografia isso não é diferente quando se observa a partir do final da década de

noventa o prelúdio da constituição de um subcampo denominado de Geografia Carcerária. Este subcampo evidencia ambas escalas de análise como possibilidades ao olhar geográfico.

Moran (2013) apresenta alguns elementos da composição do subcampo da Geografia Carcerária que se constituem em pontos fundamentais de ligação entre a escala institucional e cotidiana do cárcere. Para a geógrafa, a Geografia Carcerária tem como objetivo explorar as práticas de encarceramento, a visualização em ampla escala dos espaços carcerários como um tipo de instituição, as diferentes áreas geográficas de distribuição de instituições prisionais e, as geografias das relações sociais e espaciais internas e externas à prisão. Assim, o subcampo da Geografia Carcerária compreende inúmeras possibilidades de enquadrar o sistema de execução penal e encarceramento em diferentes escalas de apreensão da realidade espacial.

Descrevendo as geografias carcerárias como compostas pelos 'estudos geográficos de segurança', Philo (2012) chama a atenção dos geógrafos para as prisões enquanto espaços reservados para assegurar, trancar, deter e afastar uma população reconhecida como problemática pelo ponto de vista social hegemônico.

Para Moran (2013), contudo, há três principais áreas de interesse e que constituem a natureza dos espaços carcerários. A primeira percorre o modo como o espaço está implicado na condução da vida da população presidiária. A segunda envolve a distribuição espacial de sistemas carcerários. E a terceira explora a relação entre o espaço carcerário e a política cada vez mais punitiva adotada pelo Estado.

A primeira área de interesse e que mais importa ao meu objeto de estudo pode ser observada no texto de Dirsuweit (1999), no qual a geógrafa se dedicou ao exame de uma prisão para mulheres na África do Sul, demonstrando a resistência das prisioneiras ao controle onnipresente e disciplinar que recriam o espaço carcerário para além de uma concepção calcada sob a impressão de uma dócil rendição das mulheres. Dirsuweit (1999) evidencia que as performances corporais das mulheres presas são negociadas e, paradoxalmente, há uma configuração constante das relações de poder que envolve mulheres lésbicas e heterossexuais no cárcere. Moran, Pallot e Piacentini (2009; 2013) também analisam a construção das

feminilidades, mas no contexto de três prisões russas. As geógrafas descrevem o gênero como ferramenta eficaz de controle social e para o exercício de um poder disciplinar que pressupõe a regulação dos comportamentos das mulheres na prisão, de acordo com um modelo ideal de feminilidade. As diferentes formas de resistência cotidiana aludem um contraditório contexto espacial em que a docilidade dos corpos esperada pela instituição prisional nem sempre é respeitada.

Também contestando o fundamento foucaultiano mais aceito à interpretação do espaço carcerário e que se dirige ao projeto de tornar os corpos dóceis, Sibley e Van Hoven (2008) descrevem os espaços carcerários do Novo México, estado norte-americano, enquanto produzidos e reproduzidos sob uma base cotidiana na qual os agenciamentos instituídos pelos detentos produzem espaços próprios, tanto materiais, quanto imaginados.

Janssen (2004) analisa o espaço prisional, destacando que as abordagens sobre o mesmo enquanto mera realidade física constituem um modelo de análise estático e absoluto. A geógrafa também apresenta uma crítica à eleição da escala institucional de compreensão do espaço carcerário por esta apresentar pouca mobilidade espacial das pessoas encarceradas. Seus argumentos se apoiam na observação de que trabalhar, dormir, comer, entre outras atividades processadas pelo espaço carcerário ocorrem dentro dos limites da prisão, mas que há espaços específicos e funcionais para cada atividade.

Outro aspecto da crítica ao modelo estático se estabelece, segundo Janssen (2004), a partir das decisões e regras estabelecidas coletivamente pelos reclusos e que indicam que nem sempre as práticas cotidianas no cárcere são proscritas pela estrutura do edifício, mas emergem de uma organização própria, porém instável e sujeita a dinâmica complexa das relações sociais.

Nesse sentido, pode ser considerado que a maior parte dos sub-espços presentes no espaço carcerário como instituição são projetados e limitados de acordo com determinadas funções. O fato de que os detentos tem oportunidades limitadas de mobilidade física dentro da prisão, não se revela somente a partir da imposição de altos muros, grades, cadeados, câmeras e pessoas a vigiar. Conforme expõe Janssen (2004), há um espaço relativo que é instituído pelos presos no seio de suas próprias relações sociais. E se aos olhos da instituição o preso é nada mais

que um sujeito despojado de identidade, por outro lado, esse preso usa o espaço no interior da instituição como um ponto de partida para a reconfiguração identitária.

Os estudos sobre o espaço carcerário oriundos da Geografia Carcerária contribuem de maneira expressiva à compreensão da vida cotidiana de presos e presas e se constituem como elo fundamental para a reflexão que realizo sobre a construção das masculinidades no espaço carcerário.

Jules Lamarre (2001) também refletiu sobre a questão que envolve o comportamento e a interação cotidiana entre pessoas que cumpriram penas num centro de detenção de Quebec. O geógrafo canadense identificou diferentes territórios de socialização em que se estabelecem práticas e relações entre detentos e funcionários que imprimem vigia e controle sobre o espaço carcerário. Tal como defendido pelo autor, todas as instituições prisionais apresentam 'zonas cinzentas' que se definem como espaços intersticiais em que as práticas dos detentos escapam a qualquer vigilância imposta pelo sistema prisional. Deste modo, observa que os detentos sabem tirar proveito de diferentes situações e endossa o argumento de que as instituições em geral não conseguem enquadrar totalmente a vida das pessoas que recolhem. Além disso, ilumina o espaço carcerário como composto por pessoas que ativamente instituem territórios a partir de ações organizadas e na construção de normas para as diferentes interações que neles se processam.

A partir da investigação no centro de detenção de Quebec, Lamarre (2001) defende o ponto de vista de que a prisão se constitui em lugar em que a vida se expressa necessariamente a partir da tentativa das pessoas em estabelecerem 'lugar num grupo'. No encontro de grupos e subgrupos, relações de poder se entrelaçam formando sistemas que constituem um conjunto de soluções negociadas. Assim, as pessoas são obrigadas a colaborar com um projeto em comum, cujo objetivo principal é tornar a vida suportável na prisão. A territorialização do espaço carcerário apresenta, por um lado, uma natureza eminentemente contingente e, por outro, é resultado de um compromisso estabelecido coletivamente.

Os argumentos sobre as vivências no espaço carcerário ou sobre os modos em que as pessoas conduzem sua vida cotidiana na instituição prisional instigam a seguinte questão: De que modo se estabelece o projeto de tornar a vida suportável na prisão se esta também se configura pelo encontro contingente de múltiplas

trajetórias e formas de constituição identitárias? Essa questão é importante ao presente estudo e será retomada no debate que seguirá adiante acerca da interseccionalidade. Antes se faz necessário estabelecer um diálogo com estudos da Geografia Carcerária difundidos a partir do contexto da produção geográfica brasileira.

Na Geografia brasileira contemporânea a produção científica sobre o tema das prisões mostra-se incipiente. Entre as dissertações mais destacadas estão as de Arruda (2006; 2015), Fioravante (2011), Zomighani (2009; 2013) e Vasconcelos (2010).

A geografia do cárcere proposta por Arruda (2006; 2015) a partir de estudo realizado sobre o Presídio Anibal Bruno na cidade de Recife demonstra que as celas e pavilhões modificam-se de acordo com redes e territorialidades instituídas em torno dos interesses dos detentos. Suas investigações, notavelmente inspiradas pelas proposições de Rafestin (1993) sobre o território, voltou-se à compreensão das territorialidades e relações de poder entre os pavilhões de um presídio cuja maioria dos detentos compunham um estrato da população masculina das periferias pobres da capital pernambucana. Arruda (2006; 2015) argumenta que os detentos se transformam de meros objetos de classificação penal em agentes sintagmáticos, isto é, agentes cujas práticas definem as tessituras do poder por meio de suas interações compondo um complexo sistema relacional. Neste sistema, conforme defende o geógrafo, a diversidade de práticas compõem o cotidiano do cárcere, tais como as atividades obrigatórias de inspeção dos presos, serviços de faxina, locações de eletrodomésticos, as conexões para a realização de refeições, para as trocas de bens e serviços, etc.. As práticas e interações contribuem na reprodução de territórios e territorialidades desiguais, porém integradas por redes de poder e solidariedade.

O texto de Fioravante (2011) serve como outro indicativo da emergência de estudos sobre interações na escala cotidiana do espaço carcerário, identificando que a reestruturação das relações socioespaciais de mulheres detentas do Mini-Presídio Hildebrando de Souza em Ponta Grossa demanda atenção crítica ao modo como constroem suas feminilidades, suas trajetórias no universo da ilegalidade, na reprodução familiar e social em espaços de pobreza.

Os estudos de Zomighani (2009; 2013) e Vasconcelos (2010), por outro lado, elaboram análises mais teóricas sobre a prisão. O primeiro autor realizou análise do sistema prisional na produção de relações capitalistas estado de São Paulo e elabora importantes argumentos e proposições acerca conexão entre seletividade populacional da prisão, desigualdades espaciais do urbano e a globalização neoliberal. Vasconcelos (2010) explorou a articulação conceitual de território, escala e lugar para a compreensão das interconexões das prisões a partir de facções instituídas por narco-traficantes na cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com levantamento realizado sobre artigos cujo tema envolve o espaço carcerário<sup>30</sup>, quatro artigos foram identificados, sendo todos também publicados na última década.

Góes e Makino (2002) descrevem o processo de instalação de penitenciárias no oeste paulista como projeto político de governos estaduais voltado a interiorização de penitenciárias. As autoras destacam os principais problemas que decorrem da adoção de uma política que visa distribuir desigualmente a população carcerária organizada em facções. Um dos dilemas apresentados pelas autoras é o fato de que nem sempre as necessidades de presos e agentes penitenciários são contempladas e isso reflete um aspecto da interiorização que é de retirar de ampla visibilidade os problemas carcerários, distanciando-os da metrópole e cidades médias.

O texto elaborado por Batista e Scheibe (2003) apresentam um relato de experiências sobre estágio desenvolvido na educação de adultos destacando o histórico de mudanças pelas quais a Penitenciária de Florianópolis foi submetida. Na alternativa de ressocialização, destacam-se o exercício de um poder paralelo estabelecido pelos presos e que se configura como processo de territorialização do espaço carcerário em que o modelo de análise sobre o território é definido a partir de relações de poder entre dominantes e dominados.

Sabaini (2011) problematiza as percepções de agentes penitenciários acerca de um vivência fora e intramuros em duas penitenciárias localizadas no município de Itirapina no interior de São Paulo. O autor realiza uma reflexão sobre as

---

<sup>30</sup> Este levantamento apresenta os mesmos critérios utilizados à pesquisa sobre artigos que tratam da violência e criminalidade violenta pelo espaço urbano apresentada no primeiro capítulo desta tese.

transformações ligadas ao imaginário dos agentes penitenciários sobre o espaço carcerário e o modo em que estão implicados na compreensão de suas vivências pelo espaço urbano, explorando também o contexto de interiorização das penitenciárias.

O artigo desenvolvido por Hugo Freitas dos Santos (2007) objetiva a análise do 'coletivo' como estratégia de territorialização do espaço carcerário, destacando a ação organizada dos presos na constituição de comandos ou facções que, ao mesmo tempo em que ordenam territorialmente o espaço carcerário, se constituem em pilares do crime organizado na cidade do Rio de Janeiro.

Como pode ser observado a partir dos textos geográficos que relacionam o espaço carcerário em problemáticas de pesquisa, a aurora do século XXI apresenta uma proliferação de publicações que se destacam pela adoção do conceito geográfico de território, pela discussão acerca da política de interiorização de penitenciárias, pela observação sobre a atuação de agentes penitenciários, das estratégias coletivas de organização da população carcerária e das transformações da vivência socioespacial de mulheres encarceradas.

Essa diversidade de temas ligados aos estudos do espaço carcerário na geografia é profícua na medida em que se apresenta desde sua emergência. Entretanto, tais estudos têm demonstrado pouco interesse sobre o cotidiano carcerário, bem como não há visibilidade entre esses estudos, da constituição de um espaço complexo que articula diferentes escalas, tal como a institucional e a cotidiana. Outro aspecto que não se apresenta com vigor na emergência da temática na Geografia brasileira envolve o encontro de múltiplas trajetórias de ilegalidade, como também da relação entre categorias identitárias, como a masculinidade e juventude, na configuração das relações de poder estabelecidas no cárcere.

Deve ser enumerado que no contexto brasileiro, há uma forte relação entre a figura masculina e a criminalidade que tornam pertinente a reflexão sobre as tensões envolvendo as normas estabelecidas pelos presos e as múltiplas formas de constituição identitárias. Segundo dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Info-Pen) referente a população carcerária, no ano de 2010, de um total de 496251 pessoas submetidas a execuções penais, 84% são representadas

pelo sexo masculino. O mesmo sistema aponta que neste universo masculino 34% da população é composta por homens com idade entre 18 e 24 anos.

O número de encarcerados nas 24 penitenciárias paranaenses também têm apresentado crescimento exponencial de 19.760 em 2010 à 20.464 em 2011, segundo dados apresentados pela Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Estado do Paraná. Há também a previsão de construção de 12 penitenciárias novas no estado através de programas federais e isso demonstra que o Paraná adota como política de securitização o encarceramento em massa. No contexto paranaense, de acordo com dados da mesma secretaria, a população masculina representa 94% da população carcerária. Quanto a população jovem, esta representa 30% e segue a mesma tendência da quantificação nacional.

A Cadeia Pública Hidelbrando de Souza, situada na cidade média de Ponta Grossa, tem capacidade para 207 presos, no entanto, apresenta uma superlotação e mantém 643 internos que, em sua maioria, cumprem pena provisória, tal como apresentado no Mapa do Cárcere do Depen-PR. Em relação ao município de Ponta Grossa e a região na qual se localiza, o Mapa do Cárcere informa a quantificação da população detida no ano de 2015 em unidades penitenciárias, que representa uma população de 1283 pessoas do sexo masculino e, a detida em delegacias, representada por 955 homens.

É possível observar a partir dos dados mais gerais sobre os presídios brasileiros e paranaenses, uma participação intensa da população jovem masculina, o que aponta para um problema socioespacial que articula segregação espacial urbana e interdição do direito à cidade e, conforme minha trajetória de pesquisa tem apontado, a instituição de territórios urbanos pelos homens jovens em conflito com a lei.

Devido o grupo focal ser estabelecido por homens jovens que estiveram submetidos a execução penal de privação da liberdade, faz-se necessário relacionar a este estudo a observação do espaço carcerário e suas redes socioespaciais a partir das experiências dos entrevistados. Deste modo, a discussão teórica e conceitual também está vinculada a hipótese de que a experiência penitenciária reposiciona o homem jovem na relação que estabelece com o urbano e com os sujeitos da criminalidade.

A trajetória na criminalidade urbana e a experiência de privação da liberdade no cotidiano carcerário é experimentada por muitas pessoas que à época de adolescentes reincidiam no conflito com a lei. Este aspecto observado no campo incitou a reflexão sobre o espaço carcerário a partir de conjunto de práticas de reação ao contexto econômico desigual através da criminalidade e da organização coletiva no cárcere, que se apresentam como referências fundamentais. Contudo, o processo de reiteração dessas práticas e participação em associações e negociações neste espaço evidenciam uma diversidade de sujeitos e grupos envolvidos, assim como a constituição de complexo espaço carcerário.

As observações sobre os homens jovens e suas relações com o universo prisional expõem o modo como as espacialidades são mediadas pelo encontro de diferentes categorias sociais, tais como classe, raça, sexualidade, religiosidade, filiação a uma facção, trajetória na criminalidade, trajetória como presidiário, entre outras. Nesse sentido é necessário realizar uma leitura coerente e relacional do espaço carcerário que contemple diferentes facetas identitárias.

A constituição de grupos de coesão no interior de um penitenciária, por exemplo, envolve redes de solidariedade e de relações de poder ligadas a hierarquia e a experiência organizativa, cooptação e a difusão espacial de práticas coletivas, algumas delas reconhecidas pela intervenção do Primeiro Comando da Capital (PCC)<sup>31</sup> e, outras próprias da organização coletiva dos presos que, ora se conectam a facção, ora dela se distanciam.

Há interação cotidiana nas celas, galerias e pátios de uma penitenciária, a existência de um mercado próprio de bens e serviços e uma múltipla gama de atividades. Estes aspectos conduzem a compreensão de que vários elementos estão em jogo na constituição e condução da vida cotidiana dos presos pelo espaço carcerário. Contudo, entende-se que a privação da liberdade, o contato com presos de outras cidades e um conjunto de experiências que institucionalmente são reconhecidas como dispositivo à ressocialização, interferem nas interações sociais intraurbanas na vida de egresso.

---

31 O PCC é uma organização criminosa constituída no final da década de 80 e difundida a partir das penitenciárias paulistas. O Paraná é considerado como o segundo maior reduto de presos que fazem parte desta organização. Ver: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1416207>

Assim, a instituição do espaço carcerário que se apresenta como argumento teórico defendido na presente tese é mediada pela constante negociação e pelo entrecruzamento de trajetórias, identidades e performances variadas. Tal proposição provém do diálogo com o ponto de vista conceitual de Massey (2008), pautado pela perspectiva política de espaço relacional que proporciona relevar a multiplicidade de práticas e trajetórias na composição da espaço carcerário.

O cotidiano dos homens jovens estudados envolve a situacionalidade da constituição de um espaço de relações que definem, no contexto carcerário, até mesmo a espacialidade do sono. Recém-chegados, geralmente réus primários, dormem em corredores, mais próximos ao banheiro e na 'praia' (chão), enquanto isso, outros usufruem colchões e camas, sendo que essas diferenças que se referem ao dormitório dependem da posição de um preso em dada espacialidade e temporalidade. Ocupar espaço, desde a cela, envolve um conjunto variado de relações com grupos de afinidade e coesão, bem como dos atributos vinculados à trajetória dos presos na criminalidade e na vida carcerária, assim como as performances e identidades masculinas que desenvolvem na prisão.

Estas características do espaço carcerário observado a partir da articulação entre a escala institucional e cotidiana me guiam ao desenvolvimento de uma proposição sobre a prisão como espaço carcerário paradoxal. Tal proposição teórica tem como objetivo compreender como o espaço está implicado na constituição e condução da vida cotidiana da população carcerária, marcada pela resistência diante de um política punitiva degradante empreendida pelo Estado, como também, pelo encontro de múltiplas trajetórias e estratégias que objetivam fazer da vida no cárcere uma vida suportável.

No entanto, as estratégias mobilizadas nem sempre são resultado de consenso, como também nem sempre as normas instituídas por eles são respeitadas pela totalidade dos presos. Esse aspecto revela que na execução do projeto de tornar a vida suportável na prisão, há ocupação de diferentes posições pelo espaço carcerário e, ainda, sujeitos que ocupam simultaneamente posições de centro e margem nas relações de poder. Para melhor compreender a posicionalidade do presos pelo espaço carcerário, é interessante ao presente estudo

concebê-lo a partir da noção de espaço paradoxal difundida pela geógrafa feminista Gillian Rose (1993).

Segundo Rose (1993) o espaço é paradoxal por que as pessoas que o produzem podem ocupar diferentes posições de acordo com as relações de poder. O espaço nessa perspectiva tem diferenciações internas que podem ser redefinidas a partir da articulação entre posições de centro e margem em dada configuração espacial das relações de poder. Deste modo, os presos quando elegem lideranças em celas e galerias posicionam determinadas pessoas no centro desse sistema relacional. Entretanto, quando alguns presos não contemplam algumas das normas estabelecidas pelo coletivo encarcerado e sofrem sanções, de acordo com uma decisão coletiva e orientada pelas lideranças, podem ocupar a margem nas relações de poder.

Sendo assim, aos homens jovens investigados, tornar a vida suportável envolve o encontro e o convívio entre pessoas e trajetórias diferentes e isso é interdependente ao modo em que desenvolvem performances corporais de masculinidade e das posições que ocupam na espaço carcerário, seja na escala do presídio, das galerias ou das celas. A construção de masculinidades no espaço carcerário e a importância do corpo nesse processo, constituem o foco da próxima seção.

#### **4. A instituição das masculinidades no espaço carcerário: gênero, corpo e espaço**

A presente seção incide sobre a instituição de masculinidades no espaço carcerário, compreendendo a mesma a partir da relação entre gênero, corpo e espaço como importantes ferramentas conceituais para a análise espacial das experiências cotidianas de homens jovens encarcerados.

É fundamental considerar, primeiramente, que o desenvolvimento de estudos geográficos sobre as masculinidades ou sobre as experiências masculinas tem ganhado visibilidade a partir da década de noventa no campo de saber geográfico, cuja difusão da temática se deu muito recentemente na Geografia brasileira. Logo, para melhor entender o contexto de seu surgimento e desenvolvimento da temática, é importante refletir acerca das teorias que tratam da relação entre gênero (com

primazia as masculinidades), corpo e espaço e a maneira em que esta incide na produção do conhecimento geográfico.

As Geografias Feministas enquanto subcampo da geografia que tem na relação entre gênero e espaço seu núcleo central de análise podem ser interpretadas enquanto instauradoras de uma das formas de desobediência epistêmica, tal como reconhecido por Mignolo (2008). Isso pode ser afirmado se for reconhecido que a ciência geográfica é historicamente produzida e, não obstante, a perspectiva da ciência moderna constitui a base de sua tradição epistemológica e é caracterizada por conservar privilégios de sexo, raça, sexualidade, idade e etnia.

As Geografias Feministas como subcampo difusor de atos de desobediência contempla, portanto, uma agenda política e científica com o objetivo de desedificar algumas das bases de fundação da trajetória da ciência e, notadamente, da geografia, que construiu uma narrativa universal que invisibiliza determinadas pessoas (e grupos), ou, que analisa-as patologicamente.

Com base nos pressupostos da desobediência diante da tradição da ciência moderna pode se afirmar que o subcampo das Geografias Feministas (assim como o das geografias das sexualidades) é desobediente porque visa desconstruir a pretensa universalidade, dando ênfase a pluriversalidade na geopolítica do conhecimento, conforme também sugere Mignolo (2004).

Cabe lembrar, entretanto, que em sua hegemonia, as Geografias Feministas operam a partir de um contexto anglófono. Assim, ao mesmo tempo em que compõem uma tradição de hegemonia intelectual europeia na produção científica, recusam o teleologismo e tensionam ao reconhecimento da invisibilidade de grupos que muitas vezes são marginalizados e inauditos no discurso científico hegemônico.

Os argumentos científicos sobre gênero que subsidiam esta posição epistêmica, na realidade, formam uma agenda acadêmica e política visando a desnaturalização tanto do corpo, quanto do sexo e do próprio gênero, como também podem contribuir à resistência e desconstrução do masculinismo e sexismo na produção do conhecimento.

No que se refere ao corpo, tal como expresso em Laqueur (2001), da antiguidade clássica ao século XVII, ele fora concebido a partir da ideia de isomorfismo, segundo a qual os corpos feminino e masculino eram reconhecidos

como iguais, exceto pela 'atrofiação' do primeiro. O corpo feminino foi, nesse sentido, reconhecido enquanto corpo de homem, só que incompleto, atrofiado e enigmaticamente (ou divinamente) modificado e inferiorizado. Na alvorada da modernidade, no entanto, a perspectiva do dimorfismo impõe ao conhecimento científico a diferenciação biológica dos corpos feminino e masculino.

Nossa herança cultural, pretensamente universal e pautada pela modernidade, teve como núcleo central na produção de conhecimentos sobre os corpos feminino e masculino, difundir uma pretensa finalidade para cada um deles. Deste modo, os corpos feminino e masculino foram objeto do teleologismo, passíveis de uma interpretação pretensamente acabada e que ainda repercute conectada ao discurso sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres no mundo contemporâneo, geralmente em discursos de grupos de ideário conservador.

A desobediência instalada pela tentativa de desnaturalização dos corpos reside na evidência de que cada sociedade, em dada espacialidade e temporalidade, constrói suas concepções não só sobre o corpo, mas sobre o sexo e o gênero.

Para melhor compreender a trajetória dos estudos de gênero na geografia se faz necessário conectá-la à três momentos-chave do movimento feminista e cujas contribuições se espalharam pelo campo de saber geográfico a partir da década de 1970.

A perspectiva de diferenciação dos corpos caracteriza um primeiro momento do feminismo que na geografia influenciou estudos locais, mas que também lutaram pela visibilidade feminina na produção do conhecimento geográfico. Um importante texto que marca este período é o elaborado por Janice Monk e Susan Hanson (1982) que teve no título a celebre frase: "Não excluam metade da humanidade da Geografia Humana". Todavia, os estudos que marcaram esse período tinham endereço na geografia produzida por mulheres brancas e anglo-saxãs. O espaço era concebido nesses estudos como área em que há diferenciação dos corpos masculino e feminino, ou seja, eram estruturados pela distribuição espacial desigual do sexo. Por isso, o campo de estudos oriundo desse primeiro momento de difusão da perspectiva feminista em nossa disciplina foi denominado de

Geografia das Mulheres, ou Estudo das Mulheres. Sendo relevante a difusão de trabalhos que articulavam a visibilidade das mulheres com teorias e metodologias da *New Geography* (também reconhecida como Geografia Quantitativa ou Neopositivista).

Posteriormente, já na década de 1980 e, que corresponde a um segundo momento do feminismo, incidiram sobre esse movimento político-científico uma série de críticas feministas fortemente influenciadas pela obra vanguardista de Simone de Beauvoir (1949). As ideias centrais nesse contexto dirigiam-se sobre o modo em que a cultura se inscreve nos corpos e elevaram o gênero enquanto construção cultural fundamentada historicamente pelo patriarcado, visto como sistema de dominação ou estrutura de poder que permeia as esferas econômica, social, cultural e política.

Na geografia, assim como em outras ciências sociais igualmente inspiradas por essa perspectiva, foram difundidos inúmeros estudos feministas influenciados pelo marxismo e pelos feminismos socialistas que concentraram em suas análises o ataque frontal à noção de patriarcado. A articulação entre a luta de classes e as desigualdades de gênero resulta num grande conjunto de trabalhos acadêmicos que exploraram e ainda exploram a relação entre gênero, trabalho ou classe. É a partir dessa década que o gênero, primeiramente na perspectiva de Beauvoir (1949), é adotado como conceito pertinente à Geografia Humana. O conceito de espaço foi significado nesse movimento de acordo com as inscrições culturais sobre o corpo e pela construção de papéis sociais de gênero (significados atribuídos aos homens e mulheres na sociedade). Assim, o que caracterizava o espaço não era mais a distribuição espacial de homens e mulheres em diferentes áreas, mas a dimensão espacial da dominação masculina, como é também inferido por Bourdieu (1999). Essa dominação se baseava no patriarcado e sua conexão com relações de produção e reprodução social capitalistas. As ideias desse período do movimento feminista sugerem à geografia que a ordem social constrói espaços, e portanto, se apresentou como perspectiva construcionista. O espaço nessa perspectiva pode ser interpretado como produto de uma ampla e complexa estrutura ou, até mesmo, de uma noção de totalidade que, posteriormente, é criticada pelo teor reducionista diante das peculiaridades estabelecidas pelos lugares.

A perspectiva construcionista foi e, em certa medida ainda é, de extrema importância na trajetória de estudos feministas e principalmente à constituição de uma histórica e transformadora agenda política. Mesmo assim, foi alvo de inúmeras críticas pela ênfase ao patriarcado como dado ontológico e à estruturação enquanto matriz filosófica e narrativa universal. Uma das mais importantes críticas foi elaborada por Elisabeth Badinter (2005) sobre o frequente teor de vitimização nos estudos de gênero que embaçavam as possibilidades de renovação teórica e temática, assim como da agenda política feminista.

Nos anos finais da década 1980, entretanto, intelectuais feministas, tais como Bell Hooks (feminista negra, que explorou a interconexão entre gênero, raça e etnia) e Gayatri Spivak (que fazia parte do grupo indiano denominado *Subaltern Studies* e importante referência aos estudos pós-coloniais sobre intersubjetividade subalterna) iniciam uma jornada de críticas ao protagonismo das mulheres brancas, de classe média e habitantes de países ricos na elaboração de discursos científicos sobre gênero, identidades e vozes cuja unicidade era apenas aparente.

Ainda na década de oitenta, as ciências sociais e a geografia passam a sentir os efeitos das monções dos estudos subalternos indianos e das discussões impulsionadas pelo movimento feminista afro-americano do *Combahee River Collective* e que tivera Kimberlé Crenshaw como expoente teórica e militante. A propósito das feministas negras emerge com intensidade no mesmo período a discussão científica e política sobre a simultaneidade de eixos de opressão e o conceito de interseccionalidade para compreender a invisibilidade das mulheres negras na composição das agendas feministas e do próprio movimento negro norte-americanos. Isso tudo ocorreu concomitantemente ao movimento transnacional de constituição de um pensamento pós-colonial.

Já na década de 1990, que corresponde a terceira onda do movimento feminista, a perspectiva desconstrucionista ganha plausibilidade na composição da agenda política e acadêmica de inúmeras feministas. Sob forte influência das proposições críticas ao pensamento binário ou dicotômico, principalmente aquelas elaboradas por Michel Foucault (1988), Tereza de Lauretis (1987) e Judith Butler (1990). Suas ideias ajudaram a escancarar as clivagens da pseudo-unidade do

movimento feminista e a difundir formas de intervenção política e científica vinculada também a luta por direitos às pessoas gays e lésbicas.

A matriz filosófica da perspectiva desconstrucionista fomentou um debate que perdura até os dias atuais, principalmente em países com pouca permeabilidade à reflexões sobre corpo e sexualidades, como é o caso do Brasil. E sugere que não há um sujeito pré-discursivo, pois todo corpo existe em relação com a ordem e estrutura, no entanto, os corpos não são passivos. Pelo contrário, são potenciais à transgredirem de modo ativo e imprevisível as normas e regras estabelecidas culturalmente.

Nestes movimentos de transformação e perlocução de discussões políticas e científicas impulsionadas pelas feministas, o conceito de gênero passou também a ser interpretado, a partir da influência desconstrucionista e, principalmente de Judith Butler (1993), como gênero performativo. Isto é, o gênero pode ser concebido na constante oscilação entre contemplar uma representação hegemônica baseada na heteronormatividade e a possibilidade de subvertê-la. Se cada sujeito pode ser visto enquanto criação da estrutura, tal criação pode tanto legitimar, quanto transgredir a ordem instituída. Às Geografias Feministas, isso indica que o espaço é produto de uma estrutura (i)material, contudo, há relações que subvertem qualquer ordem espacial, como demonstrado por Rose (1993) através de sua noção de espaço paradoxal.

O gênero, conforme sugere Butler (1990), pode ser compreendido então como representação, mas também como exercício cotidiano, passível não apenas à reiteração e reificação, mas à transgressão e reconfiguração de significados, práticas e relações sociais. Lauretis (1987) também compartilha dessa premissa ao enfatizar que o gênero é auto-representação e, ao mesmo tempo, subversão.

De acordo com Butler (1990) a repetição estilizada de atos cria uma falsa verdade ou ficção sobre a masculinidade e a feminilidade, assim como sobre o que denomina como heterossexualidade compulsória. A performance opera a construção e reconstrução de identidades complexas e imprevisíveis. Sendo que a reiteração de performances como atos estilizados constrói uma noção de falsa estabilidade e, conseqüentemente, todos aqueles que fogem ao que é preconizado por esse sistema intersubjetivo, são considerados enquanto seres desviantes ou abjetos.

Por conseguinte, as vozes de seres reconhecidos como abjetos, estão ausentes das narrativas hegemônicas, sendo possível encontrar inúmeros exemplos disso na trajetória de produção do conhecimento científico moderno, como enfatizado por Mignolo (2007). No contexto de efervescência destas concepções sobre gênero como ato performativo, foi imensamente rica a confluência entre movimentos feministas e os movimentos de homens gays, de lésbicas, transexuais, entre outros, que formaram o embrião da teoria *Queer* e ativos na construção do movimento LGBT, que no mundo contemporâneo gera ramificações em constante expansão e se manifestam com maior intensidade na produção científica geográfica a partir das geografias das sexualidades.

Os três períodos anteriormente evidenciados, como também se evidenciam no texto de Oberhauser *et al.* (2003), foram didaticamente particionados considerando a temporalidade da emergência das perspectivas mais recorrentes no subcampo das Geografias Feministas e os principais movimentos de reorientação teórica. Todavia, no tempo presente, há estudos que contemplam uma pluralidade de temas, metodologias e orientações teóricas que se posicionariam em qualquer uma das matrizes teóricas difundidas nos períodos destacados acima e, além disso, há nos mesmos a presença de estudos inovadores e intensamente críticos e que refletem contextos espaciais e temporais específicos. Portanto, não há uma linha de evolução dos estudos, mas a contemplação de diferentes experiências políticas e científicas que contribuíram ao vislumbre de uma pluralidade de ideias, teorias e temas que ajudam a complexificar perguntas científicas e a assunção de uma posição crítica e de desobediência epistêmica.

O que interessa à presente seção, no entanto, é observar através de um recorte temporal, que no processo de difusão da perspectiva desconstrucionista que renovou a perspectiva feminista e a elevou numa espécie de mirante para observar a pluralidade e complexidade na constituição de identidades de gênero e da diversidade sexual, emerge na produção do conhecimento geográfico a temática dirigida a relação entre espaço e masculinidades.

Oberhauser *et al.* (2003) identificam que na década de 1970 houvera enfoque prioritário ao universo feminino na geografia a partir das perspectivas empiricista e quantitativa e que se fundamentavam nas ações políticas de feministas para dar

visibilidade as feminilidades. Nesse contexto foram produzidas importantes críticas ao positivismo, ao privilégio da objetividade e dos 'homens' que se destacavam historicamente como recorte social único. Nesse sentido, os estudos empreendidos pelas Geografias Feministas, até o início da década de noventa, compreendiam o sujeito masculino como universalmente dominante, privilegiado no campo científico e, portanto, desinteressante à análise espacial pelas geógrafas feministas.

Entretanto, essa posição negligenciou dois aspectos fundamentais e interdependentes, considerados por Berg e Longhurst (2003) como: multiplicidade e contingência na construção das masculinidades. Isto é, do mesmo modo que há múltiplas formas de construção de feminilidades, há uma multiplicidade de masculinidades. Ambas definições de gênero, enquanto socialmente produzidas, variam de acordo com o espaço e tempo e, portanto, revelam-se como múltiplas e contingentes. Cabendo, assim, à intelectuais dedicado(a)s em compreender tais construções, optar e se posicionar em seu campo de saber/poder de modo a dar visibilidade a multiplicidade e a contingência das feminilidades e masculinidades na medida em que buscam desedificar a perspectiva científica hegemônica supostamente universal e que, de acordo com Monk e Hanson (1982), excluiu por um longo tempo a metade da humanidade da Geografia Humana.

O movimento político-científico feminista protagonizado pelo modelo feminino da mulher branca, esposa, mãe e heterossexual acabou por inibir a perspectiva e a voz de mulheres lésbicas, mulheres negras, bem como de gays e, até mesmo, de homens heterossexuais. Foi ao absorver as críticas elaboradas por essas pessoas que o paradigma da diversidade e a concepção de não-unicidade da identidade feminina transformou o campo formado pelas geógrafas feministas, que passou a ser reconhecido na forma plural como Geografias Feministas.

Todavia, essa virada não retirou da agenda política e científica o objetivo de dar visibilidade à realidades espaciais da feminilidade diante de um sistema patriarcal, que não se encontra esgotado, mas representou que havia demanda de renovação constante das estratégias de desconstrução de machismos e sexismos a partir de diálogos que contemplassem a diversidade e complexidade de identidades de gênero e sexuais. Cabe lembrar isso para evitar a ocultação de muitas formas de opressão que derivam da estruturação desigual da sociedade a partir das

representações hegemônicas sobre os gêneros masculino e feminino, bem como sobre a heterossexualidade.

McDowell (2001) identifica que a emergência da temática das masculinidades se deve ao simples fato de que o gênero não é atributo exclusivo das mulheres. Para essa importante geógrafa feminista, compreender o gênero como estruturante de desigualdades de poder entre homens e mulheres se constitui num desafio intelectual científico que desaloja a figura do homem unidimensional e detentor de inflexível poder patriarcal. Sendo natural, portanto, que a composição de uma agenda de estudos feministas na geografia também viesse dispor da concepção de que a masculinidade não é algo universal, acabado e estável, senão, instável, provisório e passível de desconstrução e redefinição.

Essa concepção se manifestou na geografia a partir do estudo de Jackson (1991) que concebe que a multiplicidade de masculinidades resulta de um política cultural que é transitória, pois está sujeita a transformações de acordo com a espacialidade e temporalidade de sua construção.

Cabe destacar que a produção geográfica voltada aos estudos sobre homens, identidades masculinas e masculinidades foi, e relativamente ainda é, influenciada pela concepção de masculinidade hegemônica estabelecida por Robert W. Connell (1995). O conceito de masculinidade hegemônica desse autor foi estabelecido para compreender as relações de poder entre homens, considerando que as masculinidades não são construídas somente a partir das relações de poder que envolvem homens e mulheres. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica pode ser identificada a partir da conjunção de atributos que definem o que é ser homem num dado contexto de relações entre pessoas do sexo masculino. E de acordo com a identificação dos atributos que são valorizados e menos prestigiados num dado grupo, se institui ao mesmo tempo em que a masculinidade hegemônica, uma 'masculinidade cúmplice', quando da conjugação de alguns dos atributos mais valorizados ao desenvolvimento da identidade masculina com aqueles que são ocultados devido a menor valorização em certo grupo. Do mesmo modo, está relacionada à masculinidade hegemônica, a construção de masculinidades 'subordinadas' e 'marginais', quando evidenciado em dado grupo que certos homens

carregam ou são apegados a alguns atributos que se distanciam do modelo de masculinidade considerado ideal, bem como, são diante dele marginalizados.

O modelo de análise das masculinidades estabelecido a partir do conceito de Connell (1995), contudo, sofreu inúmeras críticas, algumas delas advindas da produção geográfica sobre masculinidades, como é o exemplo da publicação organizada por Van Hoven e Hörschelmann (2004) que ataca frontalmente a perspectiva da adição de atributos aliada a tipificação dos perfis masculinos que não opera no sentido de demonstrar a complexidade que envolve a constituição do ser homem no mundo de acordo com singularidades vinculadas ao espaço e tempo. Essa crítica mobiliza no conjunto de textos geográficos sobre masculinidades um reforço constante à concepção de que sua construção envolve diferenciação espacial e contingência. Para Van Hoven e Hörschelmann (2005), a compreensão das masculinidades passa pela consideração de um complexo amalgama de práticas, valores, significados e performances que estão ligadas a lugares e contextos situados no tempo e espaço. Sendo assim, há uma complexificação que, ou se apresenta implícita, ou, não se faz presente na concepção de Connell (1995) sobre a construção de masculinidades. A imaginação geográfica bem que possibilita um ponto de vista sobre as masculinidades, enquanto mais abertas à mudança de acordo como o modo em que as pessoas interagem em dado tempo e lugar.

Numa estratégia de atualização e reconfiguração do conceito de masculinidade hegemônica, Connell e Messerschmidt (2013) afirmam a continuidade de sua principal característica que é a combinação entre pluralidade e hierarquia de masculinidades. Esse modelo de análise, doravante, pressupõe a existência da subordinação de masculinidades não hegemônicas. Os eixos de reconfiguração do conceito incluíram: “a natureza das hierarquias de gênero, a geografia das configurações de masculinidade, o peso do social no processo de incorporação da masculinidade e a dinâmica das masculinidades.” (2013, p. 264).

Especificamente sobre o eixo da geografia das configurações de masculinidades, os autores sugerem que a mesma pode ser orientada a partir de três diferentes escalas: local, regional e global.

1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas de histórias de vida;

2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e
3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização. (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

Os autores atestam a articulação entre as três escalas na constituição de uma pluralidade de masculinidades e sua contribuição às políticas de gênero. Todavia, no esboço de uma geografia das masculinidades proposto por eles, a análise escalar é substituída pela definição de níveis, desconsiderando, por exemplo, reflexões sobre a relação entre espaço e masculinidades elaboradas no contexto de produção científica geográfica, como também as críticas que esta realizara.

Desde a publicação de Jackson (1991), houve gradual e crescente difusão da temática das masculinidades impulsionada pelas Geografias Feministas. Berg e Longhurst (2003) descrevem a temporalidade do crescente interesse da geografia, sobretudo da anglófona e de inspiração feminista ou pró-feminista, ao exame das experiências dos homens, da construção de identidades e subjetividades masculinas e das construções de masculinidades nas últimas décadas. Oferecem um importante resumo das principais perspectivas desses estudos na geografia anglo-americana, ao mesmo tempo em que elaboram uma crítica ao caráter anglocêntrico dos mesmos. Embora a crítica parta de uma geografia também anglófona, ela evidencia como demanda a exploração científica de experiências de homens, bem como das masculinidades e identidades masculinas localizadas no sul do mundo e que dialogue acerca de contextos de países subalternos ou que compartilham de trajetória pós-colonial.

Van Hoven e Hörshelman (2004) introduzem uma discussão sobre as masculinidades no livro intitulado *Spaces of masculinities* em que, além de estabelecer uma crítica à tipificação e hierarquização envolvendo a construção das masculinidades inspirada nas proposições de Connell (1995), enfatiza que os estudos sobre masculinidades são impulsionados pelas transformações do mundo contemporâneo. E também pelas formas em os homens se apresentam como sujeitos que, ao mesmo tempo, em que podem ser marginalizados, podem reproduzir práticas de dominação. A crítica de Van Hoven e Hörshelman (2004) estabelece um importante diálogo sobre as masculinidades a partir de dois pontos

de conexão. O primeiro refere-se a relação entre a masculinidade e as formas de sua subversão a partir das experiências de homossexuais e demais pessoas com identidades dissonantes à heteronormatividade. O segundo diz respeito a instituição de uma masculinidade hegemônica situada e variada espacialmente e, da hipermasculinidade, ambas reprodutoras de discriminação, discursos e práticas vinculadas ao machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia.

A abordagem de Hörschelmann (2004) em seu estudo sobre jovens neonazistas da Alemanha Oriental, por exemplo, dá ênfase às práticas machistas do grupo para compreender os mecanismos de reprodução de um espaço regulado às mulheres e relativamente fechado às experiências de pessoas com identidades sexuais dissonantes.

O texto de Gorman-Murray (2013) incide sobre a construção relacional da masculinidade presente na constituição de redes de amizade entre homossexuais e homens heterossexuais (identificados pelo geógrafo como pessoas 'pró-gay-heteromasculinas') na cidade australiana de Sydney e que instituem paisagens de igualdade. Gorman-Murray (2013) sugere que tais redes compõem tentativas de desestabilizar a masculinidade hegemônica e influenciam na instituição de novas paisagens em que o respeito a diversidade sexual se torna mais presente.

Outra linha de raciocínio que permeia os estudos sobre masculinidades envolve a relação destas com a construção de feminilidades.

Holloway, Valentine e Jayne (2009) exploram as diferenças entre homens e mulheres a partir do consumo de álcool. Enfatizam em seu estudo que, além da Geografias Feministas terem sido lentas em inserir temas sobre abstinência e alcoolismo em problemáticas de pesquisa, podem explorar as diferenças e conexões entre espaços públicos e privados relacionados ao consumo do álcool por homens e mulheres em distintos ambientes da vida social na Grã-Bretanha. Explorando a construção de uma moralidade de gênero descrevem os circuitos espaciais do consumo de álcool envolvendo espaços públicos e privados ocupados por homens e mulheres que, ao invés de separados, se encontram articulados entre locais de abastecimento comercial e de 'bebedeiras' e, por conseguinte, borram a aparente dicotomia do modelo espacial no qual as mulheres estariam mais vinculadas ao consumo de álcool no espaço privado e homens no espaço público.

O texto de Yi'En (2012) descreve as maneiras pelas quais o transnacionalismo influi nas caracterizações dos matrimônios em Singapura. Explorando um contexto em que há evidência de 'mercados locais de casamentos', Yi'En (2012) identifica que os homens singapurianos que se casam com mulheres imigrantes tendem a ser representados como perdedores e fracassados e, assim, constroem uma masculinidade marginalizada em dados contextos em que a tradição local se mostra mais eloquente.

Seguindo a mesma perspectiva relacional de construção das masculinidades, o texto de Brownlow (2005) incide sobre o modo como se instituem os sentimentos de medo entre os homens e que são geralmente ocultados pela hegemonia de estudos sobre as mulheres e os aspectos espaciais de vulnerabilidade. Para contrabalançar a dicotomia entre homens e mulheres quanto ao medo sentido a partir de experiências no espaço público, o geógrafo estabelece a ideia de que o destemor dos homens no espaço público é fenômeno meramente aparente, haja visto, que seus entrevistados relatam temor crônico ao risco de se constituírem em vítimas de crime violento. Desta maneira, o geógrafo dá visibilidade aos modos pelos quais se moldam as experiências de homens jovens no espaço público da cidade de Filadélfia.

O estudo de Brownlow (2005) interessa a reflexão aqui em curso, pois, enquanto há uma naturalização da ideia de que a permanência dos homens pelo espaço público é mais intensa, esta resultaria em maior vulnerabilidade masculina ao medo e à violência urbana. Esta observação contraria as versões apresentadas em muitos estudos que identificam a periculosidade do espaço público atingindo mais intensamente as mulheres. Desconstruindo, portanto, a ideia de que os homens são providos de um condicionado destemor quando experienciam o espaço público. No texto de Brownlow (2005), a análise das representações elaboradas pelos homens sobre o medo e insegurança diante da violência aparecem, ainda, articuladas às construções sociais da raça e à marginalização econômica de grupos sociais que habitam as periferias da cidade.

Uma importante linha de investigação que também se apresenta no conjunto de estudos da geografia sobre homens e masculinidades envolve o contexto de transformações socio-econômicas ocorridas a partir da mundialização do capital e

consequentemente da difusão de corporações empresariais pelo planeta, dos processos de desindustrialização, das modificações nas esferas de produção e da reprodução social capitalistas que implicaram flexibilidade de direitos e de jornadas e precarização do trabalho. Todas as modificações ligadas as estruturas sociais instituídas no sistema capitalista são vistas nessa abordagem como transformações que também afetam o modo como as masculinidades são construídas.

Linda McDowell (2001; 2002; 2003 e 2007) é a mais importante das geógrafas feministas a explorar essa faceta da relação entre os homens, a construção de suas masculinidades e as novas feições do mundo do trabalho. Ao enfatizar que os discursos hegemônicos de masculinidade não contemplam a trajetória destinada à muitos jovens da classe trabalhadora inglesa, McDowell (2007) concebe a ideia de que as masculinidades são redundantes. Ao mesmo tempo em que o discurso da masculinidade tem como núcleo central a formação de uma classe trabalhadora em que o homem se constitui a partir da figura de um sujeito assertivo no trabalho e provedor de um domicílio habitado por uma família nuclear, os jovens pertencentes à classe trabalhadora investigados por McDowell (2002; 2003) representam a si mesmos como incapazes de contemplar tal projeto.

McDowell (2002; 2003) também localiza fenômenos que se evidenciam como reações diante desse dilema do mundo contemporâneo, tais como a participação em protestos e movimentos de contra-cultura, à proliferação de casos de agressão entre jovens do sexo masculino, de envolvimento com a criminalidade e, até mesmo, a evidência de índices de rendimento escolar e profissional mais baixos entre homens em comparação com o das mulheres. Porém, longe de afirmar que tal processo é parte da instituição de uma crise de masculinidade, tal como se estabeleceu no fracassado projeto intelectual do *Men's Studies*, McDowell (2003) explica que é no liame entre a contemplação de um projeto de masculinidade hegemônica e a realidade contemporânea que afasta os homens de concretiza-lo, que novas masculinidades se instituem num processo que envolve, simultaneamente, reprodução e negação de certos elementos. Isto é, as masculinidades se constroem num processo permeado de redundâncias e ambiguidades e que geram efeitos contraditórios pelo espaço, sobretudo o urbano, (des)industrial e corporativo os quais a autora toma como recortes à análise espacial.

Na esteira das relações entre homens, capital e trabalho, outros estudos podem ser identificados, ora se aproximando, ora se distanciando das abordagens contemporâneas e em voga no subcampo das Geografias Feministas caracterizadas pela perspectiva desconstrucionista do gênero performativo e pela teoria *Queer*.

Buscando uma explicação que considere as relações de gênero sobre a governamentalidade neoliberal do espaço urbano, Hubbard (2004) explora o modo como a masculinidade é re-localizada na arquitetura da cidade capitalista. O geógrafo demonstra isso a partir da análise de políticas de regulação da atividade da prostituição feminina em cidades ocidentais que contribuem simultaneamente ao capital e à preservação de uma política urbana masculinista. Propondo, enfim, que a estrutura conceitual do neoliberalismo será útil à reflexão sobre a reestruturação urbana contemporânea se for reconhecido que sobre o mapa da cidade há fixação de eixos de desigualdade que fogem ao escopo da análise consagrada pelas categorias capital e classe, mas que correspondem a diferenças em torno das construções sociais de gênero.

Cowen e Siciliano (2011) investigaram os processos de recrutamento militar e de policiamento urbano ligados, tanto a governamentalidade, gestão e controle populacional, quanto à extração da mais-valia. Na América do Norte e no Reino Unido, segundo as geógrafas, esses processos manifestam a dimensão de securitização da reprodução social que tem como foco de intervenção os homens jovens negros e subempregados. Para as geógrafas, os grupos de homens marginalizados se constituem, ao mesmo tempo em alvo dos mecanismos de segurança que os oprime pelo espaço urbano, assim como são os mais cooptados pelo recrutamento militar e seus dispositivos disciplinares.

Estudando as experiências de homens brancos no contexto de desindustrialização, Nayak (2003) demonstra que o contexto de homens jovens brancos na transição à uma sociedade pós-industrial institui um processo de negociação que vincula uma economia articulada nas escalas local e global. Nayak (2003) sugere que nesse contexto as identidades regionais desestabilizam uma masculinidade que tinha como referência fundamental o trabalho na indústria.

Outra abordagem recorrente na geografia das masculinidades explora a relação entre masculinidade e juventude. Além dos trabalhos desenvolvidos por

McDowell (2002; 2003 e 2007) sobre a juventude da classe trabalhadora inglesa já evidenciados, destacam-se os textos de Curtin e Linehan (2001), Hopkins (2007), Noble (2009) e Aitken (2012).

Afirmando que adolescentes constroem e preservam um sentido particular ao gênero masculino a partir do lugar, Curtin e Linehan (2001) problematizam os modos pelos quais o espaço escolar e as estruturas familiares patriarcais limitam os comportamentos de meninos e influenciam processos de reificação da heterossexualidade. Para esses geógrafos, as identidades masculinas das crianças são instituídas na vida cotidiana através da tensão entre as práticas aceitáveis e não aceitáveis à uma vivência masculina vinculadas as normas e significados estabelecidos nos espaços da casa e da escola.

Hopkins (2007) explora as identidades de jovens homens religiosos e racializados enfatizando a importância do lugar na compreensão e desconstrução de processos de estigmatização de asiáticos muçulmanos. O geógrafo ressalta em seu artigo que a invisibilidade do grupo que estuda e o silenciamento de suas vozes em nosso campo de saber contribui para o estabelecimento de versões distorcidas que frequentemente generalizam a vivência muçulmana, desconsiderando a diversidade de práticas, lugares e a construção de identidades situadas.

O texto de Noble (2009) se aproxima dessa concepção ao estabelecer uma reflexão teórica sobre a relação entre espaço, etnia e identidades masculinas de jovens. Este geógrafo propõe o estabelecimento de uma 'política de reconhecimento' da diversidade e do modo situado e provisório em que subjetividades juvenis são construídas entre os homens. Além disso enfatiza como alternativa fugir da primazia dada ao gênero ou a etnia como domínios isolados, considerando-os eixos mobilizados simultaneamente no processo de instituição de identidades entre os jovens árabes.

Compondo um recorte temático em expansão na produção anglófona contemporânea e denominado geografia das emoções, os textos de Meth (2009) e Meth e McClymont (2009) recaem sobre homens que vivem num assentamento informal da cidade sul-africana de Durban. O assentamento estudado pelas geógrafas demonstrou altos índices de violência e criminalidade e é entendido por elas como espaço vivido por homens marginalizados, porém apegados aos ideais

patriarcais. Tais estudos centram-se na análise de uma gama de emoções que indicam interconexões entre lugar, política e performances de masculinidade. Seus textos contribuem para ampliar a atenção às geografias das emoções também presentes nas vivências masculinas e que são geralmente obscurecidas diante da oposição bipolar que, frequentemente aproxima os homens do universo da razão e os distancia da emoção. Além disso, as autoras procedem a operacionalização de pesquisas através de uso de métodos mistos e próprios da análise qualitativa, mesclando observação participante e pesquisa-ação participatórias como formas de investigação contextualizada.

Como observado até então nessa seção, há uma variedade de estudos sobre masculinidades, experiências e identidades masculinas que se desenvolvera no contexto de discussões das Geografias Feministas, tal como apresenta Longhurst (2000). Esta produção científica demonstra intensificar-se na última década e envolve a relação entre as masculinidades, trabalho, juventude, etnia, raça, geografias do afeto e emocionais.

O alcance da temática das masculinidades na produção científica geográfica, tem se evidenciado na escala nacional a partir do diálogo com uma crescente produção na Geografia brasileira. Principalmente a partir das experiências investigativas sobre a construção de masculinidades entre adolescentes em conflito com a lei desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Territoriais. Tais estudos preenchem uma lacuna na produção científica das Geografias Feministas, marcada pelo baixo interesse em estudar homens jovens, pobres e seus espaços cotidianos.

Os estudos empreendidos pelo GETE têm demonstrado que há impossibilidade de contemplar o modelo normativo de uma masculinidade hegemônica que também orienta, além da precária política de ressocialização, a estigmatização do grupo estudado. Tem-se demonstrado, assim, na trajetória desses estudos, uma preocupação com a facilidade de condenar o sujeito e a dificuldade de desconstruir a ficção em torno de uma masculinidade e um padrão de vida adulta que pressupõem contraste com a delinquência. Frequentemente é o homem criminoso a coisa a ser renegada e condenada (FOUCAULT, 1978), e não os eixos de desigualdade e relações de poder que instituem a vulnerabilidade à violência em

seus espaços de vivência cotidiana que, entretanto, se evidenciam como elementos fundamentais na construção de suas masculinidades.

Chimin (2011), Rossi (2011), Rocha (2014) e Gomes e Silva (2014) demonstram que há interconexão entre masculinidades, pobreza e espaços de vulnerabilidade e violência. As escalas de análise do fenômeno da violência adotadas nessas experiências de pesquisa não estão vinculadas ao sujeito e seu lugar de tipificação, mas aos diferentes modos em que o espaço está implicado na constituição e condução de sua vida cotidiana, o que inclui a ocasional ou habitual realização de práticas ilícitas. Deste modo, problematizar a relação entre juventude, masculinidades e espaços de violência tem significado ao conjunto de nossas pesquisas conectar-se com a espacialidade do fenômeno desde a vivência cotidiana e situada do grupo.

Classificados socialmente como seres em condição de desajuste constitucional com o sistema jurídico, o grupo de homens jovens egressos que corresponde ao recorte social do presente estudo não contempla o imaginário que permeia o ideal do 'ser homem no mundo'. Este imaginário pressupõe um feixe complexo de identidades sociais e eixos de desigualdade, tais como classe, raça, idade, religião, sexualidade e assim por diante. Porém, no mundo moderno ocidental a ficção do homem ideal figura mais próxima do homem branco, adulto, heterossexual, dotado de satisfatória remuneração e assertividade nas relações de produção e reprodução social.

Se aproximando da abordagem desenvolvida na trajetória de estudos sobre masculinidades e espaço na Geografia brasileira, Aitken (2007) analisa as teorias geográficas do afeto e a validade política das mesmas face a dinâmica de constante retorno de homens jovens aos espaços de violência e adicção. Juntamente com o que expõe Atherton (2009) e Evers (2009), as ideias de Aitken (2012) se constituem como fundamentais à reflexão realizada na presente seção sobre as relações entre gênero-masculinidade, corpo e espaço carcerário.

Aitken (2012) escreve sobre as relações entre homens jovens e espaços de adicção e violência tentando expandir a maneira de compreender a construção de masculinidades dando atenção ao modo como os corpos estão implicados na constituição de *assemblages* que conectam vício e atos violentos na vida de homens

jovens recrutados enviados às ocupações militares norte-americanas no Afeganistão<sup>32</sup>.

As *assemblages*, a partir de diálogo com Anderson *et al.* (2012), podem ser entendidas como emaranhados de trocas biológicas, psicológicas e socioespaciais, bem como, institucionais que, em constante movimento e contato com outros elementos, criam novas *assemblages*. Conforme Aitken (2012), as *assemblages* constroem e reconstroem imprevisivelmente espaços ocupados pelos corpos no retorno contínuo e cotidiano de homens jovens em contextos de ocupação militar norte-americana. As *assemblages* viciantes, segundo o geógrafo, incidem sobre o corpo através da experimentação de adrenalina, dopamina e endorfina que se assemelha ao estado situacional de euforia experimentado pelo corpo desejante de homens jovens na imersão em espaços de adicção.

Gomes (2014) apresenta as *assemblages* espaciais de envolvimento de jovens do sexo masculino com as drogas em diferentes espacialidades, tais como a casa, rua, vila, locais de enconderijo de substâncias ilícitas e as espacialidades do tráfico. Sua abordagem se aproxima da análise empreendida por Aitken (2012), sem objetivar, contudo, a análise acerca da escala do corpo. Por outro lado Gomes (2014) expõe de modo original um complexo movimento envolvendo homens jovens adictos e a reprodução de atos violentos como práticas de poder exercidas pelo espaço urbano.

Para enfatizar a assunção de posição vulnerável num ciclo espacial vicioso entre homens jovens, Aitken (2012) sugere que as experiências com os espaços de violência das ocupações militares podem ser entendidas a partir do conceito de 'dobra' elaborado por Deleuze (1991).

Como um processo de imergir no “afundamento de um mundo” (DELEUZE, 1991, p.20) ou de reduzir o horizonte de expectativas, a ideia de dobra, no entanto, incide sobre a reconfiguração do modo em que as relações entre os corpos (humanos, não-humanos - objetos em si) não se constituem como domínios estritamente autônomos, nem necessariamente limitados, mas envoltos num complexo emaranhado de organismos e espaços ao redor.

---

<sup>32</sup> As fontes da pesquisa que subsidiam os argumentos de Aitken são: o livro *War* de Sebastian Junger (2010) e que foi adaptado ao cinema através do documentário chamado *Restrepo* (indicado ao Oscar em 2010) e; o filme *Guerra ao Terror (The Hurt Locker)*, de Kathryn Bigelow (2009) que fora premiado com Oscar no ano de 2010.

Nesse sentido, Aitken (2012) descreve que as experiências em espaços violentos, especificamente as ocupações militares por ele investigadas, representam contraditório desençaixe dos homens jovens à normalidade da vida, que os posicionam num espaço de vulnerabilidade para adicção e reincidência em atos violentos. Como proposta de superação do contínuo retorno entre dois espaços 'viciantes', o geógrafo sugere refletir sobre as políticas de afeto.

Explorando as experiências de homens heterossexuais, mas a partir de um contexto espacial bem distinto aos dos estudos de Atherton (2009) e Aitken (2012), Evers (2009) analisa a construção de masculinidades entre surfistas australianos e a instituição de uma corporalidade sensual. O geógrafo realiza uma interessante conexão entre corpo e experiências concretas dos homens ao refletir sobre o conceito de homosocialidade desenvolvido pela teórica literária Eve K. Sedgwick (1985).

Voltada a compreensão do desejo de vínculo entre homens, em relações envolvendo estritamente 'heterossexuais', a proposição de Sedgwick (1985) acerca da homosocialidade é de que esta reúne todo o espectro de obrigações dos homens no contexto de amizades, interações sociais, rivalidade e trocas econômicas na composição de um 'desejo homosocial masculino'. Numa ordenação homosocial das vidas dos homens há reificação do significado de prioridade dos homens aos relacionamentos homem-homem e não às relações homem-mulher.

A homosocialidade pressupõe, segundo Sedgwick (1985), um partilhado desejo de companhia de outros homens que, apesar de platônico e relativamente assexuado, é fortemente enraizado na estrutura patriarcal, em que heterossexualidade obrigatória e a homofobia estão implicadas.

A reflexão acerca da homosocialidade empreendida por Evers (2009) a considera no desenvolvimento de um sistema cultural em que os desejos individuais são processados na triangulação de desejos de outros homens e isso envolve os 'objetos' inseridos no contexto de interação masculina e heterossexual. Tais objetos na homosocialidade podem ser representados através da existência de um partilhado desejo de se obter algo material, tal como uma arma, um carro, uma bicicleta, uma quantidade de droga, e assim por diante. Assim, a interação entre os

homens, e destes com os objetos materiais, organiza sistemas de rivalidade e coesão grupal nas interações hetero-masculinas.

Aitken (2012) propõe a inserção de 'objetivos' na composição do modelo de análise da homosocialidade de Sedgwick (1985) e reconfigurado por Evers (2009). Os objetivos correspondem a realização de um feito ou ao ato de conquistar valorização e posição privilegiada em dado grupo de pares do sexo masculino, como são exemplos os momentos em que os homens ganham no jogo de futebol ou quaisquer tipos de disputas, ou quando recebem promoção no local de trabalho, quando levam alguma vantagem, entre outros. A homosocialidade, na perspectiva de Sedgwick (1985), recaí sobre o vínculo e desejos triangulados entre homens, que relevam a importância de um homem estar junto de outros, sem o objetivo de desejar-los.

A validade do conceito de homosocialidade a partir do contexto cotidiano de homens no cárcere e de construção de suas masculinidades se dá pela evidência de hegemonia heterossexual no espaço carcerário e da complexa interação instituída pelos presos, capaz de gerar normas relacionadas as trocas de bens que compõem a economia carcerária e que gira em torno dos objetos utilizados cotidianamente. Além desse aspecto, os objetivos dos presos estão relacionados a condução de uma vida suportável no convívio entre pessoas com trajetórias distintas e para o estabelecimento coletivo de estratégias de sobrevivência, resistência ou voltadas à organização de rebeliões e fugas.

A investigação realizada com o grupo de egressos do sistema carcerário tem evidenciado que o corpo é importante na homosocialidade instituída pelo espaço carcerário. Vários são os relatos em que se manifesta a prática diária de cuidado com o corpo e que têm como objetivo preservar condições sanitárias favoráveis à condução da vida cotidiana livre de possíveis viroses, da atuação de parasitas e da proliferação de um conjunto variado de bactérias que provocam doenças e podem levar a morte. Nesse sentido, o corpo aparece na análise do espaço carcerário como fundamental na constituição de uma política sanitária e de sobrevivência que é fundamentada e aplicada pelo coletivo encarcerado.

Outro aspecto relacionado ao corpo no espaço carcerário envolve o modo como o mesmo ocupa o espaço da cela no contexto de superlotação e que implica o

respeito a uma série de normas de convivência também instituída pelos detentos e relacionadas ao dormir, ao preparo e realização de refeições, bem como às corriqueiras atividades cotidianas que se desenvolvem num micro-espço em que vivem seres compactados.

A relação com os mecanismos de controle e disciplinarização dos corpos no cárcere se evidencia a partir de relatos que expressam a interação dos presos com agentes penitenciários nos momentos de revistas realizadas nas celas, na entrega de suprimentos, entre outros contextos de interação dos presos com os agentes institucionais. Nesses momentos, as performances corporais dos presos se realizam conforme o exigido pela instituição prisional. Por outro lado, quando estão relativamente livres da vigia e controle, tendem a agir conforme suas próprias normas. Nos dias de visita, os presos também tendem a desenvolver performances específicas que estão relacionadas ao modo como andam e olham para visitantes, bem como, preservam a norma de não se apresentar sem camisa, nem com roupas curtas, evitando assim, constrangimentos e conflitos.

Todavia, o corpo masculino não se apresenta de modo expressivo e significativo no conjunto de abordagens sobre as masculinidades nas Geografias Feministas e tem produzido ao campo a demanda em dar mais atenção ao corpo como objeto de análise das masculinidades. Os estudos de Longhurst (2004), Janssen (2004), McPhail (2009), Atherton (2009), Evers (2009) e Aitken (2012) são importantes referências de apoio e diálogo para corresponder tal demanda.

Longhurst (2004) apresentou uma interessante investigação que trata da abjeção e estigmatização sofrida por homens obesos ou com ginecomastia, isto é, que possuem seios. Ao explorar o contexto de marginalização desse homens, a geógrafa neozelandesa enfatiza a importância em dar atenção ao corpo masculino na definição de escalas de análise pelas Geografias Feministas. Além disso, apresentou como importante argumento que tanto o corpo masculino quanto às masculinidades são fluídos e passíveis de abjeção e desconstrução. Deste modo, refletir acerca de questões que se atém à estigmatização e produção de sentimentos de repulsa e abjeção não é exercício exclusivo de estudos sobre o corpo feminino ou ligados as geografias das sexualidades.

Outro estudo que releva o aspecto material e simbólico do corpo obeso, mas entre homens brancos e da classe média canadense, se apresenta no texto de McPhail (2009). Esta geógrafa apresenta o corpo como lugar simbólico pelo qual se atribuem significados de repulsa que orientam à população masculina, tal como a feminina, ao cuidado alimentar, aos exercícios físicos e tratamentos estéticos que fazem parte da política e retórica hegemônicas anti-obesidade.

Mais ligado ao objeto de estudo e discussão mobilizada na presente seção, Janssen (2004) realiza uma breve análise do corpo masculino através das tatuagens feitas em diferentes presídios anglo-americanos e russo. Seu estudo identifica as tatuagens de presidiários como marcas que o corpo voluntariamente carrega e que são componentes da instituição de uma identidade pessoal de resistência a homogeneização no espaço carcerário. Por outro lado, as tatuagens realizadas de modo obrigatório se definem como marcadores de pessoas consideradas fracas, não viris e que, portanto, posicionam os corpos de alguns presos à margem no espaço carcerário.

Para compreender masculinidades militarizadas, Atherton (2009) explora a negociação envolvendo identidades e performances corporais no contexto do exército britânico. Em sua análise, o corpo é definido enquanto projeto de tornar-se enrijecido<sup>33</sup> e disciplinado num processo de domesticação de identidades masculinas pelo regime de treinamento militar. A abordagem de Atherton (2009) concebe o corpo não como algo pronto e acabado, pois resulta de performances que são negociadas no processo de domesticação que envolvem, de um lado, a contemplação de performances exigidas pela hierarquia do 'corpo militar' e, por outro, as linhas de fuga e abertura à performances que se distinguem da exigida ao exercício militar. Em dados lugares em que os homens jovens não estão sob controle da hierarquia militar, especificamente, espaços de lazer em momentos de folga, exercitam performances que se diferem da de um 'corpo enrijecido'. Deste modo, Atherton enfatiza a importância do lugar para a compreensão da negociação de identidades

---

33 O modelo de análise sobre o corpo investigado por Atherton aparece no texto originalmente em inglês como *hard-body* e o processo de domesticação dos corpos enquanto, *hard-bodied*. Ambos os termos não apresentam possibilidades de tradução a contento diante do significado anglófono atribuído frequentemente. Algumas dessas possibilidades são corpo 'rígido', 'duro' ou 'rijo'. Deste modo, entendi que seria mais apropriado ao processo de um corpo vir a ser domesticado, a palavra enrijecido, cujo significado em português está relacionado a algo que 'ficou rijo' ou 'sem flexibilidade'.

masculinas, bem como das diferentes performances e formas que o corpo se manifesta pelo espaço.

Sobre o corpo, Evers (2009) afirma que este não pode ser entendido enquanto instrumento ligado à dado objetivo cotidiano, mas como entidade afetiva ligada à *assemblages* e, portanto, como algo inacabado, móvel, transitório e que interage na apropriação de espaços através da triangulação de desejos masculinos. Aitken (2012) também explora a relação entre corpo e desejo na instituição de espaços de adicção e violência e concebe o corpo masculino enquanto 'corpo desejanter' e conectado à *assemblages* viciantes.

Na seção anterior foi apresentada como possibilidade à investigação sobre o espaço carcerário a perspectiva de múltiplas escalas, especificamente aquelas vinculadas a prisão como instituição e a prisão como espaço cotidiano. Entretanto, as questões que remetem ao corpo masculino no cárcere indicam a necessidade de refletir sobre ele como escala e, até mesmo como produtor de um espaço próprio.

Ainda que as análises sobre o corpo na geografia não derivem da matriz filosófica desse filósofo, Lefebvre (2000) argumenta, a partir de sua reflexão sobre o 'espaço absolutamente relativo' pensado por Leibniz, que o corpo vivo ou vivente pode ser concebido como espaço:

O corpo, com suas capacidades de ação, suas energias, faria o espaço? Sem dúvida, mas não no sentido em que a ocupação "fabricaria" a espacialidade - no sentido de uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre o desenvolvimento no espaço e a ocupação do espaço. Antes de produzir (efeitos, na matéria, nos instrumentos e nos objetos), antes de se produzir (se alimentando) e de se reproduzir (pela geração de um outro corpo) cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele aí se produz e o produz. Relação notável: o corpo, com suas energias disponíveis, o corpo vivo, cria ou produz seu espaço: inversamente, as leis do espaço, isto é, da discernibilidade no espaço, são aquelas do corpo vivo e do desenvolvimento de suas energias. (LEFEBVRE, 2000 [1974], p. 138).

Como já foi evidenciado, poucos estudos tratam das relações entre espaço e corpo masculino. Todavia, as Geografias Feministas e das sexualidades elaboraram importantes contribuições sobre o corpo.

De acordo com Longhurst (2001), o corpo faz parte da imaginação geográfica e pode ser concebido como produzido socialmente e fluído, pois está sujeito as diferentes formas simbólicas que assume em cada tempo e espaço. Johnston e Longhurst (2010) avançam nessa discussão, enfatizando que os corpos são de

fundamental relevância às experiências espaciais, pois seus tamanhos, formas, estéticas, performances, sexualidades, práticas sexuais e, até mesmo, seus fluídos e excrementos, afetam o modo como as pessoas interpretam seus próprios corpos e os corpos dos outros.

Nast e Pile (1998) compartilham de argumentos semelhantes quando afirmam que os corpos são utilizados de diversas maneiras em diferentes lugares e, ainda, representam lugares de identidade, trabalho, moralidade, prazer e contestação.

Essas proposições acerca da relação entre corpo e espaço advindas das Geografias Feministas dialogam com a perspectiva de escala apresentada por Smith (1992). Este autor insere o corpo em sua análise de escala como vinculado a constituição da identidade pessoal. Para ele, o corpo produz a fronteira entre o eu e o outro, tanto no sentido físico, quanto social. Além disso pode ser concebido como lugar de prazer e de dor, das necessidades, dos medos e desejos, bem como se configura como órgão biológico a partir do qual são socialmente construídas as definições relativas a saúde e a doença.

Smith (1992) ainda entende que o cuidado com o corpo e o controle sobre ele podem constituir formas de contestação da escala corporal e demais escalas da vida social que produzem espaços. Ao considerar a trajetória de lutas feministas ao longo do século XX, exprime que o corpo se estabeleceu como lugar de luta, resistência e encaminhamento de reivindicações.

Neste sentido, se pode ser entendido que o cuidado com o corpo quando se manifesta para evitar doenças que interferem negativamente a vivência de presos numa cela ou galeria de presídio, por exemplo, os corpos dos presos se constroem como espaços de sobrevivência e resistência diante da precariedade e insalubridade penitenciárias. Outro aspecto importante a presente investigação é que o modo como os presos negociam a ocupação de espaços em celas e galerias no cárcere, assim como, é partir da disciplinarização destes, no sentido de tornar a vida suportável, que o corpo se apresenta como algo inacabado e instrumento de organização coletiva do espaço carcerário.

Essa seção procurou evidenciar que a masculinidade e o corpo se definem como importantes instrumentos conceituais para compreensão da espaço carcerário a partir das experiências do grupo investigado. A temática das masculinidades

apresenta um variado conjunto de proposições sobre experiências espaciais dos homens e contribui para a compreensão do espaço carcerário como criado e redefinido através de negociação de identidades e performances corporais que indicam a necessidade de refletir sobre os eixos de desigualdades e as maneiras pelas quais estes posicionam de modo diferenciado e contraditório os detentos em diferentes configurações de poder.

A próxima seção evidenciará o conceito de interseccionalidade como ferramenta para compreender a dinâmica complexa dessas relações diante das normas estabelecidas entre os homens jovens no espaço carcerário.

## **5. Interseccionalidade como possibilidade à análise espacial da prisão**

A crescente e variada produção geográfica sobre as masculinidades, como evidenciam Berg e Noble (2009), se desenvolveu juntamente com os desafios teórico-metodológicos de estudá-las de acordo com os aspectos socioespaciais vinculados a outros atributos pelos quais as identidades pessoais e coletivas se estabelecem juntamente com as formas de opressão que resultam de convívio entre múltiplas identidades, ideologias e valores. Assim, os estudos sobre masculinidades assumiram como uma de suas características a adoção de uma perspectiva não-monolítica para a compreensão da relação entre espaços, sujeitos e grupos do sexo masculino.

Nesse sentido, a partir da seção anterior pôde ser observado que não há predomínio de uma perspectiva monolítica na produção de formas de inteligibilidade das experiências masculinas, pois muitos dos estudos produzidos no subcampo das Geografias Feministas articulam a masculinidade com juventude, classe, racialidade, religiosidade e etnia.

Na seção que aqui se segue será abordado o debate acerca do conceito de interseccionalidade e sua contribuição à reflexão sobre as categorias identitárias e eixos de opressão e desigualdade que compõem as experiências masculinas no cárcere.

Como tem se evidenciado no processo investigativo, o conceito de interseccionalidade demonstra potencialidade para a reflexão sobre performances corporais como experiências concretas do grupo estudado e que posicionam sujeitos

com trajetórias distintas conforme o tenso jogo entre aceitação e subversão das normas instituídas pelos homens no espaço carcerário.

O conceito de interseccionalidade aparece como instrumento teórico-metodológico pertinente à produção científica geográfica voltada ao estudo de identidades e espacialidades complexas.

O épico Manifesto Feminista Negro escrito pelo *Combahee River Collective*, uma organização feminista, negra e lésbica de importante atuação na Boston das décadas de 1970 e 1980, é um documento chave para o entendimento e organização da luta feminista negra contemporânea. Além disso é indubitavelmente imprescindível à compreensão da instituição de entre-lugares e à constituição de sujeitos e espaços desde a encruzilhada em que se metem cotidianamente entre diferentes eixos de opressão envolvendo gênero e raça.

A agenda política dessa organização e do próprio movimento feminista negro norte-americano pode ser considerada como uma das precursoras da perspectiva interseccional, na medida em que demonstrou-se estruturada a partir das lutas diante de uma pluralidade de estruturas de dominação, tais como o capitalismo, o racismo, o machismo e o sexismo. Tal agenda propunha o desenvolvimento coletivo de um posicionamento político, científico e intelectual de contestação e, sobretudo, emancipatório.

A contradição que esse posicionamento trazia ao seio do movimento feminista hegemonicamente composto por mulheres brancas e de classe média, resultou num tensionamento político e na busca de um caminho alternativo de resistência e produção de um conhecimento vinculado à realidade vivida pelas mulheres negras, como é evidenciado no texto de Bell Hooks (1989).

O intenso debate impulsionado pelo feminismo negro foi fundamental para a constituição de proposições teóricas desafiadoras e que tiraram o movimento feminista de sua zona de conforto, quando estabelecida em torno da posição da mulher branca e heterossexual. Uma das proposições teóricas mais significativas nesse processo foi elaborada por Patricia Hill Collins (2000 [1990]), na qual identifica que a opressão sofrida pelas mulheres negras norte-americanas se articulava entre as dimensões econômica, política e ideológica. O reconhecimento da opressão como fenômeno multidimensional, para Collins (2000 [1990]), exigia a constituição

de um conhecimento e espaço de luta alternativo que incidisse sobre a epistemologia, sobre a tomada de consciência e sobre formas de empoderamento. Assim, sua proposta foi caracterizada pela interdependência entre epistemologia, valores e posições políticas, além de estratégias de resistência, que por sua vez, fundamentou o conceito de 'matriz de dominação' como possibilidade de interpretar um conjunto de opressões as quais as mulheres afro-americanas estavam submetidas.

Essa elaboração teórica e política influenciou na definição da noção de interseccionalidade, palavra cunhada por Kimberlé Williams Crenshaw (1991; 1994) e que foi fundamentada como conceito cujo objetivo seria o de cartografar diferentes eixos de poder e opressão, dentre os quais, se estabeleceriam a partir do gênero, classe, raça, etnia, geração, idade, sexualidade, religiosidade, etc.. A partir de uma reflexão sobre a violência doméstica sofrida pelas mulheres negras, a autora sugere que suas vivências não resultavam apenas na observação dos atributos ligados à relação entre gênero e raça.

Explorando as fissuras internas do feminismo, Crenshaw (1991) demonstrara que a pseudo-unidade do movimento é responsável pela inibição da diversidade de vozes e da invisibilidade das experiências de mulheres negras. Ou seja, a autora sugere repensar as políticas identitárias que até então tratavam das questões ligadas ao gênero, raça e outras categorias identitárias que lhe pareciam tendenciosas e que, se por um lado estabeleciam avanços limitados, por outro, tendiam à preservação de outras formas de poder que excluía ou marginalizavam determinados grupos sociais.

Outra crítica importante estabelecida por Crenshaw (1991) envolvia a perspectiva monolítica de pensar as políticas identitárias como uma questão relacionada ao 'ser mulher' ou ao 'ser pessoa de cor', que ocultava diferenças intragrupo e, ao mesmo tempo, destinava determinadas pessoas a um lugar sem discurso. Tal crítica, portanto, incidiu simultaneamente sobre os movimentos negro e feminista pela tendência em entender um todo a partir de uma única parte.

Deste modo, a partir de Crenshaw (1991; 1994) o conceito de interseccionalidade passou a ser utilizado na produção do conhecimento para compreender as distintas formas de opressão e o modo como as categorias

identitárias se configuram como interatuantes, além de se apresentar como forma de mediar a reafirmação de uma identidade múltipla e a necessidade de dialogar e estabelecer políticas identitárias comuns.

Conforme apresenta Nash (2008), a interseccionalidade, além de ter se tornado principal instrumento de análise feminista anti-racista, tem sido difundida como conceito nas ciências sociais para compreender diversas outras formas de opressão e relação entre categorias identitárias. Tem servido à análise sobre as desigualdades de gênero na escala global, como exemplificado pelo texto de Bose (2012). Na discussão sobre o transnacionalismo voltado a compreensão de como as múltiplas identidades se apresentam em contextos cosmopolitas, como visualizado no estudo de Choo (2012) sobre a diáspora africana que reconfigura ideais nacionalistas na Coreia do Sul, tornando-a cenário multicultural contraditório em que se articulam sentimentos de exclusão e assimilação. O transnacionalismo também é tema de pesquisa empreendida por Purkayastha (2012) sobre os processos de estigmatização e marginalização de minorias étnicas em diversas partes do mundo. Caso também da pesquisa de Flippen (2014) acerca da participação de mulheres latinas no mercado de trabalho transnacionalizado.

A interseccionalidade também tem se destacado como conceito interessante à compreensão das experiências de minorias sexuais, como é apresentado em artigo de Moore (2012) no qual examina a intersecção entre raça e sexualidades a partir das experiências de mulheres afro-americanas.

A crescente assimilação da perspectiva interseccional ocorrida nas últimas décadas tem mobilizado um conjunto de críticas acerca da adoção e operacionalização do conceito.

Nash (2008) elabora sua crítica a partir de quatro eixos de tensão envolvendo a interseccionalidade. O primeiro refere-se a carência de uma metodologia interseccional. O segundo, diz respeito ao predomínio da consideração das mulheres negras como pessoas interseccionadas por excelência. Um terceiro ponto de tensionamento e crítica se estabelece sobre a vaguidade presente em algumas definições sobre interseccionalidade. E, por último, uma crítica relacionada à validade, ou falta desta, a partir da utilização confusa do conceito para explicar as mais diversas realidades e experiências pessoais e coletivas.

Cabe destacar que a análise crítica realizada por Nash (2008) não invalida a utilização do conceito, mas busca encorajar cientistas feministas e anti-racistas a adotar o conceito assumindo como desafio e postura complexificar a adoção e teorização do mesmo de maneira sistematizada e que não esbarre num obscurantismo epistêmico, metodológico e político. Ademais, para Nash (2008) a operacionalização do conceito de interseccionalidade não deve implicar a simples adição de categorias identitárias e eixos de opressão, mas a complexa intersecção estabelecida a partir delas nas experiências concretas dos grupos investigados.

No tocante a operacionalização do conceito, McCall (2005) apresenta uma crítica à centralidade do gênero ou da raça na constituição de sujeitos, grupos e das políticas identitárias que se difundiram a partir da adoção da perspectiva interseccional por diferentes disciplinas. Como proposição, McCall (2005) enfatiza a necessidade de não distanciar-se da substância essencialmente feminista e anti-racista ligada ao conceito e estabelecer, a partir desta, as possibilidades de diálogo interdisciplinar, considerando a diversidade de contextos em que se configuram diferentes formas de opressão e desigualdade.

Concentrando sua discussão sobre os aspectos metodológicos do conceito, McCall (2005) insiste que a prática de pesquisa reflete a complexidade da vida social. Portanto, as exigências metodológicas, ao mesmo tempo em que desafiam investigadores, podem favorecê-los no sentido de estabelecer uma abordagem plena de complexidades, algo que a autora considera inerente à toda pesquisa que acolhe a perspectiva interseccional. De todo modo, segundo McCall (2005), cabe à cientistas interessado(a)s nessa perspectiva explorar a fundo a natureza das interações que colocam em evidência a variedade de eixos de desigualdade e opressão de acordo com o contexto social e cultural investigado e estabelecer uma metodologia coerente com o mesmo.

Destacando também a centralidade da complexidade inerente ao pensamento e operacionalização do conceito de interseccionalidade, Davis (2008) considera que em toda observação de uma multiplicidade de formas e eixos de opressão, uma ou outra se apresentará com maior intensidade. Ainda argumenta que há um paradoxo envolvendo a aplicação do conceito, pois sua ambiguidade e seu caráter aberto, ao mesmo tempo em que mobilizam críticas, podem fundamentar o sucesso da teoria,

como também sua validade em investigações de contextos espaciais e temporais regidos pela complexidade de elementos envolvidos numa interação social e política.

Yuval-Davis (2012) elabora uma reflexão importante acerca da emergência de uma epistemologia e política transversal e dialógica que pode permear a adoção do conceito de interseccionalidade como instrumento de análise de diferentes eixos de opressão em jogo nas relações sociais e na constituição de políticas identitárias. Conectando as proposições de Félix Guatarri (1974), Patricia Hill Collins (1990) e Homi Bhabha (1994), Yuval-Davis (2012) expressa uma demanda que consiste em estabelecer uma radicalização da democracia na instituição de políticas identitárias. As ideias de Guatarri (1974) acerca da transversalidade visam estabelecer estratégias políticas de resistência que superem modelos de intervenção e organização políticas baseadas na verticalidade ou na horizontalidade, esta última, se apresentando carente de potencialidades para o empoderamento.

A discussão empreendida por Yuval-Davis (2012) também evidenciam a dificuldade de operar cientificamente, assim como intervir coletivamente, através da concepção de um modelo adicional de categorias identitárias. Para ela tal modelo imprime às lutas em torno de políticas identitárias de equidade, enormes dificuldades para se estabelecer de modo dialógico um entre-lugar de discurso e resistência. A crítica que realiza a este modelo é fundamentada a partir da irônica - porém plausível e coerente - proposição de Hancock (2011) sobre os 'jogos olímpicos da opressão' enquanto uma evocativa competição intergrupala pautada pela vitimização. Yuval-Davis (2012) enfatiza que a negativa em participar desses 'jogos' passa pela consideração de uma ontologia e epistemologia baseadas na transversalidade e na perspectiva dialógica que se fazem presentes no projeto intelectual e político impulsionado por Patricia Hill Collins e que apontam a compreensão do conceito de interseccionalidade como um instrumento voltado a política identitária.

A crítica ao reducionismo presente no modelo de adição de categorias identitárias e eixos de opressão também advém de investigadores das sexualidades. A partir do contexto espanhol, Raquel (Lucas) Platero (2012) explora a complexa encruzilhada de lugares e identidades não-normativas. Com o intuito de expressar as estratégias de pessoas e grupos que produzem performativamente e cotidianamente sexualidades não-normativas, Platero (2012) analisa suas

experiências e estratégias diversas que visam a constituição de um lugar de elocução e de um horizonte de expectativa política à pessoas lésbicas, trans e gays.

Platero (2012) apresenta o conceito de interseccionalidade como ferramenta de estudo da sexualidade realizando uma importante crítica ao uso banal do conceito como maneira de se reconhecer a existência de identidades complexas, notadamente a partir da soma de adjetivos que contemplam inúmeras facetas identitárias. A autora sugere atribuir maior relevância ao pioneirismo das feministas negras em evidenciar as fissuras do movimento feminista e o lugar de luta e resistência de grupos oprimidos pelo cruzamento de diferentes eixos de desigualdade. Além da contribuição teórica ligada ao conceito de interseccionalidade, contribui com diferentes formas de operacionalizá-lo entrelaçando-o às perspectivas políticas que são instituídas pelas pessoas investigadas.

Guzman e Platero (2012) também apresentam uma rica análise da relação entre as sexualidades não-normativas e as diversidades funcionais vinculadas as pessoas com deficiência auditiva. Bachiller e Platero (2012), por sua vez, apresentam um envolvente diálogo sobre os deslocamentos que as pessoas LGBT realizam para ter uma vida comunitária, na renegociação de significados que naturalizam masculinidade e feminilidade a partir das experiências *butch* e *femme*. Apresentando estratégias mobilizadas na política de combate à AIDS, Saez (2012) aborda a perspectiva interseccional no exame da cultura *Bear*<sup>34</sup> como subcultura gay que ao se reapropriar da masculinidade, se posiciona na constituição de corpos paradoxais ou marginais.

Apoiado sobre um extenso trabalho de campo antropológico, Serna (2012) apresenta a cartografia das experiências de ciganos e ciganas homossexuais. O autor evidencia em seu texto as diferentes estratégias acionadas pelo grupo para vivenciar suas sexualidades diante das múltiplas formas de exclusão a que está submetida a etnia cigana e no jogo tenso entre a sexualidade não-normativa e a constituição de uma identidade grupal e étnica baseada na diferenciação sexual.

Coll-Planas (2012) analisa as experiências de pessoas LGBT em espaços carcerários apresentando uma série de componentes que entrelaçam o regime de

---

34 *Gays Bear* ou 'ursos' são a comunidade de gays que mantém aparência hiper-masculinizada.

privação da liberdade e os modos em que nele expressam suas identidades sexuais e de gênero não-normativas. O estudo apresenta o espaço carcerário como constituído por inter-relações entre sexualidades, gênero, classe social, nacionalidade, capital social, entre outros componentes que influenciam um sistema relacional em que interagem sistemas de privilégio e exclusão.

Também explorando o contexto carcerário, Villaplana (2012) revela em seu texto as experiências educativas e artísticas de pessoas trans e homossexuais estrangeiras dando ênfase ao lugar de discurso das pessoas entrevistadas para questionar as teorias e políticas dominantes, bem como para refletir sobre a posicionalidade de investigadore(a)s.

Dando visibilidade às experiências masculinas, Wilkins (2012) analisa a intersecção entre raça, masculinidade, juventude e sexualidade a partir das experiências de universitários negros. O autor não revela quais foram as duas universidades investigadas, bem como não justifica a utilização dos pseudônimos *Western* e *Midwestern* para nominar as mesmas, mas ao que seu texto apresenta como indícios leva a crer que se tratam de duas universidades estadunidenses. Contudo, identifica as posicionalidades que ocupam os homens negros universitários em diferentes espacialidades, tais como os espaços desportivos, espaços de conversação inter-racial e espaços de conversação e de relação de intimidade. Revelando que nos espaços de desporto, os homens jovens negros tendem a mobilizar a faceta identitária relacionada ao estereótipo do 'proeminente jogador' para assumir uma posição privilegiada. Nos espaços de conversação inter-racial, contudo, os universitários negros tendem a ocupar posição marginal diante do privilégio estabelecido às fraternidades estudantis de pessoas brancas e isso mobiliza a formação de fraternidades específicas para estudantes negros. No caso dos espaços de relações de intimidade, tanto heterossexual, quanto homossexual, demonstram ser mais comum terem como amigos ou parceiros estudantes porto-riquenhos, os quais compartilham de posição marginal ligada a etnia no contexto de relações inter-raciais nos *campi* universitários.

Como é visualizado, o conceito de interseccionalidade trazido à discussão política e científica por Crenshaw (1991) tem sido utilizado para compreender a dinâmica complexa de instituição de desigualdades a partir de diferentes categorias

identitárias e realidades espaciais em diferentes áreas do conhecimento. Uma das características da difusão do conceito nas ciências humanas, todavia, é a presença de uma consideração das masculinidades como categoria identitária e que forma outro eixo de opressão.

A assimilação do conceito de interseccionalidade, bem como a formação de um intenso debate acerca dele nos campos das Geografias Feministas e das sexualidades também gera um conjunto variado de temas e problemáticas que se concentram na análise espacial.

Valentine (2007) sugere a utilização do conceito de interseccionalidade para dar inteligibilidade às diferentes maneiras de constituição dos sujeitos a partir da complexidade que envolve a relação entre diferentes elementos identitários e o espaço. A geógrafa também enfatiza que o conceito se insere no conhecimento geográfico como possibilidade de cartografar diversas geometrias espaciais de poder e opressão, além da mobilização de uma ou outra faceta identitária como estratégia de negociação identitária em diferentes espaços.

Nas geografias das sexualidades Brown (2012) realiza uma análise teórica acerca dos desníveis de atenção dedicada as categorias identitárias de gênero, raça, classe, idade, religião e deficiência. O geógrafo demonstra o privilégio dado à raça e gênero no conjunto de estudos das geografias das sexualidades, enfatizando que a intencionalidade da escolha de uma ou outra categoria pode trazer como consequência a invisibilidade de determinados grupos identitários e dos eixos de opressão que lhes afligem. Um aspecto da assimilação do conceito de interseccionalidade pelas geografias das sexualidades que é criticado por Brown (2012) também recai sobre a imprecisão sobre quantas categorias identitárias devem ser tomadas em conta por cientistas da geografia. Essa imprecisão indica a necessidade de um controle das ansiedades em torno da diversidade de categorias identitárias e formas de poder para dar relevância ao projeto político que objetiva a equidade em relação a diversidade de sexualidades e práticas sexuais.

Rodó-de-Zárate (2014) também parte dessa perspectiva crítica contemporânea ligada à interseccionalidade através de pesquisa de ação-participatória na descrição do que denomina como mapas de relevo da experiência. Estes se apresentam como maneira de dar visibilidade as experiências concretas de

lésbicas em espaços públicos. Sua análise identifica que gênero, raça, classe e sexualidade configuram-se como categorias sociais vinculadas a eixos de desigualdade estruturais e conduzem a análise de diferentes espaços. E identifica que as experiências de lésbicas no espaço público instituem espaços de mal estar, espaços controversos, espaços neutros e espaços de conforto.

A difusão do conceito de interseccionalidade também inclui trabalhos como o de Haalboom (2012) sobre a intersecção de identidades corporativas e empresariais de responsabilidade social e as políticas de defesa de direitos indígenas no Suriname.

Outro estudo interessante foi elaborado por Hovorka (2012) que trata de interações inter-espécies a partir de experiências ligadas ao trabalho pecuário em Botswana. Hovorka (2012) propõe a intersecção entre gênero e trabalho pecuário, este último caracterizado pela responsabilidade feminina no trabalho com galinhas e, dos homens com o gado. Evidenciando que, na medida em que há uma transferência de valor que antes estava agregado à pecuária bovina e que torna o trabalho aviário como mais rentável, ocorre a desestabilização das relações de poder, que outrora destinava aos homens uma posição de centralidade nas relações entre gênero e trabalho, assim como, das interações entre as pessoas e animais na cultura pecuária.

Ziegler (2012) em sua análise sobre os processos participativos de definição de políticas urbanas explora a intersecção entre feminilidade, idade e geração e sugere a inserção da trajetória de vida e da habitação em áreas desfavorecidas como categorias que importam à análise interseccional e ao estabelecimento de políticas de combate a segregação espacial de mulheres idosas.

O estudo de Nightingale (2011) incide sobre a necessidade de inserção da 'casta' em sua análise e, que juntamente com gênero e classe, configuram uma produção material da interseccionalidade. A partir de uma operacionalização do conceito baseada em estudo etnográfico realizado no Nepal, a geógrafa enfatiza que as experiências de interseccionalidade revelam em sua natureza as diferenças corporificadas que se estendem, além do corpo, à (re)criação dos espaços da vida cotidiana.

No contexto da produção geográfica brasileira, Silva (2009) examina a prática da prostituição entre mulheres brasileiras na Espanha, explorando a intersecção entre gênero, sexualidade, nacionalidade e classe e instituição de identidades complexas de acordo com diferentes escalas espaciais e territoriais ligadas a atividade.

Como pode ser observado nesta ampla gama de estudos sobre interseccionalidade e seu lastro nas Geografias Feministas e das sexualidades, há uma crescente e recente produção de reflexões sobre conceito e que compartilham da crítica ao modelo de adição de categorias identitárias que, ora analisam-nas isoladamente, ora através da preleção de uma ou outra. Todavia, tais críticas endossam o argumento da dificuldade em analisar a simultaneidade de opressões vivenciadas pelas pessoas, cuja constituição identitária se evidencia enquanto multifacetada e não monolítica.

A perspectiva interseccional e dialógica que não somente dá visibilidade a experiências concretas de opressão ligadas a sexualidade, a feminilidade e a raça, também expressa uma linha de tensão no âmbito teórico-metodológico do conceito de interseccionalidade. Este conceito têm ganhado notoriedade e relevância não só à temática e à própria luta do movimento das mulheres negras, mas à todo um conjunto de intelectuais e ativistas que o integraram na perspectiva de dar visibilidade à identidades, eixos de opressão e espacialidades complexas, como também, para refletir sobre as posições políticas que compõem dada realidade estudada ou de intervenção. Cabe à cientistas interessados em operar o conceito, reconhecer seu potencial à análise da complexidade da realidade socio-espacial sem distanciar-se do embrião político contestatório e revolucionário ligado a emergência da interseccionalidade nos campos político e científico.

De uma perspectiva interseccional, tanto as masculinidades hegemônicas, quanto as masculinidades periféricas, estudados por Rossi (2011) e Chimin (2011), podem ser reconhecidas como constituintes de um emaranhado de eixos de opressão e relações de subordinação e desigualdade que se apresentam em dados contextos da vida cotidiana de homens jovens. Este aspecto da crítica ao conceito de masculinidade hegemônica é de extrema importância se for considerada a espacialidade como interação complexa. Nela, os elementos identitários que

posicionam de maneiras distintas os homens em espaços de homossexualidade podem ser entendidos como interseccionados, assim como seus espaços enquanto passíveis de mutação através da performatividade.

Em Rossi (2014) foram apresentadas algumas das conexões entre a vivência da interseccionalidade e territórios instituídos por adolescentes e conflito com a lei a partir do diálogo entre o trabalho de campo e estudos sobre lugares em que a juventude e as masculinidades importam aos estudos sobre interseccionalidade. Algumas destas reflexões são elaboradas pelos estudos sobre masculinidades oriundos do campo das Geografias Feministas e podem ser verificadas nos textos de McDowell (2001; 2002; 2003; 2004; 2007), Hopkins (2007), Aitken (2012), Atherton (2009), Evers (2009) e Noble (2009) debatidos na seção anterior. Nesses textos, o(a)s geógrafo(a)s apontam não só a importância do modo em que espaço e lugar estão implicados na construção de masculinidades plurais, mas da intersecção das hierarquias de gênero com outros elementos identitários como a etnia, raça, classe, sexualidade e religiosidade. Os estudos contemporâneos sobre espaços e masculinidades, portanto, têm se debruçado sobre os atributos de movimento e abertura ligados à performances corporais masculinas e seus diferentes elementos de intersecção.

Uma abordagem que é bastante difundida a partir do diálogo entre as Geografias Feministas e geografias das crianças e juventude é a exploração da intersecção entre masculinidade, idade, geracionalidade, religião e raça. Ainda que possa ser considerado como característica comum em muitos dos estudos sobre masculinidades a evidência da multiplicidade e contingência que relaciona a masculinidade a outros atributos que os homens carregam, além da diferenciação corpórea e significação sobre o gênero. Essa perspectiva analítica carece de um aprofundamento sobre as experiências de grupos marginalizados que cometem atos ilícitos e que vivem ou viveram o cotidiano do cárcere.

Assim, se torna pertinente a reflexão sobre os eixos de desigualdade que compõem o cotidiano do espaço carcerário entendido a partir de uma perspectiva política e relacional da espacialidade, tal como propõe Massey (2008), bem como esta revela-se como paradoxal (ROSE, 1993), devido as diferentes posições que os presos ocupam e que estão ligadas às experiências concretas voltadas à tornar a

vida suportável na prisão. A complexa interação em presídios brasileiros hegemonicamente habitados por homens jovens e pobres, nesse sentido, se torna um cenário de interesse investigativo novo e complexo diante das abordagens teórico-metodológicas mobilizadas nos estudos sobre interseccionalidade.

Contudo, compreender as experiências de homens jovens no espaço carcerário através da reflexão sobre o conceito de interseccionalidade tem demonstrado, a partir das entrevistas em profundidade realizadas com dez homens jovens egressos, que são relevantes as normas instituídas pelo coletivo encarcerado e que estão em jogo na instituição de uma espacialidade caracterizada pela regulação de performances e das formas de negociação de suas identidades masculinas.

O próximo capítulo trilhará a desafiadora caminhada à formulação de uma proposição teórica que possibilite interpretar de modo coerente e sistematizado a complexidade que envolve a construção de masculinidades, a trajetória de vida dos homens detentos e a 'queda' na prisão como um de seus mais importantes marcos.

### **CAPÍTULO III**

#### **TRAJETÓRIAS DE VIDA, MASCULINIDADES E A 'QUEDA' NA PRISÃO**

Um das questões que mobiliza a construção do objeto de estudo desta tese se refere ao modo como as trajetórias de vida dos homens estudados compõem a construção de suas masculinidades no cotidiano do espaço carcerário. A reflexão acerca desta questão visa compreender o processo de constituição destes homens que no contexto da juventude 'caíram' na prisão e de lá saíram, de um modo ou de outro, transformados.

Tal questão também emerge do fato de que os detentos entrevistados compartilham trajetórias de vida marcadas pelas experiências em espaços periféricos e de pobreza que se caracterizam como de maior concentração da população juvenil que comete atos infracionais e da própria população carcerária. Deste modo a trajetória do ser detento não é aleatória, mas segue o fluxo da vida em espaços marcados pela vulnerabilidade à violência e, por conseguinte, ao encarceramento. No decorrer das trajetórias pré-cárcere os sujeitos investigados constroem masculinidades pautadas por um sistema moral que orienta atitudes, ações e interações que podem ser reconstruídas através de suas experiências no espaço carcerário.

O capítulo está dividido em três seções. A primeira tem como objetivo analisar a trajetória do grupo estudado como relacionada as experiências próprias de jovens adolescentes que constroem suas masculinidades enquanto periféricas a partir de territórios urbanos em que a violência e a criminalidade estão significativamente implicadas. As trajetórias de vida se evidenciam como importantes vetores da inserção de homens jovens que vivem nas periferias pobres da cidade de Ponta Grossa na condução de práticas ilícitas passíveis de punição via privação da liberdade.

A segunda seção analisa uma comunidade semântica relacionada a trajetória do ser detento explorando o contexto da narrativa dos entrevistados e o modo como representam suas trajetórias de vida.

A terceira e última seção do capítulo tem como objetivo abordar a 'queda' na prisão como marco importante na composição das trajetórias de vida dos homens encarcerados.

## **1. Os homens jovens e a vida na quebrada**

Nessa seção busco compreender os elementos que compõem as trajetórias de vida de homens jovens das periferias pobres que atuam na criminalidade, a partir de territórios instituídos por eles e que estão sobrepostos aos espaços de vulnerabilidade à prisão.

A construção do objeto de estudo aqui apresentado está diretamente relacionada à trajetória do Grupo de Estudos Territoriais, a qual minha própria trajetória científica está entrelaçada. No ano de 2010 defendi minha dissertação de mestrado compreendendo as espacialidades cotidianamente vivenciadas por adolescentes do sexo masculino, pobres e em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

Dentre os resultados obtidos no referido processo investigativo esteve abordagem em torno de diferentes territórios urbanos instituídos pelo grupo e que eram marcados pelo uso e tráfico de drogas e pela realização de furtos, roubos, extorsão e conflitos entre grupos rivais. A investigação também demonstrou uma forte relação entre a instituição de seus territórios e a vivência da interseccionalidade quando se observou a definição de eixos de desigualdade vinculados as categorias de idade, geracionalidade, classe, masculinidade e trajetória na ilegalidade, que posicionavam distintamente as pessoas investigadas em suas espacialidades e territórios, bem como influenciavam nos diversos processos de negociação.

A experiência de homens jovens com espaços de vulnerabilidade à reincidência em atos infracionais e a demanda de reflexão que elas apontavam, mobilizaram a continuidade de investigações sobre o grupo e que foram realizadas por outros pesquisadores do GETE, como são os casos de Gomes (2014), Rocha (2014) e Almeida e Ornat (2014). As experiências do grupo de estudos, bem como, as do grupo estudado, também fomentaram a construção de um objeto de estudo que explorasse o contexto das práticas cotidianas de homens jovens na emergência da 'maioridade' e com o advento da vivência carcerária, todavia, sem abandonar a perspectiva da construção espacialmente variada das masculinidades.

Haja vista a conjuntura dos espaços de vivência de homens jovens pobres de uma cidade brasileira que denota um cotidiano complexo e que articula violência e a partilha de sentimentos de estigmatização e marginalização, tal complexidade não

se distancia da análise da disfuncionalidade do espaço urbano para com a juventude pobre. Disfuncionalidade sentida, tanto por quem vive o crime, quanto por quem vive alguma experiência corporal química/entorpecente e viciante reconhecida como ilícita. Não há como culpabilizar somente o jovem criminoso, mas a inerte política de prevenção à violência e ao crime e da condução dos fluxos de adicção e mortes violentas. Diante dessa estrutura espacial e social fragmentada da cidade capitalista, algumas das reações dos homens jovens que podem desenvolver reiteradamente atos criminosos têm sido a instituição de territórios urbanos.

As principais maneiras em que os territórios urbanos estão implicados no complexo desenrolar da vida cotidiana de homens jovens em conflito com a lei compuseram meu objeto de estudo no mestrado e serviram de arcabouço para a construção do objeto de estudo agora apresentado. A pesquisa que subsidiou<sup>35</sup> a dissertação, além do levantamento de registros policiais, foi resultante da observação participante e entrevistas em profundidade com treze homens jovens em conflito com a lei realizadas durante convivência com quatro grupos que, por sua vez, habitavam ou ainda habitam quatro diferentes áreas da periferia pobre do espaço urbano de Ponta Grossa, uma cidade média com significativo inter-fluxo regional. Alguns fragmentos dessa pesquisa serão aqui revisitados no sentido de demonstrar que as trajetórias dos homens que compõem o grupo focal desta tese não estão deslocadas do universo cotidiano da população jovem que comete atos infracionais.

A vida dos homens jovens estudados é permeada por diversos tipos de deslocamentos diários e tensões provocadas em múltiplas espacialidades. Nela há um reposicionamento constante dos sujeitos em diferentes configurações de relações de poder que são espacialmente situadas.

Os territórios urbanos compõem a vivência de homens jovens pobres em conflito com a lei, influenciam nas estratégias mobilizadas pelo grupo e o modo pelo qual a vivência nesses territórios e, com diferentes eixos de opressão, podem ser

---

35 O trabalho de campo vinculado à observação participante e entrevistas em profundidade com o grupo se refere à convivência no período entre 2008 e 2009, correspondente ao processo de pesquisa de Mestrado, defendida em 2010. Os jovens pesquisados no destacado período continuam a ser investigados, doravante, como adultos na permanência da instituição de territórios urbanos, reiteração de práticas criminosas e experiências com o espaço carcerário que formam o escopo da investigação de doutoramento aqui apresentada.

considerados como potencializadores da passagem dos homens jovens pelo espaço carcerário.

Os territórios urbanos dos homens jovens em conflito com a lei foram interpretados a partir dos contextos que caracterizam os sujeitos, suas práticas e as relações sociais mediadas pelo espaço. Sendo que os principais modos de apropriação espacial identificados estavam conectados ao uso compartilhado de drogas, as estratégias de controle relacionadas ao seu deslocamento para obtê-la e à dependência de *crack*.

Foi observado que as experiências comuns de exclusão e estigmatização são fundamentais na persistência do fenômeno da violência e criminalidade entre jovens do sexo masculino que habitam as periferias pobres (ROSSI, 2010). Então, as práticas cotidianas do grupo, ao mesmo tempo em que instituem o ser homem jovem que desenvolve atos delituosos, são instituídas através da mobilização de facetas identitárias ligadas ao imaginário construído sobre o que é ser homem na condição de marginalizado.

A construção das masculinidades periféricas foi abordada por Rossi (2010, 2011) e Chimin (2011) como dispositivo de conexão entre o conceito de masculinidade hegemônica e a perspectiva de espaço paradoxal, desenvolvida por Rose (1993). As masculinidades são constituídas como periféricas e ao mesmo tempo hegemônicas nos territórios urbanos de homens jovens em conflito com a lei. Nos territórios, os homens jovens combinam aspectos do modelo hegemônico de masculinidade com performances que não os contemplam (ROSSI, 2010). Ao mesmo tempo e espaço os homens jovens estudados tem sua performatividade caracterizada pelo *corpo rígido* (ATHERTHON, 2009; AITKEN, 2012), pela demonstração do poder de causar dano (NOLASCO, 2001), pela lealdade ('ter palavra') e coragem. A admirada performance no contexto de seu grupo de pares, é de longe, reprovada pelos vizinhos que os observam. Logo, a masculinidade periférica é permeada de ambiguidades e não simplesmente pela hierarquização de posições entre os homens em diferentes configurações de poder. Além disso, pode ser interpretada enquanto multidimensional e constituída através das relações de poder que compõem dadas espacialidades ou territórios instituídos pelos homens.

É neste sentido, que não há como conceber a existência espacial do grupo investigado a partir de contextos isolados ou da tipologia de crimes descritos nos autos, pois deve ser revelado que entre a construção social dos homens jovens pobres criminosos e suas vivências espaciais há o hiato representado por um universo de possibilidades de contato entre eles e a esfera institucional responsável pela segurança e penalidade articulada no espaço urbano.

O modo como performativamente constroem sua posição enquanto homens jovens em dados territórios pode influenciar comportamentos agressivos e que destoam do ideal hegemônico de masculinidade. A imersão neste universo possibilitou o contato com um sistema relacional particular e a com suas expectativas, imaginações sociais e espaciais, assim como motivações para o exercício de práticas ilícitas.

Os homens jovens investigados são ativos no processo de instituição de territórios. Não obstante, através de suas práticas territoriais reconstróem permanentemente suas masculinidades através das correlações de força vinculadas a sua convivência em grupo, à idade e trajetória de realização de práticas ilícitas (ROSSI, 2011). Esses componentes das relações de poder se demonstraram como eixos fundamentais da opressão e desigualdade instituídas nas interações dos homens jovens em seus territórios urbanos.

Rose (1993) se posiciona de forma contrária as concepções de espaço que o definem a partir da delimitação espacial de legítimo controle e poder obtidos apenas através da violência, da proteção e, conseqüentemente, da exclusão dos que podem ser reconhecidos como os 'outros' da relação. Na Geografia brasileira, Silva (2009) e Ornat (2009) difundem a perspectiva de espaço paradoxal elaborada por Rose (1993), para compreender os territórios complexos da prostituição feminina e travesti, bem como relações entre gênero e espaço. O desenvolvimento desse tipo de problemática tem se evidenciado como umas das maneiras de desestabilizar a oposição binária que tem orientado reflexões sobre o espaço e território e que pressupõem noções de separação e fechamento, além da existência de um grupo como *insider* e outro como *outsider*.

O território, nessa perspectiva, evidencia diferenciações internas, e nele há sempre a presença dos outros em relação aos grupos que mantêm centralidade na

configuração das relações de poder. Alguns grupos sociais e pessoas, apesar de oprimidas, podem elaborar táticas que desconstroem, desestabilizam ou subvertem uma dada ordem territorial. As noções de centro e margem exploradas por Rose (1993) são fundamentais à compreensão da posicionalidade diferencial dos sujeitos em seus territórios e espacialidades. Ou seja, das interações surgem novas possibilidades de rearticulação dos feixes de relações de poder, estratégias de resistência e reposicionamentos dos sujeitos em determinado espaço. Para Rose (1993), a vivência espacial cotidiana pode ser apreendida a partir do jogo tenso entre centro e margem e das características de multidimensionalidade e plurilocalidade.

As críticas sobre o conceito de território a partir da perspectiva das Geografias Feministas se configura como importante eixo de reflexão do GETE no contexto da Geografia brasileira, que apresenta em seu conteúdo a noção de espaço paradoxal e envolve a adoção de metodologias alternativas de aproximação com os grupos estudados. Assim, Silva (2009), Ornat (2009) e Rossi (2010), entre outro(a)s pesquisadore(a)s do GETE, assim como, da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero Latino-americana (REGGSILA), têm exposto algumas formas de contrapor a produção das Geografias Feministas de países centrais e anglófonas ao contexto reflexivo de nossas ações investigativas a partir da realidade brasileira, latina e ibérica.

Especificamente, as diferentes escalas que envolvem as experiências cotidianas dos grupos por mim estudados refletem objetos e objetivos que são experimentados nas ruas, esquinas, praças, margens de linhas férreas, de baixo das pontes, nas vilas vizinhas e nas poucas vezes que acessam vilas distantes e o centro da cidade, entre outras inúmeras áreas do espaço urbano.

Tal proposição de reflexão sobre os territórios instituídos pelo grupo se apresenta através de quatro tipos: os territórios da 'vida louca'<sup>36</sup> em que há apropriação espacial de grupos de homens jovens das periferias pobres como áreas de ócio e entorpecimento para fins recreativos; os territórios da 'correria'<sup>37</sup>, que se constituem enquanto espaços de controle exercido por grupos de homens jovens

---

36 A 'vida louca' é representada pelos grupos estudados como o embalo das bebedeiras e uso de substâncias entorpecentes ou tóxicas.

37 A 'correria', 'corres', 'corre' e 'correra' são termos utilizados pelos grupos investigados para definir deslocamento espacial com o objetivo de adquirir álcool e outras drogas.

que interagem partilhando do objetivo de compra/aquisição e atravessamento de substâncias ilícitas, tais como a maconha, cocaína e *crack*; os territórios das rodas de 'crack', que se estabelecem como espaços apropriados por coletivos de homens jovens que partilham da substância derivada da pasta base de cocaína e; por fim, os territórios das zonas de conflito que se instituíam eventualmente devido ao estabelecimento de desavenças entre grupos rivais localizados em diferentes áreas das periferias pobres do espaço urbano de Ponta Grossa.

Na sanha de frequentar cotidianamente espaços de encontro com quem compartilham do mesmo sentimento de marginalização, os homens jovens demonstraram embarcar quase rotineiramente na chamada 'vida louca', caracterizada pelo uso cotidiano do álcool e outras drogas.

Tipo nós não samo daqueles que andam com os cara que não conhece muito bem, maioria dos cara aqui que andam com nós aqui, é nós aqui, os piá, que é a gente conhece de anos já (...) nós sabemos qual que é quando os cara fazem alguma, conhecemo já da correria os cara. E é difícil rolar treta entre nós, se bem que às vezes rola umas, umas desavença assim, mas nada a ver, depois a gente sempre se acerta. Nunca tamo ali 'de cara', nunca tamo ali sem usar uma droga, nunca sem tomar um gole, nunca sem fumar um cigarro, nunca sem usar nada. Sempre na vida loca! **Gorpo, entrevista, julho de 2009.**<sup>38</sup>

Há dois elementos de coesão dos grupos e que são essenciais na apropriação espacial que promovem nos espaços de vizinhança ou em quaisquer locais de referência aos encontros do grupo. Um destes elementos está relacionado ao tempo de convívio e ao estabelecimento de confiança e laços afetivos. O outro, com o uso compartilhado de substâncias ilícitas no espaço apropriado. Elementos que aparecem como interdependentes e que tem centralidade no exercício coletivo de apropriação espacial de uma praça, esquina e assim por diante. A coesão é o critério de união do grupo em torno da subversão do espaço público, concebido hegemonicamente ao exercício de outras práticas e regido por critérios sociais normativos. Sobre a presença de homens jovens da 'vida louca' nos espaços públicos, os entrevistados descreveram a ocorrência da inibição do acesso de outros grupos e seus discursos foram frequentemente marcados pela representação de sentimentos de apropriação.

---

<sup>38</sup> Optei em manter nas citações das entrevistas a linguagem coloquial do grupo e denominar os entrevistados a partir de pseudônimos. As falas exploradas nesta seção compuseram a fonte discursiva analisada durante a dissertação de mestrado.

A instituição dos territórios da 'vida louca', desse modo, envolve estratégias de adesão para comprar bebidas alcoólicas ou substâncias ilícitas que implicam deslocamento, dos territórios da vida louca, até algum mercado ou 'canais' em que se vende maconha, *crack* ou cocaína. O processo de convivência combinada de espaços de encontro comum dos jovens de sua área e espaços de relação direta com o narcotráfico possibilita que alguns homens jovens instituem os territórios da 'correria'. Estes se constituem como espaços apropriados por jovens para abordar e intimidar outros que ali estão de passagem e com o objetivo de comprar dada quantidade de substância ilícita. Os termos 'correria', 'corre', 'corres' e 'correra' se referem a qualquer deslocamento espacial com o objetivo de comprar bebidas alcoólicas ou substâncias ilícitas. Ele pode se referir também à outros objetivos, no entanto, ligados não somente ao consumo, mas ao trabalho realizado para poder consumir algo, aos objetivos de vida, à alguma iniciativa com o objetivo de tirar vantagem, etc..

Nos territórios da 'correria', foram consideradas as experiências de deslocamento espacial até os canais de venda de substâncias como a maconha, cocaína e *crack* em que uma série de acontecimentos são possíveis, pois nem sempre a 'biqueira'<sup>39</sup> está próxima ou é de fácil acesso. O controle da 'correria' pode ser observado nas narrativas que exploram a prática do 'pedágio' e da 'multa'.

Os cara sempre chegam pedindo uma 'intéra'<sup>40</sup>, sempre rola, onde você for das outra quebrada é assim. Aqui também ó, aqui nós fazemo assim ó: os cara vem fazer um corres aqui, dai a gente já tá ligado, já sabe quando os cara procuram o bagulho, qual que é o contexto, dai chega multando, tá ligado? Botamo uma pressão pros cara apresentar pra nós, dá uma 'intéra', tá ligado? 'Oh maluco, bota pá nós o bagulho aí! 'Tem louco aqui, num lugar mais cabuloso, que já chega passando os cara, né mano! Nós aqui, sempre damo uma alugada, leva uma ideia. De vez em quando, quando a gente tá nória memo, dai é diferente! O bagulho é louco memo! É difícil de rolar muito dessas aqui, que nós aqui, os cara já flagram nós e nós já flagra os cara (...) É só saber entrar nas quebrada, pra você sair de boa. Se os cara vem te alugando, você leva uma ideia na humildade, tá ligado? Se ele vem te alugar<sup>41</sup>, você também aluga o cara! (...) Só que o negócio memo é respeitar pra não dar treta(...). **Dedinho, entrevista, julho de 2009** .

39 Assim também são chamados os locais em que se vende substâncias ilícitas, principalmente o *crack*.

40 Quando cada um contribui com dada quota de dinheiro que pode, ou quer, para realizar uma compra coletiva de substância ilícita ou de bebida alcoólica.

41 'Alugar', para os entrevistados remete a 'convencer' ou 'ludibriar'.

Foi possível observar que enquanto alguns adotam este tipo de estratégia para obter vantagens, outros mobilizam táticas para não sofrer com as eventuais perdas no deslocamento até onde ilícitamente se vende drogas. Contudo, podem os homens jovens adotar ambas as coisas no decorrer de suas experiências em diferentes espacialidades. Isto é, os mesmos jovens que 'multam' outros em seus espaços de moradia podem utilizar de táticas de defesa em outras espacialidades, tais como a caminhada rápida e sem interrupções até o destino ou a adoção do diálogo como alternativa para não se saírem lesados. Este processo institui o saber/poder de muitos jovens das periferias pobres em entrar e sair 'de boa' em várias 'quebradas' do espaço urbano. Ao mesmo tempo, constituem-se em matrizes fundamentais para a instituição de territórios complexos.

Muitos dos que buscam na 'correria' um sentido para a 'vida louca' destacam a presença da inibição de uns grupos diante de outros pelo espaço público. Isso devido ao fato de que entrevistados que partilhavam das mesmas 'rodas de crack' se encontravam num estágio mais avançado em relação ao sentido da 'vida louca', muito mais arдил e degradante. Nestes espaços, os elementos de coesão são muito flexíveis e giram principalmente em torno do desejo de consumo repetitivo e ao custo, não apenas da simples 'correria', mas de variados riscos ligados a adoção de estratégias como furtos, roubos e comércio e venda de objetos furtados.

A coesão instituída nos territórios das 'rodas de crack' envolve a associação coletiva para a compra de crack, tal como pode ser também observado nas 'cracolândias'<sup>42</sup>. Tais espaços de adicção, diferentemente das cracolândias, são rodas de doentio convívio e que geralmente encontram-se em locais de difícil acesso e longe da vigilância de terceiros, tais como os fundos de vale, capões, linhas

---

42 As cracolândias podem ser definidos como espaços apropriados por usuários de crack que vêm ganhando destaque no cenário nacional midiático contemporâneo. Não há uma definição de proporção em relação ao que pode ser considerado cracolândia, contudo, sugere-se que há aglomeração em torno do uso de crack e que mantém relativa proximidade com os locais de venda dessa substância. Em 20/05/2010, a notícia publicada pelo site R7 notícias evidenciou a apreensão de 58 pessoas numa das linhas férreas da cidade do Rio de Janeiro. Sendo que 9 quilos da droga foram apreendidas nas proximidades. In: <http://noticias.r7.com/rio-e-cidades/noticias/operacao-policial-no-rj-apreende-drogas-na-cracolandia-da-linha-do-trem-20100520.html> acessado em 20/05/2010. O site de notícias da G1, publicado em 08/04/09 destaca uma ação no Rio de Janeiro que deteve 47 menores de idade na Favela do Jacarezinho, esta favela já teria recebido o apelido de "cracolândia". Acessado em 08/07/10.:

férreas, baixadas próximas de rodovias, casas abandonas, terrenos baldios, garagens, cômodos domiciliares, esquinas, praças, pontos de ônibus, ao lado de lixeiras de condomínios, de árvores, o encostar no muro, campinhos de futebol, escolas durante a noite ou em finais de semana, entre inúmeros outros espaços possíveis. Geralmente se instituindo em locais não muito distantes de um 'canal' em que há venda da substância, esses territórios também demonstram um aspecto nômade e furtivo. Tratam-se de 'espaços espiados', tal como propõe Rocha (2014) e que são constituídos a partir de eixos de desigualdade vinculados ao poder de consumo ou posse de objeto passível à satisfatória troca por dada quantidade de *crack*. Participar por um longo tempo destas rodas ou submeter-se à um longo tempo no uso do *crack*, são significados pelos entrevistados como 'internar-se na pedra' ou manter-se em estado de 'bruxaria'<sup>43</sup>.

Quando nós descemo ali, fica uma galera, um monte de 'nóia' uma vez de cada, pra ir buscar o bagulho! Não faz mais nada da vida e ninguém inventa de aparecer ali! Ah, nem são louco de aparecer, quem flagra já não aparece. Teve uma vez que tava um pai de um piazinho, assim, tava andando com o piazinho, ali de boa, e nós tava tudo na nóia! Fazia dias já, coitado do home. Nós levamo tudo dele, e o piazinho ficou chorando do lado, o cara dizia pra não encostar a mão no piá. Sorte que ninguém meteu o dedo nele, mas o pai dele, nós que tava ali vimo, o cara ficou sem nada, de cueca assim. Só que nós também tivemos que sair dali né. (...) Que nem, de rolar de passar alguém quase num tem, mas se é desconhecido, é direto, alí no nosso mocó: vai pra fita. **Zeca, entrevista, julho de 2009.**

(...) o cara era daqueles que comprava de mim quando eu vendia o bagulho né cara, e fumava comigo, assim, e os chegou. Nós se internava na pedra né mano. Se internava memo! Violento o bagulho! De ficar dias só internadão, sem comer, não dormia, nós tava só na função do bagulho! Só que o cara ficou me devendo né mano! E era umas quinze grama, tá ligado? E eu fiquei com rancor! Tava bem louco, trincado de gole, eu tinha fumado altas, altas memo! Mas sabe que me deu assim, tipo, eu vi que tava sem o bagulho (...) E o cara, tipo, tava me devendo uma pedra, assim (...) Foi me dando um 'sangue ruim' memo cara! Saí bem louco na quebrada e nessa, o cara me atravessou a rua, né mano! Já era! Eu puxei o cano memo! Tentei fazer o 'cara'. (...) Pegou dois, mas nem consegui. O cara tá guardado, lá no Cadeião, mas por causa de outra 'patifaria'. To 'jurado pelo cara'<sup>44</sup>, tá ligado? **Dedinho, entrevista, julho de 2009.**

Quando se trata de um território complexo, como o instituído através da formação de 'rodas de *crack*', os conflitos e tensões emergem do próprio contexto de uso, seus efeitos, ou na falta dele, e da posição diferenciada dos homens jovens

43 Foi comum durante as observações participantes e entrevistas ouvir a expressão 'ficar bruxo' ou 'bruxaria' para designar o estado de ânimo e sensação simultânea de euforia e neurose durante o uso prolongado de *crack* durante o(s) dia(s) e noite(s).

44 O jovem foi ameaçado de morte.

nesses territórios e suas relações de poder. Geralmente os conflitos numa 'roda de *crack*' se estabelecem a partir de desavenças ocasionadas pelo sentimento de perda em relação ao que fora consumido. A relação de proporção entre a quantidade de dinheiro compartilhada no grupo e a que fora consumida por um de seus membros, demonstra que, no contexto do uso, podem ocorrer reposicionamentos pela interação desarmoniosa entre aqueles que acusam ter mais ou menos 'direitos' sobre o consumo da droga. Numa rede de investimentos, nem sempre todos os 'nós' parecem sair satisfeitos.

O sentimento da perda ou o torpe efeito da substância pode eclodir, desta maneira, em tentativas ou até efetivação de homicídios. Em relação ao que pode ser compreendido como apropriação espacial por meio das 'rodas de *crack*', existem estratégias grupais, que também podem eclodir deste mesmo sentimento relacionado aos efeitos da droga. Tentativas de roubo que podem resultar em agressão se constituem em formas de apropriação espacial a partir de estratégias grupais de homens jovens de uma mesma 'roda de *crack*'. A característica de efemeridade deste tipo de apropriação, assim como da estratégia de controle surpresa durante a 'correria' realizada por terceiros, acompanha a passageira experiência com os efeitos da substância tóxica.

A coesão do grupo, em dar cabo a estratégia de controle sobre a presença de outras pessoas nas proximidades ou no próprio local de referência para encontro de pessoas que compartilham o uso de *crack*, mostra-se como flexível e eclodem a qualquer momento em que os efeitos da droga ou da abstinência são sentidos. Geralmente, alguns membros deste tipo de roda social degradante apresentam uma estratégia como viável e, assim, executam-na em grupo. Foi comum observar que estas estratégias são diversas, sendo que as principais são chamadas por eles como '155' e '157', que correspondem aos artigos atinentes ao furto simples ou qualificado e roubo mediante ameaça e/ou agressão. Outro aspecto destes territórios é a constituição de redes de relações territorializadas que, em menor escala, têm a presença de outros agentes, tais como a vítima, o receptor de objeto furtado e o traficante, que aparecem conectados a instituição de territórios urbanos das rodas de *crack*, como também crê-se dos espaços denominados como cracolândias.

Dentre os entrevistados à época de minha dissertação de mestrado, todos já tiveram, ou ainda têm, seus momentos de 'bruxaria' e de convivência em 'rodas de crack' e, até o presente momento, realizam eventuais assaltos a mão armada. Destarte, ocupam diferentes posições em territórios urbanos situados em tempo, espaço e grupos específicos. A variação de posicionalidade envolve diferentes escalas de observação sobre as experiências do grupo, desde os espaços apropriados à reprodução da 'vida louca', as rodas de crack e os espaços apropriados pela estratégia de controle da 'correria'.

Os deslocamentos cotidianos dos homens jovens tem a ver com idas e vindas da adicção e à elaboração de estratégias aos furtos que se dirigem ao consumo desejado. Seus outros espaços de vida podem ser entendidos como interstícios de um complexo espiral. Todavia, esses interstícios são representados pelos entrevistados como espaços de estigmatização e marginalização. Enfim, os territórios, além de representar uma reação negativa diante da estigmatização e marginalidade, incidem significativamente na construção de suas masculinidades.

Evidencia-se, portanto, uma necessidade de aproximação com as geografias da juventude masculina e marginalizada no espaço urbano brasileiro. O conceito de território, operado sob a perspectiva paradoxal e interseccional, foi reconhecido como importante dispositivo para a compreensão dos modos pelos quais os grupos se instituem socialmente, elaboram estratégias e formam sistemas relacionais próprios e espacialidades em que são marcantes a vulnerabilidade à permanência do fenômeno da violência entre homens jovens. Portanto, os territórios urbanos dos homens jovens estudados se constituem como suportes ou referências espaciais, influenciam ações e, assim, as maneiras pelas quais suas vivências espaciais são interpretadas, legitimadas ou contestadas. Além disso, catalisam uma perspectiva de futuro em que a vivência carcerária é considerada como inevitável e aguardada.

Em Rossi (2011) procurei compreender a relação dos territórios dos homens jovens com a interseccionalidade, apresentando como fundamental à análise considerar a vivência entre diferentes eixos de opressão instituídos pelo grupo pesquisado e que influenciava na diferencial posicionalidade dos sujeitos nas relações de poder e espaços de existência cotidiana.

Na complexa dinâmica de relações estabelecidas pelo grupo estudado, se evidenciaram fundamentais para a análise as diferentes categorias sociais que definiam posições de centralidade e marginalidade nas configurações de poder em dado território e se demonstraram como resultantes da intersecção das facetas identitárias de masculinidade, idade, geração, poder de consumo e trajetória na ilegalidade.

Nos territórios urbanos da 'vida louca' ganhavam centralidade as pessoas que dispunham de um maior poder de consumo de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas, assim como da predisposição para permanecer por mais tempo no uso dessas substâncias no território. Enquanto que os jovens que não tinham condições financeiras para o consumo de substâncias ilícitas ou alcoólicas, ao ocupar marginalidade, mobilizavam estratégias viáveis e interessantes ao grupo para contemplar o desejo de usar drogas como maconha, cocaína e *crack*.

Outros aspectos ligados a esta dinâmica e que refletem os papéis sociais atribuídos pelo grupo aos homens jovens e, portanto, vinculados a construção de suas masculinidades, envolviam defender o território de agentes externos que ali passassem e manter uma performance ligada a construção de uma identidade marginalizada.

O compartilhamento de sentimentos de estigmatização e exclusão social possibilitavam coesão grupal a partir da diferenciação que os homens jovens investigados insistiam em fazer entre eles e outros jovens do sexo masculino denominados por eles como '*playboys*' ou burgueses. Sendo assim, há uma relação de oposição que o grupo estabelece diante de grupos que representam ter maior poder aquisitivo ou ligadas a performances diferentes quanto ao estar no espaço público e à própria consciência acerca da desigualdade de classes. Outro elemento fundamental nessa diferenciação é o da participação do grupo no mercado informal de trabalho, quer seja a partir da realização dos chamados 'bicos', quer pela diferenciação estética e relacionada as performances que exercem nas ruas. Foi possível inferir que tais performances correspondem a categoria social classe, pois pressupõem diferentes posições ligadas ao mercado de trabalho e dinâmica desigual capitalista, assim como estão vinculadas ao poder de consumo diferenciado da juventude urbana.

A idade também pôde ser destacada como outro elemento identitário fundamental na configuração de diferentes posicionalidades que os homens jovens assumem em seus territórios e espacialidades. Para os 'adolescentes mais velhos', os 'mais jovens' representavam inexperiência em relação às práticas ilícitas e, por conseguinte, se posicionavam enquanto seres mais experientes e que delimitavam as ações dos mais jovens como vinculadas aos equívocos de execução de atos considerados mais perigosos ou às ineficiências e insuficiências próprias dos mais novos. Os homens jovens mais velhos mantêm uma posição de centralidade na definição de estratégias elaboradas para a prática de furtos e roubos, bem como para as atividades ligadas ao tráfico de drogas. Entretanto, em determinados momentos, tais como o do transporte de drogas e outras práticas presentes em sua rede varejista, os jovens mais novos eram requisitados à entrar em cena para livrar os mais velhos dos riscos de detenção e isso ocorria simultaneamente à elevação de *status* e posição dos mais jovens em dado grupo. Ou seja, as ações que para os mais velhos representavam maiores riscos ao flagrante, se constituíam em possibilidade dos mais novos desocuparem a posição de marginalidade nos territórios e assumir centralidade de acordo com o objetivo estabelecido em dado contexto temporal e espacial.

A categoria social idade mantém forte aproximação com o que venho defendendo como elemento identitário e interseccionado baseado na trajetória na ilegalidade dos sujeitos investigados. Para os jovens cuja participação na atividade criminosa perdura a mais tempo, há aquisição de um conjunto variado de conhecimentos que os posicionam de forma diferente nos territórios. Geralmente aqueles que demonstram saber/poder mais valorizado acerca da criminalidade eram os mais velhos. Contudo, foi possível verificar entre os grupos estudados, que alguns jovens mais novos em idade apresentam maior experiência e tempo de trajetória na ilegalidade e isso lhes conferia posição de centralidade nos territórios diante de jovens mais velhos cuja trajetória de reiteração de atos ilícitos é mais recente. Este eixo de desigualdade instituído pelos grupos de homens jovens mantém-se importante quando se observa as configurações de poder no espaço carcerário.

Nesta seção, foram analisadas as principais linhas de argumentação sobre o modo pelo qual a trajetória do ser detento está relacionada com minhas proposições acerca da juventude, masculinidades, interseccionalidade e da vivência cotidiana em territórios urbanos de homens jovens que atuam na criminalidade. Cabe destacar que dessa trajetória extraí a evidência de que o grupo investigado, notadamente imerso num ciclo vicioso de reiteração de práticas delituosas, alimenta dentre suas principais perspectivas de futuro a vivência carcerária. Foi nesse sentido que optei por retomar a investigação sobre o grupo na iminência de suas experiências com o sistema penal voltado aos homens na vida adulta.

Para isso, encarei como desafio tensionar o modelo de análise construído para o estudo da interseccionalidade em territórios urbanos na observação de uma espacialidade tão complexa quanto a prisão. A próxima seção se dedicará à análise de conteúdo a partir das redes de palavras que estão relacionadas às trajetórias de vida do grupo investigado hodiernamente.

## **2. As trajetórias de vida na constituição do ser homem detento**

Baseadas na metodologia qualitativa empregada com o uso de ferramentas computacionais livres, dentre as categorias de análise construídas para compreender a instituição de masculinidades no cotidiano do espaço carcerário, demonstraram centralidade as categorias 'masculinidade', 'disciplina', 'normas', 'punição' e 'estratégias de controle', mas também aquelas que se referem aos espaços e relações de sociabilidade construídas pelo urbano e, em particular, as periferias pobres e as experiências dos investigados no contexto de juventude e/ou anterior à (última) detenção.

Um dos argumentos centrais desta tese reside sobre a trajetória jovem do grupo estudado e o modo como está implicada no espaço de privação de liberdade, para a orientação de determinadas práticas cotidianas, performances corporais e estratégias para negociação da masculinidade e da própria vida material e social entre distintos sistemas de opressão. Considerando que, atrás da alcunha do preso, há a pessoa com uma história de vida, uma trajetória que foi construída entre um número indelével de espacialidades, com toda a contingência e todas as surpresas do tempo. Não seria respeitoso para com as pessoas com quem me relacionei e

investiguei, somente alavancar os dados de sua população que logo beira o milhão e não levar em consideração sua humildade, humanidade e o fato de que toda pessoa que esteve presa tem uma 'caminhada'. Independentemente se essa 'caminhada' foi ou é lícita ou ilícita por mais ou menos tempo, é na condição de humanos que os sujeitos desta pesquisa são reconhecidos. Pessoas que também tiveram e têm seus problemas, alguns deles, no entanto, colocando-os em relação direta com o sistema de pena criminal.

Na primeira seção deste capítulo, retomei alguns aspectos analisados durante minha trajetória investigativa. Particularmente, voltei-me aos resultados da dissertação de mestrado, para afirmar que a vivência territorial de jovens em conflito com a lei é marcada pela vulnerabilidade à criminalidade e, portanto, à própria 'queda' na prisão.

Nesta seção, a trajetória de vida dos homens jovens egressos do espaço carcerário é analisada a partir de seus discursos e das relações entre palavras que a rede semântica acerca da trajetória do ser detento indica. Assim, a seção se dedica a confrontar as tendências de sentido aparentes nas redes de palavras com o contexto em que elas aparecem na fonte. O texto que a presente seção percorre está estruturado, nesse sentido, a partir das evidências que a comunidade semântica da trajetória do grupo revela.

A comunidade semântica que denota a 'trajetória do ser detento' representa 22,65% da rede total de palavras e, ao observá-la, notadamente a palavra 'detento' se apresenta como importante elemento de sua constituição. 'Detento' está conectada a palavras que remetem à vivência na cidade, na criminalidade e seus atos (uso de drogas, 'tráfico', 'roubo', etc.) indutores de relação com a 'polícia' e dos episódios que levaram os entrevistados à prisão ('ca\_queda'<sup>45</sup>). Por outro lado, dentre as conexões que a palavra 'detento' evidencia, também estão envolvidas algumas palavras que remetem à trajetória ('caminhada'<sup>46</sup>) de vida na periferia ('quebrada') e, de modo interessante, também às amizades ('pa\_irmão'<sup>47</sup>) e ao

45 A palavra 'queda' e sua versão desambiguada *ca\_queda*, fazem referência ao verbo 'cair' ('eu caí', quando a gente caiu') que é muito utilizado pelos entrevistados para tratar do contexto dos atos motivadores da detenção e prisão. Outra palavra que serve de sinônimo à 'cair' é 'rodar'.

46 'Caminhada' se refere a trajetória de vida e da vida no crime.

47 As palavras irmão e irmãozinho podem ter o sentido de 'preso amigo' (caso do termo *pa\_irmão* que contém código de desambiguação), mas conforme o contexto em que são empregadas, podem também se referir ao preso de um modo geral, ou ainda, a integrante da facção Primeiro Comando da Capital (PCC).



espaços de sociabilidade mais significativos à realização de atos ilícitos que levaram os sujeitos à situação de privação de liberdade.

A figura abaixo apresenta a interface do laboratório de dados do *software Gephi* com algumas das palavras mais significativas da referida comunidade, dispostas por ordem de peso e segundo o grau ponderado, para exemplificar o critério adotado para abordar as palavras mais significativas na estruturação da narrativa dos entrevistados.

Figura 14: Interface gráfica do laboratório de dados do Gephi, tabela de nós da rede geral de palavras

Nós	Id	Label	Nat	Grau	Weighted Degree	Eccentricity	Closeness Centrality	Betweenness Cen...	Modularity ...
dt_detento	dt_detento	dt_detento	P	186	416.0	4.0	1.6462167689161553	13208.2767045468	6
ca_queda	ca_queda	ca_queda	P	115	191.0	3.0	1.8077709611451942	4357.31250486654	6
pa_irmão	pa_irmão	pa_irmão	P	88	144.0	4.0	1.901840490797546	2030.23677136824	6
ajuda	ajuda	ajuda	P	101	143.0	4.0	1.8629856850715747	5147.12146832538	6
lb_rua	lb_rua	lb_rua	P	94	138.0	4.0	1.8813905930470347	3237.93059860002	6
dg_droga	dg_droga	dg_droga	P	70	114.0	4.0	1.9754601226993864	2025.43980865687	6
rb_roubo	rb_roubo	rb_roubo	P	66	112.0	4.0	1.983640081799591	1179.05486633436	6
Tráfico	Tráfico	Tráfico	P	56	104.0	4.0	2.044989775051125	779.700498993991	6
quebrada	quebrada	quebrada	P	68	103.0	4.0	1.9775051124744376	701.458350247393	6
Polícia	Polícia	Polícia	P	71	100.0	4.0	1.9611451942740286	3695.71801839604	2
crime	crime	crime	P	66	90.0	4.0	1.9713701431492843	1733.28061049493	6
so_fora	so_fora	so_fora	P	54	81.0	4.0	2.0572597137014315	1618.18703698717	6
sy_sistema	sy_sistema	sy_sistema	P	59	73.0	4.0	2.016359918200409	2029.32467941342	6
respeito	respeito	respeito	P	52	65.0	4.0	2.067484662576687	1348.45221746810	6
União	União	União	P	47	63.0	4.0	2.069529652351738	213.222165586111	6
caminhada	caminhada	caminhada	P	39	61.0	4.0	2.128834355828221	377.392029767323	6
aprendizado	aprendizado	aprendizado	P	37	57.0	4.0	2.1186094069529653	502.717538818054	6
crocodilagem	crocodilagem	crocodilagem	P	39	52.0	4.0	2.1554192229038853	262.724755458941	6
rua	rua	rua	P	45	50.0	4.0	2.049079754601227	1632.29108379584	6
empresa	empresa	empresa	P	36	50.0	4.0	2.1431492842535786	526.699767586244	6

Screenshot realizado por Rodrigo Rossi

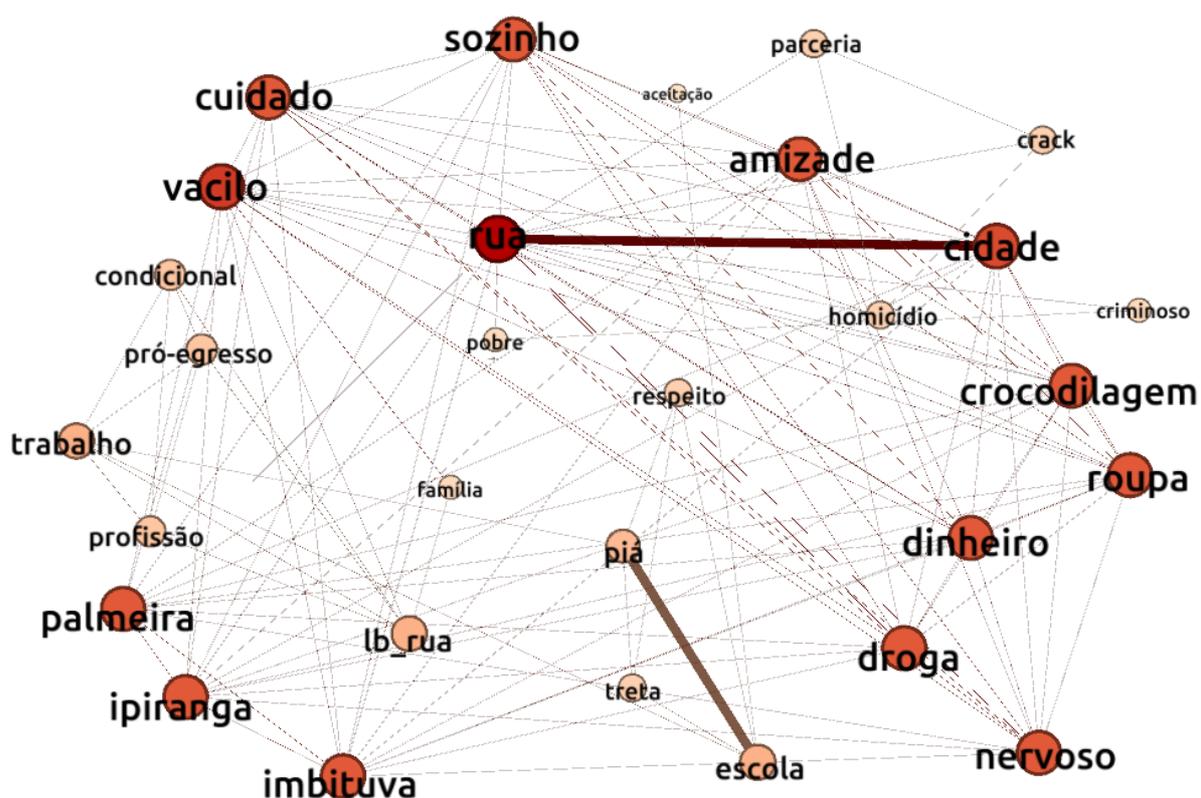
As trajetórias dos detentos são marcadas pelo conjunto de suas experiências entre diversas espacialidades e configurações de relações sociais e de poder. Pensando nisso, foi criada a categoria de análise referente aos 'locais' ou 'espaços de referência para interações grupais e sociais' para explorar melhor o sentido tomado pela narrativa das evocações ligadas aos espaços vivenciados ao longo da trajetória dos entrevistados.

As espacialidades que concentraram maior atenção dos entrevistados foram a rua, a escola e outras cidades. O presídio de Ponta Grossa concentra uma população carcerária proveniente de 27 municípios ao redor e pertencentes à região dos Campos Gerais. Além disso, um dos entrevistados relata experiências por pelo

menos três municípios dessa região e este aspecto se revela na rede de 'locais' devido a relevância que as cidades demonstraram no decorrer de sua fala.

Abaixo pode-se observar com maior riqueza de detalhes a rede de palavras referente a categoria 'locais' ou 'espaços de referência e sociabilidades'.

Figura 15: Rede de Palavras – Categoria 'Locais'



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

Alguns dos entrevistados relatam sobre a relação entre escola e o contexto de juventude, acerca da família e das experiências pelo espaço público da rua e cidade. O interessante é notar como diferentes espacialidades e configurações das relações sociais estão intrincadas no contexto da fala dos entrevistados.

Eu ia pra escola, mas tinha época que eu não ia pra estudar. Eu ia pra escapar de casa mesmo, sabe? Pra estudar também. Eu gostava de estudar, eu gostava de estudar e tinha tanta facilidade pra fazer as coisa que, eu não levava a sério. Eu nunca reprovei por falta de nota, sempre reprovava por falta. Falta de presença né. Nunca reprovei, achava tudo fácil pra caralho, sabe? Eu não passava apuro na sala de aula, ia resolvendo as questão ali, bem de boa. Sabe? Era moleza no meu caso assim né. (Adão, em entrevista, junho de 2014).

A fala de Adão sobre a escola realça a palavra 'família' (que também consta na rede) e está associada ao fato do entrevistado relatar que, quando na condição de aluno, entendia a escola não apenas como algo fácil de se levar, mas enquanto linha de fuga das relações familiares em casa. Cabe, desde já, estabelecer um cruzamento entre a categoria de análise que representa os espaços de sociabilidade e a espacialidade da casa. A casa, como componente da trajetória de vida do grupo está representada pela categoria de análise 'família'. Considerando essa categoria de análise, Adão também relata que suas experiências familiares e a violência a qual esteve submetido num contexto de rígida educação familiar, foram cruciais à sua constituição como jovem que vivenciou com maior intensidade a rua e a criminalidade.

O que que era difícil pra mim, o que foi difícil pra mim, na minha adolescência e juventude, infância também foi a (...) o caso da (...) da educação na minha casa. Era muito severa, como dizem. Eles eram bem né, pode ver as pessoas agora com mais de sessenta anos, eles têm um modo diferente de ver do que a rapaziada de hoje, que são mais (...) Hoje em dia, existe mais diálogo entre pai e filho, coisa que não tinha antes, quando você era submisso ao teu pai. O pai ali era o senhor ali e acabou. Então o que ele falava não interessava contrariar. Então em casa era assim, igual minha mãe, era inadmissível eu responder minha mãe, meu pai falava assim: 'tua mãe nunca tá errada'. Então foi assim, o que mais me empurrou pra, pra, vamo dizer pro, pro submundo. Foi a falta de paciência que eu tinha, da compreensão de que eu tinha que fazer alguma coisa pela minha casa. Eu não sei se eu contei pra você, eu sou filho adotivo também né. Então isso, isso também pesava porque, eu sendo, é, vamo dizer que, com a severidade deles lá, com o tipo deles ser. Ele (pai), às vezes ele forçava certas coisa, certa situação então, eu apanhava muito sabe? Tinha vez que eu apanhava da minha mãe e do meu pai, apanhava depois quando ele chegava e tal. E lógico, eu respondia né, ficava respondendo. Então aquilo foi me empurrando pra droga e coisa errada, sabe? (...) Eu pensava: 'porque que eu tenho que ajudar meu pai a vender fruta?' Se eu posso ser isso, aquilo e aquele outro, eu já pensava nisso, não no que eu tinha pra poder viver, mas no que eu poderia ter e não tinha ali naquela situação. Pra mim era normal, que eu errei e eu que errava, aquilo ali que eu passava era punição. Então se eu errei, eu não sei porque, pra mim na época era normal aquilo ali. E isso foi ruim e foi bom pra mim. Ruim porque você pense que, eu menino aí de, acho que nove anos, meu pai me batia de soco, sabe? Ele era, ele era um baiano, sabe? Ele tinha o tipo do Tyson, ele era tipo o Mike Tyson mesmo, sabe, tinha um pescocinho assim e tal. E ele dava colocado assim ó! (mimetiza um soco). Dava o soco colocado assim, sabe, e dava só uma e me empacotava sabe? Por mais que fosse um tapa mesmo, mas ele dava de arrebentar mesmo, assim né, e tal. E eu levantava, tinha horas que eu levantava e ia nele e dava umas três e nada! Chegou uma altura que, um dia a gente foi, lá no recanto do Butuquara. Aí eu tava assando a carne, aí no que eu fui acender o fogo e, eu não conseguia acender o fogo da maneira que ele queria, tava acendendo da minha maneira. Daí retruquei pra ele assim. Só sei que nós se tramamo na bordoadá. E eu era um

menino cara! Eu já conseguia encarar ele, sabe? Até que eu consegui me esquivar pra cá e me esquivar pra lá que, eu bati nele, mas não aguentava, não ia né cara, até que ele me deu uma bem no meio aqui sabe (mostra a boca) e eu 'póts' assim ó. (mostra o braço caindo na angulação de 90°). Ele não agia por mal, mas porque ele foi criado assim né. Maldade seria, hoje, eu agir do mesmo jeito, seria maldade né! Depois de passar por tudo. Mas ele não, ele, da educação de antes, não tinha isso. Então tudo isso é (...) contribuiu pra muitas pessoas irem pro lado, pra esse lado né. (Adão, em entrevista, junho de 2014).

O relato de Adão é, de modo peculiar, representativo quanto a violência e a convivência familiar vinculada ao espaço da casa e exemplifica um dos fatores pelos quais os entrevistados demonstram ter experienciado com maior intensidade a espacialidade da rua, em contraposição a casa e a escola. Além disso, reforça a ideia de que as experiências de violência na infância e juventude vividas na espacialidade da casa tem seu lugar na trajetória e constituição dos sujeitos envolvidos com a criminalidade.

Quanto a espacialidade escola, ela foi representada nas entrevistas através de duas maneiras. Em primeiro lugar, como espaço de formação que não sugeria relevância diante de outras relações sociais, atividades e espacialidades. Em segundo, como espaço de difícil aceitação decorrida de comportamento indisciplinado.

A primeira maneira, pode ser observada nas frases de um entrevistado:

Mas estudei, terminei o ensino médio e depois entrei no técnico direto, sabe? E eu 'trampava'<sup>49</sup> umas época e saía direto pra escola e depois pro curso. 'Trampava' demais até piá, ficava podre mesmo, tá ligado? (Lôco, Observação Participante, setembro de 2014).

A segunda maneira pela qual a espacialidade escola é representada, pode ser entendida pelos relatos de outros dois sujeitos:

Nossa! Não tinha, na minha época se usava muitas palavra que, os cara da oitava série né, na época. Quando eu tava na escola, lá tinha a piazada e, eu gostava de brigar com os cara da oitava série mesmo, que era tudo maior, pra ser respeitado no colégio né. (Adão, em entrevista, junho de 2014).

E já não me aceitavam mais na escola né. Estudei no São Sebastião, saí do São Sebastião depois fui pro São José. No Presidente Kennedy ali também. No Amálio Pinheiro, poxa vida, acho que passei por tudo quanto é escola cara! (Dedinho, Observação Participante, agosto de 2013).

---

49 'Trampava' = trabalhava.

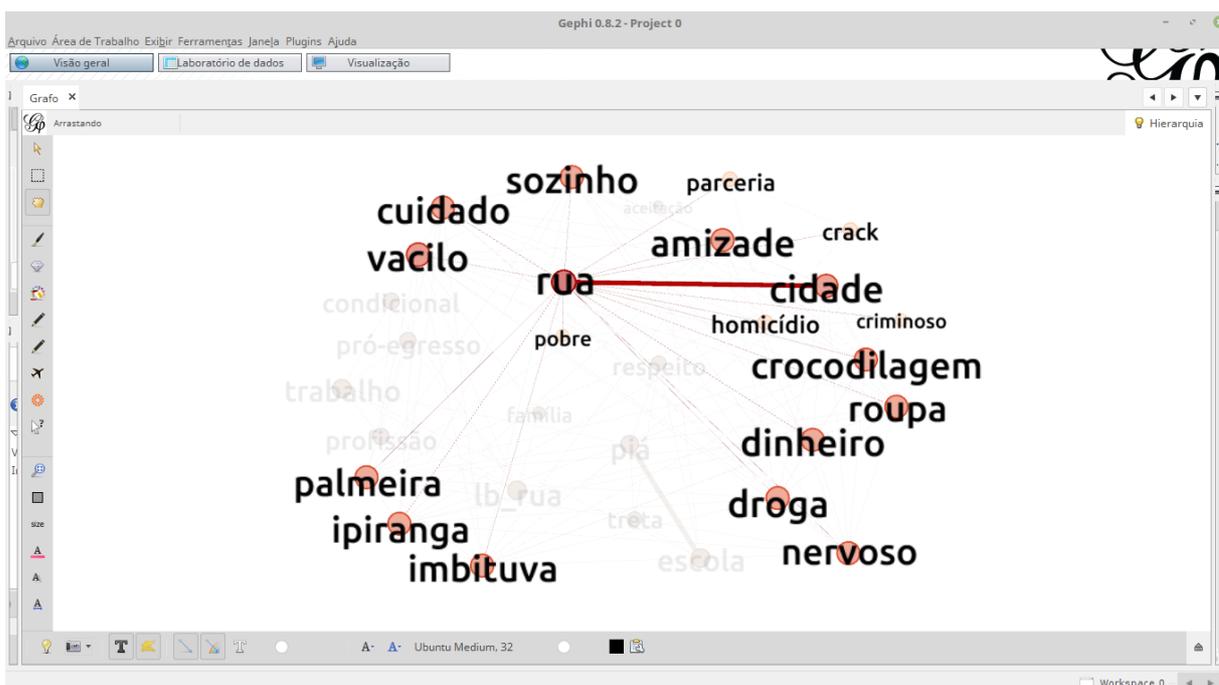
Da perspectiva desses entrevistados, se justifica o fato da palavra 'escola' aparecer na rede assumindo forte relação com a palavra 'treta', que denota conflitos entre pessoas, bem como a palavra 'respeito', como valor adquirido na condução das interações e na performance agressiva mobilizada em contextos de conflito.

Se a 'escola' se mostra pouco representativa quanto a intensidade de experiências em dadas espacialidades, a 'rua' se constitui como importante espaço de interação que compõe a trajetória de vida jovem do grupo.

Daí eu fui, ficando mais tempo na rua, cada vez que eu fugia, ficava uma semana, duas, tinha época que eu ficava uns seis meses, ia pra fora da cidade, sabe como? Vamo supor: eu, eu me criei na rua certo. Fui criado na rua. Porque o cara, o cara que se cria na rua, o cara que nasce tipo, ah, o cara pobre, né (...) O, o, miserável, o cara que foi muito pra rua, o pai dele era um morador de rua também, e tal, e tal e tal. Ele não tem nada pra oferecer pro mundo, um criminoso, porque geralmente o criminoso, ele vem de um berço cara! (Adão, em entrevista, junho de 2014).

A espacialidade da rua apresenta como núcleo central para representações um conjunto de possibilidades de práticas e interações que contribuem à constituição de jovens em situação de vulnerabilidade à criminalidade. A palavra 'rua' na rede de palavras vinculada aos locais ou espaços de sociabilidade apresenta algumas dessas possibilidades.

Figura 16: Seleção de 'rua' na rede referente a categoria de análise 'Locais'



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

As conexões observadas na seleção da palavra 'rua' na rede, podem ser melhor interpretadas através de uma das falas:

Por causa que não tem lugar todos os dias pra você ficar. Tem que andar na rua, e na rua se a gente não se cuidar a gente vai. Os cara ai na rua tem o amigo e tem crocodilo que olhe cara. Eu já gosto de andar mais sozinho. Eu fico aqui em Ponta Grossa aqui o dia inteiro. Aí quando vai chegando a boca da noite que tem uma pá de gente que a gente não conhece, principalmente os cara da rua ali, a maioria. Então daí eu já deixo deizão, quinzão guardado no bolso direto. Porque vai escurecendo, chegando essas horas assim já vou ali perto da rodoviária ali sabe, sempre com um galo<sup>50</sup>, um colchoadão nervoso, jaquetona da hora que tá tudo guardado ali sabe. A gente na rua aqui o cara faz de tudo pra fumar uma pedra, desde a hora que o cara fuma a pedra, ele vê você com um tênis, ele quer matar a gente. Então isso daí, não tem parceria. Isso que a gente não acredita. (Pavio<sup>51</sup>, em entrevista, julho de 2014).

A trajetória de Pavio é emblemática, pois vive de canto em canto. À época do trabalho de campo, sem moradia fixa, percorria e pernoitava espaços públicos, casas de acolhida em diferentes cidades, mas sobretudo, tinha a rua como seu *habitat*. Que, de acordo com sua fala, é o espaço da rua aquele pelo qual pode estar situado em *link* direto com amigos, mas ao mesmo tempo, com o uso de drogas e com 'crocodilos' que podem matar. O termo 'crocodilagem'<sup>52</sup> está associado à ações maldosas, como é o caso de homicídio doloso resultante de assalto e motivado pela dependência química, descrito pelo entrevistado enquanto um dos cenários possíveis nessa espacialidade. Sua postura antissocial (a palavra sozinho foi usada junto a 'preferência'), aliada ao fato de não possuir moradia e, ao cuidado que toma em relação aos perigos que a rua pode apresentar, aponta para adoção de estratégias como a de migração pendular. Daí a ênfase sobre práticas envolvendo espaços de referência entre cidades, demonstrada pelos 'nós' da rede:

(...) daí pego um ônibus pra Ipiranga, Imbituva, Palmeira e vou pra outra cidade. Chego lá na rodoviária e pego o ultimo ônibus, vou lá e poso lá naquela cidade, daí lá, eu acho um lugarzinho lá e estendo meu pano ali pra dormir e sei que ali ninguém me conhece, durmo sossegado. Vou acordar no outro dia cedo na hora do cantar dos passarinho. Levanto, já dou mais uma mangueada por ali, arrumo um dinheiro e volto de novo. Fico aqui o dia inteiro, aqui pra Ponta Grossa atentando, daí, de tarde pego o ônibus e vou de novo. Então é sempre assim, só que chega uma hora que cansa. Ontem

50 A palavra 'galo' significa qualquer quantidade de droga cujo valor é cinquenta reais.

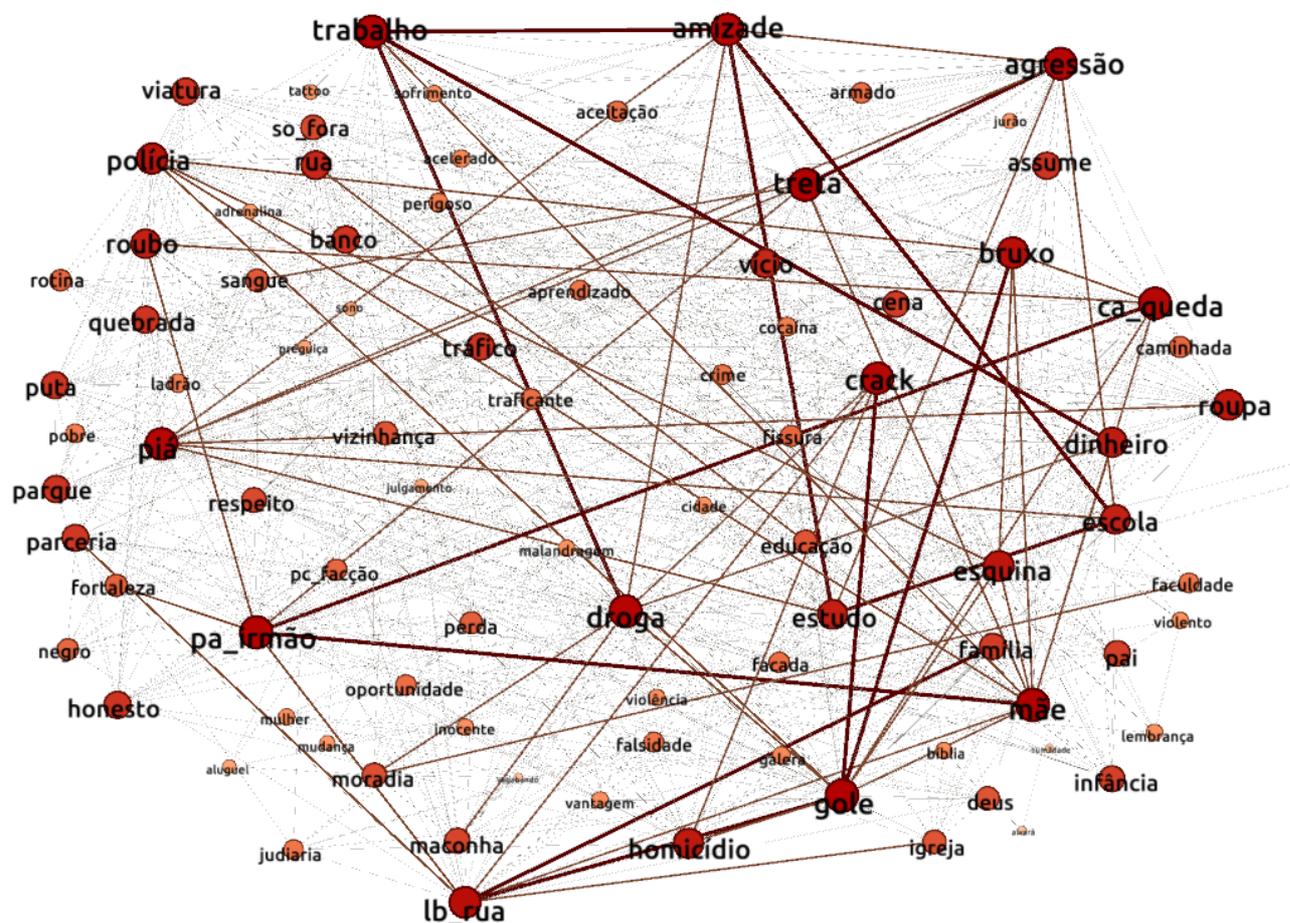
51 Optei por nominar os entrevistados a partir de pseudônimos.

52 Palavra análoga a expressões como 'passar a perna', 'realizar mal feito' à outro. Sinônimo de patifaria, sujeira, falcatura;

mesmo eu cheguei de Palmeira moído cara. (Pavio, em entrevista, julho de 2014).

A rua, conforme entendida através da análise sobre as entrevistas, indica um conjunto complexo de interações sociais e vivências espaciais que a vinculam ao que denominei enquanto 'território da vida louca' (ROSSI, 2011; 2014). Esse aspecto é observado em discursos como: "Na rua era só aceleração, e muita loucura e perda de tempo né!"(Kunk); "Cê tá ligado que eu vivia na função na rua, tava na correria de nóia tudo dia" (Anísio) e; "Só que ainda tomo meus gole, fico na cena com a malucada, na esquina, fumando um e... curtindo né, nunca de cara, tá ligado? Fumar um bequinho (maconha) era certeza né, pra ficar de boa"(Dedinho). Tais evidências trazidas pela análise de conteúdo permitem a inferência de que a rua se constitui como espacialidade fundamental da trajetória de envolvimento dos investigados com o uso de drogas e a criminalidade. Uma espacialidade cujas interações, performances violentas e/ou transgressoras e um sistema de valores específico, também configuram-se como referências importantes na construção de suas masculinidades. A rua enquanto espacialidade, palco de interações e conflitos entre pessoas e grupos, de performances e atos dos mais variados (incluindo os atos ilícitos) molda-se de acordo com o modo pelo qual os sujeitos a experienciam. Simultaneamente, os sujeitos (re)moldam suas performances, identidades e atos, adicionando à elas alguns elementos do que foi experimentado ao longo de sua trajetória pela rua. Essa afirmação sobre a complexidade que envolve as interações pela rua pode ser melhor compreendida quando se observa e se reflete acerca da rede de palavras vinculada a categoria 'sociabilidades'.

Figura 17: Rede de Palavras – Categoria de análise ‘Sociabilidades’

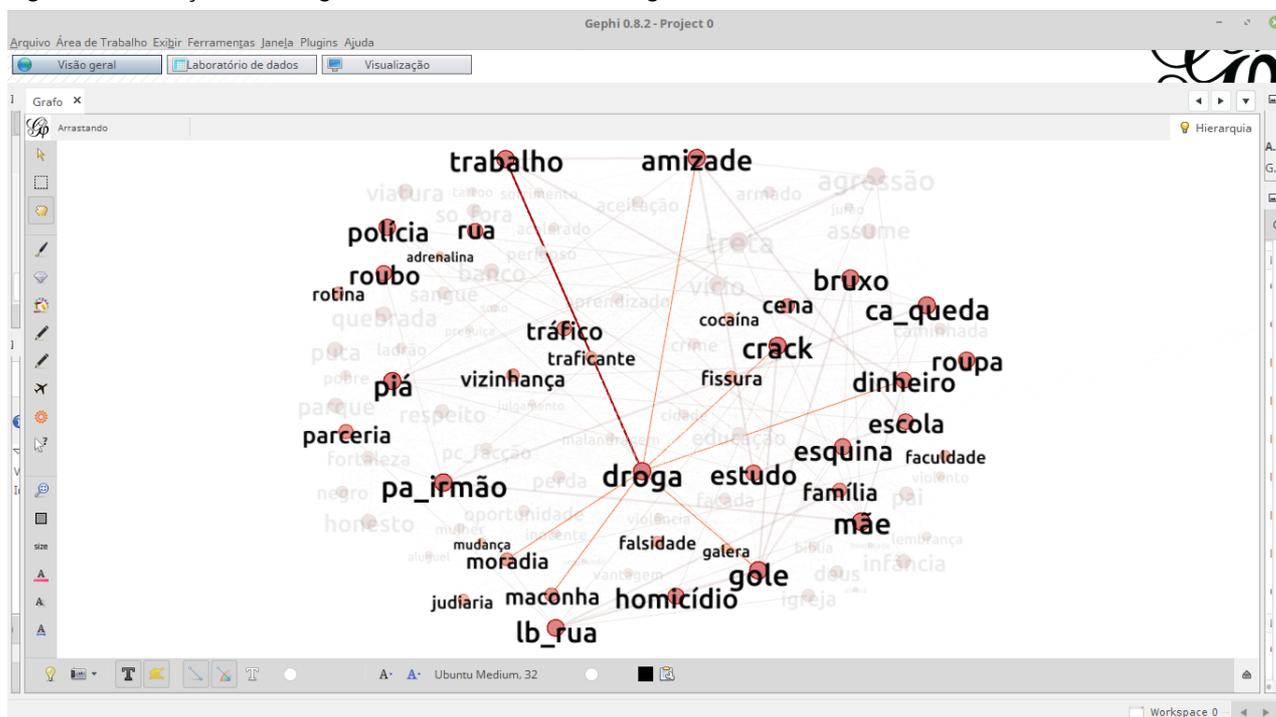


Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o *Gephi*.

Dentre as palavras representadas pelos ‘nós’ mais significativos da rede estão: ‘gole’ (bebida alcoólica), ‘treta’, ‘droga’, ‘amizade’, ‘piá’, ‘agressão’, ‘polícia’, ‘roubo’ e ‘homicídio’. Todas elas indicam tipos de relações de sociabilidade que compõem diversas espacialidades, a rua aí incluída, e vinculadas as experiências com drogas, outros atos ilícitos e até mesmo ao homicídio no contexto da juventude. Através da seleção da palavra ‘rua’ enquanto um dos ‘nós’ da rede correspondente a categoria de análise ‘sociabilidades’, tais experiências tornam-se ainda mais evidentes.



Figura 19: Seleção de 'droga' na rede referente a categoria de análise 'sociabilidades'



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o *Gephi*.

A fala de um entrevistado dá dimensão mais contextualizada da relação entre uso de drogas e as relações de sociabilidade:

Às vezes rolava de cheirar também, mas aí com os amigo do meu mano, quando saía pra ir no som ou quando os cara baixavam lá na minha (casa), daí tudo nós caía na bruxaria<sup>53</sup>, só que ficava mais no pó (cocaína), raio atrás de raio, tomando gole e pegando mais, pegando mais e pegando mais e pegando mais, tá ligado? (Dedinho, em entrevista, agosto de 2013).

Não se pretende aqui legitimar o ponto de vista social dominante que sugere uma naturalizada linearidade envolvendo o uso de drogas e o desenvolvimento de atos ilícitos como tráfico, furto, entre outros. Todavia, esse caminho possível de ser trilhado por um grande contingente da população jovem e pobre se faz presente no discurso dos entrevistados e por isso se revela de maneira expressiva na rede de palavras sobre seus espaços de referência e sociabilidades.

Antes disso eu fazia faculdade, fazia alguns trabalhos como autônomo, na época eu acho que eu tava desempregado e foi uma época de mudança, a gente mudou de casa e eu fui morar com três amigos de faculdade. Um da minha faculdade e um amigo que era um ex-colega de trabalho, né? E ... acho que... é... do estilo de vida que a gente levava acabou que eu... um rapaz que morava com a gente ele comprou uma certa quantidade de

<sup>53</sup> Pode se referir ao estado psicológico e físico-químico alterado pelo uso do crack ou cocaína e ao contexto eventual de intenso uso de uma ou ambas substâncias.

droga. Igual eu te falei, a gente tava numa realidade aqui que era totalmente, é (...) ilusão você querer brincar de fazer o crime. (Bob, em entrevista, setembro de 2014).

E tinha esse meu vizinho, tá ligado? O cara amigo meu, sabe, gente boa, de conhecer assim, tipo, desde sempre. E ele passava<sup>54</sup> bagulho (droga), tá ligado? E eu via que eu trampava<sup>55</sup> um monte e mau tinha grana assim pra, pra... sei lá, tipo, pra comprar as coisa, tá ligado? E eu trampava e tava estudando, e o cara ali, subindo, só subindo, se erguendo mesmo piá, tipo patrão (traficante) já e tudo, cheio dos pano (roupas) e carro bom e moto muito massa, tá ligado? Pois o cara é daqui ó, agora não tá porque tá guardado<sup>56</sup>, mas morava aqui, nessa casa dos fundo aqui ó, nesse terreno do lado (aponta para uma casa). Eu vivia ali, tá ligado? E depois, assim, eu vi que ele não passava só verde (maconha), começou a passar um monte de bagulho, pó, pedra, que tava se levantando forte mesmo. (Anísio, em entrevista, abril de 2014).

Nas duas falas acima há um elemento que articula as relações de sociabilidade à adesão ao tráfico de drogas. Trata-se do ‘dinheiro’. No relato de Bob, o contexto de desemprego e necessidade de morar junto de um grupo de amigos trazem à cena da análise a condição socioeconômica dos entrevistados e a atuação no tráfico de drogas como maneira de obtenção de renda, facilitada pelas práticas compartilhadas no seu grupo. Por outro lado, a fala de Anísio evidencia o envolvimento com o tráfico de drogas como forma mais próxima para ascender no padrão de consumo. De todo modo, os relatos de ambos sugerem que não há uma relação direta entre relações de sociabilidade e adesão ao tráfico de drogas, senão a observação de que também há vantagens financeiras muito bem demarcadas.

As drogas, conforme também demonstra o discurso de alguns dos entrevistados, podem ter vínculo com outros tipos de atos ilícitos.

Tem um camarada aqui da nossa quebrada que fala que se ficar só no adianto<sup>57</sup>, você vai pegando gosto, curte usar o bagulho mais pela adrenalina do adianto, tá ligado? Fui caindo nessa vida de passar<sup>58</sup> a galera ali pra cima, os carro e o que fosse, igual já fazia, mas bem antes, tá ligado? Eu flagrei que já não tinha mais o que eu fizesse... (Anísio, em entrevista, abril de 2014).

54 ‘Passava’ tem o sentido de ‘vendia’.

55 Muitos dos entrevistados utilizam a palavra ‘trampo’ para referirem-se à ‘trabalho’ ou qualquer atividade remunerada lícita.

56 ‘Guardado’ é termo utilizado para ‘detento’ ou ao período em que a pessoa se encontra sob privação da liberdade.

57 A palavra ‘adianto’ pode ser compreendida como maneira utilizada para adquirir ganho financeiro, de algum bem ou de se obter vantagem a partir de algum feito. É frequentemente utilizado como sinônimo de ‘roubar’, quando se tem este, o intuito de ‘levantar’ algum dinheiro.

58 A palavra ‘passar’ pode também referir-se a roubar (‘passar alguém’ ou algo),- como é o caso da citação que dá origem a esta nota - ou ainda, pode ser sinônimo de matar (‘passar o cara’), ou ainda, ‘traficar’ (‘ele passava droga’).

A circularidade envolvendo o uso de substâncias tóxicas como o crack, a relação com narcotraficantes e práticas de roubo, fora analisada em Rossi (2010) e Rocha (2014), e também está presente na composição da demografia da população carcerária, cuja parcela significativa é representada por dependentes químicos reincidentes em furtos e roubos. Tal circularidade e articulação de práticas, todavia, também é demonstrada na composição da trajetória de vida do grupo até a prisão e depois dela.

Outro crime evidenciado na rede de palavras e que trata das relações de sociabilidade é o homicídio e/ou sua tentativa.

E aí assim, fui me marginalizando né. E daí, lógico, às vez pegava um que, a gente levava e na época, por mais que tivesse em casa ainda. Isso foi até que eu comecei andar armado e tudo que, tinha aqueles tipo de amizade né, que era muita briga e andava armado. Daí pra evitar da briga começar, já dava facada né. Ia brigar e já dava facada e daí já correu a fama de, de, de 'o cara que andava armado'. (Adão, em entrevista, junho de 2014).

Tava trabalhando lá esses dias e peguei meu pagamento tomei tudo sabe. Daí já dei umas facada nuns cara lá pro lado da minha quebrada, pro lado da Nova Rússia. Daí tá fedendo o 'bagueio', aqui mesmo na rua os da lei pegam. Então pra mim tá complicado. (...) Eu matei o cara lá pro lado do Borato, lá praquelas banda, só que foi num lugar bem escondido, de noite, daí ninguém viu né? Sorte também que eu tava em uma comunidade terapêutica lá em Castro, tava lá. Daí quando eu vi a policia chegou, 3 meses a policia chegou. Aí fiquei 7 meses no Santa Maria e provei que não era eu e não tinha testemunha. Daí era eu e o juiz, né cara, e o morto né, e o morto não fala. Já era. Daí deu mais 3 meses e o juiz mandou soltar. Daí assinei 2 alvará, assinei pelo latrocínio e homicídio. (Pavio, em entrevista, julho de 2014).

A fala de Adão ressalta as amizades e o modo como foi se marginalizando ao ponto de andar sob porte de arma e a desferir golpes com ela para resolver eventuais conflitos. Já a de Pavio revela outro problema vinculado a trajetória de vida dos investigados e que incide sobre um dos contextos que o levou à privação de liberdade.

Como foi observado até então, a partir das redes de palavras e das categorias de análise do conteúdo de suas entrevistas e falas, a trajetória dos investigados pode ser interpretada através da relação entre elementos como: a significativa vivência pela rua, relações de sociabilidade mediadas pelo uso de álcool e outras drogas e envolvimento com outros atos ilícitos, dentre eles, o tráfico, roubo e homicídio. Estes atos, eventualmente, possibilitaram contatos com o aparato policial, flagrantes e a própria 'queda' na prisão.



Devido sua relevância à compreensão dos aspectos ligados as trajetórias de vida das pessoas investigadas, a palavra 'queda' tornou-se uma das categorias de análise da presente investigação e, assim, serviu de base para a construção de mais uma rede de palavras.

A categoria 'queda', se vista como palavra, têm suas principais conexões estabelecidas com os 'nós' definidos pelas palavras 'droga', 'roubo', 'quebrada', e 'polícia'. O primeiro e segundo 'nós' mais importantes ligados a 'queda', remetem aos tipos de crime (furto/roubo e tráfico), que juntos, representam quase mais da metade dos atos ilícitos cometidos no país<sup>59</sup>.

Um dos entrevistados fala sobre sua primeira queda por ocasião de um furto:

Caí lá na praça Getúlio Vargas. Eles me pegaram por causa de uma bicicleta né. Tinha roubado uma bicicleta né, e os cara passaram assim, disseram: 'Ô piá, pare aí'; e eu disse: 'Que pare o que, venham me pegar então'. E os cara vieram. Aí eu entrei por um caminho, saí por outro e foi vindo a viatura assim, sabe? Os cara bem louco atrás de mim e eu, era tipo adolescente ainda, me divertindo né. Aí eu fui e me escondi e fiquei ali. Deu duas horas daí, e pensei: 'nossa, agora já era, vou sair daqui'. Fui saindo de quietinho e daí que os cara me pegaram. E tavam reclamando ainda: 'É por isso aqui que nós tamo perdendo tempo'. Pois os hóme tinham que ir atrás dos grandão né, de bandido! Daí, assim fui indo, sabe? (Adão, em entrevista, junho de 2014).

Ao reconstruir o contexto de sua primeira 'queda', Adão chama atenção ao fato de ter ocorrido quando era quase um adolescente e ter sido marcada pela corajosa tentativa de fuga após roubar um objeto entendido como banal diante de crimes mais ousados e grandiosos contra o patrimônio. Entretanto, revela ao final de sua fala que o primeiro furto que resultou em apreensão indicava o caminho que percorreria doravante.

Outros trechos de entrevistas revelam não somente o furto como ato típico à 'queda' de alguns sujeitos investigados, mas a relação com outros tipos e especificidades de atos ilícitos, sobretudo, com o uso de drogas.

Pense bem piá, você tá na nóia<sup>60</sup>, não tá rasgando nada pra tua vida mesmo, fica só na correria e daí uma coisa puxa outra! Se você ficar dois dia aqui sem sair dessa, já aparece altas parada pra jogo<sup>61</sup>, uma peita

---

59 Fonte: Infopen, dez/2014; Senasp; Secretarias de Segurança Pública; IBGE, 2014.

60 Dependente químico.

61 Assim como jogada e rolo, a palavra jogo, nesse contexto, se refere a troca.

(camiseta), um radinho, um cano<sup>62</sup>, moto, o que for, os cara vendem e tudo só pra ficar bruxo. (Dedinho, Observação Participante, agosto de 2013).

Foi nessa que eu já cai de novo na rua, parei de ir no EJA e fiquei só na correria de novo. Tava na ativa, só no corre e no cachorro-lôco<sup>63</sup> na piaçada que marcava com os radinho' (celular) na frente da escola. Trocava os radinho na quebrada e ficava na nóia, só na drape (pedra, *crack*), tá ligado? Era roupa de varal, ferro ou o que ficava marcando no terreno das casa, sabe? Por Deus piá, a tal da pedra é a coisa mais baixo de ponte que tem! (Anísio, em entrevista, junho de 2013).

A falas acima revelam, a partir da conexão entre as práticas de furto ou roubo e o uso de drogas, um complexo contexto em que a 'queda' emerge no discurso dos entrevistados. Isso ocorre devido ao próprio contexto da 'queda' ser reconstruído a partir memória acerca de um emaranhado de relações envolvidas num ou mais de um episódio. Sendo que a reincidência em atos muito próximos àquele pelo qual foi detido e aprisionado influencia para que um único contexto de 'queda' se dilua na reconstrução da memória sobre uma série de atos cometidos e marcantes num dado tempo.

Para compreender esse tipo de nuance presente na estruturação do discurso pode-se observar a primeira abordagem de um entrevistado sobre um dado contexto no qual foi levado à prisão:

Passei o rodo no 157<sup>64</sup>? Uma hora a gente cai né! Foi de fazer no mercado que eu trampei e dali que os hóme chegaram ne mim, tá ligado. Levei reduzida porque só me pegaram no porte do cano, os 157 eles só podem dizer que fui eu da boca e, aí, tá correndo ainda, fiquei na provisória por causa disso, tá ligado? (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

No decorrer de minha relação com este entrevistado durante o trabalho de campo, quando não estavam dispostos os atributos formais de uma entrevista, mas com a permissão de registrar toda a conversa, foi possível extrair um novo relato sobre o mesmo episódio e que trouxe novos elementos à análise:

Acho que caí mesmo por causa dessa fita com droga, tá ligado? Tava muito acelerado<sup>65</sup>, só que desse jeito no trampo, ninguém vinga né. Os cara chutaram minha cabeça rapidinho, porque também sou muito 'boca dura' com os cara e tinha um loque do açogue que eu tretei. Ele me tirava muito pra mano e maloqueiro, direto, enchia muito o saco, era demais mano! Ficava apavorando as tattoo que eu tenho e me tirando pra comedia, tá

62 A palavra 'cano' e 'aço' são comumente utilizadas para se referir a arma de fogo.

63 Tipo de roubo que consiste em correr em direção de uma vítima e tirar dela um bem, tal como bolsas, colares, carteiras, etc. É comum em frente à agências bancárias.

64 Roubo.

65 Contexto de uso constante de cocaína.

ligado? Até que eu soquei o boca de burro numa dessa mano! Mas veja só, o cara ficou me apavorando uma cara, trampei ali uns sete mês e sempre o 'farofa' ficava me tirando até que eu não aguentei mano! Só que o cara, mesmo babaca, ainda tá lá e eu que botei ele no lugar dele, na bicuda (...) Então mano! Era disso que ia te falar, apareceu um cano um dia aí. Bem perto do dia que eu tinha cruzado o cara do mercado. Se acredita que ele veio me tirar e ainda me deu uns chute? Tava numa 'bad' naquele dia, numa 'bad' mesmo piá, tinha passado a 'noite a fio'<sup>66</sup>, tá ligado? E o cara com dois mano dele. Eu tava seco, só osso, tipo doente terminal, me 'coxaram na pancada' e 'deixei baixo' na hora, também nem tinha como eu fazer frente. Fiz uma correria e dei uns bagulho que eu tinha passado pra pegar o cano. Era um oitão meio enferrujado, tá ligado? Só que tava pipocando, usei uma vez só. (...) Também cada bala, os mano aqui pega por um galo (cinquenta reais) cada, tá ligado? E usava assim mesmo, sem bala mesmo. No começo tava na mente de qualquer dia cruzar o cuzão do mercado aqui na vila e dar um espertão só pra fazer ele mijar nas calça. Não tem coisa melhor que apavorar os outros com um cano na mão. É aí que o vacilão sente a pressão de verdade! Eu e o Zóinho aqui, fomo na cola de mercearia, bar e passava tudo aqui pra cima, às vez até saía com um gole na mão, só que fazia longe e só na noite, tá ligado? Passamo até o busão ali no ponto final da vila X, tá ligado? Naquela cena que rolou uma coronhada no vizinho do ponto, que marcou nós e ligou pros hóme. Nunca fui bandido piá, isso eu te digo, nunca fui, porque o que nós fizemo foi coisa de amator, coisa de noiado, flagra? Se fosse pra fazer a coisa certa aí seria diferente. Rolava essa cena porque tava na aceleração mesmo, tá ligado? Agora eu flagro um monte de cara que sabe que não rola de passar os outros que tão na mesma merda que você. Qual é a vantagem de passar os cara que tão fudido igual você? Quem que perde com isso é só você mesmo, não leva nada, só serve pra cair! Essa é uma das coisa que eu aprendi lá no Cadeião, lá na faculdade (risos). De não passar ninguém que é trabalhador e que corre na mesma quebrada, porque hora ou outra você é que se fode, tem que ir pra cima de quem tem! (Dedinho, Observação Participante, agosto de 2013).

O modo como vários acontecimentos se condensam num só processo, fragmentado e articulado por múltiplas práticas e interações recorrentes na narrativa do grupo pesquisado, me levaram à refletir sobre a complexidade e o aspecto plurilocal e multidimensional dos acontecimentos que representam a 'queda' do homem jovem na prisão.

Badiou (1996) apresenta uma interessante topologia para a reflexão filosófica sobre o político, na qual aponta um par conceitual que envolve o 'ser' e o 'acontecimento'. Nessa topologia a existência do sujeito também pode ser pensada como interdependente de uma ocorrência, contingência, acontecimento imprevisível ou de uma irrupção intempestiva que represente negação de dada situação. Badiou (1996) entende que o acontecimento faz emergir um procedimento de verdade,

---

<sup>66</sup> A expressão 'passar a noite a fio', ou, 'passar dias a fio', para alguns dos entrevistados, significa passar a noite ou dias sem dormir devido uso repetido de substâncias tóxicas como a cocaína e o crack.

palavra que pode ser tomada de modo deslocado das controvérsias que invoca, mas com o sentido de ruptura ou portadora de uma novidade radical. Esse pensamento badiouano de proclamação da existência de verdades provocou algumas apreciações críticas que o denomina de anti-relativista e universalista e fundou longos debates acerca não só da ideia de verdade, mas sobre as noções de multiplicidade e singularidade que, demasiado complexas, excedem o objetivo desta seção.

Os pressupostos de Alain Badiou, no entanto, tem se difundido com mais vigor na produção geográfica anglo-saxônica, tendo como principais textos, os de Dewsbury (2007), Constantinou (2009) e Mould (2009) e, como principais eixos de discussão, a noção de 'acontecimento' e sua relação com a espacialidade.

Conforme analisa Constantinou (2009), a topologia apresentada por Badiou implica empreender metódicamente uma reflexão sobre as conseqüências de eventos ou acontecimentos que compõem o tempo presente, cujos fragmentos e conseqüências, além de marcar uma mudança radical ou um 'recomeçar de novo', são a medida da intensidade em que acontecimento e espaço se entremeiam para revelar formas de transgressão das leis do mundo.

É nesse mesmo sentido que Dewsbury (2007) refere-se a contribuição de Badiou e sobre a espacialidade do acontecimento como fundamental para repensar a política para além das normativas estruturais, mas no bojo de práticas e interações transformadoras de uma dada espacialidade e do modo pelo qual é concebida e vivida politicamente.

Mould (2009) utiliza a noção de 'acontecimento' para a compreensão de práticas ligadas ao *Parkour*<sup>67</sup> como transgressoras da ordem do 'estar pela cidade' e cuja fidelidade de seus praticantes subverte os usos convencionais do espaço urbano e embaraça a distinção entre público e privado.

Do mesmo modo, é o potencial da noção de 'acontecimento' para a compreensão do fenômeno da 'queda' que a torna relevante ao presente trabalho. Assim, a 'queda' pode ser interpretada como forma de irrupção intempestiva da detenção de um ser que é constituído numa multiplicidade de acontecimentos

---

67 O *Parkour* é um método de treinamento ou modalidade de esporte radical que consiste em ultrapassar rápida e eficientemente os obstáculos urbanos usando apenas as capacidades e habilidades do corpo.

conectados, não somente através de várias escalas de apreensão das interações grupais, mas pela repetição de atos ilícitos e, conseqüentemente de episódios de detenção. De acordo com Badiou (1996), não há 'acontecimento' sem multiplicidade, inconsistência e, contraditoriamente, sem a fidelidade dos sujeitos que o instituem. A fidelidade neste caso tem a ver com a adesão a uma perspectiva de acontecimento que transgride às normas instituídas e instituintes do Estado (de direito) e, por isso, acontecimentos como a 'queda' tem como característica a negação do estado das coisas do sistema de pena criminal e, simultaneamente, marcam a interrupção de dadas práticas ilícitas pelos espaços em que eventualmente ocorriam.

As práticas e interações próprias das trajetórias dos sujeitos investigados demonstraram-se cruciais à prisão, ao mesmo tempo, revelam conseqüências imprevisíveis à vida dos mesmos pelo espaço carcerário. Além disso, suas trajetórias também evidenciam a fidelidade com a qual envolveram-se em acontecimentos passíveis de detenção.

No que diz respeito a fidelidade de práticas ilícitas que levam a 'queda' do grupo estudado na prisão, a reiteração de práticas como o uso e o tráfico de drogas podem se revelar a partir da combinação ou triangulação de desejos de consumo de drogas, de outros bens e do desejo pelo lucro obtido através do tráfico:

Um da minha faculdade e um amigo que era um ex-colega de trabalho, né? E (...) acho que (...) é (...) do estilo de vida que a gente levava acabou que eu (...) um rapaz que morava com a gente ele comprou uma certa quantidade de droga e (...) Hum (...) Uma semana depois ele (..) ocorreu o fato que foi vendida uma droga pra uma menina e ela que foi e levou os policiais lá em casa e levaram todo mundo que tava na casa naquele dia né. (Bob, entrevista, agosto de 2014).

Mano, cara eu vou falar nós caímos por que não caí sozinho, caí com mais duas pessoa. E nós caímos por causa da investigação da Denarc. A Denarc pegou e começou a investigar, pegou meu compadre nas escuta, meu compadre e minha comadre e daí, daí meu compadre caiu e eu fiquei na rua e quis dar um apoio pra ele. Só que quando levaram ele, não levaram minha comadre, levaram só ele e ela quis continuar na vida lôca da rua. Só que ela tava usando e tavam só ganhando ela, o próprio movimento<sup>68</sup> dela. E daí ela foi buscar lá em casa, uma sintonia lá e quarenta minutos depois que ela saiu da porta de casa, os gambé<sup>69</sup> chegaram né. Chegaram e foi sem massagem! Totalmente sem massagem, e daí já era o corre! Não teve muito

---

68 'Movimento', no contexto da frase, indica tráfico de drogas.

69 'Gambé' é um dos termos utilizados para denominar policial, assim como 'hóme', 'naira', 'rato', etc.

o que fazer! Doze P2<sup>70</sup>, doze P2 mano! Nossa, nossa casa mano, os cara destruíram lá em casa! E não foi nem a Denarc que pegou nós, daí o que que aconteceu? Eu fui, eu fui preso, tipo pela P2, mas foi uma organização da Denarc, tá ligado, só que foi a P2 que me prendeu mano! Mas quem organizou a operação tudo foi a Denarc. Não estranhei nada disso, nada, porque eu já tinha tirado<sup>71</sup> né. Já tinha sido preso antes, tinha ficado na triagem e tudo, única coisa é que foi foda é que os cara me colocaram muita sacola na cabeça, tá ligado? Os gambé mano, muita sacola, desmaiei umas três vezes mano, tá ligado? Pra falar de quem que era a droga mano. E, daí eu sentia gosto de sangue, nos cinco primeiro dia que eu ia me alimentar mano, eu só engolia sangue assim mano, só sangue. Sentia assim aquela pelota de sangue assim, sabe? Quando você engole assim, só uns coagulação! (...) E ali, na minha frente mano e eu carregado de cadeia mano! Tinha um tráfico, que eu já tinha um tráfico pra descer a condena, que era um tráfico de meio quilo, de balança e de dinheiro. Eu já tinha uma condena pra descer e eu caí mais uma, tipo eu ia pegar quinze ano pra pagar três kipe pra progredir, ou seja, ia ficar uns nove ano fechado, até progredir prum semi-aberto. (Maconha, em entrevista, setembro de 2014).

As duas falas representam o mesmo acontecimento. Na primeira, a relação entre as pessoas envolvidas revela a multiplicidade e a fidelidade dos envolvidos com o uso e o tráfico de drogas realizado a partir de uma casa, sem as quais não haveria investigação, tampouco o próprio acontecimento da 'queda'. A fidelidade pode ser interpretada também a partir do momento em que o entrevistado, mesmo torturado, não adotou a delação como forma de minorar a tortura sofrida.

A 'queda' como acontecimento pode ser representada, portanto, como algo mais ou menos comum dependendo da intensidade com que determinados atos ilícitos foram reiterados no decorrer da trajetória de vida dos investigados. Ao mesmo tempo tal acontecimento é representado como envolvido por uma trama de interações sociais e ao desejo de consumo ou de obtenção de melhor renda.

E depois, assim, eu vi que ele não passava só verde (maconha), começou a passar um monte de bagulho, pó, pedra, que tava se levantando forte mesmo. Até que esse meu *brother* caiu, e eu também tava sem trampo. Os cara que já me conheciam me passaram o bagulho e fiquei fazendo a frente aqui na quebrada. E caí por isso, depois de três meses, tá ligado? Dessa foi a primeira vez que eu caí. (Gorpo, em observação participante, outubro de 2013).

É o dinheiro cara, eu sei que tem gente que é sem vergonha ou já tem uma coisa ruim com ela mesmo, tipo os cara que matam no sangue frio, tá ligado? Mas se abrirem a porta da cadeia e for saindo assim tudo os cara,

70 Policiais que integram a Seção de Inteligência da Polícia Militar.

71 O termo 'tirado', que é o 'particípio passado' do verbo 'tirar', é usado por muitos presos para se referir a um contexto em que esteve sob privação de liberdade. Exemplos: "Eu já tinha tirado", "da primeira vez que eu tirei", sendo que tais expressões são análogas em sentido a expressões como "da vez que eu puxei aquela cana", "puxou quantos anos?". Nesse sentido, de acordo com a linguagem do grupo, 'tirar' e 'puxar' são sinônimos.

mais da metade, isso certeza, acho que é até mais da metade, a maioria dos cara, tá ligado? Ou é por doze (tráfico), 157 (roubo), 155 (furto qualificado). Tudo neguinho que tá vendendo bagulho, ou tá roubando, assaltando. E os cara fazem isso porque? Vai ter um no meio de um monte que fez por que passou fome, porque a maioria é porque tá de olho na grana, se levantar, tá ligado? Porque o cara se ele mora na quebrada já vê que o máximo da galera é ser mais um cara aí, tipo, cobrador do bonde, pedreiro, que trabalha no mercado. Dificilmente você vai ver um que estudou ou tá numa empresa top. Até tem, mas entre ser o sorteado e correr atrás de alguma coisa que já tá ali, tá ligado? Que nem pra mim, eu já tava nessa vida e só caí no doze por que eu me coloquei nele mano! Na hora que os cara vieram aí e eu assumi a banca! (Red, em entrevista, março de 2014).

O acontecimento da 'queda', tal como é evidenciado e analisado a partir das redes de palavras, das categorias de análise e do contexto das falas dos entrevistados, é múltiplo, reiterado e, algumas vezes, normalizado devido a repetição ou a conexão que mantém com as especificidades de dados espaços, sociabilidades e práticas. Contudo, este acontecimento demonstra-se também a partir de experiências traumáticas que indicam como uma das consequências da 'queda' a composição diversa da população carcerária da Cadeia Pública Hildebrando de Souza.

Eu queria tomar um gole, fomo lá tomar um gole e o cara pulou no meu pai, daí eu dei uma pedrada na cabeça do cara e partiu assim, peguei 20 anos de cadeia. Desses 20 anos dá pra puxar 13 anos e 4 meses por que eu era primário e menor de 21 anos. Cheguei lá e não conhecia nada, então eles olhavam pra gente e achavam que a gente era criminoso e bandido que nem os outros caras, mas tem diferença, tem uns que é malandro, tem uns que é jurão. (...) Porque lá com a lógica daqui é por exemplo assim, você tem a tua, o outro tem a casa dele. Daí chega um cara dentro da tua casa que você nunca viu na vida e vem mexer com tua família, vem ali "não, pá, porque eu vou pegar isso, eu vou pegar tua mulher, eu vou pegar tua filha, eu vou pegar teu filho" você vai ficar ali olhando? Você vai ter que tomar uma atitude porque é tua casa e atitude que você for tomar as vezes acaba matando o cara. E se você matar uma pessoa o que acontece? A policia vai chegar, vai te pegar, vai te fechar pra você resolver com o juiz. Você vai ficar lá nem que seja uns 2 ou 3 mês, você vai ficar fechado lá. Por causa de você tá certo, mas você vai ter que explicar e quem vai querer saber é só o juiz. Daí até você explicar que o cara entrou dentro da tua casa, e tal e tal, você vai ser absolvido, pode ir embora. Mas você vai chegar até lá. Você tirou a vida de uma pessoa e se a policia chegar na hora ali, eles vão te pegar pra levar, entendeu? Porque se você chegar na policia ali: 'não senhor, porque o cara entrou ali dentro da minha casa aqui e...', 'não, não quero saber, você matou o cara e você vai conversar lá com o juiz'. Então por isso que não é só bandido que tem lá dentro. Chegava cada senhor lá que nossa senhora cara, dava até dó. Cara pai de família, tudo aí, responsável por firma e tudo aí ,sabe? Por causa disso daí, pegou cara roubando a casa do cara, querendo invadir a casa do cara, o cara tomou atitude assim. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A diferença envolvendo os apenados, relatada por Pavio, decorre do contexto da 'queda' e dos tipos de crimes cometidos. De seu ponto de vista, nem todos os presos são 'bandidos', pois considera haver uma distinção entre estes e aqueles que 'acidentalmente' foram levados à prisão. O adjetivo 'jurão', é utilizado pelos entrevistados para designar o detento que não contempla o perfil hegemônico calcado pela figura do ladrão, sequestrador, do traficante ou do assassino à sangue frio. 'Jurão' remete ao sujeito ingênuo e que comete erros devido seu desconhecimento sobre as práticas e performances comuns aos 'bandidos'. Para Pavio, o homicídio decorrente do conflito o qual se envolveu, foi acidental e fez do seu autor um sujeito distinto em relação aos seus outros no espaço carcerário. Da mesma forma, os inúmeros e diversos contextos de 'queda' e tipos de crimes cometidos implicam ao espaço carcerário que sua instituição se realiza pela existência de uma diversidade de práticas e trajetórias.

Massey (2008) sugere uma abordagem alternativa do espaço que pode ser interpretada a partir de três proposições. A primeira envolve a consideração de que o espaço é fruto de interações. A segunda, que é "esfera da possibilidade da existência da multiplicidade" (p.29) e portanto, da coexistência entre distintas trajetórias ou da "existência coetânea da pluralidade de trajetórias". E, a terceira proposição, de que o espaço é um constante fazer-se, nem fechado ou acabado, está em mutante construção.

Ao abordar a trajetória do ser detento nessa seção, o fiz, tendo em conta as proposições de Massey (2008) e, particularmente, de que a espacialidade carcerária se institui no encontro de diferentes trajetórias. Logo, de acordo com a análise conduzida a partir de uma de minhas questões específicas desenvolvidas na presente seção, é possível afirmar que as trajetórias importam à compreensão da espacialidade carcerária. Em primeiro lugar, pela sobreposição e complexidade de acontecimentos como a 'queda'. Em segundo, devido a trama complexa de relações de sociabilidade e execução de atos transgressores ao longo da trajetória de vida dos investigados se evidenciarem como fundamentais para a constituição do ser detento e da diversidade do espaço carcerário.

A análise das trajetórias de vida do grupo demonstrou que as mesmas são marcadas pelas experiências significativas na rua, em espaços e interações grupais

marcados pela vulnerabilidade à execução de atos ilícitos e aos acontecimentos que representam a 'queda' do homem jovem na prisão. Os entrevistados demonstram, que ao longo das suas trajetórias de vida constroem suas masculinidades enquanto periféricas, pois tal construção é interdependente das relações de sociabilidade que estabelecem, dos valores e significados instituídos em espacialidades e territórios urbanos experienciados. Os sujeitos que chegam na prisão, evidenciam que suas masculinidades são forjadas através de suas experiências na ilegalidade e estas incidem sobre a posição que ocuparam nas diferentes formações de poder no espaço carcerário.

O próximo capítulo tratará de analisar as consequências desse acontecimento para as práticas cotidianas, ao corpo, à reconfiguração de suas masculinidades e para as geometrias de poder e opressão na vivência carcerária.

#### **CAPÍTULO IV**

### **NOVAS INTERSECCIONALIDADES: CORPO E A NORMATIVIDADE MASCULINA DO ESPAÇO CARCERÁRIO PARADOXAL**

O presente capítulo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a constituição da normatividade masculina através de reorientação de performances e da corporalidade dos homens jovens em situação de encarceramento. Este objetivo incide sobre uma das questões que norteiam minha tese: Como a normatividade masculina se constitui no cotidiano do espaço carcerário?

No capítulo passado foi entendido que as trajetórias dos investigados são marcadas por experiências de agressividade, envolvimento em conflitos e com crimes como o uso e tráfico de drogas, furto, roubo e homicídio. Além disso, foi compreendido que 'a queda', enquanto acontecimento fundamental para a constituição do ser detento, pode gerar consequências como a reorientação das práticas dos sujeitos no decorrer da rotina carcerária e de suas posicionalidades nas relações de poder instituídas na prisão.

O que me chamava bastante atenção antes mesmo do início do trabalho de campo era o fato de que na cadeia convivem muitas pessoas numa área concebida institucionalmente como habitação para poucas. Um espaço cuja superlotação é o cartão de visita da grande distância entre situar-se dentro de uma instituição precária como o estabelecimento do presídio e o que preconiza a legislação à população encarcerada. Chocava-me o fato de que a vida material desses sujeitos, por si só, se estabelece como um verdadeiro desafio de sobrevivência, diante da precária estrutura que institui, tal como é entendido por Agamben (2014), sobre o estado de excessão, um espaço de abandono à violência e à morte que não prevê recriminações ou penalidades aos atores que fundamentam e promovem uma política de gestão penitenciária que cada vez mais caminha distante do que preconiza a legislação voltada a execução penal.

Uma das questões que orientam o processo investigativo se refere à normatividade masculina instituída na vivência pelo espaço carcerário, considerando que os detentos constituem suas próprias normas de convívio neste espaço.

O capítulo está estruturado em quatro seções. Na primeira serão analisadas as principais mudanças na rotina e performances dos sujeitos, considerando as

novas demandas que o espaço carcerário imprime ao cotidiano dos recém chegados e que estão relacionadas ao dormir, ao comer e, sobretudo, ao corpo. Estas mudanças acerca das práticas cotidianas denotam o processo de adaptação dos presos às normas de convívio que as organizam de acordo com o interesse coletivo e que servem à construção social de um modelo ideal do ser homem encarcerado.

Em seguida, na segunda seção é analisada a participação dos detentos no sistema de trocas de objetos de consumo na prisão e os principais desafios à convivência entre sujeitos com trajetórias e perfis distintos, mas capazes de instituir um partilhado desejo homosocial masculino.

A terceira seção está voltada à compreensão da vivência interseccional dos presos, considerando suas facetas identitárias, trajetórias e as posições que assumem diante de eixos de desigualdade e opressão próprios do espaço carcerário paradoxal. Por fim, a última seção do capítulo analisa a construção de masculinidades a partir da complexidade existencial cotidiana do cárcere e da atribuição de significados referenciais à condução de práticas, performances e interações efetivadas pelos detentos.

## **1. 'Entrando no Prédio': o comer, o dormir e o corpo na instituição da espacialidade carcerária**

Acabou. Nada se perde, nada se cria. Principalmente na prisão, tudo se transforma.<sup>72</sup>

O fato dos homens jovens passarem pela 'queda' e terem que lidar com uma nova espacialidade implica transformações contundentes na condução de suas vidas e performances de masculinidade. O relato a seguir evidencia que o encarceramento passa a ser uma forma de gestão da vida que negocia com as instituições formais e também informais.

Porra mano, que que eu te falo daquele buraco, irmão? Pra mim, assim ó, foi foda porque (...) Eu acho que o que me virou a cabeça mesmo pra não trabalhar e só passar os bagulho, roubar as caranga (carros) e fazer os adianto mais empenho, foi de ficar lá. Da primeira vez, eu fui por causa de doze (tráfico) né, e fiquei quatro meses e dois dia lá só. (...) Tinha tudo na mão pra fazer do jeito certo dessa vez, tá ligado? Aí, dá certo, até cair de novo. Eu caí de novo, mais dois mês guardado, saí e tô nessa de novo irmão. Ter medo de cair lá dentro? Sempre tem né. Quem que não tem?

---

72 Citação extraída do livro *400 contra 1* (p.19) de William da Silva Lima, vulgo Professor, e conhecido fundador do Comando Vermelho.

Mas não é um medo, assim, igual o de morrer, porque o cara vive lá. (Red, em entrevista, abril de 2014).

A fala de Red evidencia dois dentre os mais diversos tipos de consequências que a entrada ao espaço carcerário possibilita. A primeira delas, o aprendizado como crucial à postura que adotou depois das experiências no cárcere e que demonstra uma dimensão pedagógica da prisão, na medida em que influi sobre a reiteração e refinamento de práticas ilícitas. A segunda consequência importante refere-se a adaptação, quando o entrevistado afirma que o medo de ir à prisão não é o mesmo que o medo da morte, porque na prisão se vive.

É justamente o modo pelo qual se vive na prisão que essa seção irá analisar considerando as tendências de sentido encontradas nas comunidades semânticas e o contexto no qual as palavras foram mobilizadas na narrativa dos entrevistados.

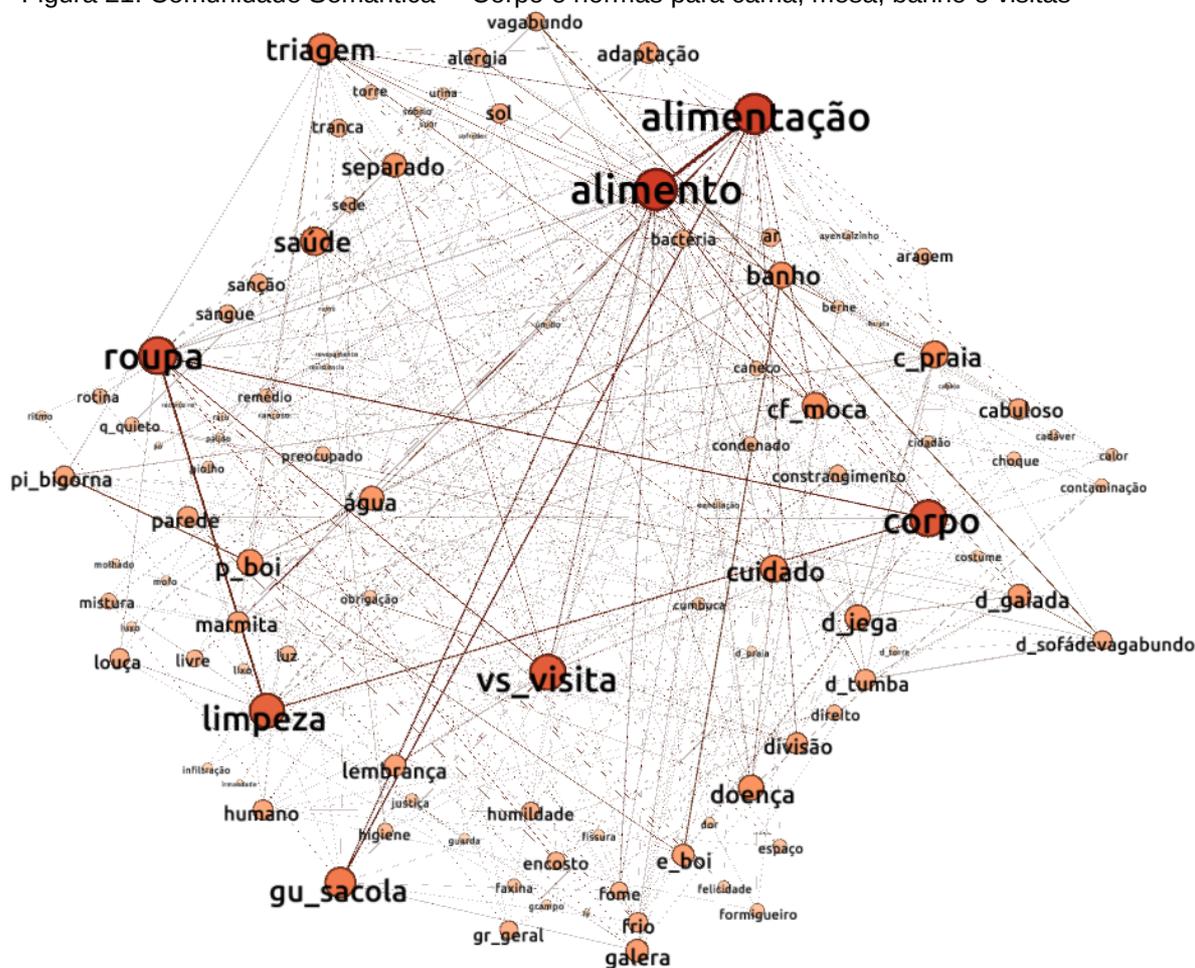
Durante as entrevistas foi comum que os entrevistados iniciassem a fala sobre o presídio relatando sobre o contexto e os elementos próprios do processo de entrada. O primeiro contato com a triagem e posteriormente com as galerias e celas por onde foram acolhidos e, ainda, as maneiras peculiares com que as práticas cotidianas mais comuns são efetivadas, respeitando ou não as regras de convivência estabelecidas e negociadas coletivamente.

Desde a chegada, tal como as redes e os relatos evidenciarão, se impõe sobre o novo detento um processo de mudança de hábitos e comportamentos que passam a ser regulados pelo coletivo que o cerca, o disciplina e o pune em caso de contrariedade. Quando se pensa a prisão como instituição simultaneamente corretiva e punitiva, tal como postula a perspectiva de Foucault (1996), se desenha, na maioria das vezes, um espaço disciplinar cujo poder (Estado) é o mais importante irradiador dos dispositivos disciplinares, de controle, vigia e sanção. Contudo, quando se observa o fenômeno da vida no cárcere a partir da perspectiva das pessoas que habitaram o presídio ponta-grossense, os dispositivos disciplinares que regulam as práticas cotidianas reconhecidos como mais significativos provém do próprio coletivo encarcerado e, portanto, são também estratégias de resistência e contrapoder. Não se trata apenas de preencherem uma lacuna deixada pela ineficiência da gestão prisional ou aproveitarem-se do grau de permeabilidade e liberdade inerentes as instituições, como sugere Goffman (1988). As normas e dispositivos disciplinares envolvem desde as práticas mais elementares de

sobrevivência, pois incidem sobre a alimentação<sup>73</sup>, sobre o cuidado com a saúde e o corpo, limpeza de objetos e espaços e, ainda, sobre as performances.

A rede de palavras abaixo, referente a uma das comunidades semânticas deste estudo, ajuda a perceber um conjunto variado de práticas e contextos que contribuem à afinar esse raciocínio.

Figura 21: Comunidade Semântica – ‘Corpo e normas para cama, mesa, banho e visitas’



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o *Gephi*.

Como mencionado anteriormente, o tema da chegada na prisão pode ser relacionado a palavra ‘triagem’ que, se observada a luz dos discursos dos sujeitos, se evidencia como uma espacialidade de vivência temporária e de inicial adaptação à vida na cadeia. No caso de Ponta Grossa a ‘triagem’ se localiza anexa à Cadeia Pública Hildebrando de Souza e Penitenciária Estadual e abriga detentos que esperam por audiência de custódia, definição de seus destinos e realização de

<sup>73</sup> As palavras alimento e alimentação presentes na rede serão objeto de análise da próxima seção.

avaliações técnicas e entrevistas de cunho social, psicológico, relacionadas a saúde ou a situação jurídica, etc..

De acordo com a leitura das unidades de texto que representam a 'triagem' como uma categoria de análise, é possível perceber, que desde a chegada dos sujeitos à prisão, importa o modo pelo qual suas práticas cotidianas são conduzidas. De acordo com os relatos, incidem dessa forma na narrativa práticas como dormir, comer e de higiene pessoal:

Na triagem cara, na triagem, logo que eu cheguei eu já fui direto pra, fui direto pra praia<sup>74</sup>, não fiquei embaixo da bigorna<sup>75</sup>, no boi<sup>76</sup> né. A triagem ela se divide pra você dormir tipo, é duas jega<sup>77</sup>, as duas de baixo, duas de cima e daí a praia e daí no final, a entrada do X<sup>78</sup> e daí tem o boi e a bigorna. Daí, tipo, eu já passei direto pra, nem fiquei ali em baixo da bigorna, fui direto pra praia ali e não foi tão embaço<sup>79</sup> (difícil). A bigorna é a pia, tá ligado? Não estranhei nada disso, nada, porque eu já tinha tirado né. Já tinha sido preso antes, tinha ficado na triagem e tudo, única coisa é que foi foda é que os cara me colocaram muita sacola na cabeça, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Daí direto comia minha marmita, e na triagem não entra nada né mano, a família não pode mandar, daí não chega nada, pelo menos nas época que eu fiquei na triagem não, não tinha café. O que é obrigação deles pagar o café, no mínimo um por dia, uma xícara de café mano! Eles não pagavam café na triagem, faltava pão mano, faltou pão, faltou marrocos (pão) pra caramba, mano, altos dias, nós ficou sem pão mano. (Cazu, entrevista, junho de 2014).

Mano, na triagem o negócio que os ladrão mais ajuda um ao outro mano, é na questão de higiene. (Red, entrevista, agosto de 2013).

O espaço carcerário está implicado na condução cotidiana da vida dos detentos, desde o contato imediato, na assunção de práticas contextualizadas à sua ocupação enquanto espaço material reduzido e marcado por carências de diversas ordens. O que se observa é uma drástica mudança em relação ao modo que se come, dorme, limpa e assim por diante. Por outro lado, a chegada na prisão, especificamente na triagem, também pode ser descrita como reencontro:

Daí chegamo lá e fomo pra triagem né mano, daí, pelo menos, logo que nós chegamo tinha altos aliado né mano! Tipo meu compadre era um mano que tava lá já. Tinha caído já fazia uns dez dia. (Kunk, setembro de 2014).

74 'Praia' é palavra usada para se referir ao 'chão'.

75 Bigorna, usada para 'pia' ou espaço destinado à 'torneira'.

76 'Boi' é o vaso sanitário.

77 'Jega' é o termo usado para cama.

78 A letra 'X' (xis) é usada para cela. Como cada cela tem um número, geralmente os presos se referem a cela como 'X2', 'X3', 'X9', etc.

79 'Embaço' ou situação 'embaçada' referem-se à situação difícil ou problemática.

Para outros entrevistados, é também a chegada na prisão e triagem, momento em que ‘cai a ficha’:

E daí, fiquei na triagem umas três semanas. E foi bem foda, os cara só me diziam, 'ó, esse aí tá no choque'<sup>80</sup>. (Anísio, entrevista, setembro de 2013).

Depois eu fiquei guardado, sete meses e nove dias. Primeiro foi na triagem! Que quando eu cheguei, não conhecia ninguém. Tava tão naquela de curtir com a grana e pagar de patrão, no gole e putaria, tá ligado? Parece que nem vi como que a coisa aconteceu... Por isso que tava no choque quando tirei um tempo ali na triagem. Por que ali, todo mundo é quem acabou de chegar, tá ligado? Você não sabe pra onde vai, a comida é foda também e não tem, não tem a mesma organização, tá ligado? (Red, entrevista, agosto de 2013).

E os cara ficam no choque, com certeza mano! Muitos caem em depressão né cara! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Foi até engraçado quando entrei porque os cara naquela pressão dizendo: 'mais pinha no casão' e 'tá no choque', 'tá fudido negão!' Ele já gritou: 'tá no choque nada, o *brother* dele é meu parsa' e tal. (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

Muitas vezes o ‘choque’ é descrito como prejudicial, pois sem controle emocional o detento tende a ficar vulnerável à cometer algum erro, envolver-se em algum conflito, como também de ser facilmente enganado, influenciado ou cooptado. Os relatos apresentam o choque como episódio de depressão derivado do estar na prisão, onde toma lugar algo assemelhado à catarse ou ab-reação, tal como sugere a psicanálise.

A ‘organização’ referida na fala de um entrevistado se refere as normas de convívio estabelecidas pelos presos, que passam a ter uma nova configuração quando eles se inserem nas galerias e celas do presídio. Esse novo momento de chegada também pôde ser descrito pelos investigados:

Sempre tem um 'capa de grade' lá. 'Capa de grade' é o cara que fica ali encostado na grade ali. 'Estralou a bocuda' (abriu a porta da galeria), é que tá vindo o carcereiro. 'Estralou a bocuda' é porta, na grade. Na hora que dá o 'táhhh' da porta abrindo os cara já falam: 'estralou a bocuda! Tá vindo alguém.' Ou é alvará, ou é mais gente, aí os cara falam: 'Mais pinha no casão'<sup>81</sup>, mais pinha no casão!' Às vez tá todo mundo pra dentro dos X assim, aí chega alguém, já vão tudo olhar no corredor assim. Setenta, oitenta peão assim, tudo olhando um entrar, imagine! A pressão cara! Setenta, oitenta peão! Daí, às vez é conhecido. Às vez é cara que fez

80 A palavra ‘choque’, bem como a expressão ‘tá em choque’, significa o estado de choque ou trauma em que se encontram muitos detentos recém-chegados.

81 A expressão ‘mais pinha no casão’ significa ‘mais gente na prisão’, onde ‘pinha’ se refere à detento e ‘casão’ ao presídio.

cagada, os cara já começam a gritar e já põem o cara naquela pressão. Os cara gritam: 'Aeh, vai pro pau, vai pro pau, vai vestir saíinha' (...) e não sei o quê. É foda pro psicológico! Tem cara aí que se caga de medo. Tem cara que é cadeeiro véio né, cara que tá cansado de cair na cadeia. Cai todo ano e já sabe como é que é, e daí já entra cumprimentando todo mundo. Agora tem cara novo aí que 'se bate'. Os cara olham assim: 'Tá em choque!' E dão risada do cara: 'Esse aí tá em choque! Meu Deus, esse tá em choque!' Foda né? Eu quando entrei lá, eu conhecia uns cara lá dentro, fiquei de boa. (Cazu, em entrevista, outubro de 2013).

A fala acima descreve um pouco da agitação e apreensão envolvidas na chegada de novo detento à prisão. Logo, a aceitação numa galeria e cela (X) é fundamental para estabelecer um lugar para dormir, estabelecer vínculos necessários à um bom convívio e melhor satisfação de necessidades materiais. Entretanto, a aceitação na cela nem sempre ocorre a contento do recém chegado, pois esta depende da trajetória do mesmo, de nuances próprias do contexto de sua detenção, de eventuais dificuldades relacionadas a superlotação ou da própria negociação da entrada.

Então se o X 1 tem dez, o X 2 tem quinze, então o que tem menos recebe o próximo, quem chega. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Eu fiquei (...) 26 dias no corredor e daí já fui trocado de galeria, eu já fui já prum lugar que tinha, que tinha um, uma cama, a gaiada<sup>82</sup> lá pra tá tirando o descanso né. Mas é bem sofrido assim, porque nos 26 dias, nesse lugar tinha infiltração, muita água no chão o dia inteiro né cara. Então quando eu cheguei, tava muito encharcado, de manhã cedo, daí molhava o colchão, encharcava e deixava secando. No outro dia, encharcava de novo, daí assim ia encharcando, daí vai virando tudo em mofo, daí já enchia de bactéria e dava gripe, renite, altos problema respiratório. Isso é um empenho lá dentro cara! Mas é, lá você luta por pequenas, pequenas melhorias assim, sabe? Então o cara tá fora ali, entra ali pra dentro do X, tem mais uma demora pro cara subir pra uma cama, mais um pouco pra você ir pra outra cama. E é por ordem de chegada, aí quanto mais velho você vai adquirindo mais benefício né cara. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A ocupação seletiva de espaços como a cela, ou daqueles que servem de dormitório em seu interior ou exterior, segue o critério da capacidade numérica e convenções estabelecidas pelo coletivo encarcerado. Para adentrar uma cela o detento geralmente é convidado por alguém que já o conhece ou simpatiza. Por outro lado, não ter lugar numa cela é, frequentemente, derivado de uma detenção na qual o detido promoveu delação com o intuito de se beneficiar ou sob tortura. Quando há delação é posteriormente punida com a inviabilização de entrada numa

---

82 Outra forma de dizer cama, ou segunda cama de um beliche.

ou outra cela e galeria do presídio ou com a destinação do detento preterido ao exílio, denominado no sistema carcerário como 'seguro'. A fala de Bob, além de descrever as dificuldades de se dormir no corredor de uma galeria e as consequências disso à saúde dos detentos, exemplifica um dos critérios para ocupação de camas no interior de uma cela como sendo o tempo de permanência nesse espaço. Para entender melhor a aceitação e configuração da cela e dos espaços destinados à servir de dormitório, a fala de Cazu é didática:

Algum cara te convida pra entrar dentro do X por que te conhece, né cara! Ou você não é nenhum vacilão, né! Dai eles te convidam pra morar ali dentro. Depois de entrar, você vai morar na praia por primeiro. Daí, na praia tem seis, sete cara morando. E você entra por último. É uma galera assim. Por que dá: três em cada gaiada, São oito caras que fica nas gaiada e oito na praia. Daí os cara que se virem lá! Sem contar a tumba<sup>83</sup>! Tem X que fica dezesseis cara: é a tumba, sofá de vagabundo<sup>84</sup>, a gaiada e a torre<sup>85</sup>! É quatro cama, só que a tumba é no chão né, embaixo da primeira cama que é o sofá de vagabundo, é um 'triliche' em cada lado. A tumba é na lage! As jega, que ficam na altura pra sentar, quando todo mundo tá acordado e não tem ninguém fazendo nada, os cara sentam ali, né! É o sofá de vagabundo. (Cazu, em entrevista, outubro de 2013).

Em relação ao 'conhecer alguém' que o convida, é significativa a relação com o acontecimento da 'queda', pois se o sujeito realiza uma delação ('caguetagem'), por exemplo, tal acontecimento imprime uma marca sobre ele, que será hostilizado e punido com a negação de sua entrada nas celas e galerias destinadas ao 'convívio'. O espaço do 'convívio' pode ser definido pelo conjunto de celas e galerias ocupadas por 'sujeitos homens', assim reconhecidos coletivamente como aqueles que não cometeram delação no contexto da 'queda', como também que construíram uma trajetória denominada como 'caminhada limpa', e sobre a qual não há indícios de vacilação, 'crocodilagem' ou 'patifaria'<sup>86</sup> e, ainda, que demonstram boa adaptação às normas de convivência.

Teve um cara que matou, daí caiu lá e tava no choque, bem louco e no começo os irmão já tentaram até ajudar o maluco, mas só dava treta, aí foi

83 Nível mais baixo da 'jega' (cama), onde seria o chão abaixo de uma cama ou beliche, mas também utilizado como dormitório pelos presos.

84 Nível ou cama de beliche (ou treliche) com altura ideal para sentar.

85 No contexto da frase, torre se refere ao nível mais elevado de cama (beliche ou treliche). Entretanto, também é o nome dado à posição mais elevada na hierarquia entre lideranças de um presídio.

86 Como já foi destacado anteriormente a 'crocodilagem' ou 'patifaria' sugerem rompimento de uma normativa ética estabelecida pelo grupo no decorrer da trajetória do detento (na rua – em liberdade - ou durante período de sua privação).

pancadão e levaram na marra, daí os cara lá pegaram ele irmão? (Anísio, entrevista, maio de 2014).

E foi bem foda, os cara só me diziam, 'ó, esse aí tá no choque'. Foi foda piá, por que pra mim, eu tava naquela de ter assumido a bronca<sup>87</sup> do meu parga, tá ligado? (Red, entrevista, agosto de 2013).

O primeiro relato expressa o desequilíbrio emocional vinculado ao 'choque' e as consequências que o mesmo pode gerar no âmbito da convivência entre os presos. Já o segundo expressa a 'queda' e a entrada na prisão como momento de apreensão do sujeito devido não saber o modo pelo qual sua 'queda' teria sido interpretada pelos detentos que já se encontravam no presídio, vide suspeição de que havia delatado.

Assim sendo, a trajetória dos homens jovens que vão à prisão e o modo pelo qual o acontecimento da 'queda' foi desdobrado, influenciam nas posições que irão ocupar no interior do presídio. A trajetória do detento e a 'queda', portanto, se configuram como importantes eixos de opressão e de posicionalidade no espaço carcerário, incidindo, nesse sentido, na formatação de sua vivência interseccional. Se os detentos seguem as normas tácitas que definem o que é uma 'caminhada limpa', em liberdade ou não prisão, estarão eles menos propensos a ocupar posição desfavorável ou de oprimidos em dada configuração das relações sociais e de poder do espaço carcerário. Não obstante, se for reconhecido que durante a trajetória dos detentos, demonstraram ações reprovadas (caso da 'caguetagem' e 'crocodilagem') pelo grupo de relação no presídio, estarão sujeitos aos métodos de avaliação e punição que este grupo institui.

O 'choque' que atinge a dimensão psicológica da detenção e da experiência carcerária, por sua vez, também se configura como um eixo de opressão, haja visto que o desequilíbrio emocional pode ser decisivo à delações ou à dificuldade para adaptar-se às normas de convívio nas celas e galerias. Do mesmo modo, a estabilidade emocional, pode contribuir para que o detento dialogue melhor com seus pares em contextos de resolução de eventuais mal entendidos e na própria adaptação à rotina carcerária. À vista disso, a vivência da interseccionalidade é influenciada pelas emoções que podem posicionar os sujeitos de forma diferenciada nas variadas escalas de interações entre os homens encarcerados e que impliquem

---

87 'Assumir a bronca' para o entrevistado se refere ao fato de ter assumido toda a autoria de dado crime, sem delatar outros envolvidos.

negociação do convívio em meio a simultaneidade de eixos de opressão e desigualdade.

As mudanças de hábitos e comportamentos ocasionadas pela experiência carcerária também envolvem o estabelecimento de horários-chave para acordar e momentos determinados para limpeza das celas, roupas e à própria higiene pessoal. Isso complexifica ainda mais o choque de realidade no qual o recém chegado está imerso.

Fiquei no choque os primeiro dia. Nunca fui de acordar cedo e lá em casa toda vida sempre foi uma porquice, tá ligado. Minha véia (mãe) lida com reciclado desde que eu era pequeno, tá ligado? Demorou até eu não dar mais mio<sup>88</sup>, pra lavar minha roupa direto, o rosto mesmo (...) Pagar uma ducha<sup>89</sup> depois do boi<sup>90</sup>! (Dedinho, entrevista, abril de 2014).

Tem que acordar na hora, tem um ritmo lá de dentro mesmo, tem que acordar cedo, tem que fazer as atividade, tem que lavar a roupa, passar não, mas lavar. Cozinhar, né cara. Várias atividades lá dentro né. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Horário também cara! Horário você não pode furar com horário, compromisso cara! Nossa, os primeiro dia que eu tava lá, tudo pra mim, tudo pra mim tava errado, porque é outra coisa, é outro mundo, sabe? Então aquilo, aquilo te ajuda, ajuda você, ajuda você. (Adão, em entrevista, junho de 2014).

A reorientação do modo de se conduzir as práticas cotidianas pessoais de higiene e toda a disciplina diária é mediada pelo diálogo com os demais presos que já estavam ali, assim como estão os recém chegados sob seu controle e vigia. Numa cela lotada, um desafio demasiado difícil, certamente, é fazer algo escondido de seus pares.

Apesar de não ter captado explicação sobre o horário de acordar em áudio, numa conversa com um dos entrevistados (Cazu), a lógica do 'acordar cedo' se demonstrou simples: se a maioria dorme no mesmo horário, há menos risco de insônia, devido roncos, conversa, ou o que mais possa irromper ruído; a própria movimentação pela cela ao nascer do sol depende de espaço na 'praia' (chão), que durante a noite é completamente ocupada por colchões.

---

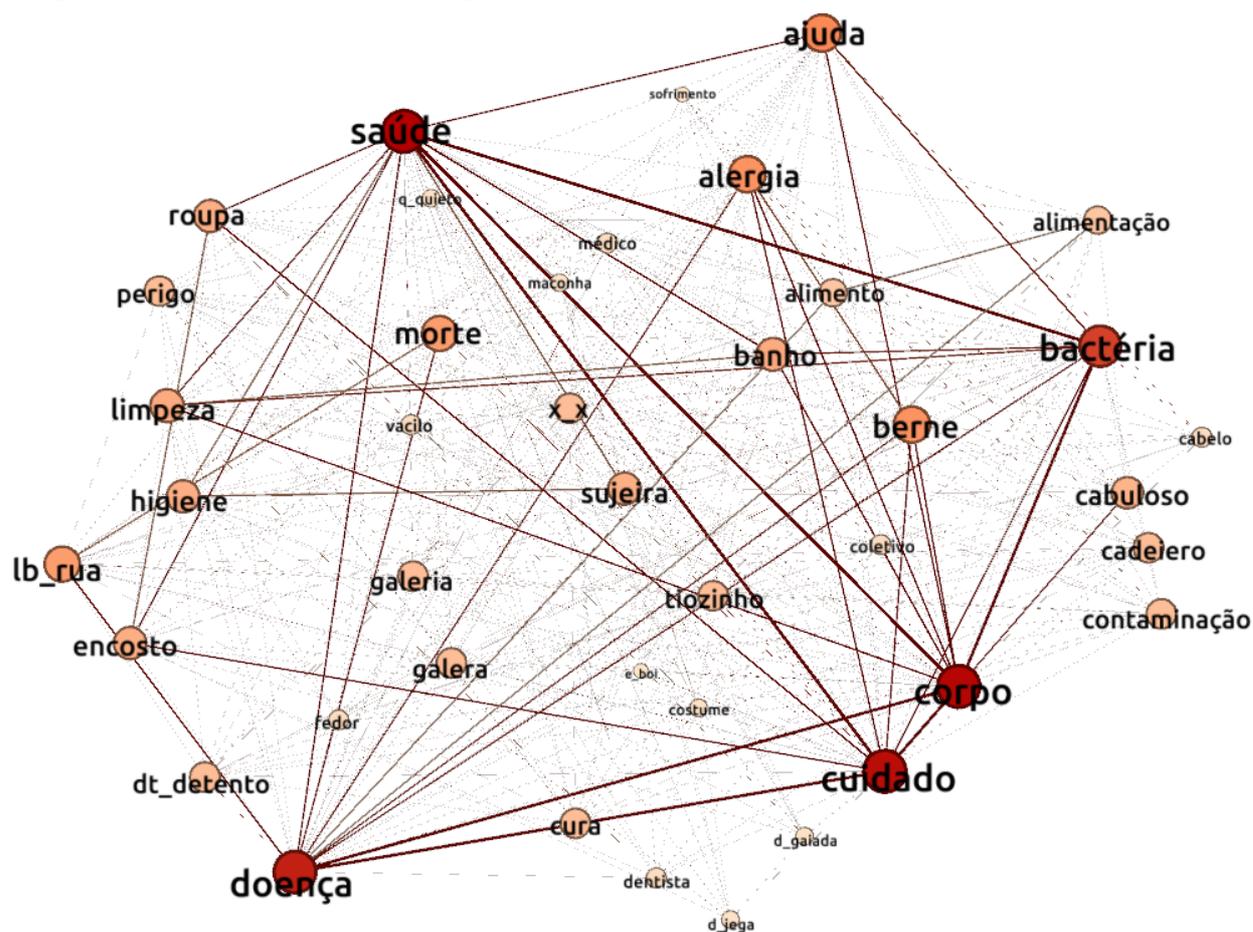
88 A palavra 'mio', geralmente aparece nas expressões 'dar mio', 'deu mio', 'esse é um mio que você tá dando'. Ela é utilizada para significar 'vacilo' ou 'erro', quando contam sobre ocasiões em que presos fazem algo que é reprovado pelos pares e conforme as normas estabelecidas coletivamente.

89 'Pagar uma ducha' é 'tomar um banho'.

90 A palavra 'boi' é utilizada tanto para designar vaso sanitário, quanto para o ato de usá-lo para evacuação de fezes.

Quanto a limpeza das roupas e, especificamente, do corpo, há um conjunto de relatos que caracterizam tal cuidado como necessidade coletiva fundamental diante dos vários problemas de saúde aos quais estão expostos os detentos. Se pensar com cuidado sobre a superlotação, a infraestrutura e distância abissal entre a lei de execução penal e a vida real do espaço carcerário, a prisão é análoga a uma reduzida faixa epidêmica em potencial. E se doenças infecciosas tem lugar nos espaços das celas e galerias, um dos dispositivos mais mobilizados pelos presos é o cuidado com o corpo. Este e outros comportamentos desejados e reconhecidos como fundamentais pelo coletivo encarcerado podem ser melhor apreendidos a partir da reflexão sobre a categoria de análise ‘corpo’, representada pela rede abaixo:

Figura 22: Rede de Palavras – Categoria de análise ‘Corpo’



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o *Gephi*.

Nota-se ao visualizar a rede acima, que as principais relações entre ‘nós’ são estabelecidas pelas palavras ‘corpo’, ‘saúde’, ‘doença’, ‘cuidado’ e ‘bactéria’,

demonstrando a importância do cuidado do corpo para a manutenção de um ambiente e coletivo saudáveis. Contudo, nem sempre esse cuidado é absorvido em curto prazo por alguns detentos:

Talvez nunca lavou uma calça, nunca lavou uma roupa em casa né. Daí chega lá tem que se virar né cara. O cara nunca fez comida, vai ter que fazer comida pra ele e pra todo mundo né. Não só pra ele, mas tem que fazer pra todo mundo né. Todo mundo tem que fazer e paga né. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A gente que fuma um verde (maconha) e acaba, de certa forma, ficando meio relaxado, de não se arrumar e tal. Lá é fundamental você se cuidar, ter esse costume de higiene mesmo, tá ligado? Porque é uma questão de saúde mesmo mano! Até de você se encostar na parede, de ficar sem camiseta se encostando em outro canto que não é tua gaiada, na tua cama tá ligado? De fazer uma coisa assim que é tua, de fechar o quieto<sup>91</sup>. (Red, entrevista, agosto de 2013).

O que foi mais foda é que não tava acostumado com a rotina da cadeia, porque é totalmente diferente do que eu tinha aqui fora. Fiquei no choque os primeiro dia. Nunca fui de acordar cedo e lá em casa toda vida sempre foi uma porquice, tá ligado? (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

A vida fora do presídio não imprime como necessidade essencial, por exemplo, tomar banho depois de todas as vezes que utilizar o banheiro para evacuar fezes. Porém, no espaço carcerário,

'Se for apavorar<sup>92</sup> pague ducha!' Então, se você for dar um cagão, já vai pagar uma ducha, tem que tomar banho! Se for cagar, dar um apavoro. (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

Não, e às vezes os cara tão sujo também. Falam: 'o cara tá raxixado, tá raxixado'. Sabe o que que é raxixado<sup>93</sup>? Na cadeia, você cagou, você tem que tomar banho. Quando apavora! 'Tá com o cú raxixado, tá com bola de raxixe aí' (risos). 'Vá tomar banho que você tá raxixado: tá com o cú fedendo'. 'Deu um apavoro, que nem os cara falam, que é cagar. Eles já falam: 'Se for apavorar pague ducha!' Então, se você for dar um cagão, já vai pagar uma ducha, tem que tomar banho! Se for cagar, dar um apavoro. 'Sai da minha cama, você tá raxixado, tá com o cú fedendo'. 'No boi, vai no boi pra cagar, dar um apavoro!' Os caras chegam salvar no boi né, às vez querem 'quebrar o litrão' (urinar) eles falam: 'Salve do boi'. E o outro fala: 'Numa de mil! Numa de mil!' Os cara já sabem que tá cagando. 'Tá numa de mil aí, tá no apavoro!' Daí tem cara que não paga ducha. Quando tem cara que não paga ducha, aí os cara já arrastam ele lá no coxo lá, enche uns baldão e jogam e aí dão ducha nele daí né. Três, quatro baldada assim, daquela água gelada, tem uns cara porco né, que não toma banho, que não tem esse costume que nem a gente, de tudo dia. Daí os cara pegam e dão banho no balde, ou obrigam ele pagar uma ducha. Daí o cara já se esperta e vai. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

91 'Quietos' é o nome dado a cortina que alguns presos colocam nas camas para adquirir privacidade.

92 'Apavorar' se refere à evacuar fezes.

93 Faz referência ao haxixe, que é substância obtida através da manipulação de resina extraída do cânhamo e que, via de regra, tem a forma de pelota e cor marrom escuro.

Tipo pagar uma ducha, os cara sabe se um ali não pagou naquele dia e daí cobra, tá ligado? (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Como apontaram Johnston e Longhurst (2010) o corpo, e também seus fluídos e excrementos, são de suma importância para a compreensão de experiências em determinadas espacialidades. Isso se revela a partir da relação entre os detentos e o 'boi' (buraco utilizado como sanitário). A necessidade de banho após a evacuação revela como os fluídos e excrementos corporais tem seu lugar no espaço carcerário, especificamente a cela, como também incide na compreensão do corpo como espaço excretório. A norma referente ao banho pós-excreção fecal se estabelece porque nem sempre há papel higiênico nas celas e devido a superlotação. Há ocasiões em que o papel higiênico não é oferecido pela instituição prisional devido a precarização do sistema carcerário ou quando impossibilitado de entrar via envio de familiares que entregam provisões semanais aos presos e conforme adoção de dispositivos de segurança e prevenção da entrada de drogas e outros objetos proibidos. Todavia, a norma do banho pós-evacuação existe independentemente da posse de papel higiênico, devido a superlotação das celas e a rápida e concentrada proliferação de cheiro. O papel higiênico é, segundo relatos, também utilizado para eliminar o cheiro ruim depois do uso do vaso sanitário, através do que os presos denominam como 'tia'. Trata-se de espiral de papel higiênico firmemente enrolado e que posteriormente é queimado para que o cheiro da fumaça substitua o que fora exalado pela evacuação das fezes.

O cuidado com o corpo na espacialidade carcerária não evidencia que a higiene toca apenas o âmbito pessoal, mas coletivo, pois envolve o compartilhamento do desejo de estabelecer um espaço e vida suportável e com menos riscos à saúde.

Eu acho que higiene dentro da cadeia não é uma coisa pessoal mano! Tá ligado? A higiene dentro da cadeia é uma coisa mais coletiva do que pessoal mano! Tá ligado? Porque a higiene na cadeia é, pessoalmente falando, é uma questão de saúde, tá ligado? É a tua saúde mano, a higiene na cadeia, tipo algo pessoal, mas agora, falando em coletivo mano, a higiene de cada um é o principal eu acho. Tá ligado? Porque não adianta mano, você já tá num lugar que é, *trash*, cabulosão, altos micro-organismo, altas fita cabulosa, pense, se ainda os cara não se ajuda, de não tomar banho, de não escovar os dente, tá ligado? De não se lavar mano? Daí vira numa porquice só, né mano. Imagine um lugar que já fede, tá ligado, daí você com altos outros mano fedido, tá ligado mano? Pá, sem tomar uma ducha, pah! Ah, sem lavar o cabelo, tirar, lavar o rosto na hora que acorda,

tá ligado mano? Não ficar com aquelas cara né mano. Eu acho que isso é uma parada que, mano! Porque que eu digo é um coletivo mano, porque um cobra o outro, tá ligado mano! Tipo, o cara não vai apavorar lá, mano, sem, porque, cara. Sempre vai ter alguém te olhando, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

O controle para que as práticas sejam conduzidas conforme as normas de convívio, de acordo com os entrevistados, é exercido pelo próprio coletivo que habita a cela. A punição é geralmente exemplificada a partir da violência praticada coletivamente e que gera constrangimento ou dor à quem não respeita alguma norma vinculada ao cuidado com o corpo e a saúde. As entrevistas também expressaram que o respeito as normas é reconhecido como obrigatório e justificado a partir das condições materiais que o reduzido e superlotado espaço da cela dispõe.

Lá ou você se enquadra ou ou você se enquadra, tá ligado? Não tem meio termo, nem teimosia, o relaxo que a gente tem aqui na rua, tem que deixar na rua. Meus dente tão até mais branco agora (riso) Imagine só, eu tava num X que não tinha muita sintonia, mas era 20 pinha numa parada que dá mais ou menos isso (anda pela calçada tentando demonstrar a pequena dimensão da cela). Um lugar que não tem onde todo mundo dormir. Pra você dormir é foda porque se um levanta, já esbarra ou pode pisar no outro que tá embaixo, tá ligado? Tinha oito cara na praia, tá ligado? Agora, imagine: Você não vai fazer o que vinte cara tão te apavorando o dia inteiro pra fazer porque? Ninguém é louco pra teimar numa cena dessa, tem que ficar miudinho lá piá! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

As justificativas que legitimam a disciplina dos presos em relação ao cuidado com o corpo se mostram majoritariamente relacionadas a facilidade com que doenças infecciosas podem proliferar e degradar ainda mais a vida nos espaços superlotados das celas.

E pode morrer de muitas coisas. Ainda mais se os mano não se cuidar. Vou te dizer cara, de coisa que ouvi de uns mano mais véio que tinham tirado mais tempo, e que eu não duvido nada mano, de ter maluco que morreu lá de gripe que não se curava lá. E se pensar bem, o perigo que não é, num X cheio de pinha, se o cara tem alguma bactéria é dois toque pra uma tuberculose e outras coisas mano! Até coisa que você não bota fé, mas que se desenvolve e fica bem foda mesmo no corpo dos cara. É alergia que acaba com a pele, com o couro dos caras assim ó (mostra os braços, enquanto faz cara de nojo). Altas 'bereba' dessa assim, tá ligado? Teve um véio lá que tava com uns problema nos dente, e não sei o que que rolou, se tiraram o dente do véio, sei lá mano, coisa assim. Só sei que infeccionou a cara do véio que foi de sair pus pela boca mano! E saía todo dia o pus assim. A cara dele ficou destruída uma cara! Quando eu sai, que tava melhorando, mas o véio ficou feio na foto. Agora você imagine, tem desde berne, alergia, micose de todo tipo mano. Tem as doença respiratória que lá é foda também. Imagine uma meningite ou coisa mais foda aí, sei lá... Se a

emergência na saúde é uma bosta aqui fora, lá a coisa fica mais feia ainda pros cara se tratar e, daí, se não cuidar, vai passando uma virose que contamina uma galeria inteira, tá ligado? E a galera mesmo, se cuida tá ligado? Se um mano fica maleixo lá, a gente se ajuda pra que melhore, sabe? (Red, entrevista, agosto de 2013).

Muitos irmão. Muitos morreu, muitos camarada da gente morreu porque pegou também, pegou lepra, pegou umas doença que vai emagrecendo a pessoa, vai comendo por dentro. Vários amigo da gente morreu por causa disso daí. Até esses dia morreu um parceiro meu, camarada meu aqui da rua, o Nêê. Morreu com 15Kg, de seco. Ele comeu uns baguio lá que foi secando, secando, secando, que ficou só o osso. E acabou falecendo. Entendeu? Porque lá é isso daí, se ficar na mão deles e tudo eles te bancam e.... Não, não vive. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

O modo como o corpo está implicado na condução da vida cotidiana dos presos reflete uma coletiva adoção de estratégias autônomas de profilaxia. Nesse sentido, o corpo aparece na instituição da espacialidade carcerária como lugar de resistência às doenças e à própria política de gestão carcerária que contribui a difusão das mesmas. De acordo com o que foi defendido, além de baseado na discussão teórica acerca do corpo como espaço - especialmente através das proposições de Smith (1992), Nast e Pile (1998) e Johnston e Longhurst (2010) - a narrativa do grupo estudado aponta para o corpo enquanto espaço pelo qual performances e práticas políticas são difundidas e cujo cerne é o sentido biopolítico de resistência ao precário, defasado e insalubre sistema carcerário.

Outro aspecto relevante para ampliar o alcance da ideia e teoria do corpo enquanto espaço é que o corpo é representado como espaço pelo qual se hospedam e dispersam inúmeros parasitas e bactérias virais. Assim o corpo pode ser compreendido como espaço habitado por organismos ou elementos não-humanos da relação entre materialidade e espacialidade.

No que concerne as questões que baseiam a presente pesquisa, no entanto, o corpo também aparece vinculado à um conjunto variado de performances situadas em dado tempo e espaço da vida na prisão.

E, querendo ou não mano, você acabou de tomar banho, vestiu a camiseta, se encostou, pronto mano, se encostou já fodeu, se encostou já ficou um monte de coisa grudada em você mano! Bactéria e pá... E outra, até escovar os dente assim mano, tá ligado? Porque você não vai sair de lá pro doutor te atender pelo plano de saúde, às vezes, ou que seja num postinho, que você tenha ,ou mesmo que tivesse como cuidar da boca lá, tá ligado? De lá mano, você só vai conseguir marcar um dentista tipo, nossa, você vai ter que ter um 'problemasso' no dente assim, tá ligado? Pros cara te levar, só por uma dor insana assim ou tipo, ou, tiver, vai ter que arrancar o dente e vai ter que arrancar o dente lá mesmo mano! Então, você tem que se cuidar

mano, fazer o máximo pra não ficar doente mano! Pra não ter problema de saúde porque é crítico né mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

A gente só cuida quando alguém fica ruim de comer o alimento de lá e dá alguma zica, se tem o estomago fraco, pra não rolar uma e\_caganeira e vomito geral. Só que isso às vez rola mano, não é fácil lidar com doença lá dentro, se pega num, todo o mundo tá no risco de passar mal e isso é com gripe, virose, sarna, micose, berne, o que for. Berne e umas alergia cabulosa é normal, tem uns cara que sofrem lá. (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

As falas acima destacam que o cuidado com o corpo envolve o modo como o próprio corpo se move, se encosta e interage pelo espaço da cela, indicando assim, sua dimensão performativa. Conforme insta Butler (2003) sobre o gênero enquanto ato performativo, o corpo também processa atos repetidos e estilizados que criam uma falsa estabilidade sobre a construção de gênero feminino, ou masculino, e identidades sexuais. No caso em questão, as performances estilizadas demonstram justificção política baseada na prevenção de doenças e no cuidado com o corpo, mas contribuem à representação de corpos e performances masculinas que podem ser reconhecidas como abjetas ou desviantes, dependendo do modo pelo qual são desenvolvidas diante da normatividade estabelecida e que implica na valorização de um corpo saudável e limpo na espacialidade carcerária. Mais elementos que subsidiam essa afirmação podem ser visualizados nas falas dos entrevistados.

Ninguém vai no boi, ninguém vai ficar passando perto do 'recorteiro'<sup>94</sup>, a hora que ele tiver recortando, porque... Ou ninguém vai passar, eu sentado aqui, ninguém vai ficar caminhando na frente do meu prato aqui, quando eu tiver comendo! E os cara tem esse discernimento, 'Não, ó mano, o cara tá se alimentando, vou ficar passando ali mano? Caindo sujeira de mim mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Não tinha costume de limpeza igual eles, você acredita? Nem de pedir licença pra tudo. De agradecer pra tudo, só de passar na frente, e eu sempre me esquecia quando eu entrei. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Às vezes rola de dar mio<sup>95</sup>, se você passar por cima do alimento, às vezes já é um mio. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Não rola de passar na frente dos mano se tiverem com a cumbuca do alimento. Até mesmo pra entrar num X, de pedir licença e não entrar sujo, porque se os outros flagram que o mano é meio porcão, já nem entra mais naquele X, e os cara tiram mano, e já resolve ali, na voz, na hora assim mano. Tem até de levar os mano pra limpar o boi de novo se não tiver bem

94 'Recorteiro' é o detento incumbido de dividir o alimento depois de preparado, fornecido ou misturado pelos presos de uma dada cela. O verbo 'recortar' ou 'rachar' refere-se a 'dividir'.

95 'Mio', para o entrevistados, quer dizer: vacilação, erro, ato falho e desaprovado pelo grupo de pares.

limpo. Até pra tomar banho te cobram lá, tá ligado. Mas tudo isso mano, é a forma que os preso encontram para manter uma ordem e também pra não ter problema de saúde. Eu vejo que se não fosse assim, ia ter muito mais problema, muito mais. Já tem um monte na verdade né. Tem os cara que já são soro positivo e que já tem esse cuidado, até maior já, tá ligado? Isso é bem cobrado lá, e chega até ser chato mano, porque não pode demorar muito pra se acostumar na rotina, mas é importante, tá ligado? (Anísio, entrevista, meio de 2014).

Pra passar na frente de um alimento assim, tem que pedir licença, não pode passar sem camisa. Se o outro cara tiver comendo assim, não pode passar na frente dele, tem que por camisa assim, se tiver de camiseta sem manga não pode erguer o braço, por causa de pelo né, e é um monte de cara no memo X. Os cara falam: 'ó, não pode subir nas jega quando tá comendo, por que daí levanta as sujeira do chão né. Ih cara, uma enchecção de saco do caralho essa parte. (Red, entrevista, agosto de 2013).

O corpo sujo e propenso à doença é representado, portanto, de forma negativa num conjunto de falas apresentado nessa seção, ao mesmo tempo, em que são reconhecidas como inadequadas as performances cujo movimento e posição atingem negativamente outros corpos, principalmente em contextos de dispersão de cheiro ou de alimentação dos detentos. Tais performances também assumem relevância nos dias de visita.

Sem camiseta, jamais. Nos dias de visita você não entra no X, só quem tem visita social e a íntima né, que é depois do almoço. (Dedinho, entrevista, abril de 2014).

Nos dia de visita você tem que ficar o mais sóbrio possível né cara, tipo, camiseta não pode usar assim ó, sem manga, tem que ser com manga. Não pode falar nenhuma cagada, tem que ficar quieto, usar calça, não pode sair de calção nada. E não pode olhar pra visita dos outros, num sei né cara, tem muita gente que entra ali com medo né cara. E daí olha tudo aqueles cara feio (...) (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

No dia de visita você não pode andar sem camisa, de regata, não pode andar de calção, é só calção pra baixo do joelho e quando tá muito calor. Camiseta, é só camiseta longa, não pode andar de *babelook*, mostrando a barriga, não pode mostrar a cueca, não pode dormir na visita. Não pode nem olhar pra visita, tem que passar de cabeça baixa, então se a visita tá passando ali você tem que virar a cabeça né. Esperar a visita passar pra depois continuar com teu olhar no reto. Isso que eu to falando, é um respeito que aqui fora, se você passa e tem um cara com uma mulher mais atraente, o cara olha mesmo, às vezes até mexe, os cara até mexem com a esposa do outro, né cara. Isso, se acontece uma coisa dessa lá, o cara é linxado lá dentro né. É passível de levar um corretivo né. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

O modo de se vestir, se comportar e até mesmo a perspectiva do olhar importam aos presos nos dias de visita. Isso se revela a partir das falas acerca de mecanismos disciplinares que buscam evitar conflitos através da reiteração de

performances situadas no contexto de relação com pessoas que não compartilham da mesma rotina carcerária. Deste modo, o corpo e as performances são medidas pelo coletivo encarcerado como aceitáveis ou não de acordo com contextos temporais e espaciais específicos.

Daí esse piação olhou pruma mãe de um cara lá, eu não sei se olhou. Só que esse piação que apanhou lá, ele era muito vacilão né. Qualquer coisa tava fazendo cagada, dando mio<sup>96</sup>, os cara olhavam pra ele, já falavam: 'ó lá o miaral véio, tá dando mio de novo'. Daí o cara falou: 'ó, ele tava castelando (olhando/flertando) minha mãe lá'. Aí os cara cobriram ele de pancada, cabada de vassoura. Deram um salve mais ou menos nele. Só por que o cara disse que ele tava olhando a mãe dele. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Todavia, a fluidez do corpo e performances, em certa medida, é coercitivamente processada através do saber/poder sobre as normas estabelecidas entre os detentos. As performances como manifestações do corpo espaço que têm o sentido de manter a estabilidade ou equilíbrio dos ânimos em dias de visita, possibilitam ocupar dada posição diante das assimetrias de poder. A posicionalidade pode variar entre ser alvo da opressão ou provido de tranquilidade. Os exemplos dos detentos que preferem não proporcionar suspeita de flerte dirigido a mulheres, mães, filhas, entre outras familiares visitantes de alguns de seus próximos, sugerem a mobilização da performance desejada pelo coletivo de presos que os cercam, assim, evitam roupas curtas e olhares.

As performances de masculinidade respeitadas pelo grupo evidenciam o modo como o corpo é ativo na vivência interseccional, tendo portanto um sentido político, possibilitando momentos de alívio ou de conflito e punição, exemplificados através do relato sobre o flerte no dia de visita. Assim, as performances corporificadas também posicionam os sujeitos nas formações de poder relacionadas aos contextos de visita.

O corpo pode também ser compreendido através dessa análise, portanto, como espaço de resistência biopolítica e pelo qual se operam dispositivos de profilaxia diante da proliferação de infecções virais e bacterianas, como também pode ser representado negativamente através da sujeira, do cheiro e da propensão ao desenvolvimento de doenças. Além disso, as performances corporais

---

96 'Dando mio' ou 'dar mio' são expressões que se referem a vacilar ou cometer ato falho e inaceitável ao grupo.

evidenciadas na narrativa dos entrevistados revelam o complexo movimento do espaço corpo pela própria espacialidade carcerária. Isso leva a inferência de que dentre as consequências fundamentais da 'queda' na prisão está a reconfiguração de práticas cotidianas, das performances e do modo como o corpo é vivido, se posiciona e é interpretado pelos detentos no espaço carcerário.

A presente seção foi iniciada com a preocupação acerca das consequências da queda e entrada na prisão para a condução da vida cotidiana dos sujeitos investigados. As respostas mais imediatas à este ponto foram evidenciadas através da análise de conteúdo e redes de palavras como: a adaptação e suas nuances ligadas à esfera do psicológico (no que é denominado pelo grupo como 'choque'); a vivência temporária na 'triagem'; a aceitação nas galerias e celas do espaço carcerário; mudança diante de um conjunto de normas relacionadas ao dormir, ao comer, ao receber visitas e, com mais ênfase, ao corpo e trato com a saúde e suas respectivas performances.

O fio condutor à elaboração da seção se estabeleceu sobre uma das Comunidades Semânticas elaboradas a partir da frequência e relação de e entre palavras mobilizadas pelos discursos do grupo investigado. Dentre as palavras que tomaram mais atenção, o 'corpo', a 'triagem', a 'visita', a 'doença' e a 'saúde', demonstraram potencial para compreensão da normatividade estabelecida pelo grupo sobre as práticas comuns, sobre o corpo e as performances masculinas na instituição da espacialidade carcerária. A próxima seção evidenciará o estabelecimento de sintonia e solidariedade entre os detentos explorando palavras que também estão localizadas na referida comunidade semântica - a saber: 'alimento' e 'alimentação' e 'gu\_sacola' - e as trocas e práticas de solidariedade na composição do fenômeno investigado.

## **2. Espaço carcerário instituído pelas trocas: entre objetos concretos e simbolismos**

O que eu acho mais impressionante é que eles trazem comida pra gente todo dia sem falta. Como conseguem? Será que eles têm um caldeirão mágico? (HANAWA, 2005, p.33)<sup>97</sup>

---

97 O mangá *Na Prisão* foi escrito pelo quadrinista Kazuichi Hanawa após três anos de sua detenção por porte ilegal de armas na província japonesa de Hokkaido. O mangá descreve as experiências de rotina do autor explorando a dimensão do ridículo e do melancólico.

Não, esta não é uma frase de entrevistado, mas de uma *mangá* muito difundido no mundo ocidental. E foi citada aqui por um nobre motivo. Dentre tantas falácias que se veem escritas pelas redes sociais, uma das que mais irradia ignorância é a que trata da ‘bolsa bandido’<sup>98</sup>, em que supostamente o Estado destinaria às famílias dos detentos um auxílio financeiro conforme o critério de privação de liberdade. De uma perspectiva extremamente conservadora e míope alguns cidadãos brasileiros se veem sustentando não só ‘vagabundos’ em presídios através do pagamento de seus impostos, mas também suas famílias a partir do que é denominado em apócrifos como ‘salário presidiário’ ou pela subversão do significado de ‘auxílio reclusão’. Isso tudo é rapidamente considerado crível, mesmo antes da leitura de documentos oficiais e próprios da legislação acerca da contribuição de segurados à Previdência Social. Como consequência do pretense ‘absurdo’, pululam propostas como a da vereadora de Curitiba, Carla Pimentel do Partido Socialista Cristão (PSC) que sugere que os presos paguem pela estadia no cárcere, como demais argumentos que reforçam a ideia de que se gasta muito com a população carcerária e de que a ‘sociedade de bem’ não deve arcar com dar de comer à ‘bandidos’. Logo, se justifica responder a pergunta presente no mangá: o caldeirão mágico que põe a mesa diária dos detentos vem do suor do trabalho de seus familiares, notadamente das mulheres que compõem as famílias dos homens encarcerados.

Para melhor estruturar a presente seção, entretanto, cabe definir um caminho seguro através das questões que fundamentam minha pesquisa e das redes de sentido estabelecidas a partir do discurso dos entrevistados.

Dentre as palavras que se posicionaram com maior frequência e polo de relações na comunidade semântica abordada na seção anterior, há algumas que demandam observação mais apurada através da categoria de análise ‘alimento’. Cabe justificar que as palavras alimento e alimentação visualizadas naquela rede (Figura 21) se referem a dois contextos distintos, pois de acordo com minha interpretação, a primeira remete à comida em si (seus mais variados ingredientes e insumos) e, alimentação, ao ato de se alimentar, isto é, ao contexto em que os presos se reúnem para compartilhar a comida preparada e/ou misturada e

---

98 Ver: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/mitos-e-verdades-sobre-o-bolsa-bandido.html>



outras, tais como 'família', 'ajuda', 'pa\_irmão', 'gu\_sacola' e 'divisão'. Tais palavras evidenciam outros tipos de relações estabelecidas a partir da obtenção, gestão e partilha dos alimentos e dos momentos de alimentação.

As falas dos entrevistados que caracterizam sua relação com a comida no espaço carcerário demonstram diferenças entre a comida fornecida pela instituição e aquela obtida através da ajuda familiar. Além disso, destacam o fato de que quando estiveram na triagem só havia a primeira.

A vida na triagem lá é bem difícil lá, não tem alimentação é só café da manhã que o pão, só pão e o almoço uma marmite e na janta uma marmite. Fica trinta dias sem poder receber nenhum alimento de fora né. (Red, entrevista, agosto de 2013).

E, só que, as blindada<sup>99</sup> sempre vinha com 'rep'<sup>100</sup>, tá ligado mano, isso não dá pra falar, sempre vem uma blindada a mais, duas vezes, daí você reparte ali né. (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Daí não recebe sacola, mantimento, que a família manda. Se não recebe sacola, aí é só a comida da cadeia. (Cazu, entrevista, outubro de 2013)

Já nas celas que ocupam na Cadeia Pública Hildebrando de Souza, a comida fornecida pela unidade prisional nem sempre apresenta qualidade ou inspira segurança alimentar. Mesmo assim, ela é, via de regra, consumida. As falas abaixo apresentam o modo pelo qual a comida fornecida no espaço carcerário é representada:

Pra comer eu achava de boas, a galera faz o recorte e mistura o que tem da sacola com as blindada, volta e meia sobra, tá ligado? A comida de lá é foda, mas se souber administrar o rango, ninguém passa necessidade. Bão, bão, não é, mas que nem os cara dizem lá: 'é o que temos pra hoje'. Porque às vez o alimento tá rançoso, uma comida cabulosa mesmo, mas o que que você vai fazer, tem que comer o que tem. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

A gente nunca tem (...) fruta, não sobrava dinheiro pra comprar fruta, a gente comprava o próprio alimento, sabe? Não sobrava dinheiro pra comprar fruta, nem nada (...) (Adão, entrevista, junho de 2014).

Se for pra comer da 'casa' tinha até bosta de rato, pata de rato, rabo de rato, barata. Você abria assim, às vez (...) parece que iam assim no restaurante e catava tudo as comida, pegava um panelão e jogava tudo dentro, depois ligava a torneira, metia água e mexia assim e chegava: 'ó ladrão, comida aí, comam se quiser' O cara aí, seis, sete meses ali dentro, come até rato morto. Agora, capaz que eles tão ajudando, na parte do alimento essas coisa eles não ajudam. O alimento é uma lacuna, pra você morrer de fome. Mesma coisa de você tá no deserto. Servir o quartel por exemplo, que o

99 'Blindada' se refere à marmite de alumínio, popularmente conhecida como 'quentinha'.

100'Rep' se refere a marmite repetida.

cara fala lá que você vai comer um punhadinho de comida hoje e só, e só amanhã, então só aquilo. Então tá desse jeito, a parte de alimento é assim. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Diante disso, muitos dos ex-detentos entrevistados entendem como fundamental para estabelecer segurança e qualidade alimentar ou variação de condimentos e ingredientes, as provisões alimentícias enviadas semanalmente pelas famílias e que são denominadas de 'sacolas'. Os alimentos que compõem as sacolas recebidas por alguns presos são, então, adicionadas a comida do estabelecimento prisional para complementar a dieta de todos os detentos de uma cela.

Tipo, dentro da galeria tem, na galeria entra sacola. Hoje é dia de sacola, hoje tá um fervo desgraçado lá. Os cara recebem sacola (...) daí já tão sossegado. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

E a comida é a da sacola que a gente recebe de fora, da família né. Aí junta a comida da sacola com a comida que eles dão né. E a comida que chega pra um lá no X é dividida entre todo mundo no X. Se um cara não tem sacola não é por isso que ele não vai comer, ele vai se alimentar da comida que todo mundo ali do X trouxe né. Se só um tem sacola, os quinze que tão ali dentro no X se alimentam com a sacola dele. (Bull, entrevista, outubro de 2013)

E esta guarnição possibilitada pelo esforço familiar se torna a base de uma alimentação mais segura e suficiente, além de representar o conteúdo da solidariedade presente na vida de presos e de seus familiares.

Essa união é legal mesmo cara, tipo se tiver um pão ali, ninguém come se não der pra todo mundo. Tudo é dividido, tudo tem que ser dividido dentro do X. (Adão, entrevista, junho de 2014).

A malandragem funciona assim, é humildade. Tudo que você tem é pra repartir com tudo os irmão. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Você come porque os irmãozinho se ajuda na hora do alimento e ninguém passa fome, sede e frio. (Lôco, entrevista, setembro de 2014)

Então é desse jeito, os cara que tem, ajuda os que não tem. Desde roupa, tudo. Desde a hora que o cara mereceu tá lá dentro lá. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Mesma coisa com o alimento, né, é uma coisa assim, bem irmandade. Quem tem, ajuda quem não tem e assim é o convívio. (Bull, entrevista, outubro de 2013).

Compartilhar a comida para os presos se mostra como fundamental à sobrevivência, pois muitos deles não recebem sacolas de seus familiares. Assim,

muitas celas acabam sendo assistidas com alimentos que provém de uma única família de um dos detentos.

Porque eu cheguei no barraco mano, eu não peguei nenhum tipo de sacola mano. (Dedinho, entrevista, abril de 2014).

A minha sorte que eu tinha uma boa sacola que a minha irmã sempre me mandou, era uma presença que fortalecia o nosso barraco mano. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Por isso que eu digo, eu nem te respondi da organização da sacola né mano! Tipo no meu barraco mano, os seis cara que foram embora mano, logo que eu cheguei no X5 da oitava (galeria) mano! Os seis cara que foram embora, dos seis mano, eram os cinco que tinham sacola no barraco, tá ligado? Os quatro que fortaleciam o barraco em sacola, tá ligado? O resto tipo, mais ninguém, raramente chegava qualquer coisa! Tá ligado? Pra um e, tipo, era um barraco forte, tá ligado? Os cara eram 'fortaleza' mano! Então, e daí mano, ninguém tinha sacola, então mano eu rachei tipo tudo, tudo, tá ligado? Tudo da minha sacola, até careto (cigarro), Tá ligado? cigarro, o giz que é 'fita' pessoal mano! As fita pessoal mano, eu rachei tudo com os mano porque o barraco tava quebrado, o barraco tava quebradasso mano! Mas chegou uma sacola pelo menos mano, a galera já... E aquela época não tava entrando cebola, alho, tava entrando só, tipo, sazón, os temperinho pronto, sabe? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

A cela, que também é chamada de 'X', 'barraco' ou 'casa', necessita constantemente de abastecimento. Algumas celas se mostram bem guarneçadas, tal como visto numa das falas acima, quando um bom número de seus ocupantes recebe assistência familiar. Uma cela bem guarneçada é também reconhecida como 'barraco forte'. Os responsáveis pelo bom guarneçamento do 'barraco', conseqüentemente, são reconhecidos pelo grupo habitante da cela como 'fortaleza'. Desta forma, há a caracterização dos espaços e seus ocupantes de acordo com suas práticas de solidariedade e ligadas a normatividade que influenciam numa representação social de uma cela, cuja força irradia de um ou mais detentos, que passam a ocupar uma posição de centralidade na relações que envolvem os presos e a comida nas celas.

A alimentação constitui-se em demanda essencial, mobilizando a valorização dos sujeitos que mais contribuem para ela, instituindo um respeito tão grande pelo alimento que o faz ser representado como algo sagrado pelos detentos.

Com certeza ajuda! Além da higiene mano, uma coisa que, hein Rodrigo, além da higiene mano, uma coisa que eu aprendi, lá cara! Tipo, e não trago da rua, não trazia da rua! Era o respeito com o alimento, tá ligado mano! Tipo respeitar o alimento! Mas sabe, tipo, é respeitar demais mesmo, entendeu? É muito respeito com aquilo que você, que é vital tá ligado! Muito

respeito, mas aqui fora a gente não tá nem aí com o alimento às vezes mano. Não lava a mão quando vai comer. Pode ver mano! Às vezes você tá na rua e vai comer, você não lava a mão, você não tá nem aí. Lá não mano, lá é um momento sagrado assim, é um momento de, nossa mano, é o alimento! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Dada importância do alimento, as estratégias de resistência diante da insegurança alimentar unem presos de diferentes trajetórias, contextos familiares e condições socioeconômicas em torno da 'sacola', que é representada como elemento fundamental para o abastecimento alimentício da prisão. A sacola, afinal, é como o caldeirão mágico do mangá, demonstra possibilitar uma alimentação melhor aos detentos diante da precária alimentação ofertada pela gestão carcerária.

Uma das estratégias diante de 'sacolas' que não são tão cheias assim, é a conservação do que resta dos alimentos consumidos em dias de visita: "mistura pra visita, guarda um tanto de alimento pra visita e o que sobra vai fazendo no dia a dia né." (Pavio).

E se, por ventura, a entrega de sacolas é inviabilizada ou dificultada pela gestão do presídio, os detentos demonstram saber de seu significado e lutar conforme seus métodos, pontuando a 'sacola' na pauta de reivindicações de rebeliões.

Na verdade, a sacola é uma forma de você conter os ladrão tá ligado? É, e realmente é isso mano, se você parar pra analisar mano, é uma forma de você conter o cara, porque você não apresenta pra ele um espaço ideal, você sabe que tá errado, então eles vão ter que conter os cara, porque não tem nem como debater com os cara, tá ligado? O sistema sabe que tá errado, os cara sabem que tá errado, sabem disso, que o *bang* é defasado né mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Na rebelião, sempre é, ou por causa de visita, ou por causa de sacola também, tá ligado? Só que nem é isso que aparece de fora né mano. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Daí na sacola colocaram mais alimento, tinha bastante comida e outras coisa também na sacola, essa foi na primeira rebelião né. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A dependência do alimento enviado por familiares através de sacolas semanais, ou trazido por eles nos dias de visita é representado de duas maneiras complementares. Ao mesmo tempo em que a 'sacola' é entendida como fundamental e aquilo que fortalece a vida nas celas, é também compreendida como ponto de vulnerabilidade ao controle e contenção empreendidos pela gestão carcerária. Naturalmente, ela terá seu lugar na luta política dos detentos para adquirir

melhores condições de encarceramento quando colocam incisivamente uma pauta sobre a mesa em contextos de rebelião.

A importância que o alimento toma no espaço carcerário institui que, além da solidariedade e das tentativas para que ninguém passe fome nas celas, o alimento é impedido de ser objeto de valor no mercado de trocas do espaço carcerário.

Mas Deus o livre se os cara te pegar trocando por giz! Se os cara te flagram fazendo uma jogada (troca) com alimento, com areia, moca, corante. Corante' é leite em pó. Nescau (achocolatado em pó) é 'chocolate'. Barra de chocolate os cara fazem jogo (troca), dá duas carteira de cigarro. Duas carteira de *classic* (marca de cigarro barato e bastante consumido no presídio). Só barra de chocolate. Deus o livre de fazer rolo com alimento lá dentro, com alimento você tem que fazer permuta! Tem que trocar por outro alimento! Tipo, uma caneca de areia, açúcar, açúcar lá é areia. Uma caneca de areia por uma caneca de moca, moca é café. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

E a troca de moeda lá é o cigarro né. O cigarro é a moeda de troca lá dentro né. Só não pode trocar o cigarro por alimento. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Com a sacola, daí vem cigarro pra todo mundo, daí já se tem a moeda né! Cigarro compra qualquer coisa. Mas com alimento não dá pra fazer rolo (usar como moeda de troca com outras coisas). (Anísio, entrevista, maio de 2014).

As trocas no espaço carcerário envolvem uma série de normas de conduta ética, de cotação de valores para cada tipo de objeto e de equivalência na permuta de alimentos. A rede referente a categoria de análise 'trocas' pode melhor contribuir à reflexão sobre o mercado de trocas instituído no espaço carcerário.



Os objetos que compõem o mercado de trocas do espaço carcerário são diversos e podem motivar conflitos acerca da insatisfação de uma das partes envolvidas numa relação de troca. Por isso, há uma série de convenções que são utilizadas e adaptadas conforme a valorização desigual de mercadorias no espaço carcerário em relação ao espaço exterior. Tal como as *commodities* que são valorizadas utilizando o dólar como moeda padrão, na prisão os objetos são valorizados e negociados tendo o cigarro<sup>102</sup> como importante referência de valor.

E ó cara, cigarro é dinheiro lá cara! Os cara vendem ó, ó, as gaiada (camas), vamo dizer, o cara vende (...). O cara vendeu uma televisão lá. Conseguiu uma televisão, um piação, um polaquinho lá. Ele vendeu a gaiada dele, pegou um masso de cigarro e uma televisão na gaiada dele. Daí, pegou e vendeu a televisão lá dentro mesmo por cento e cinquenta conto e recebeu tudo em cigarro. É quatro reais uma carteira de cigarro *classic*, lá dentro, *mil, classic*, tanto faz, é mesma coisa, é quatro conto. Um pacote de sabão em pó, são duas carteira de giz, um sabonete que é o espumante são dez giz. Shampoo, depende do shampoo é duas carteira. Meia, meia, se for boa, dá dez giz, quinze giz, depende da marca. Um tubo de pasta de dente cheio lá é uma carteira. E não só vende e compra, rola permuta de qualquer coisa. Os cara não podem ver roupa lá, diferente. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

O ‘cigarro’ se configura como uma das palavras de maior frequência dentre as apresentadas pela rede referente a categoria ‘trocas’. Contudo, outros objetos que formam o mercado de trocas também podem ser identificados.

Quando eu cheguei no meu X eu peguei uma espuma<sup>103</sup> que já tava lá, e tava bem foda assim, e eu queria trocar. E depois de dois dia, entrou outro cara no X e eu disse se ele não queria ficar com aquele. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Se o cara aparecer com roupa diferente lá, já vai pra jogo. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Tinha que eles vendiam droga lá dentro né, tinha crack na cadeia e hoje eles eliminaram. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

As drogas também estão presentes no conjunto de mercadorias e objetos de dignos de troca e são permutadas ou comercializadas no espaço carcerário. Entretanto, o crack é representado como droga extinta pelo coletivo encarcerado com o objetivo de evitar furtos e conflitos.

Veja bem mano, imagine se numa galera um tanto de mano ficasse bruxo de pedra, que lá dentro uns roubasse os outro e também tem outras coisa

102 O cigarro aparece no discurso dos entrevistados como ‘giz’ e ‘careto(a)’.

103 ‘Espuma’ é ‘colchão’.

que pode rolar, tá ligado? Ia ter só morte, treta, volta e meia iam se matar, ia rolar pancadão direto! E ia ser o inferno! Tá ligado? Que também é a organização dos próprio preso de não poder existir roubo de qualquer coisa lá, tá ligado? (Anísio, entrevista, maio de 2014).

Mas a maconha de certa forma cara, é meio que um remédio pra eles lá, meio que um analgésico! Por conta de que, eu mesmo vi, vi muito cara revoltado que fumava maconha e virava uma criança lá dentro, andava mais passivo, mais brincalhão e coisa e tal. Mas quando o cara passava uma semana, duas semana sem usar nada assim, o cara ficava neurótico, queria sair, queria arrancar as grade. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

As trocas e a presença ou proibição de dados objetos no espaço carcerário, portanto, são consoantes a normatividade e aos tipos de comportamentos desejados coletivamente. Como é o caso do comércio, troca e uso da maconha, que segundo Bob, pode ser considerada como calmante que contribui para o equilíbrio dos ânimos entre alguns detentos e age no sentido da prevenção de tensões e conflitos.

A definição do que pode ou não ser trocado, dependendo do tipo de objeto, pode ocorrer de forma autônoma de acordo com o que é convencionado em dada cela ou galeria. Um exemplo desse tipo de troca que não é generalizada no interior do espaço carcerário é a troca e venda de dormitórios.

Só na nona galeria, lá eles podem vender a 'gaiada', mas não é uma coisa que é comum, no 'convívio' lá. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Ele vendeu a gaiada dele, pegou um masso de cigarro e uma televisão na gaiada dele. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Assim, as trocas envolvendo camas podem ocorrer numa cela ou galeria, mas podem também ser proibidas de acontecer em outras, conforme o que é estabelecido pelos detentos em cada espaço de 'convívio'.

Uma das estratégias vinculadas ao mercado de trocas na prisão é a prestação de serviços. Desprovidos de dinheiro, cigarros ou demais objetos para troca, muitos detentos realizam serviços gerais de lavagem de roupas, consertos, entre outros, como forma de se obter dado objeto ou o que mais necessita ou deseja.

Mas eu fazia as coisa pros cara e ajudava a fazer os artesanato, dobrava papel, lixava alguma coisa. Eu ganhei uma jega nos primeiro dia que tava lá, porque consertei a resistência do chuveiro. E consertava as coisa e daí já ganhava mais cigarro, fui me erguendo daí. Lá, que nem, eu tava sem fumar, lá você não fica sem fumar e você faz altas jogada com os cara. Tipo, lava a roupa pros cara, camiseta, calça. 'Vai sumariar os pano', os cara falam: 'ó, tem uns pano pra sumariar aí'. Lavar as coisa lá é sumariar.

Sumariar uma louça, sumariar o barraco é lavar o X, 'vá sumariar os panos, vá sumariar essa cara'. Eu lavava, camiseta, essas coisa, você não se suja lá dentro, é mais o suor e o pó, né cara. Daí eu sumariava os pano e louça dos cara, uma carteira de cigarro. Daí eu fazia as jogada com o cigarro de sumariar e truco. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Ou você faz os trampo de sumariar os pano da galera, os caneco e cumbuca. Só que eu nunca fui de jogo, aí ficava mais na ativa de sumariar as coisa dos irmão e trocava a tumba por umas carteira de giz e o que rolasse. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Alguns dos serviços prestados incidem sobre especialidades voltadas às rebeliões e armamento, como é o caso da prospecção e manipulação de ferro de colunas de concreto para a produção artesanal de 'estoques'<sup>104</sup>, na qual se apresenta uma triangulação de serviços prestados e alta valorização, tanto do serviço, quanto do produto.

A pessoa trafica, a pessoa, pra você ter ideia, uma peça de ferro dessa aí, você vende por uns trezentos reais isso aí lá. É, tem cara que rouba os ferro assim, fura a parede, tira o ferro e faz um 'estoque' e vende pros cara lá! E daí quem não tem trabalho lá, vive disso, vive de (...) os cara pegam, veja só, é coisa de louco: um rouba o ferro, vende pra outro que vai trabalhar o ferro lá e vai ganhar isso que ele fez, daí ele vai atravessar o ferro e leva lá pra outro lugar. Daí ele vai entregar na mão do segurança do traficante, sabe? Ou o traficante mesmo que recebe. É coisa de doido, sabe? Daí, tal, isso aí é um meio de vida, sabe? (Adão, entrevista, junho de 2014).

Outra alternativa utilizada para angariar recursos a serem utilizados no mercado de trocas carcerário é a participação em jogos de cartas em que os vitoriosos são premiados com cigarros, dinheiro, objetos ou com a prestação de dados serviços.

Truco pra caralho! Valendo dez giz (cigarros), é dez giz por cabeça na melhor de três. Tinha dias que eu jogava o dia inteiro e daí ganhava umas três carteira de cigarro, quatro carteira, por aí. Daí de noite jogava cacheta e daí perdia de vez em quando, mal sobrava pra eu fumar. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

E outro meio de vida lá, é o jogo! Tem cara que só vive de jogo lá, sabe? Ele aprende a jogar ali ou sai roubando dos cara ali no jogo, aprende a jogar tal. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Todo dia baralho, cacheta direto, fui rei da cacheta lá, ganhei muito, tinha dias que eu tinha sacola cheia de cigarro cara! Batia vários, valendo uma carteira, duas, uma rodadinha com dez cabeça ali. Era diversão depois da novela. Um truco, jogava tudo valendo. Que nem você perguntou da faxina, eu ganhei da dupla na faxina, a dupla que perder vai fazer a faxina ali no dia e tal. Teve tempo que eu tava com dez faxina em a ver, assim cara! De ficar

---

104Instrumento de perfurar elaborado artesanalmente por detentos e utilizado como arma branca.

dois, três meses sem fazer faxina no X. Nessa que você vai tendo alguma moeda. (risos) (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Interessante é perceber que no decorrer da análise sobre alimentos e, posteriormente, sobre as trocas, muda-se do princípio da solidariedade para o da valorização dos objetos e serviços: “Mas é tudo em troca, tudo por interesse.” (Adão). Desta forma, no que se refere ao mercado de trocas, tem lugar a dinâmica do se perde ou se ganha de acordo com o tipo de blefe, negociação e especulação envolvidos.

Se os cara te pedir pra fazer alguma coisa, nada é de graça. Ninguém faz nada de graça lá. Tem que dá, se não der os cara tiram umas ideia né. Às vez dá zica, não é todo mundo que você faz uma parada que te lança o giz certinho, daí os cara tiram umas ideia, conversa e acaba resolvendo. Mas já deu altos pancadão lá.” (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Tal como a fala acima demonstra, nem sempre as negociações são satisfatórias para uma das partes, podendo isso portanto, motivar conflitos e estratégias com o sentido de superá-los.

Ó, vamo dizer que... Uma hora os cara acabam trocando, memo se não tem pressão. É que geralmente os cara entram em choque, aí os cara não gostam quando um engana o outro na jogada. Os cara já vem falar. Tipo, entrou um veíno esses dias lá, com umas roupa boa, e tal, e um cobertor bão, tá ligado? Ai um cara: 'ó, vamo fazer um rolo aí?' E o veíno tava meio em choque né, nunca tinha entrado numa cadeia, cinquenta e poucos ano. Daí o cara disse: 'vamo fazer um rolo nessa manta aí, te dou mais dez giz e a minha?' E o veíno fez, tá ligado? O cara deu uma manta tudo destruída pro veíno. Um cobertor fedendo pra caralho, e o cara pegou um bem bom e botou só dez giz na mão do véio. Aí os cara foram lá: 'Tá ligado que isso vale mais né cara? Pode se coçar e pagar o véio aí! Vale mais duas carteira (de cigarro) por baixo! Pra nós não judiar de você! Pode se coçar em mais duas carteira e dá pro veíno. E, ó tio:, ele tá te devendo duas carteira! Pode cobrar dele e se não vier nós compramo a bronca!'. E disseram pro cara: 'Qual que é rapaz, o tiozinho entrou em choque aí e você vai limpar o tiozinho aí, ramucar (roubar) tudo que o tiozinho tem aí cara! Ele só tem isso aí rapaz! Preste atenção cara! Você tá dando mio! Dê duas carteira pro tiozinho e não faça isso mais. Senão você vai pras ideia! Aí o cara já ficou mais esperto. E daí pegaram o tiozinho e falaram: 'Ó tiozinho, o negócio é o seguinte: o senhor não é obrigado a fazer rolo com nada que o senhor tem aí, se o senhor quiser o senhor faz! Mas vai vim um monte de peão querendo lograr o senhor aí! E não vá com as ideia deles! Pode segurar as coisa que o senhor tem, se quiser fazer rolo com alguma coisa do senhor pode falar comigo aí, que eu arrumo rolo bom pro senhor! (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

O episódio narrado por Cazu, assim como as falas vinculadas à categoria de análise das trocas, contribuem para afirmar que este tipo de relação estabelecida

entre os homens detentos envolvem uma variedade multi-valorizada de objetos e onde estarão em jogo diferentes interesses e objetivos.

A conexão entre objetos e objetivos se coaduna com a discussão difundida acerca da homosocialidade proposta por Sedgwick (1985) e adaptada por Evers (2009) e Aitken (2012) como forma de dar inteligibilidade a construção de masculinidades a partir de suas interações espacialmente situadas. Sedgwick (1985) denomina como desejo homosocial masculino todo o espectro de padrões de amizades, camaradagem, privilégio, unidade fraternal, rivalidade e trocas econômicas envolvendo estritamente homens. Embora a homosocialidade tenha sido concebida para dar visibilidade a homofobia e ao machismo compreendidos apenas no âmbito da relação com as mulheres e a construção social do gênero feminino a partir da literatura, o conceito se mostra útil para refletir sobre as experiências masculinas e as formas de triangulação de desejos envolvendo os objetos com os quais os homens instituem contato, posse, sentimento de domínio e exercem especulação.

Numa troca dificilmente o objetivo compartilhado socialmente é o de sair insatisfeito e com a sensação de prejuízo. A troca pressupõe o logro como objetivo partilhado entre os presos e voltado à obtenção de objeto ou algo que necessita ou deseja, dando ao outro aquilo que não mais usa ou que entende como necessário trocar. Assim, quando ocorrem barganhas em que apenas uma das partes é favorecida, o objetivo do logro é dissolvido pela experiência, do mesmo modo que aqueles que atuaram no sentido da barganha se distanciam da conduta ética e objetivos desejados e compartilhados coletivamente para uma relação de troca. É neste sentido que os distintos interesses dos sujeitos incidem sobre a homosocialidade na construção e subversão de padrões de negociação e de referenciais de masculinidade definidas a partir de um ideal de equidade nas trocas.

O desejo homosocial masculino da equidade orienta as interações de troca entre os detentos, ainda que não impossibilite sua própria subversão através da barganha. Por outro lado, em relação aos alimentos, o que interpreto, a partir da análise que inicia a presente seção, é a representação de um desejo triangulado entre os detentos que incide sobre as demandas por alimentação segura e solidária.

Neste sentido, pode se afirmar que a normatividade, evidenciada através de um conjunto de normas voltadas à alimentação e às trocas entre os detentos do sexo masculino, é constituída pela negociação e triangulação de desejos compartilhados e situados no espaço carcerário.

A próxima seção cumprirá o objetivo de ir adiante na reflexão sobre a instituição do espaço carcerário paradoxal a partir do conceito de interseccionalidade.

### **3. Novas interseccionalidades: a diversidade de eixos de opressão e desigualdade na espacialidade carcerária**

Os resultados da análise e reflexão sobre a normatividade vinculada ao corpo, performances, interações ligadas a alimentação e às trocas possibilitam afirmar que os homens no espaço carcerário reconstroem suas masculinidades enredados num complexo jogo de interações e performances situadas. Estas podem se constituir como referenciais à contemplação de um desejo homosocial masculino, tal como propõem Sedgwick (1985), Evers (2009) e Aitken (2012) e que contempla um modelo ideal do ser homem encarcerado.

Conforme indicou a narrativa do grupo estudado, *a priori*, a idade, sexualidade, raça, classe ou outras categorias identitárias se evidenciaram como menos significativas para as interações da vida diária, do que a trajetória de 'caminhada limpa', a 'queda' e a assunção de certas práticas, corporalidade, performances e condutas éticas e morais respeitadas pelo grupo de detentos.

A diversidade de experiências cotidianas nesse espaço transbordaram da fonte de relatos de entrevistados, ao passo que as categorias sociais frequentemente mobilizadas para a compreensão e operacionalização do conceito de interseccionalidade se mostraram como patamares difíceis de se alcançar pelas entrevistas em profundidade. Dada uma relativa negligência nas respostas ou por configurar dado desimportante conforme condução da narrativa do grupo estudado, muitas categorias relacionadas ao conceito de interseccionalidade tomaram, portanto, lugar periférico nas redes de palavras analisadas.

E não tão nem aí pra quem você é, o jeito que você anda... O que importa mais é a caminhada do cara! Se você não é cagueta, se você não é jaguara

né mano! Agora, se você tem uma 'caminhada limpa'<sup>105</sup>, se você não é de patifaria, não faz o que os cara condenam. (Bull, entrevista, outubro de 2014).

Olhe, te conto aqui porque eu to ligado que é assim, não interessa se o cara é assim, assado, se ele tiver uma caminhada certa irmão, ele não passa apuro lá dentro. Só que se o cara não é humilde, chega e quer apavorar com os outro, toma no cú, tá ligado? (Anísio, entrevista, maio de 2014).

Essa seção explora a forma como o espaço carcerário reorganiza os sentidos dos eixos de opressão e constituem uma interseccionalidade situada. Desde o início do processo investigativo entendi como fundamental elemento de compreensão do fenômeno estudado a vivência da interseccionalidade, pois os sujeitos investigados demonstravam-me a impossibilidade de reconhecê-los desde uma perspectiva monolítica, dada a diversidade de trajetórias, identidades masculinas, práticas e performances que compõem o cotidiano carcerário.

A análise das categorias sociais relacionadas a interseccionalidade e das palavras que estão a ela relacionadas na rede geral de palavras, refletem falas de entrevistados que sugerem formas de opressão situacionais e controversas. A sexualidade como um eixo de opressão vinculado a heteronormatividade aparece vinculado a este aspecto evidenciado na análise de conteúdo.

Assim, são várias coisas assim que fazem o cara ser mais lá dentro, várias coisas, tipo assim, o cara que é gay, ele já não fica no meio de todo mundo, ele já vai pra outra ala, dificilmente ele vai ficar assim de boa no convívio, a não ser que ele sirva de cofre<sup>106</sup> pro pessoal, tipo se cair alguém com alguma coisa, ele vai ter que segurar algum celular ou alguma coisa assim, ou alguma droga, ele que vai guardar e daí pra que ele assuma a bronca, mas só se ele dá mio. Então, ele sendo de qualquer jeito ele é que vai, como que eu posso te colocar, ele vai ter que respeitar a hierarquia igual. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

O início da fala de Bob descreve que os detentos homossexuais têm espaço reservado na prisão, contudo que também podem ser aceitos nas galerias e celas de 'convívio' com heterossexuais se aceitarem colaborar com as estratégias criadas para esconder objetos, como é caso do 'cofre'. Entretanto, Bob também sugere que tal prática é realizada por alguns detentos homossexuais apenas se estes não respeitarem as normas estabelecidas pelo coletivo encarcerado. A fala de outro

105A expressão 'caminhada limpa' se refere à uma trajetória de vida ou na criminalidade respeitada pelo coletivo encarcerado.

106É chamado de 'cofre' o detento que, sob punição ou por colaboração, esconde na cavidade anal uma certa quantidade de drogas ou celular como estratégia diante dos 'confere', isto é, as revistas realizadas nas celas pelos agentes penitenciários. Tal prática, de acordo com os entrevistados, é geralmente efetivada por detentos homossexuais.

entrevistado sugere uma separação dos presos de acordo com sua identidade sexual, trajetória na criminalidade, classe e malandragem.

Tem a galeria das bicha, tem a galeria dos jaguara, galeria dos trabalhador, galeria dos malandro. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Embora a fala de Pavio ressalte essa organização das celas conforme as facetas identitárias dos detentos, a mesma interpretação não é compartilhada por todos os entrevistados. Numa das falas é possível verificar que a convivência entre sujeitos distintos em relação a sexualidade é negociada pelo coletivo encarcerado e que este exerce pressão sobre detentos homossexuais para que cumpram com um objetivo compartilhado pelos detentos héteros.

Teve um veado que uma vez os cara apavoraram ele, mas pra ser cofre, tá ligado? Só pra guardar o radinho<sup>107</sup> e uma 'pedra de galo de um verde'<sup>108</sup>. E o cara bem de boa, tá ligado, tirou uns fino<sup>109</sup> pra ele e ficou nisso, até eu também já servi de cofre pra isso e tirei um verde, mas sem crise, só ardeu depois e era pouco. Foda foi a tiração de sarro de uns dois dia os maninho me tirando<sup>110</sup> no X. Mas os cara passam bem lá dentro, se é veado ou não, mais que os metido a valentão que na teimosia querem judiar dos outros e se aproveitar do choque dos truta<sup>111</sup> e só mio, tá ligado? Esses é que tomam no cú de verdade, 'coxam na pancada'<sup>112</sup> e no 'xico doce'.<sup>113</sup> (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

O detento homossexual pode ser utilizado e, ao mesmo tempo, pode se utilizar da posição de 'cofre' quando objetiva a obtenção de maconha ou outra recompensa e este tipo de negociação, por sua vez, pode ocorrer independentemente da sexualidade.

Contudo, a frase "Teve um veado que uma vez os cara apavoraram ele, mas pra ser cofre, tá ligado?" (Lôco), tem o sentido da insistência e pressão psicológica exercidas sobre um detento homossexual para que assim ele o fizesse. O relato não deixa evidente que o detento gay fora ameaçado ou agredido. Pelo contrário, em

107'Radinho' se refere à telefone celular.

108O detento se refere à um envólucro contendo quantidade de maconha com valor estipulado em cinquenta reais.

109'Fino' é uma das formas com que popularmente usuários denominam um pequeno cigarro de maconha.

110'Tirar' alguém remete à 'tiração de sarro', 'escárnio' ou 'zombaria'.

111O detento recém chegado ou reconhecido coletivamente como inexperiente é denominado de 'truta'.

112A expressão 'coxar na pancada' significa agredir ou espancar individual ou coletivamente.

113'Xico doce' é uma das formas de punição instituídas pelos detentos e consiste em obrigar o detento que comete um erro ou vacila diante das normas a permanecer por um tempo (in)determinado com um objeto de madeira (geralmente é cabo de vassoura) inserido no ânus.

outra frase revela que o detento gay estava 'de boa' (tranquilo) e que fora recompensado. Qualquer tenha sido a insistência sofrida, revela o tipo de fronteira que homens mais apegados a construção e performances de masculinidade pautadas pela heterossexualidade compulsória, nem sempre, costumam atravessar. Tanto interpretado como tarefa, quanto uso compulsório do detento gay pelos presos héteros interessados na ocultação de objeto, uma parte da droga se evidenciou como recompensa ao autor. Isso não só reforça o argumento em curso de que a (o)pressão exercida pelos detentos héteros está vinculada ao eixo de opressão heteronormativo, mas o expõe no rol das táticas e estratégias incisivas e/ou ofensivas de negociação da interseccionalidade.

Por outro lado, a narração da 'tiração' como meio de compelir a suspeição ou reconhecimento coletivo de desvio ou subversão da heteronormatividade denota a recorrência do modelo da heterossexualidade compulsória no campo intersubjetivo da interação entre homens encarcerados. Isso pode ser afirmado se reconhecido que o corpo importa à construção de uma masculinidade que entrecruza outros eixos de opressão, dentre eles o que se liga a sexualidade. A punição denominada como 'xico doce', permite inferir que o uso do corpo pode ser interpretado levando-se em conta representações sobre uma performatividade associada ao modelo heteronormativo. Isso leva a afirmação desta faceta heteronormativa da construção da masculinidade como eixo de desigualdade em contextos de 'tiração' ou de emergência da necessidade partilhada de furtividade de dados objetos entre pessoas que constroem tanto identidades sexuais normativas quanto não normativas.

Também é possível afirmar, coadunando-se à reflexão acerca do conceito de espaço paradoxal proposto por Rose (1993b), que sujeitos cuja sexualidade e performances reconhecidamente não-normativas podem ocupar posição não tão marginal quando em analogia com a posição ocupada por homens heterossexuais, depois de visualizadas algumas performances, gestos e dizeres associados à valentia e à teimosia. Estes últimos podem ser compulsoriamente punidos, como é o caso dos episódios nos quais um objeto com formato anatômico e de madeira permanece inserido por dada cota de tempo no ânus de um detento tido como teimoso e/ou valente demais, conhecido no jargão como 'xico doce'.

A idade, como um eixo ou categoria identificada no desenvolvimento teórico do conceito de interseccionalidade, se faz também presente no discurso do grupo investigado. Ela se revela em contextos semânticos nos quais são mobilizadas palavras como 'piá', 'piação', 'tiozinho', 'senhor', 'velho' ('veíno', 'véio').

'Pode segurar as coisa que o 'senhor' tem, se quiser fazer rolo com alguma coisa do 'senhor' pode falar comigo aí, que eu arrumo rolo bom pro senhor!' Aí tem cara que já se esperta. Tinha cara que protegia assim, daí os cara já se espertavam. Tinha uns que não deixava ficar 'judiando', tipo um 'judiar' do outro assim. Um cara entra lá, tem um ou outro que faz assim: 'Ae, vamo 'judiar' desse um!' (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

A idade aparece relacionada à contextos e trajetórias distintas envolvendo detentos mais velhos. A primeira fala, cujo contexto fora também objeto de análise na seção anterior, refere-se a um detento mais velho num contexto de 'choque' e sob influencia da barganha numa relação de troca. A figura do sujeito de mais idade presente na fala é representada como estranha ao espaço carcerário, pois nunca havia estado ali. Nesse sentido, o desconhecimento acerca da rotina e interações próprias deste espaço destinou-o à posição de desfavorecido numa troca injusta. Entretanto, quando a tal troca fora percebida por outros presos com dado senso de justiça, o 'tiozinho' passou à posição de digno de proteção e empatia. Isso permite afirmar que a opressão ou alívio em torno da idade, no caso de pessoas mais velhas encarceradas, é interdependente ao modo como os sujeitos agem em dada configuração de suas interações pelo espaço carcerário. Assim como é interdependente de sua trajetória de vida e pretéritas experiências na prisão.

Por ser mais velho também, o cara que tá há anos lá dentro, que já tem um certo conhecimento também né cara! E se o cara não for humilde ele (...) é porque é o estilo de vida né cara, o cara que é acostumado a comer bem, fica trinta dias guardado, na triagem, aí não pode fazer nada, o cara que aí não é acostumado a dormir no chão, aí vai passar aragem né cara! Não é acostumado a dormir com um monte de gente junto, revesar cama, o cara 'putz, só durmo de lado, só durmo não sei o que'. Lá não tem disso cara! 'Ah não, eu gosto de assistir tal coisa, gosto de fazer isso ou fazer aquilo'. Lá não tem essa, lá a coisa é tudo coletivo! Não tem vaidade lá! E os cara ficam no choque, com certeza mano! Muitos caem em depressão né cara! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A idade, conforme se apresenta na narrativa dos entrevistados, aparece constantemente no cruzamento com outros eixos de opressão. No que tange aos homens mais velhos, uma importante faceta de constituição desses sujeitos é representada pelos entrevistados como 'experiência' e 'trajetória', sejam ligadas à

criminalidade e à prisão, quanto ligadas à ingenuidade e distanciamento daquilo que foi mais intensamente vivido por outros detentos.

Quanto a representação elaborada a partir da figura de homens jovens, popularmente reconhecidos como 'piás', se evidenciam elementos como a 'experiência' e a falta dela.

Agora tem cara novo aí que 'se bate'. (Anísio, entrevista, maio de 2014).

E é principalmente os moleque, os piá, tá ligado mano! E digo piá mano, porque você conhece cada um na caminhada que é foda mano! Tipo os cara quer se mostrar pros outros ladrão, daí quando o funcionário vem, não é que o cara não sabe agir na democracia, ele não quer, sabe? (Kunk, entrevista, setembro de 2014)

Ao mesmo tempo em que os detentos mais jovens podem ser associados com a inexperiência e, conseqüentemente, propensos ao erro, podem eles serem representados de forma diferente de acordo com suas trajetórias e, assim, também podem ocupar uma posição de centralidade nas relações de poder constituídas e instituintes da espacialidade carcerária.

Então, e o cara que é novo, se o cara for, tem cara lá que tinha, tinha cara de 20 anos que tinha 17, outro 30 crime nas costas. Então, piá que você não dá nada pra ele e ele já tinha matado dez, quinze cara na rua! Ninguém vai tirar uma farinha com um cara desses também né! Não tem nem como sair na discussão com um cara desse, pra ele te fazer (matar), ele não tá nem aí pra isso, ele tá cagando! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Nesse sentido, a idade se configura como eixo de opressão que tem significação para o detentos quando associado à trajetória do sujeitos e a das relações de poder envolvendo outros eixos de opressão próprios da criminalidade violenta. Nessa pesquisa, apenas a sexualidade, idade e masculinidade, como categorias sociais comuns aos estudos sobre a interseccionalidade demonstraram relevância na definição da posicionalidade dos sujeitos em diferentes configurações de poder e opressão.

A construção metodológica desta tese se estabeleceu com intuito de melhor entender um conjunto discursivo desestruturado e também de abarcar os desafios ligados a reflexão teórica demandada pela construção do objeto de estudo. Neste sentido, o processo de categorização foi conduzido de modo a possibilitar respostas sobre as representações que aferem negatividade ou positividade a dadas práticas, interações, performances, identidades masculinas e referenciais de masculinidade.



observadas nas seções anteriores, como é o caso das experiências e trajetória de vida e de relação com as práticas ilícitas que podem demonstrar descompasso com as normas disciplinares instituídas pelo coletivo encarcerado, incidindo sobre o acolhimento nas celas e galerias. Geralmente os presos recém chegados conhecem alguém e isso facilita a acolhida. Do contrário, esses sujeitos podem permanecer por tempo indeterminado em dormitório improvisado no corredor de uma galeria. Nesta permanência é fundamental que sua trajetória de vida e o saber constituído no decorrer dela sejam mobilizados para a constituição da empatia necessária ao acolhimento e uma posicionalidade favorável ou de alívio. Este aspecto é percebido quando se analisa a figura do 'cadeiêro'.

É foda pro psicológico! Tem cara daí que se caga de medo. Tem cara que é cadeiêro véio né, cara que tá cansado de cair na cadeia. Cai todo ano e já sabe como é que é, e daí já entra cumprimentando todo mundo. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Em relação às trocas que formam uma economia peculiar estabelecida entre os presos e que envolvem qualquer bem durável ou não durável, as normas próprias deste tipo de negociação resultam em valores como a equidade, sendo condenável o favorecimento de um mediante opressão do outro. Vedada a troca de um alimento por algo que não seja estritamente outro alimento, com exceção do chocolate que, enquanto artigo considerado supérfluo, pode ser trocado por cigarros. Essas e outras normativas tendem para afirmação de certas performances, valores e significados como referenciais na condução da vida diária pelo espaço carcerário. Logo, na medida em que os detentos agem e interagem por este espaço em direção à contemplação ou ao desvio de tais normativas, ocuparão posições distintas nas relações de poder e no sentido da própria instituição deste espaço como paradoxal.

Considerados de grande importância à sobrevivência dos presos, os alimentos não são tomados como objetos passíveis de especulação, senão permutados pelos critérios da equidade e solidariedade. Alimentos que recebem semanalmente na provisão enviada por seus familiares, denominada como 'sacola', devem ser compartilhados com todos os presos de um cela evitando que um ou outro venha a sofrer com a fome ou doenças diante da má qualidade da alimentação disponível pela instituição prisional, bem como de sua insuficiência em dadas situações de má gestão dos recursos financeiros repassados à mesma. Este

elemento fundamental aos rumos da vida cotidiana, pode ser interpretado a luz da complexidade que envolve o espaço paradoxal e a emergência intercalar de contextos de opressão e solidariedade. Esta evidência toca a dimensão política da instituição do espaço carcerário, onde sujeitos, independente das posições variadas em relação aos eixos estruturais de opressão, precisam de comida e, para isso, formularam e legitimam constantemente uma resolução política sobre a alimentação e seus principais eixos ('sacolas', permuta, 'recorteiro', performances, limpeza, higiene, etc.). Tal elaboração e condução política de diretrizes à vida diária resulta de negociações que incidem sobre a interseccionalidade e a vivência na encruzilhada de eixos estruturais e situados de desigualdade e opressão.

Há também um conjunto de normas que regulam as performances corporais dos presos, dentre as quais não devem andar sem camisa ou com roupas curtas em dias de visita, nem fitar diretamente mulheres visitantes. Devem os mesmos desviar o olhar de modo a evitar qualquer possibilidade de conflito com presos enciumados ou possíveis constrangimentos, principalmente das esposas, mas a norma serve às mulheres visitantes em geral. A regulação das performances corporais envolve não passar pela frente de outro preso quando este estiver se alimentando, ou em qualquer momento, sem o obrigatório pedido de licença e após resposta favorável à passagem que se expressa coloquialmente pelo: "vai que vai" ou "vai que vai irmãozinho".

A normatividade masculina estabelecida coletivamente toca performances, gestos, olhares e dizeres dos mais sutis, diversos e situados contextos na instituição de um espaço produzido através de negociações em torno do ir e vir, do estar ali e sua perspectiva. A existência cotidiana em meio a esta complexidade evidencia que a posicionalidade dos sujeitos é plurilocalizada e multidimensional. Um exemplo disso é o modo como o flerte em dias de visita é representado pelos entrevistados. Fazer tal 'corte', pode ser imaginada como deleite ou autoafirmação da capacidade de conquista do praticante, ao mesmo tempo, galanteio visto como condenável por outro(s) que o(s) sentenciam(m) ao espancamento ou à morte.

Um importante elemento para a reflexão aqui estabelecida está ligado às normas disciplinares que envolvem a necessidade do preso acordar muito cedo e no mesmo momento em que despertam seus pares de cela. Também, a de manter a

'cara lavada' após acordar, de tomar banho todos os dias e, principalmente, depois de evacuação. Há também a norma que proíbe os presos de encostar-se em outras camas, em móveis e na parede quando sem camisetas. Revelam, antes de mais nada, dispositivos disciplinares que orientam o coletivo encarcerado ao cuidado para com o corpo, seus fluídos e excrementos, ao controle ou às cobranças coletivas e, ainda, à punição. É neste sentido que a escala do corpo e as performances podem ser pensadas na composição de eixos de desigualdade, opressão e da própria vivência interseccional do grupo estudado.

Fazer diferente do que tal normatividade sugere influencia na elaboração de representações negativas acerca da condução da vida cotidiana dos homens encarcerados. As normas evidenciadas acima ainda não contemplam a totalidade das que já foram instituídas pelos presos na espacialidade carcerária e da qual outras serão evidenciadas adiante. Contudo, indicam a necessidade de uma orientação teórico-metodológica sobre o conceito de interseccionalidade que releve as experiências concretas das pessoas investigadas e a complexidade de suas interações na instituição espacial. No caso estudado, algumas experiências estão ligadas às categorias identitárias e de análise frequentemente selecionadas pelo conjunto de estudos da interseccionalidade, entre elas a idade, a sexualidade e a masculinidade. Entretanto, de acordo com as narrativas dos entrevistados, elas se configuram como menos significativas à definição de eixos de opressão, frequentemente instituídos através da contestação de algum componente da normatividade masculina instituída pelo coletivo encarcerado.

As normas estabelecidas ao convívio carcerário, as estratégias de organização coletiva e as práticas cotidianas desalojam o horizonte de reflexão binário presente em algumas formas de seleção ou adição de elementos identitários como gênero, raça, classe, idade e assim por diante. Ao mesmo tempo, mobilizam a reflexão acerca das experiências concretas, das performances masculinas, do corpo e de constituição de uma biopolítica e formas de negociação autônomas e vinculadas ao governo pessoal e coletivo da sobrevivência, da saúde e da convivência. Tais experiências contribuem na constituição de outros eixos de opressão e desigualdade, mas também de organização coletiva, solidariedade e de luta política que são próprios da espacialidade carcerária.

A construção de uma masculinidade valorizada pelos entrevistados, que se liga a esse raciocínio, está enredada num conjunto multivariado de práticas, performances, tipos de interação, trajetórias e as significações atribuídas sobre estas pelo coletivo encarcerado.

Além das palavras visíveis na rede referente a negatividade vinculada a masculinidade e interseccionalidade e que já foram analisadas, as palavras que demonstraram maior frequência e intensidade de relações com as demais são: 'vacilo', 'homicídio', 'treta', 'caguetagem', 'crocodilagem' e 'duque'.

O 'vacilo', comumente chamado de 'mio' pelos entrevistados, se refere aos mais variados tipos de práticas, performances e interações envolvendo estritamente detentos, mas também, os agentes penitenciários que destoam do que a normatividade preconiza.

Não adianta! Você sempre vai tá no erro né mano, e na cadeia a pior coisa que tem é você tá no erro mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014)

Tanto que se houver agressão entre, entre pessoas lá dentro eles vão ter que se explicar porque e vai ter cobrança né. (Bob, em entrevista, setembro de 2014).

Dentre os 'vacilos' mais comuns estão as eventuais agressões ou vias de fato com justificativa banal. Interessante notar que ao contrário das experiências comuns de agressão serem fundamentais a construção de uma masculinidade viril, cuja capacidade de exercer a violência demonstre poder de causar dano à outro homem, isso considerando a trajetória de vida e de atividades ilícitas dos detentos, tais experiências passam a ser objetos de veto e punição no interior do espaço carcerário. É possível afirmar, portanto, que a figura de um homem propenso aos atos violentos, que incide sobre a masculinidade construída pelo espaço urbano ou através das inúmeras e variadas relações externas ao presídio, passa por uma reconfiguração quando da vivência pelo espaço carcerário. Outros comportamentos, performances e diálogos mais sutis seguem a mesma tendência de reconfiguração devido imposição de um processo disciplinar ligado a normatividade e diferentes dispositivos de punição.

Daí um belo dia esse cara aí tava lá, daí ele falou um monte de besteira lá, prum piação, sabe? Daí eu olhei e pensei, olhe só o tipo desse cara, isso não tá certo, ah ele vai ver, agora vou ferrar com esse cara. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Neste sentido, até o falar sobre dado assunto que não agrada determinados presos é entendido como algo negativo diante do que é socialmente aceito pelo grupo. Dentre as formas pelas quais o 'mio' ou erro se apresentam no discurso dos entrevistados, também se evidencia a relação com os agentes penitenciários.

Pra não causar nada, não conversava com os funcionário, não conversava o desnecessário. Que é isso que os cara não gostam. Do tipo, de falar: 'ô cara, como é que tá? Que tal? E aí?' Já rolava de outros vir e chegar dizendo 'Porra cara, isso é mio que cê tá dando'. Eu ficava neutro ali sabe? Não xingava, não falava muito, também não conversava com os funcionário, é claro. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Os duque<sup>114</sup>, os cagueta<sup>115</sup> até os playba que não flagra a quebrada e quer fazer o que quer lá, sofre. Só que os playba não é por ser jaguara, é por que dá muito mio, tratam bem os funcionário. Os cara já fala assim ó: 'vai servir um cafezinho?', 'O cara te tranca tudo dia aí, vai lá e bate uma pra ele então!<sup>116</sup> E é assim irmão, deu mio os cara já cobram ali e daí ninguém mais faz, tá ligado. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Dar atenção desnecessária ou estabelecer diálogo cortês ou fraterno com os agentes penitenciários são considerados como faltas graves pelo coletivo encarcerado e, conseqüentemente, esse tipo de comportamento é tratado como negativo pelo mesmo. Outro tipo de prática que é negativada pelo coletivo encarcerado é a realização de determinados tipos de trabalho como forma de redução de pena.

Porque quem trabalha lá dentro da cadeia, os ladrão que trabalham, são tirado pra nada, porque os cara tapa buraco que os ladrão faz, os cara soldam a grade, se precisar né mano! Os cara fazem esse serviço, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

E... É enxergado, os cara lavam a viatura dos hóme (policiais), é essa fita mano! (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Todo trabalho que envolver manutenção, limpeza ou reforma do espaço carcerário, assim como contribua para instituição prisional ou ao efetivo e estrutura policiais é condenado pelos presos e reflete uma das práticas representadas de modo negativo por eles. No entanto, alguns entrevistados consideram que determinados erros ou vacilações derivam da inexperiência de alguns presos com o espaço carcerário e a criminalidade.

114'Duque', 'duque 13' e 'duque 14' são termos utilizados para denominar um detento condenado por estupro.

115Delator.

116'Bate uma pra ele' é expressão que diz respeito a masturbação de terceiro.

Jurão é aquele que não sabe de nada, um pai de família vamos supor, aquele cara que nunca conheceu, que não tá envolvido na malandragem. Esse é o jurão. Só que desde a hora que ele entra lá dentro, ele pode se tornar um marginal, por que o próprio sistema lá dentro oferece pra pessoa a entrar e conhecer. Cheguei lá e não conhecia nada, então eles olhavam pra gente e achavam que a gente era criminoso e bandido que nem os outros caras, mas tem diferença, tem uns que é malandro, tem uns que é jurão...Ninguém é, que nem eu falo, 'de tudo mundo tem que não é bandido', por que tem umas pessoas que vai aqui da rua é jurão sabe, mas que lá é o crime, uma faculdade do crime, a pessoa entra lá e aprende. Daí irmão, quando você sair você vai pra tal galeria aí... a galeria dos jurão. Então é tudo separado. Os cara dá uma força, quando a pessoa sai, já vai lá pro meio dos cara, por que chega lá tá sendo bem recebido. Então você vai 'correr junto'<sup>117</sup> com os cara, igual. Se acaso der um resvalo, é cobrado. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Desta forma a figura do Jurão se encaixa aos sujeitos que devido a inexperiência ou disfunção para com a criminalidade são reconhecidos como aqueles que demandam um dado período de adaptação e disciplinarização. A prisão também pode ser chamada de 'faculdade', pelo fato dela exprimir um tipo de disciplinarização conduzida pelos detentos, capaz de transformar os 'jurão' em homens apegados e conscientes às coisas da criminalidade, ou, apenas, à normatividade masculina do espaço carcerário. Esse processo disciplinar é instituído a partir do veto à práticas e performances que remetem a 'crocodilagem', 'caguetagem' e estupro.

O cara não vai entregar, caguetar vocês porque ele é jurão, mas porque ele não tem alternativa, porque ele não sabe e não tem como escapar, a polícia vai usar a psicologia da cabeça dele pra fazer vocês se foder e ele vai entregar vocês sem saber, vocês querem mais cagueta aqui', porque os cagueta tem que sair de lá, sabe? Então os cara já falavam: 'você pode fazer de tudo aqui, só você não pode caguetar (delatar) nem estuprar'. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Um veíno cara, estuprou a neta de sete ano, a neta dele ainda! Ah, os cara não perdoaram cara. Arreentaram o véio de bordoadá, bateram feio. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

A punição exercida pelos presos aos condenados por estupro reforça a ideia que o tipo de crime e a 'queda' possibilitam uma posição marginal nas relações de poder envolvendo os demais detentos. No próximo capítulo, outros tipos e contextos de punição aos 'duques' e aos delatores serão melhor interpretados. Por ora, é importante destacar que tal crime e prática são representados de forma negativa pelo grupo estudado.

<sup>117</sup>A expressão 'correr junto' se refere à agir em parceria.

A delação, enquanto outra prática condenada, está muito presente na narrativa analisada.

Eles me disseram 'foi esse cara ali ó, que cagueta.' E eu, ah, deixe esse cara pra lá, e os cara cutucando, vai ter bronca com esse cara aí. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Jaguara são os cagueta, cagueta é os jaguara! E daí tem aqueles outros que não convive por que as vezes é boca dura, sabe, tudo que você vai falar com o cara, o cara 'não cara, vai se fuder', o cara é mais isolado assim sabe, o cara quer ser mais cocozinho na malandragem mesmo sabe, quer ser mais cocozinho ali o cara já fica separado também, fica lá na galeria dos playboy por exemplo. Aí ele já (...) cagueta pra se beneficiar. Os mais fraco que não tem dinheiro ou tem, conforme a atitude do cara é usado pra combater ali dentro mesmo, por que ali dentro é como eles chamam o jaguara, o cagueta que nem existe aqui na rua. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Outra palavra que designa a faceta da trajetória dos presos e cuja representação elaborada ressalta aspectos negativos tem a ver com o que os presos denominam de 'patifaria', 'crocodilagem' e que resultam na nomeação de alguns sujeitos como 'jaguaras' e/ou 'pilantras'.

Porque lá na mesma hora que você tá conversando com o cara, as vezes você fala um baguio que o cara não gosta, o cara não tem coragem de te matar na hora ele vai lá e arma um esquema, 'faz a casinha'<sup>118</sup>, conversa com os cara tudo certinho e quando você vê você leva facada e nem tá sabendo. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Pilantra se mata cara, ele mesmo encontra o dele, mas vou me sujar a toa! E eles: 'Mas que que vai fazer com esse cara?' Aí tem os cara que se infiltram, o chamado pilantra, sabe? Se infiltra ali, até que os cara descobrem. Antes acontecia a troco de benefício né. Ia lá, o funcionário ou o carcereiro dava uma regalia pra ele, sabe. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Os contextos em que as palavras 'pilantra', 'jaguara' e 'cagueta' emergem na narrativa dos entrevistados revelam uma aparente ambiguidade em torno dos termos. Todavia, o aspecto ambíguo dessas palavras enfatizam sua representação negativa que se apresenta sob uma diversidade de atributos e práticas os quais os homens encarcerados não devem se apegar. O que é periférico, porém, não menos importante na elaboração de representações sobre o aspectos negativos das

---

118'Fazer a casinha' ou 'armar a casinha' são expressões que indicam armadilha, ato de passar a perna, realizar tocaia ou ato de arquitetar plano contra alguém e podem ser manifestações do que os detentos entendem como 'crocodilagem', 'patifaria' ou de ações de sujeitos denominados como 'jaguaras' ou 'pilantras'.

práticas e performances é a justificativa acerca da organização e negociação da convivência no cárcere.

Que também é a organização dos próprio preso de não poder existir roubo de qualquer coisa lá, tá ligado? Os cara tem que criar uma lei dentro da própria lei, né mano? Eles tem que ter as regra deles, tipo de não ter estupro, roubo, treta por nada e um monte de coisa mano! Se você for vê em detalhe é tanta regra, de coisa que você pode ou não fazer, pra não dá mio e ser cobrado na 'voz' depois, que dá pra encher um caderno, tá ligado mano! Mas a maioria mano, pra te falar bem a verdade, a maioria mano, eu corcordo, com a maioria delas, se não for todas. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Se o desrespeito as normas vinculadas a organização coletiva é representada através dos aspectos negativos das práticas dos homens, o seu respeito, está ligado aos aspectos representados como positivos e assimilação das normas constituindo o resultado esperado ao processo de disciplinarização construído e conduzido autonomamente pelos detentos.

E é assim irmãozinho, se você fizer o lance do jeito certo, não dá nada, só não ser pau no cú, tá ligado? Não caguetar, não moscar<sup>119</sup> e ficar de boa sem apavoro com ninguém por causa de nada, aí não tem crise. (Anísio, entrevista, maio de 2014).

Tipo, aí todo mundo respeita assim, tipo ninguém sobe na tua gaiada, mas quem tá no sofá de vagabundo, tem que ficar quieto, tem cara que não gosta, mas se ele tá ali tem que deixar os cara ficar. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

O cara não pode ser, vamo supor, ele não pode ser um sujeirão, ou dá mio, que só cagueta os cara. Mas agora, se você não cagueta e não atrapalha e não agita, né. Eles te dizem 'ó, siga teu rumo cara'. Se você é um cara bom, às vez mesmo de, que tão em um, tão em um presidio, as pessoas aí que (...) que não entende o que que é, daí quando tão lá que ele vê. Se você não ajudar e não 'estrovar' (atrapalhar), você não é ninguém, mas é um ninguém que não é visto, sabe? Perante o crime né. 'Quem é aquele cara?'; 'Não, aquele cara alí é um coitado, um ninguém'. Se você é um cara que não fez nada pra ninguém, né, você é um, vamo dizer, é um cara merecedor. Então, daí você sendo um cara merecedor você vai tá a par das coisa, do que tá rolando ali. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Os aspectos evidenciados pelas falas acima compreendem uma série de atributos e conteúdos ligados ao processo de disciplinarização dos detentos. Outros relatos evidenciam com mais ênfase este processo, mas que ele não é experimentado da mesma maneira pelos detentos.

Mas os cara já tão esperto, ninguém dá mio assim, de fazer cagueta e coisa errada. Os cara já sabem que tem que passar ali e tentam passar

---

119'Moscar' é termo sinônimo de 'mio' e, portanto, representa 'vacilar'

camuflado alguma coisa, mas não passa, não tem jeito. (Cazu, entrevista, outubro de 2013)

Só foram zica (implicantes) comigo no começo, até eu flagrar como que a coisa rolava lá dentro. E aquela letra né mano, eu cheguei e fiquei só no sapatinho, tá ligado? Fui vendo o proceder ali, só observando e escutando os cara, acordando cedo e entrando no esquema. Olhe cara, tem aquele negócio né mano, se você chegar no lugar e não dá nenhum mio, tá ligado? Não é vacilão e trata todo mundo igual e com respeito mano, não é na cadeia que você vai se foder não, tá ligado? E não tem essa, que nem esse lance de ter uns jurão lá, os cara que ficam se fazendo, tá ligado? Que às vez até sabem que se eles fizer alguma ali, de patifaria ou de descuido mesmo, vai dar pancadão! Então, é aquelas coisa que a gente já fica sabendo, só de flagrar a cena, que se fizer vai dá treta com alguém, uma discussão que seja. Então você não faz! O que eu peguei mais dali foi isso, tá ligado? De trazer comigo assim, foi isso né mano. (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

Eu fui condenado há um tempo X e deu esse tempo X, e sem eu perceber eu saí. Mas porque que eu saí, porque eu cumpri uma norma, uma regra. Isso é normal.(Adão, entrevista, junho de 2014).

A espacialidade que aparece com maior frequência na descrição de ações e contextos que representam aspectos negativos da experiência na prisão é a cela. Esta espacialidade é associada pelos entrevistados a uma casa em que familiares vivem com diversas responsabilidades, sintonia ou problemas de convivência,

O X é uma casa, aqui é uma casa né, então você ajuda aqui, aqui dentro é uma família, não tem que ter briga nem problema, o problema é se você incomodar na casa! Não brigue, não traga problema pra tua casa, porque se eu sou tua família eu vou ter que comprar aquela bronca e daí você vai trazer problema pra tua casa, às vez você que tá errado, e daí? Então o lance é: não procure fazer nada de errado porque nós aqui, aqui ninguém, todo mundo quer sair. (Adão, entrevista, junho de 2014)

Pelo menos eu, não vi ninguém assim, tipo de ir contra as coisas que é do coletivo, pra manter a casa em ordem né mano. Cara, uma coisa que eu aprendi que, assim: cada barraco mano, tem sua sintonia entendeu? Cada lugar tem um modo de se organizar, diferente do outro, nenhum barraco é igualzinho ao outro, porque vai mudar todos os mano, vai mudar aquela espacialidade ali mano, então vai se organizar diferente entendeu?(Kunk, entrevista, setembro de 2014)

A cela é uma espacialidade interpretada pelos presos como análoga a uma casa formada por uma família. Sendo assim, deve o habitante da casa respeitar todas as normas de convivência ali estabelecidas para não ter problemas com a 'família', caso desestabilizar o convívio entre 'irmãos' desta espacialidade. Ao mesmo tempo, as interações que instituem a espacialidade da cela podem manifestar (diss)sintonia conforme os diferentes modos pelos quais as práticas, performances e as próprias interações são efetivadas.



A palavra 'caminhada', no entanto, novamente se evidencia como um importante elemento na configuração da posicionalidade dos sujeitos entre diferentes eixos de opressão e desigualdade presentes na prisão.

A sorte mesmo que eu tive, foi que os cara sabiam da minha caminhada quando entrei lá, eu fiquei num X que o Pinha era fio da véia que vendia umas brita (crack) aqui na vila Bosque<sup>120</sup>, ele já me flagrava da rua, tá ligado? (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Só de você ver, pra mim os cara não precisavam nem falar eu fui entrando no esquema só de ouvir e ficar trocando ideia, de boas mesmo. Tipo, de conhecer uns maluco, e se eles tão ligado na qual que é da tua caminhada, que você corre junto nas mesma quebrada e que não é de patifaria, você ganha a cena ali sem nada demais, e os cara te respeitam e tem que respeitar eles. Tá todo mundo na mesma merda né mano! (Red, entrevista, agosto de 2013).

Os detentos demonstram que a 'caminhada' é item pessoal essencial à ser revelado aos seus pares conforme um núcleo representacional baseado na realização de ações e experiências respeitadas pelo coletivo encarcerado, cuja atribuição de significados se relaciona ao universo da criminalidade e aos valores construídos a partir das experiências no espaço carcerário.

Algumas dessas experiências envolvem a resistência à tortura exercida por policiais com objetivo de obter informações mediante delação.

A polícia te tortura! Passei por muita violência policial por que eu era, era, eu era marginal mesmo! Eu não me entregava, eu tinha orgulho de, sabe? Era uma burrice de piá, aquela valentia boba, é, tipo, tinha orgulho de chegar me achando do tipo não tem pra ninguém, não tem pra esses cara. E voltava moído, não caguetava ninguém e era muito torturado! Minha vontade era de entregar todo mundo, sabe? Mas aguentava ali, firme, mais um pouco, mais um pouco, mais um pouco e (...) passava, sabe? Então eu era assim e xingava os cara e falava bosta e até que eles viam que já não adiantava mais me bater. Chegava uma altura que eles já não batiam mais, falavam: 'deixe esse cara aí'. Só judiavam mesmo, porque sabiam que não ia falar, aí eles eram tipo: 'não perca tempo com esse cara aí, bata só por bater mesmo, que esse, não fala nada!' (Adão, entrevista, junho de 2014).

Lá, de cara assim ó, os irmão já me deram uma jega assim e foi por causa de assumir o doze (tráfico) sozinho, tá ligado? O camarada meu que não caiu tava, num sei se, tipo o cara não confiava, ficou naquela de que eu ia caguetar. Mas nem rola, não sou de patifaria. Daí, depois que os irmão do X me contaram do pipo<sup>121</sup>, ele mandou na hora que eu tava na triagem, só que tipo, os cara já sabiam do B.O. e de tudo. Como eu não caguei o cara fortaleceu a minha lá com os irmão. (Red, entrevista, agosto de 2013).

---

120 Nome do local é fictício.

121 'Pipo' é mensagem escrita.

Ter integrada à 'caminhada', experiências respeitadas pelo grupo de detentos que convive na prisão, possibilita ao detento uma posição favorável diante das relações de poder e da negociação implicada pelas normas e estratégias de controle sobre as práticas, performances e interações que instituem o espaço carcerário. Outros elementos que agregam valor positivo à 'caminhada' dos presos podem ser identificados através de boas relações, que é demonstrada acima, mas também presente na frase seguinte:

Porque se você tem que ter algum cara influente ali que te dê uma ajuda ou um conhecido que todo mundo respeite. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Outro elemento periférico, que não incide estritamente sobre a trajetória ou rede de relações, mas que implica em posicionalidade favorável nas relações assimétricas de poder, opressão e desigualdade é a força física de alguns detentos:

Porque o cara era muito ninja, o cara era ninja, sabe? O cara não tinha, ele caminhava pras parede assim. O dia inteiro dele era só físico, físico sabe? Essas parte da mão dele assim era tipo uma tabua assim, ele só treinava na parede. Daí tinha um maluco lá, o João da Macumba que era um cara, um 'patolão' (grande e forte). (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Não obstante, não há outros atributos que elevem mais o sujeito em posicionalidade nas relações de poder vivenciadas no espaço carcerário, e que difunde simultaneamente medo e respeito entre os detentos, do que a trajetória e posição que o detento ocupa no mundo da criminalidade descrita a partir de relatos sobre seus atos mais cruéis.

Quem se envolve assim, o cara tem que tá muito ciente do que tá fazendo senão já roda. Muita cobrança de vida mesmo né. Os cara lá de dentro dizem: 'Ó, o cara não pagou pode eliminar' e não sei o que e tal, daí chega no dia de visita os cara vem e 'ó mandei o cara matar e o cara matou, cortou o pinto e pôs na boca do cara ainda' e não sei o que e 'era só pra ter eliminado e não ter feito isso' e não sei o que. Mas falando como se tivesse falando de vídeo game assim. Ou sobre um jogo de futebol, sabe? Como uma coisa normal. E dando risada assim. E daí o cara que fez isso foi cobrado e depois ele teve a resposta. (Bob, entrevista, agosto de 2013).

A partir da análise empreendida com o intuito de dar visibilidade e refletir sobre as geometrias de opressão e desigualdade que compõem o espaço carcerário, é coerente afirmar que a seletividade de categorias sociais prestabelecidas fazem parte da definição de diferentes posicionalidades e eixos de opressão, pois derivam da mobilização de facetas identitárias ligadas a juventude e

sexualidade. Entretanto as formas de opressão vivenciadas também derivam dos significados atribuídos sobre um conjunto de ações, performances e interações sob o crivo da normatividade masculina envolvida ao emaranhado e complexo espaço carcerário paradoxal.

A proposição de Nash (2008), bem como as demandas do trabalho de campo e metodologia qualitativa que compõe a construção do objeto de estudo apontaram para a operacionalização do conceito de interseccionalidade sem derrocar numa simples adição de atributos ou categorias, mas a partir da complexa intersecção constituída pelas experiências concretas e que se apresentam na narrativa do grupo estudado. Assim, se buscou evidenciar e afirmar que os eixos de opressão e desigualdade dialogam com categorias como a sexualidade e a idade, mas também tomam lugar outros atributos, perfis identitários, trajetórias e a assunção de performances e comportamentos respeitados e valorizados no contexto do grupo. Isso se expressa na nomeação de alguns detentos como 'jurão', 'cagueta', 'jaguara', 'pilantra' e na emergência de termos que denotam posturas condenadas, como a 'crocodilagem' e 'patifaria' e demais práticas desaprovadas pelo grupo na instituição do espaço carcerário. Deste modo, as práticas, performances e interações estabelecidas pelos detentos compuseram o fio condutor dessa seção e, além disso, afirmaram o lugar que as experiências concretas podem tomar na interpretação da espacialidade e da intersecção de facetas identitárias e performances na composição da vida cotidiana e de uma diversidade de eixos de opressão e desigualdade constituídos pelos homens encarcerados.

Sobre os desafios de operacionalização do conceito, McCall (2005) também sugeriu levar em conta a diversidade de contextos e espacialidades em que se configuram variadas formas de opressão e desigualdade e explorar em profundidade a natureza das interações entre os sujeitos investigados e que dão visibilidade à esta diversidade de eixos de desigualdade e opressão. O processo investigativo se inspirou nessa ideia de imergir no contexto social e cultural das interações cotidianas do espaço carcerário investigado e, a partir da construção teórica e metodológica, manter-se coerente com a complexidade ligada a este contexto e, enfim, propor uma forma de inteligibilidade do fenômeno em questão a partir da reflexão sobre a interseccionalidade.

A próxima seção deste capítulo incidirá sobre os contextos de emergência das experiências dos homens e da construção de masculinidades como importantes elementos de reflexão e apreensão do fenômeno investigado

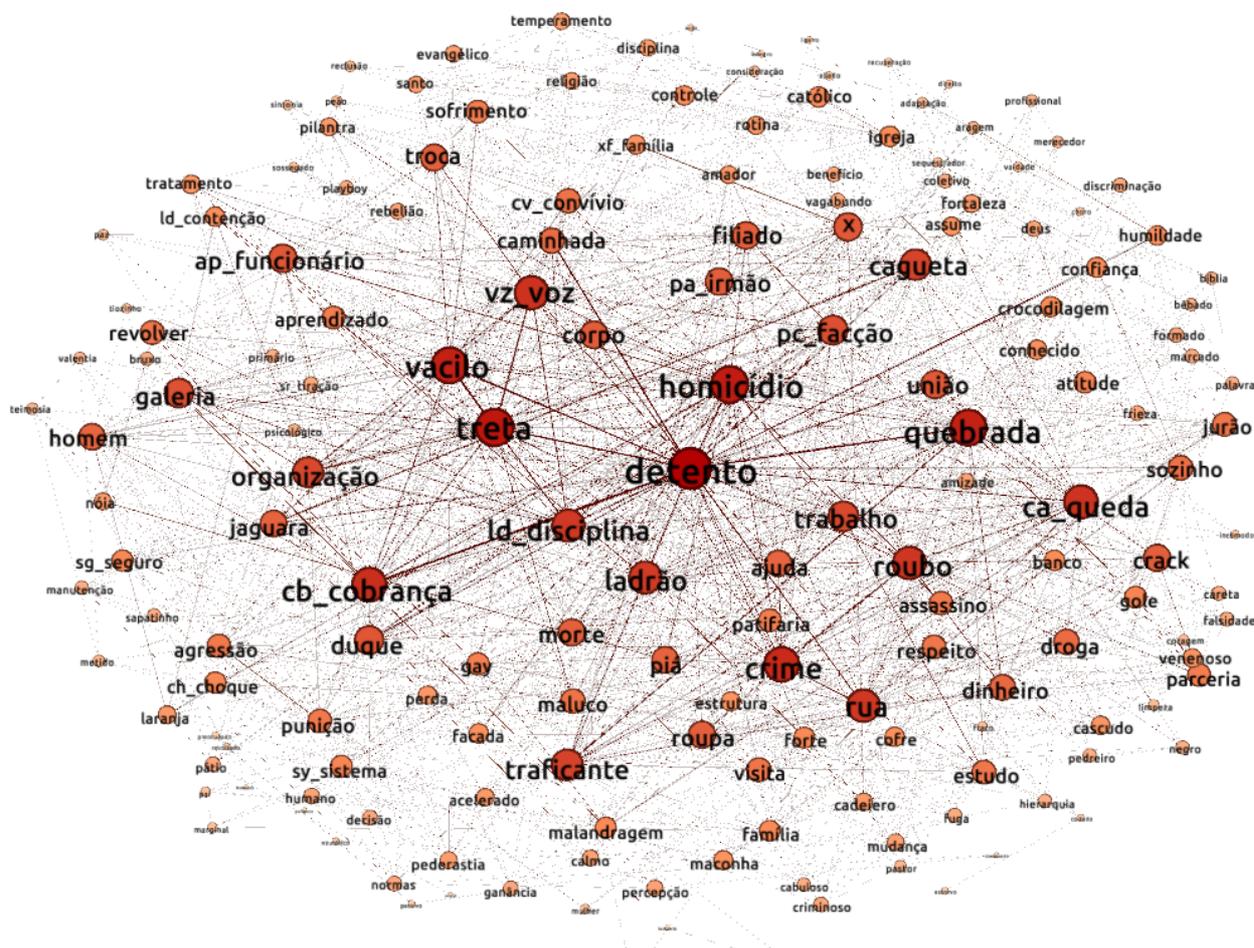
#### **4. 'Sujeito homem': a construção de masculinidades no espaço carcerário**

O enunciado construído acerca da normatividade masculina constituída através do cotidiano no espaço carcerário, que dá o tom de uma das questões específicas de minha pesquisa, está assentado sobre a consideração de que as masculinidades podem ser interpretadas, tal como propõem Van Hoven e Hörschelmann (2005), a partir de um complexo amálgama de práticas, performances, significados e valores situados no tempo e espaço. Além disso, a normatividade masculina do espaço carcerário é reflexo e condição da vivência da interseccionalidade regida pelas interações e negociações entre um grupo de pessoas diverso em relação a sexualidade, idade, força física, corpo (saúde, fluídos e excrementos), trajetórias e *status* diante da hierarquia ligada ao crime ou a própria organização coletiva na prisão. Em meio a diversidade de eixos de opressão que a interpretação deste espaço revela, também é possível visualizar (e refletir sobre) os contextos em que o ser homem aparece na narrativa dos entrevistados e as tendências de sentido que a ele estão vinculadas.

Para isso, a presente seção tem como objetivo analisar a rede de palavras referente a categoria de análise 'masculinidade' e as falas que refletem o contexto em que a palavra 'homem' ou seus referenciais são evocados. Tal exercício compõe a estruturação de um modo de compreender a normatividade masculina constituída no cotidiano carcerário a partir da análise sobre a construção de masculinidades.

Como fora abordado anteriormente, o corpo, às performances, práticas e interações respeitadas ou contestadas constituem-se em referenciais à condução da vida do ser homem na prisão. Por isso, a seção que segue tem o intuito de verificar em que contextos o ser homem ou as masculinidades importam ao cotidiano do cárcere na composição da normatividade e interseccionalidade.

Figura 27: Rede de Palavras – Categoria de análise ‘Masculinidade’



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

Dentre as palavras que constituem a rede acima, ‘detento’ se configura como polo principal das relações estabelecidas com as demais. O que indica a presença de forte elemento identitário. Em seguida, as palavras ‘treta’, ‘homicídio’, ‘vacilo’, ‘quebrada’, ‘crime’, ‘cobrança’, ‘voz’ e ‘queda’ apontam para os contextos em que certas definições ou referenciais ao ser homem tomam lugar no discurso dos entrevistados.

Daí, o seguinte, as vezes tem uns cara homem que chegam e dão uns mio né, é cobrado as vezes com a morte, com a vida do cara, só a vida mesmo. Só que tudo é colocado numa balança, as vezes o cara pode falar, ‘não, se é briga de rua, vai cobrar na rua, aqui na cadeia não, só que é o seguinte, vai ficar separado, você vai pra tal galeria pra não se trombar, pra não ter problema’. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

O ‘cara homem’ o qual se refere Pavio é justamente aquele representado como alguém que pode cometer erros, mas que será devidamente questionado,

cobrado ou punido por causa deles. Como é o caso de um conflito da rua e preestabelecido com outro detento, mas que preservou resquícios e influenciou sobre a convivência no espaço carcerário, como exposto no relato. O contexto de resolução de um conflito, a partir da negociação com o coletivo encarcerado, também se faz presente na fala de Pávio acerca da medida de distanciamento entre detentos que cultivam inimizade ou desavenças. Assim, a construção da masculinidade se evidencia como associada a capacidade de mediar, contornar e aceitar as alternativas de resolução de conflitos relacionados à vida pregressa ou à própria convivência na prisão. Tal aspecto da construção da masculinidade na prisão se distancia daquilo a que estava ligado na vida anterior à 'queda' na prisão, quando se estabeleciam como significativas a propensão aos atos violentos e à exercer poder de causar dano. Neste sentido, as masculinidades influem politicamente na luta diária para tornar a vida e convivência na prisão, pelos menos, suportáveis. Estrategicamente a paciência e empatia podem ser mobilizadas nas interações cotidianas, bem como há a adoção de alguns valores e princípios para atribuir significados acerca do ser homem encarcerado.

Mas o cara tem que ser íntegro também, sabe? O cara não pode ser, vamo supor, ele não pode ser um sujeirão, ou dá mio, que só cagueta os cara. Mas agora, se você não cagueta e não atrapalha e não agita, né. Eles te dizem 'ó, siga teu rumo cara'. Se você é um cara bom, às vez mesmo de, que tão em um, tão em um presídio, as pessoas aí que (...) que não entende o que que é, daí quando tão lá que ele vê. (Adão, entrevista, junho de 2014).

A referida integridade do ser homem, exposta pela fala de Adão, está vinculada justamente as práticas, performances, valores e significados atribuídos pelos detentos e que podem ser classificadas como aceitáveis ou não, mas não coincidentemente, interdependentes ao modo pelo qual os detentos reconstróem suas masculinidades de acordo com relações de poder próprias do espaço carcerário e a normatividade instituída pelo grupo. Dialogam, portanto, com os aspectos negativos e positivos presentes nas representações sobre práticas, performances e interações estabelecidas na prisão e que foram objeto de reflexão anterior.

O que é muito cobrado assim é, a palavra da pessoa. Aí, ele falou: 'Mas homem, você sabe o que que acontece? Cara você é um cara que tava', eu era novo né, 'você é presa fácil pros cara aí!' Eu disse assim: 'mas e, você

acha que eu não tenho, que eu não sei me defender? Eu tenho diálogo e tenho atitude né cara!' Falei pra ele assim: 'se você acha que eu sou um cara aí que, eu tenho atitude também!' (Adão, entrevista, junho de 2014).

Diálogo e atitude são alguns dos atributos enumerados pelo entrevistado como dispositivos de defesa em contextos de relação conturbada com outro(s). O contexto do se colocar ou do se ver na posição de falar e de interlocução em diálogo coletivo e aberto revelam atitudes notórias de saber e poder, podendo configurar-se ora como empoderamento, ora enquanto resistência face ao julgamento. À vista disso, é viável afirmar que o saber se defender se constitui como dispositivo importante, senão ao cotidiano por inteiro, nos eventuais obstáculos e surpresas que, no espaço carcerário, a convivência possa apresentar aos detentos. Nesse sentido, o saber se defender é elemento que compõe a construção de suas masculinidades e também envolve a responsabilidade acerca do que fala (importância de se “ter palavra”).

Como também já foi abordado, a experiência carcerária implica participar de um processo de disciplinarização e aprendizado que também são evidenciados em seus relatos como componentes de um ideal de ser homem conforme preconizado pelo grupo de detentos.

Daí eu tava passando no meio dos cara conversando assim e o cara chamou eu de volta: 'ô cara, chegue aí.' Quando eu cheguei, o cara deu com a cara assim na minha boca. Daí quando eu olhei pra todo mundo assim, eu tinha que matar o cara né? Na hora que eu fui no mocó lá, que eu saquei a faca, os cara me colaram assim num canto: 'O que você vai fazer cara?' Eu falei: 'Eu vou dar uma facada nesse cara, o cara bateu na cara de homem!'. Aí, os cara falaram: 'não, não, não irmão, você não vai matar ninguém! Isso daí é pra você aprender. Sabe o que você tá aprendendo? Você tá aprendendo que quando tiver gente conversando você não passa pro meio, não é por causa disso que você não vai ser cara homem. Você vai ser cara homem sim, só que você tá aprendendo. Nós sabemos que você chegou agora irmão, nós tamo te ensinando a ser uma pessoa', pá. Então é a hora que a gente vai aprendendo cara, as vezes de um acontecimento assim que você vai deixar de ser um cara homem? Porque tudo tem o primário, ninguém nasceu sabendo, então tudo os mais velho tem que ensinar né. As vezes lá não é assim na conversa, é na pancadaria. É essa vida. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Semelhante a um processo ensino aprendizagem voltado ao ser um cara ou sujeito homem, o método se mostra autoritário e repressivo, mais que a própria palmatória. A reação à um método disciplinar baseado na 'pancadaria' é outro contexto, em que o saber se defender parece perder o sentido, pois tudo foi feito com intuito da aprendizagem sobre a normatividade, que por sua vez é legitimada

pelo grupo de pares. O eventual ou raro contexto em que o detento paga o preço por um desvio em relação as performances normativas também pode ser entendido como acontecimento mobilizador de fidelidade à performances masculinas socialmente e hegemonicamente desejadas na prisão. Ao que o relato indica, a adoção ou não da disciplina e as formas de assimilação do conteúdo aprendido podem resultar tanto na mudança de dadas performances, quanto em imediata reação adversa ao conteúdo disciplinar, como é observado no relato da busca de Pávio pela faca e o desejo de matar quem lhe aplicou uma 'lição'. Um referencial importante à construção de masculinidade se evidencia, neste sentido, como habilidade de assimilar a experiência na prisão como aprendizado.

Todavia, o aprendizado constituído na experiência carcerária não envolve apenas a disciplina e controle através da normatividade no espaço carcerário, ele incide também sobre práticas, performances e valores ligados à criminalidade.

Eu vi que eu era amador. É tipo uma faculdade mesmo irmão, só que o que se ensina lá é isso, ser bandido mesmo. Se você me perguntar se hoje eu trabalho, vou te contar que eu trabalho, tá ligado? Mas o que eu ganho mais mesmo, não é fazendo o trampo normal, é com que eu aprendi lá no prédio irmão! Como se você saísse formado em ser vagabundo, aprende que tem caso que tem que fazer (matar) alguém mesmo, não tem jeito. Não espero matar ninguém, mas se eu precisar, já era, não sei pra te falar a verdade, mas a cadeia dá frieza pro cara pensar no que eu não pensava antes, tipo matar, se tiver que matar, num adianto grande de 157, dívida, ou você faz ou você cai de novo, e daí irmão? É ali que o bandido vê se é cara homem pra tá nessa. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Os contextos em que interpretações sobre o ser homem detento estão implicadas são diversos e apresentam processos de disciplinarização e aprendizado relacionados ao estar na prisão e à dinâmica e aos princípios próprios da criminalidade. A fala de Red evidencia valores ligados ao mundo do crime, mas que são também apreendidos no espaço carcerário e influenciam na constituição de sujeitos os quais denomina como 'vagabundos'. O 'vagabundo' representa uma das feições de construção de uma masculinidade periférica e que ocupa marginalidade em relação ao imaginário social predominantemente associado a figura de um homem assertivo no trabalho e suficientemente responsável para não ultrapassar os limites da lei.

O aprendizado, em realidade, pode ser interpretado tanto a partir da adesão em associação para formação de quadrilha ou organização criminosa, quanto

através da possibilidade de transformação, de recuperação da autoestima e da reconstrução da vida em liberdade.

Então o que que, o que que eu, a gente aprende dentro de uma penitenciária? É, é (...) teoricamente, tudo que não presta! Mas se você for vendo, por indivíduo que você é tem, se você realmente (...) o criminoso é o cara voltado ao crime, ele nunca vai mudar, mas se a pessoa por uma coisa ou outra desviou o caminho ele vai retornar o caminho certo, sabe? E é isso, e é isso que o próprio criminoso te põe a par! Tipo, vamo dizer aquele Beira-Mar, a turma do PCC, eles te colocam isso a par! Falam: 'Ó cara, procure fazer isso pra que você nunca volte pra cadeia, aqui não é o teu lugar cara, você só tá se fodendo, só tá estrovando a gente aqui, sabe? Ou eles pegam pra eles, sabe? Você não tem nem que ser um bandido e nem um contra um bandido! Você tem que ser você cara! Quem é você? Agora, se você quer sair realmente, você faça tudo pra você sair e tudo pra você poder sair o que que é? É você trabalhar, você estudar e não fazer nada que te prejudique. E realmente, sabe? Eu estudei, eu (...) trabalhava, mas sempre que pensava nisso foi ali que eu descobri a força que eu tinha, a força que eu busquei e atitude pras coisas que eu não conhecia e que eu fui mudando (lágrimas). Eu sou feliz cara, se eu tenho tudo que eu preciso, eu vou chegar na minha casa e provavelmente já encontrar minha janta pronta, minha roupa vai tá passadinha e limpa pra eu vir trabalhar amanhã, eu vou conseguir dormir porque eu não to preocupado eu não tenho conta, eu vou conseguir dormir pro outro dia eu levantar e conseguir dar continuidade na minha vida cara! (Adão, entrevista, junho de 2014).

As narrativas que reconstroem a memória da vida no cárcere revelam a profundidade da experiência incidindo sobre a assunção de novas práticas. Sejam elas no sentido de revelar novas posições nas redes de relações criminosas ou no sentido do radicalmente novo estado de liberdade longe do crime. A fala de Adão também expressou a dimensão emocional do ato de fala sobre as experiências e os resultados psicológicos do período de prisão. Entretanto, ao imaginar o que a vida poderia ser após o cárcere, o entrevistado deixa implícita a figura da mulher, que enquanto esposa, lhe garantiria a assunção do papel de provedor de sua casa e imbuído de satisfação de privilégios em vários rituais e tarefas ligadas a uma vivência doméstica hegemônica, notadamente pautada pela diferenciação dos papéis sociais de gênero. Assim, o ser homem aparece como aberto a mudança no âmbito das redes e atividades criminosas, mas também ligada a vida fora do crime. Simultaneamente ao processo de mudança, pode o egresso atuar na preservação de privilégios e práticas próprias das relações desiguais de gênero.

A problemática busca por compreender a vida e a construção social dos homens detentos, partir da reflexão acerca das masculinidades, está bem longe das definições do senso comum, como também de interpretações monolíticas, ou que

partem da diferenciação de significados atribuídos ao gênero feminino e ao masculino. Tenta também se distanciar de uma interpretação unilateral, no sentido do lado exclusivo do cientista que não revela ou releva as próprias formas de nomeação adotadas pelos sujeitos que estuda. Pelo contrário, sempre foi de interesse no processo investigativo captar o sentido das nomeações e evocações acerca de referenciais de masculinidade para a constituição complexa dos sujeitos e do fenômeno investigado.

E ele já falou assim: 'É, você tem razão bandido', eles nem chamam o cara de cara, já chamam de bandido sabe? 'Ó, eu não sou perigoso cara, se você tá vendo perigo em mim, veja quem é mais perigoso por aí, eu tô jogado no crime, e você? E aí eu falei que o perigo tava nele, ele era perigoso e bandido e não eu. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Os cara lá se chama de ladrão, tá ligado? De ladrão, de malandro às vez, de bandido, tá ligado? De irmão, de irmãozinho, bastante de irmão, mais é isso, de ladrão, irmão, direto que se escuta, e os apelido, tá ligado? Anísio, entrevista, maio de 2014).

Nomear os homens encarcerados pela insígnia 'bandido' tem se estabelecido como lugar comum no imaginário social hegemônico, que vê sob ela contemplada até o conjunto de presos que esperam julgamento. Tal imaginário é geralmente formado não através da convivência direta com a realidade ligada ao crime e vida bandida, mas a partir de noticiários de hora do almoço e fim de tarde que sempre dão mais ênfase aos contextos de detenção do que a vida na prisão. A conexão entre as palavras bandido e prisão estabelecida pelo imaginário social hegemônico incidem sobre a interiorização de estigma, como sugere Goffman (1980), e na nomeação bandido ou ladrão que os próprios detentos estabelecem à si mesmos. Todavia,

Ele era perigoso e bandido e não eu. 'Se eu perdoar um erro desse cara aí, eu não tô sendo homem, porque bandido eu não sou mesmo' Eu falei, 'nunca fui bandido e não quero ser. Adão, entrevista, junho de 2014).

Eles olhavam pra gente e achavam que a gente era criminoso e bandido que nem os outros caras, mas tem diferença, tem uns que é malandro, tem uns que é jurão. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A nomeação dos homens detentos é complexa, pois em dados contextos da narrativa as palavras 'bandido', 'ladrão' e 'malandro' aparecem como formas de tratamento comuns e dirigidas à todos os detentos. Em outros contextos, como é caso das falas acima, emergem como negativa ao sentido estrito dos termos com o

objetivo de diferenciar os sujeitos de acordo com a sua constituição multifacetada. Dar visibilidade a essa contradição revelada pelas vozes dos detentos tem sentido se o objetivo é desconstruir a ideia de que todo preso deve ser chamado de bandido, e se este objetivo se alia a desalojar a máxima conservadora que afere que 'bandido bom é bandido morto'.

Por isso que muita gente fala 'lá dentro lá é só criminoso, só quem não presta'. Não é! Tem uns cara lá que saiu pastor, saiu advogado, saiu profissional na área de estudo sabe. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Vivos, os detentos demonstram a complexidade relacionada a suas trajetórias de vida, aos acontecimentos que derivaram na prisão e que não podem ser simplesmente nomeados 'bandidos' fundamentando-se em generalização, dada a diversidade que o espaço carcerário apresenta, os eixos de desigualdade estruturais que geram espaços de vulnerabilidade à criminalidade em comunidades periféricas e a destinação à um depósito insalubre para seres humanos aqueles que reagem através da criminalidade.

Deslocada do imaginário social, à vida cotidiana no espaço carcerário importa o tempo e a diversidade de experiências e das trajetórias que levaram os detentos até ali e o modo que agem dali em diante. Como sugere Massey (2008), importa na instituição da espacialidade carcerária a simultaneidade de estórias-até-agora ('*stories-so-far*'), que na perspectiva dos detentos aparece associada à 'caminhada'.

'Ó irmãozinho pode erguer a cabeça aí no meio da 'ladrãozada' aí cara, você é só mais um de nós aí mano, cara 'sujeito homem', os mano aqui que conhecem tua caminhada falou que você tem a caminhada limpa aí e pá! Então mano, pode erguer a cabeça aí e andar no meio de todo mundo igual todo mundo mano e pá.' (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Olhe, te conto aqui porque eu to ligado que é assim, não interessa se o cara é assim, assado, se ele tiver uma caminhada certa irmão, ele não passa apuro lá dentro. (Red, entrevista, agosto de 2013).

A 'caminhada limpa' ou idônea, assim considerada conforme significação própria do grupo, no entanto, pode se mostrar como menos significativa à definições sobre o ser homem encarcerado, quando mesmo no espaço do exílio (denominado de 'seguro'), os detentos reconhecidos pela 'crocodilagem', crime de estupro, delação, entre outros pré-requisitos à uma 'caminhada suja', também reivindicam posto.

Aí os cara do seguro já gritaram: 'É piazão, aqui também tem sujeito homem, também tem muito homem aqui também piazão, não ache que pá!' (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

A construção da masculinidade parece estar presente em diversos contextos da narrativa e espacialidades em que o ser homem é evocado, independentemente das posições marginais ou de exercício de poder, enfatizando uma complexa e paradoxal instituição de espaço. O fato de alguns sujeitos marcados pela extensa coleção de atributos e experiências reconhecidas como inaceitáveis e marginais diante de um modelo ideal constituído através da triangulação de um desejo homosocial masculino evidenciam formas de contestação, mas não de subversão de uma masculinidade socialmente construída hegemonicamente e imbricada ao sistema da heterossexualidade compulsória.

Tal evidencia pode ser captada a partir da reflexão sobre os dispositivos de punição constituídos e exercidos pelos homens detentos. Como o golpe que Pavo levava, compondo mecanismo disciplinar do ser homem em sua capacidade de atravessar por espaços em que estão alocados seus outros, sem incomodá-los e após permissão, a punição representou um ritual de provação. Metaforicamente, o detento punido passa por processos complexos que se assemelham a rituais de passagem no sentido de um coletivo reconhecimento do detento como um sujeito homem que paga pelo preço de seus erros diante do grupo de convívio. Num contexto de homicídio decorrido de um dispositivo de punição, aparece a figura do 'laranja', que contribui para a reflexão acerca dessa afirmação.

Pro cara ser laranja ele tem que ser vacilão, tem que ser vacilão pra ser laranja. Por que por exemplo, se for treta de dois cara homem, daí é uma coisa, sabe, você vai pega uma faca e eu pego outra e vai lá no pátio, onde for e sai na facada os dois. Mas quando tipo, for matar outro jaguara, o cara que deveu, deu mio ali, é usado de laranja. Pode ser até um cara homem que foi lá e mata o cara, mas daí quem vai 'segurar'<sup>122</sup> é o laranja. O funcionário tá vendo que não foi... Na verdade é um negocio cabuloso né. Por que na verdade, o cara tá devendo né, mas que nem eu mesmo lá dentro tive proposta assim. Por que lá dentro tem o zóião, o zóio gordo que quer tomar a coisa dos outro. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Assim, parece que todos os homens tendem a resolver conflitos '*de mano*', isto é, um contra o outro. Porém, detentos reconhecidos por uma ou mais situações

<sup>122</sup>O termo 'segurar' é utilizado por entrevistados como sinônimo de 'assumir'. No caso em questão, o laranja é aquele que assume ou confessa a autoria de homicídio ou outros crimes os quais não cometeu. Muitas punições estabelecidas na prisão implicam ao detento punido assumir a posição de laranja, aumentando seu tempo de prisão pela sentença sobre novo crime.

de vacilação são punidos dolorosamente por seus pares com o implícito objetivo de recondução do sentenciado à posição de reconhecimento social enquanto sujeito homem e, que sobretudo, respeita a normatividade masculina instituída. No caso dos 'laranjas', sacrificam seu tempo de vida na rua, permanecendo anos a mais no espaço carcerário. Pagam uma dívida ou o preço dos erros com o tempo, mas ao fazê-lo, passam a ser reconhecidos novamente como sujeitos homens que não devem mais nada à nenhum outro detento.

Outras formas de punição são recorrentes também em contextos de rebelião e ligadas aos espaços de exílio e serão melhor analisadas adiante. Todavia, para contemplar a escala de análise e compreensão da normatividade masculina no cotidiano do espaço carcerário é importante refletir acerca de um episódio relatado e vinculado à este espaço de exílio e ao objetivo em questão.

A regra é clara: mantenha o proceder, tá ligado? Tipo fazer o que os cara quer pra não dar treta e ninguém reclama, tá ligado? Ninguém é louco também. Ah irmão, se o cara não fizer, é pancadão né, vai pro seguro, fica foda pro lado dele. Ah, lá no seguro, nem to ligado que que rola, só sei que só fica lá os jaguara mesmo, duque, cagueta, só cara que não dá pra conviver porque é ruim! Teve um cara que matou, daí caiu lá e tava no choque, bem louco e no começo os irmão já tentaram até ajudar o maluco, mas só dava treta, aí foi pancadão e levaram na marra, daí os cara lá pegaram ele irmão? Isso que um louquinho lá gritava já: 'amor de mãe', tá ligado? Ah já fizeram o cara lá, estupraram e foi foda irmão. Disseram que pegaram o cara assim ó, colocaram aventalzinho, o cara só sumariando os pano, a coruja<sup>123</sup>, de tudo os cara do X assim, sumariava o X, era a empregadinha dos cara lá. Seguro é foda irmão, lá não rola nada do que tem no convívio, tipo, de manter o respeito, nada disso. Altos cara porco mesmo, fizeram o cara de mulher deles lá e todo mundo no X entrou na roda assim pra 'comer' o cara. Imagine, um atrás do outro, diz que um comia, outros dois ele tinha que bater uma e, foi assim, tudo os cara na roda ali irmão. Deus o livre piá, me matava depois de uma dessa! Bateram tattoo no cara assim, já ficou marcado né. Pegou AIDS e até uma cota, o maluco andava de mulher, os cara fizeram de gato e sapato irmão. E daí, que só pára quando entra outro jaguara, só que daí é o cara que desconta, acho que é assim que o cara vive no seguro. Ah irmão, imagine, o cara já virou soro positivo, tá no seguro é pior que morrer irmão! Foda pra caralho! Não tem pinha<sup>124</sup>, não tem respeito, não tem nada que tem no convívio, acho que vale a lei dos cara lá, mas lá tudo eles são jaguara e só piora. Já no convívio não, os irmão se respeita e tudo mundo tenta ser parsa e fortalecer a do outro, sem patifaria. (Anísio, entrevista, maio de 2014).

O episódio acima, evidencia um modo de subversão compulsória da masculinidade desencadeado pelo banimento de detentos do espaço reconhecido

123'Coruja' é cueca e 'pano', roupa.

124A palavra 'pinha' foi usada nesse contexto para designar o detento reconhecido como liderança nas celas e galerias.

como convívio. O espaço de exílio, denominado pelos sujeitos investigados como 'seguro', é instituído pelo encontro entre diversas trajetórias de 'caguetagem', 'crocodilagem', homicídios, de sujeitos interpretados como psicopatas e/ou pessoas ruins, de 'caminhadas' não tão limpas e, ainda, os estupradores/pedófilos, entre outros condenados por atos libidinosos.

Neste contexto, em que o acúmulo de situações de vacilação diante da normatividade masculina do espaço carcerário é julgado e, a pena envolve habitar o 'seguro', o detento sentenciado estará em direta relação com uma peculiar população de exilados. Neste espaço, a normatividade do espaço carcerário, que envolve um variado conjunto de proibições, cuidados e performances específicas, perde sentido diante da permissividade do estupro coletivo, entre outros.

A proibição do estupro é apresentada na narrativa dos entrevistados e pode ser interpretada como um dos principais pilares da construção da normatividade masculina no espaço carcerário.

Então a primeira vez que eu já tive, que eu pisei lá, que eu fiquei numa cela, com adulto, ou junto ou do outro lado. Às vez pegava cela que tava bem parado sabe? O cara já ia me orientando. 'Ó, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, se não pode fazer isso, isso e aquilo você não pode.' Até ensinavam (...) eles ensinavam até o que você podia, no tipo que você roubava, no tipo que você fazia. O que você não podia fazer, uma das coisas mais criticada é o estupro sabe? Estupro é (...) inadmissível sabe? Então os cara já falavam: 'você pode fazer de tudo aqui, só você não pode caguetar nem estuprar'. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Apesar da proibição do estupro ser representada como norma geral, este mecanismo é utilizado como forma de coerção, medo e como forma de punição aos detentos que fogem à normatividade masculina e acabam sendo banidos do 'convívio' e exilados no 'seguro'.

Por que esse negócio de estupro acabou, acabou dentro do sistema. Mas existe a cobrança, por que a cobrança se chegar um estuprador os cara vai cobrar, não sabe de que jeito que o cara vai cobrar. Pode cobrar do jeito que o cara quiser. Daí o seguinte, as vezes tem uns cara homem que chegam e dão uns mio né, é cobrado as vezes com a morte, com a vida do cara, só a vida mesmo. Só que tudo é colocado numa balança, as vezes o cara pode falar: 'não, se é briga de rua, vai cobrar na rua, aqui na cadeia não, só que é o seguinte, vai ficar separado, você vai pra tal galeria pra não se trombar, pra não ter problema'. Daí então é tudo separado. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

De acordo com o relato de PAVIO os estupradores são cobrados assim que adentram a prisão, e destinados ao exílio, podem sofrer punição de qualquer tipo, mas não especifica se ocorrem somente nos espaços de 'convívio' ou 'seguro' ou, ainda, em ambos. O espaço que é contraditória e curiosamente denominado de 'seguro' também é lugar para o detento julgado pelos seus pares devido caguetagem ou acúmulo de erros cometidos durante convivência nas celas, galerias, com os funcionários e em múltiplos contextos de interação, performatividade etc..

Neste espaço também se estabelece uma ruptura com a normatividade instituída hegemonicamente pelo espaço carcerário, tal como apresentam as falas que tratam do 'seguro' como regido pela anomia, e que o reconhecem por dispensar o respeito as regras instituídas e difundidas por grande parte dos detentos. O episódio de estupro coletivo, conseqüentemente, deriva dessa ruptura.

E, por conseguinte, incide sobre a subversão da masculinidade, que de modo compulsório e coletivamente conduzido numa cela de exílio se manifesta na vestimenta do sujeito e toda a montagem que objetiva fazê-lo aparentemente mulher. Cujas domesticação envolve, obviamente, o trabalho doméstico como significado atribuído enfaticamente sobre o gênero feminino. O resto é cena brutal de estupro coletivo e as conseqüências do acontecimento à vítima.

Dentre elas, marcas corporais como tatuagem de um coração atravessado por uma flecha, um único ponto tatuado na bochecha direita ou frases como 'amor de mãe' e, raramente, apelidos de detentos abusadores mais reconhecidos devido feições e dimensões de órgãos genitais, volúpia, entre outros elementos desse peculiar universo da sexualidade no espaço de exílio na prisão. Estes elementos permitem afirmar sobre a possibilidade de subversão, ainda que compulsória, de uma masculinidade pautada pela heteronormatividade e pela atribuição de papéis sociais de gênero. Tal subversão é evidenciada através de relato acerca de um contexto muito situado, especificamente o 'seguro', que apresenta outros elementos de análise. Mesmo assim, revela que a performance adotada compulsoriamente com o sentido da mímese de performances, práticas e atributos associados ao gênero feminino, o estupro coletivo e suas marcas, subvertem num espaço e tempo situados a construção de uma masculinidade assentada sobre o gênero e sobre modelo heteronormativo.

Os relatos, inferências e afirmações desta seção e das que anteriormente estruturaram o presente capítulo permitem reforçar alguns caminhos e destinos traçados durante a busca por respostas à minha questão científica que trata da normatividade masculina no cotidiano do espaço carcerário.

Primeiramente foi analisado o processo de entrada e adaptação dos detentos recém chegados e que envolveram a alimentação, o dormir e o corpo como importantes componentes dos desafios que o cotidiano e a normatividade impõem aos detentos e que reconfiguram o modo pelo qual higienizam e cuidam do corpo, operam profilaxia de resistência biopolítica tornando-o espaço de luta, desenvolvem performances (e até olhares) consoantes ao esperado pelo grupo para contextos de alimentação, passagem em meio a seus pares e diante de pessoas visitantes. Essa análise apresenta como resultado a interpretação do corpo não apenas como uma escala importante de análise, mas enquanto espaço de resistência biopolítica, que hospeda e é vetor de bactérias, vírus e parasitas. Se interpretado como sujo, o corpo destina o detento ao banho forçado, um contexto visualizado e entendido como de opressão, cujo o eixo incide sobre o corpo, sua apresentação material e sua significação de acordo com os ideais de saúde e higiene convencionados entre os detentos e que compõem seu conteúdo normativo e disciplinar dirigido à condução da vida cotidiana do ser homem na prisão.

Outro eixo importante que decorre da investigação da normatividade masculina no cotidiano do espaço carcerário diz respeito à gestão alimentar conduzida pelo detentos respeitando princípios como a equidade e solidariedade capazes de instituir importantes resoluções políticas acerca dos alimentos, da gestão e divisão das provisões alimentares e sua importância para o sustento e segurança alimentar dos detentos, como também das performances e práticas de cuidado exigidas aos momentos de almoço, ceia ou jejum. A normatividade se apresenta também como importante componente do mercado de trocas, vista através do modo de cotar os objetos e avaliar (in)equidade de favorecimento e satisfação dos envolvidos na complexa economia diária da prisão. Nessa economia, a troca envolvendo objetos revelou triangulação de um objetivo partilhado pelos homens detentos e que incide sobre uma recíproca satisfação dos negociantes. Tal

princípio da equidade foi compreendido como desejo homosocial masculino voltado aos contextos de negociação e das trocas.

Contudo, não são somente as negociações envolvendo objetos, dormitórios e serviços que influenciam a constituição da normatividade, mas a vivência complexa em meio a uma encruzilhada de eixos de opressão e desigualdade associados às categorias sociais já consolidadas na operacionalização e reflexão acerca do conceito de interseccionalidade.

Esta análise, desenvolvida na terceira seção do capítulo, deu visibilidade à sexualidade a partir da relação entre detentos *gays* e *héteros* e da opressão exercida sobre os primeiros em contextos de emergência da demanda pela ocultação de envólucros com substâncias ilícitas e outros objetos. Foi também analisado o contexto de ‘tiração’, suspeição e zombaria decorrido da incômoda e peculiar tarefa de ocultação (‘cofre’) quando exercida por um detento *hétero*. E consequentemente interpretado, através da reflexão sobre a interseccionalidade, como contexto de opressão e desigualdade pautada pelo corpo e performatividade respectivamente significados de acordo como modelo heteronormativo.

Outra faceta identitária identificada através da análise foi a idade, expressa através da associação entre experiência, empatia e homens de mais idade. Entre inexperiência, precocidade e os detentos mais jovens, a idade pode ser interpretada como faceta identitária que se desvanece na identificação de eixos de opressão em que ela aparece vinculada às trajetórias de vida e a própria ‘caminhada’ de vida no crime e na prisão.

A perspectiva limitada que a narrativa do grupo apresentava para análise de conjunto envolvendo as categorias sociais voltadas à compreensão e operacionalização do conceito de interseccionalidade, assim como, a bibliografia voltada a este debate conceitual e metodológico, instigaram construir uma análise acerca da interseccionalidade considerando a diversidade e complexidade dos eixos de opressão e desigualdade instituídos pelos próprios detentos. O caminho percorrido para este fim partiu das representações sobre aspectos negativos e positivos da condução das práticas, performances e interações dos detentos no espaço carcerário. Possibilitou afirmar que, assim como a trajetória ou ‘caminhada’ seguida até então pelos detentos, a normatividade e as experiências concretas na

prisão tem lugar na reflexão e análise da interseccionalidade, na medida em que os significados atribuídos em torno do respeito ou contestação à normatividade orientam à diferentes posicionalidades e a diversidade de eixos de opressão e desigualdade situados neste espaço.

A constituição da normatividade masculina também conduz a afirmação de que a construção de masculinidades está vinculada aos mesmos contextos, e que de acordo com a reflexão sobre os contextos emitidos pela própria narrativa dos entrevistados, envolvem atributos como o saber se defender, atitude, diálogo, mediação de conflitos, pagar o preço pelos erros, etc.. Tais atributos estão vinculados aos dispositivos disciplinares voltados a normatividade e se afirmam como possibilidades de reconstrução de suas masculinidades.

Primeiramente através do reconhecimento coletivo de sujeitos homens, desenhados sob o viés do que é preconizado como comportamento e estilo ideal do ser homem na prisão e interpretado como desejo homosocial masculino.

O próximo capítulo discutirá as práticas cotidianas dos homens efetivadas em meio a tensões, conflitos e formas de organização coletiva do espaço carcerário que o instituem como paradoxal.

## **CAPÍTULO V**

### **ESPACIALIDADE CARCERÁRIA PARADOXAL: PODER INSTITUCIONAL, PODER COLETIVO CARCERÁRIO E AS PERSPECTIVAS DO GRUPO ESTUDADO**

A vivência do homem na prisão, de acordo com a reflexão elaborada até o momento, evidencia uma série de práticas, performances e formas de interação entre os detentos que podem contemplar o respeito ou a contestação de elementos referenciais e de composição da normatividade masculina no espaço carcerário.

A discussão apresentada acerca desta normatividade incide sobre a compreensão de outra questão primordial à construção de meu objeto de estudo e do processo investigativo: Como as práticas dos homens instituem a espacialidade carcerária?

Esta questão visa compreender o modo pelo qual a efetivação de suas práticas constroem suas masculinidades, ao mesmo tempo em que produzem cotidianamente o espaço carcerário.

Em capítulo anterior foi analisado e proposto que o espaço carcerário está implicado na constituição e condução de práticas orientadas por um modelo de normatividade masculina que articula diferentes valores, significados, espaços e performances. A espacialidade carcerária pode ser compreendida através da escala do corpo e suas estratégias de bioresistência, considerando-a por conseguinte enquanto espaço político constituído performativamente e que está implicado sobre espaços e tempos situados da vida cotidiana no cárcere. Desta maneira, tal como proposto por Smith (1992), a escala do corpo é relevante à reflexão acerca da espacialidade carcerária, devido o corpo se estabelecer como um dos modos pelos quais o espaço está implicado na constituição e condução da vida dos presos. O próprio corpo se estabelece na condução da vida em coletividade como espaço de resistência e profilaxia, dos fluídos, de excrementos, de cheiros e de elementos não-humanos, tal como parasitas, bactérias e vírus. Assim, o cuidado com o corpo, as práticas e performances exercidas mediante seu próprio movimento é uma escala significativa na espacialidade carcerária como um todo porque se concretiza no encontro entre diferentes presos.

Os elementos referenciais da masculinidade também foram abordados como componentes de uma diversidade de sujeitos e de eixos de desigualdade e opressão

envolvendo as categorias sexualidade, idade, masculinidade e absorvendo atributos e performances desejadas pelo grupo ao cotidiano peculiar do espaço carcerário. Esta evidência permitiu afirmar a existência de reconfigurações no modo em que a masculinidade está implicada na condução da vida cotidiana quando os sujeitos vivem em privação de liberdade. Transformações processadas mediante a assunção de novas práticas e performances notadas constantemente pelo grupo e que influenciam nas próprias reconfigurações do poder na prisão. A mudança de hábitos provocada pela entrada no espaço carcerário também resulta da negociação em torno da normatividade masculina pelo espaço carcerário.

O espaço carcerário é aqui interpretado como paradoxal porque é instituído num emaranhado de práticas, performances constituintes de seus vários espaços e num regulado e tenso ambiente de interações que contribuem para que os detentos se posicionem entre o centro e a margem das configurações de poder. As ideias de Rose (1993) acerca do espaço paradoxal sugerem ao estudo sobre o espaço carcerário que as diferentes posições ocupadas e os tensionamentos e reposicionamentos em tais configurações incidem em sua (re)construção cotidiana. Neste processo as reconfigurações de posicionalidade dos sujeitos e de suas relações de poder no espaço carcerário envolvem uma espécie de bricolagem em torno da normatividade masculina, pois o que se coloca como núcleo central da representação sobre o ser homem na prisão é o modo como está implicado na formação de um organizado coletivo encarcerado e do respeito a normatividade por ele estabelecida.

A complexidade da instituição do espaço carcerário paradoxal, neste sentido, aponta ao movimento e à dimensão política da vida na prisão. Também conduz a uma interpretação do espaço como relacional. Massey (2008) propõe uma abordagem política relacional do espacial, em que o lugar é entendido como eventualidade e desafio político baseado na própria condição do 'estar junto' e a negociação envolvida na instituição de espacialidades e lugares.

“Lugar”, aqui, poderia significar a condição geral de nosso estar juntos (apesar de aqui ter um significado mais específico do que este). No entanto, a espacialidade do social está implicada, também, em um nível mais profundo. Em primeiro lugar, como um princípio formal, trata-se do espacial dentro do tempo-espaço e, nesse ponto, mais especificamente, o seu aspecto como esfera da multiplicidade e opacidade mútua que isso, necessariamente, acarreta, e que requer a constituição do social e do

político. Em segundo lugar, na prática política, muito dessa constituição é articulado através da negociação de lugares em seu mais amplo sentido. Imaginações de espaço e lugar são, ambos, um componente de uma aposta nessas negociações. (p.220).

O desafio analítico vinculado ao espaço relacional, por conseguinte, eleva o raciocínio pautado na vida cotidiana da prisão como constante processo de negociação entre detentos, deles com os funcionários, entre detentos e lideranças que representam celas, galerias, o presídio como um todo, como também, a relação com facções e suas redes que extrapolam a escala delimitada a partir dos muros da prisão. Desta maneira, a imaginação geográfica produzida ao longo deste desafio analítico conduz à interpretação de um espaço numa perspectiva inter ou multi-escalar, considerando a escala enquanto dispositivo simultâneo de enquadrar a realidade espacial vivida e da própria constituição do agir sobre ela, conforme propõe Smith (1992) e Moore (2008).

O espaço carcerário paradoxal é apreendido neste capítulo como relacional e multidimensional, pois as práticas e maneiras do 'estar juntos' e em constante negociação se desenvolvem conforme a escala relacionada ao contexto de determinada interação.

As práticas, performances e o modo como a interação entre os homens detentos se dá pelo cotidiano se demonstraram como importantes elementos da normatividade masculina e como um eixo significativo na instituição do espaço carcerário paradoxal. Todavia, os diferentes contextos de relações entre detentos, a hierarquia e organização coletiva do convívio, os conflitos e as estratégias para solucioná-los, as relações com os agentes penitenciários, as estratégias de fuga, de condução de suas lutas políticas através do diálogo coletivo ou da mobilização e organização de rebeliões, têm algo a contribuir com minha proposta de inteligibilidade do fenômeno. Estes contextos se ligam a diferentes escalas de apreensão espacial do fenômeno e a reiteração de práticas pelos sujeitos investigados. Notadamente, compõem o itinerário do presente capítulo que se encontra dividido em cinco seções.

Na primeira seção será analisada a negociação da convivência e normatividade dirigidas a relação com a instituição prisional e seus agentes. O modo como os entrevistados interpretam a prisão como instituição e o eixo organizacional da relação estabelecida com o sistema de controle, vigia e contenção exercidos

pelos agentes penitenciários, demonstra a permeabilidade que o cotidiano apresenta para o exercício de performances e práticas situadas pela mobilização de táticas e estratégias de ação furtiva. Também demonstra que há um reposicionamento dos sujeitos envolvidos, da marginalidade à centralidade em contextos de fuga e rebelião, e na instituição de um espaço carcerário paradoxal.

A segunda seção abordará as espacialidades do 'convívio' e 'exílio' como outra evidência do aspecto paradoxal deste espaço face as distintas configurações das relações de poder e que implicam posições de centralidade e marginalidade definidas de acordo com a normatividade masculina instituída pelo coletivo encarcerado.

A terceira seção tem como objetivo demonstrar que a vivência nas espacialidades de 'convívio' ou 'exílio' e as relações de poder e opressão na prisão resultam de um tenso e complexo diálogo envolvendo o coletivo encarcerado, sua hierarquia e a ação organizada das lideranças. As resoluções e estratégias de organização coletiva na prisão e a intervenção de membros de uma organização criminosa são evidenciadas na referida seção, a partir da controversa convivência entre detentos filiados ao PCC, aliados e independentes.

Na quarta seção são interpretados os contextos da narrativa dos entrevistados que incidem sobre os processos decisórios que dão visibilidade à uma complexa interação política de negociação da convivência, da normatividade do espaço carcerário e do próprio futuro de alguns detentos. Tais contextos também contribuem a reflexão acerca da interseccionalidade carcerária na emergência de conflitos e estratégias constituídas coletivamente no sentido de superá-los e julgar os envolvidos em dada 'cena' das relações de poder.

Na quinta e última seção serão analisadas as representações elaboradas pelo grupo investigado sobre as perspectivas de trabalho e de relações familiares no rol de oportunidades perdidas e perspectivas de futuro presentes na sua narrativa. Tendo como objetivo vislumbrar a crítica ao modelo carcerário e os principais anseios e horizontes de transformação da realidade estudada, considerando os direitos, as experiências e as vozes dos homens detentos.

As formas de interação social, institucional e política no espaço carcerário podem dar visibilidade a outros movimentos dos sujeitos entre distintas

configurações e posições de poder que são fundamentais a compreensão do fenômeno investigado. Se o homem detento está imerso numa coetaneidade onde as diferentes trajetórias, tal como sugere Massey (2008), e as facetas identitárias e performances contribuem à assunção de posições distintas entre variadas configurações de poder na prisão, conforme propõe Rose (1993), isso indica não apenas um modo de entender a complexidade da representação atribuída ao ser homem detento, mas os diferentes modos pelos quais estes homens podem transformar o espaço carcerário e outros espaços em que vivem. Também aponta um caminho de superação da ideia que expressa uma dicotomia entre a prisão e a sociedade, em que a primeira se manifesta como depósito dos pobres e indesejáveis, e a partir daí são reconhecidos como sujeitos que não podem conviver em sociedade. Seres abjetos conforme a estigmatização constituída a partir de um ponto de vista social conservador e, quiçá, hegemônico, que legitima uma forma de poder necropolítico ao insistentemente afirmar que 'bandido bom é bandido morto'.

O espaço carcerário paradoxal se apresenta, portanto, como contraversão sobre a realidade de um pequeno grupo que vivenciou o espaço carcerário, mas que tem um ponto de vista próprio sobre o papel do Estado na regulação da vida no cárcere e acerca dos aspectos excludentes da sociedade. A reflexão acerca do espaço carcerário como relacional o evidencia como imbuído na prática e relação políticas que possibilitam entendê-lo a partir das estratégias de luta, espaços de enunciação, agenciamentos e formas de subversão das relações e do próprio espaço em que vivem privados de liberdade.

### **1. A escala da instituição prisional: entre funcionários, fugas e rebeliões**

“sem se rastejar e pagar simpatia”(Dexter)<sup>125</sup>.

A vida do homem na prisão como núcleo de meu objeto de estudo demanda um olhar atento as diferentes escalas de apreensão do fenômeno e o reconhecimento do conceito geográfico de escala não apenas como forma de enquadrar a realidade social, mas como base para a condução de práticas cotidianas, conforme propõem Smith (1992) e Moore (2008). Como foi abordado numa das seções do segundo capítulo desta tese, a prisão pode ser interpretada

---

125 Expressão presente no verso “De pé e na fé guerreiro, sem se rastejar e pagar simpatia” da canção *Quebrando As Algemas* do rapper e ex-presidiário Dexter.

desde uma perspectiva multi-escalar que busque, através da análise espacial, dar sentido a complexa relação entre a instituição prisional e as pessoas apenadas.

A presente seção, neste sentido, tem como objetivo demonstrar as maneiras pelas quais a instituição prisional é representada pelos entrevistados e as tensões e conflitos que estão a ela vinculadas no conjunto discursivo.

Olhe, agora do jeito que tá o sistema não tem jeito. Porque hoje em dia o sistema paga, assim, *marmitex*, não tem a regalia, não é aberto. Hoje em dia lá não é mais aberto, lá fechou. A PM lá dentro. Aqui não tem nada, nada, nada. Nem lá em cima, acabou tudo. Por causa das rebelião acabou tudo. Hoje em dia é tudo cadeia tipo dos Estados Unidos sabe, tudo de segurança máxima. Se você caiu lá dentro do sistema, o sistema é obrigado a bancar tudo. Só que, desde quando chega na mão do diretor, o diretor desvia, por exemplo: o governo manda uma carga de sabonete *lux*, o cara pega e tira essa carga e põe um sabonete mais barato, então existe essa corrupção lá dentro sabe. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A ideia deles é de implantar o sistema, é cortar tudo mesmo! Só que pros cara cortar tudo mesmo, eles mesmo sabem que eles precisam botar estrutura lá dentro mano. Porque essa é uma forma de você conter os ladrão, tá ligado? (...) O sistema sabe que tá errado, os cara sabem que tá errado, sabem disso, que o *bang* é defasado né mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

As entrevistas demonstraram que alguns presos compartilham a consciência de que quando estabelecem contato com a prisão estão conseqüentemente ligados a atual política de execução penal e sujeitos aos efeitos mais concretos dela. Outro elemento interessante é a observação de que o 'sistema', ao mesmo tempo que pode incidir no corte de direitos, pode apresentar reformas ou mudanças superficiais e maquiântes, mas no âmbito estrutural preservam a exclusividade ao objetivo de contenção da população carcerária que, ao seu tempo e presídio, eventualmente reage de forma explosiva. Alguns elementos presentes nas falas dos entrevistados incidem sobre a representação do 'sistema' enquanto injusto e que orienta a vida dos detentos à marginalidade, ao contrário de garantir o direito à sua dignidade humana ou possibilidades de transformação radical de suas trajetórias para longe da criminalidade. O movimento próprio das peças desse sistema que possibilita uma implosão delimitada ao negociado e tenso curso de uma rebelião. Esta, ao mesmo tempo em que resulta em algumas conquistas relativas as demandas para os dias de visita e ao envio de provisões alimentícias, pode possibilitar o recrudescimento do modo em que estão estruturadas as relações entre a instituição prisional, seus agentes e a população carcerária.

Alguns dos posicionamentos dos entrevistados sobre o sistema carcerário também apontam para a articulação da política de gestão desse sistema com o ponto de vista social e hegemônico que, pautado pela febre de justificação, acaba por legitimar o caminho seguido até o momento atual de superpopulação e precarização da vida no espaço carcerário.

A sociedade não tá nem aí se o preso morrer, pro que ele passa dentro de uma cadeia. (...) Mas imagine, se aqui fora já é foda pra você tratar qualquer coisa, lá dentro é muito pior, não é bem assim pra você ter algum remédio, consulta... Médico eu nem vi no tempo que fiquei guardado, nem sei te falar se tem ou não. (Dedinho, entrevista, abril de 2014).

Pense bem, o X, as galeria e tudo quanto é cadeia tá entupida de nêgo lá, porque que eles vão deixar provisório guardado. Acho que mais porque tem que fazer uma média! Daí você passa dando entrevista pro COP<sup>126</sup> pra dizer que os 'hóme'<sup>127</sup> tão 'trampando' e fazendo o certo. Mas já tão errado de trancar os mano que não foram condenado, e aí quando querem, entopem mais, cada X é um formigueiro humano! Quando não suporta mais de pinha no casão, tá ligado? Soltam um tanto. Comigo foi assim, mas essa história pra mim durou oito meses e quatorze dias. (Red, entrevista, agosto de 2014).

Lá tem oito galeria de preso lá mano! Nove! É dez galeria, a triagem e as duas feminina. Já dão três, aí tem a primeira, a segunda, a terceira, a quarta e a sexta. Já dão oito, daí tem a oitava e a nona. Então assim cara, onde eu tava, o jeito que é levado lá cara, é um barril de pólvora mesmo, tudo pode acontecer, tem capacidade pra 185 presos e tinha mais de 620. Superlotação gigante! Uma colônia de férias bem cheia né? (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Contudo, nem sempre as representações revelam aspectos negativos da experiência com a instituição prisional e as mudanças que ela apresentou no âmbito da recuperação via alta dose de confinamento e compactação populacional.

Então, é (...) então, antes era assim, hoje não tem, não tem muito erro lá, principalmente aqui que é mais fechado, aqui no presídio que é dos Campos Gerais né. É, igual nessa cadeia, nesse presídio novo que dizem, não tem muito de ir contra norma e dá mio, não tem nada praticamente aqui. Até a época que eu tava ali tava bem tranquilo, porque tava isolado mesmo. Isso ali é uma coisa que, é pro cara se recuperar mesmo, sabe? (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A fala destaca um aspecto ligado ao presídio, de que este é 'fechado' e que apresenta poucas possibilidades de fuga, como também restringe uma série de

---

126COP é um típico programa policial que realiza cobertura jornalística de apreensões e atividade policial exibido por um canal local de TV de Ponta Grossa.

127'Hóme' é uma forma de denominar policial. Na frase em que a palavra está alocada, a expressão 'hóme trampando', foi utilizada para afirmar que as apreensões tem o sentido de apenas mostrar que a polícia está trabalhando.

possibilidades de atividades diárias aos detentos. Este aspecto fundamenta a visão dos entrevistados sobre o eixo organizacional do sistema carcerário a que estão submetidos que é estabelecer a máxima contenção e intenso confinamento da população carcerária, independentemente de cumprir plenamente com uma série de direitos dessa população<sup>128</sup>.

Aqui é 'Comarca' né... Aqui já é mais fechado, aqui a pessoa entra ali e não pode mais sair, não tem um pátio, cê vai pro pátio e fica 2 ou 3 minutos e já tem que voltar pro xadrez, daí o xadrezinho pequenininho ali, de 4 pessoa tá em 20, 15. Só no X, fechado o dia inteiro. Daí lá, tipo assim, é contado, quarta feira tal galeria tem sol, daí só noutra quarta, enquanto isso vai passando em outra galeria, então é só um pouquinho de sol pra cada, é bem critico né, por que é mais fechada, aqui não tem regalia. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

As condições do estabelecimento da prisão apresentadas à população carcerária também são componentes da representação do sistema e da própria perspectiva alternativa à prisão, considerando suas demandas mais urgentes.

Primeiro de tudo eles tinham que dar condição de vida pro cara lá dentro, se o estado tem que cobrar do cara, quer punir quem fez errado, o estado primeiro tinha que dá, tinha primeiro que dá um suporte pro cara ficar, pra tirar da sociedade pra ir pra uma coisa pra ir pra recuperação. Não tirar da sociedade pra ir fazer o cara passar por situações desumanas lá né cara! Não é justo o cara sair da sociedade, depende do crime que o cara fez né. Mas o cara daí, além de ser privado da liberdade, ser privado de espaço, ser privado da comida, ser privado da condição de humano, de um ser social, ser privado do teu psicológico, ser privado da saúde. Que vantagem tem isso cara! Que vantagem que o cara tem, que o mundo tem. O que que o cara vai aprender com isso cara? Então, o cara vai ficar um ano ocioso lá dentro, sem poder fazer nada, não tem um livro lá dentro, não tem uma atividade física pro cara fazer, pra se orientar, atividade social ou psicológica nenhuma pra orientar! Que tratamento que o cara vai ter? É sempre aquele do bandido bom é o bandido morto e o estado leva ao pé da letra! E assim ó, e um ponto prejudicial, a partir do momento em que for privatizado o sistema penitenciário, a cadeia vai virar um nicho de mercado, aí, se for aprovado a redução penal de maioridade, o cara com dezesseis ano cara! Ele vai poder ser preso, você vai ver o tanto de cara que tá com cinco grama de maconha no bolso vai ficar um ou dois ano preso. Vai ser dois três ano que ele vai tá rendendo pra uma empresa privada que vai bater palma na hora que vão prender um jovem ali que já é excluído da sociedade e vai ser moeda pra uma empresa privada. Aí sim o estado vai bater palma, porque vai dar graça de uma criança não ter estudo, de morar no gueto, de não ter opção e ter ido pro crime. Porque quem faz a lei e quem é do governo, quem é do estado, o cara tá bem na foto, tem seu carro, tem sua mansão, tem seu salário. Então, o sistema penal como existe hoje ele não recupera, mas a partir do momento que ele for passado pra iniciativa privada ele vai piorar mais ainda! Quanto mais preso mais lucro! Dizem que um preso gasta dois, dois mil por mês cara! Eles nunca, nunca investiram

---

128A Lei no 7.210, 11 de julho de 1984, prevê uma série de assistências à população carcerária: material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

nisso, nunca investiram nisso na vida de um preso! Não tem nem água! E esse dinheiro vai ser dado pra uma empresa que vai ser mais falcatrua ainda e esse dinheiro vai ser desviado também! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A crítica de Bob direcionada ao sistema carcerário e as perspectivas hegemônicas ligadas a proposta de contra reforma segundo o modelo privatista, evidencia o modo como a instituição prisional é representada pelos detentos não apenas como depósito de seres humanos, cuja maioria, saídos das periferias pobres do espaço urbano. Contempla a visão de que diante de um sistema penal que é incapaz de incidir exitosamente na recondução dos sujeitos à liberdade, tampouco na garantia do que é preconizado pela lei de execução penal, não pode lucrar com eles. Afirma que o sistema, ao preferir deixá-los à própria sorte, extraí como saldo a constituição de um barril de pólvora sujeito a explosão em contextos situados de manifestação de fortes tensões e conflitos dos detentos com a instituição prisional e com dada configuração do 'sistema'. Alguns aspetos ligados à vida proporcionada pelas condições do espaço prisional se apresentam nos seguintes relatos:

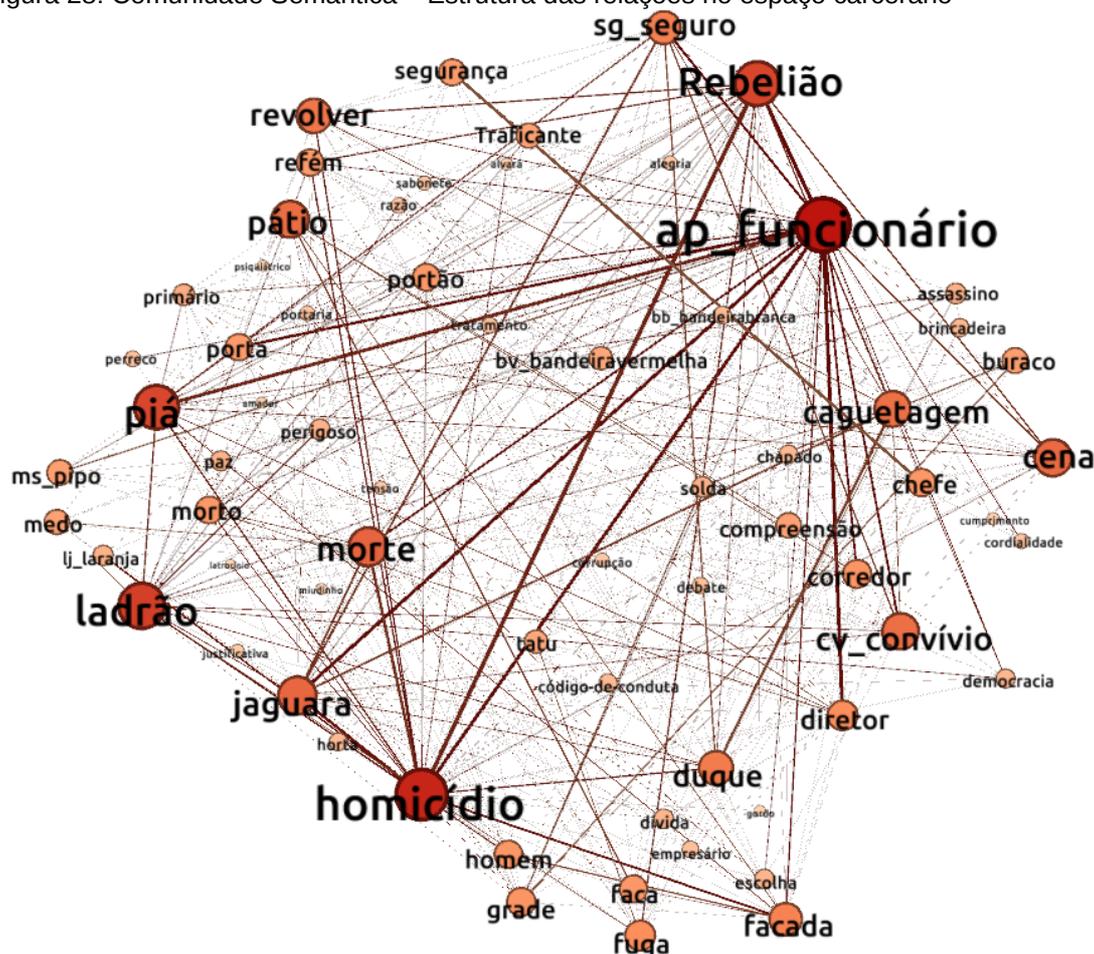
Imagine só, eu tava num X que não tinha muita sintonia, mas era 20 pinha numa parada que dá mais ou menos isso (anda pela calçada tentando demonstrar a pequena dimensão da cela). Um lugar que não tem onde todo mundo dormir. Pra você dormir é foda porque se um levanta já esbarra ou pode pisar no outro que tá embaixo, tá ligado? Tinha oito cara na praia, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

E (...) água gelada pra tomar banho, às vezes tem de 16 a 22 numa cela que só cabem 4. Calor, bastante né, falta de ventilação, você fica trinta dias sem ver o sol também né. Recluso ali sem sair, nem um segundo né. É, falta de água, vários período de falta de água. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Com base nessas condições objetivas e das experiências concretas na prisão, os detentos elaboram suas representações acerca do sistema carcerário e intervém no campo de suas relações sociais. O detentos entrevistados demonstram reconhecer as tensões e que também conjugam forças em contextos de negociação política para o estabelecimento de alianças e para efetivar uma oposição ao sistema que os oprime. A partir destes elementos objetivos e subjetivos ligados ao sistema carcerário, que se fomentam pelo cotidiano carcerário formas de associação em torno da normatividade e estratégias que objetivam movimentos de fuga, luta por reivindicações e outros enfrentamentos, tal como as rebeliões.

O grafo abaixo, que representa uma das comunidades semânticas e as tendências de sentido sobre a narrativa dos entrevistados acerca do modo como as relações sociais estão estruturadas no espaço carcerário, apresenta três evocações de maior frequência e intensidade de relações com outras palavras. Refiro-me às palavras ‘funcionário’, ‘rebelião’ e ‘homicídio’, cuja conexão dá o tom sobre o “barril de pólvora” instituído no espaço carcerário estudado.

Figura 28: Comunidade Semântica – Estrutura das relações no espaço carcerário



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o Gephi.

Os sujeitos envolvidos com agentes penitenciários(as) e direção do presídio, nas iniciativas coletivas de fuga e, em último caso, na eclosão de rebeliões, compõem a diversidade da população carcerária já evidenciada a partir de diferentes tipos de marcadores, nomeações de referência à crimes cometidos (‘ladrão’, ‘duque’, ‘laranja’), mas também facetas identitárias, como ‘piá’, ‘jaguara’, dentre outras. A prisão envolve, portanto, coexistência entre a diversidade e a ação organizada dos agentes institucionais. De um lado, os agentes seguem protocolos ou subvertem-nos

diante de inúmeras dificuldades advindas de um longo processo de sucateamento, precarização e superlotação em curso. De outro, os detentos também instituem um eixo organizacional para as relações com estes agentes institucionais.

A postura frequente dos detentos homens diante dos 'funcionários' pode ser entendida através da perspectiva dos entrevistados, tal como a expressão do Dexter, "sem rastejar e sem pagar simpatia". Isto porque, ao mesmo tempo em que os detentos não se veem meramente submissos, obedientes ou passivos diante do controle e vigia exercidos pelos agentes penitenciários, devem sempre tomar o cuidado necessário para que suas estratégias e dadas práticas cotidianas, ou ligadas à eventuais tentativas de fuga e rebelião, não se tornem frustradas. Ao mesmo tempo, demonstram seguir, via de regra e salvo exceções, uma orientação coletiva de que não devem prestar cordial saudação ou qualquer tipo de simpatia àqueles que trancam diariamente o cadeado de suas celas e galerias ou demonstram potencial para constranger seus familiares. Seguem, portanto, uma das principais orientações que compõem o conjunto da normatividade masculina e que incide sobre o respeito, a discricção e total ausência de simpatia na relação com agentes penitenciários.

A rede de palavras referente a categoria de análise 'funcionários' contribui à reflexão sobre estes elementos da relação entre detentos e agentes penitenciários.



Então, há um tratamento assim meio que vocês lá e a gente aqui e vamo manter um equilíbrio! Mas quando é pra pedir um remédio, quando você vai pedir um aviso. Um aviso, por exemplo: eu quero saber como é que tá minha família lá, se alguém tá no hospital ou se não tá, se aconteceu alguma coisa, daí tem que ter o contato né. Eles podem fazer o contato né, a não ser que eles não queiram. Mas assim, funcionário é tratado com distância né. Mas tem funcionário assim que, procura, que procura atender né. Os mais antigos na verdade, porque tem muitos que são piá de 20, 22 anos que passou no concurso e daí vai tratar com criminoso lá que é traficante, que é matador e não sei o que. Piá de vinte anos que não tem as manha de como lidar, às vezes não tem nem tato pra fazer isso né. Tem agente que até procura, que até procura ser prestativo né, caía muito a luz lá, então tem que ficar avisando: 'ô seu funcionário, favor ligar a luz do X cinco que caiu, favor ligar a luz da galeria inteira que caiu.' (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Como é possível perceber através das falas, as formas de tratamento dos detentos para com os funcionários devem seguir o protocolo do respeito. O respeito e a obediência ao servidor da instituição prisional e demais pessoas com quem se relacionar, é dever do detento e compõe um dos artigos da Lei de Execução Penal<sup>130</sup>. Além disso, o respeito pode influenciar em bom futuro atendimento, pois serão os funcionários aqueles à prestar assistência em caso de problemas próprios da infraestrutura prisional. No entanto, nem todos os agentes penitenciários são representados como pessoas solícitas ou aptas à satisfazer demandas ou, até mesmo, atender aos pedidos de informação. Assim, os relatos também expressam a diversidade de perfis e performances no conjunto de profissionais do sistema.

Há uma norma instituída pelo coletivo encarcerado que prevê proibição de contato próximo ou qualquer conversa com os funcionários que não derivem de um caso de extrema necessidade. Isso se evidencia na 'Rede Funcionários' a partir da palavra 'vacilo', como ato de contestação da diretriz para a relação com agentes penitenciários e que compõe a normatividade estabelecida pelo grupo, posicionando os sujeitos através de suas relações de poder. Ao mesmo tempo em que os detentos se veem na obrigação de chamar os funcionários de 'senhor', devem os mesmos dirigir-lhes pouco a voz e atenção. Por conseguinte, tais performances são mobilizadas com o intuito de evitar o falatório de terceiros, a suspeição em torno de delações ou qualquer outro tipo de colaboração dos detentos para com a instituição prisional e seus agentes mais diretos.

---

130 Artigo 39 da seção I do capítulo IV referente aos direitos, deveres e disciplina.  
[http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/Lei\\_de\\_Execucao\\_Penal\\_e\\_outras\\_leis.pdf](http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/Lei_de_Execucao_Penal_e_outras_leis.pdf)

Com os funcionário, isso é uma norma né. Se você puder ouvir o que eles tão falando, na hora que alguém viu que abriu a porta, os cara já falam, 'ô lá, o cara já tá 'dando mio', falando com o funcionário' e coisa e tal. Às vez não tem nada a ver, mas o que que acontece? Muitas vez o cara fez alguma coisa errada e aí tá só conversando, se justificando. Eu não xingava os funcionário e nem falava nada, mas sabia o motivo de eles tá fazendo o que fazia. Eu ficava neutro ali sabe? Não xingava, não falava muito, também não conversava com os funcionário, é claro. Pra não causar nada, não conversava com os ap\_funcionário, não conversava o desnecessário. Que é isso que os cara não gostam. Do tipo, de falar: 'ô cara, como é que tá? Que tal? E aí?' Já rolava de outros vir e chegar dizendo: 'Porra cara, isso é 'mio' que cê tá dando'. Os cara não queriam nem saber, se fosse isso os cara chegavam junto mesmo! (Adão, entrevista, junho de 2014).

Se tratam bem os funcionário. Os cara já fala assim ó: 'vai servir um cafezinho?', 'O cara te tranca tudo dia aí, vai lá e 'bate uma pra ele' então!' E é assim irmão, 'deu mio' os cara já cobram ali e daí ninguém mais faz, tá ligado. Deus o livre chamar eles de 'cara', tipo: 'O cara!' Eles já brigam: 'Que cara rapaz, é seu funcionário! Senhor!' Esses cara lá 'se acham' né. Daí quando tem que conversar com esse cara, nossa piá, Deus o livre. Não pode falar obrigado pros cara, porque os preso enxergam e dizem: 'É, tá agradecendo esses filho da puta! É ele que te tranca tudo dia aí! É ele que põe trava tudo dia pra você não ir embora, retardado!(Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Neste sentido, a normatividade está fundamentalmente ligada a relação que os detentos estabelecem com agentes penitenciário(a)s. Esta é frequentemente legitimada com base não só na descrição, mas a partir de relatos sobre o tratamento eventualmente dispendido por determinados agentes.

Só que lá dentro também, os funcionários judiam muito do cara. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Mas tem uns cara, uns cara que são muito covarde, sabe? Muito covarde mesmo, eles abusam muito do preso, é, eu sei lá. Acho que uma pessoa consciente não vai ser com um 'pé-do-vido' que você vai melhorar ou iluminar aquela pessoa. Uma pessoa consciente sabe que tá sendo covarde, que o que tá sendo feito é uma covardia. Mas tudo isso também é relativo, tudo isso é muito relativo, sabe? Tem cara que é tranquilão, tem cara que é, vai mais na conversa. Mas eu sei lá cara, tem, é que tem uns cara que são muito ruim que é difícil de lidar, que já colocam pose, na farda e daí é covardia, porque você tá, tipo, batendo em cachorro morto. (Adão, entrevista, junho de 2014).

A agressão gratuita e a covardia não figuram no conjunto de performances respeitadas pelos detentos e voltadas à uma diversidade de contextos de interação humana na prisão. Por isso muitos detentos se chocam com a possibilidade de atos de covardia ou tortura. Isso pode ser interpretado como um tipo de contradição entre a normatividade masculina instituída pelos detentos e a possibilidade de desvio da ética profissional. Um outro exemplo da contestação que os detentos podem fazer

diante de dadas performances de agentes é o tratamento dado as pessoas que realizam visitas.

Lá você tem que conversar com os funcionário só o necessário pra convivência né. Não pode ter sorriso, nem, nem contato físico, cumprimento, nenhuma cordialidade com funcionário! Porque, mais uma coisa que é certa assim, pare e analise: O funcionário é o que trata tua família mal, trata daquele jeito a visita, que faz a tua visita passar por situação vexatória, é o cara que te fecha todo dia ali, que te, entre aspas, que te tira a tua liberdade todos os dias né, que te lembra que você tá preso, que vai lá e te fecha e tal. Você vai tratar um cara desse com cordialidade? Um cara que te, que chega na tua família e diz 'Ó, isso aqui não vai entrar porque, não sei o que (...)' que chega pra tua família e diz 'Não, pode ir embora!' se alguém vai te trazer uma coberta eles dizem 'não vai entrar, pode ir embora' e tal. Porque tem um pelo diferente, uma calça que não pode entrar porque não é daquela cor que eles querem e não sei o que e tal. Então, por quantas coisas, famílias não saem chorando dali? Tem muito funcionário que fica passando assim com a camiseta meio aberta, aí os cara chegam assim e diz 'ó, o senhor podia ter mais respeito com a nossa visita aí e não ficar andando assim'. Uma roupa que nem a gente permite andar de qualquer jeito. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Achei que comigo os funcionário foram bem filho da puta piá, queriam me botar no seguro de cara já. Eu caí bem mendigo, tá ligado? Os cara não respeitam nada, te tratam quem nem um qualquer mesmo, sabe? Tem uns que são de boa, você trata com respeito, chama de senhor ou de funcionário e não dá nada. Mas quando eu entrei os cara foram me empurrando e me deram uma bicuda, aí já peguei raiva dos desgraçado. Igual os cara dizem lá: 'não dá pra ter amizade com cara que te tranca tudo dia e que constrange tua família na visita', tá ligado? O negócio é eles no canto deles fazendo o deles e a gente levar a coisa do nosso jeito lá dentro, sem treta, tá ligado? (Bull, entrevista, outubro de 2013).

O fato de alguns funcionários exercerem práticas e performances que são condenadas pelo coletivo encarcerado geram focos de tensão entre eles e os detentos. Mais exemplos disso podem ser extraídos, além dos momentos de visita, de outros contextos de interação, como é o caso da entrada no 'prédio'.

Daí o funcionário queria me jogar no seguro né mano! Aí falei pro funcionário que eu não queria entrar né mano: 'Não funcionário, não sabia que era seguro, não vou entrar!' e tal, 'Tenho convívio' e o funcionário assim: 'Eh piazão, você não pode escolher! Você não pode escolher!' e não sei o que. Daí eu peguei e falei: 'Mas aqui eu não entro funcionário, não vou entrar aí e pronto!' (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Para o entrevistado, a destinação de um detento à uma dada galeria ou cela do presídio é também de alçada do próprio coletivo encarcerado, não sendo considerado, portanto, atribuição exclusiva dos funcionários encaminhar detentos ao 'seguro'. Entretanto, dentre as contradições envolvendo a normatividade masculina e as práticas de alguns funcionários, a norma acerca de não falar demasiado com eles

é acompanhada da norma que proíbe desrespeitar ou dirigir ofensas aos profissionais da instituição prisional.

Lá dentro, tem muito cara zica lá mano, muito cara crica, tá ligado? E muito cara zica com funcionário, tipo, não sabe conversar com funcionário. O cara parece que já quer se mostrar pros outros lá, pros outros ladrão, isso tem muito mano! E é principalmente os moleque, os piá, tá ligado mano! E digo piá mano, porque você conhece cada um na caminhada que é foda mano! Tipo os cara quer se mostrar pros outros ladrão, daí quando o funcionário vem, não é que o cara não sabe agir na democracia, ele não quer, sabe? Quer tratar mal o funcionário, quer tipo falar assim (estufa o peito e levanta demasiado a cabeça), tá ligado? De fazer cara feia pro funcionário mano, tá ligado? E isso não leva nada mano e isso o cara fica enxergado. Às vez de acontecer uma coisa com o funcionário e o cara vai lá com o diretor da cadeia se explicar lá na frente e o cara fala alguma fita, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Embora o respeito apareça como princípio estabelecido na prisão para a relação entre detentos e funcionários, os agentes também são representados como pessoas que sentem o medo que vem de fora do estabelecimento. Sendo recorrente a ameaça implícita aos funcionários que eventual ou frequentemente venham a ser reconhecidos como covardes ou por experiências conflitivas no envolvimento com alguma atividade ilícita.

Os funcionário não cagam e não cheiram, tá ligado? Pelo menos pra mim foi assim né, sei de uns que eram bem porco e daí os irmãozinho queriam o couro dele aqui fora. E pode crer que rola, se o funcionário é jaguara ele paga aqui fora, tá ligado? Ou quando sobe a bandeira vermelha. Por que tem sempre aquele que quer se prevalecer no bagulho, faz um corre na rua e traz lá pra dentro, tá ligado? Disso eu sei, tem funcionário que tira uma nota, aí pode dar alguma treta também, vai saber... Tem os jaguara que trata mal também, que bate por que se aproveita de um pancadão ali, na hora que rola e depois quem paga, leva uns chute, mas esses já se espertam, por que, claro, tem medo dos irmão que daqui de fora vão atrás pra cobrar, pra matar, ameaça família, isso já tô ligado porque um mano meu que ficou guardado também me contou. Só que é pouco, tem bem pouco agente que toca o foda-se com os irmãozinho lá dentro, eles tem medo também né. E a gente não pode dar mio de falar com os cara, nem de fazer nada lá pra ajudar eles, bem o contrário, a gente quer que a cadeia pegue fogo, só que sem a gente lá dentro, é o inferno lá, tá ligado? (Red, entrevista, agosto de 2014).

Eles quase que não apitavam muito, só controlavam a fuga e entrada de coisa, quem decidia era bandido, sabe? Decidia até pela vida do cara! O cara apanhava, lógico que eles fazia o cara né. Pense bem, eles chegavam pra ganhar a situação. Então muitas vezes, muita das vezes era com covarde, sabe? Mas aonde tem muito erro mesmo, que eu vi, que tem muito erro mesmo é aqui no, nesse presídio mesmo, os cara são muito covarde mesmo, não tem mais conversa com os funcionário. Que lá eles não se aproveitavam muito porque sabiam bem que uma hora ou outra podiam ser vítima né. Então isso dava uma acalmada, sabe? Quem aprontava, eles tinham medo, quem era meia boca eles iam lá e só dava um sermão e quem

era calmo não perturbava ninguém e não dava nada. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Se for considerado que a posição de alguns detentos pode ser interpretada como marginal na relação estabelecida com funcionários no interior do espaço carcerário e isso se manifesta na dissonância entre a performance desejada pelos detentos e aquelas praticadas por dados agentes, tal posição pode ser reorientada dependendo das redes de relações que os detentos estabelecem fora da prisão. Redes de relações que representam uma forma de contenção da agressividade e covardia manifestadas por alguns funcionários, mediante a tácita ou declarada ameaça de morte a ser executada em outros lugares e itinerários da vida dos agentes no espaço urbano. Desta maneira, as práticas cotidianas da prisão têm eco noutra escala, a da vivência cotidiana de agentes institucionais nos espaços fora da prisão. À vista disso, o detento que pode ocupar a marginalidade de uma configuração de relações envolvendo os agentes institucionais no cárcere também pode ocupar centralidade, se considerada a escala do espaço urbano e a configuração de relações de poder que influem ao assassinato desses agentes fora do estabelecimento prisional. Portanto, conforme a escala observada, mudam-se as posições em dada configuração das relações de poder entre ‘funcionários’ e detentos. A tensão constituída nesse jogo de escalas tende, assim, à busca de um certo equilíbrio na relação que os diferentes sujeitos, funcionários e detentos estabelecem na prisão, pois grande parte se evidencia como propensa a compreender e agir conforme a disciplina estabelecida com base no respeito. Por outro lado, não tão de acordo com o princípio da obediência, tal como pôde ser observado num dos relatos que demonstra a oposição do detento em ocupar uma galeria e cela que não desejava.

Outro aspecto da relação dos homens detentos com agentes penitenciários envolve, diferentemente da contradição diante da normatividade masculina, a conivência perante seus métodos de punição.

E outra coisa daí, os funcionário é assim, por exemplo, se o cara tá matando outro na galeria, eles tão olhando lá. Daí o povinho chega, tudo combinado, o povo chega quando o geladinho morreu, chega tudo mundo o cara já passa e pá, dá a faca pro laranja, tá ligado, e sai fora, pro meio. Daí o laranja vai lá no portão e dá pro funcionário: ‘ó senhor, fui eu que matei’. O funcionário viu que não foi ele, o funcionário não pode pegar outro cara, o verdadeiro que matou, por que se pegar o verdadeiro, dá rebelião,

entendeu? Então tem que abraçar o laranja. Então tem tudo esses 'corrimasso'<sup>131</sup> também.<sup>132</sup> (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A convivência expressa no relato acima, no entanto, evidencia a rebelião como outro tipo de implícita ameaça recorrente no espaço carcerário. Isso demonstra que, considerando a normatividade masculina que institui formas de interação e performances dirigidas aos contextos de relação com funcionários, estes também são ativos nos processos de negociação em que alguns motivadores para a deflagração de rebelião estão em jogo. Deste modo, pode ser compreendido e afirmado que a relação entre detentos e agentes penitenciários, além de representar um contexto de paz negociada, institui variadas formas de tensionamento e a própria variação de posições dos sujeitos em distintas configurações de poder ou conforme a escala considerada.

O reposicionamento pode ocorrer em diferentes contextos na escala da prisão. No entanto, dois são os mais significativos e são denominados pelos detentos como: 'bandeira branca' e 'bandeira vermelha'. O primeiro contexto refere-se a normalidade da condução da vida cotidiana conforme a normatividade masculina do espaço carcerário. O segundo, da 'bandeira vermelha', diz respeito aos contextos de rebelião.

Bandeira branca, daí esse troço de bandeira branca, não sei como é que funciona muito bem. A bandeira branca é na paz. Sem guerra, sem cobrar nada de ninguém, brigar ou resolver, tem que lavar a cadeia, sem morte, sem rebelião, sem nada: bandeira branca! A hora que subir a bandeira vermelha, já fica sabendo lá dentro. Bandeira vermelha é virar a cadeia! Daí quem quer cobrar cobra, quem quer matar mata (...) Daí é daquela forma. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Afirmar no início da seção que a normatividade masculina está fundamentalmente imbricada a relação estabelecida com os funcionários e que tal relação tem como elementos de sua composição o respeito e a discricão. Sendo assim, o fato de estar estendida a 'bandeira branca' que também institui a paz no espaço carcerário não significa que os detentos se posicionam como meros sujeitos marginalizados ou dominados diante do controle e da vigia institucionais. O clima de

131 'Corrimasso' remete ao termo 'carrerria', que por sua vez, diz respeito à algum plano ou estratégia em curso.

132 O relato não apresenta como afirmação de que o episódio ocorreu no presídio ponta-grossense, e o detento cumprira pena de prisão na Penitenciária Central do Estado, localizada no município de Piraquara na região metropolitana de Curitiba.

relativa tranquilidade e paz pode ocultar iniciativas para entrada de objetos e drogas, de produção de ‘estoques’, de construção de túneis de fuga e assim por diante.

Os cara falam a bandeira branca tá estendida daí é paz, só que não pode também né, se aproveitar, não pode se aproveitar por que a bandeira tá branca que na mesma hora ela pode virar vermelha. Ta de boa, tem que dar graça e ficar de boa, por que os cara tão com objetivo, tão fazendo tatu<sup>133</sup> daí eles erguem bandeira branca. Mas não é uma tese assim que o cara ergue a bandeira branca que tão sossegado né. Não! É outras atividade, que as vezes os cara ‘comem abelha’. Tão indo na caminhada achando que tá ‘fofo’, mas naquela caminhada ali tá sendo colhida outra caminhada. Mesma coisa o traficante grande. O traficante grande manda você entrar com 10kg aqui em Ponta Grossa e já cagueta lá na frente: ‘ta indo um cara com 10kg’. A policia vai pegar esse cara, enquanto que por Curitiba tá passando 200, 300kg. Então esse é o mesmo jogo, por que não adianta o cara falar que ‘pô cara, mas a policia não sabia que eu tava com a droga na mochila, como é que a policia foi me pegar?’. Mas quem mandou você trazer lá? Foi o cara, o traficante que te deu, ta ligado? É só ele que sabe por onde você ta indo e que sabe que você ta levando. Então a polícia não tem bola de cristal. Essa é a mesma caminhada lá dentro. Os cara estende a bandeira branca, pra de certo os cara comer abelha. Que nem os cara falam, ‘ow ta bandeira branca, ta tranquilo né’, mas os cara tão fazendo outra atividade, quando vê, os cara tao indo embora e os cara tão ali sossegado. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A fala de Pavio sugere, deste modo, que nas interações com os funcionários a discricção visa a ideal ocultação de determinadas práticas, objetos e estratégias em curso. Por isso, é possível afirmar que o modo “sem rastejar, nem pagar simpatia” e o próprio contexto denominado de ‘bandeira branca’ são compostos por táticas e estratégias de furtividade<sup>134</sup>. Se os detentos não forem vistos, nem lembrados ou flagrados pela atenção dos funcionários em distúrbios da rotina em comum, possibilitam a manutenção do que Lamarre (2001) denomina como ‘zonas cinzentas’ do território prisional, no qual as ações dos detentos fogem ao controle e vigia empreendidas pelos agentes institucionais.

Os empreendimentos ligados à fuga são ótimos exemplos do resultado obtido pela adoção de táticas e estratégias de furtividade voltadas ao exercício de determinadas práticas.

Não deu nem uma semana minha de galeria mano, eu vi dezoito, vinte e um irmão ir embora por um buraco mano! Eu não quis ir, tá ligado? Eu entrei dentro mano, ajudei, tomei choque mano, tá ligado? Fiz café pra caralho mano! ‘Moca’ sem parar assim mano! Só pra servir os irmão e os irmão dê-lhe trampo! (bate com o dedo um no outro estralando).Mas saiu mano!

133 ‘Tatu’ é termo usado para se referir à um túnel utilizado para fuga.

134A furtividade é entendida como a habilidade para o desenvolvimento de atos praticados a furto, ou seja, ao que é praticado de modo oculto, escondido, disfarçado ou dissimulado.

Tremeu a cadeia no outro dia lá, mano! E o 'Jocelito'<sup>135</sup>: fuga em massa no Hidelbrando! E a ladrãozada: 'EEEHHHHH!' A cadeia inteira tremendo e: 'Tou, tou, tou, tou', das grade batendo mano! Nossa, vinte e um mano, a segunda maior fuga da história da cadeia! E ali, na minha frente mano. E eu carregado de cadeia mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Lá eles faziam tatu, pra tentar sair por baixo, lá todo lugar tinha um buraco pra tentar sair, tanto é que teve, quando eu tava lá, teve uma fuga de dezesseis cabeça lá. Não é uma coisa difícil, e os cara fizeram isso em três dias cara, em três dias os cara se reuniram e: 'Vamo? Vamo!'. Mas é cara que tem dez ano de pena. Mas mesmo assim, pros cara se agilizar em três dias numa fuga cara! Eles tão extremamente loco né cara! Eu acho que se o cara é pego fazendo uma dessa dá uma aumentada boa na pena. Assim ó, o cara que foge pega mais seis ou um ano de acréscimo, tem um lance assim. (Anísio, entrevista, junho de 2013).

O surpreendente fato de ocorrerem fugas de um espaço descrito como fechado e após a engenhosa e furtiva construção de túnel desde a cela, demonstra a eficácia da ressignificação do respeito na composição de um modelo de discricção e furtividade na relação com os funcionários.

As fugas da prisão, além de demonstrarem a condução de práticas cotidianas regidas por táticas e estratégias de furtividade, apresentam os dilemas e a posicionalidade dos sujeitos no contexto em que são realizadas.

E daí mano, todo mundo 'pesando a minha'<sup>136</sup> pra eu ir embora também né mano! Só que, pra quem quer largar mão do crime né mano, você ir embora, você não vai conseguir assim mano. Você vai continuar, porque daí você vai trabalhar como? Como que você vai, pá! Você vai ter que viver mocado<sup>137</sup>, e viver mocado é aquilo lá né, que nós já conversamo! Vai ter que viver do crime! E eu não fugi mano, olhe cara, não foi por falta de oportunidade mano, porque eles tavam dando preferência pra ir os ladrão que tavam mais carregado<sup>138</sup> ir na frente né mano! Quem tem uma 'cadeinha doce'<sup>139</sup> mano, vai por último no buraco né mano! Oh, tem que pensar nos camarada lá! Oh, tinha um ali que tinha lá, só que assim o bagulho é tão fácil que todos caíram de novo, dos vinte um! Os que não morreram. Só tinha um na rua mano e eu, enquanto eu tava lá, eu vi todos voltarem mano! Tá ligado mano? Todos voltaram! Tá ligado mano? Todos voltaram! Todos! Dois foram pego mano, no mesmo dia, no ponto de ônibus mano! Tá ligado? Tem cara que mósca<sup>140</sup>! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Contribuir com o projeto de fuga nem sempre garante a saída do detento, pois este pode avaliar se tal alternativa representa de fato uma saída positiva. Desta

135 Popular radialista de Ponta Grossa.

136 A expressão 'pesando a minha' refere a tentativa insistente de outros detentos de convencê-lo à fugir.

137 Escondido.

138 A expressão 'tavam mais carregado' diz respeito aos detentos com penas mais longas.

139 Enquanto que a expressão 'cadeinha doce' diz respeito a penas mais curtas.

140 'Moscar' é sinônimo de 'dar mio' ou de 'vacilar'.

maneira, a fuga se constitui em dilema para o detento que opta entre correr o risco de ser apreendido após a ação e, assim, ver aumentar sua pena de prisão, viver na clandestinidade ou permanecer onde está.

Outro aspecto interessante ligado a fuga da prisão é o fato de que o tempo da pena sentenciada aos sujeitos posiciona-os na fila de saída. Aqueles que tem sentença muito longa têm preferência diante daqueles cujas penas são de menor período de tempo. Deste modo, no contexto da fuga, o detento que ocupa posição de centralidade em dada configuração das relações de poder estabelecidas no presídio ou na criminalidade, não detém, *a priori*, privilégios à fuga. Além disso, se a fuga resulta como frustrada para alguns detentos, mesmo assumindo posições como a do audacioso realizador do empreendimento, são destinados à sanção disciplinar exercida pela direção do presídio e, por conseguinte, se posicionam na marginalidade da configuração das relações de poder com a instituição prisional.

E daí depois mano, nós fomo pra tranca<sup>141</sup>, só que não botaram a sacola, nós não podia pagar castigo, porque tá ligado quem quis ir embora foi e eles ainda pegaram um tentando sair, tá ligado? Mas na hora que nós ouvimo os tiro foi foda mano! Nós tudo naquela tensão dentro da galeria, foi três dias de trampo mano! Três dia e três noite mano! Não, três dia e duas noite mano! Tá ligado? De serviço mano! Bastante metro escavado mano, sério, mais de doze metro! É bastante cara! Se for pensar mano, cavar com panela, mão, latinha, 'pneuzinho' mano! Faltava ar mano, cabuloso. Daí nós fizemo instalação elétrica né mano, mas eu não sei o que que rola que, cara, tudo dava choque mano! Quando você encostava na parede do túnel dava choque assim mano! Tava passando eletricidade, sei lá mano! Tudo dava choque mano, você ia engatinhando e já ia levando uns choquinho assim mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

As sanções disciplinares demonstram um dos contextos em que estão num ponto extremo da marginalidade das relações de poder estabelecidas no cárcere e regidas pela instituição. Como se demonstrou na flagrante tentativa de fuga ou suspeita acerca da participação na construção de túnel e, posterior penalização dada pela instituição, que deve garantir, antes de qualquer coisa, a privação de liberdade. Porém, esta posição de marginalidade pode ser radicalmente reorientada quando a 'bandeira vermelha' é estendida.

Tem que ser na democracia, tanto é que até na rebelião... Mano, a rebelião é democrática mano, pode ver cara, os cara pegam refém, os cara não matam o refém, eles matam um ladrão jaguara, tá ligado mano? Mas não

---

141'Tranca' é também conhecida como solitária, cela destinada aos detentos que são punidos através de sanções disciplinares, geralmente após tentativa de fuga e depois de rebelião.

matam o refém, um agente, pode ver, os agente eles ficam mantido lá mano, tomam café, falam no radinho (celular) com a família, tá ligado mano? Fumam um até, até um baseado, tá ligado? Entendeu? Claro, é aquela pressão, os cara tão na pressão, meu Deus né! Pro mundo deles... Só que os próprio irmão não deixam ninguém fazer nada. Só se o cara quiser, tá ligado? Que é muito difícil, tipo, um funcionário que 'pagou veneno'<sup>142</sup>, tá ligado? Quis bater, tá ligado? Daí essa é a hora! Por isso que até os cara tem que ser democrático, porque eles tão sujeito a isso, ainda mais lá no Hidelbrando mano! Que é super simples de catar os funcionário. (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

A democracia a qual se refere o entrevistado diz respeito à normatividade voltada aos contextos de 'bandeira branca' e que envolvem o risco de rebelião e o equilíbrio da relação entre os detentos e agentes institucionais. Quando agentes penitenciários demonstram agressividade, covardia ou adotam posturas que não agradam um bom número de detentos, potencializam a constituição de si mesmos como alvos preferenciais à servirem de reféns aos detentos rebelados. O dilema que envolve covardia e ameaça conduz boa parte das relações entre detentos e funcionários, dentre os quais muitos optam por respeitar as normas estabelecidas pelo coletivo encarcerado de modo a preservar seu futuro quando for deflagrada uma rebelião.

A rebelião aparece na narrativa dos entrevistados como ato temporário, coletivo e autônomo de mudança radical do espaço carcerário.

A hora que subir a bandeira vermelha, já fica sabendo lá dentro. Bandeira vermelha é virar a cadeia! (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Se a cadeia vira, quando é rebelião, aí o bicho pega memo! (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Ainda mais quando tem aquelas rebelião que dá sempre, que se revoltam, o Satanás parece que incorpora nos cara né! (Adão, entrevista, junho de 2014).

'Virar a cadeia' é uma expressão comum utilizada pelos detentos para demonstrar o objetivo de tal ação coletiva voltada a virar as coisas de cabeça para baixo e, assim, instituir rápidos processos de mudança das relações em que também se deflagram tanto a depredação e violências, quanto se encaminham reivindicações.

Aquela época ainda não, não tava valendo as fita que rolou na rebelião, tá ligado? Tipo, foi feita uma rebelião enquanto nós tava na triagem mano! Né! E essa rebelião foi muito loca, tá ligado mano? Os cara uniram duas galeria,

---

142'Pagou veneno' é expressão que pode ser traduzida como fez algo muito ruim, cruel, etc..

quebraram mais uma, os cara uniram três galeria, tá ligado mano? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

No dia dessa rebelião que eu tava lá eles tavam (...) Quando teve a rebelião que tinha a visita das nove ao meio dia, uma coisa assim, e se estendeu das sete até as três da tarde assim, sabe? Daí na sacola colocaram mais alimento, tinha bastante comida e outras coisa também na sacola, essa foi na primeira rebelião né. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Os cara conseguiram quebrar até parede mano, foi uma rebelião muito grande, tá ligado? E conseguiram alguma coisa, a visita né mano! A visita tava sendo só durante a manhã, tá ligado? Algumas horas durante a manhã assim, os cara voltaram a ser no que era antes, a DEPEN quando assumiu cortou muita regalia, né mano, que a Civil deixava, tipo antes tinha vídeo game, dvd. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Uma rebelião carcerária, portanto, está ligada não somente ao desejo partilhado por um bom número de detentos de subverter a ordem instituída no interior do espaço carcerário, mas de extrair do 'sistema' mudanças positivas à sobrevivência e garantia de direitos à sua população. A primeira fala evidencia a rebelião como possibilidade de união entre detentos de diferentes celas e galerias. À vista disso, também pode se afirmar que, não havendo aparente consenso à deflagração de rebeliões, estas emergem de resoluções aprovadas e seguidas por um conjunto de detentos que se mostram conformes com a adoção desta forma de luta. Sendo que o convencimento voltado à máxima adesão à rebeliões está frequentemente ligado às demandas para a visita, envio de provisões alimentícias, entre outras reivindicações.

A palavra rebelião na comunidade semântica que representa graficamente as relações sociais estabelecidas na prisão, ajudam a descortinar algumas das tendências de sentido que também estão ligadas a este contexto.



coletiva ou exercitar justiça pelas próprias mãos encarceradas. Paralelamente, o homicídio ou agressões brutais dirigidos contra 'duques' e 'caguetas' cumpre um objetivo: o de servir de estratégia de pressão à direção penitenciária e aos governos responsáveis pela gestão do sistema carcerário e; de escudo no caso de uma operação ostensiva de entrada do batalhão de choque no presídio.

Tá ligado que lá tem os pinha né, e os pinha não deixaram fazer os duque porque conseguimos mais tempo na visita e fazer entrar espuma pra todo mundo que tava sem, foi do acordo né. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Ou, 'Não, não vamo cobrar já porque vamo esperar virar o troço.' E deixam pra quando subir a bandeira vermelha, daí eles decidem né. (Anísio, entrevista, junho de 2013).

Antes acontecia assim, o estuprador era zoadado, sabe? Chegava lá e era zoadado, hoje já não é zoadado mais. Os cara não deixam zoar! Mas, se tiver uma rebelião, ele é usado na rebelião. Viu esses cara que, não sei se você acompanhou, que jogaram os cara lá de cima, cortaram cabeça, tudo estuprador e cagueta. Então esses é preservado ali, preservado pra alguma coisa quando explodir! Eles que vão servir de escudo, eles são o escudo daí. Mas do contrário, eles não zoam, o cara fica lá. Daí no dia que tiver de ser usado alguém, eles vão, daí sim, eles vão matar, vão fazer assumir alguma coisa. Vão massacrar os cara! (Adão, entrevista, junho de 2014).

Esta estratégia, todavia, gera tensão e medo àqueles que, por ventura, foram destinados ao 'seguro' a partir de uma sucessão de erros diante da normatividade ou de um episódio de delação.

E a rebelião foi muito punk, eles quebraram tudo lá né cara! Daí o medo é assim, antes eu não tinha noção do que era, antes de você entrar lá dentro você não tem noção do que é nada, a adrenalina que é um negócio desse. Agora essas imagem que passam dos cara de cabeça pra baixo, de cara sendo espancado, o próprio detento sendo espancado, porra! Você tá ali de bobeira ali e de repente os cara vem e, 'ó vamo pegar aquele tongo ali, aquele mosca morta ali cara, vamo dar um pau nele, virar ele de cabeça pra baixo e vamo fazer ele de gato e sapato e de exemplo, é isso mesmo? É isso mesmo! Então é esse cara aí mesmo? É esse mesmo!' Aí eu pergunto, e a família do cara que tá lá fora, que que o cara tem que punir o outro ali, que vantagem ele tem de fazer uma dessa, porque tem que ser castigado agora pra dar exemplo pra outros? Essa cena é *punk* porque a cobrança e o castigo tá liberado numa rebelião! bandeira vermelha é bom por um lado, mas é ruim por outro! Por que daí não há limites! Mas não mataram ninguém, menos mal. Eles até, teve o agente que foi pego pra refém e tal, tava tomando nescal e comendo chocolate lá, essa rebelião daqui foi a mais cordial que teve né. Agora eu te pergunto, vai que eu to com o alvará pra sair, pra ser solto e os cara me, matam lá dentro? (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A fala de Bob apresenta a rebelião como possibilidade de se fugir à normatividade instituída no espaço carcerário e vigente em contextos de 'bandeira

branca', ainda que se mantenha o veto à agressão ou tortura despropositadas de agentes penitenciários.

A rebelião também se apresenta como possibilidade de fuga aos detentos:

Foi virado a rebelião, só que o cara gritou: 'preso fugiu, preso fugiu'. Eles viram quem era esse cara(...). (Adão, entrevista, junho de 2014).

O loco que, quando a cadeia tava virada altos cara, muito loco, tá ligado, uns só ali, no tatu pra fugir, só que não deu. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Como a fuga também se constitui em projeto executado coletivamente, os detentos que ocupam os espaços de exílio, dentre eles, os 'pilantras', 'caguetas' e 'duques', podem ser convertidos em mão de obra escrava à sua execução.

Dai o cara ajudou fazer um túnel assim bem grande, tava chegando como daqui lá na esquina lá em baixo mais ou menos assim fora do alambrado. Tampemo tudo sossegado daí o pilantra, só os pilantra trabalhando assim, que daí não era pra matar, morre só quem é pra morrer. Os outros pilantra lá que os cara gostavam era só pra trabalhar, os cara fizeram um buracão quase do tamanho desta sala assim, só a boca do buraco. Os cara arrancavam terra na unha assim. Daí um tal de Boiadero, o cara pegou e só ficava os irmão no portão assim, e não deixava ninguém passar pra lá por causa do túnel na hora do descanso. Daí o cara pegou e fez um bem bolado. O cara entro pra dentro e os cara 'fechou, fechou, fechou, vamo embora'. Daí os cara levaram os pilantra pra dentro e deixaram os irmão no portão, 'ó você atende aqui, você atende lá, você atende lá'. Só que dai os irmão primário né, meio burro né, e o cara pegou e foi pra dentro da cadeia e voltou de novo, chegou no portão e falou 'ó, os cara mandaram eu vim atender do buraco' e os pia pegaram e abriram o portão e deixaram o cara passar. Daí o cara passou, foi lá e destampou o buraco e tipo imaginou, assim, no pensamento dele, o cara tava uns dia ali também né, imaginou no pensamento, assim, até na hora que ele saísse até perto do alambrado, pro lado de dentro né se ele sai pro lado de fora ele morre. Daí ele pro lado de dentro ,ele cavocou pra cima e saiu, de baixo da guarita do PM . O PM já: 'tira roupa ai filho da puta, pelado cara'. Daí ele já tirou a roupa assim e saiu correndo pra dentro pra dentro do alambrando assim e foi pra direção da casa. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Realizar tal trabalho forçado é para os que cumprem uma estadia em degredo na prisão como habitantes do 'seguro' uma das alternativas diante da possibilidade de serem vítimas de homicídio numa rebelião.

Os homicídios ocorridos em rebeliões aparecem na narrativa dos entrevistados, não como uma forma de punir detentos que cometeram algo condenado pelo grupo, tal como já foi observado num trecho da narrativa de Pavio: "as vezes tem uns cara homem que chegam e dão uns mio né, é cobrado as vezes com a morte, com a vida do cara, só a vida mesmo." Esta frase revela que dentre as

leis constituídas e executadas pelos próprios detentos no espaço carcerário, está a da pena de morte, mais comum de ser praticada pelo envolvimento de um laranja, de um real assassino e aprovação coletiva do homicídio: “Só que tudo é colocado numa balança...” (este processo decisório será melhor abordado na quarta seção do presente capítulo). Ao contrário, no caso específico das rebeliões, o homicídio é realizado e significado como última etapa do expurgo, pois as vítimas constituem-se frequentemente de detentos que vivem o espaço de degredo contraditoriamente nominado de ‘seguro’ e que são reconhecidos como pessoas incapazes de seguir uma orientação coletiva baseada na normatividade difundida pelo grupo e, por isso, foram banidos do espaço de ‘convívio’.

As rebeliões representam a forma mais radical de subversão do espaço carcerário. O ‘sistema’ passa ter apenas controle das cercanias, enquanto a reconfiguração dos eixos de opressão e desigualdade operam, por um lado, no sentido do expurgo e, de outro, como estratégia de negociação com os governos responsáveis pelo planejamento e gestão do sistema carcerário. Um agente penitenciário, ou mais, podem constar no rol de reféns, enquanto se observa o potencial dos detentos em aniquilar aqueles que contrariam uma orientação coletiva. Entretanto, a posição de refém numa rebelião para os funcionários também envolve muita tensão e, tal como já fora observado não pode lembrar nenhuma experiência passada que possa ser reconhecida como ruim, covarde ou agressiva (‘pagar veneno’).

Não obstante, o conjunto complexo e frenético de possibilidades de ação dos detentos nas rebeliões não representa um espaço carcerário em estado caótico das coisas, senão a justificativa de sua constituição conforme as principais demandas do coletivo encarcerado e ação de outros coletivos organizados que dele fazem parte. A rebelião reflete o que é estabelecido num cenário político de adesão, agitação e intervenção no qual diferentes atores ocupam posições distintas. Dentre eles, membros da facção Primeiro Comando da Capital (PCC).

Mas assim, quando se tem que decidir uma rebelião, geralmente quem decide são os pinha da facção né. E daí eles: 'então vamo fechar o batidão pra todo mundo tá junto e vamo, vai ser dessa forma, assim ou não', eles decidem né! Dificilmente vai, vai partir de alguém que não seja aliado todas as decisões, até porque eles devem ter contato com outras cidades né. Daí que eles falam 'se vim um aval lá de são Paulo' ou de Curitiba mesmo que é a regional aqui né. Aí eles vão seguindo pela ordem que vem né, por que

não dá de se querer tomar uma atitude isolada nisso. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

As rebeliões, a partir da fala de Bob, podem ser interpretadas como atos ou acontecimentos desencadeados a partir de uma rede de relações políticas próprias da criminalidade violenta e das formas de organização de lutas eventualmente empreendidas por setores da população carcerária. Dentre eles, membros filiados ou aliados do PCC que preservam contatos com lideranças de outros presídios do estado, da região e, assim por diante, conforme a extensão e interesses compartilhados entre atores de dada rede de relações constituída por organizações criminosas e que também atuam nos presídios. Contudo, tal atuação está também ligada as demandas centrais da população carcerária para incidir sobre a explosão de uma rebelião.

A tomada de decisão acerca da rebelião e da forma que será deflagrada, depende por um lado, de um conteúdo político e discursivo que represente unidade do PCC, mas também de um conteúdo acerca da vida precária na prisão e de um planejamento adaptado de acordo com as características do presídio em questão.

Aqui é mais difícil porque ela é mais fechada, ela é mais estrutura e mais fechadinha. Tipo assim, vamos supor. Dentro de uma casa dessa aqui eles fazem 4 cubículo aqui dentro. Eles fazem 2 lá, 2 aqui, aqui eles fazem um corredorzinho pra nós. Então fica fácil pra eles dominar. Daí lá na outra casa eles fazem mais um grupinho, daí lá na outra mais um grupinho. Então fica bem facinho. Tipo nós aqui, em 40 num fechadinho desse aqui, não conseguimos nem sair. Vamos fazer o que? Única coisa que da pra fazer é queimar os colchão, e se queimar os colchão nós mesmo não imo aguentar a fumaça, então por isso que é fácil. Então imagine quantos preso não tem? Não tá tudo cheio. Aqui tem mais. 12 galerias. Tem umas que é bem pequenininha. Tem o fundão. Ali onde era o fundão só 2 ou 3 cubículos assim, tipo um bagulhinho assim sabe. Bem fechadinho assim. Daí tem as outras galerias que é mais pequena. Lá não. Cada galeria vinha como daqui lá na esquina que ia embora. Lá a parede é deste tamanho assim que é só tijolo, com o dedo mesmo assim você já vai furando a parede. Aqui já não. Aqui é um concretão de plástico, então essa é a diferença, aqui é mais difícil, aqui não existe se a pessoa falar 'não, amanhã vamos fazer uma rebelião pra sair', não tem como. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A rebelião pode ser imaginada como acontecimento cuja 'explosão' parece resultar de um movimento eruptivo cíclico, pois a principal questão inerente as rebeliões que se difundem pelo país recai sobre o tempo que levará até explodir uma nova. A precarização do sistema carcerário, vista através da falta d'água e de todas as condições que constituem a insalubridade, precariedade e superlotação do

espaço carcerário. Quadro insuficiente de funcionários,<sup>144</sup> seguido de um bom contingente de detentos engajados segundo uma dada posição firme, que dialogue com uma forma de orientação coletiva e que ganhe a confiança do coletivo encarcerado. Adiciono ainda o corte de tempo de visita, redução de ‘sacolas’ e outros procedimentos de contenção e de exceção e uma série de desencadeamentos da própria conjuntura regional e nacional do sistema carcerário ou da condução do regime disciplinar diferenciado<sup>145</sup> (RDD) aos líderes de facções ou demais detentos reconhecidos como lideranças.

As rebeliões podem apresentar um conjunto variado de motivações. Contudo, não se pode negar que são resultado de uma política de encarceramento que possibilita com que a vida não seja tão mais suportável na prisão. Este parece ser o mote da difusão de rebeliões no sistema carcerário, tal como também evidenciam Biondi (2009), Dias (2011), Zomighani (2013) e Arruda (2015).

Ao mesmo tempo, toda rebelião inflama a relação com a instituição, haja visto a imaginação acerca de ‘virar a cadeia’ como um revirar do estado das coisas. É neste sentido que o espaço carcerário é instituído através de práticas de normatividade que preveem a possibilidade de sua subversão. Uma espacialidade regida pela tentativa de homogeneidade interna em torno da possibilidade de tomar o controle das celas, galerias, outros espaços do presídio e se possível os recursos e as rédeas para execução sumária de suas próprias leis. Desta forma, apesar de representar o ápice da permeabilidade da ação organizada dos detentos, em aproximação às proposições de Goffmann (1968), Friedberg (1993) e Foucault (1996), a rebelião é representada pela execução de atos que transformam toda a configuração de poder em que estão envolvidos os detentos e agentes institucionais, bem como a polícia e todo o sistema de segurança regulado pelo Estado. É neste

---

144 Só no Paraná, a pauta do Sindicato dos Agentes Penitenciários é composta pela demanda de crescimento do número do quadro efetivo dos servidores e contratações em 50% para garantir o cumprimento da Lei de Execução Penal. A categoria de agentes, demonstra em cada campanha salarial e elaboração de pauta política como o deficit de servidores compromete o funcionamento das instituições prisionais, facilitando fugas e rebeliões. <http://www.sindarspen.org.br/noticias/1240/entenda-porque-a-falta-de-agentes-compromete-todo-o-sistema-penitenciario> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

145 O Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) aparece na Subseção II referente as Faltas Disciplinares e que compõe a Seção III Da Disciplina do capítulo IV da Lei de Execução Penal. Podem ser penalizados com o RDD, detento que subverterem a ordem a disciplina instituída, realizarem furto doloso, participação e envolvimento com outros crimes e organizações criminosas, entre outros descumprimentos que os detentos para com os deveres a disciplina preconizadas pela Lei de Execução Penal.

sentido que a rebelião pode ser compreendida como forma de subversão do espaço carcerário.

As execuções de estupradores e delatores em rebeliões e outras tensões envolvidas denotam toda uma agitação e frenesi em torno do expurgo, pois incidem sobre eliminar seres indesejáveis ao convívio social do espaço carcerário. Os agentes penitenciários, cuja maioria demonstra o devido respeito aos detentos, conforme também evidenciaram as falas de entrevistados, são representados como profissionais que vivem sob tensão e estresse<sup>146</sup>, entre outros, mas não são identificados como alvo da mesma ofensiva.

“A rebelião carrega em si a sua justificação, independentemente das possibilidades de mudar ou não o estado de coisas que o provoca [já que o que importa é viver tão intensamente quanto possível]” (Bretão *apud* Badiou, 2005b, p. 114). Esta citação ajuda a afirmar que a rebelião tem como justificação alterar o estado das coisas, mesmo que por um dado período de tempo, na restrição do controle institucional às cercanias. Enquanto isso, a mantenedora (Estado) é chamada a tomar posição e negociar, acatando parcial ou totalmente as demandas do coletivo encarcerado rebelado ou apostar na alternativa do batalhão de choque e apenas amenizar os efeitos da explosão do ‘barril’ com os gases e explosões derivados de suas próprias bombas e disparos numa intervenção ostensiva.

Não há contexto que desperte mais a imaginação geográfica sobre o viver o mais intensamente possível na prisão, do que a rebelião. Todavia, outros contextos foram evidenciados na presente seção.

O modo que os detentos representam o espaço e o sistema carcerário revelaram uma maneira pela qual os detentos não apenas enquadram sua realidade espacial na composição de um sistema. A escala institucional do espaço carcerário, que articula as interações mais cotidianas com os agentes institucionais - os funcionários – e a política de precarização e superlotação do sistema prisional, é compreendida com algo que pode ser revirado ou transformado considerando as demandas e resoluções próprias da população carcerária. O pensamento e o

---

<sup>146</sup>É o que aponta a entrevista realizada pela Revista Exame (também publicada pelo SINDARSPEN) com o psicólogo Arlindo da Silva Lourenço justifica a demanda por aposentadoria espacial para dados agentes penitenciários, devido as condições de trabalho e pelo modo que reagem emocionalmente a crise prisional. <http://www.sindarspen.org.br/noticias/1242/o-peso-da-crise-prisional-para-os-agentes,-segundo-psicologo> Acessado em 30 de janeiro de 2017.

discurso acerca dessa escala, se demonstraram como elementos fundamentais ao processo de adesão do coletivo encarcerado às rebeliões e à condução, tanto da execução de determinadas práticas voltadas à depredação, quanto à transformação positiva do espaço carcerário no atendimento às reivindicações. Práticas organizadas coletivamente e que resultam de um ambiente de negociações e agenciamentos coletivos e próprios do 'estar juntos', tal como sugere Massey (2008) enquanto atributos políticos do espaço relacional.

As relações com agentes penitenciários foram representadas pelo grupo como interações ligeiras e precisas, regidas pelo respeito e a discricção e que podem contribuir ao estabelecimento de táticas de desvio de atenção e estratégias de furtividade, dentre elas as que compõem o engenhoso empreendimento da fuga.

As práticas cotidianas ou eventuais que instituem a espacialidade carcerária podem ser interpretadas, portanto, através do modo em que estão estruturadas as relações dos detentos com o sistema carcerário, os agentes institucionais e os conflitos e tensões que tais relações proporcionam e que podem influenciar tanto a febre coletiva da fuga, quanto rebeliões.

O desenrolar de tais relações evidenciam reposicionamento dos sujeitos em diferentes escalas e configurações de poder e permitem afirmar a posição teórica, inspirada no modelo conceitual de Rose (1993), acerca da relação entre homens e a prisão como instituição de um espaço carcerário paradoxal. O modo como a normatividade, as interações e os conflitos entre os detentos instituem as espacialidades de 'convívio' e 'seguro' como importantes referentes para a interpretação do espaço carcerário paradoxal serão analisados de forma mais detalhada na próxima seção.

## **2. O convívio e o exílio na instituição do espaço carcerário paradoxal**

A reflexão acerca da posicionalidade dos sujeitos nas mais diferentes configurações das relações de poder estabelecidas pelo espaço carcerário fortaleceram a tentativa de dar inteligibilidade ao fenômeno investigado adotando a ideia de espaço paradoxal, elaborada por Rose (1993). Isso devido a forma como tal ideia marca uma ruptura com dualismos acerca do espaço e as relações de poder envolvendo 'dominantes' e 'dominados' e a centralidade do poder estabelecida na

exclusão dos 'outros'. Assim trilho um caminho de reflexão teórica que se serve das contribuições de Silva (2003; 2007), Ornat (2011; 2013) e Silva e Ornat (2014) no contexto da produção geográfica brasileira Feminista e *Queer*.

Silva (2003; 2007) realiza uma análise dos diferentes modos que as mulheres produzem o espaço urbano num constante movimento entre a margem e centro de dadas configurações de poder vivenciadas cotidianamente. Contribui à crítica ao modelo dualista de interpretação do espaço predominante na Geografia Humana brasileira que apresenta estáticas caracterizações sobre o gênero, distinções entre espaço público e privado e assim por diante. Apresenta a possibilidade de interpretar a realidade de um grupo marginal entendendo-o como ativo na reconfiguração de relações de poder envolvendo as mulheres e suas estratégias de sobrevivência e resistência nos espaços de pobreza do urbano.

Ornat (2011; 2014) apresenta uma alternativa ao modelo conceitual de território baseado na dualidade entre *insider* e *outsider* a partir da complexa dinâmica envolvida na atividade da prostituição travesti no sul do Brasil. Uma das importantes contribuições de seus estudos acerca do território paradoxal é a de que, mesmo que em dados contextos as travestis ocupem posição marginal através de inúmeras formas de interdição espacial, instituem um território da prostituição travesti que lhes permitem reconhecimento social, resistência e ativa atuação política.

Estas importantes contribuições ligadas à adoção da ideia de espaço paradoxal de Rose (1993) apresentam como possibilidade pensar o espaço carcerário para além das concepções pautadas pela rígida delimitação espacial de controle e poder exercidos pela instituição prisional e seus dispositivos de contenção e privação de liberdade. Trata-se de um espaço que não se encaixa ao modelo de espaço instituído por e a partir de relações de poder envolvendo uma posição central consolidada e a automática exclusão e interdição dos outros.

No espaço carcerário os homens detentos estão dentro da uma mesma instituição e de relações imbuídas de hierarquia, organização, tensões e conflitos. Este espaço é compreendido nesta pesquisa como aberto a diferenciações internas e a várias camadas de relações envolvendo estritamente oprimidos que, por sua vez, estabelecem suas próprias táticas, estratégias e eixos para o exercício do

poder, opressão, assim como atribuem significados ao corpo e à uma série de performances, interações e trajetórias que incidem sobre a desigualdade e diversidade de posições de poder manifestas pelo espaço carcerário.

Dessa maneira, as noções de centro e margem presentes na concepção do espaço paradoxal são fundamentais a construção do objeto de estudo e à reflexão demandada por minhas questões investigativas. Permitem tanto dar visibilidade à posições distintas, quanto para as possibilidades de rearticulação, resistência, e reconfiguração da ordem instituída. Além disso, a mobilização das noções de centro e margem possibilitam identificar o aspecto multidimensional e plurilocal do movimento de oscilação dos sujeitos entre diferentes configurações de poder estabelecidas.

Até o presente momento dessa leitura foram apontadas as noções de marginalidade e centralidade a partir de diferentes interações estabelecidas entre os detentos e na condução de suas práticas, considerando a normatividade masculina constituída pelo grupo no espaço carcerário. Deste modo, foram analisados contextos em que o corpo emerge como fundamental ao (re)posicionamento dos sujeitos em dado contexto espaço-temporal. Também foram destacados os contextos de barganha próprios do sistema de troca, as performances desenvolvidas em contextos de alimentação e visita, além da constituição de eixos de opressão e desigualdade ligados as categorias identitárias estruturais, como idade, sexualidade e, ainda, eixos situados ao espaço carcerário e que jogam um papel importante na oscilação entre diferentes correlações de força e relações de poder. Outro elemento destacado nesse contexto analítico se refere a construção de um desejo homosocial masculino e a própria (re)construção da masculinidade a partir do espaço carcerário e que incide sobre as posições que os sujeitos ocupam em relação a representação social sobre o ser homem na prisão.

Neste capítulo, especificamente, o raciocínio em torno da ideia de espaço paradoxal se constitui como eixo central de análise e foi objeto de reflexão acerca das relações estabelecidas entre os detentos, o sistema carcerário e agentes institucionais, em diferentes contextos, tais como o da 'bandeira branca', das fugas, sanções disciplinares e aqueles ligados a subversão do espaço carcerário representada pelos episódios de rebelião.



homem na prisão. O 'convívio' e o 'seguro' evidenciam, neste sentido, o trânsito mobilizado pela normatividade entre diferentes configurações de poder e que se instituem como diferentes espacialidades, pois as relações de poder declinam para a segmentação de grupos a partir da relação dos sujeitos e o código de conduta hegemônico do espaço carcerário. Tais espacialidades representam o exercício do poder pelo coletivo encarcerado e o modo diverso pelo qual os sujeitos produzem um espaço carcerário paradoxal na frequente mobilidade dos sujeitos: de um espaço representado em torno da organização e respeito e no qual ocupam a centralidade nas configurações de poder e resistência à contenção institucional da população carcerária; à outro espaço, o do 'seguro', que reúne sujeitos em posições de marginalidade. Neste sentido, 'convívio' e o 'seguro', respectivamente, se definem como referências espaciais de alívio ou aceitação e de marginalidade ou expurgo.

Arruda (2015) interpretou o 'convívio' como conjunto de práticas espaciais relacionadas a sobrevivência e normas compartilhadas pelos detentos no cárcere e convida à imaginação geográfica acerca do 'convívio' como espacialidade.

No espaço de 'convívio' a normatividade se constitui em eixo organizacional da vida cotidiana, enquanto que no espaço destinado ao 'seguro' não há eixo organizacional definido, pois ele é composto pelas pessoas que foram banidas do 'convívio' devido atos de contestação de normas, valores e significados atribuídos e legitimados pelo coletivo. Ambas espacialidades demonstram ocupar, cada qual, um conjunto de celas e galerias da prisão e parecem compartilhar das mesmas condições de habitação.

Mas o convívio lá também não é dos mais fáceis também né cara. É muita gente, é muita gente, também falta espaço, falta água a mesma coisa. No convívio, depois desses 26 dias foi bem, foi entre aspas assim, foi meio que um alívio por conta da situação que tava acontecendo. No convívio eu fiquei quase 30 dias na quarta galeria e já passei pra sexta galeria, onde eu fiquei eu acho que mais uns quatro ou cinco meses e daí depois eu fui pra oitava, da oitava fiquei mais uns três meses e, fiquei depois mais, acho que uns três meses na nona. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Daí o funcionário pegou e falou com o cara e me botou na oitava, que é galeria de convívio. Que a décima foi fechada e virou feminina e o seguro ficou um só, era duas galeria de seguro, era nona que era seguro e a décima era o seguro do seguro mano, imagine. Os cara que não podiam nem no seguro entrar mano! Daí virou só um seguro, só a nona galeria de seguro e daí os cara começaram a botar os cara de seguro jogando, começaram a jogar pra oitava mano, tá ligado? E daí a oitava começou a

virar, a querer virar segurinho ali mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Entretanto, pode se afirmar que a instituição da espacialidade do 'seguro' resulta de uma triagem estabelecida em vários contextos da relação entre os detentos e deles com os funcionários do estabelecimento. Um deles é o contato com os recém chegados e o reconhecimento coletivo de que suas trajetórias são coerentes com a normatividade, valores e significados atribuídos e compartilhados pelo grupo de detentos pre-residentes. Numa triagem permanente regida pela normatividade masculina constituída pelo grupo, o 'vacilo' ou 'mio' pode influir significativamente para a perda do 'convívio'.

Os cara falavam: 'é vocês vão perder o convívio se vocês forem trabalhar!' e não sei o que, 'vai perder o convívio, vai ter que ficar tirando segunda!' Aí eu falei: 'Mano, eu tenho boca mano, eu sei me explicar mano!' É que tem cara que fica em 'choque' daí você vai demonstrar que tá no erro, eles vão pensar assim: 'lh, esse cara aí...' E eu fui pro debate né mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Por 'n' motivos eu mudei de galeria, primeiro foi por causa de reforma no presídio, depois por conta de desavença com o pessoal lá dentro mesmo, sabe? (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Como já foi mencionado, a realização de trabalhos internos e externos que contribuem com a manutenção de patrimônio público da polícia ou do sistema carcerário é entendida por alguns dos entrevistados como ato coibido. Desta maneira, existe uma cobrança no grupo de convívio por explicações sobre cada trabalho realizado. Sendo que o trabalho interno de colaboração com a polícia ou prisão é automaticamente condenado, tais aspectos vinculados ao trabalho interno e externo foram já abordados no quarto capítulo desta tese e comendo, de acordo com a narrativa do grupo, um conjunto de ações que podem ser reconhecidas como contestatórias da normatividade masculina do espaço carcerário. Outras vacilações, isto é, ações desprestigiadas pelos detentos, são recorrentes nesses contextos de cobrança e apresentação de justificativas ao coletivo e evidenciam que os mesmos envolvem um exercício coletivo de certificação de que o morador de uma cela ou galeria do 'convívio' cumpre com os requisitos de permanência.

Não tem essa dos maluco se quebrar na pancada por nada lá! Não tem dessas lá, os irmão são tão ligado na ordem que não rola nada, só não dar mio e assim irmão. A regra é clara: mantenha o proceder, tá ligado? Tipo fazer o que os cara quer pra não dar 'treta' e ninguém reclama, tá ligado?

Ninguém é louco também. Ah irmão, se o cara não fizer é pancadão né, vai pro seguro, fica foda pro lado dele. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Tem um lugar próprio pra esses cara, sabe? Que é o seguro, já pra não ter esses conflito assim, né. O que que mais dá 'treta' lá, é droga e jogo. (Adão, entrevista, junho de 2014).

Ainda que a fala acima apresente a evocação 'pancadão', permanecer ou não no 'convívio' resulta da conjunção de incômodo, de cobranças coletivas e de um fluxo dialógico que culmina com uma tomada de decisão.

Se dá pro cara ficar no convívio ele fica, senão ele já sai dali direto pro seguro, só se ele tiver errado, quem tá na razão e, na 'voz', discute ali a situação, não dá nada. (Bull, entrevista, outubro de 2013).

É uma decisão assim, que qualquer coisa que uma pessoa vai decidir lá dentro não é só uma pessoa que decide, desde pra matar um cara, não é assim de levantar lá e: 'vou matar!' Sabe? Se ele fazer sozinho tá sujeito de morrer também. Por que as vezes os cara tão num 'tatu' lá, quase indo embora e o cara dá um 'mio' desse e 'cai' o 'tatu' lá? Vai sobrar pro cara! Entendeu? É por isso que é feito uma reunião primeiro com os 'cabeça'<sup>147</sup>, pra ver como que é a decisão. Mesma coisa com o alimento, né, é uma coisa assim, bem irmandade. Quem tem, ajuda quem não tem e assim é o convívio. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

O ato de fala é de vital importância nos contextos de tomada de decisão sobre punições àqueles que fogem à normatividade e aos princípios defendidos pelo grupo para a condução das atividades de rotina nas celas, galerias e outros contextos. Um deles é verificado numa das falas acima sobre o detento flagrado pelos agentes quando da condução do empreendimento da fuga. Se a atenção da vigia é chamada, ou por acidente venha a se colocar algum plano por água abaixo, o detento envolvido no episódio passará pelo debate com seus pares para explicar o contexto e apresentar a sua verdade dos fatos. Esta e muitas outras possibilidades de acerto de contas pautado por questões, explicações, justificativas, decisões e sentenças, formam um fluxo dialógico denominado pelos detentos como 'voz'. Dentre as decisões mais corriqueiras estabelecidas na 'voz' se encontra o exílio de detentos na espacialidade do 'seguro'.

A rede de palavras que corresponde à categoria de análise 'exílio' permite visualizar um conjunto de evocações que denotam práticas, tipos de crimes e performances que não são toleradas pelo coletivo encarcerado habitante da

---

<sup>147</sup>'Cabeça', 'pinha', 'frente', 'torre' e 'disciplina' são termos usados pelos entrevistados, bem como à um grande conjunto de detentos, para se referirem à alguma liderança e que ocupa posição central nas decisões e supervisão da organização das celas, galerias e o próprio presídio.



Se no contexto da ‘queda’ na prisão o detento realizou delação, irá imediatamente em sua entrada no presídio às galerias e celas do ‘seguro’. Se o crime de estupro foi perpetrado pelo detento que ali no presídio chega, este é também de imediato enviado ao ‘seguro’. Muitas vezes isso ocorre com o intuito de se preservar a própria segurança de dados detentos recém chegados.

Já avisei que se o cara chegasse lá dentro pros irmão saber que ele ‘deu mio’ e por causa dele quase me fodi da moto ser roubada, por causa do filho da puta. Se ele caiu, é certeza que agora ele tá no seguro. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

A caminhada do cara era paia, altas crocodilagem, matou um bandido da vila e caguetou uns irmão que ‘corriam junto’<sup>148</sup> com os ‘pinha’ da cadeia, daí quando caiu foi direto pro seguro. (Red, entrevista, agosto de 2013).

O envio de detentos ao ‘seguro’ no momento de suas entradas representa o mais imediato encontro deles com a impossibilidade de permanecerem no espaço do ‘convívio’ devido ao tipo de crime que cometeram, à delação e à condução da trajetória do recém chegado que pode não contemplar as exigências para o reconhecimento coletivo de uma ‘caminhada limpa’. Logo, o exílio é também representado como forma de punição aos detentos que ficaram marcados por experiências que decepcionaram ou representaram traição, ato falho, e outros ‘mios’ do lado de fora da prisão.

Além de espaço ocupado por pessoas banidas, o ‘seguro’ é representado como espaço onde há um governo caracterizado pela anomia e pela presença de interações, práticas e performances que fogem ao domínio da normatividade do espaço carcerário.

Seguro é foda irmão, lá não rola nada do que tem no convívio, tipo, de manter o respeito, nada disso. (Anísio, entrevista, junho de 2013).

Essa espacialidade é tomada pelos presos do ‘convívio’ como desprovida de regras. No entanto, outras normas podem se estabelecer no ‘seguro’ e diferentemente do ‘convívio’, em que são vetadas um conjunto de práticas e performances, como por exemplo, a violência sexual e todo um processo ritual de punição que integra a constituição de *persona* feminina, realização de trabalho

---

148A expressão ‘corre junto’ refere-se à várias formas de associação para o crime ou ligação com lideranças da cadeia e de facção, como também, pode representar alinhamento com determinada orientação coletiva, valores, condução de práticas, etc.

análogo ao 'doméstico' e o desejo sexual triangulado no grupo, como se expôs na última seção do capítulo anterior.

Apesar de poucos relatos que expressassem as características da vivência em degredo na espacialidade do 'seguro', ela também é apresentada como espaço constituído por um exército de reserva para dados usos em caso de rebelião. Ao ocuparem a espacialidade do 'seguro', os presos podem se converter em reféns, sendo obrigados ao cumprimento de alguma tarefa e, ainda, vulneráveis à homicídios. Deste modo, ocupam um espaço periférico dentro da prisão, sendo alvos diretos do expurgo manifestado, tanto pela decisão que leva detentos ao 'seguro', quanto pela reincidência em agressões, tortura e homicídios contra seus habitantes em rebeliões. Nas cenas brutais de linchamento e decapitação narradas ou observadas em contextos de rebelião, de acordo com os relatos dos entrevistados, geralmente as vítimas são os presos do 'seguro', especialmente estupradores e delatores. Este aspecto foi abordado na seção anterior, demonstrando a posição marginal do grupo de habitantes do 'seguro', cuja tensão e opressão se intensifica conforme o desenrolar da subversão do espaço carcerário representada pela rebelião.

Ao longo de minha investigação, no contato com o grupo de entrevistados, percebi que não tinham muito o que falar sobre o 'seguro' devido ao fato, tal como me relataram, de não terem permanecido nessa espacialidade no período em estiveram recolhidos no presídio. Contudo, um dos entrevistados relatou experiência em que se viu em vias de entrar e vivenciar esta espacialidade:

Então, deixa eu te contar essa mano, saí da triagem e eu queria ir pra ala nova da cadeia, porque eu já tinha tirado lá na ala nova e eu achava massa a ala nova, tinha a décima galeria, era a menor galeria que tinha na cadeia, por isso que eu queria ir pra lá. Só tinha dois X (celas), então tinha menos gente, menos 'perreco', menos tititi (fofoca), tá ligado? Mais união, tá ligado mano? E eu queria ir pra décima, queria porque queria ir pra décima galeria, tá ligado? Cara, quando eu entro na ala nova, que eu olho a décima galeria, que eu conseguia assim ver de frente... Quando você entra na ala tinha a décima galeria, de frente assim, e daí a oitava e a nona do lado assim, é um L. Daí cara, quando eu cheguei lá mano, eu vi... Sabe quando você sente assim um ar pesado? Eu olhei pra dentro assim senti um ar pesado, eu vi uns cara assim com umas cara estranha, uns cara estranho, tá ligado? Os cara andando descalço, largado assim, tá ligado mano? Um lugar 'zoad', não era a décima galeria que eu tirei mano! Daí os ladrão conversando assim comigo: 'Daí piazão, qual que é teu B.O.?' Isso era os cara da oitava. Eu falei: 'é 33 mano!' E os cara que já me conheciam: 'Mas daí mano, você tá devendo alguma coisa?' e não sei o que... eu falei: 'Não mano! Eu não

devo nada, não tenho o rabo preso com ninguém não, vocês sabem, minha caminhada é limpa!' Daí um cara: 'E porque que você tá indo pra décima então?' Eu falei: 'Ah mano, eu tirei aqui ano passado e tal, e achei uma galeria da hora e pedi pro funcionário...' Daí ele: 'Pô mano, a décima é 'seguro' agora piação! a décima é seguro mano! Não entre aí! Tua caminhada é limpa!' Daí tinha uns cara assim, lá dentro que eu já conhecia e: 'Não mano, o piá é firmeza, o piá é firmeza!' Os cara inclusive que moraram comigo na décima quando eu tirei lá e eles tavam na oitava! E a décima virou seguro mano, tá ligado? E o seguro é onde fica os jaguara né mano! (...) Aí eu falei pro funcionário: 'Não funcionário, não vou entrar no seguro!' Aí ele falou: 'Então vou te levar lá pra triagem de novo!' Aí eu: 'Então demorou!' (Kunk, entrevista em julho de 2014).

São instituídas duas espacialidades distintas no cárcere: a espacialidade do 'convívio' que é formada pela maior parte das galerias e celas, abriga diferentes perfis de homens e com aparente harmonia entre categorias identitárias e performatividade conforme com a normatividade estabelecida; e a espacialidade do 'seguro' que abriga recém chegados que praticaram delação, que cometeram violência sexual e foram automaticamente direcionados, além dos detentos que fogem à normatividade estabelecida e são conduzidos ao exílio através de um processo que envolve cobrança coletiva, fluxo dialógico e tomada de decisão.

Eventualmente, na espacialidade do 'convívio', detentos são instados a relatar sobre o desvio em relação aos critérios de permanência associado à normatividade e constituem um fluxo dialógico nominado pelos detentos como 'voz'. Logo, como componente espacial da normatividade, mas que não corresponde ao seu domínio, a espacialidade do 'seguro' tem como objetivo abrigar presos que não contemplam a construção de um ideal de homem encarcerado e que podem provocar tensões e distúrbios segundo um código de conduta que é constantemente e coletivamente defendido e avaliado.

A fala de Kunk revela uma de suas impressões imediatas do 'seguro' como um espaço zoadado e desprovido da mesma organização, limpeza e performances que regem a rotina da vida na espacialidade do 'convívio'.

Na presente pesquisa, as diferenciações internas estabelecidas pelos detentos no espaço carcerário e suas configurações de poder sugerem a instituição de duas espacialidades distintas. O 'seguro' está imerso numa névoa sobre a organização interna de seus espaços, porém são representados como espaços anômicos pelos detentos do 'convívio' diante da invisibilidade das normas estabelecidas pelo grupo de exilados. E, devido a posição que estes últimos

ocupam, tanto nos contextos de 'queda' na prisão, quanto nos processos decisórios que os levam ao 'seguro', seguem à vida nesta espacialidade demonstrando ocupar a periferia das configurações de poder no espaço carcerário. A referida marginalidade nas configurações de poder deste espaço fica ainda mais evidente quando irrompe uma rebelião e na conseqüente constituição de reféns e da possibilidade de homicídios. Neste contexto, os detentos exilados são ainda mais oprimidos e os eixos ligados a opressão, desigualdade e posição marginal vividas, derivam principalmente da trajetória do ser detento, das delações e crimes de estupro cometidos.

Por outro lado, na espacialidade do 'convívio', podem os detentos que ali habitam se posicionar através do ato de fala e participação no fluxo dialógico e nas tomadas de decisão coletiva atinentes à vida cotidiana dos presos de uma cela, galeria e presídio como um todo, ocupando, assim, um espaço de relativo conforto, alívio e, ao mesmo tempo, que apresenta possibilidades de organização coletiva, adesão a facção ou rede de relações criminosas, de resistência e luta política que podem influir sobre a subversão do espaço carcerário.

O espaço carcerário paradoxal pode ser interpretado, portanto, como espaço em que existe uma multiplicidade de dimensões da vivência dos detentos e duas espacialidades que os posicionam entre o centro e margem das configurações de poder estabelecidas. Estas espacialidades exemplificam as diferenciações internas e o paradoxo que envolve a instituição de um espaço paradoxal que, de acordo com Rose (1993), pode ser interpretado através de um tenso jogo que implica na ocupação de diferentes posições, tensionamentos e rearticulações. À margem, os detentos do 'seguro' criam seus próprios eixos organizacionais da vida cotidiana, distantes da normatividade instituída no 'convívio' e cujos eixos de desigualdade e opressão demonstram conjugar, por exemplo, o fluxo de desejos sexuais triangulados e outras performances distintas das exercidas no 'convívio'. Apesar de imprecisas as informações obtidas acerca do 'seguro', devido os entrevistados ressaltarem não terem habitado a espacialidade, há inúmeras possibilidades à constituição de centralidade a dados detentos na execução de violência sexual, bem como nas demais configurações de poder próprias deste espaço. No convívio, a centralidade nas configurações de poder é possibilitada pelas performances

desejadas, posições de prestígio no crime e/ou em suas redes, trajetória e posição ocupada no quadro geral da organização coletiva ou facção e, assim por diante.

O convívio também apresenta uma complexa hierarquia que entrelaça a intervenção de sujeitos independentes e daqueles vinculados ao Primeiro Comando da Capital. A organização coletiva e hierárquica dos detentos no espaço carcerário é independente, porém suscetível a inúmeros tipos de influência, oriundas da intervenção de filiados ao PCC na prisão. Estes componentes das relações sociais e práticas cotidianas vinculados a organização coletiva e a facção, constituem o objeto de análise da próxima seção.

### **3. As fronteiras entre a organização coletiva e a atuação de detentos filiados ao PCC**

Muitas das práticas cotidianas conduzidas pelos detentos na espacialidade do 'convívio' compõem a instituição do espaço carcerário paradoxal como um campo de negociações complexas envolvendo detentos que ocupam diferentes posições na hierarquia estabelecida sobre as celas, galerias, o presídio e os vários 'nós' da rede de relações constituídas pelas facções que atuam no Paraná. Dentre as cinco facções<sup>149</sup>, a do Primeiro Comando da Capital (PCC<sup>150</sup>) é a mais ativa e, não coincidentemente, a única representada como força atuante no presídio que constitui o recorte espacial da presente pesquisa. A atuação de filiados ao PCC no espaço carcerário evidencia como tal organização perpassa diferentes escalas espaciais, demonstrando a multidimensionalidade envolvida na instituição do espaço carcerário, pois ao estenderem suas práticas organizadas de forma articulada entre diferentes presídios e outros espaços de atuação. Esta articulação envolve desde a orientação coletiva da normatividade voltada ao cuidado do corpo, as relações estabelecidas nas celas, galerias, presídio, conexão entre lideranças espalhadas por outros presídios um conjunto grande e variado de espaços.

---

149As demais facções que atuam a partir de um quadro reduzido de lideranças são: Máfia Paranaense, o Primeiro Grupo Catarinense (PGC), o Primeiro Comando do Paraná (PCP) e a carioca Amigo dos Amigos (ADA).

150 Segundo levantamento realizado pelo Setor de inteligência da Secretaria Estadual de Segurança Pública, estima-se 2 mil membros do Primeiro Comando da Capital atuam no Paraná. Extraído de: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cinco-faccoes-atuam-nos-presidios-do-parana-pcc-e-disparada-a-mais-ativa-8nws75zyez9iu0sqf6odls1n> acessado em janeiro de 2017.

Biondi (2009) elaborou um importante estudo etnográfico sobre o PCC e o interpreta por meio da reflexão em torno da coletividade, transcendência e imanência política. A autora apresenta uma perspectiva diferente diante da representação hegemônica sobre a referida organização.

Logo, os oito fundadores passaram a contar com apoio de outros presos. Mizael, um dos fundadores, redigiu um estatuto, no qual expressava a intenção de se organizarem para tentar evitar os maus tratos que diziam sofrer no sistema penitenciário e, ao mesmo tempo, regular as relações entre os presos, para que os maus tratos não partissem deles próprios. A orientação era a de que tinham de se unir (pois, afinal, compartilhavam uma mesma situação) para então reivindicar o que consideravam um tratamento digno no sistema carcerário. (p.49).

O tipo de organização coletiva idealizada para a vida cotidiana na prisão pelos próprios fundadores do PCC permanece na composição de sua atuação e atos de fala de seus membros, o que têm contribuído para a hegemonia da facção nos presídios paranaenses.

A princípio, não há como vincular diretamente a organização coletiva dos detentos e sua constituição de lideranças para orientar e conduzir o respeito a normatividade com a ação direta dos membros filiados à facção. Ao mesmo tempo, não se pode negar que no contexto da organização coletiva dos detentos, apenados que são filiados ao PCC e outras facções, acabam também por intervir em diferentes contextos de tomada de decisão e processos políticos próprios da prisão e sistema carcerário. Neste sentido, o PCC tem operado modificações no ambiente de relações entre detentos que resultam na redução da violência despropositada, homicídios, estupros, uso e tráfico de *crack* e assim por diante. Muitas das mudanças interferiram num conjunto de interações e são representadas de modo positivo por muitos detentos.

Esta seção tem por objetivo analisar a organização coletiva e a intervenção do PCC de modo a contemplar o argumento de que as práticas cotidianas que instituem o espaço carcerário paradoxal estão entrelaçadas num complexo amálgama de escalas, relações e posições de poder distintas, mas complementares.

O espaço carcerário paradoxal se institui através de tensões envolvendo diferentes posições de centro e margem, tal como propõe Rose (1993). Ao mesmo tempo, tais posições se estabelecem a partir da vivência entre diferentes eixos de opressão, em especial os que são constituídos no espaço situado das relações



A comunidade semântica representada por meio do grafo acima evidencia quatro evocações de maior frequência e intensidade de relações: X (cela), 'galeria', 'ld\_disciplina' e 'pc\_facção'. A conexão entre estas palavras denotam que os diferentes espaços que compõem o 'convívio' são liderados por um determinado detento. A evocação 'ld\_disciplina' representa o detento que é liderança de uma cela ou galeria, e é resultante da padronização de palavras como parte da metodologia qualitativa empregada neste trabalho. Além de 'disciplina', os detentos usam outras formas para nomear suas referências políticas, representantes e líderes nestes espaços, tais como 'pinha', 'cabeça', 'frente' e 'torre'. Estes sujeitos geralmente mais velhos do que a média da população carcerária são representados pelos entrevistados como agentes da organização coletiva de seu grupo nos diferentes espaços da prisão.

É quase como um quartel do crime, mas uma casa e uma família, tem que tá organizada de alguma forma. E lá tem seus generais, seus peão, tem muita gente que tem suas atividades determinada já na galeria. Ô, você cuida disso, você vai fazer isso, você recebe o alimento, você dá os aviso, você cuida dos remédio. Então quando você chega já tem uma carruagem andando ali já, então ou você se adéqua ou você se adéqua! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

O X ali, a cela, é como se fosse uma casa e se você tá ali tem que concordar com o jeito que a casa funciona né. Aí já tem os morador antigo, que já viram coisa que você não viveu e não viu nem em pesadelo mano! (Bull, entrevista, outubro de 2013).

Cada galeria tem um que comanda né. Daí diz o que é certo e que é errado. Eles tem tipo um conselho assim. Vamos supor: cinco X na galeria, cada X tem um 'pinha' e é o mais velho. É o 'cabeça', que os cara chamam de 'pinha' né. Cada X tem um 'pinha' e daí eles vão pro conselho lá. (Cazu, entrevista, junho de 2014).

A palavra 'comanda' e a referência à quem vai ao 'conselho' expressam o modo como a 'família' e a 'casa' de encarcerados está organizada na constituição de alguns detentos como representantes e responsáveis para a manutenção da boa convivência nas celas e galerias. Assim, alguns detentos são reconhecidos como responsáveis pelo bom funcionamento da 'casa' e em atuar neste sentido cotidianamente. Sendo a idade, o tempo de pena já cumprido e as redes de relações que estabelecem, alguns dos influenciadores para a assunção de posições de liderança. Quanto ao 'conselho', este refere-se aos encontros e reuniões entre lideranças de diferentes celas e/ou galerias.

Neste sentido, há definição coletiva de posições centrais ligadas à organização coletiva do presídio e instituída pelos seus próprios habitantes. Os detentos e suas lideranças, por conseguinte, interagem cotidianamente e, assim, demonstram uma triangulada e negociada convivência de detentos em diferentes posições na instituição do espaço carcerário paradoxal.

As lideranças da prisão e a organização coletiva dos espaços aparece na narrativa do grupo investigado com o intuito não só de manter a 'casa' em ordem, mas o 'proceder' coletivo e a união em torno da organização do espaço de vivência e como referências à luta por reivindicações e aos princípios da disciplina, solidariedade, unidade, coletividade e respeito entre detentos do 'convívio'.

A coletividade lá contribui mano, contribui pra caramba mano! O coletivo mano, é muito bom, tipo o nosso barraco, mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Porque quando você tá aqui fora, mesmo que te digam, você tá pensando uma coisa sobre a cadeia, você vê filme, vê altas parada, tá ligado? Vê programa na tela que te diz um monte de coisa nada a ver, tá ligado? E o ritmo da rua é outro que também não tem nada a ver com o ritmo das coisa lá dentro. Por exemplo, filme que tem os cara que são dos preto, os cara dos branco racista, aí tem os mexicano. Ali, pelo menos no nosso cadeião aqui, não tem nada disso mano! Bem o contrário, os cara é mais unido do que separado na cadeia. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Lá dentro, no Cadeião, já é diferente, quando eu entrei, esse meu mano daqui, já tava lá, aí já conhecia alguns maluco, foi mais de boa a chegada. E aquela letra né mano, eu cheguei e fiquei só no sapatinho, tá ligado? Fui vendo o proceder ali, só observando e escutando os cara, acordando cedo e entrando no esquema. (Anísio, entrevista, maio de 2014).

As ações e interações são evidenciadas no discurso dos entrevistados como coletivamente organizadas e isso coaduna com as proposições de Friedberg (1993) acerca das instituições. A ocupação de posições de liderança decorre da negociação e dos desencadeamentos próprios da conjuntura política do espaço carcerário. Desta forma, o espaço carcerário paradoxal se exprime como possibilidade de compreender que as performances e as negociações exercidas pelo coletivo encarcerado instituiu histórica e geograficamente um sistema de ações e interações organizadas. Esse sistema está articulado tanto à condução de práticas de higiene, cuidado com o corpo, limpeza, dormitórios, alimentação, mercado de trocas, jogo, assim como pode ser mobilizado na luta por suas reivindicações e no sentido de

subverter e transformar a própria dinâmica do espaço carcerário, pressionar os gestores do sistema de pena criminal e, ainda, incidir sobre outros lugares.

Você sabe como é a organização, assim, dentro da cadeia? Tipo, como que é? É o 'voz' do 'prédio'<sup>151</sup>... Sabe? Tem os 'torre', Curitiba e São Paulo né mano! E tudo as cadeia mano, todas elas, nesse entorno, todas do PCC, tem, senão tem um irmão lá, vai ter alguém que 'toque a frente do prédio', tá ligado? Pra conversar com funcionário, tá ligado? Pra resolver umas 'fita' foda! Tá ligado? Tipo umas 'treta' que chegue lá, tá ligado? Umas dívida, tá ligado? Tipo de um irmão que quer 'acertar o aço no outro' (matar com uso de 'estoque') e pá. Ou, 'vamo correr o bonde num cara!' Então, sempre tem 'o irmão do prédio' né mano. Daí, daí, tem os 'disciplina' da galeria, mano, esse é o 'boy' do prédio, é o 'disciplina' do prédio 'mano', tá ligado? Daí tem o 'disciplina do prédio', 'contenção' que é sempre o cara que tá junto com ele, mano, tá ligado? É o 'contenção' do cara, pra anotar os bagulho, ajudar, tá ligado? Mais ou menos um secretário, mais ou menos, vai junto pra trocar ideia. E daí mano, aí tem em cada galeria, tem um 'disciplina' mano, aí dentro de cada galeria mais um 'disciplina' e mais um 'contenção', tá ligado? Tipo, pra levar, se precisar levar alguma coisa até ele, os cara levam, tá ligado? E daí mano, dentro de cada galeria se organiza de um jeito, né mano. Tipo, lá na oitava tinha um 'disciplina' por 'barraco', tá ligado? Tipo, tem galeria que não tem 'disciplina' nos X (cela), tá ligado? É só o 'disciplina' da galeria e o 'contenção', até, tipo, meio que as treta do X, meio que, tipo, tipo é... Se precisar levar até os cara eles podem levar, mas não tem um 'disciplina' no X. Lá na oitava tinha, tá ligado mano? Os disciplina do 'barraco' daí mano, do X, tá ligado? Na organização do X e pra resolver os perrengue que acontece no X. O que acontecia no barraco não saía do barraco, tá ligado? (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Como se vê no início do relato de Kunk, a organização coletiva do espaço carcerário excede seus próprios limites. Se estabelece através de uma rede de relações hierárquicas definida entre presídios e outros pontos, tal como exemplificado na referência à Curitiba e São Paulo enquanto as duas 'torres' da hierarquia vinculada ao presídio estudado e frequentemente acionadas para comunicação e orientação entre detentos filiados ao PCC.

A proposta etnográfica de Biondi (2009) acerca da transcendência do PCC, na forma que suas ações excedem os limites dos presídios e, de sua política de imanência baseada, por exemplo, no princípio da "paz interna e guerra contra o fora", contribui para compreender o conteúdo complexo da relações entre detentos comuns, lideranças e filiados ao PCC. Ao mesmo tempo em que há articulações sendo feitas em outra escala, elas podem estar implicadas na constituição e condução da vida cotidiana na prisão.

---

151 'Voz do Prédio' se refere à principal liderança do coletivo encarcerado no presídio.

Dias (2011) apresenta a ideia das sintonias geográficas para refletir sobre como está estruturada a organização em rede exercida pelo PCC e indica o 'sistema' e a 'rua' como dois espaços interdependentes e que podem apresentar concessão atribuída pelo PCC de uma relativa autonomia de gestão de diferentes espaços prisionais e fora de seus muros para pessoas que não são estritamente filiadas. Na presente pesquisa, alguns relatos obtidos indicaram que os termos 'filiado', 'coligado' e 'irmão' foram utilizados para designar pessoas que atuam no PCC após firmar ritualisticamente compromisso com o partido, isto é, detentos que concretizaram filiação e passam a 'correr junto' com a facção. As evocações 'primo' e 'aliado' foram utilizadas em algumas ocasiões pelos entrevistados no sentido de nomear detentos e pessoas que colaboravam com o PCC, que não eram filiadas, mas exerciam dada função em associação com seus membros. Este aspecto é melhor explorado pela pesquisa de Dias (2011) que analisa a interação do PCC e independentes ou aliados a partir da constituição de sintonias setoriais e geográficas. A análise de Dias (2011) contribui para refletir sobre a dimensão política da organização do coletivo encarcerado e como ela se expressa em forma de partido e organismo de atividade criminosa contra as polícias e o sistema carcerário, como é o caso do 'comando'. Todavia, o PCC não só apresenta uma sintonia em relação às possibilidades de autonomia associada a gestão do coletivo encarcerado, mas atua em seu contexto para melhor tirar proveito. Isto é, ao compreender a dinâmica de tensões e conflitos entre detentos e o 'sistema', intervém de forma organizada no sentido de extrair algo positivo à facção, ao mesmo tempo em que aprofunda seu grau de enraizamento junto uma base social importante da população carcerária.

Se o partido do crime pode ser tomado como força política, tal como há em muitos coletivos e tendências de movimentos político-partidários, o PCC também demonstra estabelecer um controle das relações políticas numa escala mais ampla, enquanto que as possibilidades de articulações de suas 'bases' incidem num espaço situado e pouco representativo na rede de relações inter-prisões ou fora do sistema carcerário.

O conjunto de detentos não filiados e que representam a maioria da população carcerária incide com maior intensidade sobre a atuação de lideranças nas celas e galerias e nas decisões coletivas mais ligadas a estes espaços internos.

Nesse sentido, é possível imaginar que, se a defesa das demandas próprias desses espaços é expressa pela voz e atos de filiados à facção, pode o PCC manter uma forte conexão com uma ampla base de detentos enquanto aliados ou conformes com suas posições.

Na hora que tem que decidir alguma coisa é todo mundo que diz e os 'pinha' que se acertam o que que vai rolar e o que não pode, se precisar é 'radinho' na ligação direta com a 'torre'. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

As redes estabelecidas pela facção com filiados de fora ou que se encontram em outros presídios permite aos seus membros elaborarem as melhores estratégias de discurso e convencimento e, ainda, proporciona orientação em tempo real via ligação telefônica móvel com seus membros mais experientes ou centrais na hierarquia. É recorrente, portanto, que a decisão acerca de rebeliões também resulte da articulação e participação direta do PCC, tal como foi observado na primeira seção do presente capítulo e também é identificado nas pesquisas de Biondi (2009) e Dias (2011). Não atoa a intervenção de seus filiados e aliados<sup>152</sup> é representada como hegemônica na condução do diálogo político e processos decisórios no espaço carcerário.

Lá quem manda é o comando né. E aquilo que eles falar é lei ali dentro. Se é pra cobrar, vai cobrar. Se é pra matar, vai matar. Se não é pra matar e só cobrar, tem que ser assim. Assim os cara falam, os cara ditam as regra! (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

A rede de palavras referente a categoria 'lideranças' apresenta algumas tendências de sentido relacionadas às evocações 'disciplina' e 'facção' que podem dar visibilidade à outros componentes da relação entre o PCC e a organização do coletivo encarcerado.

---

152 O PCC, a filiação ao PCC se dá por meio de ritual



As lideranças das celas e galerias atuam na mediação de conflitos, organização interna, na coordenação política local e influenciam nas tomadas de decisão da coletividade em seus espaços de vida e atuação política. Assim, se o espaço carcerário paradoxal é interpretado considerando o político, os grupos mais organizados politicamente evidenciam ocupar as posições centrais e de liderança, com o PCC isso não é diferente. Como revela a fala abaixo, nenhuma atitude relevante é tomada de forma isolada pelos detentos e isso implica também as ações de presos filiados à facção.

Daí, assim, tipo, eles que buscam também organizar todas as atividade do presídio né. Dificilmente, do nada, que não seja da facção ou aliado vai bater no peito pra procurar alguma coisa, senão eles já: 'como que você tá fazendo isso sem falar com ninguém? Aqui não pode tomar atitude isolada!' (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Há também detentos filiados ao PCC que conciliam a participação no 'comando' com a posição de liderança numa cela ou galeria, mas nem por isso detém algum privilégio para responder pelas demandas do cargo, ao contrário, podem executá-las de modo exemplar.

Mas lá parece que os pinha de X e galeria e os pinha do comando são duas hierarquias diferentes, e essas duas tem que se conversar, totalmente, totalmente. Até o 'pinha' que é do 'comando' ele vai conversar com o diretor, ele vai procurar melhoria. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Como se vê, a intervenção de filiados ao PCC e na atuação das lideranças de celas e galerias que são independentes, há referência a duas hierarquias distintas no espaço carcerário. Uma delas institui diferentes posições, responsabilidades e tarefas dentro do quadro organizado do coletivo encarcerado, como são os casos dos detentos 'disciplina' e 'contenção'. A outra envolve o movimento próprio do PCC na condução da organização das celas e galerias dais quais seus filiados e aliados são 'pinhas' e de manter laços que ligam os 'nós' de sua 'rede', ramificando-se nas mais variadas cidades e regiões do país.



Mas é claro, qual é a hierarquia do respeito lá, o cara fez um crime e caiu com uma tonelada de maconha, ele vai chegar lá com outro (...) com outros olhos né. Agora, o cara que caiu porque tava roubando (...) roubando roupa do varal, né (...) já é bem menos importante (...) O cara que caiu porque tava roubando um banco ou assaltando um cofre, umas coisa assim, e tem sempre aqueles que já se conhecem da rua também né (...) A maioria né, então o cara chega lá, já vem alguém: 'Ô, você não é o tal, você não é do bairro tal?' (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Apesar do relato acima indicar que a posição central na 'hierarquia do respeito' é dada aos detentos que obtêm prestígio devido sua trajetória na criminalidade, estes detentos não filiados, mas do alto escalão da bandidagem, são pouco expressivos na narrativa em torno da organização coletiva dos detentos.

Por outro lado, os 'pinhas' ou os 'disciplinas' das celas e galerias aparecem representados pelos detentos como sujeitos que exercem funções específicas, da resolução de problemas internos à encaminhar mensagens e demandas aos agentes penitenciários e à administração do espaço prisional. As 'lideranças' das celas e galerias estão, na narrativa do grupo, associadas a dimensão operacional da organização coletiva. Uma das tarefas que demonstram essa dimensão se expressa na censura sobre mensagens enviadas para fora do espaço carcerário.

Quando você escreve assim, normalmente, as pessoa, os cara lá dentro escrevem um pipo assim, tá ligado? Tipo, eu escrevia um monte cara! Pra mandar aqui pra fora, pra família, tá ligado? E daí não pode sair da galeria nenhum sem passar pelo 'pinha' do X. Não pode passar nenhuma carta pra fora porque os cara acham que é caguetagem. Daí tudo os pipo que é passado, é passado pra um, um lê, e passa pro carcereiro, que vai passar pro diretor pra dar destino pras carta. Mas tudo as carta acontece isso. (Cazu, entrevista, junho de 2013).

Enquanto a atuação das lideranças de celas e galerias é representada como mais associada ao âmbito operacional e objetivo da vida cotidiana no cárcere, a intervenção do PCC é apontada como fundamental para (re)definições acerca da normatividade e mudanças nas relações de convívio, mercado de trocas e presença de substâncias ilícitas na prisão. É representada, neste sentido, como mais vinculada à elaboração de resoluções e estratégias e, assim, à dimensão intelectual e política que define as possibilidades de (re)condução da organização do coletivo encarcerado.

Porque antigamente se tinha de, tinha que eles vendiam droga lá dentro né, tinha *crack* na cadeia e hoje eles eliminaram. Tinha briga demais e eles colocaram a paz ali. Só que você responde pela bandeira deles né. Se eles disserem que o presídio tá fechado e que ninguém sai, você não sai pra

audiência, não sai pra quase nada, só pra atendimento médico. (Bull, entrevista, outubro de 2013).

Daí a 'pedra' (*crack*) foi por causa disso daí, os cara começaram a roubar os irmãozinho, sabe, estourar xadrez, daí os cara cortaram sabe. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

O modo como os filiados do PCC intervém na reconfiguração da organização coletiva no presídio resulta em representações que revelam aspectos positivos da atuação da facção e que podem ser exemplificados a partir da tomada de posição sobre o uso de *crack* nas prisões.

Tem umas coisas assim que eu reparei que é certo. Que nem todo mundo fala do 'comando' e quem 'corre junto' com os cara e só detonam e, é toda hora isso. De falar que não presta e que é a pior coisa que tem. Mas pense comigo: Imagine se os cara do 'comando' não forçassem na 'voz' com os mano de tudo quanto é galeria do presídio e 'ganhasse' os cara pra não ter 'pedra' pros cara fumar na cadeia? Veja bem mano, imagine se numa galera, um tanto de mano ficasse 'bruxo' de 'pedra', que lá dentro uns roubasse os outro e também tem outras coisa que pode rolar, tá ligado? Ia ter só morte, treta, volta e meia iam se matar, ia rolar pancadão direto! E ia ser o inferno! Tá ligado? Que também é a organização dos próprio preso de não poder existir roubo de qualquer coisa lá, tá ligado? (Anísio, entrevista, maio de 2014).

Pode se afirmar que no tocante a intervenção de detentos filiados ao PCC, estes demonstram 'correr junto' com muitas demandas e interesses compartilhados pelo coletivo encarcerado. Este aspecto positivo da atuação do PCC e dos princípios que carrega nas prisões é interpretado por Biondi (2009) e revela uma complexa e controversa relação entre a população carcerária e sua maior facção e organização política. A intervenção da facção evidencia aliar o diálogo acerca da política de execução penal e suas condições objetivas com a atuação no campo intersubjetivo, através da propaganda ligada aos seus princípios e ao próprio modo de se organizar.

Daí tem a parte de, do outro código de conduta que é da, que é da, facção, do comando, que cada presídio tem a sua lá. E eles pregam a igualdade entre todos, a não violência entre os mesmos que tão ali e tal né. Uma fidelidade de quem é coligado pra tá passando as informações pros demais e tal. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A relação entre a organização do coletivo encarcerado e os detentos filiados ao PCC apresenta limites frouxos e a formação de um cenário político de interação, no qual o PCC se torna hegemônico devido sua organização independente e articulada e ao poder que exerce em diferentes prisões do país.

Na impossibilidade de vincular toda e qualquer forma de organização da população carcerária ao PCC, pode se afirmar que a relação da facção com a organização do coletivo encarcerado não constitui limites para a ação direta de lideranças que não são filiadas à facção. Somente aqueles limites já enumerados na instituição de uma normatividade própria ao espaço carcerário e que se dirige à toda população que habita e produz a espacialidade do 'convívio'.

No âmbito da relação entre o coletivo encarcerado e a facção, se evidencia a constituição de contextos em que tais forças são interatuantes em diversas formas de interação entre filiados, aliados e independentes voltados à organização coletiva no interior do espaço carcerário. As resoluções e posições políticas são legitimadas no encontro entre sujeitos distintos e que compõem uma diversidade de trajetórias e diferentes posições de poder. Neste encontro, todavia, podem se apresentar oportunidades à coesão necessária para incidir em processos de resistência, subversão da ordem carcerária instituída e à expansão do contingente e das ramificações da facção.

A presente seção abordou a relação contraditória e complementar envolvendo o coletivo encarcerado e a intervenção de filiados ao PCC e como ela contribui para a compreensão do espaço carcerário paradoxal. Neste espaço, as práticas e interações se estabelecem em meio a tensões, agenciamentos e escalas variadas. As lideranças demonstram participar da organização coletiva e de cunho operacional nas celas e galerias do presídio, enquanto que a intervenção do PCC está também articulada à uma rede de relações hierarquizadas e envolvendo outros espaços. Contudo, ambas as forças interatuam na instituição de um espaço relacional e multi-escalar.

A próxima seção terá como objeto de reflexão a constituição de um espaço próprio de enunciação das posições de coletivos como o PCC e das opiniões dos detentos em diferentes ocasiões em que estabelecem diálogo coletivo e com as lideranças do espaço carcerário.

#### **4. Os sentidos da 'voz' no espaço carcerário paradoxal**

As práticas cotidianas que instituem o espaço carcerário paradoxal também são objeto de discussão dos próprios detentos. Isso ocorre eventualmente em

ocasiões de flagrante desvio à normatividade masculina do espaço carcerário, como também, face evidente ação ou performances subversivas perante os valores e significados atribuídos e aceitos pelo grupo e que compõem a orientação coletiva para a vida cotidiana e construção de trajetórias respeitadas.

A presente seção tem como objetivo analisar os contextos de discussão coletiva entendidos como fluxos dialógicos de negociação e tomadas de decisão envolvendo o coletivo encarcerado e suas lideranças.

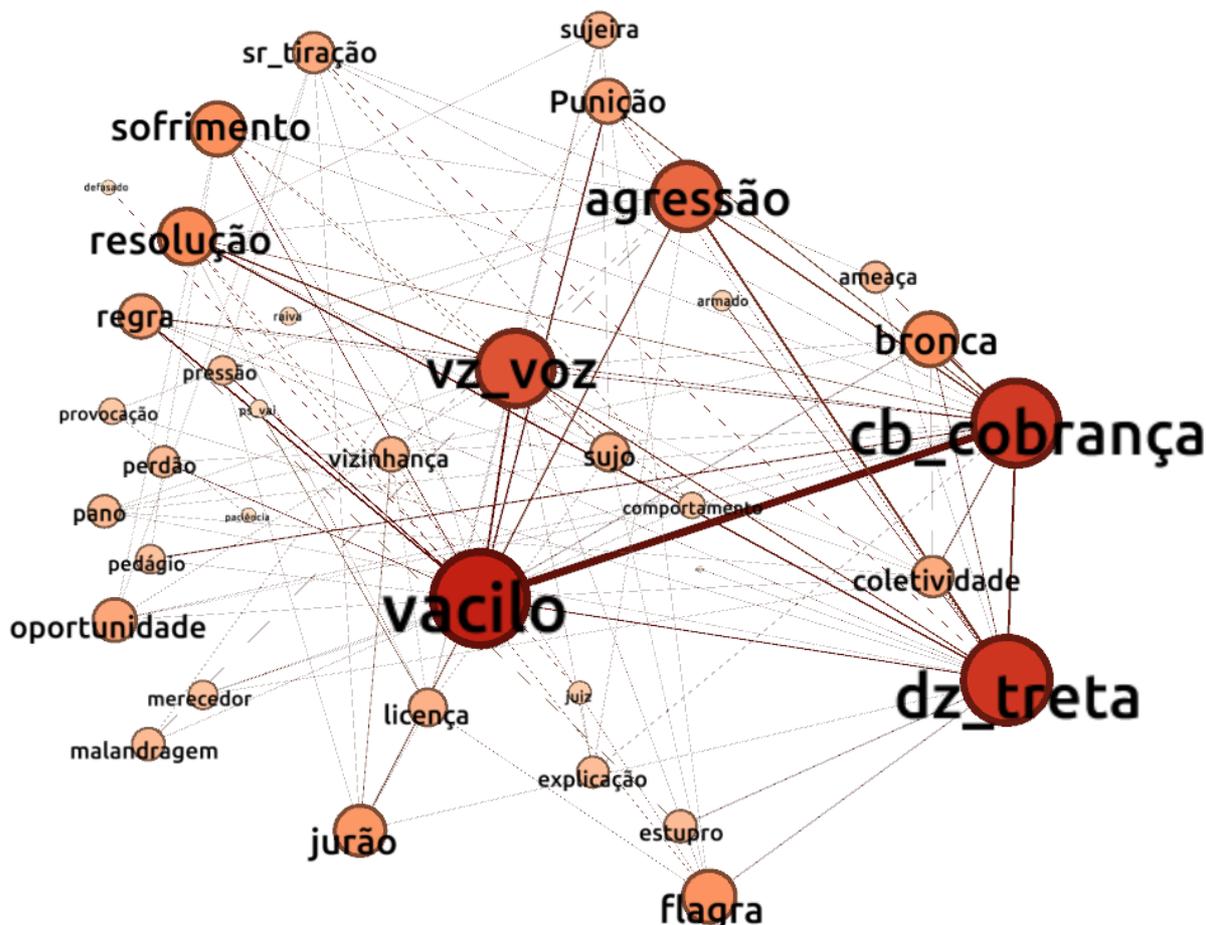
Como já foi observado anteriormente, é comum na prisão que determinados detentos sejam instados a apresentar explicações sobre seus atos ao coletivo com o qual convive. Este contexto denominado como 'voz' pelos entrevistados pode ser entendido tal como o fluxo dialógico na concepção bakhtiniana da linguagem (BAKHTIN, 1992), devido ao fato dos detentos se posicionarem ao ato de fala e numa interação face a face com seus pares e, assim, exporem seus pontos de vista e apresentarem um encaminhamento sobre dada questão. Tal fluxo é constituído geralmente com o objetivo de que o detento possa se defender de acusações, insinuações, mal entendidos e para elucidação de dados fatos.

Os contextos de debate entre os detentos demonstram que a 'voz' é conduzida pelas lideranças do presídio e acompanhadas por demais pares de cela com livre participação. Em outros contextos a 'voz' é estabelecida entre detentos e lideranças de uma galeria ou com o 'torre' do presídio (principal liderança no espaço carcerário) no caso da emergência de questão que transcenda a vida cotidiana nas celas e galerias que ocupam. O modo como o contexto de debate está implicado na narrativa dos entrevistados sugere que a 'voz' se constitui como importante ferramenta coletiva de mediação e resolução de conflitos e cobranças diante de um ou mais atos que sejam reconhecidos como falhos pelo grupo de relação.

Muitas formas de vacilação ou de ato falho, descritas como 'mio' pelo grupo, trazem o ônus da explicação mediante a mobilização da 'voz' como espaço de enunciação e debate entre detentos e suas lideranças. Consequentemente, após a exposição das opiniões, são reforçados os princípios da coletividade ou ligados ao comportamento desejado pelo grupo. Também, resoluções são apresentadas pelas lideranças com o intuito de sanar os problemas que objetivaram o necessário debate

e uma tomada de decisão. Esta última pode emergir como perdão ou compondo uma variedade de formas de punição.

Figura 36: Comunidade Semântica – ‘Conflitos e suas resoluções’



Organização: Rodrigo Rossi e Edson Armando Silva, usando o *Gephi*.

A comunidade semântica acima resultou da elaboração de redes de palavras presentes na narrativa do grupo estudado, e aponta no sentido da compreensão da ‘voz’ como resultado de vacilação, envolvimento em briga, agressão, entre outros.

O espaço de debate constituído como fluxo dialógico e processo decisório decorre, como já mencionado, dos conflitos constituídos em torno de práticas, performances e formas de interação que desviam do conteúdo da normatividade masculina estabelecida no espaço carcerário.

Então você vai ‘correr junto’ com os cara, igual. Se acaso der um ‘resvalo’, é cobrado. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Se eles vê você passar um pipo direto pro carcereiro, qualquer papel, mesmo que não seja nada, você vai ser cobrado depois. (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Se você, se você tá errado, se você bateu noutro irmãozinho e se você tiver errado vai ter uma cobrança pra cima de você né. E, é mais ou menos por aí né cara! (Bull, entrevista, outubro de 2013).

Deste modo, o contexto de estabelecimento coletivo da 'voz' é um ponto culminante do seguinte itinerário: o detento que age de modo vacilante ou equivocado, tal como no envolvimento em vias de fato ou lesão corporal no presídio, é cobrado individual ou coletivamente e terá que arcar com a 'bronca'<sup>153</sup>; com um fato gerador de conflito e o próprio conflito estabelecido através de cobranças e broncas, obtêm-se um caso e um conjunto de posições significativas para escrutínio coletivo e apresentação de alternativas e resoluções por meio da 'voz'.

Também cobrança, o cara chegava da rua, de vereda, dentro do sistema principalmente, aqui na Comarca em Ponta Grossa, os cara chegavam, de vereda, as vezes por qualquer atrito de rua os cara tavam se matando na facada. Porque lá na mesma hora que você tá conversando com o cara, as vezes você fala um bagulho que o cara não gosta, o cara não tem coragem de te matar na hora ele vai lá e arma um esquema, faz a casinha, conversa com os cara tudo certinho e quando você vê você leva facada e nem tá sabendo. Que nem você me perguntou: 'se tem treta lá dentro?' Tem pouca, os cara não sai cobrando tudo que é coisa lá, tudo é discutido no coletivo e com os 'pinha', se tem que cobrar na hora, os cara cobram a bronca, se dá pra 'passar um pano'<sup>154</sup> por cima, os cara passam. Se dá pro cara ficar no convívio ele fica, senão ele já sai dali direto pro seguro, só se ele tiver errado! Quem 'tá na razão' e na 'voz' discute ali a situação, não dá nada. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Não adianta! Você sempre vai tá no erro né mano, e na cadeia a pior coisa que tem é você tá no erro mano! Sempre é melhor você fazer o certo, porque quando você for pro debate, mano, o negócio é muito democrático lá! Então quando você for debater o negócio, mano, pra você não ter que admitir que você tá errado, porque senão você já perdeu tudo mano! Você sabe que o 'bang' é 'A' mano, se você falar: 'Na verdade eu fiz 'A' virgula 'B!' Daí você errou mano, porque era só 'A' mano! Então... Ao longo do tempo essa disciplina foi sendo criada e ajuda no convívio né mano! Com certeza ajuda! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

As constantes cobranças e o ato de resolver na 'voz' os problemas constituídos no cotidiano do espaço carcerário são representadas como necessários para o estabelecimento de uma vida suportável e à prevenção de novas tensões e

153'Bronca' refere-se as reclamações sofridas diante de um ato reconhecido como falho, podendo também designar o fardo que o sujeito que comete um ato falho irá carregar ao fazê-lo. Não raro, ouvi expressões como 'aguenta a bronca' ou 'assuma a bronca'.

154A expressão 'passar o pano' serve tanto como referência a 'vista grossa' ou 'fingir que não vê', como também para o perdão dado a determinado detento.

conflitos. Como a fala de PAVIO exprime, muitos detentos recém chegados encontram seus algozes na prisão e entendem, *a priori*, que têm a oportunidade de executar vingança ou deixar todos os 'pratos limpos'. No entanto, diante da impossibilidade de tomar uma atitude vingativa ou de cometer homicídio a partir de decisão individual, o caso é discutido coletivamente e são apresentadas ao coletivo as possibilidades de resolução do problema instaurado. Além disso, na reincidência em atos e performances que desrespeitam as normas instituídas no 'convívio' e que propiciam o debate coletivo, podem alguns presos serem destinados à espacialidade do 'seguro'. A fala de KUNK, por outro lado, sugere como potencial dispositivo para sair perdoado da 'voz' a habilidade em debater, apresentar justificativas e explicações que não preservem dúvidas acerca dos supostos erros, nem indícios de desonestidade.

Se ocorre a negativa do detento em prestar as explicações exigidas pelo coletivo que o cerca, as punições são executadas por este coletivo de maneira imediata.

E se caso você, e só se você não quiser resolver na 'voz', aí que o bagulho fica mais louco pro teu lado e pode rolar um pancadão. (KUNK, entrevista, setembro de 2014).

Daí às vez o cara ficava dando 'mio' na grade assim, aí os cara já: 'Que que esse cara fica de ti-ti-ti com funcionário, tá dando 'mio', ói, nem passe aqui pelo X Três! É melhor você nem passar do Três mais! Você vai até o Três e dali você não passa!' O Três dá na metade do corredor, dá como daqui até no meio da rua assim (mostra a distância comparando com onde estávamos). Da porta da galeria, não vê nada, é só um corredor pra você poder falar com funcionário, passar um 'pipo'. 'Saia daqui, saia daqui, não é pra você passar pelo X Três ali', os cara falavam. Pra ir lá falar com funcionário assim, tem que passar por tudo os X né, pelo corredorzão. Passa pelo X um, dois, três, quatro, cinco. Tinha altos cara que não podiam passar do Três. Se passasse era pancadão, já sabia daí. Ia pro cacete! Na hora, na hora mesmo!. 'Que que você tá fazendo pra cá?' E era qualquer um que pegasse. 'Que que tá fazendo pra cá? Vá pra lá!' E já 'coxava na pancada'<sup>155</sup>! Ficava dando pancadão no cara assim. (CAZU, entrevista, setembro de 2013).

A alternativa diante dos 'pancadões' significa trilhar um único caminho possível: resolver tudo 'na voz', mobilizando bons argumentos e, num processo dialógico e transversal dirigido por uma liderança (o 'pinha'), venha a acatar as decisões legitimadas pelo coletivo encarcerado envolvido na discussão. Até porque,

---

155'Coxar na pancada' é expressão utilizada para se referir à agressões e espancamentos.

aqueles detentos que não seguem tal protocolo podem ser agredidos coletivamente e posteriormente conduzidos ao 'seguro'.

Vários são os motivadores para a resolução de questões por meio da 'voz', dentre eles, os problemas relacionados à organização coletiva das celas, performances e atitudes tomadas em contextos de alimentação, entrada e saída de espaços, contato com os funcionários, trocas efetivadas entre os detentos, etc.. Muitos desses motivadores estiveram presentes na análise conduzida até o momento, mas aqui cabe um exemplo ligado à barganha no mercado de trocas.

Depois o pinha veio me tirar que eu tinha passado o cara pra trás. E na 'voz' com ele né mano, falei que a espuma tava me dando coceira e tal ... E logo depois desfiz a jogada e morreu o assunto. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Qualquer ato falho é discutido e analisado pelo coletivo mobilizado à 'voz' e que participa das decisões ou apenas as legitima. Além disso, cada ação repercute em reação proporcional. Neste sentido, aquelas realizadas em contextos de troca incidem sobre o ressarcimento como forma de resolução. Como expressa uma das falas de Pavio: "tudo é colocado numa balança".

Por exemplo assim, se o cara chega e dá um 'mio', tá ligado? É decidido o tipo do 'mio' e o tipo da 'cobrança'. Aí, é desse jeito que o cara vai cobrar! Por exemplo, assim, se o cara der um 'mio' que ele merece. (...) É tudo conversado, pra ver se tem condições pra deixar pra depois, se não tiver condições também, se for 'fita' que tenha que ser cobrado, daí vai ser cobrado. Se tiver como 'passar um pano' vai ser pnhado um pano, separa de galeria e boa. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

As principais resoluções envolvem a separação de detentos rivais ou que preservam alguma desavença e a destinação de detentos ao 'seguro'. Mas quando as questões que mobilizam o debate e demandam resoluções excedem a escala e os limites de uma cela ou galeria, a discussão fica à cargo de suas lideranças, que por conseguinte, se reúnem em conselho enquanto representantes do coletivo encarcerado e com o objetivo de deliberar sobre a forma de resolução do problema.

Daí se alguém tá dando algum mio, já levam o assunto pro conselho pra 'fazer o cara'. Vamo dizer, cinco na galeria, são cinco pinha. Vão tudo dentro do X de alguém lá, só fica eles: 'Negócio é o seguinte, fulano quer cobrar fulano e é por causa disso, disso e disso e, vamo ver aí, eu acho que ele tá certo e tem que cobrar mesmo!' Aí os outros falam: 'É, mas eu acho que não, acho que ele tá errado.' Ou, 'Não, não vamo cobrar já, porque vamo esperar 'virar' o troço.' E deixam pra quando subir a 'bandeira vermelha', daí eles decidem né. Os cinco que decidem, o que eles decidir é lei também.

'Vamo fazer!' E outros: 'Não, não é hora, acho que não!' A maioria vence e é isso. (Cazu, entrevista, julho de 2014).

Quando o conselho é mobilizado, e não pelas razões e movimentos próprios da organização coletiva na prisão, mas com intuito de apresentar uma forma de resolução - ou 'cobrança', na linguagem dos detentos - tratam-se de casos mais graves que podem incidir sobre a execução de homicídio. Neste processo decisório envolvendo estritamente lideranças a maioria é soberana. Ao mesmo tempo, o conselho de 'lideranças' representa um outra escala específica de relações entre detentos que ocupam posições centrais na instituição do espaço carcerário paradoxal. O detento que é 'disciplina' em dada cela ou galeria e, assim, ocupa posição central nestes espaços, pode ocupar à margem nas relações de poder envolvidas no 'conselho'. Mais uma vez se revela a multidimensionalidade do espaço carcerário paradoxal, pois as posições dos sujeitos mudam conforme muda a escala espacial ou das relações estabelecidas pelo grupo estudado na prisão.

Um dos relatos de Kunk narra um episódio que envolve a 'cobrança' derivada da realização de trabalho externo e seus momentos de 'voz' com as lideranças de uma galeria e do presídio.

Com os cara do 'comando' é tranquilo mano! Eu tipo, eu nunca tive que me explicar pra nenhum 'irmão', mas eu falei na 'voz' com uns irmão lá, porque assim ó mano. (...) Daí o disciplina da galeria não era irmão mano, daí ele pegou e falou pra mim assim: 'Ó, eu sei tua caminhada e você tá falando que tua caminhada é limpa, não sou ninguém pra desacreditar de você, mas você sabe como é que é né mano!' E tal... 'Aqui é cadeia!' e tal. 'Vou te botar na 'voz' com os 'irmão' aí e esse negócio de você trabalhar...' Porque eu falei pros cara que tinha ido trabalhar. E eles: 'Esse negócio de você trabalhar pra fora aí é meio esquisito né mano!' (...) Daí entrei lá e foi a única vez que eu tive que falar com um 'irmão', tá ligado? Daí o cara me botou na 'voz' com o 'pinha do prédio', tá ligado mano? Com o 'irmão do prédio' mano. Daí falei com o irmão, só que daí falei a minha real: 'Ó irmão, primeiramente, é verdade mesmo, que eu trabalhava, tava trabalhando e tava lá na oitava galeria, só que o 'trampo' que eu fiz, eu acordava todo dia cedo. Nós ia com a *kombi* da Depen, nós ia até lá mano, trabalhava só lá, fazia um monte de coisa lá na empresa, voltava com a *kombi* do Depen e já voltava direto pra galeria né mano. Ó irmão, nunca entreguei uma marmita, tá ligado? Nunca mano, tapei um buraco, nunca limpei um pingo de tinta na parede da cadeia, nunca soldei grade, nunca fiz um 'trampo' pra dentro da cadeia né mano! A única coisa que eu tava fazendo era buscar minha melhoria na rua mano! 'Só um pouquinho cara!' Daí, daí ele foi e conversou com os cara e tinha altos camarada meu que tavam lá na galeria que me conheciam também. Daí ele voltou na 'voz' e falou: 'Ó irmãozinho pode erguer a cabeça aí no meio da 'ladrãozada' aí cara, você é só mais um de nós aí mano, cara sujeito homem, os mano aqui que conhecem tua caminhada falou que você tem a caminhada limpa aí e pá! Então mano, pode erguer a cabeça aí e andar no meio de todo mundo igual todo mundo mano e pá.' Daí eu falei: 'Pô, é isso memo!' Ele falou: 'Demorou! Boa

caminhada aí e tal e pá, tomara que os irmão te acolham bem aí na sexta e pá! Foi da hora assim mano, 'Demorou irmão! demorou!' Daí o pátio da sexta galeria era lá no pátio da terceira galeria e daí não tava os outros irmão na hora que eu boleei a ideia com o irmão, tá ligado? Falei da fita e o cara falou e daí até os cara de dentro da sexta galeria ficaram 'zóiudo' comigo assim, tá ligado? Porque os cara achavam que eu ia ficar em 'choque' na hora que eu fosse falar mano e eu cheguei e falei tudo igualzinho eu falei pra você, tá ligado? Falei: 'Não irmão, veja bem, eu não soldei grade, eu não tapei buraco não, eu não pintei cadeia não, falei pro cara, que eu não lavei viatura não, eu só ia lá pra empresa, além de tudo ajudei o time da cidade aí mano! Tá ligado, falei as fita assim mano! O cara ficou em 'choque' porque eu debati com o cara, fui trocando ideia porque se eu ficasse em 'choque' mano e isso é uma coisa que a gente comentou lá na oitava, tá ligado? Eu comentava, porque eu achava que ia perder pros cara. Os cara falavam: 'é vocês vão perder o convívio se vocês forem trabalhar!' e não sei o que, 'vai perder o convívio, vai ter que ficar tirando segunda!' Aí eu falei: 'Mano, eu tenho boca mano, eu sei me explicar mano!' É que tem cara que fica em 'choque' daí você vai demonstrar que tá no erro. E eles vão pensar assim: 'lh, esse cara aí...' E eu fui pro debate né mano! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

De início, Kunk revela que nunca tivera que prestar explicação perante o PCC, mas sim ao 'pinha do prédio' que é da facção. Demonstra-se, portanto, que a 'voz' se constitui em espaço autônomo de debate que contempla detentos e suas lideranças de modo relativamente independente da facção. Ao enumerar uma série de atribuições e itinerários sobre o trabalho externo por ele realizado apresenta suas justificativas ligadas a não realizar nada em favor da instituição prisional ou da polícia. Em seguida, relata que a decisão de absolvê-lo pela realização do trabalho externo em questão se deu mediante discussão com outros detentos próximos ao 'pinha'. O fato de alguns detentos insistirem no conselho de que se continuasse a trabalhar se colocaria para fora da espacialidade do 'convívio', não demonstrou intimidação de Kunk que optara por ir preparado ao debate com argumentos e a preocupação com a veracidade dos fatos. Mesmo assim, a reação desses detentos na narração do episódio revela que a 'voz', especialmente com a principal liderança do presídio, se configura como momento de tensão, no qual nem todos manifestam volúpia e performance capazes de contemplar o objetivo de sair absolvido ou impunemente desse tipo de escala de enunciação da 'cobrança' e 'voz'. As estratégias sugeridas por Kunk na posição marginal de julgado num contexto de 'voz' possibilita superar os 'choques' da vida na prisão e do diálogo com as lideranças e detalhar sua própria versão sobre os acontecimentos. Não obstante, essa habilidade e performance que pode ser desenvolvida pelos detentos interage com outros atributos e facetas próprias da constituição e trajetória de cada sujeito

encarcerado. Sendo assim, as experiências concretas dos sujeitos é avaliada na composição de sua trajetória, podendo esta ser reconhecida como 'caminhada limpa' e isso influencia na decisão tomada pelas lideranças e legitimada pelo coletivo encarcerado.

Pode se afirmar que a 'voz' constitui um contexto em que as facetas identitárias podem ser secundarizadas diante das experiências concretas e como elas são representadas e avaliadas pelo grupo de detentos e liderança envolvidos na discussão e na formatação de um espaço próprio de enunciação constituído por uma diversidade de sujeitos. Inferir também que o detento têm na 'voz' a necessidade de mobilizar a defesa não só de sua versão diante acusação, insinuação ou exigência de elucidação de fatos, mas de sua própria trajetória e constituição enquanto ser homem na prisão.

A forma constituída pelos detentos para a resolução de seus conflitos é estabelecida no encontro face a face com seus outros e na mobilização do debate sob a coordenação das lideranças. Como fluxo dialógico, as diferentes posições e opiniões são emitidas e debatidas pelo coletivo e uma resolução final é elaborada com o intuito de fazer valer todo um conjunto de valores, significados e a normatividade masculina do espaço carcerário.

Ao mesmo tempo em que as práticas e interações são exercidas de modo organizado e tendo em vista o que propus denominar de normatividade masculina, são avaliadas coletivamente e se tornam objeto de discussão. Portanto, uma importante prática que institui o espaço carcerário paradoxal são os espaços de enunciação e diálogo entre detentos e o dispositivo dialógico de resolução de conflitos e emissão de 'cobranças'. Como ato coletivamente produzido e vivido, dados sujeitos exercem influência a partir da posição em que ocupam na centralidade das configurações de poder das celas, galerias e espaço carcerário como um todo. Além disso, o processo dialógico e decisório da 'voz' se institui como uma espécie de entre-espacialidade que opera na definição dos rumos que os detentos podem tomar, seja no sentido da permanência no espaço de alívio e 'convívio', ou no sentido do exílio na espacialidade do 'seguro' e, assim, da vivência no ponto extremo da marginalidade nas configurações de poder do espaço carcerário.

Deste modo, o sentido da 'voz' como espacialidade de enunciação coletiva, do encontro dialógico e de tomada de decisão marca a possibilidade de reposicionamento dos sujeitos no espaço carcerário paradoxal e no âmbito da interação política apresenta um horizonte para a transformação deste espaço a partir do diálogo e negociação envolvendo a população carcerária.

A próxima e última seção do presente capítulo discutirá o modo pelo qual o trabalho interno e externo se constituem como práticas cotidianas e se expressam de maneira controversa na narrativa dos entrevistados. Além disso, refletirá acerca da conexão entre 'trabalho', 'família' e as 'perspectivas de futuro' conforme análise do conteúdo discursivo do grupo estudado.

### **5. Trabalho, família e outras perspectivas de futuro aos homens egressos do sistema carcerário**

O relato de Kunk sobre a cobrança que sofrera devido a realização de trabalho externo, que finda a seção anterior, evidencia o trabalho como prática cotidiana, que dependendo de sua modalidade, pode ser condenada ou tolerada pelo coletivo encarcerado.

Nesta seção serão analisadas as representações acerca do trabalho e como ele se estabelece na narrativa em conexão com a vida familiar, as oportunidades perdidas e às perspectivas de futuro apontadas pelo grupo investigado. Desta maneira o intuito da seção não é de apenas inferir sobre os aspectos controversos da realização de trabalhos como redução de pena, mas analisar o trabalho de forma mais ampla conforme as tendências de sentido que evocam do conteúdo discursivo analisado.

A evocação 'trampo', que é aos entrevistados um sinônimo de 'trabalho', aparece ocupando uma posição de centralidade numa das comunidades semânticas, juntamente com as evocações 'família' e 'dinheiro'.



O trabalho realizado pelos presos como medida voltada a redução de penas é regido na espacialidade do 'convívio' de acordo com uma norma que imprime a proibição de realização de trabalhos que visem qualquer melhoria no espaço carcerário ou que contribuam à gestão e manutenção desse espaço. Para os entrevistados, tal norma deriva de um posicionamento coletivo de que os presos não devem contribuir com um sistema que os enclausura. Há para os entrevistados, desse modo, uma grande diferença entre pintar o muro de uma escola, realizar um trabalho artesanal na cela e pintar as paredes do presídio ou soldar uma de suas grades.

A intolerância ante este tipo de trabalho é tamanha que influencia a necessidade de instar detentos para prestar contas sobre o que fazem fora do espaço carcerário com o sentido de evitar a colaboração laboral ao sistema carcerário e às polícias. A preocupação do grupo em relação ao trabalho externo também envolve a maneira pela qual ele é 'contratado' e estabelecido na relação entre a administração do presídio e o empresariado.

E daí foi justamente quando eu e um mano começamo a ir trabalhar, tá ligado? Daí rolou um desacerto lá e eu e ele ia saber muita coisa, eu tinha certeza que o diretor da cadeia tava ganhando um pecúlio mano, tenho certeza, mano, tanto que o mano que foi comigo tem a mesma certeza! Ele também tem mano, eu e ele farejamo isso, tá ligado mano! E ele ia toda sexta-feira piá, de duas em duas semana, tá ligado? Ele ia lá mano, ele ia lá falar com o diretor do Operário! Então, tipo, cara, tinha alguma coisa e a gente foi entrando muito na mente dos cara pros cara tirarem nós do serviço, e daí eles tiraram nós da galeria também mano! Jogaram nós lá pra dentro da cadeia lá mano, lá na sexta galeria, da onde meu mano tinha vindo quando ele foi encontrar comigo lá na oitava, que ele ficou oito meses lá dentro da cadeia, lá na sexta. Porra chegamo eu e ele lá mano, os ladrão expulsaram ele de lá, tá ligado? 'Esse cara não entra aí, pra própria saúde dele' e não sei o que. Não deixaram! (Kunk, entrevista, setembro de 2014).

Qual que é a lógica? Você que tem uma empresa e sabe, o próprio linguajar já diz: 'esse serviço e um serviço de preso!' Então, você vai pegar teu produto e vai passar pra mão operária do preso e o preso vai fazer o trabalho que tá ganhando bem menos do que um empregado com registro na carteira. Você vai tá escravizando mais o preso, que já tá privado da liberdade! Isso aí é a ilusão do preso e o lucro da empresa né cara! Nunca vai ser justo o serviço desse jeito né cara! O ideal sobre o que seria bom pro preso, não sei o que e tal, seria do preso prestar um serviço social pra sua comunidade, tipo o cara que foi lá pra dentro: 'então você tá pagando tua pena, então você vai ajudar de certa forma uma escola, uma instituição, ou você vai carpir uma rua, vai fazer um asfalto, vai, vai fazer alguma coisa de bem pra sociedade que vai reverter pra sociedade não não pra uma empresa privada né? Não tem lógica isso né! Mas isso tá longe de acontecer quando você tá lá dentro. A gente foi trabalhar pra uma empresa privada lá que é o clube de futebol da cidade né. Esse trabalho que foi feito,

isso pode por lá no teu trabalho! Esse trabalho que foi feito lá numa empresa privada, tinha gente que não tava julgado e que foi prestar serviço, tinha gente que tinha vários crimes diferentes e de grau hediondo diferente e tavam no mesmo trabalho. E sendo que não tinha nenhuma seguridade, nem segurança pra saúde ou algo assim. Então se desse algum 'pepino', algum problema com alguém que tivesse trabalhando ali, cortasse uma perna, quebrasse uma perna ou braço no serviço, nem o Estado ia poder se responsabilizar, nem a empresa, cara. Então não tinha nenhum contrato nem nada, a gente não viu nenhum papel. Tava totalmente irregular! Eles não sabiam, devia ser um acordo verbal entre empresário e diretor do presídio, só os dois cara que tavam ganhando cara! Agora eu te pergunto cara: O Operário com sete, oito funcionário, vamo chutar que fossem oito, ele ia pagar um salário de 700 ou 800 reais, no mínimo, sete vezes oito já dá 5 mil e seiscentos. Cinco mil e seiscentos seria o dinheiro que ele tá pagando pra funcionários com carteira assinada. Eu não vi nenhum contrato de redução de pena, de que você vai trabalhar três dias e vai diminuir um dia. Ou de que você vai ter tal horário que você vai trabalhar e tal. Seria assim né, o preso ele vai na ilusão do 'tô no ar livre, tô andando solto, tenho uma alimentação melhor, tenho água, vou ter horas de sol a mais'. Mas eu não vi nenhum acordo, não assinei nada, nem meu advogado sabia e, nenhum encaminhamento que dissesse: 'o preso tá indo e tal horário e tá voltando em tal horário, cada dia ele vai tá fazendo isso nesse tempo'. Então, não tem nada oficial, tudo extra-oficial, bem foda! E o juiz foi perguntado, o juiz não tava nem sabendo e o juiz tem que autorizar. Como que o diretor vai fazer uma dessa, dá na telha dele: 'ah, acho que hoje vou mandar os preso pra Masisa, amanhã vou mandar os preso pra Bunge.' Porque é a mesma coisa cara! Esse lance é, no fundo, no fundo, é um trabalho escravo, nada mais do que um trabalho escravo que tá rolando. Eu posso falar que depois de preso eu virei escravo ainda! Triste isso! Só que assim, se você me perguntar como é que tá minha cabeça hoje e tal, eu sei separar muito bem as coisas né! Antes sendo escravo lá trabalhando do que sendo escravo lá dentro da cadeia naquele sistema perverso né. Pelo menos eu podia ir no Operário, andando, no sol, jogando um futebol, teve uns dia lá que a gente jogou um futebol lá também. Dava pra dar um relaxada ainda e jogamo lá no campo oficial ainda. Pequenos privilégios né, em troca desse trabalho falcatura. Fiz coisa que muito preso não fez. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Aos olhos de quem é de fora do espaço carcerário, o trabalho externo realizado para empresas é entendido como alternativa positiva para o sistema carcerário na instituição de políticas público-privadas. Entretanto, elas nada destoam da máxima exploração da população carcerária que trabalha e, de acordo com os relatos acima, não lhes garante a devida segurança sobre o tipo de relação trabalhista ou penal que estabelecem. Não é atoa que a desconfiança sobre agentes contratuais do serviço se instale, bem como as evidencias revelem, haja falta de critério de classificação dos detentos aptos ao trabalho como forma de ressocialização.

A super exploração da 'mão operária do preso' também intensifica o núcleo central negativo das representações acerca do trabalho externo realizado pelos

detentos em privação de liberdade. Isso influencia o modo como o coletivo encarcerado encara a realização de trabalho externo e maneira como afirma sua posição de classe.

Em relação ao trabalho, bem como às demais atividades voltadas à redução de pena, alguns entrevistados afirmam desconhecer iniciativas nesse sentido difundidas no presídio em que permaneceram reclusos.

Que nem eu vi dos preso ler um livro e fazer uma resenha pra redução da pena, nunca vi isso lá, nunca! 'Nunca será' cara! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Hoje em dia não tem esse negocio de falar 'hoje vou costurar bola, vou trabalhar no grampo, hoje eu vou trabalhar na horta', não tem mais disso. Única coisa que tem é uma aula. Só que isso ai é uma burocracia. Pra você chegar até o caderno, pra você fazer desenho, até você chegar lá na biblioteca é uma burocracia. Que daí você vai ter que falar com o funcionário, o funcionário vai pegar teu nome e vai lá na direção da casa, vai ver quem é você, qual o teu crime e tudo isso. Daí eles ficam mais um mês só te observando. Dai você pergunta, 'o senhor não levou meu nome lá?' E ele fala: 'levei, a gente só ta de olho em você. Pra ver como você vai reagir, se você for violento na conversa' e... Ah, vai se foder então! Já era. Dai não, você não vai sair, entendeu? (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Embora sejam quase invisíveis as possibilidades de redução de pena pela realização de determinadas tarefas no espaço carcerário ou fora dele, a burocracia a qual Pavio se refere, se coloca como obstáculo ao acesso massivo da população carcerária que detém o direito à assistência educacional e profissional.

Parece que os poucos aspectos do trabalho realizado pelos detentos que são representados como positivos estão ligados ao fato de no trabalho externo se estar fora do confinamento, obter mais tempo de sol e ver se abrir outras possibilidades.

Só que daí a gente começou a fazer umas frente aí, de levar altos 'baseado' pra dentro da galeria mano, altos, um *brother* jogava pelo muro uns sete pacote já feito, eu engolia, daí quando chegava na cadeia, eu chegava e já ia num balde e 'gorfava' (vomitava) as sete, igual uma metralhadora 'tá-tá-tá-tá-tá-tá', ia saindo assim. Na verdade foi mais por isso que tiraram nós do trampo pra fora, pegamo uma sanção disciplinar ainda! (Bilbo, em entrevista, outubro de 2014).

Ao que os relatos indicam, as preocupações e cobranças, a super exploração da 'mão operária do preso' e às possibilidades que o trabalho externo, tal como é efetivado, apresenta para a entrada de substâncias ilícitas e outros objetos na prisão, inibem o planejamento e a gestão que se reverta em trabalho externo digno e ligado a recondução da vida em liberdade.



experiências e diálogos na passagem pela 'faculdade' e que incidem sobre a ampliação da rede de contatos e apresentação de novas possibilidades de associação ao crime.

O cadeião é foda mano, não tem nada pra fazer lá, só trocar ideia de coisa ruim, de apavorar os burguês, roubar, passar uma droga, manja? Só fiquei sabendo disso lá, mais do que eu já flagrava aqui de fora. Eu vi que eu era amador. É tipo uma faculdade mesmo irmão, só que o que se ensina lá é isso, ser bandido mesmo. (Bull, entrevista, setembro de 2013).

Em relação as dificuldades para conseguir trabalho quando egressos do sistema carcerário, os detentos relatam o preconceito de empregadores e a forma com que isso inibe possibilidades de mudança radical da vida em liberdade.

E eu tive sorte cara, por conta de bater no segundo, terceiro emprego, vinte dias depois de ter saído da prisão, tá com trabalho vinte dias depois assim. Tive sorte, tive um pouco de sorte, mas nem por isso eu deixei de correr atrás né cara! Fui correr atrás de um emprego de novo né cara! Porque tem muita gente que cai por tráfico que não dá um dia e já vai pegar produto pra poder tá vendendo e fazendo o movimento, sabe? Só que o dinheiro não vale isso, o dinheiro do tráfico não vale um segundo da cadeia, um segundo que você fica lá dentro. Você pega e vai tentar ganhar quinhentos reais, mil reais numa jogada, mas se você cair e ficar um dia lá na triagem já não valeu, não vale o dinheiro, sabe? O que mais vale hoje em dia é você ter quinhentos reais na carteira, mas poder ir pra um rio, poder ir pra praia, poder ir comprar um sorvete, poder tomar uma coca gelada, do que você ter cinco mil reais, mas sabendo que é um dinheiro que uma hora ou outra você pode ser cobrado por isso né. (...) Se tem na cidade alguma coisa que ajuda o cara que sai da cadeia eu não conheço, porque eles não são de te ligar, assim ó: 'ô você acabou de sair, tá precisando de alguma coisa, de um emprego, de um, de um apoio psicológico pra você que saiu agora, pra ter um apoio que tá difícil, é ao contrário, rola até um preconceito em cima disso. Não há uma procura assim, nem um encaminhamento eficiente. Como eu te falei cara, é um público interessante de tá trabalhando né, mas não é um público interessante. Sabe? É um público que deveria ter um auxílio, mas nesse caso, tem exatamente o contrário, parece que é uma exclusão, assim, sabe? Por conta de que tem um preconceito, é ruim, é difícil mesmo né cara! O cara que vai, em vez de contratar um cara que tá na agência do trabalhador normal, vai lá e vai pegar um preso lá pra trabalhar. Né, tipo, o fato de ser preso e tal. Até por conta de que o cara vai pensar que ele vai roubar, dependendo do cargo né, dificilmente eles acreditam né cara! Que a pessoa possa ter recuperação depois da cadeia né cara! Muita gente acha que o preso tem que morrer mesmo! Mas não é todo preso que tá lá que (...) tem muito cara na rua que faz muito pior, que deveria tá preso, que deveria puxar uns dez, quinze ou vinte anos de prisão, mas é um cara que anda de terno, é um cara que tá bem na sociedade, é um cara que tem uma empresa, mas faz coisa ilícita! Que investe em coisa ilícita, é um político que rouba muito mais que um cara que vai vender cinquenta grama de maconha ali na esquina. O cara desvia muito mais e tá bem na sociedade e que quando paga, paga muito menos! Ou não paga nada ou nunca é descoberto né! Quando tem alguma investigação em cima é abafado. Agora se o cara é pego com uma pequena quantidade é capaz do cara ficar cinco ou oito anos na cadeia e daí o cara se estraga mais

ainda, aí o cara não volta pra sociedade melhor. É o que eu te digo, um piá que ganha quarenta mil reais por mês pra vender droga, ele tem vinte anos, você acha que ele vai trabalhar no supermercado pra ganhar setecentão, oitocentão, pra ficar trinta dias pra ganhar isso? O cara não vai! Trabalhando dez ou doze horas por dia? O cara quer mais é que se foda isso! E ele quer mais é ganhar dez conto na semana e comprar um carro por semana! Tinha camarada lá dentro que comprava moto, tipo, toda semana! Cada duas ou três semanas comprava um carro! E tava preso! Isso que eu falei, a gente brincava de atuar no crime. E não pára né cara, amigos nosso aí, tiveram a lição, viram que é furada, mas os cara continuam tentando a sorte! 'Fique rico ou morra tentando!' E o pior que tem muito que morre mesmo! Fique rico ou morra tentando! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

As possibilidades de ocupar uma vaga de trabalho que corresponda ao mesmo ganho real que a atividade criminosa apresenta por um dado período de atuação em liberdade também se coloca como importante elemento na composição da rede de palavras e aponta para as perspectivas de futuro apresentadas à população egressa. Se alguns egressos como Bob reconhecem a sorte, outros nem tanto.

Dai o trabalho. Eu tava trabalhando num restaurante lá na saída de Palmeira, lá perto do Pubis ali. Tava trabalhando lá esses dias e peguei meu pagamento. 'Tomei' tudo! Sabe? Daí já dei umas facada nuns cara lá pro lado da minha quebrada, pro lado da Nova Rússia. Dai tá fedendo o baguio, aqui mesmo na rua os da lei pegam. Então pra mim tá complicado. E pra mim na rua consegui os documento agora esses dia aí. Carteira sem assinar, sem nada. Então a qualificação tá complicada pra mim. Na mesma hora que to bem, eu já recaio. As pessoas ajudam, tem varias pessoas que ajudam a gente. Não adianta a gente dizer 'pô, tô sofrendo'. Não tô sofrendo. Na verdade eu não tô sofrendo, quem tá sofrendo é as pessoas que ajudam a gente, ajudam, ajudam e a gente sempre cai. Tá dando 'míó'. Eles é que tão sofrendo, pois olha nós na rua tudo sujo, fedendo, loco, bem loco querendo mais. Sabe? Eles olham e falam: 'Meu Deus do Céu!'. Então é eles que tão sofrendo, a gente não tá. Porque se a gente que tivesse sofrendo a gente ia dar valor nas pessoas que ajudam a gente, as pessoas ajudam cara. Sempre arrumam serviço, levam eu nas fazenda, trabalho mais em lavoura né? Aí levam eu pras fazenda, me querem bem sabe? Que nem lá no Pubis eu tava trabalhando no restaurante cara. O cara me conheceu do nada lá em Palmeira, já me levou pra morar lá, já fez uma casinha pra mim, já comprou televisão sabe, radio, relógio, tudo sabe? Cavalo, charrete, andando pra aqueles asfalto de boa, eu tava sossegado cara. Foi o primeiro pagamento e parece que o diabo entrou na cabeça: 'vá pra Ponta Grossa, vá passear'. Daí você com dinheiro no bolso, cheguei em Ponta Grossa fui pra casa da minha irmã lá, e encontro um camarada aqui outro ali, tudo loução né, então, dá uma bola e, nessa bola, desandou. De uma bola já vira num gole de pinga, dai a gente que é doente, não é só um gole, a gente que é doente não adianta tomar um gole, de um gole vira num litro. (...) Pra ex - presidiário não é fácil. Esses dias aí a dona Erica, a dona Rose do CREA lá sabe. Esses dias aí apareceu um serviço pra mim sabe? Uma chácara aí do sogro daquela japonesa que faz identidade lá pra baixo da Santa Casa. Se ajeitou um serviço com o sogro dela, que o sogro dela é não sei o que da Unimed lá em baixo, acho que é comandante da Unimed lá. Se ajeitou um serviço na chácara dele, só cuidar da chácara. Limpar,

arrumar uma cerca e tal, serviço que eu gosto. Aí vim aqui, fiquei aqui. Fui fazer entrevista, aí a mulher não tinha puxado ainda minha ficha, aí ela falou: 'pode vir que amanhã ele vai conversar com você'. Fiz com ela daí e ela já falou: 'não, já ta entregado. Só que ele quer te conhecer, venha amanhã ou depois de amanhã pra você conhecer ele e ele conhecer você. Dai você já vai pra chacará'. No dia que eu fui, a mulher falou: 'olha, infelizmente eu tenho uma noticia pra te dar, ele quer uma pessoa 100% de ficha limpa'. E daí foi a hora que... O emprego assim registrado é difícil. A gente as vezes é enxergado assim como as pessoas que não dá pra dar confiança, pra não ter perigo, sei lá. Sempre com um pé atrás. E daí agora eu não sei o que eu vou fazer, tá complicado. Eu vou conversar com o pessoal aí pra ver um sitio ali, porque firma mesmo não tem, as pessoas não aceitam, é difícil. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

A questão não envolve a sorte dos egressos, mas um conjunto de fatores, tais como a própria condição familiar, socioeconômica, rede de amizades, dentre outros elementos vinculados à oportunidades apresentadas aos sujeitos na vida em liberdade. A fala de Pavio revela a dificuldade que tem para conseguir ou permanecer em trabalhos informais vide o preconceito, mas também ao sofrimento que gera aos outros devido à sua dependência alcoólica e química. Pavio, na realidade, manifesta tristeza por não corresponder com que se espera de sua recuperação.

Os trabalhos informais que muitos dos entrevistados exercem para geração de renda são descritos como forma de condução da vida sem muitas pretensões de qualificação profissional ou de ascensão social. Além disso, o trabalho informal aparece como forma de manutenção de uma rotina envolvendo o uso de drogas.

Meu irmão me arrumou um trampo no mercadinho que ele trampava e daí fui me levantando, sabe? Só que ainda tomo meus gole, fico na cena com a malucada, na esquina, fumando 'um' e... curtindo né, nunca de cara, tá ligado? Fumar um 'beckinho' era certeza né, pra ficar de boa. (Lôco, entrevista, setembro de 2014).

Das coisa que eu fiz lá dentro, foi só não fazer nada, trocar ideia e fazer as coisa de rotina, que tem que fazer mesmo mano. Esse lance de que cadeia é pro cara se recuperar é mentira, ninguém sai melhor de lá, tá ligado? No meu caso eu sai mais de boa, dei um tempo nos corre, engordei e hoje em dia eu acordo cedo tudo dia. Mas eu to ligado que tem cara que sai venenoso, com ódio de tudo mesmo, que só quer apavorar depois que tá na rua de novo. Que desconta na família, em quem for, tá ligado? Porque pense bem, o que os mano se conversam lá? Só de treta, 157, tráfico, morte e coisa ruim... Imagine um piá mais novo que já não é flor que se cheire na rua, cáí lá na faculdade, aí vê irmão da mesma idade, com sete, oito carro, com uma mina massa que vem na visita íntima, vê que o cara tira mais de mil por dia vendendo pedra na favela, que corre junto com o comando e só tem arrego com lance de advogado e tem parceria pra fazer algum adianto mais cascudo? Certeza que o cara se ilude e vai querer uma vida assim, tá ligado? Quem que não quer ter dinheiro e as coisa massa? E a sociedade

não dá nada disso pra ele. No meu caso, eu fico com o gole, com o verde, com a pedra porque eu sou fraco, senão tava nessa também, tá ligado? Olhe quanto que eu ganho no mês fazendo bico? Eu nem sei pra te falar a verdade, porque pego vale e já 'frito' (fumo e bebo) tudo no fim de semana, tá ligado? Eu sei que isso não é vida, mas é que eu tenho esse problema mano, não vejo outra saída. (Anísio, entrevista, maio de 2014).

Uma coisa eu te digo mano, eu aprendi muita coisa lá dentro, tanto que hoje eu não dou mio aqui na rua, tô 'trampando', mas tenho comigo que se um dia eu cair de novo, os mano vão me ajudar lá, tá ligado? Mais do que minha família, mais que os cara que eu achava que eram meus brother aqui fora. Vão me ajudar mais do que o governo, mais do que a igreja, que eu ia com o meu irmão e minha mãe, que só quer meu dinheiro, tá ligado mano? O foda é se virar! Isso é o que mais me fode, porque os 'trampo' que eu consigo, só ganho o do 'gole' e do 'verde', porque ninguém é de ferro, parece que eu não consigo 'ficar de cara' por muito tempo. (Dedinho, entrevista, agosto de 2013).

Fui ficando mais em casa, só na baia e minha véia me xingando pra eu 'trampar', tomar um rumo, pra sair das pira, da vida loca. Agora que eu tô na rua de novo é outra cena, meus mano aqui na quebrada já tão em outra piá, não é igual antes. Alguns se levantaram, tão 'correndo junto' com a 'facção', outros mudaram, tao 'trampando', tem família e tal. (Red, entrevista, agosto de 2013).

Para alguns não se apresentam alternativas positivas no sentido do tratamento à saúde mental e física face a dependência de substâncias alcoólicas, entorpecentes ou tóxicas e de reinserção social via formação educacional e profissional, como também inserção no mercado de trabalho. Diante dessa lacuna, à outros entrevistados, a saída da prisão e as perspectivas de futuro ligadas à geração de renda caminham no sentido da reincidência em atividades criminosas.

Imagine um piá mais novo que já não é flor que se cheire na rua, caí lá na faculdade, aí vê irmão da mesma idade, com sete, oito carro, com uma mina massa que vem na visita íntima, vê que o cara tira mais de mil por dia vendendo pedra na favela, que corre junto com o comando e só tem arrego com lance de advogado e tem parceria pra fazer algum adianto mais cascudo? Certeza que o cara se ilude e vai querer uma vida assim, tá ligado? Quem que não quer ter dinheiro e as coisa massa? E a sociedade não dá nada disso pra ele. (Anísio, entrevista, junho de 2013).

Falas como a exposta acima revelam a dificuldade de se incidir na transformação da vida de homens jovens que vêm oportunidades de trabalho precário surgirem ao mesmo tempo em que se expandem as possibilidades de associação para atividades criminosas e ganhos financeiros mais vultuosos.

Se você me perguntar, se hoje eu trabalho? Vou te contar que eu trabalho, tá ligado? Mas o que eu ganho mesmo não é fazendo o 'trampo normal', é com que eu aprendi lá no 'prédio' irmão! Como se você saísse formado em ser vagabundo (...) E pensa que tem que mudar de atitude, estudar,

'trampar', cuidar da família do jeito certo digamos. Mas aí os dia vai passando assim, um mês, dois (...) e aquela vida foda mesmo! Se for ver na lei, nada do que rola no 'prédio' tinha que ser daquele jeito, mas é (...) Ninguém tá nem aí, na verdade, quem tá ali num X, pra muita gente nem é humano, é lixo! Se você tem consciência disso, isso também acaba te levando pro crime, tá ligado? Porque eu eu vou me empenhar se você não vale nada pra ninguém aqui fora irmão? Aí você vê irmão lá dentro, que fica um tempo, paga uma parte da pena, sai já bem louco pra se erguer ainda mais, faz contato lá, tá ligado? Os cara apresenta um bagulho bom aqui fora e pra ele a vida é aquilo ali mesmo. Que nem eu te falei irmão, só aprendi coisa assim lá, de fazer um trampo certo aqui pra não cair, mas se cair, é nós lá de novo, é caminho sem volta, tá ligado? Mas tamo aí né! Fique um tempo na 'bad' pra você ver como é difícil voltar ao normal. Daí, agora fique lá no 'prédio' pra ver. É 'bad' sempre, porque tudo ali te indica o que dá pra fazer no crime irmão! Cê acaba acostumando com a cena, daí vê a grana entrar, e vai e vai em outra, e vai e vai e não pára mais. Vou te falar, eu admiro os cara que consegue, vai na igreja, muda de algum jeito, mas não é fácil. Porque quando você sai, já encontra os irmão que tão aqui fora, e que tão aqui, tão aqui na mesma cena, fazendo os memo adiantado, vendendo bagulho, roubando, explodindo caixa e se levantando, tá ligado? Só se levantando, e cê só vê a parte boa, a grana, os 'pano' que cê compra, o que cê traz pra dentro de casa e não deixa passar necessidade. Quer dizer, se passar muito tempo nessa, vê que é aquilo ali que faz de melhor, daí não tem volta. Que nem te falei, que pra mim foi assim, das vez que cai lá dentro: saudade da família; só papo dos 'pinha' mais presença e facção e os 'irmão' e tudo isso. Daí saí, sem nada, tipo mão na frente e outra atrás, não tinha nada pra fazer também, tá ligado? Do que que eu lembrava? Só de lá de dentro, do que os irmão trocava de ideia e que podiam me 'fortalecer' pra 'se erguer' aqui fora, tá ligado? Daí começo a 'trampar' e não vem nada, só conta e falta de grana, sou mandado embora de um, de outro e de outro 'trampo'. Uma hora eu fiquei tipo preso nas ideia de vender bagulho de novo, com telefone dos 'irmão' ali, na mão. Tinha tudo na mão pra fazer do jeito certo dessa vez, tá ligado? Aí dá certo até cair de novo. Eu cai de novo, mais dois mês guardado, saí e tô nessa de novo irmão. Não tenho muito o que te falar, porque nessa minha caminhada, eu sofri, não vou mentir isso, tá ligado? Mas os irmãozinho lá só me fortaleceram e só me fortalecem até hoje. Se tá ruim de passar um bagulho aqui no meu barraco, que to ligado que é 'zica' e tão querendo me derrubar, eu 'móco', aí dou um tempo, troco o 'radinho' (telefone), espanto os 'nóia' daqui. 'Puxo' uns carro, até que apazígua, aí vou tá na área de novo, levanto uma grana e, assim eu vô. Ter medo de cair lá dentro, sempre tem né. Quem que não tem? Mas não é um medo, assim, igual o de morrer, porque o cara vive lá. É isso irmão. (Bull, entrevista, setembro de 2013).

As perspectivas de futuro que os entrevistados apontam para aqueles que saem do espaço carcerário são diversas, envolvem a conquista de trabalho formal e informal e, ainda, a reincidência no crime como forma de gerar renda e para manutenção de um padrão de vida e consumo elevados. Como se lê no relato de Bull, a criminalidade se revela enquanto mecanismo voltado a obter renda diante das dificuldades ligadas ao mercado de trabalho e as vantagens financeiras encontradas na atividade do tráfico de drogas e furto de automóveis. Também expõe a conexão que estabeleceria a partir da prisão, desde aquela com o conhecimento próprio das

atividades ilícitas e das redes de relações que podem influenciar em novas associações para o crime. Esse aspecto também revela uma das maneiras pelas quais há conexão entre diferentes escalas que se constituem como base para a ação concreta, de acordo com o que afirmam Smith (1992) e Moore (2008).

Um dos aspectos identificados na narrativa sobre as perspectivas de futuro e acerca do dilema entre permanecer na vida criminosa ou mudar a vida radicalmente é a existência de reforços positivos ou negativos que a vida fora da prisão apresenta à mudança.

E mais uma vez, te digo, se o cara não tiver estruturado cara, ali é uma forma de, uma fábrica de, uma fabrica de mais gente pro crime né. Pois se o cara não tiver fortaleza ali ele vai se encabeçar mesmo no crime, ele vai se agarrar no que ele tá mais perto. Pro cara ter algum benefício ou outra coisa. Dificilmente alguém ali vai te instruir pra: 'ó saindo daqui você vai fazer isso ou vai fazer aquilo, vai pro caminho certo.' Dificilmente! Um, no mínimo, um ajuda o outro ali, mas no mínimo você sair com a cabeça com aquilo que aquela realidade te dá ali. Desde o primeiro dia que eu tive recluso lá cara, desde o primeiro dia eu já tive um choque de opção de vida né cara! Então eu acho que só, só o ignorante mesmo pra não perceber que você perde tudo o que você tem aqui fora e tal. Aquela coisa de ganancia ou adrenalina de praticar um crime cara, não compensa. Foi o que eu te falei, mais vale você andar de chinelo de dedo, sem camisa, mas bater no peito e falar que tá tudo tranquilo, que não devo nada pra ninguém, é exatamente isso! Tão bom você acordar cedo e se olhar no espelho e pensar 'hoje eu vou trabalhar, vou lavar o rosto aqui e vou trabalhar'. Porque esse lavar o rosto não é o mesmo que acordar na cela de novo né. Então (...). Mas você viu como é o tratamento né cara. Porra! É... senão tiver esse alicerce assim, o cara vai pro fundo mesmo. E vou tentar expor minhas experiências na música, logo mais tem ensaio. Vai sair um CD dessa experiência aí. E lá acabava às vezes que rolava altos sons lá piá! Teve dia de rebelião, eu escrevi uma letra pra um som, de um dia antes da rebelião, contando que o clima tava tenso, que tava tudo *trash*, escrevi isso umas seis horas da manhã assim. Sol começou bater, comecei a escrever a letra 'rebelião', daí estoura a rebelião em seguida. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

O tipo de reação à experiência carcerária no contexto de egresso exprime a reflexão que a vivência na prisão impõe ao detento sobre sua condição e acerca dos rumos que a vida pode tomar. Desta forma, a fala de Bob, assim como outras, representam a possibilidade de mudança radical da vida em liberdade.

Sinceramente, quando voltei pra rua, eu já tinha perdido a esperança, viu? Tinha achado que, que eu não ia, que ia, ou que ia ter que, que só ia sair agora no ano retrasado, eu achava já que nem ia dar certo de eu sair antes. Eles me pegaram bem assim, desprevenido né? Os cara ficavam assim, que nem todo mundo fica ansioso, né, de sair. Daí foi indo, mas daí quando eu saí mesmo cara, é (...) eu saí com aquela ideia, de não voltar, sabe? Com aquela ideia de: como que eu faço? Eu quero trabalhar, daí eu fui pra

minha casa cara, daí eu tava trabalhando lá dentro e já guardando um dinheiro, sabe? Eu não tenho profissão, mas por outro lado eu tô disposto a aprender qualquer coisa, menos seguir a vida que eu levei. Muitas vezes sou eu, querendo ou não, por mais que não tenha aprendido nada disso na cadeia propriamente dita, eu aprendi bastante nesse período. Por que eu fazia muita reflexão, sabe? Fazia muito isso, de pensar no que era certo e no que era errado, onde que eu tava, porque que eu tava ali, o que que acontecia, porque que acontecia? Sabe? Eu via, eu estudei aquele lugar e vi que era um lugar muito ruim, né. Mas foi assim que eu vi, foi de coisas assim, 'não, eu não quero isso pra mim'. Porque você se engana e eles te enganam, dão uma, tipo, a passagem bíblica que o demônio te oferece coisa boa. E eu disse não! Não é isso cara, do jeito que vem vai. (Adão, entrevista, junho de 2014).

As perspectivas de futuro são representadas na narrativa dos entrevistados a partir de diferentes horizontes de expectativa. Primeiramente estão ligadas à difícil e seletiva conquista de uma vaga formal de trabalho ou de realização de trabalhos informais, ambos reconhecidos como precários e que possibilitam baixo rendimento mensal. Tais ocupações também demonstram potencial para garantir a rotina de uso e dependência à determinadas substâncias ilícitas, podendo assim influenciar na reincidência em atos ilícitos, tais como furtos, roubo e assim por diante. Ainda se apresentam como horizontes a reincidência em atividades ilícitas na ocupação de novas posições em associações voltadas à diferentes tipos de crime e a própria adesão ao PCC. Por outro lado, também aponta-se como perspectiva a reconfiguração da rotina e mudança radical da vida em liberdade. Todavia, tal mudança está ligada as alternativas positivas encontradas por poucos detentos e, até mesmo, dentre os entrevistados, e que podem envolver a fé e a religiosidade, à música, ou os próprios laços familiares.

As relações dos detentos com a família são aqui analisadas de forma mais intensa devido ao fato dela se apresentar numa comunidade semântica que conecta as evocações 'trabalho', 'família' e 'dinheiro' e ambas estão também relacionadas às perspectivas de futuro apontadas pelo discurso do grupo estudado.

Ao longo deste trabalho a família foi objeto de discussão e observada na composição da trajetória do ser detento, envio de provisões alimentícias e base para as relações de solidariedade na prisão, além de compor as visitas ao espaço carcerário e ao sofrimento causado pelo constrangimento ou revista vexatória.

Minha mina na época tava grávida e eu não deixei sequer um dia de tá assim ó, no 'radinho' (telefone), ela chorando e eu falando com ela, tudo dia



sujeitos investigados. No que se refere, aos laços familiares, há diferentes contextos em que a família é fundamental, dentre eles o envio de 'sacolas' como importante subsídio material, a realização de visitas e os próprios contextos de contato dos detentos com tudo que se passa fora dos muros da prisão.

Um destes contextos envolve o diálogo semanal que consiste no envio de cartas breves e de próprio punho, denominadas de 'pipo', endereçadas aos familiares.

Quando você escreve assim, normalmente, as pessoa, os cara lá dentro escrevem um 'pipo' assim, tá ligado? Tipo, eu escrevia um monte cara! Pra mandar aqui pra fora, pra família, tá ligado? (Cazu, entrevista, outubro de 2013).

Minha mulher quebrou o braço, daí eles vieram e avisaram e ligaram pra ver mesmo e avisar né. Mandaram o 'pipo' pra mim né. (Bob, entrevista, setembro de 2014).

Os sentimentos de solidão, saudade, distanciamento ou perda de familiares também compõem a narrativa do grupo estudado. Expressa o conteúdo emocional da relação com a família e/ou perda dos laços familiares e o sofrimento diante da morte de familiares no período de reclusão.

Até minha irmã não tem como chegar na casa dela. Não voltei mais. Voltei anteontem mais nem cheguei lá. Por causa da dificuldade que eu passei lá dentro de saudade da minha família, saudade do meu pai e da minha mãe que eu não puder ver mais e hoje em dia da tristeza cara. Mais isso tá complicado tudo por causa porque eu perdi meu pai, minha mãe, perdi minha família por causa desse tempo todo sabe. Eu morava sozinho perto da casa da minha irmã, só que dai, por exemplo, de tarde assim, eu lembrava do falecido meu pai e minha mãe assim sabe? E dai onde começava me dar um desespero, dai eu tinha que tomar um gole e quando eu tomo gole dá vontade, dai já da vontade de caminhar e dai vou acabando e me perdendo. Então antes eu não tinha esses pensamento, porque eu tinha tudo mundo. (Pavio, entrevista, julho de 2014).

Em vários momentos da entrevista dada por Pavio, ele lembrava seus pais e cedia às lágrimas, manifestando o abalo emocional de não ter tido mais contato com eles após sua prisão, pois os mesmos faleceram durante o cumprimento de sua pena. Para Pavio, portanto, a 'queda' na prisão e a perda de seus pais são dois acontecimentos entrelaçados e difíceis de se digerir sem recorrer ao uso do álcool e, conseqüentemente, ceder ao que reconhece como sua própria perdição.

Outro contexto da narrativa do grupo tem relação com as oportunidades de vivenciar momentos felizes com a família e que foram perdidas devido ao envolvimento com o uso e tráfico de drogas.

Hoje, mas só isso por conta do apoio familiar lá dentro né! Senão houvesse o apoio familiar, sustentação lá, se eu tivesse 'ah, vou morar sozinho de novo, vou me virar, não sei o que e tal', fatalmente eu ia ter caído em tentação de novo, trabalhando, fazendo carteira de motorista, estudando e tal, bem corrido, sabe? A relação com a minha família mudou pra melhor cara! No meu caso mudou pra melhor assim, sabe? É, o cuidado deles comigo também, sabe? Depois de um ano lá cara, eu me privei de muita coisa e perdi muito vício que eu tinha aqui fora, hoje eu tenho uma vida totalmente diferente no sentido de fazer muito mais coisa hoje do que eu fazia antigamente né. E quantas noite eu perdi de sono! Quantas tarde eu perdi de preguiça, de bobeira e tal né! No tempo que eu tava na rua dificilmente eu ligava pro meu pai pra marcar um churrasco com a família e não sei o que. Às vezes, muitas vezes o, o fato do cara, primeiro ir pra droga, depois ir lidar com o comércio da droga, então isso acontece muitas vezes porque ele não tá nem vendo isso, a família na cola também, o cara às vezes chega de madrugada em casa e a família nem pergunta nada, o cara não tem namorada que segure o cara no sentido de 'pô, olha o que você tá fazendo! Não é legal!' Então a família, 100% de apoio pra tá vivendo essas coisas né cara! Se tivesse como dizer, eu gostaria de agradecer minha esposa de ter estado comigo num período punk, porque senão fosse ela eu não seria quem eu sou hoje. Mas você viu como é o tratamento né cara, porra é, senão tiver esse alicerce assim, o cara vai pro fundo mesmo. A hora que você tá com o bolso cheio de dinheiro, mas com o coração e cabeça preocupado se vai chegar alguém e vai te dar uma geral ou se você vai ser pego pela família, alguma coisa e você não poder entrar em casa. Quantas vezes eu vi gente chorando por falar assim: 'putz, quantos abraço eu dei na minha mãe, ou alguém da família? Quantos eu podia ter dado, mas eu tava bêbado, eu tava drogado' e coisa e tal. Não é o cara que tava abraçando a família, na verdade o cara tava dominado pelo negócio do crime ali né cara. Ilusão né cara! (Bob, entrevista, setembro de 2014).

A família aparece no discurso do grupo como um importante ponto de apoio à recuperação e ressocialização dos detentos e egressos e se configura como reforço positivo no sentido da transformação das práticas, interações e objetivos para a vida em liberdade.

No entanto, a vida familiar em liberdade implica readaptação dos sujeitos à outra espacialidade de 'convívio' e, na qual, também se observa a emergência de conflitos.

Mas num momento, tipo, é, de conviver com minha companheira, sabe? Briguemo muito e hoje não tem mais briga, sabe? Porque tinha aquela coisa de que tem que ser assim, aí tem que falar e tal, com calma e escutar e tal. E também de errar muito, muitas coisa eram nova pra mim, então eu errei demais. (Adão, entrevista, junho de 2014).

O 'trabalho', a 'família' e o 'dinheiro' aparecem na narrativa do grupo como elementos conectados na representação elaborada sobre as novas oportunidades à vida fora da prisão. Ter um trabalho digno, novas oportunidades de convivência familiar e uma forma de gerar renda suficiente, compõem o núcleo central da narrativa sobre as perspectivas de futuro. Este núcleo revela os principais reforços positivos elencados pelos entrevistados para a transformação da vida em liberdade. Enfim, demonstram como anseios trabalhar dignamente e possibilitar qualidade de vida e boas relações com a família. Entretanto, face a não garantia de assistência educacional e profissional e diante de insuficiente assistência social e à saúde possibilitadas pelo sistema carcerário e política de execução penal, egressos retornam aos espaços e ao convívio relacionados com o uso de drogas e à reincidência em atividades ilícitas. Este infeliz retorno reforça a demanda pela constituição de estratégias e políticas públicas de ressocialização e da necessidade de dialogar com a população carcerária sobre suas próprias reivindicações e perspectivas de futuro.

Este capítulo analisou as práticas do homens jovens na instituição da espacialidade carcerária. O espaço carcerário aqui tomado como referente foi compreendido como relacional, pois envolvem os desafios coletivos vinculados ao 'estar junto' na prisão. Ao mesmo tempo, este espaço é compreendido como paradoxal devido à existência de reposicionamentos dos sujeitos de acordo com as escalas e configurações de relações de poder instituídas pelos presos, nas relações que estabelecem entre si, com os agentes institucionais e com o próprio sistema carcerário.

A práticas cotidianas e interações dos detentos com a instituição prisional e seus agentes, analisadas na primeira seção, demonstram-se a partir de dois contextos distintos. Em primeiro lugar, através do contexto da 'bandeira branca', que caracterizado pela paz negociada entre detentos e funcionários, evidencia táticas de desvio da atenção e estratégias de furtividade que visam a execução do empreendimento da fuga, ocultação de objetos e planos. Esse aspecto se alia às análises sobre o espaço carcerário como permeável a certo grau de liberdade aos detentos, propostas por Goffmann (1968) e Friedberg (1993). Também ao modo como os detentos constroem suas próprias normas e estratégias de resistência,

como afirmam Foucault (1996), Lamarre (2001), Janssen (2004), Moran (2013) e Arruda (2006, 2015). Em segundo lugar, pelo contexto da 'bandeira vermelha' que representa a subversão do espaço carcerário promovida nas rebeliões e os reposicionamentos dos sujeitos nas configurações de poder que instituem este espaço.

As espacialidades do 'convívio' e do 'seguro' foram analisadas e compreendidas como ligadas ao alívio ou ao expurgo da população carcerária e enquanto importantes dimensões da instituição do espaço carcerário paradoxal.

As práticas desenvolvidas pelos homens também dão sentido à uma espacialidade carcerária que é multidimensional, pois se evidenciam vários níveis e escalas de organização do coletivo encarcerado, das facções criminosas, suas negociações internas, agenciamentos e hierarquias. O coletivo se organiza a partir de uma lógica que considera trajetórias e códigos morais que são dialogados e confrontados no cotidiano carcerário que reconhece e legitima lideranças, institui punições e processos disciplinares próprios.

As práticas ligadas a organização coletiva dos detentos, portanto, são imbuídas de controvérsias e complementaridades resultantes da coexistência da atuação independente e de detentos filiados ao PCC. Tal reflexão recai sobre a dimensão política envolvida na instituição do espaço carcerário paradoxal, sua hierarquia e diferentes posições dentro do quadro da organização coletiva dos detentos e das posições ocupadas por membros da facção.

O espaço de enunciação da diversidade de sujeitos e de posições por ele ocupadas envolve a 'voz' como uma entre-espacialidade constituída no fluxo dialógico envolvendo os detentos e suas lideranças e que tem como objetivo elaborar formas de resolução de conflitos e tensões emergentes no 'convívio' carcerário.

Por fim, a última seção contribui à reflexão sobre o futuro da população carcerária, a partir da conexão entre trabalho e as perspectivas de futuro ligadas à qualidade de vida familiar e possibilidades de geração de renda e que expressam as dificuldades relacionadas à vida de egresso do sistema carcerário e o retorno aos espaços e ao contato direto com as redes de relações para o uso de drogas ou reincidência na vida criminosa.

Assim, o horizonte de expectativas dos egressos, na perspectiva da mudança radical da vida em liberdade inexistente sem a presença de reforços positivos, dentre eles, a realização de um trabalho digno e suficiente, bem como o convívio familiar como ponto de apoio à processos de recuperação e ressocialização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hodiernamente, o Brasil conta com a quarta maior população carcerária do mundo, com mais de 622.202 mil pessoas privadas de liberdade em estabelecimentos penais. Nos últimos quatorze anos a população carcerária teve um aumento de 167,32%, muito acima do crescimento populacional no país. Atualmente a população carcerária registra crescimento aproximado na ordem de 7% ao ano. Uma cifra que proporcionalmente ao número de habitantes, institui taxa de encarceramento geral que ocupa a sexta posição dentre todos os países do mundo: há no país 306 presos para cada 100 mil habitantes. Isso é mais que o dobro da média mundial que é de 144 presos por 100.000 habitantes, segundo a *International Centre of Prison Studies* (ICPS).

O sistema carcerário abarca um grande contingente populacional. De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) publicado em dezembro de 2014:

ao longo do segundo semestre de 2014, entraram 279.912 pessoas no sistema, enquanto saíram 199.100 pessoas no mesmo período. Se considerarmos a quantidade de pessoas que estavam no sistema prisional em dezembro de 2013 (581.507) e as pessoas que entraram no sistema ao longo do primeiro semestre de 2014 (155.821 pessoas), é possível afirmarmos que pelo menos 1 milhão de pessoas passaram pelo sistema prisional brasileiro ao longo do ano de 2014. (p.23)

Esse trânsito de pessoas pelo sistema carcerário e instituições penitenciárias dá uma medida mais ampla do resultado da atual política de execução penal baseada no encarceramento em massa de detentos de dados grupos populacionais que vivem em diferentes espaços de pobreza e vulnerabilidade. Tal como evidencia a própria apresentação do mesmo levantamento do Infopen:

Não há pistas de que o encarceramento desse enorme contingente de pessoas, cuja análise do perfil aponta para uma maioria de jovens (55,07% da população privada de liberdade tem até 29 anos), para uma sobre-representação de negros (61,67% da população presa), e para uma população com precário acesso à educação (apenas 9,5% concluíram o ensino médio, enquanto a média nacional gira em torno de 32%) esteja produzindo qualquer resultado positivo na redução da criminalidade ou na construção de um tecido social coeso e adequado<sup>156</sup>. (p. 6-7)

---

<sup>156</sup>O texto de apresentação do Levantamento de Informações Penitenciárias é assinados por Renato Campos Pinto de Vitto, então Diretor-Geral do Departamento Penitenciário Nacional e Eugênio José Guilherme de Aragão Ministro da Justiça na época.

Estes aspectos ligados ao sistema penal brasileiro têm demonstrado crescente interesse da geografia. Sendo de fundamental importância a tese de Zomighani (2013) e o modo como apresenta a necessidade de se impor o fim da seletividade prisional e de uma reorientação do sistema penal que atualmente se expressa de forma opressora através da difusão da política e ideologia neoliberais. As idiossincrasias deste sistema estão todas conectadas ao modelo hegemônico de acumulação de capital e de preservação de um modelo desigual de reprodução das relações sociais. Também incide como relevante na Geografia brasileira a reflexão acerca do fenômeno prisional e das possibilidades de análise espacial presentes na tese de Arruda (2015). O geógrafo analisa a função da prisão para a reprodução de relações de classe desiguais que preservam precárias condições materiais à vida na prisão, assegura a preservação de determinadas formas de opressão e influencia variados acontecimentos fora dos muros das penitenciárias.

A minha tese percorreu o mesmo caminho de compreensão da realidade carcerária mediante análise espacial, partindo de um recorte espacial delimitado pelas experiências de homens jovens no Presídio Hildebrando de Souza, localizado na cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

Entretanto, meu objeto de estudo partiu de uma questão relacionada a instituição de masculinidades na espacialidade carcerária e, por isso, teve como núcleo central à sua constituição a relação entre homens e o cotidiano da prisão.

Minha questão de partida, por sua vez, foi constituída através de minha trajetória como pesquisador e do interesse investigativo sobre a vida cotidiana de grupos marginalizados que cometem atos ilícitos. Ao longo dessa trajetória, tive contato com muitos homens jovens em situação de vulnerabilidade social e inseridos em diversas tramas vinculadas à criminalidade no espaço urbano. Muitos deles passaram pela prisão e apresentaram como possibilidade dar continuidade ao trabalho de campo desenvolvido desde o mestrado.

Nessa 'caminhada' de pesquisa, não foram poucas as pessoas que conheci nos itinerários do trabalho de campo e que vi ao longo do tempo definharem pela dependência química, cometer suicídio ou reincidir em atos ilícitos como furto, roubo e até homicídios. Deparei-me ou conversei também outras várias vezes com pessoas que, fosse outro contexto, teria muito mais medo ou estaria suscetível a

converter-me em vítima de roubo. Soubera também em raras ocasiões que as pessoas que eu procurava estavam sob ameaça de morte, então deixava de segui-las. Quanto à outras, era informado por terceiros que novamente teriam sido presas. Outras poucas, que estavam trabalhando e seguindo a vida diferentemente da rotina do passado.

Neste contexto, o trabalho de campo representou minha imersão enquanto pesquisador no universo investigado e na qual fui sentindo vários efeitos de realizar um trabalho científico em espaços (e com sujeitos) marginalizados. Sendo que os resultados da observação participante e realização de entrevistas em profundidade, apesar de apresentarem elementos fundamentais à busca por respostas para minhas questões científicas, também se demonstraram bastantes desafiadores.

Os desafios metodológicos na construção do objeto de estudo e no próprio desenvolvimento do processo investigativo conduziram ao exercício de continuar seguindo os sujeitos, não mais na superfície complexa das periferias do espaço urbano, mas na também complexa constituição da narrativa do grupo estudado.

A fonte da análise qualitativa composta pelo conjunto discursivo de entrevistas e gravações de conversas apontou tendências de sentido que passaram a ser seguidas na formulação de hipóteses, de categorias de análise do conteúdo narrativo e na visualização de complexas redes e comunidades semânticas que apresentaram a frequência e as conexões de entre palavras ditas pelo grupo estudado. A metodologia interpretativa empreendida no trabalho apresentado nesta tese foi fundamental na construção do objeto de estudo e à definição dos rumos da minha pesquisa e possibilitou apresentar elementos de compreensão às minhas questões e inquietações científicas.

Em relação às trajetórias de vida do grupo estudado na composição de suas masculinidades e na condução e constituição da vida na prisão, foi demonstrado que a 'caminhada' dos sujeitos não é aleatória ou desconectada da existência espacial cotidiana de jovens de periferias pobres e sua vivência territorial ligada à vulnerabilidade e à diferentes atos ilícitos, como são os casos do tráfico de drogas, furtos, roubo e homicídio.

Também se evidenciou como relevante a reflexão acerca do modo como a trajetória dos investigados é por eles interpretada através da articulação entre

diferentes espacialidades e redes de relações de sociabilidade que corroboram com a ideia de uma trajetória de vulnerabilidade ao crime e à prisão e a de que os homens jovens constroem suas masculinidades pautando-se pelas ações transgressoras de uma ordem legal instituída.

Além disso, o acontecimento da 'queda' na prisão foi interpretado como um marco importante na constituição da trajetória do ser homem detento e que, por conseguinte, é também elemento fundamental à posicionalidade dos sujeitos nas configurações de poder no espaço carcerário paradoxal.

Sobre a questão vinculada a normatividade constituída no cotidiano do espaço carcerário, o presente trabalho evidenciou que ocorrem processos simultâneos de adaptação e de disciplinarização conduzidos autonomamente pelo coletivo encarcerado. Tais processos provocam uma brusca mudança de hábitos e reconfiguração das performances masculinas, incidindo sobre o corpo, alimentação e mercado de trocas.

Não obstante, a normatividade conduz à orientações coletivas, referenciais de masculinidade e à configuração de um desejo homosocial masculino. Ao mesmo tempo, a normatividade representa uma reorientação de eixos de opressão e desigualdade na composição de uma interseccionalidade cuja diversidade de eixos se constituem a partir de tempos e espaços situados no espaço carcerário, como também envolvem outras escalas espaciais.

Desta maneira, a normatividade masculina constituída no cotidiano da vida na prisão compõe a instituição de um espaço carcerário paradoxal que apresenta tensões e reposicionamentos de acordo a convivência entre uma diversidade de sujeitos, trajetórias, eixos de desigualdade e opressão e diferentes escalas que implicam num tipo de interseccionalidade situada. A reflexão acerca da construção das masculinidades na espacialidade carcerária evidenciou a conexão de atributos como o saber se defender, mediar e contornar conflitos, ter diálogo, palavra e atitude, reconhecer a experiência carcerária como aprendizado, dentre outros, que destoam das masculinidades constituídas ao longo das trajetórias pretéritas à vida no cárcere. Contudo, demonstram preservar elementos da masculinidade hegemônica ligados às desigualdades de gênero e ao modelo heteronormativo.

A experiência carcerária abordada enquanto processo disciplinar e de aprendizado conduzido autonomamente e vivido pelos detentos homens, pode resultar em ruptura ou distanciamento da criminalidade ou para o refinamento das práticas ilícitas, estabelecimento ou expansão das redes sociais à ela vinculadas. Neste sentido, as masculinidades construídas a partir do cotidiano carcerário podem ser interpretadas como abertas a contemplação de um modelo ideal de ser homem através da reconstrução da vida em liberdade em acordo com a lei. Mas também de um modelo periférico estruturado através do imaginário social instituído sobre o bandido e da própria reincidência em atos ilícitos ou adesão às redes criminosas, à formação de quadrilha ou ao crime organizado. E ainda, como construção social que é diluída em acontecimentos nos quais a normatividade masculina do espaço carcerário perde o sentido diante da subversão compulsória da masculinidade e do modelo heteronormativo.

A questão investigativa referente ao modo como as práticas cotidianas instituem a espacialidade carcerária evidenciou o aspecto relacional e multidimensional da prisão, pois as práticas são exercidas em meio às tensões e agenciamentos que envolvem a população carcerária, o sistema penal e os agentes institucionais. Assim, foram interpretadas as maneiras pelas quais os entrevistados representam o sistema carcerário e as relações que estabelecem com os seus agentes mais diretos e que estão relacionadas à normatividade masculina e aos princípios e valores ligados ao respeito e à discricção.

Além disso, foi demonstrado que os detentos constituem estratégias de furtividade ligadas ao empreendimento da fuga, ocultação de outras práticas e objetos. Os agenciamentos estabelecidos pelos homens encarcerados podem provocar rebeliões, incidindo assim sobre a subversão do espaço carcerário. Também foram abordadas as diferenciações internas da prisão e que instituem duas espacialidades distintas, o 'convívio' e o 'seguro', como referentes significativos à instituição de um espaço carcerário paradoxal cujas assimetrias de poder se estabelecem a partir da normatividade e do reconhecimento coletivo da trajetória dos sujeitos.

A organização do coletivo encarcerado e a relação controversa e complementar que envolve lideranças de cela, galerias e detentos filiados à facção

PCC foram analisadas e interpretadas a partir de diferentes escalas de interações entre os detentos na prisão e as conexões estabelecidas através das redes de relações constituídas pela facção. O contato entre duas hierarquias distintas demonstra a multidimensionalidade do espaço carcerário paradoxal instituído através de tensões, alianças e projetos em comum envolvendo uma diversidade de sujeitos e trajetórias. O coletivo encarcerado também evidenciou a constituição de espaços de enunciação e debate, onde diferentes detentos - incluindo as lideranças de celas, galeria e detentos filiados ao PCC - expõem seus pontos de vista e instituem dialogicamente formas de resolução de problemas e conflitos. Nestes espaços de enunciação as posições de sujeitos e grupos também se afirmam como centrais ou periféricas nas configurações de poder que instituem o espaço carcerário paradoxal.

Como práticas e interações importantes à vida dos egressos do sistema penal, o trabalho, o convívio familiar e as possibilidades de geração de renda foram analisadas enquanto elementos importantes na composição das perspectivas de futuro do grupo estudado. Deste modo, foram identificados três horizontes de expectativa do grupo estudo. Em primeiro lugar as dificuldades experimentadas pelos egressos no âmbito profissional, a discriminação e o déficit de oportunidades para a reconstrução da vida em liberdade. Em segundo, a reincidência na rotina de uso e tráfico de drogas, em outros atos ilícitos e na ampliação das possibilidades de associação ao crime ou adesão nas redes de relações estabelecidas por facções como o PCC. Em terceiro, a continuidade da vida em meio à alternativas positivas para a mudança radical da vida em liberdade e que articulam o anseio por um trabalho digno, que subsidie e garanta qualidade de vida à família e renda suficiente.

Os elementos de compreensão do fenômeno estudado resultaram do tenso diálogo entre o conteúdo empírico da pesquisa e as teorias difundidas na produção do conhecimento geográfico. Primeiramente, a tradição epistemológica da Geografia brasileira, notadamente, vinculada aos estudos sobre violência e criminalidade urbanas, deixou uma lacuna que é representada pela consideração de que as vozes dos sujeitos investigados são relevantes à análise espacial e de que as práticas cotidianas são elementos fundamentais à compreensão da produção de espaços de criminalidade e violência. Desta maneira, o processo investigativo foi permeado pela

interlocução teórica com diferentes subcampos da produção geográfica, dentre eles, a Geografia da Juventude, Geografias Feministas, estudos sobre espaço e masculinidades, sobre interseccionalidade e da Geografia Carcerária.

Este diálogo teórico foi fundamental na construção do objeto de estudo e para o entendimento de que as experiências e espaços constituídos através do cotidiano de grupos marginalizados são complexos e os sujeitos que compõem estes grupos não podem ser objetos de análise geográfica quando tomados como sujeitos genéricos, mas desde uma perspectiva não-monolítica e que explore a complexidade relacionada às suas práticas, interações, performances, corpo, masculinidades e as assimetrias e eixos de poder, opressão e desigualdade.

Buscou-se neste trabalho apresentar uma contraversão sobre a experiência dos homens na prisão, considerando as tendências de sentido que suas vivências e próprias palavras apontam. O conhecimento produzido na construção do presente objeto de estudo e na condução do processo investigativo pode fazer chegar mais longe a mensagem de que a perspectiva, as agendas repletas de demandas mais urgentes e os anseios da população carcerária podem ser levados em conta, tanto pela política de execução penal, quanto pelo diálogo político com a sociedade. Este diálogo pode contribuir na construção de uma cultura de paz e que reverbere processos políticos de equidade e vida digna à homens jovens e à populações inteiras que têm encontrado um caminho possível à sobrevivência ou à geração de renda na criminalidade.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. A delinqüência juvenil em São Paulo: mitos, imagens e fatos. **Proposições**.v. 13, n. 3 (39), 2002.
- \_\_\_\_\_. Texto: **Crianças e adolescentes e a violência urbana**. Pesquisa NEV/USP.1999. Disponível em: <http://www.nevusp.org.br>. Acesso em: 28/07/2009.
- \_\_\_\_\_. **A gestão urbana do medo e da insegurança: violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea**. 1996, 282 f. Tese de Livre docência - Sociologia. Universidade de São Paulo, 1996.
- ADORNO, S., BORDINI, E. B. T. , LIMA, R. S. de. Adolescentes e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n 4, 1999.
- AITKEN, Stuart C.. Young men's violence and spaces of addiction: opening up the locker room. **Social & Cultural Geography**, 13:2, 127-143.
- ALMEIDA, J. P. de; ORNAT, M.J. Espacialidade e masculinidade na vivência de jovens da escola de 'guardas mirins' em Ponta Grossa, Paraná. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro - Ano 16, no. 25, v.2, 2o semestre de 2014, pp.142-171.
- ALVES, Jaime Amparo. Topografias da violência:necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume 22 (2011), p. 108-134.
- ANDERSON, Ben; KEARNES, Matthew; MCFARLANE, Colin; SWANTON, Dan. On Assemblages and geography. SAGE - **Dialogues in Human Geography**. Jul 10, p.171-189, 2012.
- ANDERSON, Jon e JONES, Katie(2009) 'The difference that place makes to methodology: uncovering the 'lived space' of young people's spatial practices'. **Children's Geographies**. Vol. 7: nº 3, 291 — 303. 2009.
- ANDO, Daniela; FELDMANN, Marina Graziela. A Violência Doméstica Contra Crianças e a Formação de Professores: um elo a ser estreitado. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 4, Special Issue 1, p. 327-337, jul./dez. 2013.
- ANDRÉ, André Luís; GOES, Eda. Violência marginal: a construção da identidade e o sentido da violência. **Revista Formação – Unesp - Edição Especial – n.13 v.2**. 2006.
- ARANDA, Salvador MALDONADO. Geografía de la violencia en México: enfrentar el crimen en medio del narcotráfico y la delincuencia organizada. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 40: 13-33, maio, 2013.

ARRUDA, R. F. de. **Por uma Geografia do Cárcere - Territorialidades nos Pavilhões do Presídio Professor Aníbal Bruno em Recife – PE** . Dissertação de Mestrado. Recife. Universidade Federal do Pernambuco. 2006. 111p.

\_\_\_\_\_. Geografia do Cárcere: Territorialidades na vida cotidiana carcerária no sistema prisional de Pernambuco. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2015. 242p.

ATHERTON, Stephen. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. Domesticating military masculinities: home, performance and the negotiation of identity. Volume10; Number 8. December 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BADINTER, E. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BADIOU, Alain. **O Ser e o Evento** . Rio de Janeiro: UFRJ/Jorge Zahar, 1996.

\_\_\_\_\_. **Para uma Nova Teoria do Sujeito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **Infinite Thought** (Continuum, New York). 2005b.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2002. Tradução: Luís Antero e Augusto Pinheiro.

BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sebastien; JACOMY, Mathieu. **Gephi: an Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks**. [s.l.: s.n.], 2009. Disponível em:

<<http://www.aaii.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154>>. Acesso em: 2 set. 2014.

BATELLA, Wagner Barbosa; DINIZ, Alexandre Magno Alves. Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no Estado de Minas Gerais - **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (1): 151-163, abr. 2010.

BEAUVOIR , Simone de. **O Segundo Sexo** . Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980.

BERG, Lawrence D. & LONGHURST, Robyn. Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography. **Gender, Place and Culture**, Vol. 10, No. 4, pp. 351–360, December 2003.

BERG, L. D. Masculinity, place and a binary discourse of 'theory' and 'empirical investigation' in the human. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**; 1994, Vol. 1 Issue 2, p245, 16p.

BIONDI, Karina. **Etnografia no movimento: território, hierarquia e lei no PCC**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2014. 334p.

BOAZ, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2 Ed. 2005. 109p.

BOSE, Christine E. Intersectionality and Global Gender Inequality. **Gender & Society**, Vol. 26 No. 1, February 2012 67-72

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRITTO, Monique Cristine de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. Análise dos homicídios ocorridos em Juiz de Fora entre os anos de 2010 e 2012 e suas relações com as variáveis socioambientais. [www.ufjf.br/revistageografia](http://www.ufjf.br/revistageografia) - v.3, n.1, p.1-9. **Revista de Geografia** - v. 3, no 1 (2013).

BROWN, Michael. Gender and sexuality I: Intersectional anxieties. (Progress report). **Progress in Human Geography**. 36(4). 541-555 p. 2012.

BROWNLOW, Alec. A geography of men's fear. **Geoforum** 36 (2005) 581–592.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Bodies that matter. On discursive limits of sex**. New York, London: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

CAHILL, Caitlin. 'Doing Research with Young People: Participatory Research and the Rituals of Collective Work'. **Children's Geographies**. Vol. 5: nº 3, 297 — 312. 2007

CAMPOS, A. **Do Quilombo à Favela: A produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 208p. (5ª ed.).

CAMPOS, Mayã Polo de. **Mulheres vítimas de violência sexual e os significados de suas experiências corporais e espaciais: teu corpo é o espaço mais teu possível**. UEPG, 2016, 130 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

CANÇADO, Adriana Terezinha Mello. Violência sexual contra crianças e adolescentes: um estudo do incesto na perspectiva de gênero. **Revista Latino-**

**americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 154-163, jan. / jul. 2012.

CARNEIRO, José Gustavo Viégas; CARNEIRO, Maria Cecília Vecchiato Saenz. Cidades fractais: as fronteiras urbanas e suas correlações com a violência urbana. estudo de caso da cidade de Rio Claro SP. **Revista Geonorte**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1486-1485, 2013.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. Jovens e violência na cidade de Londrina – PR. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 7, p. 31-48, jan./jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Jovens e estruturas sociais violentas em Londrina (Paraná-Brasil): Subsídios à discussão da saúde pública. **Hygeia** 7(12):98 - 105, Jun/2011.

\_\_\_\_\_. Jovens e estruturas sociais violentas em Londrina (Paraná-Brasil): subsídios à discussão da saúde pública. **Hygeia** (Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde) 7(12):98 - 97, Jun/2011.

CASTRO, I. E. O problema da escala. IN: CASTRO, I.E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, L.C. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, 352p.

CHIMIN, Alides Junior. Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 295-308. 2010.

\_\_\_\_\_. A Dimensão Espacial da Vulnerabilidade dos Adolescentes do Sexo Masculino em Conflito com a Lei para Práticas Infracionais na Área Urbana da Cidade de Ponta Grossa-Paraná. In: **12º encontro de geógrafos de América Latina**, 2009, Montevideo. Anais do 12º encontro de geógrafos de América Latina, 2009. p. 1-16.

\_\_\_\_\_. Espaço, conduta infracional e adolescentes do sexo masculino e em conflito em situação de vulnerabilidade em Ponta Grossa - PR. **Revista Terr@Plural**. <http://www.terraplural.com.br>, p.1 - 21, 2009.

\_\_\_\_\_. O espaço como componente a vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. **Dissertação de Mestrado**, 2009. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 152 p.

CHOO, Hae Yeon. The Transnational Journey of Intersectionality. **Gender & Society**. Vol. 26 No. 1, February 2012 40-45

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.º 2, jul./dez., 1995, p. 185-206. CORRÊA, R. L. Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1993.

CONNELL, ROBERT W. (1995) **Masculinities**. Berkeley, CA, University of California Press.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONSTANTINOU, Marios. Badiou's topology of action as an ethical epistemology of the event. **Environment and Planning D: Society and Space** 2009, volume 27, pages 771 ^ 782.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. São Paulo: Ática. 1993.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 3ª Ed. 121 – 143.

\_\_\_\_\_. Sobre a Geografia Cultural. **Textos NEPEC**, nº 3. Rio de Janeiro. NEPEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Carl Sauer e a Escola de Berkeley – Uma apreciação. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2 ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 12-74p.

COWEN, Deborah; SICILIANO, Amy. Surplus Masculinities and Security. **Antipode**. Vol. 43 No. 5 2011, pp 1516–1541.

CRUZ, Luciana Maria da; SÁ, Alcindo José de. A conversão das residências em prisões: até que ponto a violência modifica o espaço urbano? **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 23, n 0 1, jan/jun. 2006.

CURTIN, Aoife; LINEHAN, Denis. Where the boys are– teenagers, masculinity and a sense of place . **Irish Geography**, Volume 35(1), 2002, 63-74.

DAVIS, Angela Y. **Are prisons obsolete?** Open Media. New York, 2013. 128p.

DAVIS, Kathy . Intersectionality as buzzword : A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful . **Feminist Theory**. 2008 9: 67.

DELANEY, David and LEITNER, Helga. 'The political construction of scale'. *Political Geography*, v. 16, n. 2, p. 93–97, 1997. HEROD, Andrew. **Scale**. New York: Routledge, 2011

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia - volume 1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 96p.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra. Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papyrus Editora, 1988. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 212 p.

DEWSBURY, John-David. Alain Badiou and the Event of Thought in Thinking Politics. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, Vol. 32, No. 4 (Oct.,2007), pp. 443-459.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da FFLH. Universidade de São Paulo. 2011. 386p.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; RIBEIRO, Júlio Giovanni da Paz. Violência urbana nas cidades médias mineiras: determinantes e implicações. **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 77-103, jul./dez. 2005.

DINIZ, Alexandre Magno Alves. Migração, desorganização social e violência urbana em Minas Gerais. **Ra' E Ga**, Curitiba, n. 9, p. 9-23, 2005. MARTINS, Sérgio. Urbanização e violência: reflexões a partir do livro e do filme Cidade de Deus. **GEOgraphia** – UFF. Ano IX - No 18 – 2007.

DINIZ, Alexandre Magno Alves. Migração e violência - o caso da Pré-Amazônia maranhense. **Ra' E Ga**. Curitiba, n. 9, p. 9-23, 2005.

DIRSUWEIT, Teresa. Carceral spaces in South Africa: a case study of institutional power, sexuality and transgression in a women's prison. **Geoforum** 30 (1999) 71±83

DOWLER, Lorraine. Till death do us part: masculinity, friendship, and nationalism in Belfast, Northern Ireland. **Environment and Planning D: Society and Space** 2001, volume 19, pages 53 – 71.

DRUMMOND, Lisa 'Hanoi 5000 Hoan Kiem Lakes: Using Art to Involve Young People in Urban Futures'. **Children's Geographies**. Vol. 5: nº 4, 479 — 488. 2007.

EVANS, Ruth. Negotiating social identities: The influence of gender, age and ethnicity on young people's 'street careers' in Tanzania . **Children's Geographies**. Vol. 4, No. 1, 109 – 128, April 2006.

EVERS, C.. 'The Point': surfing, geography and a sensual life of men and masculinity on the Gold Coast, Australia. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place** Volume10; Number 8. December 2009.

FERRARI, Carlos Alberto. Brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade. **Pegada**, vol. 8, n. 2, Dezembro 2007.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; PENNA, Nelba Azevedo. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GeoUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, No 18, pp. 155 – 168, 2005.

FLIPPEN, Chenoa A. Intersectionality at Work: Determinants of Labor Supply among Immigrant Latinas . **Gender & Society**. Vol. 28 No. 3, June 2014 404-434

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Graal. 1988. 7º ed. 152 p.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996, 13ª ed. 277p.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala : Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora. Ed. 48. 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Fundação Gilberto Freyre: Recife: Global Editora. 14ª edição, 2003.

FRIEDBERG, Erhard. **O poder e a regra: dinâmicas da ação organizada**. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 233p.

\_\_\_\_\_. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1980. 158p.

GOMES, Fernando B.; SILVA, Joseli Maria. 'Cenas Loucas': As assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa – PR. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 3 – 24, 2014.

GOMES, F. B. **“Cenas Embaçadas”**: a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pós-Graduação em Geografia. 2013. Dissertação de Mestrado.

GOMES, Gláucia Carvalho; DE MAURO, Cláudio Antonio. Violência globalizada: globalização e rejeitos humanos. **Revista Formação**. Unesp, n.16, volume 2 – p.03-12. 2009.

GORMAN-MURRAY, Andrew. Straight–gay friendships: Relational masculinities and equalities landscapes in Sydney, Australia. **Geoforum** 49 (2013) 214–223.

GREGORY, Derek [et al.]. **The dictionary of human geography** . – 5th ed. A John Wiley & Sons, Ltd., Publication. 2009. 217-220p.

HAALBOOM, Bethany. The intersection of corporate social responsibility guidelines and indigenous rights: Examining neoliberal governance of a proposed mining project in Suriname . **Geoforum**. 43 (2012) 969–979.

HANAWA, Kazuichi. **Na Prisão**. São Paulo. Conrad Editora do Brasil. 2005. 234p.

HANCOCK, Ange-Marie. 2011. **Solidarity politics for millennials**. New York: Palgrave MacMillan.( 2011).

HERRERA, Elsa, JONES, Gareth A. and THOMAS DE BENÍTEZ, Sarah. 'Bodies on the line: identity markers among Mexican street youth'. **Children's Geographies**. Vol. 7: nº 1, 67 — 81. 2009.

HOEFLE, Scott William. Antropologia e geografia: convergências e divergências históricas. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 22, p. 4-31, jan./dez. De 2007.

HOOKS, Bell. **Ain't I a woman: black women and feminism**. London: Pluto Press, 1982.

\_\_\_\_\_. **Talking back: thinking feminist, thinking black**. Boston: South End Press, 1989.

HOLLOWAY, Sarah L.; VALENTINE, Gill; JAYNE, Mark. Masculinities, femininities and the geographies of public and private drinking landscapes. **Geoforum** 40 (2009) 821–831.

HOPKINS, P. E. Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. **Progress in Human Geography** 31(2) (2007) pp. 163–177.

HOPKINS, P.; NOBLE, G. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. Editorial – Masculinities in place: situated identities, relations and intersectionality. Volume10; Number 8. December 2009. 811-819 p.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; JUNCKES, Ivan Jairo; CAMARGO, Neilor Fermino; SILVA, Edson Armando. Um modelo para capturar a relação entre financiamento eleitoral e contratação de bens e serviços: o caso de Curitiba. **Newsletter. Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil**. v. 3, n. 3. 2016.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria; CAMARGO, Neilor Fermino. Redes de partidos políticos tecidas

por financiadores: um estudo das eleições de 2010 no Brasil. **Teoria e Sociedade**, nº 23.2 - julho - dezembro de 2015.

HÖRSCHELMANN, Kathrin. Deviant masculinities: representations of neo-fascist youth in eastern Germany. n: Van Hoven, B. and Hörschelmann, K., editors 2004: **Spaces of masculinities**. London: Routledge.

HOVORKA, Alice J. Women/chickens vs. men/cattle: Insights on gender–species intersectionality . **Geoforum**. 43 (2012) 875–884.

HUBBARD, Phil. Revenge and Injustice in the Neoliberal City: Uncovering Masculinist Agendas. **Antipode**, vol 36, Issue 4, 2004, 665-686p.

HUANG, Ronggui. **RQDA: Rbased Qualitative Data Analysis**. [s.l.: s.n.], 2012. (R package). Disponível em: <<http://rqda.r-forge.rproject.org/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

HUYNH, David. **OpenRefine**. [s.l.]: Open Source Community, 2014. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/OpenRefine>>.

IAROCZINSKI, Adriane; SILVA, Joseli Maria Espaço escolar e violência no cotidiano vivido por crianças e adolescentes em Ponta Grossa-PR. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (1): 133-143 , jan./jun., 2008.

JACKSON, Peter. Principles and Problems of Participant Observation. **Geografiska Annaler**. Series B, Human Geography, Vol. 65, No. 1 (1983), pp. 39-46 . Published by: Wiley-Blackwell on behalf of the Swedish Society for Anthropology and Geography . Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/490843> . Accessed: 02/09/2012 – 14:13.

\_\_\_\_\_. “The cultural politics of masculinity: towards a social geography”, **Transactions of the Institute of British Geographers**, 16, p. 199-213, 1991.

\_\_\_\_\_. “Black male: Advertising and the cultural politics of masculinity”, **Gender, Place and Culture**, 1 (1), p. 49 - 60, 1994.

\_\_\_\_\_. Gender. In: ATKINSON, Davis; JACKSON, Peter; SIBLEY, David; Et all (ORGS). **Cultural Geography**. London: I.B. Tauris, 2005, 222 p.

JANSSEN, Janine. Tattoos in prison: Men and their pictures on the edge of society . In: Van Hoven, B. and Hörschelmann, K., editors 2004: **Spaces of masculinities**. London: Routledge. 272 pp.

JOHNSTON, Lynda.; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: Geographies of sexualities**. Lanham – Maryland: Rowman & Littlefield Publishers Inc, 2010.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira; BIZELLI, José Luís. Cartografia da violência: uma metodologia para construir políticas públicas. **Geografia** (Rio Claro), Rio Claro, SP , v.31,n.1 , p. 169-184, abr. 2006.

KUCHAR, Jaroslav. **Multimode Networks plugin for Gephi**. [s.l.]: Open Source Community, 2014. Disponível em: <<https://github.com/jaroslavkuchar/Multimode-Networks>>.

LAMARRE, Jules. La territorialization de l'espace carcéral. In: **Geographie et Cultures: Champs et perspectives en géographie culturelle**. Paris: L'Harmattan/CNRS, 2001, nº40, p. 77-92.

LAN, Diana. El circuito espacial de la violencia domestica: análisis de casos en Argentina. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1,p. 70-77, jan. / jul. 2010.

LAQUEUR, Tomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud**. Rio de Janeiro:Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4 e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev.2006.

LONGHURST, Robyn. 'Man-breasts' : Spaces of sexual difference, fluidity and abjection . n: VAN HOVEN, B. and HÖRSCHELMANN, K., editors 2004: **Spaces of masculinities**. London: Routledge.

LONGHURST, R. "Geography and gender: masculinities, male identity and men", **Progress in Human Geography**, 24 (3), p. 439- 444, 2000.

\_\_\_\_\_. **Bodies: Exploring Fluid Boundaries**, London: Routledge, 2001.

\_\_\_\_\_. **(Dis)embodied geographies**. *Progress in Human Geography*, v. 21, n. 4, p. 486-501, 1997.

\_\_\_\_\_. **Bodies: exploring fluid boundaries**. London: Routledge, 2001

\_\_\_\_\_. **Maternities: gender, bodies and space**. London: Routledge, 2008.

LOPES, Marília Cardoso, SILVA, Susana Maria Veleda da. Da paixão ao crime: uma espacialização da violência contra as mulheres em Rio Grande – RS. **Revista**

**Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 58-74, jan. / jul. 2013.

LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being 'more-than-representational'. **Progress in Human Geography**. 29, 1 (2005) pp. 83–94.

LOW, Telma Silva; MELO, Danielly Spósito Pessoa de. Tecendo redes pela igualdade: meninas adolescentes de comunidades de baixa-renda debatendo sobre as relações de gênero e a violência contra as mulheres. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.2, n.2,p.2 -14, ago. / dez. 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. In: **Ethnologia**. N.S., nº 6-8, 1997, 17-37p.

MARQUEZ, Allan Cancian; GONÇALVES, Bianca Bortolon; MEDEIROS, Jean Maicon Rickes e REIS, Nelson Aloysio. **Oficina Gephi: Mapeando e analisando a vida das redes sociais**. Publicação do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura, da UFES. Disponível em: [www.labic.net](http://www.labic.net).

MASSENA, R. M.R. A distribuição espacial da criminalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia** (IBGE). 1986. Vol. 48, nº 3. 285-332p.

MASSEY, D. "Masculinity, dualisms and high technology", **Transactions of the Institute of British Geographers**, 20, p. 487-499, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pelo Espaço: Uma nova política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MATLON, Jordanna. Narratives of Modernity, Masculinity, and Citizenship Amid Crisis in Abidjan's Sorbonne. **Antipode** Vol. 46 No. 3 2014 ISSN 0066-4812, pp. 717–735.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. **Public Culture**, Duke, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

MCCALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**. 2005, vol. 30, no. 3.

MCDOWELL, Linda. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Respect, deference, respectability and place: What is the problem with/for working class boys? **Geoforum** 38 (2007) 276–286.

\_\_\_\_\_. Men, management and multiple masculinities in organisations. **Geoforum** 32 (2001) 181±198

\_\_\_\_\_. Masculine discourses and dissonances: strutting 'lads', protest masculinity, and domestic respectability. *Environment and Planning D: Society and Space* 2002, volume 20, pages 97 – 119

\_\_\_\_\_. **Redundant Masculinities: Employment Change and White Working Class Youth**. Malden, MA: Blackwell Publishing.2003.

MCPHAIL, Deborah. What to do with the “Tubby Hubby”? “Obesity,” the Crisis of Masculinity, and the Nuclear Family in Early Cold War Canada. **Antipode** Vol. 41 No. 5 2009 ISSN 0066-4812, pp 1021–1050

MELARA, Eliane. A espacialização da violência criminal na cidade de Santa Maria, RS, **Confins** [Online], 14, 2012, posto online no dia 19 Março 2012, consultado o 25 Setembro 2015.

MELGAÇO, Lucas de Melo. Por uma ciência do atrito:ensaio dialético sobre a violência urbana. **Geografias**: Belo Horizonte, 01(1) 98-110 julho-dezembro de 2005.

MÉLO, Mário Ferreira da Silva. O capital social como instrumento de integração da sociedade e combate à violência urbana. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, n o 1, jan/abr. 2007.

METH, Paula. Marginalised men’s emotions: Politics and place . **Geoforum** 40 (2009) 853–863.

METH, P.; MCCLYMONT, K. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. Researching men: the politics and possibilities of qualitative mixed-methods approach. Volume10; Number 8. December 2009.

MIGNOLO, Walter. D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica. In: SANTOS, B. de S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo:Cortez. 2004.

MIGNOLO, Walter. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n o 34, p. 287-324, 2008.

MONK, Janice, HANSON, Susan.”On Not Excluding Half of the Human in Human Geography”. **The Professional Geographer**, v. 34, n 1, p. 11-23, 1982.

MOORE, Adam. Rethinking scale as a geographical category: From analysis to practice. **Progress in Human Geography**. v. 32, n.2, p. 203–25, 2008.

MOORE, Mignon R. Intersectionality and the Study of Black, Sexual Minority Women . **Gender & Society**. Vol. 26 No. 1, February 2012 33-39.

MORAN, Dominique; PALLOT, Judith, PIACENTINI, Laura. Lipstick, lace, and longing: constructions of femininity inside a Russian prison. *Environment and Planning D: Society and Space* 2009, volume 27, pages 700 – 720.

MORAN, Dominique; PALLOT, Judith, PIACENTINI, Laura. Privacy in penal space: Women's imprisonment in Russia. *Geoforum* 47 (2013) 138–146.

MOTT, Carrie; ROBERTS, Susan M.. Not Everyone Has (the) Balls: Urban Exploration and the Persistence of Masculinist Geography. *Antipode* Vol. 46 No. 1 2014, pp 229–245.

MOULD, Oli. Parkour, the city, the event. *Environment and Planning D: Society and Space* 2009, volume 27, pages 738 ^ 750

NASH, Jennifer C. Re-thinking intersectionality. *Feminist Review*. N. 89, p. 1-15. 2008.

NAST, Heidi; PILE, Steve. *Places through the body*. London: Routledge, 1998.

NAYAK, Anoop. Last of the `Real Geordies'? White masculinities and the subcultural response to deindustrialisation. *Environment and Planning D: Society and Space* 2003, volume 21, pages 7 ^ 25.

NETO, José Vieira. O fenômeno da urbanização no Brasil e a violência nas cidades. *Espaço em Revista*, (UFG), vol. 13, no 2, jul/dez. 2011, **125 – 149p**.

NIGHTINGALE, Andrea J. Bounding difference: Intersectionality and the material production of gender, caste, class and environment in Nepal . *Geoforum*. 42 (2011) 153–162.

NOBLE, G. **Social & Cultural Geography: Special issue: Masculinity, intersectionality and place**. 'Coutless acts of recognition': young men, ethnicity and the messiness of identities in everyday life. Volume10; Number 8. December 2009.

NOLASCO, S. De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco. 2001. 302 p.

OBERHAUSER, A. M.; RUBINOFF, D.; DE BRES, K.; MAINS, S.; POPE, C. Geographic perspectives on women. In: GAILE, G. L.; WILLMOTT, C. J. (Ed.) **Geography in America at the dawn of the 21st century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 737-758.

ORNAT, M. J. Espacialidades travesti e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.177-209.

ORNAT, Marcio Jose. Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil / Marcio Jose Ornat. Rio de Janeiro, 2011. 279f.

\_\_\_\_\_. A instituição do território paradoxal na atividade da prostituição travesti. In: Geografias Malditas: corpos, sexualidade e espaços. Org. SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Babtista. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. 183-241p.

ORNAT, M. J.; SILVA, J. M. Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, v. 18, n. 1, p. 113-128 2014.

PASSOS, Aruanã Antonio dos. Violência e justiça no sudoeste do Paraná (1920-1930). **Espaço Plural** • Ano VIII • No 16 • 1o Semestre 2007 • ( 25-32 ).

PELUSO, Marília Luíza; TORMIM, Cassiana Vaz. Violência social, pobreza e identidade entre jovens no entorno do Distrito Federal. **GeoUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, No 18, pp.127 – 137, 2005.

PILE, Steve. **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. New York: Routledge, 1996.

PILE, Steve and THRIFT, Nigel. **Mapping the Subject: Geographies of Cultural Transformation**, London, Routledge 1995.

PINTO, Vagner André Morais. **O Gênero como componente da produtividade científica no espaço acadêmico da UEPG**. Ponta Grossa, 2014. (Monografia de Conclusão do curso de Geografia).

PLATERO, Raquel (Lucas) (Org). **Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada – Temas Contemporáneos**, Barcelona, Edicions Bellaterra. 2012. 327p.

PONS, María Magdalena López. La violencia de género en el territorio latinoamericano, a través de la ocurrencia creciente de los feminicidios en la región. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1,p. 78-87, jan. / jul. 2010.

PURKAYASTHA, Bandana Intersectionality in a Transnational World . **Gender & Society**. Vol. 26 No. 1, February 2012 55-66.

QUEIROZ, Ivan da Silva. Espacialidade do medo em Fortaleza: a violência como vetor de mudanças no espaço urbano da capital cearense. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Volume 2/3, nº1, 2000/2001.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Júlio César. Des(re)territorialização, transculturação e escravidão na aldeia global, globalizando a miséria e a violência. **Revista Pegada**, Vol. 1, No 1 (2000).

ROCHA, Heder L. 'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa – PR. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa. 2014. v. 5, n. 1, p. 25 – 46.

\_\_\_\_\_. **Espaço Espiado: o uso de crack instituindo espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa – Paraná**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pós-Graduação em Geografia. Dissertação de Mestrado. 2013.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Interseccionalidad y malestares por opresión a través de los Mapas de Relieves de la Experiencia. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (Orgs). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa, Toda Palavra, 2014. 39-56.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993b.

\_\_\_\_\_. As if the mirrors had bled: Masculine dwelling, masculinist theory and feminist masquerade. IN: DUNCAN, Nancy (ED) **Bodyspace**. New York: Routledge, 1996, 278 p.

ROSSI, R.; CHIMIN, A. B. J. Periferias pobres e masculinidades: uma dimensão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.209-234.

ROSSI, R. **“Malucos da Quebrada”:** Territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa-PR. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2010. Dissertação de Mestrado. 233p.

\_\_\_\_\_. Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M.J.; CHIMIN, A.B.J. **Espaço, gênero & masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. 125-191 p.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; GOBBI, Wanderléia A. de Oliveira; FERREIRA, William Rodrigues. Análise temporal da morbi-mortalidade por acidentes de transporte no município de Uberlândia (MG): Uma questão de saúde pública. **Caminhos de Geografia**, 23 (16) 254 - 267, out/2005.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Violência urbana em Uberlândia/MG: Uma análise sócioespacial dos homicídios. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19 (1): 123-141, jun. 2007.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbí e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 21 (1): 131-145, ABR. 2009.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Espaço urbano e violência: uma contribuição geográfica. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 10, n. 30, Mar/2009, p. 144 – 154.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Prevenção de acidentes e violências e promoção da saúde no Brasil. **Hygeia**. 6(10):35 - 47, jun/2010.

SANTOS, M.A.F. Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores. In: MARAFON, G.J.; RAMIRES, J.C. de L.; Ribeiro, M.A.; PESSÔA, V.L. **Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 327-360p.

SANTOS, S.I. de L. & SOUZA JUNIOR, X.S de S de. Relação entre violência urbana e práticas sociais em espaços públicos a partir da análise do discurso: o exemplo da cidade de Campina Grande/PB. In: MARAFON, G.J.; RAMIRES, J.C. de L.; Ribeiro, M.A.; PESSÔA, V.L. **Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2 ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 12- 74p.

\_\_\_\_\_. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia** – Ano. II– No 4 – 2000. 137-150p.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCHUTZ, Alfred. “Concept and theory formation in the social sciences”, **Journal of philosophy**, LI (abril de 1954), pp 266-267.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**. v. 22, n. 44, jul/dez, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

\_\_\_\_\_. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.25-53.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**. v. 22, n. 44, jul/dez, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

\_\_\_\_\_. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.25-53.

\_\_\_\_\_. Ausências e Silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.55-91.

\_\_\_\_\_. Geografias Feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p.55-91.

\_\_\_\_\_. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ, n. 22, p. 97-109, jan./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. Revista de História Regional 8(1): 31-45, Ver.,o 2003.

SILVA, Edson Armando & SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132 - 154, jan. / jul. 2016.

SILVA, J. M.; CHIMIN, A.B.; PERACETTA, E; e ROSSI, R.. Geografia e Gênero no Brasil: uma análise da feminização do campo científico . In: **Revista eletrônica Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 3, n. 7, set/2009, p.38-62.

SILVA, S. M. V. da. A perspectiva feminista na Geografia brasileira. In: SILVA, J. M. S. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009. p.301-313.

SILVA, Fabiana Vieira da. Imprensa e práticas racistas: mobilização negra, apartheid e violência nos jornais paulistas dos anos 1980. **Espaço Plural** • Ano XIV • No 28 • 1o Semestre 2013 • p. 39 - 62

SOLIVA, Thiago Barcelos. A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência sofrida por jovens homossexuais em espaços públicos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 122-132, jan. / jul. 2011.

SOUZA, Marcelo José Lopes de (1995): O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”. **Cadernos de Geociências**, n.º 13. Rio de Janeiro.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008.

\_\_\_\_\_. **O Desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro, 2000: 368p.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 7ª ed. 2005. 77-116p.

SOUZA, Luiz Humberto de Freitas; SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; ROSA, Roberto. MApeamento de homicídios em Uberlândia/MG entre 1999 e 2002 utilizando o *software Arcview*. **Caminhos de Geografia** 3(14)27-45, Fev/2005.

SOUZA JUNIOR, X.S de S de. O discurso do medo e sua influência na geografização das práticas de violência. In: MARAFON, G.J.; RAMIRES, J.C. de L.; Ribeiro, M.A.; PESSÔA, V.L. **Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 2

SQLITE CONSORTIUM. **SQLite**. [s.l.]: Open Source Community, 2014. Disponível em: <<http://www.sqlite.org/index.html>>.

SMITH, Neil. Contours of a spatialized politics: homeless vehicles and the production of geo-geographical scale. **Social Text**, n. 33, p. 55–81, 1992.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2010. 72p. 89-304p.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Eds.). **Marxism and the interpretation of culture**. Basingstoke, UK: Macmillan Education, 1988. p. 271- 313.

SUNDBERG, Juanita. Masculinist Epistemologies and the Politics of Fieldwork in Latin Americanist Geography. **The Professional Geographer**, 55(2) 2003, pages 180–190.

THE DOCUMENT FOUNDATION **LibreOffice**, [s.l.: 4.3.], 2014.

THOMAZ, Fernanda. Algumas considerações sobre a pesquisa de campo em geografia agrária. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Edição Especial, 2009. 211-220 p.

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: space/politics/affect**. London: Routledge. 2008. 336p.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina**. São Paulo. Editora UNESP. 2004. 284p.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente. 2008. 533 p.

\_\_\_\_\_. Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. **Terr@Plural**. Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 241-255, jul/dez. 2012.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. In: **The Professional Geographer**, 2007, 59 (1), pp. 10–21.

VALENTINE, Gill. Boundary Crossings: transitions from childhood to adulthood. **Children's Geographies**, v. 1, p. 37 – 52, 2003.

VAN HOVEN, B. and HÖRSCHELMANN, K., editors 2004: **Spaces of masculinities**. London: Routledge. 272 pp.

WACQUANT, Lóic. **As Prisões da Miséria**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001. 174 p.

WELLER, Susie. 'Situating (Young) teenagers in geographies of children and youth', **Children's Geographies**, 4: 1, 97 — 108. 2006.

WILKINS, Amy C. Stigma and Status: Interracial Intimacy and Intersectional Identities among Black College Men. **Gender & Society**. 2012 26: 165

WINTON, Ailsa. 'Youth, gangs and violence: Analysing the social and spatial mobility of young people in Guatemala City'. **Children's Geographies**. Vol. 3: nº 2, 167 — 184. 2005.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 p.

WOOLDRIDGE, S. W. e EAST Gordon W. **Espírito e Propósitos da Geografia**. Rio de Janeiro: Zahar editores, s/d.

YI'EN, Cheng. Transnational masculinities in situ: Singaporean husbands and their international marriage experiences. **Area**. Vol. 44 No. 1, pp. 76–82, 2012.

ZANOTELLI, Cláudio; *et al.* Criminalidade violenta e fragmentação urbana na Grande Vitória. **Geografares**, no 5, 2006.

ZEIDITCH, M. Jr. Some methodological problems of field studies. **American Journal of Sociology**. 1962. 566-576p.

ZOMIGHANI JR, James humberto. **Território ativo e esquizofrênico: Prisão e Pena Privativa de Liberdade no Estado de São Paulo**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. 2009. 320p.

\_\_\_\_\_. **Desigualdades Espaciais e Prisões na Era da Globalização Neoliberal: fundamentos da insegurança no atual período**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana. 2013. 448p.

Conselho Nacional de Justiça. **Mutirão Carcerário realizado no Estado do Paraná – Relatório Geral**. Departamento de Fiscalização e Monitoramento. Brasília. 2010.

Levantamento Nacional De Informações Penitenciárias. INFOPEN - Dezembro 2014. INFO-PEN: <https://infopen.mj.gov.br/>

Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná: <http://www.justica.pr.gov.br/>

Mapa Carcerário Web:

[http://www.portaldatransparencia.pr.gov.br/modules/consultas\\_externas/index.php?cod=10](http://www.portaldatransparencia.pr.gov.br/modules/consultas_externas/index.php?cod=10)

## GLOSSÁRIO

- Acelerado:** contexto de uso constante de cocaína;
- Adianto:** pode ser compreendido como maneira utilizada para adquirir ganho financeiro ou de algum bem, obter vantagem a partir de algum feito. É frequentemente utilizado como sinônimo de 'roubar', quando se tem o intuito de 'levantar' algum dinheiro.
- Aragem:** situação precária e de apuro;
- 'Armar a casinha':** armadilha, passar a perna, realizar tocaia ou ato de arquitetar plano contra alguém;
- Apavorar:** evacuar, defecar, presente em expressões do tipo 'apavorar o boi';
- Bronca:** rusga, desavença ou contexto em que há necessidade cobrar postura ou explicação de outra pessoa;
- Bonde:** contexto, há um fluxo de coisas, inteirar-se sobre ele é tentativa de 'não pegar o bonde andando';
- Boi:** vaso sanitário da cela;
- Bigorna:** pia;
- Bruxo/bruxaria:** sujeito em estado psicológico e físico-químico alterado pelo uso do crack;
- Caminhada:** trajetória de vida e da vida no crime;
- Canolaço:** refere-se a arma de fogo.
- Casão:** prisão;
- Castelar:** flertar ou olhar com intenções eróticas ou afetivas para esposa, mãe ou mulher de um preso durante a visita;
- Cofre:** Ato de esconder objeto na cavidade anal, ou, sujeito que exerce tal ato;
- Crocodilagem:** Passar a perna, realizar mal feito à outro. Sinônimo de patifaria, sujeira, falcatrua;
- Comarca:** Presídio Hildebrando de Souza;
- Duque:** estuprador;
- Espuma:** colchão;
- Espumante:** sabonete;
- Irmão, irmãozinho:** podem ter o sentido de 'preso amigo' (caso do termo pa\_irmão que contém código de desambiguação), mas conforme o contexto em que são empregadas podem se referir também ao preso de um modo geral, ou ainda, a integrante da facção Primeiro Comando da Capital (PCC).
- Faculdade:** prisão
- Fortaleza:** no discurso das pessoas investigadas, tem o sentido de adjetivo que é dado ao 'preso amigo' (pa\_irmão) quando este 'fortalece' os habitantes de uma cela com mantimentos alimentícios ou artigos de primeira necessidade, quando o mesmo demonstra 'parceria', ou seja, quando presta algum tipo de assistência à outro(s) preso(s).
- Gaiada:** segundo patamar de beliche ou treliche;
- Galo:** qualquer quantidade de droga (maconha, cocaína ou *crack*) cujo valor é cinquenta reais.
- Guardado:** termo utilizado para 'detento' ou ao período em que a pessoa se encontra sob privação da liberdade.
- Jega:** cama ou dormitório (espaço em que situa o colchão)
- Jogada/jogo/rolo:** troca;
- Jurão:** ingênuo, pessoa que vacila por desconhecimento ou ingenuidade;
- Nóia/noiado:** dependente químico;
- Queda:** A palavra 'queda' e sua versão desambiguada ca\_queda, fazem referência ao verbo 'cair' ('eu caí', quando a gente caiu) que é muito utilizado pelos entrevistados para tratar do contexto dos atos motivadores da detenção e prisão. Outra palavra que serve de sinônimo à 'cair' é 'rodar';
- Panguão:** vacilão ou 'miaral' (aquele que só dá mio, vacila ou comete erro);

**Passar:** pode referir-se a roubar ('passar alguém' ou algo), pode ser sinônimo de 'matar' ('passar o cara') ou, ainda, de 'traficar' ('ele passava droga');

**Pedra:** crack;

**Pipo:** mensagem escrita, geralmente enviada aos familiares;

**Praia:** chão, laje;

**Mio:** vacilo;

**Sofá de vagabundo:** nível de beliche ou treliche, ou jega, ideal para sentar.

**Trampo:** muitos dos entrevistados utilizam a palavra 'trampo' para referirem-se à 'trabalho' ou qualquer atividade remunerada lícita.

**Tatu:** túnel para fuga.

**Treta:** conflito, briga;

**Torre:** pode referir-se ao nível mais elevado de cama (beliche ou treliche) ou posição mais elevada da hierarquia entre lideranças de um presídio. Sinônimos de torre podem ser identificados em expressões como o 'Voz do Prédio', o 'Frente do Casão' e termos como 'Disciplina', 'Pinha' ou 'Cabeça';

**Tumba:** nível mais baixo da jega (cama), onde seria o chão abaixo do beliche, mas utilizado como dormitório;

**Vai/vai que vai':** aceite de pedido de licença, comum em contextos de alimentação ou de entrada numa cela alheia;

**ANEXO – Roteiros de Entrevista**

Conte-me sobre o processo de entrada e permanência no presídio?

Como é o cotidiano dos presidiários? Descreva todo o dia...

Na sua visão como está organizado o sistema de vigilância e controle das ações no Presídio?

De que modo os detentos se comportam na presença dos agentes penitenciários?

De que modo os detentos se comportam uns com os outros sem a presença dos agentes?

Quais são as divisões entre galerias, selas e espaços de convívio impostas pela administração do Presídio?

Quais são as separações entre galerias, selas e espaços de convívio formadas pelos próprios detentos?

Há diferentes grupos de presidiários? Qual deles passou a fazer parte? E quais foram os motivos que o levaram a isso?

Quais espaços são ocupados pelos diferentes grupos?

De que forma os grupos negociam as relações de convívio? Como os detentos negociam o uso dos espaços (selas, galerias, espaços de convívio)?

Há espaços em que alguns grupos não permitem a entrada dos outros? Como isso ocorre?

Quais foram os principais conflitos, e os fatores que os motivaram, observados durante o período de internamento?

Quais aspectos conferem poder a determinados presos?

De que maneira as diferenças de – idade – raça – etnia – renda - classe social – religião - sexualidade, etc. interferem nas relações entre os detentos? Descreva alguns exemplos a partir das suas experiências e das pessoas que conheceu no período de reclusão.

**Novo roteiro****Guardado...**

Como é morar dentro de uma cadeia?

Comer, dormir e se limpar...

Dia de visita e sacola...

Participação na organização coletiva...

Relação com o comando...

Relação com os funcionários...

**Na rua...**

Como é estar na rua depois de ter ficado guardado?

Relação com a família... Vizinhança... Mercado de trabalho... Cidade...